

STEPHEN KING

CHRISTINE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Christine

Stephen King

Título original: Christine
Tradução de Louisa Ibañez
Editora Objetiva, 1998

**STEPHEN
KING**

CHRISTINE



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

CONTRACAPA

Arnie Cunningham era um perdedor. Rosto coberto de espinhas, desajeitado com as garotas, magro demais para esportes, passava os dias como sombra pelos corredores da escola, tentando fugir das gozações implacáveis dos jovens de sua idade.

Isso até Christine entrar em sua vida. Amor à primeira vista -- não há melhor forma de explicar o que aconteceu a Arnie ao vê-la. A partir desse dia, o mundo ganha novo sentido. Tudo o que ele quer é estar junto de Christine e nada, ninguém conseguirá detê-lo. Uma velha história de amor, mais um Romeu e Julieta do século XX? Não, quando a trama nasce da mente insuperável de Stephen King. Christine é um carro. Um Plymouth Fury 1958. Um feitiço sobre rodas que se apodera do jovem Arnie e faz dele alguém diferente. Muito diferente. Christine é uma obsessão.

A vida de Arnie Cunningham nunca mais será igual. Também não será igual o pacato subúrbio de classe média em que mora. Não quando Christine está nas ruas. Não quando a velha e irascível Christine resolve tirar de seu caminho quem quer que tente afastá-la de seu novo dono.

ORELHAS

Cenário: subúrbio de classe média, em Pittsburg. Ano: 1978.

Personagens: Arnie Cunningham, jovem estudioso e rejeitado pelos colegas; Dennis Guilder, seu único amigo e protetor ocasional; Leigh Cabot a aluna recém-chegada ao colégio que Arnie conquista e... Dennis também deseja.

O mesmo e velho triângulo amoroso? Os ingredientes certos para mais uma açucarada historinha de amor e ciúme? Não. Porque aqui, velando nas sombras, está Christine. Um quarto personagem, uma dama perversa que levará a trama por uma trilha de sangue e vingança. Por caminhos onde um ódio implacável zela pela posse de Arnie. Não, Christine não é uma rival comum. Lataria vermelha e branca, Christine é um carro, um velho Plymouth 1958 que seduz Arnie com um poder assombroso.

Quando Arnie se dedica febrilmente a restaurar Christine, Dennis e Leigh começam a suspeitar que o preço dessa crescente obsessão pode ser terrivelmente alto. Em pouco tempo, Arnie não é mais o mesmo. Em pouco tempo, Christine também se transforma. E logo as calmas ruas de subúrbio vão sendo banhadas de sangue. Há algo poderosamente maligno solto pelas estradas de Libertyville. Uma força sobrenatural que vai deixando seu rastro de vingança por onde passa. E Dennis é o primeiro a descobrir a verdade aterradora — Christine está viva.

Nesta história de terror sobrenatural, Stephen King leva o leitor numa viagem assustadora por um roteiro macabro. Se tiver coragem, embarque em Christine e boa sorte... pode ser que, para você, esse passeio tenha volta.

Nota do Autor

As letras das canções citadas neste livro foram atribuídas ao cantor (ou cantora, ou grupos) mais comumente associados às mesmas. Isto poderá ofender o purista, que considera a letra de uma canção como pertencendo mais ao compositor do que ao cantor. O que você fez, poderia argumentar o purista, foi algo semelhante a atribuir-se as obras de Mark Twain a Hall Holbrook.

Discordo. No mundo da canção popular, é como dizem os Rolling Stones: o cantor, não a canção.

Os nomes dos autores das letras estão aqui para os que quiserem conhecê-los. Agradeço a todos eles — e mais particularmente a Chuck Berry, Bruce Springsteen, Brian Wilson... e Jan Berry, de Jan and Dean. Ele voltou da Curva do Homem morto.

É deveras trabalhoso conseguir-se as necessárias permissões legais para o uso de letras de canções, de modo que eu gostaria de agradecer a algumas das pessoas que me auxiliaram a recordar as canções e, depois, a garantir a possibilidade de seu uso. Elas incluem: Dave Marsh, crítico e historiador de rock; James Feury, conhecido como "Mighty John Marshall", que transmite rocks em minha cidadezinha, pela WACZ; seu irmão, Pat Feury, que divulga canções antigas em Portland; Debbie Geller; Patrícia Dunning e Peter Batchelder. Obrigado a todos vocês, chapas, e que seus discos antigos nunca empenem muito, a ponto de não poderem tocá-los.

S.K.

Prólogo

Esta é a história de um triângulo amoroso — suponho que este seria o nome — formado por Arnie Cunningham, Leigh Cabot e, naturalmente, Christine. Quero que compreendam, no entanto, que Christine chegou primeiro. Ela foi o primeiro amor de Arnie e, embora eu não tenha a presunção de garantir (de qualquer modo, não após os altos níveis de sabedoria que alcancei, em meus 22 anos), creio que ela foi seu único e verdadeiro amor. Portanto, chamo de tragédia ao que aconteceu.

Eu e Arnie crescemos no mesmo quarteirão, freqüentamos juntos a Escola Primária Owen Andrews e o Ginásio Darby. Também juntos, fomos para o Ginásio de Libertyville. Penso que fui o principal motivo de Arnie não haver sido devorado no ginásio. Eu era um cara importante — sei que isso não quer dizer grande coisa; cinco anos após o diploma, não se consegue nem mesmo uma cerveja grátis, por termos sido o capitão dos times de futebol e beisebol, e um nadador da Associação de Escolas—, mas, como fui tudo isso, pelo menos Arnie nunca foi liquidado. Abusaram dele um bocado, mas nunca o destruíram.

Ele era um perdedor, compreendam. Todo ginásio tem dois, pelo menos; é como uma lei nacional.

Um homem, uma mulher. Sacos-de-pancada de todos. Seu dia foi ruim? Falhou em uma prova importante?

Discutiu com seus velhos e ficou o fim de semana a pé? Não há problema. Encontre um daqueles pobres coitados que se esgueiram pelos corredores como criminosos, antes do sinal para as aulas, e vá direto ao infeliz. Sabiam que, algumas vezes, eles são abatidos em todos os sentidos, exceto no físico; em outras, acham alguém a quem agarrar-se e sobrevivem. Arnie tinha a mim. Depois teve Cristine. Leigh apareceu mais tarde.

Eu só queria que vocês compreendessem isso.

Arnie era um deslocado natural. Estava fora do atletismo por ser

magricela — um e setenta e cinco, com cerca de setenta quilos, trágado por todas as suas roupas, mais um par de botas Desert Drive. Estava por fora também para os intelectuais do ginásio (eles próprios, um grupo inteiramente "desajustado" em uma cidadezinha como Libertyville), porque não tinha nenhuma especialização. Arnie era esperto, mas seus miolos não se fixavam naturalmente em coisa alguma, a menos que fosse mecânica automotora.

Era grande nisso. Em se tratando de carros, o garoto era uma espécie de alucinado nato. Seus pais, no entanto (os dois lecionavam na Universidade, em Horlicks), não podiam ver seu filho — que tinha marcado o máximo de cinco por cento no teste de inteligência Stanford-Binet — matricular-se nos cursos profissionalizantes. Andy teve muita sorte, quando lhe permitiram cursar Mecânica de Motores I, II e III. Precisou batalhar muito para conseguir a permissão. Estava ainda deslocado com os que se drogavam, porque não era disso. E também não se ligava com o grupo machão calças-jeans-e-Lucky-Strikes, porque não era de beber e chorava, se atingido com força.

Oh, sim, era um desajustado também com as garotas. Seu mecanismo glandular degradingolara inteiramente. Quero dizer, Arnie era um tapete de espinhas. Acho que lavava o rosto umas cinco vezes por dia, tomava umas duas dúzias de duchas por semana e experimentava cada creme ou panacéia conhecidos pela ciência moderna. Nada funcionava. O rosto de Arnie parecia uma pizza e ele ia ficar com uma daquelas caras furadas e marcadas para sempre.

Eu gostava dele assim mesmo. Arnie tinha um sutil senso de humor e uma mente que não se cansava de fazer perguntas, inventar jogos e pequenas, divertidas brincadeiras. Foi Arnie quem me mostrou como construir uma fazenda de formigas quando eu tinha sete anos, e passamos todo um verão espiando aqueles animaizinhos, fascinados por sua diligência e total seriedade. Quando tínhamos dez anos, foi por sugestão de Arnie que nos esgueiramos de casa certa noite e colocamos um monte de bostaseca de

cavalo, tirada dos Estábulos da Rota 17, debaixo do enorme cavalo de plástico sobre o gramado do Libertyville Motel, do outro lado da linha do trem, em Monroeville. Arnie aprendeu xadrez primeiro.

Aprendeu pôquer primeiro. Ensinou-me a aumentar meu score em Scrabble. Nos dias chuvosos, bem até a época em que me apaixonei (ora, foi mais ou menos isso — ela era chefe de torcida, com um corpo espetacular; achei que me apaixonara pelo corpo, embora, quando Amie avisou que a mente da garota tinha toda a profundidade e ressonância de um Chaun Cassidy 45, eu não pudesse responder que ele estava mentindo, porque não estava mesmo), era nele que eu pensava primeiro, porque Arnie sabia como engrandecer os dias de chuva, da mesma forma como sabia aumentar os scores no Scrabble. Talvez seja esta uma das maneiras de identificarmos as pessoas realmente solitárias... elas sempre podem imaginar algo legal para se fazer em um dia de chuva. A gente sempre pode contar com ela. Estão sempre em casa. Sempre na pior.

De minha parte, ensinei Arnie a nadar. Chateei-o até convencê-lo a comer verduras, para que pudesse melhorar um pouco a sua magreza. Consegui trabalho para ele em uma estrada, um ano antes de nosso último ano no Ginásio de Libertyville — e para isso nos empenhamos a fundo com os pais dele, que se viam como grandes amigos dos trabalhadores nas fazendas da Califórnia e dos metalúrgicos daquela cidadezinha cretina, mas que ficavam horrorizados à idéia de seu talentoso filho (com um máximo de cinco por cento em seu teste Stanford-Binet, lembrem-se) ficando com os pulsos sujos de terra e o pescoço vermelho.

Então, perto do fim daquelas férias de verão, Arnie viu Christine pela primeira vez e se apaixonou por ela. Eu estava com ele nesse dia — íamos para casa, voltando do trabalho — e testemunharia a respeito diante do Trono de Deus Todo-Poderoso, se para isso me convocassem.

Irmão, ele gamou e gamou de fato. Até que podia ter sido gozado, se não fosse tão triste, se aquilo não ficasse assustador tão depressa como ficou.

Podia ter sido divertido, se não houvesse sido tão ruim.

Ruim — a que ponto?

Foi ruim desde o começo. E se tornou rapidamente pior.

Dennis - Canções adolescentes sobre carros

PRIMEIROS PROJETOS

Ei, olhe lá!

Do outro lado da rua!

Um carro feito na medida para mim,

Seria um luxo ter aquele carro...

Aquele carro é um barato, cara,

É algo fora de série.

— Eddie Cochran

— Deus do céu! — gritou de repente meu amigo Arnie Cunningham.

— O que foi? — perguntei.

Seus olhos saltavam por trás dos óculos de aros de aço, ele espalmara a mão sobre o rosto, de maneira que a palma cobria a boca parcialmente e o pescoço parecia girar sobre rolamentos, no modo como Arnie se virava para trás, por sobre o ombro.

— Pare o carro, Dennis! Volte!

— O que você está...

— Volte, quero olhar para ela outra vez! Entendi na mesma hora.

— Oh, cara, esqueça — falei. — Se está se referindo àquela... coisa que acabamos de deixar para trás...

— Volte! — ele quase berrou.

Voltei, imaginando que talvez fosse uma daquelas sutis piadinhas de Arnie. Só que não era. Ele gamara mesmo. Arnie se apaixonara.

Ela era uma piada imbecil e jamais saberei o que Arnie viu nela, nesse dia. Na máquina, quero dizer, no carro. O lado direito do pára-brisa era uma confusa teia de aranha em rachaduras. A traseira direita do teto estava afundada e um ninho horrendo de ferrugem se espalhara pelo vale de

pintura descascada. O pára-choque traseiro descambava para um lado e o tampo do porta-mala estava entreaberto. O estofamento sangrava para fora, através de compridos rasgões na cobertura dos assentos, da frente e traseiro. Era como se alguém tivesse brincado ali com uma faca. Um pneu estava arriado. Os outros, tão carecas, que dava para se ver o encordoamento interno. O pior de tudo era a mancha escura de óleo, debaixo do motor.

Arnie se apaixonara por um Plymouth Fury 1958, um daqueles compridões, com enormes aletas no radiador. Havia um velho anúncio de À VENDA, já desbotado pelo sol, escorado contra o lado direito do pára-brisa — o lado que não estava rachado.

— Veja que linhas ele tem, Dennis! — sussurrou Arnie.

Corria em torno do carro, como um possesso. Seu cabelo suado subia e descia na cabeça. Experimentou a porta traseira, no lado do passageiro, e ela se abriu com um rangido.

— Você está me gozando, Arnie, não está? — perguntei. — É insolação, certo? Me diz que é insolação. Vou levar você para casa, ligar o ar-condicionado e esqueceremos tudo isto, está bem?

De qualquer modo, falei isso sem muita esperança. Ele sabia fazer uma piada, mas então não havia nada que lembrasse uma piada em sua cara. Pelo contrário, era uma espécie de loucura imbecil, que não me agradou nem um pouco.

Ele nem mesmo se deu ao trabalho de responder. Um bafo quente e espesso de ar, cheirando a velhice, óleo e adiantada decomposição brotou da porta aberta do carro. Arnie também pareceu nem perceber. Entrou e sentou-se no desbotado banco traseiro dilacerado. Um dia, vinte anos antes, aquilo tinha sido vermelho. Agora, era um rosa lavado e desbotado.

Estiquei o braço e arranquei um pouco do recheio, olhei para ele e o soprei ao vento.

— É como se o exército russo tivesse pisado sobre isso, ao avançar para

Berlim – comentei. Ele finalmente notou que eu ainda estava ali.

– Certo... certo, mas poderia ser consertado. Essa máquina... ela ficaria um barato. Uma unidade móvel, Dennis. Uma beleza. Uma verdadeira...

– Ei, ei! O que estão fazendo aí, garotos?

Era um velhote que parecia estar curtindo – mais ou menos – seu septuagésimo verão. Talvez menos. Aquele sujeito me deu a impressão de ser dos que não curtem muito as coisas. O pouco que restava do cabelo era comprido e ralo. Tinha um bom caso de psoríase em andamento, na parte careca do crânio.

Usava calças verdes de velho e tênis de basquete de cano baixo. Estava sem camisa; em vez disso, tinha algo apertado em torno da cintura, parecendo uma cinta de mulher. Quando chegou mais perto, vi que era um colete ortopédico para as costas. De saída, só em olhar para aquilo, eu podia dizer que o homem o tinha trocado, pela última vez, mais ou menos na época em que Lyndon Johnson morrera.

– O que estão querendo, garotos? – gritou, em voz aguda e estridente.

– Este carro é seu, senhor? – perguntou Arnie.

Uma pergunta quase desnecessária. O Plymouth estava estacionado no terreno da casa pós-guerra, de onde o velho brotara. O gramado era horrível, mas ficava um barato com aquele Plymouth nos fundos.

– E daí, se for? – perguntou o velho.

– Eu... – Arnie engoliu em seco. – Eu quero comprá-lo.

Os olhos do velhote cintilaram. A expressão irritada do rosto foi substituída por um brilho furtivo no olho e um certo sarcasmo faminto em torno dos lábios. Então surgiu um falso, resplendente e largo sorriso. Foi naquele momento, creio – bem, justo naquele momento – que senti algo frio e depressivo dentro de mim. Houve um instante – só então – que

senti vontade de puxar Arnie e arrancá-lo dali. Alguma coisa transpareceu dentro dos olhos do velho. Não foi só o brilho; era algo por trás do brilho.

— Bem, devia ter dito logo — falou o velhote. Estendeu a mão, que Arnie apertou. — LeBay. Roland D. LeBay. Reformado do Exército.

— Arnie Cunningham.

O velho pareceu puxar a mão e fez uma espécie de aceno para mim. Eu estava fora da jogada; ele já tinha seu otário. Arnie podia perfeitamente entregar sua carteira a LeBay.

— Quanto? — perguntou Arnie. Depois insistiu: — Seja o que for que quer pela máquina, ainda é pouco.

Grunhi intimamente, em vez de suspirar. O talão de cheques de Arnie estava dentro de sua carteira.

Por um momento, o sorriso de LeBay falhou um pouco e ele apertou os olhos desconfiadamente. Devia estar avaliando a possibilidade que tinha pela frente. Estudou o rosto franco e ansioso de Arnie, à procura de algum sinal de malícia, para então disparar a pergunta homicidamente perfeita:

— Já teve algum carro antes, filho?

— Ele tem um Mustang Mach II — respondi rapidamente. — Seus pais compraram para ele. Tem uma mudança Hurst, uma superbateria e pode fazer a estrada ferver, quando em primeira. O carro...

— Não — respondeu Arnie, tranquilo. — Só tirei minha carteira de motorista esta primavera. LeBay dedicou-me um rápido, mas astuto olhar, para em seguida voltar a concentrar inteiramente a atenção em seu alvo principal. Colocou as mãos no final das costas e estirou-se. Captei uma azeda onda de suor rançoso.

— O Exército me deixou com um problema nas costas — disse ele. — Invalidez total. Os médicos nunca conseguiram endireitar-me. Se perguntarem a vocês o que há de errado no mundo, rapazes, digam que são

três coisas: médicos, comunista e radicais que gostam de negros. Dos três, os comunistas são os piores, seguidos de perto pelos médicos. E se perguntarem quem disse isto, respondam que foi Roland D. LeBay. Sim, senhor!

Ele tocou o velho e arranhado capô do Plymouth, com uma espécie de admirado amor.

— Este aqui foi o melhor carro que já tive. Comprei em setembro de 1957. Naquele tempo, era em setembro que se conseguia o novo modelo do ano. Durante todo o verão, exibiam fotos de carros debaixo de lonas e encerados, até a gente ficar morrendo para saber como eles eram, por baixo daquilo. Hoje é diferente. — Sua voz ressumava irritação, pelos tempos degradantes que vivera. — Uma máquina novinha em folha. Cheirava como carro saído da fábrica e, para mim, este é o melhor cheiro do mundo. — Fez uma pausa para considerar. — Exceto, talvez, pelo de uma cona.

Olhei para Arnie, mordendo furiosamente o interior das bochechas, para não estourar de rir de tudo aquilo. Arnie olhou para mim, surpreso. O velho nem pareceu notar-nos; estava isolado em seu próprio planeta.

— Vesti cáqui trinta e quatro anos — contou LeBay, ainda tocando o capô do carro. — Entrei aos dezessete, em 1923. Comi poeira no Texas e vi piolhos do tamanho de lagostas, em algumas casas das putas de Nogales. Vi homens com as tripas saindo pelos ouvidos, no tempo da guerra. Foi na França que vi isso. As tripas deles saíam pelos ouvidos. Acredita nisso, filho?

— Sim, senhor — respondeu Arnie.

Duvido que tivesse ouvido uma só palavra do que LeBay dizia. Equilibrava-se ora em um pé, ora no outro, como se estivesse apertado para ir ao banheiro.

— Bem, e quanto ao carro... — insistiu Arnie.

— Você está na Universidade? — clamou LeBay, subitamente. — Lá em Horlicks?

— Não, senhor. Estou no Ginásio de Libertyville.

— Muito bom — disse LeBay, taciturno. — Fique longe de universidades. Estão cheias de gente que gosta de negros, gente que quer entregar o Canal do Panamá. "Cérebros", é o nome que dão a eles. Pois eu digo que são "cacholas de merda".

Olhou amorosamente para o carro em cima do pneu arriado, a pintura dissolvendo-se em ferrugem, banhado pelo último sol da tarde.

— Machuquei as costas na primavera de 57 — disse ele. — O Exército já estava falindo naquele tempo. Saí na hora exata. Voltei para Libertyville. Torrei grana. Aproveitei meu tempo. Então, entrei na Norman Cobb, concessionária Plymouth, onde hoje fica o boliche, lá perto da Main Street, e encomendei este carro aqui. Disse para eles: quero vermelho e branco, modelo do próximo ano. Vermelho como um carro de bombeiros por dentro. Eles conseguiram. Quando recebi a máquina, tinha um total de seis milhas no odômetro. Sim, senhor.

Ele cuspiu.

Olhei para o odômetro, por cima do ombro de Arnie. O vidro estava turvo, mas pude ler o estrago assim mesmo: 97.432. E seis décimos. Caramba!

— Se gosta tanto do carro, por que quer vendê-lo? — perguntei. Ele me dirigiu um olhar leitoso, bastante aterrador.

— Está querendo bancar o sabido pra cima de mim, filho? Não respondi, mas tampouco fugi com o olhar.

Após alguns momentos daquele duelo olho-a-olho (o que Arnie ignorou por completo; deslizava lentamente uma amorosa mão por uma das aletas dorsais), ele disse:

— Não posso mais dirigir. Minhas costas pioraram muito. E os olhos estão indo pelo mesmo caminho.

Entendi de repente — ou acho que entendi. Se ele nos fornecera as datas exatas, teria setenta e um anos. E, aos setenta, neste Estado é obrigatório o exame de vista a cada ano, para que renovem a licença de

motorista. LeBay devia ter falhado no exame de vista ou tinha medo de falhar, o que vinha a dar no mesmo. Antes de submeter-se a tal indignidade, resolveu colocar o Plymouth à venda. E, depois disso, o carro envelheceria rapidamente.

— Quanto quer por ele? — Arnie tornou a perguntar.

Ele mal podia esperar para ser degolado. LeBay virou o rosto para o céu, como se o estudasse para saber se choveria. Depois baixou os olhos para Arnie, oferecendo-lhe um largo e gentil sorriso, para mim demasiado semelhante ao anterior sorriso astuto que me dirigira.

— Estou pedindo trezentos — disse —, mas você me parece um bom rapaz. Deixo por duzentos e cinquenta para você.

— Deus do céu! — exclamei.

Não obstante, ele sabia quem era o seu pato, como sabia exatamente aumentar a barreira entre nós. Nas palavras de meu avô, LeBay não tinha caído ontem de um caminhão de feno.

— Está bem — disse ele, bruscamente. — Se quiser, é assim. Tenho meu programa das quatro e meia para ver. Beira da Noite. Nunca perco, se depender de mim. Tive um bom papo com vocês, rapazes. Adeus.

Arnie dirigiu-me um olhar tão dorido e raivoso que recuei um passo. Depois foi atrás do velho e o segurou pelo cotovelo. Conversaram. Não ouvi tudo, porém vi mais do que suficiente. O orgulho do velho ficara ferido. Arnie estava ansioso e se desculpando. O velho apenas queria fazer Arnie entender que não suportava ver insultado o carro que o conduzira através de seus anos dourados. Arnie concordou. Pouco a pouco, o velho permitiu que ele o reconduzisse de volta. E, de novo, senti algo conscientemente amedrontador em relação a ele... era como se um frio vento de novembro pudesse pensar. Não consigo palavras melhores para expressá-lo.

— Se ele disser mais uma só palavra, lavo as mãos disto tudo — disse LeBay, apontando um polegar calejado e chifrado para mim.

— Ele não dirá, ele não dirá — assegurou Arnie, apressadamente. — Trezentos, foi o que disse?

— Sim, acho que foi...

— O preço combinado foi de duzentos e cinquenta! — falei bem alto.

Arnie pareceu aflito, temendo que o velho se fosse de novo, mas LeBay não queria arriscar-se. O peixe agora estava quase fora d'água.

— Sim, acho que duzentos e cinquenta está bem — concedeu LeBay.

Tornou a olhar para mim e vi que estávamos de acordo — ele não ia comigo e nem eu com ele. Para meu crescente horror, Arnie puxou a carteira e começou a manusear seu interior. Houve silêncio entre nós três. LeBay era um mero espectador. Espiei para um garotinho que tentava matar-se em um skate verde-vômito. Um cão latiu em algum lugar. Duas garotas com ar de estarem na oitava série passaram rindo muito e apertando uma pilha de livros contra os bustos em formação. Restava-me apenas uma esperança de que Arnie se visse fora daquilo: faltava um dia para o pagamento. Com tempo, até mesmo vinte e quatro horas, aquela febre selvagem passaria. Arnie começava a recordar-me Toad, Toad Hall.

Quando tornei a olhar para eles, Arnie e LeBay fitavam duas notas de cinco e seis de um dólar — aparentemente, tudo que ele tinha na carteira.

— Que tal um cheque? — sugeriu Arnie. LeBay sorriu friamente e nada disse.

— É um cheque bom — protestou Arnie.

Claro que era. Havíamos passado todo o verão trabalhando para Carson Brothers, na extensão da I-376, aquela que, na opinião dos nativos da área de Pittsburgh, jamais seria finalmente terminada. Às vezes, Arnie dizia que a Penn-DOT tinha começado a apostar no trabalho da I-376 pouco depois que a Guerra Civil terminara. Não que qualquer um de nós tivesse alguma queixa; muitos jovens trabalharam naquele verão em troca de salários de escravos, ou não trabalharam em absoluto. Estávamos fazendo

um bom dinheiro, inclusive em hora extra. Brad Jeffries, o capataz, se mostrara francamente duvidoso em aceitar um garoto como Arnie, mas por fim concordara que ele podia ser usado como sinaleiro; a jovem que planejara contratar ficara grávida e fugira para casar-se. Assim, Arnie se iniciara como sinaleiro em junho, mas aos poucos fora passando para o trabalho mais pesado, no que mostrava muita coragem e determinação. Era o primeiro emprego de verdade que já tivera e não queria estragar tudo. Brad ficara um tanto impressionado e, inclusive, o sol de verão contribuíra para amenizar um pouco as erupções cutâneas de Arnie. Talvez fosse o ultravioleta.

— Tenho certeza de que seu cheque é bom, filho — disse LeBay — mas meu negócio é feito a dinheiro. Procure entender.

Eu não sabia se Arnie entendera, mas eu entendia. Seria fácil demais sustar o pagamento de um cheque local, se aquele Plymouth comido de ferrugem soltasse uma biela ou explodisse um pistão, a caminho de casa.

— Pode telefonar para o banco — disse Arnie, começando a desesperar-se.

— Negativo — disse LeBay, coçando o sovaco acima do escabroso colete. — Vão dar cinco e meia. Os bancos já fecharam há muito tempo.

— Fica como um sinal, então — disse Arnie, estendendo os dezesseis dólares. Positivamente, agia como maluco. Talvez seja difícil acreditar-se que um cara, com idade quase suficiente para votar, em quinze minutos ficasse tão enredado com um velhote anônimo. Eu mesmo achava difícil acreditar. Somente Roland D. LeBay parecia não ter problemas a respeito e suponho que fosse devido à idade, quando já tinha visto tudo. Só mais tarde cheguei a crer que aquela sua estranha segurança podia originar-se de outras fontes. De qualquer modo, se já havia corrido em suas veias algum leite de gentileza humana, há muito se transformara em coalhada azeda.

— Preciso ter um sinal de dez por cento, pelo menos — declarou LeBay. O peixe estava fora d'água; em mais um momento, iria para a cesta.

– Se me der os dez por cento, reservarei o carro por vinte e quatro horas.

– Dennis – pediu Arnie –, pode me emprestar nove pratas até amanhã?

Eu tinha doze na carteira e nenhum lugar particular aonde ir. Dia após dia espalhando areia e cavando trincheiras para bueiros, haviam feito maravilhas para quando chegasse a hora de treinar futebol, mas eu não tinha mais nenhuma vida social. Ultimamente, nem mesmo vinha assaltando as defesas do corpo de minha namorada chefe de torcida, no estilo a que ela se acostumara. Estava rico, mas solitário.

– Venha até aqui e veremos – falei.

LeBay franziu o cenho, mas sabia-se preso à minha intervenção, quisesse ou não. Seu anelado cabelo branco agitou-se de um lado para outro, à brisa ligeira. Manteve uma das mãos possessivamente sobre o capô do Plymouth.

Caminhei com Arnie até meu carro, um Duster 75, estacionado na esquina. Passei o braço pelos ombros dele. Por algum motivo, lembrei-me do dia chuvoso que havíamos passado em seu quarto, quando não tínhamos mais de seis anos – os desenhos animados saltitavam na tela em preto-e-branco de um antigo aparelho de TV, enquanto coloríamos com lápis de cor velhos, guardados em uma lata de café serrilhada. A imagem me deixou triste e um tanto amedrontado. Compreendam, há dias em que seis anos me parece uma idade excelente, isto porque a lembrança dura, de fato, apenas 7,2 segundos.

– Você tem o dinheiro, Dennis? Eu devolvo amanhã de tarde.

– Sim, tenho – respondi –, mas, pelo amor de Deus, o que está fazendo, Arnie? Aquele pilantra é totalmente inválido, não vê? Ele não precisa de dinheiro e você não é uma instituição de caridade.

– Não compreendo. De que está falando?

– Ele está se aproveitando de você. Faz isso pelo simples prazer da

coisa. Se levar o carro à Darnell's, não conseguirá nem cinquenta dólares por peças. Aquilo é um monte de bosta!

— Não. Não é não.

Sem a pele ruim, meu amigo Arnie pareceria absolutamente normal. Contudo, Deus dá a todos pelo menos um traço bom, acho eu, e em Arnie eram os olhos. Por trás das lentes, que em geral os obscureciam, seus olhos mostravam um belo e inteligente cinza, a cor das nuvens em um nublado céu de outono. Podiam ser quase incomodamente agudos e perscrutadores quando surgisse algo que lhe interessasse, mas agora estavam distantes e sonhadores.

— Não é nenhum monte de bosta — insistiu ele.

Foi quando comecei realmente a compreender que ali havia mais do que a súbita decisão de Arnie em ter um carro. Ele nunca demonstrara o menor interesse por um, antes; contentava-se em rodar no meu, contribuindo para a gasolina ou apertando o pedal de suas três marchas. E agora não era como se precisasse de um carro, a fim de sair sozinho; que eu soubesse, Arnie jamais tivera um encontro com garotas na vida. Tratava-se de algo diferente. Era amor ou coisa assim.

— Pelo menos — argumentei — deixe que ele ligue o motor para você, Arnie. E que levante o capô. Tem uma poça de óleo debaixo do motor. O bloco bem que pode estar partido. Se quer saber, acho que...

— Pode emprestar os nove?

Os olhos dele estavam fixos nos meus. Desisti. Tirei minha carteira e entreguei-lhe os nove dólares.

— Obrigado, Dennis — disse ele.

— O funeral é seu, cara.

Ele nem ouviu. Juntou meus nove aos seus dezesseis e voltou para junto de LeBay, ao lado do carro. Estendeu-lhe o dinheiro e o velho o

contou cuidadosamente, molhando o polegar.

— Só vou segurá-lo por vinte e quatro horas, compreenda — disse LeBay.

— Sim, senhor. Assim está ótimo — respondeu Arnie.

— Vou até em casa, passar um recibo — disse o velho. — Como é mesmo o seu nome, soldado? Arnie sorriu ligeiramente.

— Cunningham. Arnold Cunningham.

LeBay grunhiu um assentimento e cruzou seu gramado maltratado até a porta dos fundos. A porta externa era uma daquelas engraçadas estruturas de alumínio, com uma floreada letra no centro — um L maiúsculo, no caso.

A porta bateu atrás dele.

— O sujeito é esquisito, Arnie. O sujeito é um fodido esquí...

Arnie não estava mais ali. Sentara-se atrás do volante do carro. Em seu rosto havia a mesma expressão energética.

Dei a volta até a frente e descobri o fecho do capô. Puxei-o e o capô subiu, com um grito enferrujado que me fez pensar nos efeitos sonoros ouvidos naqueles discos de casas mal-assombradas. Fragmentos metálicos voaram para baixo. A bateria era uma velha Allstate e os terminais estavam tão cobertos de corrosão esverdeada que não se poderia dizer qual o positivo e o negativo. Puxei o filtro de ar e olhei sombriamente para um carburador de quatro difusores, tão negro como uma galeria de mina.

Baixei o capô e fui para o lugar onde Arnie continuava, agora deslizando a mão ao longo da borda do painel de instrumentos, por sobre o velocímetro, calibrado para uma marcação totalmente absurda de 120 milhas por hora. Os carros teriam realmente atingido tal velocidade?

— Acho que o bloco do motor está trincado, Arnie. Acho mesmo. Este carro é uma droga, meu amigo. Uma droga total. Se está querendo rodas, por duzentos e cinquenta podemos encontrar coisa muito melhor do que isto.

Falo sério. Muito melhor.

— Ele tem vinte anos de idade — replicou Arnie. — Sabe que um carro é oficialmente uma antigüidade, quando tem vinte anos de idade?

— Claro — falei. — O pátio de ferro-velho atrás da Darnell's está repleto de antigüidades oficiais, está entendendo?

— Dennis...

A porta bateu. LeBay estava de volta. Não adiantava; qualquer discussão posterior não teria sentido. Posso não ser o humano mais sensível, mas quando os sinais são fortes o bastante, consigo captá-los. Aquilo era algo que Arnie decidira ser preciso fazer e eu não iria dissuadi-lo. Aliás, creio que ninguém conseguiria dissuadi-lo.

Com um floreio, LeBay estendeu-lhe o recibo. Escrito em uma folha comum de bloco, em uma aracnóide, e ligeiramente trêmula, caligrafia de velho, havia o seguinte: Recebido de Arnold Cunningham, \$25,00, como sinal e reserva por vinte e quatro horas de Christine, um Plymouth 1958. Abaixo, ele assinara seu nome.

— O que significa isto de Christine? — perguntei, pensando ter lido errado ou não entendido bem.

Os lábios de LeBay estreitaram-se e seus ombros se ergueram um pouco, como se esperasse que rissem dele... ou como se me desafiasse a isso.

— Christine — explicou — é como sempre chamei o carro.

— Christine — repetiu Arnie. — Gostei. E você, Dennis?

Agora ele falava em batizar a maldita coisa. Aquilo estava passando dos limites.

— O que acha, Dennis, você gostou?

— Não — respondi. — Se tem que dar um nome a isso, Arnie, por que não o chama de Problema? Ele pareceu magoar-se com isso, mas eu pouco me importava. Voltei para meu carro, a fim de esperá-lo, desejando que

antes houvesse tomado um caminho diferente, na volta para casa.

A PRIMEIRA DISCUSSÃO

Diga apenas aos seus amigos marginais lá fora,
Que você não tem tempo para dar um passeio!

(Conversa mole!)

Não responda!

— The Coasters

Levei Arnie de carro até sua casa e entrei com ele para um pedaço de bolo e um copo de leite, antes de seguir para a minha. Foi uma decisão da qual me arrependi prontamente.

Arnie morava na Laurel Street, situada em uma tranqüila zona residencial, no lado oeste de Libertyville. Em geral, Libertyville é quase que integralmente tranqüila e residencial. Nada de grande estilo, como o subúrbio vizinho de Fox Chapei (onde a maioria das residências se compõe de propriedades como aquelas que costumamos ver todas as semanas em Columbo), mas também não é como Monroeville, com seus quilômetros de ruas comerciais, depósitos de pneus vendidos com desconto e sujos empórios de livros. Por aqui não temos nenhuma indústria pesada; trata-se, principalmente, de uma comunidade-dormitório para a vizinha Universidade. Sem suntuosidade, mas pelo menos uma espécie de concentração de cérebros.

Arnie estivera calado e pensativo, durante toda a caminhada para casa; tentei distraí-lo, mas ele não se deixou distrair. Perguntei-lhe o que pretendia fazer com o carro.

— Ajeitá-lo — respondeu, em voz ausente, tornando a ficar em silêncio.

Bem, ele tinha jeito para isso; eu não questionava o assunto. Era bom com ferramentas, podia ouvir e concentrar-se. Suas mãos eram sensíveis e ágeis com mecanismos; somente quando estava perto de outras pessoas, em

especial garotas, é que elas ficavam desajeitadas e inquietas, procurando estalar os nós dos dedos ou enfiar-se nos bolsos, quando não (pior do que tudo) se encaminhavam para o rosto e deslizavam pela acidentada paisagem das bochechas, queixo e testa, chamando a atenção para esses pontos.

Ele podia ajeitar o carro, mas o dinheiro que ganhara nesse verão era reservado para a Universidade. Nunca tivera um carro antes e pensei que talvez não imaginasse a maneira sinistra como carros velhos podem sugar dinheiro. Eles o sugam, como se imagina que um vampiro suga o sangue. Arnie evitaria os custos da mão-de-obra na maioria dos casos, fazendo o trabalho ele mesmo, porém só o conserto das peças isoladas quase o mataria, antes de chegar ao fim.

Disse-lhe algumas dessas coisas, mas ele preferiu ignorar-me. Tinha o olhar ainda distante e sonhador. Eu não saberia dizer em que pensava.

Michael e Regina Cunningham estavam em casa — ela decifrava uma daquelas séries intermináveis de quebra-cabeças idiotas (este era a respeito de seis mil rodas denteadas e engrenagens diferentes, sobre um fundo absolutamente branco — e me deixaria arrancando os cabelos em quinze minutos) e ele ouvia música na sala.

Não demorou muito, comecei a desejar que tivesse desistido do bolo e do leite. Arnie contou a eles o que fizera, mostrou o recibo e os dois imediatamente subiram pelas paredes.

Compreendam, Michael e Regina eram criaturas da Universidade até o âmago. Procuravam ser bem-sucedidos e, para eles, isto significava protestar. Havia protestado em favor da integração, no início dos anos 60, passaram para o Vietnã e, quando desistiram, havia Nixon, questões de equilíbrio racial nas escolas (podiam citar capítulo e versículos do caso Alan Bakke, até pegarmos no sono), violência policial e brutalidade paternal. Depois, foram os discursos — toda aquela discursaria. Estavam quase tão envolvidos nisso, como nos protestos. Pareciam sempre dispostos a tomar

parte em sessões pela noite inteira, tratando das mais variadas questões, desde o programa espacial a conferências estudantis em desafio às autoridades acadêmicas, ou mesmo de um seminário sobre possíveis alternativas de combustíveis fósseis. Só Deus sabe como conseguiam tempo para tantas "linhas quentes" — números de telefone para estuprados, drogados, para crianças fujonas que queriam conversar com um amigo, bem como o bom, o velho DISQUE-AJUDA, para onde os suicidas podiam ligar e ouvir uma voz compreensiva dizendo não faça isso, chapa, você tem um compromisso social com a Espaçonave Terra. Com vinte ou trinta anos lecionando em uma Universidade, o sujeito está pronto para a discussão, da mesma forma que os cães de Pavlov estavam prontos para sair quando ele tocava a campainha. Acredito que até se chegou a gostar disso.

Regina (eles insistiam em que eu os chamasse por seus primeiros nomes) tinha quarenta e cinco anos e era simpática, atraente de uma forma um tanto fria e semi-aristocrática — isto é, conseguia parecer aristocrática, mesmo usando jeans, o que fazia a maior parte do tempo. Sua área era Inglês mas, naturalmente, quando se atinge um nível universitário, isso nunca é bastante: é como dizer "América" se alguém lhe pergunta de onde você é. Ela se refinara nisso e estava calibrada, como o "blip" de uma tela de radar. Especializara-se em poetas primitivos ingleses, tendo apresentado tese sobre Robert Herrick.

O negócio de Michael era História. Tinha uma aparência tão lutuosa e melancólica, como a música que saía de sua flauta, embora luto e melancolia não fossem uma parte normal de sua estrutura. Por vezes, ele me fazia pensar no que Ringo Star supostamente havia dito, quando os Beatles vieram à América pela primeira vez, e certo repórter, em uma entrevista à imprensa, perguntou-lhe se ele era realmente tão triste quanto parecia. "Não", replicou Ringo, "é só o meu rosto." Michael era assim. Além do mais, seu rosto fino e os óculos grossos que usava combinavam para emprestar-lhe uma leve aparência de caricatura de professor, em uma inamistosa charge editorial. Seu cabelo começava a diminuir e ele usava um pequeno

cavanhaque anelado.

— Oi, Arnie — disse Regina, quando entramos. — Olá, Dennis,

Naquela tarde, foi essa a última coisa cordial que ela disse para nós dois. Respondemos "Oi" e passamos ao nosso bolo com leite. Sentamos no canto reservado ao café da manhã. O jantar estava em andamento no forno e, lamento dizer, o cheiro era francamente repelente. Regina e Michael tinham andado flertando com o vegetarianismo durante algum tempo e, naquela noite, o aroma dava a impressão de que ela preparava uma boa e velha torta de algas ou coisa assim. Esperei que não me convidassem para ficar.

A música da flauta cessou e Michael veio para a cozinha. Usava bermudas, recortadas de uma calça jeans e tinha um ar de quem acaba de receber a notícia da morte de seu melhor amigo.

— Estão atrasados, rapazes — disse. — Algo errado?

Abriu a geladeira e começou a vistoriar seu interior. Talvez a torta de algas também não lhe fosse tão agradável ao olfato.

— Comprei um carro — disse Arnie, cortando outro pedaço de bolo.

— Você fez o quê? — exclamou sua mãe no outro aposento, imediatamente.

Ela se levantou depressa demais e houve uma batida seca, quando suas coxas colidiram solidamente contra a beira da mesa de jogo, onde resolvia seus quebra-cabeças. O baque foi seguido pelo ruído cascadeado de peças caindo ao chão. Foi quando comecei a pensar que seria melhor ter ido direto para casa.

Michael Cunningham se voltara da geladeira para fitar o filho, segurando uma maçã em uma das mãos e uma embalagem de papelão com iogurte natural na outra.

— Você está brincando — disse, e por alguma absurda razão, pela

primeira vez notei que seu cavanhaque, usado desde mais ou menos 1970, estava ficando um bocado grisalho. — Arnie, você está brincando, não? Diga que é uma brincadeira.

Regina entrou, alta e semi-aristocrática, além de infernalmente furiosa. Esquadrinhou de perto o rosto de Arnie e soube que ele não estava brincando.

— Você não pode comprar um carro — falou. — De que está falando, afinal? Só tem dezessete anos!

Arnie olhou lentamente, do pai junto à geladeira, para a mãe parada à porta que levava à sala de estar. Havia uma expressão teimosa e decidida em seu rosto, algo que eu nunca vira antes, que me lembrasse. Pensei que, se usasse aquela expressão com mais frequência na escola, os colegas da cantina não se mostrariam tão ávidos em massacrá-lo.

— A verdade é que se enganam — respondeu ele. — Posso comprar um carro sem qualquer problema. Claro, à prestação seria impossível, mas uma compra em dinheiro não oferece problema algum. Naturalmente, registrar um carro aos dezessete anos é uma questão totalmente diferente. Para isso, eu precisaria de sua permissão.

Os dois o fitavam com surpresa, inquietação e crescente raiva. Quando percebi a última, experimentei uma profunda sensação de dor no estômago. Apesar de todas as suas idéias liberais e comprometimentos com os trabalhadores das fazendas, as esposas maltratadas, mães solteiras e o resto, eles manipulavam Arnie completamente. E Arnie se deixava dirigir.

— Não me parece legal, falar com sua mãe dessa maneira — disse Michael. Recolocou o iogurte no lugar, conservou a maçã e fechou lentamente a porta da geladeira. — Você é muito novo para ter um carro.

— Dennis tem um — disse Arnie prontamente.

— Bem, puxa! Como está ficando tarde! — falei. — Eu já devia estar chegando em casa! Devia estar chegando neste momento! Eu...-

— O que os pais de Dennis fazem e o que nós fazemos são coisas muito diferentes — disse Regina Cunningham. Eu jamais ouvira sua voz soar tão fria. Nunca. — E você não tem o direito de fazer semelhante coisa sem consultar seu pai e a mim sobre...

— Consultar vocês? — rugiu Arnie, de repente.

Derramou o leite. Havia enormes veias em seu pescoço, estiradas como cordas. Regina recuou um passo, boquiaberta. Eu podia apostar que o filho-patinho-feio nunca lhe rugira daquela forma, em toda a sua vida. Michael ficara estupidificado. Estavam tendo um gostinho do que eu já provara — por motivos que só ele saberia explicar, Arnie finalmente conseguira ter algo que realmente desejava. E que Deus se apiedasse de quem ficasse em seu caminho.

— Consultar vocês? Eu sempre consultei vocês em cada maldita coisa que já fiz! Em tudo havia uma reunião para discutir e quando era algo que não me interessava fazer, vocês venciam por dois contra um! Só que agora não estamos em nenhuma reunião para discutir o assunto. Comprei um carro... e está acabado!

— Pois eu não acho que esteja acabado — disse Regina.

Seus lábios se tinham afilado e, curiosamente (ou talvez não), ela deixara de parecer tão semi-aristocrática; era agora como a Rainha da Inglaterra ou de algum lugar, com jeans e tudo. Michael estava fora da situação, dali por diante. Parecia tão surpreso e desgostoso como eu e, por um instante, senti uma bruta pena do homem. Ele nem ao menos podia ir para casa jantar e se ver livre daquilo: já estava em casa. Ali se desenrolava uma crua luta pelo poder, entre a velha guarda e a jovem guarda. Tudo acabaria sendo decidido da mesma forma de antes, com uma monstruosa exibição de amargura e aspereza. Aparentemente, Regina estava disposta àquilo, mesmo que não fosse este o caso de Michael. Eu, no entanto, não queria tomar parte em nada. Levantei-me e caminhei para a porta.

— Você deixou que ele fizesse isto? — perguntou Regina. Olhou para

mim com arrogância, como se nunca tivéssemos rido juntos, feito bolos juntos ou participado juntos de acampamentos familiares. — Dennis, estou surpresa com você.

Aquilo me atingiu. Eu sempre gostara da mãe de Arnie, porém nunca chegara a confiar inteiramente nela, pelo menos desde que acontecera algo, quando eu tinha uns oito anos.

Eu e Arnie tínhamos ido de bicicleta até o centro da cidade, para uma matinê no sábado. Quando voltávamos, ele caíra da bicicleta, em uma manobra para evitar um cachorro, e machucara bastante a perna. Levei-o para casa de carona em minha bicicleta, e Regina foi com ele ao pronto-socorro, onde o médico deu meia dúzia de pontos. Então, por algum motivo, depois que tudo terminou e se soube que Arnie ia ficar perfeitamente bom, Regina se voltou contra mim e desandou com sua língua afiada. Pregou-me um sermão como se fosse sargento-chefe. Ao terminar, eu tremia dos pés à cabeça e estava a ponto de chorar — que diabo, tinha apenas oito anos e havia um bocado de sangue. Não posso recordar capítulo e versículos de todo o falatório, mas a sensação generalizada que ficou comigo era perturbadora. Que me lembre, ela começou por acusar-me de não ter tomado conta dele direito — como se Arnie fosse muito mais novo e não quase da minha idade — e terminou dizendo (ou parecendo dizer) que aquilo devia ter acontecido era comigo.

Agora, a situação parecia repetir-se — Dennis, você não tomou conta dele direito — e aquilo me irritou. Minha desconfiança quanto a Regina talvez fosse apenas parte da coisa e, para ser inteiramente sincero, talvez apenas a menor parte. Quando somos crianças (e, afinal de contas, dezessete anos não são apenas o limite extremo da infância?), tendemos a ficar ao lado de outras crianças. Um forte e infalível instinto nos diz que, se não derrubarmos alguns muros e arrombarmos alguns portões, nossos pais — com a melhor das intenções — ficariam satisfeitos nos mantendo para sempre no cercado para bebês.

Fiquei zangado, mas disfarcei o melhor que pude.

— Eu não o deixei coisa nenhuma — respondi. — Ele quis comprar e comprou. — Antes, eu podia ter contado que Arnie apenas dera um sinal, mas não faria mais isso. Agora, eu empinava as costas. — A verdade é que tentei convencê-lo a não comprar.

— Duvido que tenha tentado com insistência — atacou Regina.

Ela bem poderia ter encerrado a frase, dizendo: Você não me engana, Dennis. Sei que os dois estavam de combinação nisto. Havia manchas vermelhas nas maçãs de seu rosto e os olhos dela atiravam faíscas. Estava procurando fazer com que me sentisse novamente um garoto de oito anos e não se saía mal na história. No entanto, mantive minha posição.

— Ora, pensando bem, afinal não foi uma coisa tão terrível assim. Ele comprou o carro por duzentos e cinquenta dólares e...

— Duzentos e cinquenta dólares? — explodiu Michael. — Que espécie de carro se consegue por duzentos e cinquenta dólares?

Seu anterior e incômodo desligamento — se é que existira, e não o simples choque, ao som da tranqüila voz de seu filho, erguida em protesto — desaparecera. O preço do carro é que o despertara. E ele olhou para Arnie com tão aberto desdém que me senti mal. Eu gostaria de ter filhos um dia e, se os tiver, espero poder deixar fora de meu repertório aquela particular expressão.

Fiquei dizendo para mim mesmo que não me alterasse, que aquilo não era da minha conta, que não havia motivos para me irritar... porém o bolo que comera se grudara no meio de meu estômago, em uma grande bola pegajosa, e sentia a pele fervendo. Os Cunningham tinham sido minha segunda família, desde que eu era garotinho, e podia sentir dentro de mim todos os aborrecidos sintomas físicos de uma disputa familiar.

— Podemos aprender muito sobre carros, quando consertamos um já velho — argumentei. De repente, soava para mim mesmo como uma

imitação maluca de LeBay. — E é preciso um bocado de trabalho, antes mesmo que fique bom para rodar na rua. (Se chegar a ficar, pensei.) Pode-se encarar isso como... como um hobby.

— Eu encaro como loucura — disse Regina.

De súbito, eu só queria ir embora. Creio que, se as vibrações emocionais ali dentro não estivessem tão pesadas, até acharia graça naquilo. De certa forma, passara a defender o carro de Arnie, quando decidi que era um despropósito seguir em frente.

— Pensem o que quiserem — murmurei —, mas me deixem fora disto. Vou para casa.

— Ótimo! — exclamou Regina, com aspereza.

— Muito bem — disse Arnie, em voz inexpressiva. Levantou-se. — Vou dar o fora desta merda. Regina engoliu em seco e Michael piscou, como se tivesse sido esbofeteado.

— O que foi que disse? — bufou Regina. — O que foi que... ?

— Não sei por que estão tão irritados — respondeu Arnie, em uma voz distante, controlada —, mas não vou ficar aqui sentado ouvindo um monte de besteiras de cada um. Você quis que eu fizesse os cursos do colégio. Estou fazendo. — Ele olhou para a mãe. — Quis que eu entrasse para o clube de xadrez, em vez de ficar na banda da escola: muito bem, estou lá também. Consegui atravessar dezessete anos sem envergonhá-la no clube de bridge ou ir parar na cadeia.

Os dois estavam olhando para ele, de olhos esbugalhados, como se uma das paredes da cozinha tivesse ganho lábios subitamente e começasse a falar.

Arnie os encarou, seus olhos eram estranhos, brancos e perigosos.

— Estou dizendo a vocês que vou ter esse carro. É só isso.

— Arnie, o seguro... — começou Michael.

— Pare com isso! — gritou Regina.

Ela não queria começar a falar sobre os problemas específicos, porque esse seria o primeiro passo no caminho para uma possível aceitação. Sua única idéia era esmagar a rebelião sob o calcanhar, rápida e completamente. Há momentos em que os adultos nos aborrecem de tal forma, que eles jamais compreenderão; creio que vocês sabem disso. Eu vivia um desses momentos e isso só fez com que me sentisse pior. Quando Regina gritou com o marido, pude vê-la vulgar e assustada, ao mesmo tempo. E, como gostava dela, desejaria nunca tê-la visto de um jeito ou de outro.

Ainda assim, permaneci parado à porta, querendo ir embora, mas doentiamente fascinado pelo que acontecia — a primeira discussão em grande escala que já presenciara na família Cunningham, talvez a única. Sem dúvida, aquilo era uma caretece, marcando no mínimo dez, na escala Richter.

— É melhor você ir, Dennis, enquanto resolvemos isto — disse Regina, carrancuda.

— Certo — falei —, mas acho que estão fazendo tempestade num copo d'água. Esse carro... Regina... Michael... se vocês o vissem... talvez vá de zero a trinta em vinte minutos, se chegar a se mover...

— Dennis! Vá embora! Eu fui.

Quando entrava em meu Duster, Arnie saía pela porta dos fundos, aparentemente afirmando sua intenção de ir embora. Os pais o seguiram, agora parecendo preocupados e também infelizes. Eu podia entender um pouco o que eles sentiam. Fora tudo tão repentino como um ciclone, descendo de um claro céu azul.

Liguei o motor e dei marcha à ré, até a rua sossegada. Evidentemente, muita coisa acontecera, desde que nós dois havíamos saído do trabalho às quatro, duas horas atrás. Então, eu estava faminto a ponto de comer quase qualquer coisa (exceto torta de algas). Agora, meu estômago estava tão

embrulhado que por pouco não devolvia tudo quanto fora engolido.

Quando parti, eles três estavam parados na entrada para carros, em frente de sua garagem para dois automóveis (o Porsche de Michael e a camionete Volvo de Regina estavam enfiados lá dentro — eles têm seus carros, pensei, com certa maldade; estão pouco ligando), ainda discutindo.

É isso aí, pensei, um tanto triste e aborrecido. Eles o derrotarão, LeBay embolsará os vinte e cinco dólares de Arnie e aquele Plymouth 58 ficará em seu gramado por outros mil anos. Os pais de Arnie já tinham feito coisas semelhantes com ele. Porque Arnie era um perdedor. Até Regina e Michael sabiam disso. Ele era inteligente, e quando se conseguia varar seu exterior tímido e desconfiado, ficava divertido, amável e... dócil, acho eu. Dócil, exatamente o termo que faltava. Dócil, mas um perdedor.

Seus pais sabiam disso, tão bem como os soquetes-brancas da cantina, que implicavam com ele aos gritos pelos corredores e esfregavam polegares em seus óculos. Eles sabiam que Arnie era um perdedor e o derrotariam. Foi o que pensei. Só que, desta vez, estava enganado.

A MANHÃ SEGUINTE

Meu velho disse "Filho,
Me dê uma carona para eu ir beber,
Se você ainda dirige aquele
Lincoln envenenado. "
— Charlie Ryan

Na manhã seguinte, passei pela casa de Arnie às 6:30 e apenas parei junto ao meio-fio, não querendo entrar, mesmo imaginando que seus pais ainda estariam na cama — na noite anterior houvera demasiadas vibrações negativas flutuando naquela cozinha, para que me sentisse tentado pelo costumeiro café com biscoitos, antes de ir trabalhar.

Arnie demorou quase cinco minutos para sair e comecei a pensar se ele não cumprira a ameaça de ir realmente embora. Então a porta dos fundos se abriu e ele veio descendo pela entrada de carros, a marmita do almoço balançando contra sua perna.

Ele entrou no carro, bateu a porta e disse:

— Vamos rodando, Jeeves.

Este era um dos chistes padronizados de Arnie, quando estava de bom humor.

Comecei a rodar e olhei para ele cautelosamente, quase decidido a falar alguma coisa, mas em seguida decidindo ser melhor esperar que ele começasse... se é que tinha alguma coisa para dizer.

Durante bastante tempo, pareceu que ele não tinha. Fizemos a maior parte do caminho para o trabalho sem qualquer conversa entre nós, a não ser o som da WMDY, a estação local de rock e soul. Arnie marcava o compasso distraidamente, batendo na perna.

Por fim, ele disse:

— Lamento que você tenha se envolvido naquilo a noite passada, cara.

— Está tudo certo, Arnie.

— Nunca lhe ocorreu — disse ele, abruptamente — que os pais não passam de crianças desenvolvidas, até que os filhos os empurrem para que se tornem adultos? Geralmente esperando e chorando?

Sacudi a cabeça.

— Vou lhe dizer o que penso — continuou ele. Estávamos agora chegando ao local da construção; o trailer da Garson Brothers ficava a apenas duas rampas além. Naquela manhã, o trânsito era leve e sonolento. O céu tinha uma suave cor de pêssego. — Acho que uma das funções de ser pai é destruir os filhos.

— Parece bastante racional — respondi. — Os meus estão sempre querendo destruir-me. Esta noite, mamãe esgueirou-se com um travesseiro e o segurou contra meu rosto. Na véspera, foi papai, correndo atrás de mim e de minha irmã com uma chave de fenda.

Eu estava brincando, mas me perguntei o que Michael e Regina diriam, se pudessem ouvir nossa conversa.

— A princípio, sei que parece um tanto louco — disse Arnie, imperturbável —, mas muita coisa é esquisita, antes de começarmos a considerá-las. Complexo de pênis. Conflitos edipianos. O sudário de Turim.

— Para mim, é tudo besteira — respondi. — Você teve uma discussão com seus pais, só isso.

— Acredito nisso, realmente — disse Arnie, com ar pensativo. — Não que eles soubessem o que faziam; não acredito nisso. E sabe por quê?

— Diga.

— Porque assim que se tem um filho, a gente tem certeza de que irá morrer. Quando temos um filho, vemos nossa própria sepultura.

– Sabe de uma coisa, Arnie?

– O quê?

– Acho que isso é uma merda de macabro. Nós dois explodimos em gargalhadas.

– Não falei nesse sentido – replicou ele.

Paramos no local de estacionamento e desliguei o motor. Ficamos ali, ainda por um momento.

– Eu disse a eles que não seguiria mais os cursos do colégio – declarou Arnie. – Disse que me matricularia em T.V. Do começo ao fim.

T.V. era treinamento vocacional. A mesma espécie de coisa feita pelos garotos dos reformatórios para menores, exceto, naturalmente, que eles não voltam para casa à noite. Seguem o que se poderia chamar de programa compulsório de internato.

– Arnie... – comecei, sem saber bem como continuar. A forma como aquilo brotara do nada me dava a impressão de um capricho. – Você ainda é menor, Arnie. Eles têm que assinar o seu programa...

– Claro, eu sei disso – respondeu Arnie. Sorriu para mim sem humor e, àquela claridade fria da manhã, pareceu ao mesmo tempo mais velho e muito, muito mais jovem... algo assim como uma criança cínica. – Eles têm o poder de cancelar todo o meu programa para o outro ano, se quiserem, trocando-o por um de sua preferência. Querendo, podem matricular-me em Economia Doméstica e Mundo da Moda. A lei diz que podem. Entretanto, não há nenhuma lei dizendo que podem me obrigar a fazer o que quiserem.

Aquilo me abriu os olhos – quero dizer, mostrou a que distância ele fora. Como era possível que um calhambeque caindo aos pedaços chegara a significar tanto para ele e tão depressa? Nos dias seguintes, essa pergunta ficou insistindo comigo de maneiras diferentes, como eu sempre imaginara que seria um desgosto recente. Quando Arnie disse a Michael e Regina que ia ficar com o carro, falava sério. Ele seguira diretamente para aquele lugar

onde eram mais fortes as suas expectativas e avançara com uma impiedosa diligência que me surpreendia. Não creio que táticas menores funcionassem com Regina, mas a verdade é que Arnie conseguira surpreender-me. De fato, ele me surpreendera um bocado. O que fervia por baixo daquilo era que, se Arnie passasse seu último ano em T.V., a universidade seria jogada pela janela. E, para Michael e Regina, isso era uma impossibilidade.

– Quer dizer que... então eles desistiram?

Era quase como extorquir-lhe as respostas, porém eu não podia deixar as coisas assim, enquanto não soubesse tudo.

– Não dessa maneira. Eu disse que encontraria um lugar para guardar o carro e que não tentaria submetê-lo a uma vistoria ou registro sem a aprovação deles.

– Acha mesmo que vai levar a melhor nisto?

Ele esboçou um breve e soturno sorriso, ao mesmo tempo confiante e amedrontado. Era o sorriso de um operador de escavadeira, baixando a lâmina de um Cat D-9, diante de um barranco especialmente difícil.

– Levarei – respondeu Arnie. – Quando quero, eu levo a melhor. E sabem de uma coisa? Acreditei que ele levaria mesmo.

ARNIE SE CASA

Recordo o dia

Quando o escolhi entre todo aquele ferro-velho,

Eu podia dizer que ele era ouro,

Debaixo daquela camada de ferrugem,

E sem batidas...

— The Beach Boys

Podíamos ter duas horas de trabalho extra naquela noite de sexta-feira, mas não quisemos. Recolhemos nossos cheques no escritório, descemos até a filial de Libertyville do Banco de Empréstimos e Poupança de Pittsburgh e os descontamos. Depositei a maior parte do meu em uma conta de poupança, deixei cinquenta na conta corrente (ter uma conta corrente fazia com que me sentisse inquietantemente adulto — imagino que a sensação se apague com o tempo) e fiquei com vinte em dinheiro.

Arnie retirou todo o seu cheque em dinheiro vivo.

— Tome — disse ele, estendendo-me uma nota de dez.

— Não — respondi. — Fique com ela, cara. Vai precisar de cada centavo, antes de terminar aquela lanterna.

— Aceite — insistiu ele. — Eu pago minhas dívidas, Dennis.

— Guarde o dinheiro. Sinceramente.

— Aceite.

Ele estendia a nota, inexoravelmente. Apanhei-a, mas o obriguei a ficar com o dólar que sobrava. Arnie não queria aceitar.

Ao cruzarmos a cidade em direção ao terreno da casa de LeBay, Arnie ficou mais agitado, tocando o rádio alto demais, marcando um improvisado compasso primeiro batendo nas coxas, depois no painel de instrumentos.

Foreigner começou a cantar "*Dirty White Boy*".

— É a história da minha vida, Arnie meu chapa — falei.

Ele riu, muito alto e por muito tempo. Agia como homem esperando que a mulher tenha um bebê. Por fim, percebi que estava assustado, temendo que LeBay houvesse vendido o carro, fora do combinado.

— Fique calmo, Arnie — falei. — Ele está lá.

— Estou calmo, estou calmo — disse, oferecendo-me um largo, brilhante e falso sorriso. Naquele dia, sua pele estava pior do que nunca, e me perguntei (não pela primeira, nem pela última vez) como se sentiria sendo Arnie Cunningham, encurralado atrás daquele rosto gotejante, de segundo a segundo, minuto a minuto e...

— Ora, pare de suar! Está agitado como se tivesse borrado as calças, antes mesmo de chegarmos lá!

— Não estou suando — disse ele.

Batucou outro nervoso compasso no painel de instrumentos, justamente para me provar que não estava nervoso. "*Dirty White Boy*", de Foreigner, foi substituído por "*Jukebox Heroes*", também cantado por ele. Era um anoitecer de sexta-feira e o *Block Party Weekend* já começara, em FM-104. Quando recordo aquele ano, meu último ano escolar, tenho a sensação de que poderia medi-lo em quarteirões de rock... e uma ascendente, uma fantástica sensação de terror.

— O que significa isso exatamente? — perguntei. — O que há de mais nesse carro?

Ele ficou olhando para Libertyville Avenue sem dizer nada, durante um tempão. Depois desligou o rádio com um gesto rápido, cortando o vôo de Foreigner pelo meio.

— Não sei ao certo — respondeu. — Talvez seja porque, pela primeira vez, desde que fiz onze anos e comecei a ficar com espinhas, tenha visto

uma coisa ainda mais feia do que eu. Não é o que queria que eu dissesse? Isto não o deixa em uma categoriazinha elegante?

— Ei, Arnie, o que há? — falei. — Este aqui é o Dennis, lembra-se de mim?

— Claro que me lembro — replicou ele. — E ainda somos amigos, certo?

— Certo, pela última vez que chequei. Mas o que tem isso a ver com...

— Significa que não precisamos mentir um para o outro. Pelo menos, é o que penso. Portanto, quero lhe dizer, talvez nem tudo seja legal. Sei o que sou. Sou feio. Não faço amigos com facilidade. De certa forma... afugento as pessoas. Não é minha intenção, mas acontece. Você entende?

Assenti com certa relutância, Como ele dissera, éramos amigos e isso significava que as mentiras e tolices deviam ser reduzidas ao mínimo.

Ele assentiu de volta, com naturalidade.

— Outras pessoas — disse, para então acrescentar, cautelosamente —, você por exemplo Dennis, nem sempre entendem o que isto significa. Quando a gente é feio e os outros riem de nós, a maneira como vemos o mundo se modifica. E muito difícil manter o senso de humor. É uma coisa que se gruda por dentro. Às vezes, até é difícil permanecer lúcido.

— Bem, eu posso entender isso, mas...

— Não — disse ele, calmo. — Você não pode entender. Pensa que pode, mas não pode. Não mesmo! Mas você gosta de mim, Dennis...

— Eu adoro você, cara — falei. — Sabe muito bem disso.

— Talvez — respondeu ele —, e fico satisfeito. Se gosta de mim, é porque sabe que existe algo mais... qualquer coisa por baixo das espinhas e de meu rosto imbecil...

— Seu rosto não é imbecil, Arnie — discordei. — Pode ser esquisito, mas não imbecil.

— Foda-se — disse ele, sorrindo.

— Foda-se também o pangaré que vai montar, Cavaleiro da Montanha.

— De qualquer modo, aquele carro é assim. Há qualquer coisa por baixo dele. Algo mais. Algo melhor. Eu sinto, é só isso.

— Sente?

— Exato, Dennis — disse ele, tranqüilo. — Eu sinto.

Dobrei para Main Street. Estávamos chegando à casa de LeBay. De repente, tive uma idéia absolutamente idiota. E se o pai de Arnie tivesse convocado alguns de seus amigos ou alunos para irem à casa de LeBay e comprar aquele carro, tirando-o de seu filho? Poder-se-ia dizer que seria um toque maquiavélico, só que a mente de Michael Cunningham era mais do que ligeiramente tortuosa. Sua especialidade era História Militar.

— Eu vi aquele carro e senti tal *atração* por ele... Nem mesmo para mim sei explicar bem como foi, mas...

A voz se extinguiu, aqueles olhos cinzentos e sonhadores pareciam ver o futuro.

— Eu vi que poderia melhorá-lo — concluiu.

— Consertá-lo, quer dizer, não é?

— Sim... bem, não. Assim, seria muito impessoal. A gente conserta mesas, cadeiras, essas coisas. O cortador de grama, quando não quer funcionar. E carros comuns.

Talvez ele tivesse visto minhas sobrancelhas erguidas. De qualquer modo, deu uma risada — uma risadinha defensiva.

— Certo, percebo como a coisa soa — disse. — Nem mesmo gostaria de colocar em palavras, porque sei como soa, mas você é um amigo, Dennis. E isto significa um mínimo de conversa fiada. Não acredito que aquele seja um carro comum. Não sei por que penso assim, mas... é o que penso.

Abri a boca para dizer algo que mais tarde poderia lamentar, algo sobre tentar olhar as coisas de outra forma ou mesmo evitar um comportamento obsessivo. Entretanto, naquele exato momento, dobramos a esquina e entramos na rua de LeBay.

Arnie encheu os pulmões de ar, em uma inspiração rude e dolorida.

No gramado de LeBay, havia um retângulo ainda mais amarelado, mais pelado e feio do que o resto do terreno. Perto de uma extremidade do retângulo, havia uma mancha de óleo com aparência doentia, que mergulhara no solo, matando tudo que ali crescera antes. Aquele pedaço retangular de terreno era tão infernalmente extenso que, acho, quem olhasse para ele por muito tempo ficaria cego.

Era ali que estivera o Plymouth 58, no dia anterior.

O chão continuava lá, mas o Plymouth se fora.

— Arnie — falei, quando encostei o carro no meio fio —, vá com calma. Não se descontrole, pelo amor de Deus!

Ele não me deu a menor atenção e até duvido que me tivesse ouvido. Seu rosto ficara lívido. As equimoses que o cobriam tornaram-se purpúreas, ganhando relevo. Antes mesmo que eu freasse, ele já escancarava a porta de meu Duster, no lado do passageiro, e mergulhava para fora.

— Arnie...

— Foi meu pai — disse ele, com raiva e desgosto. — Posso farejar aquele filho da mãe em *tudo* isto!

Disparou em seguida, correndo pelo gramado até a porta de LeBay.

Saí do carro e corri atrás dele, refletindo que aquela merda nunca mais teria fim. Mal podia acreditar que acabara de ouvir Arnie Cunningham chamar Michael de filho da mãe.

Arnie erguia o punho para martelar a porta, quando ela se abriu. Roland D. LeBay, em pessoa, surgiu à vista. Agora usava uma camisa sobre o

colete para as costas. Olhou para o rosto enfurecido de Arnie com um sorriso benignamente cobiçoso.

— Olá, filho — disse.

— Onde está ele? — perguntou Arnie, fora de si. — Nós fizemos um negócio! Droga, fizemos um negócio! Entregou-me um recibo!

— Baixe a febre — disse LeBay. Então me viu, parado junto ao último degrau, com as mãos enfiadas nos bolsos. — O que há de errado com seu amigo, filho?

— O carro sumiu — falei. — É o que há de errado com ele.

— Quem o comprou? — gritou Arnie.

Eu nunca o vira tão enfurecido. Se tivesse uma arma naquele momento, creio que a teria encostado à tábua de LeBay. Fiquei fascinado, mesmo sem querer. Aquilo era como se um coelho tivesse ficado subitamente carnívoro. Que Deus me perdoe, mas cheguei a pensar, em um relance, se Arnie não teria um tumor no cérebro.

— Quem o comprou? — repetiu LeBay brandamente. — Até agora, ninguém, filho. Bem, você deu um sinal pelo carro. Eu o levei para a garagem, eis tudo. Coloquei o pneu sobressalente e troquei o óleo.

O velho empertigou-se e então ofereceu-nos um sorriso absurdamente magnânimo.

— Você é um grande sujeito — falei.

Arnie o fitou com incerteza, depois girou bruscamente a cabeça para a porta fechada da modesta garagem para um carro, anexada à casa por um corredor coberto. Um corredor que, como tudo o mais na propriedade de LeBay, já vira melhores dias.

— Por outro lado, não quis deixá-lo aqui fora, já que você tinha dado um sinal de compra — disse ele. — Um ou dois caras desta rua podiam criar problemas. Certa noite, um garoto atirou uma pedra em meu carro. Oh,

claro, tenho alguns vizinhos saídos diretamente da B.E.P.

— O que é isso? — perguntei.

— É a Brigada dos Espíritos de Porco, filho.

Ela varreu o lado oposto da rua com um maligno olhar de caçador à espreita, abrangendo os carros simples e econômicos que agora tinham retomado do trabalho para casa, as crianças brincando de pique e pulando corda, as pessoas sentadas à porta de casa e bebericando, à primeira brisa da noite fria.

— Eu gostaria de saber quem jogou aquela pedra — disse ele, em voz branda. — Sim, senhor, eu gostaria de saber quem foi.

Arnie pigarreou.

— Sinto muito ter-lhe falado daquela maneira.

— Não tem importância — respondeu LeBay vivamente. — Gosto de ver um sujeito exigir o que é seu... ou quase seu. Trouxe o dinheiro, garoto?

— Sim, trouxe.

— Muito bem, entrem. Você e seu amigo também. Vou passar um recibo de compra em seu nome e tomaremos um copo de cerveja para comemorar.

— Não, obrigado — falei. — Eu fico aqui fora, se não se importa.

— Isso é com você, filho — disse LeBay... e me piscou o olho.

Até hoje não sei bem o que significaria aquela piscadela. Os dois entraram e a porta bateu, fechando-se atrás deles. O peixe caíra na rede e agora ia ser escamado.

Sentindo-me deprimido, caminhei pelo corredor coberto até a garagem e tentei abrir a porta. Ela deslizou para cima com facilidade e aspirei os mesmos odores já sentidos, quando abrira a porta do Plymouth, na véspera: óleo, estofamento antigo, o calor acumulado de um longo verão.

Ancinhos e alguns velhos apetrechos de jardim alinhavam-se ao longo de uma parede. Na outra, uma mangueira velhíssima, uma bomba de bicicleta e um antigo saco de golfe, cheio de tacos enferrujados. No meio da garagem, com a proa virada para a saída, estava Christine, o carro de Arnie, parecendo ter um quilômetro de comprimento naquela época, em que os próprios Cadillacs davam uma idéia de comprimidos e semelhantes a caixotes. A confusa teia de aranha de rachaduras a um lado do pára-brisa captou a claridade, transformando-a em um prateado sujo. Um garoto com uma pedra — tinha dito LeBay —, ou talvez um ligeiro acidente, ao voltar para casa, vindo de uma reunião com os VFW (os veteranos de guerras no estrangeiro), após uma noite bebendo uísque misturado a cerveja e contando histórias sobre a Batalha do Bulge ou de Pork Chop Hill. Os bons e velhos tempos, quando um homem podia ver a Europa, o Pacífico e o misterioso Oriente de trás da mira de uma bazuca. Quem podia saber... e o que importava? De qualquer modo, não ia ser fácil encontrar um pára-brisa para reposição tão grande como aquele.

E nem ia ser barato.

Oh, Arnie! pensei. Cara, você está indo muito fundo.

O pneu que LeBay trocara descansava contra a parede. Agachei-me sobre as mãos e os joelhos, para uma espiada debaixo do carro. Uma recente mancha de óleo começava a formar-se ali, negra contra o fantasma acastanhado de outra mais antiga e mais larga, que se infiltrara no cimento, durante um período de anos. Aquilo não diminuiu minha depressão. Sem dúvida, o bloco do motor devia estar rachado.

Dei a volta até o lado do motorista e, ao segurar o volante, avistei uma lata de lixo no canto mais distante da garagem. Por sobre a borda, assomava uma enorme garrafa de plástico. As letras SAPPH eram visíveis acima da borda.

Grunhi. Muito bem, ele trocou o óleo. Quanta gentileza. Retirara o velho — o que quer que houvesse sobrado dele — e despejara alguns quartos

de Sapphire Motor Oil. É o troço que se consegue a 3 dólares e cinquenta em Mammoth Mart, por lata de cinco galões reciclados. Roland D. LeBay era um verdadeiro príncipe, sem dúvida. Roland D. LeBay era um sujeito formidável.

Abri a porta do carro e deslizei para trás do volante. Agora, o cheiro na garagem não parecia tão pesado ou tão carregado com impressões de desuso e fracasso. O volante era amplo e vermelho — um volante de confiança. Tornei a olhar para aquele espantoso velocímetro, aquele velocímetro calibrado, não para 70 ou 80, mas todo o caminho até 120 milhas por hora. Não havia a marcação por quilômetro, em pequenos números vermelhos, abaixo das milhas; quando aquele bebê rodara para fora da linha de montagem, a idéia do sistema métrico ainda não ocorrera a ninguém em Washington. Tão pouco vi qualquer grande 55 em vermelho no velocímetro. Naquele tempo, a gasolina saía por 29,9 o galão, talvez menos, se em sua cidade estivesse em prática o preço de guerra. Os embargos ao petróleo árabe e as penalidades quanto ao limite de velocidade, ainda estavam a quinze anos de distância.

Os bons e velhos tempos, pensei, e tive que sorrir um pouco. Remexi no lado esquerdo do assento, embaixo, e encontrei o pequeno console com o botão que movia o banco para diante e para trás, para cima e para baixo (se ainda funcionava, claro). Mais poder para você, como se diz por aí. Havia um condicionador de ar (com *toda certeza*, aquilo não funcionava), controle para velocidade de cruzeiro e um enorme rádio com botões de apertar e montanhas de cromados — AM apenas, é claro. Em 1958, a FM era principalmente um deserto vazio.

Segurei o volante com as duas mãos e algo aconteceu.

Mesmo hoje, depois de muito refletir, não imagino exatamente o que fosse. Uma visão, talvez — mas se fosse, talvez não tivesse grande importância. Acontece que, por um momento, aquele estofamento rasgado parecia ter desaparecido. Agora estava inteiro, desprendendo um cheiro

agradável de vinil... ou talvez aquele cheiro fosse de couro verdadeiro. As partes gastas da direção haviam sumido; o cromado piscava alegremente à claridade noturna do verão, entrando pela porta da garagem.

Vamos sair daqui e dar uma volta, garotão, Christine pareceu sussurrar, em meio ao quente silêncio estival da garagem de LeBay. Vamos rodar por aí.

Então, só por um instante, pareceu que *tudo* mudara. Aquela horrorosa confusão de rachaduras no pára-brisa sumira — ou era esta a impressão. O pequeno trecho do gramado de LeBay, que eu podia ver dali, não estava amarelado, ralo e maltratado, mas ficara de um verde exuberante e farto, recentemente aparado. A calçada mais além estava cimentada de fresco, sem uma fenda no piso à vista. Eu vi (pensei ou sonhei ter visto) um motor de Cadillac 57 à minha frente. Aquele cavalo empinado GM era de um verde-hortelã, não havia o menor salpico de ferrugem na lataria, os pneus eram enormes, de banda branca, com calotas refletindo mais que espelhos. Um Cadilac do tamanho de um iate, por que não? A gasolina era quase tão barata como a água da torneira.

Vamos sair daqui e dar uma volta, garotão... Vamos rodar por aí.

Claro, por que não? Eu podia ligar o motor e rumar para o centro da cidade, em direção ao antigo ginásio que ainda estava de pé — ele só se incendiaria seis anos mais tarde, em 1964 — e eu poderia ligar o rádio, para ouvir Chuck Berry cantando "*Maybelline*" ou os Everlys em "*Wake up little Susie*". Talvez Robin Luke, gemendo "*Susie Darling*". E então, eu...

E então saí daquele carro, o mais depressa que pude. A porta se abriu com um infernal rangido enferrujado e arranhei fundo o cotovelo, em uma das paredes da garagem. Empurrei a porta para que se fechasse (falando francamente, eu nem queria tocar nela) e então fiquei lá parado, contemplando o Plymouth que, salvo algum milagre, logo pertenceria a meu amigo Arnie. Esfreguei o osso arranhado do cotovelo. Meu coração batia aceleradamente.

Nada. Não havia cromados novos nem novo estofamento. Ao

contrário, havia uma profusão de amassaduras e ferrugem, faltava um farol dianteiro (detalhe que, na véspera, me passara despercebido) e a antena do rádio se inclinava em um ângulo esquisito. Mais aquela poeira, o cheiro sujo de velhice.

Naquele momento, decidi que não gostava do carro de meu amigo Arnie.

Sai da garagem, olhando constantemente para trás por sobre o ombro – sei lá por quê, mas não gostava daquilo às minhas costas. Sei que pode parecer absurdo, mas era como me sentia. E lá estava o carro, com o radiador amassado e enferrujado, sem nada de sinistro e nem mesmo estranho, apenas um velho automóvel Plymouth, com uma etiqueta adesiva de inspeção, que caducara em 1º de junho de 1976 muito tempo atrás.

Arnie e LeBay saíam da casa. Arnie tinha na mão um pedaço de papel, que deduzi ser seu recibo de compra. As mãos de LeBay estavam vazias; ele já fizera o dinheiro desaparecer.

– Espero que desfrute bastante da máquina – dizia LeBay, fazendo-me pensar em um gigolô muito idoso, engambelando um rapaz muito novo. Senti uma onda de pura aversão por ele... ele com sua psoríase no crânio e seu suado colete ortopédico. – Creio que a desfrutará. Com o tempo.

Seus olhos ligeiramente remelosos encontraram os meus, fixaram-se neles por um segundo e depois deslizaram de volta a Arnie.

– Com o tempo – repetiu.

– Sim, senhor, tenho certeza disso – respondeu Arnie, alheiamente. Moveu-se para a garagem como um sonâmbulo e ficou parado, olhando seu carro.

– As chaves estão nele – disse LeBay. – Terá que levá-lo daqui. Compreende, não?

– E o motor dará partida?

— Deu partida ontem para mim, à noite — disse LeBay, mas seus olhos se voltaram para o horizonte. Depois em um tom de quem lavou as mãos em todo aquele negócio, acrescentou: — Seu amigo aqui deve ter algum cabo no porta-mala.

Bem, para dizer a verdade, eu *tinha* o cabo no porta-mala, porém não gostei muito de LeBay ter adivinhado isso. Não gostei que ele adivinhasse, porque... Suspirei de leve. Porque não queria ser envolvido no futuro relacionamento de Arnie com o calhambeque que havia comprado. No entanto, estava me vendo ser arrastado para aquilo, passo a passo.

Arnie cessara inteiramente a conversa. Caminhou para a garagem e entrou no carro. O sol do fim da tarde agora batia em cheio sobre o carro e vi a pequena nuvem de poeira que subiu quando Arnie se sentou, e sacudi automaticamente os meus fundilhos. Por um instante, ele ficou apenas parado diante do volante, as mãos segurando-o frouxamente, e senti que minha inquietação voltava. De certa forma, era como se o Plymouth o tivesse engolido. Disse a mim mesmo para parar com aquilo, que não havia nenhuma maldita razão para que continuasse agindo como uma menininha imbecil da sétima série.

Então, Arnie inclinou-se ligeiramente. O motor começou a dar partida, depois morreu. Virando-me, atirei um olhar irritado e acusador para LeBay, porém ele voltara a estudar o céu, como que em busca de chuva.

Aquele motor não ia pegar, não ia pegar de maneira alguma. Meu Duster estava em ótimo estado, mas os dois carros que eu tivera antes eram calhambeques (calhambeques *recauchutados* e nenhum deles pertencendo à mesma categoria de Christine), portanto, ficara bem familiarizado com aquele som nas manhãs frias de inverno, aquele lento e cansado ruído desconjuntado, indicando que a bateria arranhava o fundo do barril.

Rurr-rurr-rurr... rurr... rurr... rurr... rurr...

— Não se preocupe, Arnie — falei. — Não vai pegar nunca.

Ele nem mesmo ergueu a cabeça. Desligou e tornou a girar a chave na ignição. O motor resmungou, com dolorosa e difícil lentidão. Encaminhei-me para LeBay.

— Não podia tê-lo deixado trabalhar o tempo suficiente para carregar um pouco a bateria, pelo menos? — perguntei.

LeBay me fitou com seus olhos remelentos e amarelados, sem nada dizer. Depois começou a perscrutar novamente o céu, pesquisando chuva.

— O mais provável é que nem tenha chegado a trabalhar. Talvez você tenha arranjado uns dois amigos que o ajudaram a empurrá-lo até a garagem. Se é que um velho imbecil como você tem amigos.

Ele baixou os olhos para mim.

— Você não sabe tudo, filho — disse. — Ainda nem aprendeu a enxugar atrás das orelhas. Quando tiver passado por duas guerras, como eu...

— Suas duas guerras que se fodam! — repliquei deliberadamente.

Caminhei para a garagem, onde Arnie continuava tentando ligar o motor de seu carro. Pensei que seria mais fácil secar o Atlântico com um canudinho de palha ou ir até Marte em um balão de ar quente.

Rurr... rurr... rurr...

Logo o último ohm, o último erg, seriam sugados daquela velha bateria da Sears, não restando senão o mais desanimador de todos os sons automotrizes, ouvidos tão comumente em estradas secundárias encharcadas de chuva e auto-estradas desertas: o clique estéril e monótono do solenóide, seguido por um terrível som semelhante a um chocalho.

Abri a porta do lado do motorista.

— Vou apanhar meus cabos — falei. Ele ergueu os olhos.

— Acho que ele vai pegar para mim — respondeu.

Senti meus lábios se distenderem em um largo sorriso de dúvida.

– De qualquer modo, vou buscar os cabos.

– Está bem, já que você quer — Arnie respondeu com ar ausente. Então, em uma voz quase inaudível, acrescentou: — Vamos, Christine! O que me diz?

No mesmo instante, aquela voz despertou em minha cabeça e tornou a falar: *Vamos sair daqui e dar uma volta, garotão... Vamos rodar por aí... e estremeci.*

Ele tornou a girar a chave. Esperei o clique seco do solenóide e o chocalhar que logo engasgaria. No entanto, o que ouvi foi o lento estertorar do motor, de repente ganhando velocidade. O motor pegou, ficou assim um instante, depois morreu. Arnie girou a chave novamente. O motor trabalhou mais depressa. O arranque soava tão alto como uma bomba usada, mas em bom estado, naquele confinado espaço da garagem. Sobressaltei-me. Arnie continuou quieto, perdido em seu próprio mundo.

A essa altura, eu já teria praguejado umas duas vezes, apenas para dar força, para ajudar a máquina: *Vamos, filha da puta*, sempre é uma boa pedida; *Pegue, porra!* também tem seus méritos e, às vezes, apenas um bom e saudável *merda-PEGUE!* realiza o milagre. A maioria dos caras que conheço faria o mesmo; penso que isto é apenas uma das coisas que aprendemos com nosso pai.

O que nos fica da mãe, em geral, são conselhos práticos e insistentes: se cortar as unhas dos pés duas vezes por mês, não ficará com tantos buracos nas meias; largue uma coisa no chão, e não vai saber onde ela está; coma sua cenoura, porque faz bem — mas é com o pai que aprendemos as palavras mágicas, os talismãs do poder. Se o carro não pega, xingue-o... e certifique-se de que o xingamento seja no feminino. Se recuássemos sete gerações, provavelmente veríamos um de nossos tataravós xingando a maldita cadela daquele burro que parou na metade da ponte em que se pagava pedágio, em algum lugar do Sussex ou de Praga.

Arnie, entretanto, não xingou em absoluto. Murmurou baixinho:

— Vamos, boneca, o que me diz?

Girou a chave. A máquina estremeceu duas vezes, o arranque tornou a soar e então pegou. Era um som horrível, como se quatro dos oito êmbolos houvessem tirado folga naquele dia, mas o motor continuou funcionando. Eu mal podia acreditar, porém não pretendia ficar por ali e discutir o caso com Arnie. A garagem se enchia rapidamente de fumaça azul e vapores. Fui para fora.

— Afinal, o motor pegou direitinho, não foi? — disse LeBay. — E você não precisará arriscar sua preciosa bateria.

Ele deu uma cusparada. Não pude pensar em algo como resposta. Para ser franco, fiquei um pouco constrangido.

O carro saiu lentamente da garagem, parecendo tão absurdamente comprido que dava vontade de rir, chorar, fazer qualquer coisa. Era difícil acreditar que pudesse ser tão grande. Parecia uma ilusão de ótica. E Arnie ficara ainda menor, atrás do volante.

Ele arriou o vidro da janela e acenou para mim. Tínhamos que gritar, para que nossas vozes fossem ouvidas — era outro detalhe sobre Christine, a garota de Arnie: tinha uma voz extremamente alta e rouca, que exigiria um pronto controle. O que sobrara do sistema exaustor, ao qual se poderia adaptar um silencioso, não passava de um monte de rendilhado ferruginoso. Desde que Arnie tomara posição ao volante, a pequena caixa registradora na seção de automóveis de meu cérebro já totalizara as despesas em cerca de seiscentos dólares — nisto não incluído o pára-brisa estilhaçado. Só Deus sabia quanto poderia custar aquela reposição.

— Vou levá-lo para a Darnell's! — gritou Arnie. — Seu anúncio no jornal diz que posso estacioná-lo nos boxes traseiros por vinte dólares a semana!

— Arnie, vinte dólares por semana em um daqueles boxes dos fundos é demais! — gritei em resposta.

Aí vinha mais roubalheira contra os jovens e inocentes. A Garagem de Darnell fica contígua a um terreno baldio de quatro acres, ocupado por automóveis usados, sob o falsamente animador nome de *Darnell's Used Auto Parts* – Peças Usadas de Carro do Darnell. Eu estivera lá algumas vezes, uma delas a fim de comprar um acionador de arranque para o meu Duster, outra em busca de um carburador recondicionado para o Mercury que havia sido meu primeiro carro. Will Darnell era um sujeito grande e gordo como um porco, que bebia um bocado e fumava compridos charutos, um atrás do outro, embora se dissesse que sua condição de asmático não era das melhores. Ele declarava odiar quase todo adolescente dono de carro em Libertyville... embora isso não o privasse de fazer negócios com eles e enrolá-los.

– Eu sei – berrou Arnie, acima do barulhento motor –, mas será apenas por uma semana ou duas, até eu encontrar um lugar mais barato. Não posso levá-lo para casa do jeito como está, Dennis. Papai e mamãe iam armar uma discussão dos diabos!

Sem a menor dúvida, ele tinha razão. Abri a boca para dizer qualquer coisa mais – talvez pedir-lhe para acabar com aquela loucura, antes que fosse tarde. Então, tornei a fechá-la. O negócio estava feito. Por outro lado, eu não queria mais competir com aquele barulhento cano de descarga e muito menos ficar ali, enviando para os pulmões um bocado da empesteadada fumaceira de carbono que o carro cuspia para fora.

– Está bem – falei. – Irei atrás de você.

– Boa idéia – disse ele, sorridente. – Vou por Walnut Street e Basin Drive. Prefiro ficar fora das ruas principais.

– Certo.

– Obrigado, Dennis.

Ele baixou novamente a transmissão hidramática e o Plymouth saltou um metro para diante, quase se desconjuntando. Arnie desacelerou um

pouco e Christine soprou vento e terra para os lados. O Plymouth desceu a entrada para carros de LeBay, até a rua. Quando Arnie puxou o freio, somente uma lanterna traseira se acendeu. Minha calculadora automotiva mental somou impiedosamente mais cinco dólares.

Ele girou o volante para a esquerda e manobrou para a rua. Os remanescentes do silencioso arranharam ferruginosamente o ponto mais baixo da calçada. Arnie deu mais combustível e o carro rugiu como um refugiado de uma convenção Democrata em Philly Plains. Do outro lado da rua, as pessoas se debruçavam na entrada das casas ou chegavam à porta, para verem o que estava acontecendo.

Resfolegando e grunhindo, Christine rodou pela rua, a uns quinze quilômetros horários, expelindo espessas e fedorentas nuvens de azulado óleo queimado, que ficavam suspensas no ar e então se diluíam lentamente, ao suave anoitecer de agosto.

No sinal, uns quarenta metros adiante, o motor afogou. Um garoto passou pelo calhambeque em seu Raleigh e, até meus ouvidos, chegou seu grito insolente, debochado:

— Leve pro ferro-velho, *mister!*

O punho fechado de Arnie assomou fora da janela. Seu dedo médio ergueu-se no ar, quando fez o gesto obsceno para o guri. Mais uma primeira vez. Eu nunca tinha visto Arnie fazer aquilo para ninguém, em toda a minha vida.

O arranque uivou, o motor tossiu e pegou. Desta feita, houve toda uma série de sons chocalhantes. Era como se alguém comesse a disparar uma metralhadora em Laurel Drive, Libertyville, EUA.

Alguém logo chamaria os tiras, denunciando desordem na via pública e eles enquadrariam Arnie, por dirigir um veículo não-registrado e não-vistoriado — bem como, talvez, pela provocação em público também. Em casa, a situação não iria ficar exatamente uma beleza.

Houve o eco de um tiro final — que reverberou pela rua abaixo como a explosão de um morteiro — e então o Plymouth virou à esquerda, para Martin Street, o que o levaria à Walnut, uns dois quilômetros acima. O sol que se punha transformou ligeiramente em ouro a vetusta lataria vermelha, quando o carro desapareceu de vista. Vi que Arnie tinha o cotovelo dobrado sobre a janela.

Virei-me para LeBay, revoltado novamente, disposto a dizer-lhe mais algumas palavras ásperas. Confesso que estava fervendo por dentro. No entanto, o que vi me tirou prontamente aquela idéia da cabeça.

Roland D. LeBay estava chorando.

Era horrível e grotesco, lamentável acima de tudo. Quando estava com nove anos, tínhamos um gato chamado Capitão Beefheart, que foi atropelado por um caminhão da Limpeza Urbana. Nós o levamos ao veterinário — mamãe precisou dirigir devagar, porque chorava e não conseguia ver direito, enquanto eu estava no banco traseiro, com o Capitão Beefheart. Ele estava em uma caixa e eu lhe dizia que o veterinário ia salvá-lo, que tudo ia ficar bem, mas mesmo um garotinho cabeça oca de nove anos como eu podia ver que nunca mais tudo ia ficar novamente certo para o Capitão Beefheart, porque algumas de suas tripas estavam para fora, havia sangue saindo de seu ânus, fezes na caixa e em seu pêlo, e ele estava morrendo. Tentei afagá-lo e ele me mordeu a mão, bem nas peles sensíveis entre o polegar e o indicador. Foi uma dor forte e aumentou aquela sensação de pena. Eu nunca mais sentira nada igual, desde então. Não que eu me queixasse, compreendam; não creio que as pessoas sintam isso muitas vezes. Se alguém experimentar muitas dessas sensações, é levado para fazer cestas no hospício.

LeBay estava de pé em seu relvado careca; não muito distante do lugar em que aquela enorme mancha de óleo havia desfolhado tudo. Puxara um lenço enorme e, de cabeça baixa, enxugava os olhos com ele. As lágrimas brilhavam gordurosas em suas faces, mais como suor, do que lágrimas

verdadeiras. Seu pomo-de-adão subia e descia.

Virei a cabeça, para não ter de vê-lo chorando e, por acaso, meus olhos se fixaram em sua garagem para um carro. Antes ela parecera entulhada — com os apetrechos ao longo da parede, claro, porém principalmente por causa daquele imenso carro velho, com seus faróis dianteiros duplos, o pára-brisa panorâmico e o capô de um acre. Agora, as coisas encostadas à parede serviam apenas para acentuar o vazio essencial da garagem, boquiaberto como uma boca desdentada.

Aquilo era quase tão horrível quanto LeBay. No entanto, quando olhei de novo, o velho filho da puta já se controlara — bem, quase. Parara de enxugar os olhos e enfiara o lenço no bolso traseiro de suas práticas calças de velho. O rosto, contudo, continuava desolado. Muito desolado.

— Bem, aí está — comentou, em voz roufenha. — Fiquei sem a minha máquina, filho.

— Eu só queria que meu amigo pudesse dizer a mesma coisa — repliquei. — Se soubesse o problema que ele vai ter com seus velhos, por causa daquela lata enferrujada...

— Saia daqui! — ordenou o velho. — Você parece um maldito carneiro! É só béé, béé, béé, que ouço saindo de sua goela! Acho que aquele seu amigo sabe muito mais do que você. Vá ver se ele precisa de ajuda!

Desci o gramado até meu carro. Não queria ficar por ali, perto de LeBay, nem mais um segundo.

— É só béé, béé, béé! — gritou ele as minhas costas, rabugentemente, fazendo-me pensar naquela antiga canção dos Youngbloods: *Sou um cara de uma só nota, nela toco tudo o que posso*. — Você não sabe metade do que pensa que sabe!

Entrei em meu carro e afastei-me dali. Ao dobrar para a Martin Street, olhei para trás ainda uma vez e o vi de pé em seu terreno, com o sol brilhando em sua calva.

Da maneira como aconteceram as coisas, LeBay estava certo. Eu não sabia metade do que imaginava saber.

COMO CHEGAMOS À DARNELL'S

Tenho um calhambeque 34

E o chamamos de biruta,

Compreendam, não tem nada de jovem,

Até já é bem velho, mas ainda muito bom...

— Jan and Dean

Desci pela Martin até Walnut e dobrei para a direita, em direção a Basin Drive. Não demorei muito a emparelhar com Arnie. Ele havia parado junto ao meio-fio e a tampa do capô de Christine estava erguida. Um macaco de automóvel, tão velho que quase parecia ter sido usado outrora para trocar rodas dos carroções Conestoga, jazia contra o empenado pára-choque traseiro. O pneu traseiro da direita estava murcho.

Freei atrás dele, e mal tinha saído do carro quando uma mulher nova saiu de sua casa em nossa direção, esgueirando-se por entre uma boa coleção de objetos de plástico fincados em sua grama (dois flamingos cor-de-rosa, quatro ou cinco patinhos enfileirados atrás da grande mãe pata e um poço dos desejos bastante apresentável, com flores de plástico brotando do balde de plástico). A mulher precisava urgentemente de orientação dos Vigilantes de Peso.

— Não podem deixar esse lixo aqui! — avisou, mascando boa quantidade de chicletes. — Não podem deixar esse lixo parado diante da nossa casa, espero que saibam disso.

— Foi apenas um pneu vazio, madame — disse Arnie. — Vou tirar o carro daqui, assim que...

— Não pode deixá-lo aí e espero que saiba disso! — insistiu ela, como que em louca circularidade. — Meu marido logo estará chegando e não quer nenhuma lata velha diante da casa.

— Não é uma lata velha! — exclamou Arnie, e algo em seu tom a fez recuar um passo.

— Não fale comigo nesse tom de voz, filho — disse insolentemente aquela obesa rainha do *be-bop*. — Não é preciso muita coisa para meu marido ficar furioso!

— Escute aqui — começou Arnie.

Era a mesma voz inexpressiva e perigosa que usara quando Michael e Regina tinham começado a discutir com ele. Agarrei-lhe o ombro com força. Não havia necessidade de mais confusão.

— Obrigado, madame — falei. — Tiraremos o carro daqui em um instante. Vamos dar um jeito nele tão depressa, que nem vai acreditar.

— Acho melhor — disse ela, e então apontou um polegar para o meu Duster. — E o *seu* carro está parado diante da entrada da minha garagem.

Fiz meu carro recuar. Ela espiou a manobra e depois também recuou sacolejando para a casa, onde um garotinho e uma garotinha se espremiavam na porta. Também eram gorduchos. Cada um deles comia um belo e nutritivo sanduíche.

— O que foi, mãe? — perguntou o garotinho. — O que foi com o carro daquele homem, mãe? O que foi?

— Cale a boca! — ordenou a rainha do *be-bop*, empurrando as duas crianças para dentro. Sempre gostei de ver pais esclarecidos como aquela mulher; isso me enche de esperanças no futuro. Virei-me para Arnie.

— Muito bem — falei, dizendo a única coisa inteligente em que pude pensar —, no fundo, foi apenas um pneu furado, Arnie. Certo?

Ele sorriu aereamente.

— Estou com um probleminha, Dennis — disse.

Eu sabia qual era o seu problema: não tinha sobressalente. Arnie tornou a puxar a carteira — dava pena vê-lo fazendo aquilo — e olhou em seu

interior.

– Preciso de um pneu novo – continuou.

– Claro, acho que precisa. Um recauchutado...

– Nada de recauchutados. Não é assim que quero começar.

Fiquei calado, mas olhei para meu Duster. Tinha dois recauchutados nele e decidi que eram ótimos.

– Quanto acha que custariam um Goodyear ou Firestone novos, Dennis?

Dei de ombros e consultei a pequena calculadora automotiva. Ela concluiu que Arnie talvez conseguisse um pneu simples, sem banda branca, por uns trinta e cinco dólares. Ele puxou duas notas de vinte da carteira e as estendeu para mim.

– Se for mais, com o imposto e tudo, pagarei a diferença. – Olhei para ele com tristeza.

– Quanto sobrou de seu pagamento da semana, Arnie? Seus olhos estreitaram-se, desviando-se dos meus.

– O bastante – respondeu.

Decidi tentar mais uma vez – lembrem-se de que eu tinha apenas dezessete anos, ainda acreditando que devemos mostrar aos outros como agir melhor.

– Você não conseguiria tomar parte em um jogo de pôquer de um níquel – falei. – Enfiou neste carro o que ganhou em toda a semana. Esvaziar a carteira vai ser um gesto muito familiar para você, Arnie. Por favor, cara. Reflita bem!

Seus olhos eram pétreos. Eu nunca lhe vira antes aquela expressão e, embora talvez me considerem o mais ingênuo adolescente da América, não me lembrava de tê-la visto em *qualquer outro* rosto. Estava surpreso e desalentado – era como se, de repente, descobrisse que procurava ter uma

conversa racional com um indivíduo simplesmente lunático. Mais tarde, tornei a ver tal expressão e imagino que o mesmo lhes tenha sucedido. Hermetismo absoluto. É a expressão facial do sujeito ao qual dizemos que a mulher a quem ama o anda corneando pelas costas.

— Pare com isto, Dennis — disse ele. Levantei as mãos, exasperado.

— Está bem! Está bem!

— E também não precisa ir ver o maldito pneu, se não quiser. — Ainda aquela expressão pétrea, obstinada em seu rosto, e estupidamente inflexível, posso jurar. — Eu dou um jeito!

Eu ia responder, e bem poderia ter dito algo bem desaforado, mas aconteceu que olhei para a esquerda. As duas criancinhas roliças estavam lá, nos limites de seu gramado. Montadas em dois velocípedes idênticos, gêmeos, com os dedos manchados de chocolate. Olhavam para nós, solenes.

— Não precisa se exaltar, cara — falei. — Vou arranjar o pneu.

— Só vá se quiser mesmo ir, Dennis — disse ele. — Sei que já está ficando tarde.

— Está esfriando — respondi.

— Moço? — chamou o garotinho, lambendo o chocolate dos dedos.

— Mamãe disse que esse carro é um cocô.

— Isso mesmo — ecoou a garotinha. — Cocô-bosta.

— Cocô-bosta — disse Arnie. — Ora, isto é muito inteligente, não é, crianças? Sua mãe é filósofa?

— Não — respondeu o garotinho. — Ela é Capricórnio. Eu sou Libra. Minha irmã é...

— Volto o mais depressa que puder — falei, desajeitadamente.

— Certo.

— Fique calmo.

– Não se preocupe. Não vou agredir ninguém.

Corri para meu carro. Enquanto deslizava para trás do volante, ouvi a garotinha perguntar a Arnie, bem alto:

– Por que a sua cara é tão suja, moço?

Dirigi uns dois quilômetros até JFK Drive que — segundo minha mãe, criada em Libertyville — havia sido o centro de uma das zonas mais apreciadas da cidade, na época em que Kennedy fora assassinado, em Dallas. Talvez tivesse dado azar, rebatizar Barnswallow Drive em homenagem ao Presidente morto, porque desde os primeiros anos da década de 60 a área nos arredores da rua degenerara para uma faixa ex-urbana. Havia um cinema *drive-in*, um McDonald's, um Burger King, um Arby's e o Big Twenty Lanes. Havia ainda uns oito ou dez postos de gasolina, uma vez que a JFK Drive leva à Pennsylvania Turnpike, auto-estrada com pedágio.

Conseguir o pneu de Arnie devia ser coisa de minutos, mas os dois primeiros postos onde parei eram daqueles de auto-serviço, que nem ao menos vendem óleo, mas apenas gasolina; tinham uma garota com ar de retardada atrás de uma cabine de vidro à prova de bala, dessas que ficam sentadas diante de um console de computador, lendo um *National Enquirer* e mascando um punhado de goma, suficientemente grande para asfixiar uma mula do Missouri.

O terceiro era um posto Texaco, com uma liquidação de pneus. Pude comprar para Arnie um pneu comum que se encaixaria em seu Plymouth (eu não conseguia chamar o carro de Christine e nem pensar nele — nela? — por aquele nome), por apenas vinte e oito e cinqüenta, mais o imposto, porém só havia um sujeito trabalhando lá — e tinha que colocar o pneu novo no aro de roda de Arnie, ao mesmo tempo em que bombeava gasolina. A operação durou mais de quarenta e cinco minutos. Ofereci-me para bombear a gasolina em seu lugar, enquanto ele ajeitava o pneu, mas o sujeito disse que o patrão o mataria, se soubesse disso.

Quando finalmente pude colocar o pneu montado em meu portamala, pagando duas pratas ao cara pelo serviço, as primeiras luzes do crepúsculo se tinham transformado nas primeiras sombras de um purpúreo anoitecer. Cada arbusto lançava sombras alongadas e aveludadas e, ao rodar devagar subindo a rua, vi as últimas luzes do dia espalhando-se quase horizontalmente, através do espaço entulhado de lixo entre o Arby's e o boliche. Aquela claridade, tanto ouro flutuante no céu, chegava a ser terrível, em sua estranha e inesperada beleza.

Fiquei surpreso pelo sufocante pânico que me subiu da garganta como fogo seco. Era a primeira vez que experimentava tal sensação naquele ano — aquele longo e estranho ano —, porém não seria a última. Entretanto, é difícil explicar, inclusive, defini-la. Tinha algo a ver com a certeza de ser 11 de agosto de 1978, de que no mês seguinte eu passaria para meu último período letivo no ginásio e que, quando as aulas comesçassem, aquilo significaria o final de uma longa e tranqüila fase de minha vida. Eu me preparava para ser adulto, e via isso de algum modo — tinha certeza de vê-lo, pela primeira vez, naquela maravilhosa, mas de certa forma antiga exibição de luminosidade dourada, flutuando além da passagem entre o campo de futebol e um restaurante de segunda. Compreendi que o que realmente assusta a gente sobre crescer: é que paramos de experimentar a máscara da vida, começando a experimentar uma outra. Se ser criança quer dizer aprender a como viver, então, ser adulto significa aprender a como morrer.

A sensação passou, mas em sua esteira eu me senti estremecido e melancólico. Nenhuma das duas sensações fazia parte do meu eu habitual.

Quando retornei a Basin Drive, via-me repentinamente alheio aos problemas de Arnie e procurando enfrentar os meus — idéias sobre tornar-me adulto, que tinham desembocado naturalmente em idéias como universidade, viver fora de casa e tentar entrar para o time de futebol na State, disputando minha posição com mais sessenta pessoas qualificadas, em vez de apenas dez ou doze. Então, talvez a gente diga: 'Grande droga,

Dennis, tenho algumas novidades para você: um bilhão de chineses vermelhos pouco estão se lixando se você entrar para o primeiro time, como calouro universitário.' Muito justo. Estou apenas querendo dizer que tais coisas pareciam francamente reais pela primeira vez... e francamente aterradoras. Por vezes, a mente nos leva em viagens como essa, mesmo que não queiramos.

Ver que o marido da rainha do *be-bop* já chegara em casa e que ele e Arnie estavam quase frente a frente, parecendo dispostos a desgraçar tudo a qualquer segundo, não contribuiu em nada para modificar meu ânimo.

Os dois garotinhos continuavam escarranchados solenemente em seus velocípedes, os olhos viajando de modo alternado de Arnie para Papai e de novo para Arnie, como espectadores de alguma apocalíptica partida de tênis, em que o juiz abate alegremente o derrotado com um tiro. Pareciam esperar o momento de combustão, quando Papai achataria meu esquelético amigo e transformaria seu corpo quebrado em gelatina.

Freei rapidamente e saí do carro, quase correndo para eles.

— É o que lhe estou dizendo! — rugiu Papai. — Estou lhe dizendo que quero isso fora daqui e agora mesmo!

O homem tinha um enorme nariz achatado, repleto de veias arreventadas. As bochechas afogueadas eram cor de tijolo novo e, acima da camisa de trabalho em sarja cinzenta, veias encordoadas sobressaíam no pescoço.

— Não vou dirigir em cima do aro — disse Arnie. — Já lhe falei isso. O senhor não dirigiria, se o carro fosse seu.

— Dirigirei *você* sobre o aro, Cara de pizza! — exclamou Papai, sem dúvida querendo mostrar a seus filhos como a gente grande resolve seus problemas, no Mundo Real. — Não vai estacionar seu horrroso calhambeque envenenado em frente da minha casa. Não me provoque, garoto, ou vai sair machucado!

— Ninguém vai sair machucado — falei. — Vamos, senhor. Dê-nos algum tempo.

Os olhos de Arnie se voltaram agradecidos para mim e percebi o quanto estivera amedrontado — quão amedrontado ainda estava. Sempre um pária, ele sabia que existia algo em si mesmo — só Deus sabia o quê — que fazia certo tipo de indivíduo querer acabar com ele. Devia estar certo de que isso ia acontecer novamente — mas agora ele enfrentava o perigo.

Os olhos do homem pousaram em mim.

— Mais um — disse, como que admirado por existirem tantos imbecis no mundo. — Querem que acabe com os dois? É o que querem? Pois acreditem, eu posso fazer isso.

Sim, eu conhecia o tipo. Dez anos antes, teria sido um dos caras no colégio que achavam muito divertido arrancar os livros dos braços de Arnie, quando ele seguia para sua sala de aulas, ou atirá-lo no chuveiro com todas as roupas no corpo, depois da educação física. Nunca mudavam, aqueles caras. Apenas ficavam mais velhos e ganhavam um câncer pulmonar, ao fumarem tantos Luckies, quando não eram vítimas de uma embolia cerebral aos cinquenta e três ou coisa assim.

— Ninguém está querendo provocá-lo — falei. — Ele está com um pneu arriado, pelo amor de Deus! Nunca teve um pneu arriado?

— Quero esses dois fora daqui, Ralph!

A mulher com focinho de porco estava de pé na entrada. Sua voz era aguda e excitada. Aquilo era ainda melhor que o *Phil Donahue Show*. Outros vizinhos tinham-se aproximado para ver os acontecimentos e tornei a pensar, com grande angústia, que se já não tivessem chamado os tiras, alguém logo os chamaria.

— Nunca tive um pneu arriado e nem deixei um calhambeque em pedaços diante da casa de alguém, durante três horas — disse Ralph, bem alto.

Seus lábios estavam repuxados para trás e pude ver a saliva brilhando em seus dentes, à claridade do sol que se punha.

— Foi uma hora — repliquei, tranqüilo —, se tanto.

— Não me venha com suas gracinhas, garoto — disse Ralph. Não estou interessado. E não gosto de vocês. Trabalho para viver. Volto para casa cansado e não tenho tempo para discussões. Quero que tirem isso daqui e *agora!*

— Tenho um sobressalente em meu porta-mala — falei. — Se, ao menos, pudéssemos colocá-lo...

— E se o senhor tivesse um pouco de compostura — começou Arnie, irritado.

Aquilo quase fez efeito. Se havia alguma coisa que o nosso chapa Ralph não ia admitir diante dos filhos, era ser chamado de sem compostura. Avançou para Arnie. Não sei como a coisa terminaria — com Arnie na cadeia, talvez, seu precioso carro apreendido — mas de algum modo fui capaz de erguer a mão e agarrar a de Ralph pelo pulso. O encontro das duas provocou um nítido som de tapa, dentro do crepúsculo.

A garotinha com focinho de porco debulhou-se em lamurias e lágrimas.

O garotinho com focinho de porco ficou montado em seu velocípede, com o queixo quase batendo no peito.

Arnie, que sempre se esgueirava como um fantasma pela área de fumar da escola, nem ao menos se encolheu. Em verdade, parecia *querer* que aquilo acontecesse.

Ralph se voltou contra mim, os olhos esbugalhados de fúria.

— Muito bem, merdinha — disse. — Você primeiro! Sustive sua mão, pressionando-a.

— Vamos com calma, cara — falei, em voz baixa. — O pneu está em

meu porta-mala. Dê-nos cinco minutos para mudá-lo e sair de sua vista. Por favor.

Pouco a pouco, foi diminuindo a pressão para sustentar a mão. Ele olhou para os filhos, a garotinha choramingando, o garotinho de olhos arregalados, e isso pareceu decidi-lo.

— Cinco minutos — assentiu. Olhou para Arnie. — Teve muita sorte por eu não chamar a polícia. Essa coisa não foi vistoriada e também está sem a placa de licença.

Esperi que Arnie dissesse algo também inflamado e acabasse de vez com a trégua, mas talvez ele não houvesse esquecido tudo quanto sabia sobre prudência.

— Obrigado — disse. — Sinto muito ter-me exaltado.

Ralph grunhiu e enfiou a camisa de volta nas calças, em pequenos gestos bruscos. Tornou a olhar para os filhos.

— Vão para casa! — vociferou. — O que estão fazendo aqui? Querem que lhes dê um chuta-bunda? Céus, que família criativa, pensei. Pelo amor de Deus, não dê um chuta-bunda neles, Papai — os dois podem fazer cocô-bosta nas calças.

As crianças voaram para junto da mãe, abandonando os velocípedes.

— Cinco minutos — repetiu Ralph, encarando-nos malignamente.

Mais tarde, nessa noite, quando estivesse batendo um papo com os rapazes, poderia contar-lhes como fizera o seu papel, mantendo os limites entre a geração das drogas e do sexo. Sim, senhor, rapazes, eu disse a eles para tirarem a droga daquele lixo da frente da minha casa, antes que eu lhes desse um chuta-bunda. E, podem acreditar, eles voaram como se tivessem os pés em fogo e os traseiros doloridos. Então, ele acenderia um Lucky. Ou um Camel.

Pusemos o macaco de Arnie debaixo do pára-choque. Arnie mal

movera a alavanca umas três vezes quando o macaco se partiu em dois. Fez um som poeirento quando se dividiu e a ferrugem esvoaçou em torno. Arnie me fitou, seus olhos humildes e doridos ao mesmo tempo.

— Não se incomode — falei. — Usaremos o meu.

Já começava a escurecer. Meu coração ainda batia acelerado e a boca estava amarga, pela confrontação com o Grande Chefão de Basin Drive, 119.

— Sinto muito, Dennis — disse Arnie, em voz baixa. — Não tornarei a envolvê-lo nisto.

— Esqueça. Vamos logo colocar esse pneu.

Usamos o meu macaco para levantar o Plymouth (por vários e terríveis segundos pensei que o pára-choque traseiro fosse desconjuntar-se, em um rangido de metal podre, e retiramos o pneu avariado. Colocamos o novo, apertamos as porcas mais ou menos e então arriamos o carro. Foi um alívio imenso vê-lo novamente equilibrado sobre a rua; a maneira como o pára-choque empenado se inclinara debaixo do macaco chegara a assustar-me.

— Pronto — disse Arnie, encaixando a antiga e amassada calota sobre as porcas.

Fiquei olhando para o Plymouth e, de repente, voltou a sensação que eu experimentara na garagem de LeBay. Senti isso quando observei o novo Firestone na traseira direita. A banda negra ainda conservava um dos adesivos do fabricante e as vivas marcas de giz amarelo, da apressada calibragem no posto de gasolina.

Estremeci ligeiramente — mas era impossível transmitir a fantástica sensação que me dominava. Era como se eu tivesse visto uma serpente quase pronta a livrar-se da pele antiga, uma serpente que já se desfizera de parte dessa pele, revelando o que havia de novo e cintilante por baixo...

Ralph estava de pé à entrada de sua casa, espiando para nós. Em uma das mãos segurava um gotejante hambúrguer com Pão Maravilha. A outra

mão enrolava-se em torno de uma lata de cerveja.

— Simpático, ele, não? — murmurei para Arnie, quando joguei seu macaco espatifado no porta-mala do Plymouth.

— Um grande sujeito — murmurou Arnie, em resposta.

Bastou isso e começamos a rir contidamente, da maneira que ríamos, ao superar uma situação tensa. Arnie jogou o pneu velho dentro do porta-malas, em cima do macaco, depois ficou rindo alto, com as mãos sobre a boca. Ele parecia um garoto, apanhado em flagrante, na investida contra o pote da geléia. Só em pensar nisso, comecei a rir com vontade agora.

— De que estão rindo, seus vadios? — rugiu Ralph. Ele desceu os degraus da entrada. — Hein? Querem rir com a cara virada do avesso por um instante? Posso mostrar como se faz, acreditem!

— Saia daqui *depressa* — falei para Arnie.

Corri de volta a meu Duster. Nada conseguia conter nosso riso agora, as gargalhadas saíam naturalmente. Joguei-me no banco da frente e liguei a chave, me torcendo de rir. À minha frente, o Plymouth de Arnie entrou em movimento com um rugido e uma espessa, fedorenta nuvem de descarga azul. Mesmo acima da barulheira, eu conseguia ouvir suas risadas incontidas, um som que beirava a histeria.

Ralph investiu através do gramado, ainda segurando o hambúrguer gotejante e a lata de cerveja.

— *De que estão rindo, seus vadios? Hein?*

— *Seu, seu careta! Quadrarão!* — gritou Arnie, triunfante, partindo entre uma chocalhante fuzilaria de estouros.

Pisei no acelerador e tive que manobrar bruscamente, para evitar Ralph que, agora, aparentemente, partia para o homicídio. Eu continuava rindo, porém não era mais um riso satisfeito, se é que chegara a sê-lo — era um som agudo e arquejante, quase como um grito.

— *Eu mato você, vagabundo!* — rugiu Ralph.

Tornei a pisar no acelerador e, desta feita, quase engatei na traseira de Arnie. Fiz a Ralph o mesmo gesto obsceno que Arnie fizera aquela tarde, depois gritei:

— *Enfie!*

Então, ele começou a correr atrás de nós. Tentou emparelhar e, por alguns segundos, seus pés ressoaram na calçada. Depois parou, respirando com dificuldade e grunhindo.

— Que dia mais louco! — exclamei em voz alta, algo amedrontado pela trêmula e lacrimosa qualidade de minha voz. O gosto amargo me voltara à boca. — Que dia mais infernalmente louco!

Em Hampton Street, a Garagem de Darnell era uma construção alongada, com as laterais em folhas de zinco corrugado e um teto enferrujado, também de zinco corrugado. Na fachada havia uma tabuleta com letras enebadas onde se lia: *POUPE SEU DINHEIRO! SEU KNOW-HOW, NOSSAS FERRAMENTAS!* Mais abaixo, em letras menores, lia-se: *Vaga na Garagem, Alugada por Semana, Mês ou Ano.*

O depósito de automóveis velhos ficava atrás da Darnell's. Era uma área com o comprimento de um quarteirão, encerrada entre muros formados por lâminas do mesmo zinco corrugado, com metro e meio de altura, o indiferente assentimento de Will Darnell aos regulamentos do Conselho de Zoneamento da Cidade. Não que houvesse alguma forma de o Conselho fazer Will Darnell andar na linha, nem porque dois dos três membros do Conselho de Zoneamento eram seus amigos. Em Libertyville, Will Darnell conhecia todos que lhe interessavam. Era um daqueles tipos encontrados em qualquer cidade, grande ou pequena, que se movimentam silenciosamente por trás de qualquer número de cenários.

Eu ouvira dizer que ele estava envolvido no ativo tráfico de drogas entre os alunos do Ginásio de Libertyville e do Ginásio Darby. Também

ouvira dizer que era bem conhecido entre os escroques importantes de Pittsburgh e Filadélfia. Eu não acreditava nessa história — pelo menos, *penso* que não acreditava —, mas sabia que quem quisesse fogos de artifício, bombas de segunda mão ou foguetes de qualidade inferior para o Quatro de Julho, Will Darnell tinha para vender. Por meu pai, também ficara sabendo que Will fora acusado doze anos antes, quando eu era apenas um guri de cinco anos, de ser um dos chefes de uma quadrilha de carros roubados, que se estendia daquela nossa parte do mundo para leste, até a Cidade de Nova Iorque e em toda a longitude para cima, até Bangor, no Maine. Finalmente, as acusações foram retiradas. No entanto, meu pai dizia ter certeza de que Will Darnell devia estar atolado até as orelhas em outras bandalheiras, o que quer que fosse, desde roubo da carga de caminhões, a falsificação de antigüidades.

Fique longe daquele lugar, Dennis, dissera meu pai. Isto fora um ano antes, não muito depois de eu ter adquirido meu primeiro calhambeque e investido vinte dólares no aluguel de um dos boxes da Garagem Faça-você-mesmo, de Darnell, para tentar trocar o carburador, em uma experiência que terminara em total fracasso.

Eu devia ficar longe daquele lugar — mas lá estava, penetrando pela entrada principal, atrás de meu amigo Arnie, depois do escurecer, nada restando do dia senão uma mancha avermelhada de fomalha no horizonte. Os faróis dianteiros iluminaram um número suficiente de peças de carro rejeitadas, destroços inaproveitáveis e sucata por toda parte, o que me deixou mais deprimido e cansado do que nunca. Lembrei que não havia telefonado para casa e que meus pais certamente estariam se perguntando em que diabo de lugar eu estaria.

Arnie rodou até uma imensa porta de garagem, com um cartaz ao lado, dizendo BUZINE PARA ENTRAR. Uma claridade esmaecida brotava de uma janela coberta de sujeira, ao lado da porta — havia alguém em casa — e mal contive um impulso de debruçar-me para fora do carro e dizer a Arnie para levar o Plymouth até minha casa, por aquela noite. Tive uma

visão de nós dois dando com Will Darnell e seus companheiros inventariando televisões coloridas contrabandeadas ou repintando Cadillacs roubados. Os garotos detetives chegam a Libertyville.

Arnie ficou quieto, sem buzinar ou fazer coisa alguma. Eu já me dispunha a sair e perguntar-lhe o que havia, quando ele caminhou até onde eu estacionara. Mesmo àquela débil claridade do lusco-fusco, ele parecia profundamente constrangido.

— Quer buzinar para mim, Dennis? — pediu, com humildade. — Parece que a buzina de Christine não funciona.

— Claro.

— Obrigado.

Buzinei duas vezes e, após uma pausa, a enorme porta da garagem se ergueu, com um ruído chocalhante. O próprio Will Darnell estava parado lá, com a pança sobrando acima do cinto. Acenou impacientemente para que Arnie entrasse.

Manobrei meu carro, colocando-o de frente para a saída e entrei também.

O interior era imenso, abobadado e terrivelmente silencioso no fim do dia. Havia pelo menos uns sessenta compartimentos para carros, cada um equipado com sua própria caixa de ferramentas, aparafusada por baixo, a fim de que os amadores com carros avariados, mas sem ferramentas, fizessem eles mesmos os consertos. O teto era alto, cruzado por vigas nuas e parecendo oscilantes.

Havia avisos pregados por toda parte: TODAS AS FERRAMENTAS DEVEM SER INSPECIONADAS ANTES DE SUA PARTIDA e MARQUE ANTECIPADAMENTE SUA HORA PARA O ELEVADOR e SOLICITE UM MANUAL DE MOTORES e NÃO ADMITIMOS LINGUAGEM IMPRÓPRIA E PALAVRÕES. Vi dúzias de outros — para cada canto que me virasse, um aviso parecia saltar em minha direção. Um enorme homem-

aviso era Will Darnell.

— Boxe vinte! Boxe vinte! — gritou Darnell para Arnie, em sua voz irritante e resfolegante. — Ponha o carro lá e desligue o motor, antes que fiquemos todos asfixiados!

"Todos" parecia ser um grupo de homens em uma enorme mesa de jogo, no canto mais distante. Fichas de pôquer, cartas de baralho e garrafas de cerveja espalhavam-se por sobre a mesa. Eles observavam a nova aquisição de Arnie, com expressões que variavam da aversão ao divertimento.

Arnie dirigiu o Plymouth para o boxe vinte, estacionou-o e desligou o motor. Uma fumaceira azulada foi expelida para o imenso e cavernoso recinto.

Darnell se virou para mim. Usava uma camisa branca semelhante a um velame e calças cáqui marrons. Enormes rolos de gordura destacavam-se em seu pescoço e caíam em babados, abaixo do queixo.

— Garoto — disse ele, naquela mesma voz resfolegante —, se vendeu para ele aquele pedaço de merda, devia ter vergonha do que fez.

— Não fui eu que vendi. — Por alguma absurda razão, senti que devia justificar-me com aquela baleia, de uma forma como jamais fizera com meu pai. — Até procurei convencê-lo a cair fora do negócio.

— Devia ter sido mais insistente.

Ele caminhou até Arnie, que então saía do carro. Arnie bateu a porta; a ferrugem caiu em flocos, do painel oscilante daquele lado, em um fino chuveiro vermelho.

Com ou sem asma, Darnell caminhava com os movimentos graciosos e quase femininos do homem que é gordo há muito tempo e vê um longo futuro de obesidade pela frente. E gritava para Arnie, antes mesmo que meu amigo se virasse de frente, com ou sem asma. Penso que se poderia dizer ser ele um homem que não se deixava abater pela doença.

Como os caras na área de fumantes da escola, como Ralph, da Basin Drive, ou como Buddy Repperton (penso que logo estaremos falando a seu respeito), ele logo sentia uma aversão por Arnie — era um caso de antipatia à primeira vista.

— Muito bem, esta foi a última vez que ligou essa merda mecânica aqui dentro, sem o cano de descarga! — berrou ele. — Se o pegar fazendo isso, será posto na rua, entendido?

— Está bem. — Arnie parecia pequenino, cansado e exaurido. Fosse qual fosse a selvagem energia que o impelira até então, agora havia desaparecido. Senti pena, uma pena ligeira, ao vê-lo daquele jeito. Eu...

Darnell não o deixou ir em frente.

— Você quer um cano de descarga, que custa dois e cinquenta a hora, se fizer uma reserva antecipada. E vou lhe dizer uma coisa, neste exato momento, que vai ter que decorar, meu amiguinho. Não sou obrigado a ficar com merda nenhuma de vocês, garotos. Não sou. Este lugar é para caras trabalhadores, que precisam manter os carros andando e botar pão na mesa, não para garotos ricos de universidade, que querem sair apostando corridas no Orange Belt. É proibido fumar aqui dentro. Se quiser uma tragada, tem que ir lá para trás, no depósito.

— Eu não fum...

— Não me interrompa, garoto. Não me interrompa e nem venha bancar o espertinho — disse Darnell.

Estava agora em pé diante de Arnie. Sendo mais alto e mais largo, encobria meu amigo inteiramente.

Comecei a ficar irritado de novo. Na verdade, podia sentir meu corpo gemer de protesto contra o barbante de ioiô em que minhas emoções haviam estado, desde nossa chegada à casa de LeBay, quando vimos que o maldito carro não estava mais sobre o gramado.

Adolescentes são uma classe tiranizada; após alguns anos, aprendemos

a nossa própria versão de uma rotina de Pai Tomás quanto a inimigos da gente, como Will Darnell. *Sim, senhor; não senhor; está bem; fique certo.*

Agarrei repentinamente o braço de Darnell.

— Senhor?

Ele girou para mim. Descobri que, quanto maior a minha antipatia por adultos, mais apto me sinto a tratá-los por Senhor.

— O que é?

— Aqueles homens lá estão fumando. Seria melhor dizer a eles que parem.

Apontei para os sujeitos à mesa de pôquer. Eles haviam distribuído cartas para uma nova mão. A fumaça pairava acima da mesa, em um halo azulado. Darnell fitou os companheiros, depois olhou para mim. Seu rosto era muito solene.

— Está querendo ajudar seu amigo a ser mandado embora daqui, Júnior?

— Não — respondi. — Não, senhor.

— Então, feche sua matraca!

Voltando-se para Arnie, ele pousou as mãos carnudas sobre os quadris avantajados e bem acolchoados.

— Conheço um cara desagradável assim que o vejo — disse ele —, e acho que estou vendo um, neste exato momento. Estou de olho em você, garoto. Banque o engraçadinho comigo, uma só vez, e eu o farei cair sentado sobre o traseiro, pouco importando quanto tenha pago adiantado!

Uma fúria cega subiu de meu estômago para a cabeça, fazendo-a latejar. Por dentro, suplicava a Arnie para dizer àquele gordo imbecil que não chateasse, queria que ele o agredisse e depois corresse com seu calhambeque para fora dali, o mais depressa possível. Claro que os companheiros de pôquer de Darnell se meteriam e nós provavelmente

terminaríamos aquela maravilhosa noite no pronto-socorro do Hospital Comunitário de Libertyville, enquanto nos costurariam a cabeça... mas aquilo quase que valia a pena.

Arnie, pedi mentalmente, diga a ele que se foda e vamos dar o fora daqui. Revide, Arnie! Não deixe que ele pise em você! Não seja um perdedor, Arnie — se enfrentou sua mãe, pode enfrentar também esse filho da puta. Faça isso apenas esta vez, não seja um perdedor!

Arnie ficou calado por muito tempo, cabisbaixo, para então dizer:

— Sim, senhor.

Foi tão baixo, que era quase inaudível. Como se ele estivesse sufocado.

— Como disse?

Arnie ergueu a cabeça. Tinha o rosto lívido. Os olhos estavam marejados de lágrimas. Não agüentei olhar para aquilo. Doía demais. Virei-me. Os jogadores de pôquer tinham parado de jogar e observavam os acontecimentos que se desenrolavam no boxe vinte.

— Eu disse "sim, senhor" — repetiu Arnie, com voz trêmula.

Era como se tivesse assinado alguma terrível confissão. Tornei a olhar para o carro, o Plymouth 58, estacionado ali, quando deveria estar no depósito de ferro-velho dos fundos, com o restante dos destroços inúteis e enferrujados de Darnell — e o odiei novamente, pelo que estava causando a Arnie.

— Muito bem, caiam fora — disse Darnell. — Já fechamos.

Arnie caminhou cegamente, aos tropeções. Teria avançado em linha reta para uma pilha de velhos pneus carecas, se eu não o agarrasse pelo braço e o guiasse. Darnell seguiu em direção contrária, rumando para a mesa de pôquer. Quando chegou lá, disse algo aos outros, em sua voz chiada. Todos riram grosseiramente.

— Estou bem, Dennis — falou Arnie, como se eu lhe tivesse

perguntado. Os dentes estavam cerrados e o peito se movia em rápidas, fundas inspirações. — Estou bem, me solte. Está tudo certo comigo.

Larguei seu braço. Cruzamos a porta e Darnell berrou para nós:

— E não me traga seus amigos vagabundos para cá ou o ponho para fora daqui! Um dos outros acrescentou, em concordância:

— E deixe sua droga em casa!

Arnie encolheu-se. Era meu amigo, porém eu o odiava quando se encolhia daquele jeito. Escapamos para a fria escuridão do exterior. A porta chocalhou, quando foi arriada às nossas costas. Foi assim que levamos Christine para a Garagem de Darnell. Um bocado divertido, não?

NO LADO DE FORA

Estou com um carro e alguma gasolina,
Diga a todos que podem puxar meu saco...

— Glenn Frey

Entramos em meu carro e rodei para fora do pátio da garagem. Não sei como, mas estava passando de nove da noite. Como o tempo voa, quando a gente está se divertindo! Uma meia-lua já pairava no céu. Isso e as luzes alaranjadas, no parque de estacionamento do Monroeville Mall, bastavam para eclipsar quaisquer possíveis estrelas cadentes a que se pudesse fazer um pedido.

Rodamos os dois ou três primeiros quarteirões em silêncio total. Então, de repente, Arnie desatou em um pranto furioso. Eu achava que ele iria chorar, mas a força de seu choro assustou-me. Tentei intervir.

— Arnie...

Desisti na hora. Ele ia chorar, até a vontade passar. As lágrimas e soluços brotaram em um jato estridente e amargo, descontroladamente — Arnie já esgotara sua quota de controle para o dia. A princípio, pareceu-me ser apenas uma reação; eu sentia mais ou menos a mesma coisa, só que minha raiva subira para a cabeça, fazendo-a latejar como um dente cariado, e para o estômago, que se enovelava doentiamente.

Sim, de início pensei que fosse tão-somente uma espécie de reação, uma liberação espontânea e, no começo, talvez assim acontecesse. No entanto, após um ou dois minutos, percebi que era muito mais do que isso, que a coisa ia muito mais fundo. Então, comecei a decifrar palavras, entre os sons que ele emitia. Poucas a princípio, depois séries delas.

— *Eles me pagam!* — gritou ele, engroladamente, entre os soluços. — *Vou mostrar àqueles fodidos filhos da puta que vão me pagar, Dennis, farei com que se arrependam, os cretinos vão engolir... ENGOLIR... ENGOLIR!*

– Pare com isso – falei, assustado. – Esqueça, Arnie.

Arnie não queria esquecer. Começou a dar com os punhos no painel de instrumentos acolchoado de meu Duster, com força bastante para marcá-lo.

– *Eles me pagam, você vai ver!*

À claridade pálida da lua e de uma lâmpada em um poste próximo, seu rosto parecia devastado e feroz. Naquele momento, Arnie era como um estranho para mim. Estava longe, caminhando por algum dos frios lugares do universo, que um Deus amante de gracejos reserva para pessoas como ele. Eu não o conhecia mais. Não queria conhecê-lo. Limitei-me a ficar ali, sentado, impotente e esperando pela volta do Arnie que eu conhecia. Após um momento, ele voltou.

As palavras histéricas confundiram-se novamente com soluços. O ódio se fora e ele apenas chorava. Era um som alto, penetrante e desnorteado.

Fiquei parado ao volante do carro, não muito certo sobre o que deveria fazer, mas desejando estar em outro lugar, qualquer lugar, experimentando sapatos na Thom McAn's, preenchendo uma solicitação de crédito em uma loja que vendesse com desconto, parado diante de um cubículo de banheiro pago, com diarreia e sem um centavo no bolso. Qualquer lugar, cara. Não precisava ser Monte Carlo. Acima de tudo, fiquei ali desejando ser mais velho. Desejando que ambos fôssemos mais velhos.

Isto, no entanto, era fugir aos acontecimentos. Eu sabia o que fazer. Relutantemente, contra a vontade, deslizei no assento, passei os braços em torno dele e o abracei. Podia sentir seu rosto, quente e febril, esmagado contra meu peito. Ficamos assim por talvez uns cinco minutos. Depois o levei de carro para casa. Então, fui para casa também. Nenhum de nós dois comentou o assunto mais tarde, aquilo de abraçá-lo daquele jeito. Ninguém passou pela calçada e nos viu estacionados junto ao meio-fio. Se aparecesse alguém, sem dúvida pensaria que éramos um casal de *gays*. Dentro do carro, eu o abraçara e tentara demonstrar minha estima mais que podia,

perguntando-me como era possível eu ser o único amigo de Arnie Cunningham. Porque naquele momento, acreditem, eu não queria ser seu amigo.

Não obstante, havia algo — percebi naquele momento, embora de maneira muito vaga — talvez Christine se tornasse amigo — amiga? — dele. Não estava bem certo se gostava disso, embora naquele longo e alucinado dia havéssemos passado os mesmos maus pedaços por causa do Plymouth.

Quando paramos junto à calçada fronteira à sua casa, perguntei:

— Tudo bem com você, cara? Ele forçou um sorriso.

— Sim, está tudo bem. — Fitou-me com tristeza. — Sabe de uma coisa? Você deveria procurar outro tipo de caridade para fazer. Fundo Cardíaco. Sociedade do Câncer. Qualquer coisa.

— Ora, vá caindo fora!

— Você sabe o que estou dizendo.

— Se quer dizer que é um chorão, qual a novidade?

A luz da entrada foi acesa. Michael e Regina dispararam para fora, sem dúvida querendo verificar se éramos nós ou a Polícia Estadual, vindo comunicar-lhes que seu filho único fora atropelado na auto-estrada.

— Arnold? — chamou Regina, em voz estridente.

— É melhor dar o fora, Dennis — disse Arnie, sorrindo agora com mais honestidade. — Você não precisa desta merda. — Saiu do carro e disse obediamente: — Olá, mamãe. Olá, papai.

— Onde foi que esteve? — perguntou Michael. — Deixou sua mãe terrivelmente preocupada, rapazinho!

Arnie tinha razão. Eu podia dispensar a cena. Olhei para trás, pelo espelho retrovisor, apenas de relance, e o vi parado na calçada, parecendo solitário e vulnerável — e então os dois o abraçaram e o guiaram de volta ao ninho de 60.000 dólares. Na certa, lançavam sobre ele toda a influência de

sua última jornada paterna — o Treinamento para Eficiência Paterna, e sabe-se lá o que mais. Michael e Regina eram absolutamente racionais nesse sentido, aí estava a coisa. Haviam desempenhado papel fundamental para que Arnie se tornasse como era, mas eram racionais demais para perceber isso.

Liguei o rádio na FM-104, onde continuava o *Block Party Weekend* e peguei Bob Seger e a Silver Bullet Band cantando 'Still the Same'. Aquilo estava horrendamente perfeito demais e passei para o jogo dos Phillies.

Os Phillies perdiam. Ainda bem. Combinava com o resto.

PESADELOS

Sou um corredor de estrada, meu bem,
E você não pode me alcançar.
Sim, sou um corredor de estrada, meu bem,
E você não consegue emparelhar comigo.
Venha para cá e corra,
Querida, querida, você verá.
Chegue mais perto, meu bem! Pare atrás!
Vou jogar poeira nos seus olhos!
— Bo Diddley

Quando cheguei em casa, papai e minha irmã estavam sentados na cozinha, comendo sanduíches de açúcar mascavo. Comecei imediatamente a sentir fome e recordei que nem ao menos jantara.

— Por onde andou, chefe? — perguntou Elaine.

Nem levantou os olhos da revista que lia — *16, Creem* ou *Tiger Beat*, não sei qual era. Começara a chamar-me de chefe desde que eu descobrira Bruce Springsteen, um ano antes, e ficara fanático. Evidentemente, aquele tratamento era com a finalidade de irritar-me.

Aos quatorze anos, Elaine deixava a meninice para trás e se transformava em uma futura beldade americana — alta, cabelos escuros e olhos azuis. Entretanto, no final daquele verão de 1978, era uma adolescente agressiva, como uma multidão de tantos outros. Começara com Donny e Marie Osmond aos nove anos, apaixonando-se por John Travolta aos onze (cometi o erro de chamá-lo de John Revolta certo dia, e ela me arranhou tanto que quase precisei levar um ponto no rosto — afinal, acho que eu merecia). Aos doze, ela gamou por Shaun. Depois foi Andy Gibb. Só ultimamente vinha demonstrando gostos mais sinistros: roqueiros da

barulhenta música eletrônica, como Deep Purple e Styx, um grupo novo.

— Estive ajudando Arnie a levar o carro dele — falei, tanto para meu pai, como para ela. Era mais do que isso, de fato.

— Aquele asqueroso — suspirou Ellie, virando uma página de sua revista.

De repente, senti um súbito e espantoso ímpeto de arrancar a revista de suas mãos, rasgá-la em duas e jogar-lhe os pedaços na cara. Isso me deixou perceber, exatamente, como a tensão daquele dia fora mais forte do que tudo o mais. Na verdade, Elaine não achava Arnie asqueroso; ela apenas aproveitava qualquer oportunidade para irritar-me. Enfim, talvez eu tivesse ouvido Arnie ser chamado de asqueroso vezes demais, nas últimas horas. As lágrimas dele ainda secavam no peito de minha camisa e é possível que também me sentisse um pouco asqueroso.

— O que "Beijinho" esteve fazendo estes dias, queridinha? — perguntei-lhe docemente. — Escrevendo algumas cartas de amor para Erik Estrada? "Oh, Erik, eu morro por você, meu coração dispara como louco, a cada vez que penso em seus lábios grossos e melosos esmagando os meus..."

— Você é um animal — disse ela, friamente. — Um animal, é isso que você é!

— E não conheço ninguém melhor.

— Está legal.

Ela pegou o sanduíche de açúcar mascavo, a revista, e disparou bruscamente para a sala de estar.

— Não deixe essa coisa cair no chão, Ellie — avisou papai, prejudicando um pouco sua retirada. Fui até a geladeira, mas rejeitei um salsichão e um tomate, que não me agradaram muito. Havia

também meia embalagem de queijo pasteurizado, mas eu exagerara tanto naquela porcaria quando na escola primária que, aparentemente, esse

exagero eliminara meu desejo por ele. Preferi meio litro de leite para acompanhar meu sanduíche e abri uma lata de sopa Campbell com carne picada.

— Ele conseguiu? — perguntou papai.

Meu pai é assessor tributário para a H & R Block. Como autônomo, faz outros trabalhos sobre impostos. Antigamente era contador em tempo integral para a maior firma de arquitetura de Pittsburgh, mas sofreu um ataque cardíaco e deixou o cargo. É um excelente sujeito.

— Sim, conseguiu.

— E você achou tão ruim como antes?

— Pior ainda. Onde está mamãe?

— Estudando — disse ele.

Seus olhos encontraram os meus e quase começamos a rir sufocadamente. Olhamos, para outras direções logo em seguida, envergonhados — embora o fato de nos envergonharmos não ajudasse muito. Minha mãe está com quarenta e três anos e trabalha como higienista dentária. Durante muito tempo não trabalhou em sua especialidade, mas voltou a ela quando papai teve o ataque cardíaco.

Quatro anos antes, ela concluíra ser uma escritora latente e começou a compor poemas sobre flores e a escrever contos sobre doces velhinhos no outono de suas vidas. De vez em quando ficava francamente realista e escrevia uma história sobre uma jovem tentada a "arriscar-se", mas então decidia ser muito melhor que ela continuasse Pura para o Leito Nupcial. Naquele verão, matriculara-se em um curso rápido para escritores, em Horlicks — onde Michael e Regina lecionavam, lembrem-se — e colecionava todos os seus temas e contos em um livro a que dera o nome de Rascunhos de Amor e Beleza.

Vocês podem estar pensando (e parabéns, se pensaram) que nada há de engraçado sobre uma mulher que consegue manter um emprego, cuidar

da família e, ao mesmo tempo, desejar algo novo, querer expandir um pouco seus horizontes. Claro que estão certos nisso. Também poderão pensar que eu e meu pai tínhamos todos os motivos para envergonhar-nos, que não passávamos de uma dupla de porcos discriminadores grunhindo em nossa cozinha e, mais uma vez, têm toda razão. Não quero discutir este ponto, embora diga que, se tivessem sido obrigados a ouvir constantes leituras extraídas de Rascunhos de Amor e Beleza, como eu e papai — e também Elaine — poderiam compreender um pouco melhor a origem de nossas risadinhas sufocadas.

Bem, ela foi e é uma excelente mãe. Creio que também tem sido uma grande esposa para meu pai — pelo menos, nunca o ouvi queixar-se e ele tampouco já passou toda a noite fora de casa, bebendo —, de maneira que tudo quanto posso alegar em nossa defesa é que nunca rimos diante dela, nenhum de nós dois. É uma desculpa esfarrapada, bem sei, porém melhor do que nada. Nós não a magoáramos, por nada do mundo.

Apertei a mão contra a boca, tentando estancar o riso. Papai pareceu subitamente engasgado com seu pão e o açúcar mascavo. Ignoro o que ele pensava, mas o que eu tinha em mente era um artigo mais ou menos recente, intitulado "Jesus Tinha um Cão?".

Somando-se ao que já acontecera naquele dia, isso era quase demais.

Fui até os armários em cima da pia e peguei um copo para o leite. Quando olhei para trás, papai já se controlara e isso me ajudou a controlar-me também.

— Você parecia meio aborrecido quando entrou — disse ele. — Está tudo bem com Arnie, Dennis?

— Tranquilo — respondi, despejando a sopa em uma frigideira, que coloquei sobre o fogo. — Ele acabou de comprar um carro, uma boa droga, mas está legal.

Claro que Arnie não estava legal, mas há certas coisas que não nos

disposmos a contar a nossos pais, pouco importando o quanto eles tenham tido êxito na grande tarefa americana da paternidade.

— Certas pessoas só enxergam as coisas quando as vêem com os próprios olhos — disse ele.

— Bem, espero que ele enxergue logo — falei. — Deixou o carro na Darnell's, a vinte por semana, porque seus pais não deixaram que o estacionasse em casa.

— Vinte por semana? Apenas por um boxe? Ou um boxe e ferramentas?

— Só o boxe.

— Isto é um assalto!

— Exato — respondi, percebendo que meu pai não entendera o comentário como uma oferta para que Arnie estacionasse o carro em nossa casa.

— Quer jogar uma rodada de *cribbage*? [\[1\]](#)

— Acho que sim — respondi.

— Anime-se, Dennis! Não pode cometer erros por outras pessoas.

— Sim, acho que tem razão.

Jogamos três ou quatro rodadas de *cribbage*, todas ganhas por ele — meu pai geralmente ganha, a menos que esteja muito cansado ou tenha bebido uns dois drinques. De qualquer modo, não me incomodo. As vezes que o derroto ficam valendo mais. Jogamos *cribbage* e mamãe apareceu pouco depois, alegre, com os olhos brilhantes, parecendo jovem demais para ser minha mãe, com o livro de contos e rascunhos apertado contra o busto. Beijou meu pai — não o beijo leve costumeiro, mas um beijo de verdade que, de repente, me fez perceber que eu devia estar em outro lugar.

Ela fez as mesmas perguntas sobre Arnie e seu carro, algo que rapidamente começava a tornar-se o ponto alto das conversas naquela casa,

desde que Sid, irmão de mamãe, ficara arruinado e pedira um empréstimo a papai. Repeti a mesma lengalenga. Depois subi para meu quarto. Eu me movia vagarosamente, com a impressão de que papai e mamãe tinham assuntos pessoais para cuidar... embora essa fosse uma questão em que nunca me concentrara muito, como certamente vocês compreenderão.

Elaine estava em seu quarto, ouvindo sua nova coleção de sucessos. Pedi que baixasse um pouco o volume, porque queria dormir. Ela me espichou a língua. Eu não ia admitir aquilo, em absoluto. Entrei e fiz-lhe cócegas, até ela dizer que ia vomitar. Falei, vá em frente, vomite, a cama é sua — e fiz mais cócegas ainda. Ela então assumiu sua expressão de "por favor, Dennis, não ria de mim, porque isto é *terrivelmente* importante", e ficando muito solene perguntou se era mesmo verdade que se podia atear fogo a peidos. Carolyn Shambless, uma de suas amigas, dissera ser possível, mas Carolyn mentia sobre quase *tudo*.

Respondi-lhe que perguntasse a Milton Dodd, seu namoradinho com cara de pênis. Foi quando Elaine ficou furiosa e tentou agredir-me, perguntando por que você sempre tem que ser tão *nojento*. Dennis? Então eu disse sim, era verdade que se podia atear fogo a peidos, mas aconselhei-a a não tentar. Fiz-lhe um ligeiro afago (o que se tornara bastante raro em mim — aquilo sempre me deixava sem jeito, *depois* que ela ficara com *seios*, de modo que *preferia as cócegas*) e *depois fui para meu quarto*.

Enquanto me despia, pensei: afinal, o dia não terminou tão ruim. Por aqui há gente que me considera um ser humano, e também a Arnie. Vou chamá-lo para vir amanhã ou no domingo. Ficaremos por aí, talvez vejamos os Phillies jogando pela TV, podemos ainda nos divertir com um jogo de damas idiota ou outra coisa qualquer, até mesmo o infalível jogo de siga-apista, e nos livramos dessa sensação esquisita. Voltaremos a nos sentir decentes outra vez.

Fui para a cama com tudo decidido na cabeça e devia ter pegado no sono em seguida, mas não foi assim. Eu não estava legal e sabia disso. As

coisas começaram a acontecer e, às vezes, não sabemos que droga elas são.

Motores. Eis aí algo mais, sobre a gente ser um adolescente. Há todas aquelas máquinas e, de algum modo, terminamos com as chaves de ignição para uma delas, damos partida, mas ignoramos que merda poderão ser ou o que se supõe que façam. Existem apenas pistas, mais nada. O negócio da droga é assim, da mesma forma que o negócio da bebida e o negócio do sexo, por vezes outros negócios também — um emprego de verão que gera um novo interesse, uma viagem, um curso no colégio. Máquinas. Eles nos dão as chaves, algumas pistas e dizem: dê partida, veja o que acontece, e, às vezes, isso pode levar-nos para uma vida boa e satisfatória, mas em outras nos coloca direitinho na auto-estrada para o inferno, deixando-nos triturados e sangrando pela pista afora.

Máquinas.

Enormes. Como os motores 382, que eles costumavam colocar naqueles carros antigos. Como Christine.

Fiquei acordado no escuro, virando-me de um lado para outro, até o lençol desprender-se, ficar amarfanhado e embolado, enquanto eu pensava em LeBay dizendo: *O nome da máquina é Christine*. De alguma forma, Arnie captara o sentido da coisa. Quando éramos crianças, havíamos tido patinetes e depois bicicletas. Dei um nome para a minha, porém Arnie nunca batizou a sua — dizia que nomes eram para gatos, cachorros e peixes. Só que isso fora antes, não agora. Agora ele chamava aquele Plymouth de Christine e, pior ainda, tratava-a sempre no feminino.

Eu não gostava daquilo, embora sem saber por quê.

Até meu pai falara no caso como se, em vez de comprar um estropiado calhambeque, Arnie tivesse casado. Não era bem assim. De modo algum. Seria?

Para o carro, Dennis. Volte... Quero olhar para ela outra vez.

Tão simples assim.

Sem nenhuma ponderação, e isso era incomum em Arnie, que em geral costumava ponderar tudo cuidadosamente — sua vida o tinha tornado dolorosamente cômico do que acontecia a caras como ele, quando ficavam um pouco tocados e faziam algo (poxa!) no impulso do momento. Desta vez, no entanto, ele agira como o homem que conhece uma corista, envolve-se em um namoro tempestuoso, para terminar de ressaca e esposa nova, na manhã de segunda-feira.

Aquilo tinha sido... bem... como amor à primeira vista.

Não importa, pensei. Começaremos tudo outra vez. Começaremos amanhã. Então, obteremos alguma perspectiva sobre isto.

Por fim, peguei no sono. E sonhei.

A uivante rotação de um motor de arranque na escuridão.

Silêncio.

O motor de arranque uivando novamente.

O motor em funcionamento, morrendo, depois pegando.

A máquina correndo na escuridão.

Então, os faróis acesos, faróis enormes, faróis duplos e antigos, varando-me como uma lanterna de mão contra o vidro.

Eu estava parado a porta da garagem de LeBay e Christine lá dentro — uma nova Christine, sem nenhum amassado ou salpico de ferrugem. O pára-brisa incólume, sombreado para um azul polarizado no alto. Do rádio brotavam os sons rítmicos de Dale Hawkins em "Susie-Q " — uma voz de uma época morta, impregnada de aterrorizante vitalidade.

O motor murmurando palavras de potência, através de silenciosos duplos, em envoltórios de vidro. Não sei como, eu sabia haver uma caixa de mudança Hurst no interior e caixas de ligação Feully: o óleo Quaker State acabara de ser trocado — era agora de clara cor ambarina, o sangue vital automotivo.

Os limpadores de pára-brisa se ergueram de repente, uma coisa estranha, porque não há ninguém atrás do volante, o carro está vazio.

– Vamos garotão. Vamos dar uma volta. Vamos rodar.

Sacudo a cabeça. Não quero entrar lá. Tenho medo de entrar lá. Não quero dar uma volta. De repente, o motor começa a acelerar e morrer, acelerar e morrer; é um som faminto, aterrador, como um cão feroz em uma correia fraca... e eu quero andar... porém meus pés parecem pregados ao pavimento gretado da calçada.

– É a última chance, garotão.

E antes que eu possa responder – ou mesmo pensar em uma resposta – há o guincho terrível da borracha desligando-se do concreto e Christine investe contra mim, seu radiador escancarado como uma boca aberta, cheio de dentes cromados, os faróis ofuscantes...

Grito e acordo na escuridão morta das duas da madrugada, assustado com o som de minha voz, o ruído apressado de pés descalços correndo pelo corredor assustando-me ainda mais. Minhas mãos aferravam punhados do lençol. Puxei-o, estava todo embolado no meio da cama. Um suor escorregadio envolvia meu corpo.

No fundo do corredor, Ellie gritou: "O que foi isso?", em seu próprio terror.

A luz de meu quarto iluminou tudo e lá estava mamãe, em uma curta camisola que revelava mais do que ela permitiria, exceto na mais extrema emergência. Logo atrás dela, papai amarrava o cinto do roupão, fechado sobre absolutamente nada.

– O que foi, meu bem? – perguntou mamãe.

Tinha os olhos arregalados e assustados. Eu não recordava a última vez em que me chamara "meu bem" daquele jeito – aos quatorze anos? Doze? Talvez dez? Não sei dizer.

– Dennis? – chamou papai.

Então, surgiu Elaine mais atrás, depois entre eles, tremendo.

– Voltem para a cama – falei. – Foi apenas um sonho. Nada mais.

— Nossa! — disse Elaine, chocada pelo respeito à hora e à ocasião. — Deve ter sido um verdadeiro filme de horror. Não foi, Dennis?

— Sonhei que você tinha casado com Milton Dodd e veio morar comigo — respondi.

— Não aborreça sua irmã — disse mamãe. — O que foi, Dennis?

— Não me lembro.

De repente, percebi que o lençol era uma confusão, que havia um tufo de pêlos púbicos aparecendo. Ajeitei tudo depressa, entre culpados pensamentos de masturbação, poluição noturna e sabe-se mais lá o que, martelando minha cabeça. Um deslocamento total. Nos primeiros dois ou três vertiginosos momentos, eu nem mesmo tinha certeza se era grande ou pequeno — havia apenas aquela imagem terrível, sombria e onipotente do carro investindo para diante, um pouquinho a cada vez que o motor funcionava, recuando, avançando de novo, o capô vibrando acima do motor, o radiador semelhante a dentes de aço...

É a última chance garotão.

Em seguida, a mão fria e seca de mamãe estava em minha testa, em busca de febre.

— Está tudo bem, mamãe — falei. — Não foi nada. Apenas um pesadelo.

— E você não se lembra...

— Não. Esqueci tudo agora.

— Fiquei assustada — disse ela, depois dando uma risadinha trêmula.
— Você só saberá o quanto a gente se assusta, quando um de seus filhos gritar no escuro.

— Hum, nem me fale nisso — disse Elaine.

— Vá para a cama, garotinha — disse papai, dando um tapinha leve em sua nádega.

Ela obedeceu, não parecendo muito satisfeita. Talvez, superado o medo inicial, esperasse que eu tivesse um acesso de histeria. Isso lhe daria um bom motivo de comentários, enfiada em seu sutiã de treinamento, no programa matinal de discussões sobre o fato.

— Você está bem mesmo? — perguntou mamãe. — Está, benzinho?

Aquela palavra novamente, trazendo antigas lembranças de joelhos esfolados, ao cair de meu carrinho vermelho; seu rosto inclinado para minha cama era o mesmo que eu vira nos febris acessos de todas aquelas doenças infantis — caxumba, catapora, um ataque de escarlatina. Dando-me uma vontade absurda de chorar. Eu tinha nove anos e trinta e cinco quilos em seu colo.

— Claro que estou — respondi.

— Muito bem — disse ela. — Deixe a luz acesa. Ajuda um pouco.

Com um último e hesitante olhar para meu pai, ela se foi. Eu tinha algo para me deixar confuso — a idéia de que minha mãe jamais tivera um pesadelo. Deve ser uma daquelas coisas que nunca nos ocorrem. E quaisquer que fossem seus pesadelos, nenhum deles se transmitiria para os Rascunhos de Amor e Beleza.

Papai se sentou na beira da cama.

— Não se lembra mesmo do que foi? Meneei a cabeça.

— Deve ter sido horrível, para fazê-lo gritar daquele jeito, Dennis.

Seus olhos se fixavam nos meus, perguntando gravemente se haveria alguma coisa que ele devesse saber. Quase lhe contei — o carro, era o maldito carro de Arnie, Christine, a Rainha da Ferrugem, com vinte anos de idade, aquela velharia fodida. Quase contei. Entretanto, sei lá como, aquilo ficou engasgado em minha garganta, quase como se, falando, eu traísse meu amigo. O bom e velho Arnie, a quem um Deus amante de gracejos decidira espancar com umas boas varadas.

— Tudo bem — disse ele, e beijou meu rosto.

Pude sentir sua barba, diminutas cerdas espetando e que só brotam à noite. Senti também seu cheiro de suor e seu amor. Fiz-lhe um afago brusco e ele me afagou de volta.

Quando me vi sozinho, fiquei com o abajur da cabeceira aceso, temendo voltar a dormir. Deitado de costas, peguei um livro, sabendo que meus velhos estavam acordados em seu quarto, perguntando-se se eu estaria envolvido em alguma espécie de confusão ou se envolvera alguém mais — talvez a chefe de torcida com corpo espetacular — em qualquer tipo de problema.

Decidi que dormir era uma impossibilidade. Ficaria lendo até o dia clarear e tiraria um cochilo na tarde do dia seguinte, de preferência na parte mais monótona do futebol. E, assim pensando, adormeci e acordei na manhã seguinte, com o livro fechado e caído no chão, ao lado da cama.

PRIMEIRAS MUDANÇAS

Eu lhe direi o que faria se tivesse dinheiro,
Eu iria à cidade e compraria um ou dois Mercurys,
Compraria um Mercury para mim
E cruzaria esta estrada para cima e para baixo.
— The Steve Miller Band

Pensando que Arnie fosse aparecer naquele sábado, fiquei perambulando pela casa — aparei a grama, limpei a garagem, até mesmo lavei todos os três carros. Mamãe observou com algum espanto toda aquela diligência e, à hora do almoço de cachorro-quente com salada de verduras, comentou que talvez eu devesse ter pesadelos com mais regularidade.

Eu não queria telefonar para a casa de Arnie, depois de todo aquele desagradável ambiente que havia presenciado, mas quando chegaram as preliminares do jogo e ele não apareceu, ganhei coragem e liguei. Regina atendeu e, embora estivesse fazendo uma boa imitação do nada-mudou, imaginei detectar uma recente frieza em sua voz. Aquilo me entristeceu. Seu único filho fora seduzido por uma velha e pelancuda prostituta chamada Christine e seu cúmplice devia ter sido o velho chapa Dennis. Talvez ele tivesse, inclusive, alcovitado o negócio. Arnie não estava em casa, disse Regina. Estava na garagem de Darnell. Fora para lá desde nove da manhã.

— Oh! — murmurei, sem jeito. — Oh, poxa, eu não sabia disso. — Minha voz soava mentirosa e, pior ainda, eu a *sentia* mentir.

— Não mesmo? — replicou Regina, em sua nova voz fria. — Adeus, Dennis.

O fone emudeceu em minha mão. Fiquei olhando para ele durante um instante, depois o coloquei no gancho.

Papai se aboletara diante da TV, com sua frouxa bermuda púrpura,

calçando sapatos de lona e com seis latas de cerveja na geladeira portátil a seu lado. Os Phillies estavam tendo um dia ótimo, encurralando Atlanta inteiramente. Mamãe saía para visitar uma colega (acho que uma lia seus rascunhos e poemas para a outra, exaltando-se juntas). Elaine fora para a casa de sua amiga Delia. Estava tudo quieto; lá fora, o sol brincava de pique com algumas nuvens brancas. Papai me passou uma cerveja, o que só faz quando se sente extraordinariamente bem-humorado.

Não obstante, o sábado ainda parecia desinteressante. Fiquei pensando em Arnie, que não estava vendo o jogo ou aproveitando os raios do sol, nem ao menos aparando a grama em sua casa e ficando com os pés esverdeados. Arnie, nas sombras oleosas da Garagem Faça-Você-Mesmo de Will Darnell, às voltas com aquela silenciosa banheira enferrujada, enquanto homens gritavam e ferramentas caíam no cimento com penetrante som metálico, a broca de ar comprimido afrouxando velhos parafusos, a voz resfolegante e a tosse asmática de Will Darnell...

Que merda, eu estaria *enciumado*? O que significava aquilo?

No sétimo turno do jogo, levantei-me e caminhei para a saída.

— Aonde vai? — perguntou meu pai.

Isso mesmo, para onde eu ia? Para lá? Ficar espiando Arnie, grudado a ele, ouvindo as implicações de Will Darnell? Procurando mais uma dose de sofrimento? Droga! Arnie já era um cara crescidinho.

— A lugar nenhum — respondi.

Achei uma embalagem de biscoito na caixa do pão, cuidadosamente empurrada para o fundo. Apanhei-a com certo prazer lúgubre, sabendo o quanto Elaine ficaria enfurecida, ao vir procurá-la durante um dos comerciais de *Animada Noite de Sábado* e nada mais encontrar ali.

Voltei para a sala de estar. Sentei-me, filei outra cerveja de papai e comi o biscoito de Elaine, inclusive rasgando a embalagem de papelão. Ficamos vendo os Phillies acabarem com Atlanta. ("Deram uma surra neles,

Denny", eu podia ouvir meu avô, falecido cinco anos antes, dizendo com sua voz esganiçada de velho, "uma surra pra valer!") e não pensei mais em Arnie Cunningham.

Não muito.

Na tarde seguinte, ele apareceu em sua velha e desconjuntada bicicleta de três velocidades, quando eu e Elaine jogávamos croqué no gramado dos fundos. Ela insistia em acusar-me de estar roubando o jogo. Vestia um *short*, cortado de calças velhas. Sempre o usava quando "estava tendo suas regras mensais". Minha irmã sentia grande orgulho daquelas regras, que vinha tendo regularmente nos últimos quatorze meses.

— Olá — disse Arnie, surgindo por uma esquina da casa. — Vocês devem ser o Monstro da Lagoa Negra e a Noiva do Frankenstein, ou Dennis e Ellie.

— O que você acha, cara? — falei. — Pegue um taco.

— Não estou mais jogando — disse Elaine, deixando cair o seu taco de jogar croqué. — Ele rouba ainda mais do que você. *Homens!*

Depois que ela se foi, Arnie disse, em voz trêmula e afetada:

— É a primeira vez que ela me chama de homem, Dennis.

Caiu de joelhos, com uma expressão de exaltada adoração no rosto. Comecei a rir, Arnie sabia ser divertido, quando queria. Aquele era um dos motivos de apreciá-lo tanto. Uma espécie de segredo, compreenda. Acho que ninguém mais percebia aquilo, além de mim. Certa vez, ouvi falar de um milionário que roubara um Rembrandt e o guardara em seu porão, onde ninguém mais podia vê-lo, além dele. Eu podia entender esse sujeito. Não digo que Arnie fosse um Rembrandt ou algum campeão de inteligência, mas compreendia a atração de saber sobre algo bom... algo que era bom, mas permanecendo em segredo.

Divertimo-nos com o croqué por alguns momentos, não jogando para valer, mas tirando o máximo proveito de nossas boladas. Finalmente, uma

bola atravessou a cerca viva até o quintal dos Blackfords e, após eu ter rastejado até lá para recuperá-la, desistimos de jogar. Ficamos sentados nas cadeiras do quintal. Dentro em pouco, Jay Hawkins Miador, nosso gato substituto do Capitão Beefheart, deslizou furtivamente da porta, sem dúvida esperando encontrar algum bom esquilincho, que assassinaria lenta e malevolamente. Seus olhos verde-âmbar cintilaram à luz da tarde, agora nublada e quieta.

— Pensei que você viesse ver o jogo ontem — falei. — Foi uma boa partida.

— Estive na Darnell's — disse ele. — De qualquer modo, ouvi o jogo pelo rádio. — Sua voz elevou-se três oitavas e fez uma boa imitação de meu avô: — "Deram uma surra neles! Uma surra pra valer, Denny!".

Ri e assenti. Naquele dia, havia algo nele parecendo diferente talvez fosse apenas por causa da claridade, bastante forte, mas ainda assim sombria e crepuscular. Em primeiro lugar, Arnie parecia cansado, estava com olheiras — mas, ao mesmo tempo, a pele estava um pouco melhor do que ultimamente. Andara bebendo um bocado de Cocas no trabalho, mesmo sabendo que não devia, é claro, mas incapaz de resistir à tentação, de vez em quando. Seus problemas de pele tendiam a surgir em ciclos, como na maioria dos adolescentes, dependendo do estado de ânimo. No caso de Arnie, contudo, os ciclos geralmente iam de ruim para pior, e retornavam ao ruim.

Talvez fosse apenas a claridade.

— O que fez no carro? — perguntei.

— Não muita coisa. Troquei o óleo. Dei uma espiada no bloco do motor. Enfim, não está rachado, Dennis. LeBay ou alguém mais deixou o bujão de drenagem em algum lugar ao longo da linha, eis tudo. Um bocado do óleo velho tinha vazado para fora. Tive sorte em não soltar um pistão, dirigindo na tarde de sexta-feira.

— Como conseguiu hora com o elevador? Pensei que era preciso uma reserva antecipada. Seus olhos desviaram-se dos meus.

— Não houve problema — disse, mas havia desapontamento em sua voz. — Fiz uns dois favores para o Sr. Darnell.

Abri a boca para perguntar que tipo de favores, mas decidi que não queria saber. Provavelmente, os "dois favores" se reduziriam apenas a uma ida à Schirmer's Lanchonete, na primeira esquina, a fim de trazer café puro para os *habitués* da garagem, ou então juntar várias partes de carros usados, para venda posterior. O que não me interessava era envolver-me na extremidade Christine da vida de Arnie — e isso incluía saber como ele estava se saindo (ou não saindo) na garagem de Darnell.

Havia ainda algo mais — uma sensação de perda. Eu não conseguia definir muito bem tal sensação, ou não queria defini-la. Hoje, posso afirmar que se tratava da maneira como nos sentimos quando um amigo nosso se apaixona por uma vagabunda experiente e metida a sebo. A gente não gosta da vagabunda e, em noventa e nove por cento dos casos, ela também não vai com a nossa cara, de maneira que nos limitamos a fechar a porta para aquele compartimento da antiga amizade. Feita a coisa, tanto podemos esquecer o assunto... como descobrir que o amigo nos esqueceu, em geral com entusiástica aprovação da vagabunda.

— Vamos ao cinema — disse Arnie, inquieto.

— O que está passando?

— Bem, há um daqueles violentos filmes Kung-fu, no State Twin, o que acha disso? *Hiii-iah!* — Ele fingiu dar um selvagem chute de caratê em Jay Hawkins Miador, e o gato saltou para longe como uma flecha.

— Parece bom. Bruce Lee?

— Não. Outro cara.

— Como é o nome dele?

— Não sei. Punhos Perigosos. Mãos Voadoras Mortais. Talvez seja Genitais Furiosos, sei lá. O que me diz? Quando voltarmos, podemos contar as partes mais violentas para Ellie e fazê-la vomitar.

— Está bem — falei. — Isto, se ainda pudermos entrar, pagando uma prata cada um.

— Claro. Podemos entrar até as três.

— Vamos embora.

Fomos. Afinal, era um filme de Chuck Norris, não ruim de todo.

Na segunda-feira, continuamos a construção do alongamento da Interestadual. Esqueci meu sonho. Aos poucos, percebi que não continuaria vendo Arnie tanto tempo como antes; de novo, era como nos sentimos se vamos perdendo contato com um cara recém-casado. Por outro lado, meu negócio com a chefe de torcida começou a esquentar. Havia também outra coisa que esquentava como o diabo — por várias noites, levei-a das corridas de submarinos no *drive-in* para casa, sentindo os colhões latejarem de tal modo, que mal podia caminhar.

Nesse ínterim, Arnie passava na Darnell's a maioria do tempo livre, depois que saía do trabalho.

BUDDY REPPERTON

E eu sei, pouco importa quanto custe,

Ooooooh, aquele duplo exaustor

Faz o meu motor berrar,

E o meu carro então terá

Uma descarga Cadillac.

— Moon Martin

Nossa última semana de trabalho corrido, antes do início das aulas, foi a que precedeu o Dia do Trabalho. Quando passei pela casa de Arnie para apanhá-lo aquela manhã, ele apareceu com uma enorme mancha negro-azulada em torno de um olho e um feio corte na parte superior da face.

— O que houve com você?

— Não quero falar sobre isso — respondeu ele, carrancudo. — Já tive que explicar tanto a meus pais, que quase fiquei maluco.

Atirou sua maleta do lanche no assento traseiro e mergulhou em um sombrio silêncio, que durou todo o trajeto até o trabalho. Alguns companheiros o interrogaram sobre o corte, mas Arnie apenas deu de ombros.

Nada comentei ao voltarmos para casa; apenas liguei o rádio e fiquei entregue a mim mesmo. E talvez ficasse sem jamais ouvir a história, se não houvesse sido "atacado" por aquele sebooso ítalo-irlandês chamado Gino, pouco antes de deixarmos a Main Street para trás.

Naquela época, Gino estava sempre me atocaiando — ele podia esgueirar-se através do vidro fechado de um carro e realizar a façanha. O estabelecimento Gino's Fine Italian Pizza (Deliciosa Pizza Italiana do Gino) fica na esquina da Main com Basin Drive, e sempre que eu via o anúncio com a pizza elevando-se no ar, com todos aqueles ii pontilhados por copos de bebida (aquilo piscava noite adentro, como é que se pode fugir?), sentia a

cilada funcionando novamente. Aquela noite, minha mãe estaria em aula, isto significando que teríamos um jantar de sobras em casa. A perspectiva não me deixava nem um pouco alegre. Eu e meu pai não éramos muito chegados a cozinhar e, quanto a Ellie, seria capaz até de queimar água pura.

— Vamos comer uma pizza — falei, manobrando para o pátio de estacionamento do Gino's. — O que me diz? Uma bem grande e gordurosa, cheirando como sovacos.

— Que violência, Dennis!

— Sovacos *limpos* — emendei. — Vamos.

— Negativo. Estou de caixa baixa — disse Arnie, em um murmúrio.

— Eu pago. Pode até ficar com aquelas horríveis e fodidas enchovas em sua metade. E então, vamos?

— Dennis, acho que eu não...

— Com uma Pepsi — acrescentei.

— Pepsi me acaba com a pele, você sabe disso.

— Sim, eu sei. Um copo *grande* de Pepsi, Arnie.

Seus olhos cinzentos iluminaram-se pela primeira vez no dia.

— Um copo *grande* — repetiu. — Olha só! Você é mesmo pão-duro, Dennis.

— Dois, se preferir — falei.

Era uma grande pedida, francamente — como oferecer barras de chocolate à mulher gorda do circo.

— Dois — ele disse, apertando meu ombro. — Dois copões de Pepsi, Dennis! — Arnie começou a esticar-se no assento, com as duas mãos em torno da garganta e gritando: — Dois! Depressa! Dois! Depressa!

Eu ria tanto que quase embiquei com o carro para cima da parede cinzenta de concreto. Quando saímos de meu Duster, pensei, por que ele

não beberia duas sodas? Sem dúvida, andou afastado delas ultimamente. A pequena melhora que eu percebera em seu rosto, naquele domingo nublado de duas semanas atrás, agora era definitiva. Ele continuava exibindo uma profusão de caroços e crateras, mas nem tantos estavam — perdoem-me, mas preciso dizer — gotejando. Arnie parecia melhor, também em outros sentidos. Um verão inteiro trabalhando na estrada o tinha bronzeado profundamente e o deixara na melhor forma física que já estivera na vida. Assim, pensei que ele merecia sua Pepsi. Ao vencedor os despojos.

O Gino's é dirigido por um cara italiano formidável, chamado Pat Donahue. Em sua caixa registradora, ele tem um adesivo dizendo MÁFIA IRLANDESA, serve cerveja verde no Dia de São Patrício (em 17 de março a gente nem pode chegar perto do Gino's, e uma das pedidas na vitrola automática é Rosemary Clooney cantando "Quando os Olhos Irlandeses Sorriem") e impressiona com um chapéu-coco reto que, em geral, usa empurrado bem para trás.

A vitrola automática é um antigo modelo Wurlitzer, com a parte frontal em forma de bolha, um remanescente dos finais dos anos 40, e todos os discos — não apenas Rosemary Clooney — têm etiquetas pré-históricas. Talvez seja a última vitrola automática do país em que se consegue três músicas por uma moeda de 25 centavos. Nas raras ocasiões em que fumo um baseado, é sobre o Gino's que fantasio — vejo-me entrando lá, pedindo três pizzas caprichadas, uma garrafa de Pepsi e seis ou sete daqueles doces de chocolate feitos em casa, especialidade de Pat Donahue. Então, imagino-me apenas sentado ali e devorando tudo, enquanto daquela vitrola sai uma firme torrente de Beach Boys e Rolling Stones.

Entramos, fiz o pedido e ficamos sentados, vendo os três cozinheiros de pizza jogando a massa no ar e tornando a pegá-la. Estavam trocando amenidades em espirituoso estilo italiano, como: "Vi você a noite passada na pista de dança do Shriners's, Howie, quem era aquela coisa desajeitada que estava com seu irmão?". "Oh, *ela*? Era sua irmã."

Quero dizer, parecia algo como Velho Mundo, como se pode agüentar?

As pessoas entravam e saíam, muitas delas estudantes de meu colégio. Dentro em breve tornaria a vê-las pelos corredores e senti uma repetição daquela forte nostalgia antecipada, aquela sensação de medo. Em minha cabeça, ouvia o sinal de ir para casa, porém de algum modo aquele prolongado uivo soava como um alarma. *Lá vamos nós de novo, Dennis, esta é a última vez, porque depois deste ano terá que aprender a ser adulto.* Eu podia ouvir as portas de armários batendo com força no vestiário, ouvia o firme *ka-chonk, ka-chonk, ka-chonk* dos atacantes, cujas bastonadas perturbavam os adversários mais fracos, e também ouvia Marty Bellerman gritar rigorosamente: "Vamos em frente. Pedersen! Não esqueça disso! Vamos em frente! É melhor dizer a esses cretinos dos gêmeos Bobbsey que se separem!". O cheiro seco da poeira de giz na sala de aula, na Ala de Matemática. O som das máquinas de escrever, nas grandes salas de aulas de secretariado, no segundo andar. O Sr. Meecham, o diretor, fazendo os comunicados do fim do dia, em sua voz monótona e exigente. O almoço ao ar livre, nas arquibancadas do campo de esportes, quando o tempo era bom. Uma nova safra de calouros, parecendo desajeitados e perdidos. E, tudo encerrado, a gente caminha corredor abaixo, vestindo aquele enorme roupão de banho púrpura — e pronto. Terminou o ginásio. Liberam-nos para um mundo inimaginável.

— Você conhece Buddy Repperton, Dennis? — perguntou Arnie, despertando-me de meu sonho. Nossa pizza já chegara.

— Buddy o quê?

— Repperton.

O nome era familiar. Trabalhei no meu lado da pizza e me forcei a recordar, enquanto isso. Lembrei, após um momento. Eu havia tido uma discussão com ele, quando era ainda um dos desajeitados e pequenos calouros. Acontecera em um baile de confraternização. A banda tirava uma

folga e eu esperava na fila de bebidas, para conseguir uma soda. Repperton empurrou-me, dizendo que calouros tinham que esperar, até que todos os mais adiantados tivessem suas bebidas. Ele era então um segundanista do ginásio, grande e corpulento, um significativo segundanista. Tinha um queixo em forma de lanterna, cabelos negros, espessos e gordurosos, e olhos pequeninos, muito juntos. Entretanto, aqueles olhos não eram totalmente estúpidos, deixando entrever um desagradável brilho de inteligência. Repperton era um daqueles tipos que passam a maior parte do tempo no ginásio na área de fumar.

Eu ousara emitir a herética opinião de que, na fila de bebidas, nada significava ser veterano. Repperton convidou-me a ir lá fora com ele. A esta altura, a fila se desfizera, tornando a organizar-se em um daqueles cautelosos porém ansiosos pequenos círculos, que geralmente prenunciam uma briga.

Uma recepcionista apareceu então, pondo um final naquilo. Repperton prometeu que me pegaria, mas nunca o fez. Aquele havia sido meu único contato com ele, exceto quando via seu nome de vez em quando na lista de detidos no final do dia, convocando-os para uma ida à secretaria do colégio. Parecia-me que ele fora suspenso umas duas vezes, além disso — e quando tal acontece, em geral é um bom sinal de que o sujeito não fazia parte da Liga de Jovens Cristãos.

Contei a Arnie meu único contato com Repperton e ele assentiu abatido. Tocou a equimose em torno do olho, que agora adquiria uma horrível tonalidade esverdeada.

— Foi ele.

— Foi Repperton quem fez isso em seu rosto?

— Hum-hum.

Arnie contou que conhecia Repperton dos cursos de Mecânica de Motores. Uma das ironias da perseguida e evidentemente infeliz vida

escolar de Arnie era o fato de seus interesses e aptidões o encaminharem precisamente para um contato direto com o tipo de gente que sentia ser seu obrigatório dever chutar para fora o recheio dos Arnie Cunningham deste mundo.

Quando estava no segundo ano secundário, fazendo um curso chamado Motores Fundamentais (que nada mais era senão o simples e velho Mecânica de Motores 1, antes que a escola conseguisse do governo federal um bom dinheiro para treinamento vocacional), um garoto chamado Roger Gilman fizera Arnie pôr para fora toda a merda que tinha no corpo. Sei que isso é francamente vulgar, porém não existe forma mais delicada e elegante de expor o fato. Gilman o fez espirrar o recheio. Foi uma surra tão contundente — que Arnie precisou faltar dois dias à escola, enquanto Gilman tirava uma semana de férias — cortesia da direção. Atualmente, Gilman estava preso, acusado de roubo de automóvel. Buddy Repperton fizera parte do círculo de amigos de Roger Gilman e, de certa forma, herdara a liderança de seu grupo.

Para Arnie, ir à aula na Classe de Motores, era como visitar uma zona despolicuada. Então, se conseguia sobreviver, corria todo o trajeto até a outra extremidade da escola, com seu tabuleiro de xadrez debaixo do braço, para uma reunião ou jogo no clube de xadrez.

Recordo a vez em que fui a um torneio de xadrez da cidade, em Squirrel Hill, certo dia do ano anterior, e então vi algo que, para mim, simbolizava a esquizofrênica vida escolar de meu amigo. Lá estava ele, inclinado gravemente sobre seu tabuleiro, em meio àquele profundo e palpável silêncio que é, principalmente, o que se ouve em tais ocasiões. Após uma longa e meditativa pausa, ele moveu a pedra, com a mão tão profundamente impregnada de graxa e óleo que nem mesmo uma lixa conseguiria limpar.

Claro está, que nem todos os colegas de curso eram contra ele; havia muitos rapazes que não se metiam, porém muitos deles permaneciam em

seus próprios e firmes círculos de amigos ou permanentemente indiferentes. Os que se reuniam em grupos fechados, em geral provinham da zona mais pobre de Libertyville (e não me venham dizer que estudantes secundários não se portam de acordo com a zona da cidade de onde se originam; eles se portam), sendo tão sérios e calados, que se poderia cometer o engano de classificá-los como imbecis. Em sua maioria, pareciam remanescentes de 1968, com cabelos compridos amarrados em rabos-de-cavalo, seus *jeans* e camisetas tingidos, mas, em 1978, nenhum desses caras queria derrubar o governo; eles queriam crescer e tornar-se *Mr. Goodwrench* [\[2\]](#).

E as salas de aulas profissionalizantes ainda são o destino final de alunos desajustados e durões, que não só freqüentavam a escola — ela lhes servia como prisão. Então, agora que Arnie mencionava o nome de Repperton, pude pensar em vários caras que circulavam em torno dele, como um sistema planetário. Em sua maioria, andavam pelos vinte anos e continuavam lutando para terminar os estudos. Don Vandenberg, Sandy Galton, "Penetra" Welch. O verdadeiro nome de "Penetra" era Peter, mas os outros o chamavam assim, porque era visto farejando os concertos de *rock* em Pittsburgh, à espera de conseguir entrar.

Buddy Repperton se tornara dono de um Camaro azul, com dois anos de fabricação, que havia capôtdo umas duas vezes para fora da Rota 46, perto do Parque Estadual das Squantic Hills — segundo Arnie, ele o adquirira de um dos companheiros de pôquer de Darnell. A máquina estava legal, porém a carroceria mostrava amplamente os tristes efeitos da capotagem. Repperton o levava para a garagem de Darnell, uma semana após Arnie ter levado Christine, embora Buddy costumasse rondar por lá ainda antes disso.

Nos primeiros dois dias, Repperton parecera não ter dado por Arnie em absoluto. E Arnie, naturalmente, ficava muito feliz em não ser percebido. Entretanto, Repperton mantinha-se em boas relações com Darnell, parecendo não haver qualquer problema para conseguir ferramentas muito requisitadas que, em geral, só eram acessíveis em termos

de reserva.

Então, Repperton começou a envolver-se com Arnie. Quando voltava da vendedora automática de Coca ou do banheiro, derrubava e espalhava por todo o piso do boxe de Arnie uma caixa cheia de acessórios, chave inglesa e juntas esféricas que ele estava usando. Ou então, se Arnie tinha um café em sua prateleira, Repperton dava um jeito de atingi-lo com o cotovelo e derramá-lo. Depois soltava um "Bem... me desculpuulpe...!", como Steve Martin, com seu largo sorriso perverso no rosto. Darnell, em seguida, berrava para Arnie recolher todos aqueles acessórios, antes que algum deles sumisse por um ralo no chão ou coisa assim.

Em breve, Repperton se desviava de seu caminho para dar um vigoroso tapa nas costas de Arnie, acompanhado por um estrondoso: "Como está se saindo, Cara de Cona?".

Arnie suportou aqueles ataques com o estoicismo do sujeito que já viu algo igual antes, que já passou por tudo aquilo. Provavelmente, esperava que Buddy Repperton se cansasse de amolá-lo ou que encontrasse alguma outra vítima para substituí-lo. Havia ainda uma terceira possibilidade, quase boa demais para acontecer — sempre havia a esperança de que Buddy fosse justamente afetado por alguma coisa e desaparecesse do cenário, como seu velho companheiro Roger Gilman.

Então, a coisa chegara às vias de fato, na tarde do último sábado. Arnie estava lubrificando o carro, principalmente porque ainda não acumulara fundos suficientes para as centenas de outros reparos que o Plymouth exigia. Repperton aproximou-se, assobiando alegremente, com uma Coca e um saco de amendoins em uma das mãos, um macaco de mão na outra. Ao passar pelo boxe vinte, moveu brusca e vigorosamente o macaco à altura da cintura e quebrou um dos faróis dianteiros de Christine.

— Arrebentou-o em pedacinhos — contou-me Arnie, sobre nossa pizza.

Então, mostrando no rosto uma exagerada expressão de tragédia,

Buddy Repperton dissera: "Oh, poxa, veja só o que fiz! Bem... me desculpe...".

Aquilo, entretanto, era o máximo que Arnie podia suportar. O ataque a Christine desencadeou as ações que ele ainda não fora capaz de liberar — impeliu-o à retaliação. Deu a volta ao Plymouth, com os punhos fechados, e atacou às cegas. Em um livro ou filme, talvez ele houvesse esmurrado Repperton certamente, derrubando-o ao chão para uma contagem de nocaute. Uma contagem até dez.

Não obstante, isso raramente acontece na vida real. Arnie nem mesmo conseguiu chegar perto do queixo de Repperton. Atingiu-lhe apenas a mão, derrubando ao chão o saco de amendoins e despejando a Coca-Cola inteiramente no rosto e camisa de Repperton.

— Muito bem, seu filho da puta! — bradou Repperton. Parecia quase comicamente surpreso. — Vou virar seu traseiro pelo avesso!

Avançou para Arnie empunhando o macaco. Vários dos outros homens se aproximaram às carreiras e um deles disse a Repperton que largasse o macaco e brigasse sem vantagens. Repperton atirou o macaco para um lado e avançou.

— Darnell não tentou pôr um fim à briga? — perguntei a Arnie.

— Ele não estava lá, Dennis. Desapareceu uns quinze minutos ou meia hora antes de tudo começar. Como se *soubesse* o que ia acontecer.

Arnie contou que Repperton havia feito a maior parte do estrago logo de saída. Primeiro o olho preto; o corte no rosto (feito pelo anel do colégio, adquirido por Repperton durante um de seus vários últimos anos como veterano) aconteceu logo em seguida.

— Além de várias outras coisas mais — acrescentou Arnie.

— Que outras coisas?

Estávamos sentados em uma das cabinas do fundo. Arnie olhou em

torno, para certificar-se de que ninguém olhava para nós, e então ergueu a camiseta. Respirei de maneira sibilante, quando vi aquilo. Era um terrível pôr-do-sol em equimoses — amarelas, vermelhas, purpúreas, marrons — cobrindo seu peito e estômago. Estavam apenas começando a esmaecer. Não consegui entender como ele pudera ir trabalhar, massacrado daquele jeito.

— Tem certeza de que ele não lhe quebrou alguma costela, cara? — perguntei.

Eu estava francamente horrorizado. O olho preto e o corte do rosto eram café pequeno, perto de toda aquela coisa. Já vira o resultado de brigas no colégio, estivera metido em algumas, porém agora contemplava as consequências de uma surra em regra, pela primeira vez na vida.

— Certeza absoluta — disse Arnie, com calma. — Tive sorte.

— Se teve!

Arnie não contou muito mais, porém um garoto que eu conhecia, chamado Randy Turner, estava lá e me contou o sucedido com mais detalhes, quando as aulas começaram. Segundo ele, Arnie podia ter apanhado muito mais, porém avançara para Buddy com muito mais empenho e muito mais furioso do que ele esperara.

De fato, disse Randy, Arnie saltara para Buddy Repperton como se o diabo lhe tivesse jogado um punhado de pimenta no traseiro. Seus braços se moviam como pás de moinho, os punhos estavam em todos os lados. Ele gritava, praguejava e babava. Tentei imaginar o quadro e não pude — em vez disso, via apenas Arnie socando meu painel de instrumentos, com força apenas para deixar marcas, gritando que eles pagariam.

Arnie fizera Repperton recuar até o meio da garagem, com o nariz sangrando (mais por puro acaso, do que por boa pontaria), tendo-lhe esmurrado o peito com tal violência que ele começou a tossir, engasgando-se e terminando por perder o interesse em liquidar meu amigo.

Buddy se virara, segurando a garganta e tentando vomitar. Arnie assestara um pontapé nos fundilhos de Repperton, com sua bota de trabalho de biqueira de aço, derrubando-o espalhafatosamente sobre a barriga e os braços. Repperton ainda arquejava e segurava a garganta com uma das mãos, o nariz jorrava sangue aos borbotões e (novamente, segundo Randy Turner) Arnie parecia disposto a chutar o filho da puta até acabar com ele quando Will Darnell magicamente reapareceu, gritando em sua voz resfolegante que parassem com aquela merda, parassem aquela merda, aquela *merda*.

— Arnie pensava que a briga estava para acontecer — falei a Randy.
— Pensou que fosse coisa combinada.

Randy deu de ombros.

— Talvez fosse. Podia ser. Engraçado foi a maneira como Darnell apareceu, quando Repperton começou realmente a perder.

Uns sete sujeitos agarraram Arnie e o afastaram. A princípio, ele lutou como um demônio para libertar-se, gritando que o soltassem, gritando que se Repperton não pagasse o farol quebrado, ele o mataria. Depois se deixou subjugar, espantado e sem consciência de como podia ter acontecido aquilo: Repperton caído e ele ainda de pé.

Repperton finalmente levantou-se, a camiseta branca suja de poeira e graxa, o nariz ainda borbulhando sangue. Mergulhou na direção de Arnie. Randy contou que mais parecia um ensaio de mergulho, quase por amor às aparências. Outros sujeitos o contiveram e o afastaram dali. Darnell aproximou-se de Arnie, dizendo que lhe entregasse a chave de sua caixa de ferramentas e desse o fora.

— Céus, Arnie! Por que não me telefonou na tarde de sábado? Ele suspirou.

— Estava deprimido demais.

Terminamos nossa pizza e comprei uma terceira Pepsi para ele. Esse

tipo de refrigerante é um veneno para a pele, mas um alívio para a depressão.

— Não sei se ele me mandou dar o fora por aquele sábado ou para sempre — comentou Arnie, quando voltávamos para casa. — O que você acha, Dennis? Será que ele me chutou de lá definitivamente?

— Você disse que ele lhe pediu a chave da caixa de ferramentas.

— Exato, exato, foi o que ele fez. Nunca fui chutado de *nenhum lugar antes*. Arnie dava a impressão de que ia chorar.

— Seja como for, aquele lugar é uma droga. E Will Darnell é um filho da puta.

— Acho que seria estupidez tentar continuar lá — disse ele. — E mesmo que Darnell me deixe voltar, Repperton continua lá. Eu acabaria brigando com ele outra vez e...

Comecei a cantarolar baixinho o tema de *Rocky*.

— Vá para o inferno, você e o garanhão que monta, Cavaleiro da Montanha — disse ele, sorrindo ligeiramente. — Eu lutaria *realmente* com ele. Só que Repperton pode atacá-la novamente com aquele macaco, quando eu não estiver lá. E, se fizesse isso, não creio que Darnell o impedisse.

Como não respondi, talvez Arnie pensasse que eu era de sua mesma opinião. Entretanto, não me entrava na cabeça que seu velho calhambeque enferrujado, aquele Plymouth Fury, fosse o alvo principal. E, se Repperton não pudesse completar sozinho a demolição do alvo principal, bastaria pedir ajuda a seus amigos — Don Vandenberg, "Penetra" Welch, etc. Calcem suas botas ferradas, rapazes, vamos ter uma boa diversão esta noite.

Ocorreu-me que eles poderiam acabar com ele. Não apenas arrasá-lo, mas *matá-lo* mesmo. Sujeitos como eles às vezes fazem isso. As coisas apenas passam de um certo limite e algum garoto termina morto. Volta e meia, a gente lê isso nos jornais.

— ... deixá-la?

— Como?

Eu não seguira o fio de sua conversa. Mais acima, a casa de Arnie estava à vista.

— Perguntei se você tinha alguma idéia sobre onde eu poderia deixá-la.

O carro, o carro, o carro, era tudo sobre o que ele falava. Arnie começava a soar como um disco rachado. E, pior ainda, era sempre ela, ela, ela. Era inteligente o bastante para sentir sua crescente obsessão por ela — ele, maldição, ele —, mas não dava pela coisa. Nem se mancava.

— Arnie — falei. — Escute aqui, cara. Você tem coisas mais importantes com que se preocupar, em vez de espremer os miolos imaginando onde vai deixar o carro. Onde o guardará. Quero saber onde você vai se guardar.

— Como? De que está falando?

— Pergunto o que fará, se Buddy e seus capangas decidirem que vão fazer você dançar.

Seu rosto subitamente adquiriu uma expressão consciente — tão subitamente que dava medo ver. Consciente, impotente e sofrido. Era um rosto que eu podia reconhecer, pois o vira nos noticiários, quando tinha apenas oito ou nove anos — o rosto de todos aqueles soldados de pijamas negros que tinham feito o diabo com o mais bem equipado e aguerido exército do mundo.

— Farei o que puder, Dennis — disse ele.

LEBAY MORRE

Não tenho carro e isso me corta o coração,
Mas tenho um motorista e já é um começo...

— Lennon e McCartney

Tinham começado a passar o filme *Nos Tempos da Brilhantina* e levei a chefe de torcida para vê-lo, aquela noite. Achei uma chatura, mas ela adorou. Fiquei lá, vendo aqueles adolescentes completamente irreais, dançando e cantando (se eu quisesse adolescentes *realistas* — bem, mais ou menos — veria *O Balanço das Horas*, em alguma reapresentação), de modo que minha mente se desligou do filme. De repente, fui acometido por uma súbita idéia, como às vezes costuma acontecer quando não estamos concentrados em nada particular.

Desculpei-me e fui até o saguão, para usar o telefone público. Liguei para a casa de Arnie, com rapidez e segurança. Decorara o número dele desde que andava pelos oito anos, ou coisa assim. Podia ter esperado até o filme terminar, mas aquela idéia me pareceu diabolicamente boa, para esperar tanto tempo. O próprio Arnie atendeu.

— Alô?

— Aqui é Dennis, Arnie.

— Oh, Dennis!

Sua voz era tão inexpressiva e alheia que fiquei um pouco assustado.

— Você está bem, Arnie?

— Como? Oh, claro que estou. Pensei que você tivesse levado Roseanne ao cinema.

— É do cinema que estou ligando.

— Então, o filme não deve ser tão legal assim — disse Arnie, com aquela voz ainda monótona, monótona e terrível.

— Roseanne está achando um barato.

Pensei que aquilo arrancasse o riso de Arnie, mas houve apenas aquele silêncio paciente, aguardando.

— Escute — falei —, encontrei a resposta.

— Que resposta?

— LeBay — respondi. — LeBay é a resposta.

— Le... — disse ele, em voz estranha e aguda... para então silenciar novamente. Aquilo começava a ser mais do que um susto para mim. Eu nunca o vira desse jeito.

— Exatamente — insisti. — LeBay. LeBay tem uma garagem e me veio a idéia de que ele comeria um sanduíche de rato morto se a margem de lucro fosse suficientemente alta. Se você o procurar oferecendo uma base, digamos, de dezesseis ou dezessete pratas por semana...

— Muito engraçado, Dennis.

A voz de Arnie era gélida e odiosa.

— Arnie, o que... Ele desligou.

Fiquei parado, contemplando o fone e me perguntando que diabo estava acontecendo. Alguma nova investida de seus pais? Teria ele voltado à garagem e descoberto um novo dano em seu carro? Ou...

Uma súbita intuição — quase uma certeza — me colheu de súbito. Recoloquei o fone no gancho e caminhei para o balcão onde vendiam doces e pipocas e perguntei se tinham o jornal daquele dia. A garota que atendia finalmente o pescou e voltou a estourar sua goma de mascar, enquanto eu folheava a parte final do jornal, onde publicam os obituários. A garota me vigiava, talvez querendo ter certeza de que eu não usaria o jornal para alguma estranha perversão ou possivelmente o comesse.

Nada encontrei — ou foi o que imaginei a princípio. Então, virando a página, vi o cabeçalho. VETERANO DE LIBERTYVILLE FALECE AOS 71

ANOS. Havia uma foto de Roland D. LeBay em seu uniforme do Exército, parecendo vinte anos mais jovem e com olhos muito mais vivos do que nas ocasiões em que eu e Arnie o tínhamos visto. A notícia era breve. LeBay falecera subitamente, na tarde de sábado. Deixava um irmão, George, e uma irmã, Márcia. Os serviços funerários estavam marcados para terça-feira, às duas da tarde.

Subitamente.

Nas notícias de falecimentos, sempre lemos: "após prolongada enfermidade," "após breve enfermidade" ou "subitamente". Subitamente pode significar qualquer coisa, desde embolia cerebral a uma eletrocussão na banheira. Recordei algo que tinha feito a Ellie, quando ela não passava de um bebê — teria uns três anos, talvez. Eu quase a matara de susto, com um boneco de molas. A mão de Dennis, seu grande irmão mais velho, girava a pequena manivela que produzia música. Nada mau. Muito interessante. E de repente — *ploft!* De dentro da caixa saltava aquele sujeito de rosto risonho e feio nariz de gancho, quase lhe atingindo o olho. Ellie abriu um berreiro e disparou em busca da mãe, enquanto eu ficava lá, olhando sombriamente para o boneco que oscilava de um lado para outro, sabendo que provavelmente seria repreendido, sabendo que provavelmente *merecia* ser repreendido — eu sabia antecipadamente que o boneco a assustaria, brotando da música daquele jeito, de repente, com um terrível ruído.

Brotando tão subitamente.

Devolvi o jornal e fiquei lá, olhando apaticamente para os cartazes que anunciavam PRÓXIMA ATRAÇÃO e PARA BREVE.

Tarde de sábado.

Subitamente.

É engraçado como as coisas às vezes acontecem. Minha repentina idéia havia sido de que talvez Arnie pudesse levar Christine de volta para o lugar de onde viera, pagando a LeBay por isso. Agora, no entanto, LeBay

estava morto. De fato, morrerá no mesmo dia da briga de Arnie com Buddy Repperton — o mesmo dia em que Buddy esfaqueará o farol de Christine.

Tive imediatamente um retrato irracional de Buddy Repperton movimentando aquele macaco — *e, no mesmo exato momento*, o olho de LeBay espirra sangue, ele emborça de pernas para o ar e, subitamente, muito subitamente...

Pare com isso, Dennis, me adverti. Pare com...

Então, em algum lugar lá no fundo de minha mente, algum ponto perto do centro, uma voz sussurrou: *Vamos garotão, vamos rodar por aí* — e silenciou.

A garota atrás do balcão explodiu sua goma de mascar e disse:

— Você está perdendo o fim do filme. É a melhor parte.

— Oh, sim, obrigado.

Comecei a caminhar para a porta do cinema e então mudei o rumo, direto ao bebedouro. Minha garganta estava muito seca.

Antes de terminar de beber, as portas se abriram e todos começaram a sair. Além e acima de suas cabeças em movimento, pude ler o nome dos participantes do filme. Roseanne surgiu à vista, olhando em torno à minha procura. Atraiu muitos olhares de admiração e os devolveu com simplicidade, naquele seu jeito sonhador e contido.

— Den-Den — disse ela, tomando meu braço. Ser chamado Den-Den não é a pior coisa do mundo, ter os olhos inutilizados por um rubro atizador de brasas ou uma perna amputada por uma serra elétrica deve ser muito mais terrível, mas nunca me importei muito com aquilo. — Onde é que você esteve? Perdeu o final do filme. E o fim é...

— ... a melhor parte — completei para ela. — Sinto muito. Houve uma necessidade fisiológica. Aconteceu quando menos esperava.

— Vou te contar tudinho, se me levar até a beira do rio, por um

momento — disse ela, pressionando meu braço contra o lado macio de seu seio. — Se estiver querendo conversar, lógico.

— Foi um final feliz?

Ela sorriu para mim, os olhos grandes e doces, um pouco atordoados, como sempre. Segurou meu braço ainda mais apertadamente contra o seio.

— Muito feliz — disse. — Gosto de finais felizes. E você?

— Adoro — respondi.

Eu devia estar pensando na promessa de seus seios, mas a verdade é que voltara a concentrar-me em Arnie.

Naquela noite, tive um sonho novamente, porém neste Christine era velha — não, não apenas velha; era anciã, um terrível carro de carroceria desmantelada, algo que se esperaria ver em um baralho Tarot: em vez do Homem Enforcado, o Carro Morto. Algo que se poderia quase acreditar ser tão velho como as pirâmides. O motor rugia, morria e expelia uma fedorenta fumaça azulada de óleo queimado.

Ele não estava vazio: Roland D. LeBay estava refestelado ao volante. Seus olhos abertos eram vítreos e mortos. A cada vez que o motor pegava, a carroceria carcomida de ferrugem vibrava, Christine se sacudia como uma boneca de trapos. Seu crânio descascado assentia, para diante e para trás.

Então, os pneus deram seu grito terrível, o Plymouth saltou da garagem para cima de mim e, ao fazer isso, a ferrugem dissolveu-se, os vidros antigos e rachados ficaram cristalinos, os cromados cintilaram com selvagem frescor e os velhos pneus carecas subitamente floresceram em carnudos Firestones de banda branca, cada reentrância da banda de rolamento parecendo tão funda como o Grand Canyon.

Ele estrondeou para mim, os faróis despejando círculos brancos de ódio, e então ergui as mãos, em um gesto estúpido e inútil de defesa, pensando: *Céus, essa fúria interminável...*

Acordei.

Não gritei. Naquela noite, sufoquei o grito na garganta.

Com grande esforço.

Sentei-me na cama, uma poça fria de luar batia em um pedaço do lençol e pensei: *Falecido subitamente...*

Nessa noite, não consegui tornar a dormir tão depressa.

O FUNERAL

Rabo-de-peixe branco, de ponta a ponta,
E roda como algo do paraíso aqui na terra,
Bem, cara, quando eu morrer,
Jogue meu corpo na traseira
E me leve para o ferro-velho em meu Cadillac.
— Bruce Springsteen

Brad Jeffries, nosso capataz de turma na estrada, andava pelos quarenta e tantos anos, era careca, atarracado, permanentemente queimado de sol. Gostava muito de gritar — principalmente quando estávamos atrasados nos prazos de construção — mas era um bocado legal como pessoa. Fui procurá-lo na folga do café, para saber se Arnie pedira algumas horas livres ou a tarde inteira.

— Ele pediu duas horas, para ir a um enterro — disse Brad. Tirou os óculos de aros metálicos e massageou os pontos vermelhos que haviam deixado, nos lados do nariz. — Bolas, não vá *pedir* também... vou perder vocês dois no fim da semana, de qualquer jeito, e todos os imbecis ficam aqui.

— Tenho que pedir, Brad.

— Por quê? Quem é o cara? Cunningham disse que ele lhe vendera um carro, foi tudo. Céus, nunca pensei que alguém fosse ao enterro de um vendedor de carros usados, além dos parentes.

— Não era um vendedor de carros usados, apenas um cara. Arnie está tendo problemas nessa área, Brad. Acho que eu devia estar com ele.

Brad suspirou.

— Certo. Certo, certo, certo! Pode tirar uma folga, de uma às três, como ele. Se concordar em trabalhar durante a hora do almoço e ficar até as

seis, na sexta-feira.

— Tudo bem, Brad. Obrigado.

— Vou fazer de conta que trabalharei o horário normal — declarou Brad. — Se alguém da Penn-DOT, em Pittsburgh, descobrir, minha cabeça vai rolar.

— Ninguém descobrirá.

— Será uma pena perder vocês dois, rapaz.

Pegou o jornal e procurou a parte esportiva. Vindo de Brad, aquilo era um elogio e tanto.

— Foi um bom verão para nós também.

— Fico satisfeito em saber, Dennis. Agora dê o fora daqui e me deixe ler o jornal. Obedeci.

Era uma da tarde quando peguei carona em uma niveladora até o barracão principal da construção. Arnie estava lá dentro, pendurando seu capacete amarelo e vestindo uma camisa limpa. Olhou para mim com espanto.

— Dennis! O que está fazendo aqui?

— Vim me aprontar para um enterro — falei. — O mesmo que você.

— Não — disse ele prontamente.

Naquela palavra, encerrava-se tudo — os sábados que não passava mais em casa, a frieza de Michael e Regina ao telefone, a maneira como ele se portara, quando lhe ligara do cinema —, fazendo-me perceber o quanto me isolara de sua vida e como aquilo acontecera da mesma forma como LeBay tinha morrido. Subitamente.

— Sim — falei. — Sonhei com o sujeito, Arnie. Está me ouvindo? *Eu sonhei* com ele. Vou ao enterro. Podemos ir juntos ou separados, mas eu vou também.

– Não estava brincando, estava?

– Quê?

– Quando ligou para mim, do cinema. Ainda não sabia que ele estava morto, sabia?

– Droga! Acha que eu ia brincar com uma coisa dessas?

– Não – respondeu ele, mas demorou um pouco.

Só respondeu depois de refletir cautelosamente. Via a possibilidade de todas as mãos agora se voltarem contra ele. Will Darnell agira assim, bem como Buddy Repperton. Imagino que também seu pai e sua mãe. Contudo, não se tratava somente deles, nem mesmo principalmente deles, porque nenhum era a causa primordial. Era o carro.

– Você sonhou com ele?

– Sonhei.

Ele ficou parado, segurando a camisa limpa, meditando naquilo.

– O jornal disse Cemitério de Libertyville Heights – comentei finalmente. – Vai pegar o ônibus ou prefere ir comigo?

– Vou com você.

– Boa idéia.

Postamo-nos em uma elevação, um pouco acima da cerimônia à beira da sepultura, não ousando ou não querendo descer e juntar-nos ao punhado das pessoas ali presentes. Ao todo, eram menos de uma dúzia, metade composta de velhos sujeitos vestindo uniformes que pareciam velhos e cuidadosamente preservados – quase se podia sentir o cheiro da naftalina. O ataúde de LeBay estava em deslizadores sobre a sepultura. Havia uma bandeira sobre ele. As palavras do pregador chegaram até nós, levadas pela brisa quente de um final de agosto: "O homem é como a relva, que cresce e depois é aparada, o homem é como a flor, que desabrocha na

primavera e esmaece no verão, o homem é amor, e ama o que desaparece.

Terminada a cerimônia, a bandeira foi removida e um homem aparentando mais de sessenta anos jogou um punhado de terra sobre o caixão. Pequenos fragmentos saltitaram e caíram na fossa abaixo. O noticiário do óbito dizia que ele deixara um irmão e uma irmã. Aquele devia ser o irmão; a semelhança não era espantosa, mas existia. Evidentemente, a irmã não comparecera; ali havia apenas homens, em torno do buraco no chão.

Dois dos sujeitos da Legião Americana dobraram a bandeira em formato de quepe e um deles a entregou ao irmão de LeBay. O pregador pediu ao Senhor para abençoá-los e guardá-los, que Seu rosto fulgurasse sobre eles e lhes desse paz. Em seguida, todos começaram a dispersar-se. Olhei em torno, procurando Arnie, porém ele não estava mais ao meu lado. Tinha-se afastado um pouco e o vi de pé sob uma árvore. Havia lágrimas em suas faces.

— Você está bem, Arnie? — perguntei.

Tive absoluta certeza de não ter visto uma só maldita lágrima vertida pelos que circundavam a sepultura. Pensei que, se Roland D. LeBay soubesse que Arnie Cunningham seria o único a derramar lágrimas por ele, na cerimônia simples junto à sepultura, em um dos mais anônimos cemitérios do oeste da Pensilvânia, bem poderia ter rebaixado cinquenta pratas do preço de seu nojento carro. Afinal de contas, Arnie ainda estaria pagando cento e cinquenta a mais do que o calhambeque valia.

Ele limpou o rosto com as palmas das mãos, em um gesto quase selvagem.

— Estou ótimo — disse. — Vamos.

— Está bem.

Pensei que ele se referia à hora de irmos embora, porém Arnie não caminhou para onde eu estacionara meu Duster, começando, em vez disso, a descer a elevação. Comecei a perguntar-lhe aonde ia, mas fechei a boca;

eu o conhecia bem, sabia que pretendia falar com o irmão de LeBay.

O irmão estava parado com dois daqueles sujeitos com tipo de Legionários, conversando tranqüilamente, com a bandeira debaixo do braço. Usava o terno do homem que se aproxima da aposentadoria, com um rendimento insuficiente. Era um tecido com fino listrado azul, os fundilhos ligeiramente brilhantes. A gravata aparecia com a ponta amarrotada e a camisa branca estava amarelada no colarinho.

Ele nos viu chegando.

— Com licença — disse Arnie —, mas o senhor é o irmão do Sr. LeBay, não?

— Sim, sou eu mesmo.

Ele fitou Arnie de modo inquisitivo e, pensei, um tanto desconfiado. Arnie estendeu a mão.

— Meu nome é Arnold Cunningham. Conheci seu irmão ligeiramente. Comprei um carro dele, não faz muito tempo.

Quando Arnie estendeu a mão, LeBay a procurou automaticamente — entre homens americanos, o único gesto que parece mais arraigado do que o aperto de mão é observar a braguilha, para certificar-se de que o zíper foi fechado, após a saída de um toalete público. Entretanto, quando Arnie acrescentou que comprara um carro de LeBay, a mão vacilou no trajeto. Por um momento, pensei que não ia haver qualquer aperto de mãos, que ele recuaria com a sua, deixando a de Arnie boiar no vazio.

Entretanto, ele não fez tal coisa... pelo menos, não de todo. Apertou superficialmente a mão de Arnie e depois a soltou.

— Christine — disse ele, em voz inexpressiva. Sim, a semelhança do parentesco era patente: na maneira como as sobrancelhas formavam uma prateleira acima dos olhos, na forma do queixo, nos olhos de um azul-claro. Este homem, no entanto, tinha o rosto mais suave, quase gentil; duvido que um dia fosse ficar com a aparência magra e astuta de Roland D. LeBay. —

Na última notícia sua que me enviou, Rollie disse que a vendera.

Deus meu, também ele usava o maldito pronome feminino. E *Rollie!* Era difícil imaginar LeBay, com seu crânio pelado e o fedorento colete ortopédico, sendo Rollie para alguém. Seu irmão, contudo, pronunciara o diminutivo na mesma voz seca e indiferente. Não havia amor naquela voz, pelo menos nenhum que eu pudesse captar.

LeBay prosseguiu:

— Meu irmão não escrevia com frequência, Sr. Cunningham, mas tinha uma tendência a vangloriar-se. Eu desejaria ter para ele uma palavra mais delicada, porém creio que não existe. Em seu bilhete, Rollie falava do senhor como um "pato" e disse que lhe passara o que considerava "um conto-do-vigário".

Fiquei de boca aberta. Virei-me para Arnie, quase esperando outro acesso de fúria. Seu rosto, contudo, não se modificou em absoluto.

— Um conto-do-vigário — disse brandamente — é sempre a opinião do espectador. Acredita nisso, Sr. LeBay?

LeBay riu... com certa relutância, observei.

— Este é meu amigo. Estávamos juntos, no dia em que comprei o carro. Fui apresentado e apertei a mão de George LeBay.

Os soldados já se tinham ido. Nós três, eu, Arnie e LeBay, entreolhamo-nos desconfortavelmente. LeBay passou a bandeira do irmão de uma para a outra mão.

— Posso ser-lhe útil em alguma coisa, Sr. Cunningham? — perguntou LeBay finalmente. Arnie pigarreou.

— Eu estava pensando na garagem — disse por fim. — Compreenda, estou consertando o carro, tentando deixá-lo em condições de rodar novamente pelas ruas. Meus pais não o querem em nossa casa e, desta forma, eu estava pensando se...

– Nada feito.

– ... talvez pudesse alugar a garagem.

– O assunto está fora de discussão. De fato, é...

– Eu pagaria vinte dólares por semana — disse Arnie. — Até vinte e cinco, se quiser. Pestanejei. Arnie se portava como um menino, preso em areia movediça, que decide divertir-se comendo alguns bombons com arsênico.

– Impossível. — LeBay parecia cada vez mais constrangido.

– Apenas a garagem — disse Arnie, sua calma começando a fraquejar.

– Apenas a garagem onde o carro *estava antes*.

– Não é possível — disse LeBay. — Ainda esta manhã, registrei a casa com os corretores da Century 21, Libertyville Realty e Pittsburg Homes. Eles ficaram incumbidos de mostrá-la...

– Claro, dentro de algum tempo, mas até lá...

– ...e eu não gostaria de tê-lo na propriedade. Compreende, não? — Ele se inclinou ligeiramente para Arnie. — Por favor, não me interprete mal. Nada tenho contra adolescentes em geral... Se tivesse, provavelmente estaria agora em um hospício, porque lecionei no ginásio de Paradise Falls, Ohio, durante quase quarenta anos, e você me parece um cortês e inteligente exemplo do gênero adolescente. De qualquer modo, tudo quanto pretendo fazer aqui, em Libertyville, é vender a casa e dividir qualquer que seja o produto obtido, com minha irmã em Denver. Quero ver-me livre daquela casa, Sr. Cunningham, e também livre da vida de meu irmão.

– Entendo — disse Arnie. — Faria muita diferença se eu lhe promettesse cuidar da propriedade? Aparar a grama? Repintar as portas e janelas? Fazer pequenos reparos? Tenho muito jeito para essas coisas.

– Ele é realmente bom nisso — falei.

Para Arnie, seria bom recordar, mais tarde, que eu estivera do seu

lado... mesmo não estando. — Já contratei um homem para ficar de olho por lá e fazer um pequeno trabalho de conservação. Aquilo soava plausível mas, de repente, tive certeza absoluta de que era mentira. E Arnie sabia também, pensei.

— Está certo. Sinto muito sobre seu irmão. Ele parecia um... um homem de grande força de vontade.

Quando Arnie disse isso, recordei o momento em que me virara e tinha visto LeBay com compridas e gordurosas lágrimas nas faces. *Bem, aí está. Fiquei sem a minha máquina, filho.*

— Força de vontade? — LeBay sorriu cinicamente. — Oh, sim. Ele era um filho da mãe com força de vontade. — Pareceu não notar o ar chocado de Arnie. — Com licença, senhores. Creio que o sol perturbou um pouco o meu estômago.

Começou a caminhar. Ficamos parados, não muito longe da sepultura, vendo-o afastar-se. LeBay parou subitamente e o rosto de Arnie iluminou-se, sem dúvida pensando que o homem mudara de idéia de repente. Por um momento, LeBay ficou parado sobre a grama, a cabeça baixa, na postura de quem reflete profundamente. Então tomou a caminhar para nós.

— Se quer um conselho, esqueça aquele carro — disse a Arnie. — Venda-o. Se ninguém o quiser comprar inteiro, venda-o por peças. E se ninguém se interessar assim mesmo, leve para o ferro-velho. Faça isso, o mais rápido possível. Como quem se livra de um vício. Creio que você seria mais feliz.

Ficou olhando para Arnie, esperando que ele dissesse alguma coisa, mas não houve resposta. Meu amigo apenas o encarou fixamente. Seus olhos tinham aquela peculiar e estranha tonalidade que adquiriam quando a mente de Arnie estava decidida em alguma coisa, os pés bem firmes no chão. LeBay entendeu e assentiu. Pareceu angustiado e um pouco indisposto.

– Bom dia, senhores. Arnie suspirou.

– Bem, suponho que isto encerra tudo.

Olhou para LeBay que se afastava, com certo ressentimento.

– Certo – concordei, esperando soar mais infeliz do que me sentia.

Era o sonho. Eu não gostava da idéia de Christine novamente naquela garagem. Era semelhante demais ao meu sonho.

Em silêncio, começamos a caminhar de volta para meu carro. LeBay piscou para mim. Os dois LeBays tinham piscado para mim. Tomei uma súbita, impulsiva decisão – só Deus sabe como as coisas podiam ter sido muito diferentes, se eu não tivesse seguido meu impulso.

– Ei, cara – falei. – Tenho que dar uma mijada. Será só um ou dois minutos, certo?

– Certo – disse ele, mal erguendo os olhos.

Continuou caminhando, com as mãos enfiadas nos bolsos e os olhos cravados no chão. Caminhei para a esquerda, onde um pequeno e discreto aviso, com uma flecha ainda menor, indicava o trajeto para os toaletes. Entretanto, quando escalei a primeira elevação e fiquei fora da vista de Arnie, dobrei para a direita e corri para o pátio de estacionamento. Alcancei George LeBay quando ele deslizava lentamente para trás do volante de um diminuto Chevette, com um adesivo Hertz colado no pára-brisa.

– Sr. LeBay! – chamei, arquejante. – Sr. LeBay! – Ele ergueu os olhos, curiosamente. – Desculpe-me – falei. – Sinto muito incomodá-lo novamente.

– Não tem importância – respondeu ele –, mas continuo firme no que disse a seu amigo. Não posso deixá-lo guardar o carro na garagem.

– Faz muito bem – falei.

Suas espessas sobrancelhas se elevaram.

– Aquele carro – continuei –, aquele *Fury*, não gosto dele. Ele

continuou a olhar para mim, sem dizer nada.

— Não creio que aquele carro tenha feito bem a meu amigo. Talvez, em parte seja porque... Oh, eu não sei como dizer...

— Está com ciúmes? — perguntou ele, brandamente. — O tempo que seu amigo passava com você agora é dedicado a... Christine?

— Bem, acho que é isso — falei. — Somos amigos há muito tempo... Só que... bem, não creio que se trate apenas disso.

— Não?

— Não. — Olhei em torno, para ver se avistava Arnie e, nesse meio tempo, consegui concatenar os pensamentos. — Por que disse a ele para levar o carro ao ferro-velho e esquecê-lo? Por que disse que era como um vício?

Ele ficou calado e receio que nada tivesse a dizer — pelo menos, não a mim. Então, quase baixo demais para eu ouvir, perguntou:

— Tem certeza de que isto é da sua conta, filho?

— Não sei. — De repente, parecia muito importante fitá-lo nos olhos. — No entanto, eu me preocupo com Arnie, entende? Não quero vê-lo sofrer. Aquele carro já lhe trouxe problemas. Não quero que a situação fique pior.

— Venha a meu hotel esta noite. Fica logo depois da Western Avenue, na saída da 376. Acha que pode encontrar?

— Ajudei a compactar os lados da rampa — falei, estendendo-lhe as mãos. — Ainda tenho bolhas.

Sorri, mas ele não correspondeu ao sorriso.

— Rainbow Hotel. Há dois, na cabeceira daquela saída. O meu é o mais barato.

— Obrigado — falei, desajeitadamente. — Ouça, acha mesmo que...

— Talvez não seja da sua conta, da minha, nem da de ninguém — disse LeBay, em sua voz macia de professor, tão diferente do selvagem cacarejo de seu falecido irmão (porém, de certo modo, tão fantasticamente similar).

(e este é o melhor cheiro do mundo... excetuando talvez o de uma cona)

— No entanto, vou lhe dizer uma coisa — prosseguiu ele. — Meu irmão não era um bom homem. Em minha opinião, a única coisa que ele realmente amou na vida foi esse Plymouth Fury que seu amigo comprou. Portanto, o assunto deve ser entre eles, apenas entre eles, pouco importa o que me diga ou o que eu lhe possa dizer.

Ele sorriu para mim. Não era um sorriso agradável e, naquele instante, pareceu-me ver Roland D. LeBay espiando através de seus olhos. Fiquei arrepiado.

— Filho, você talvez ainda seja jovem demais para buscar sabedoria nas palavras de alguém, preferindo as suas próprias, porém eu lhe digo isto: o inimigo é o amor. — Assentiu lentamente para mim. — Exatamente. Os poetas se enganam com o amor, de maneira contínua e por vezes deliberadamente. O amor é o velho carniceiro. O amor não é cego. O amor é um canibal com visão extremamente apurada. O amor é como os insetos: sempre faminto.

— E o que ele come? — perguntei, inconscientemente.

Não tinha idéia de perguntar coisa alguma. Cada parte minha, exceto a boca, considerava insana toda aquela conversa.

— A amizade — disse George LeBay. — Ele come a amizade. Se fosse você, Dennis, eu agora me prepararia para o pior.

Fechou a porta do Chevette com um pluft! macio e ligou seu motor de máquina de costura. O carro afastou-se, deixando-me parado no final do piso acimentado. De repente, lembrei que Arnie podia avistar-me vindo daqueles lados e então saí dali o mais depressa que pude.

Enquanto me afastava, refleti que os coveiros, enterradores, engenheiros perpétuos ou fosse lá que nome tivessem nos dias atuais, naquele momento deviam estar baixando o caixão de LeBay à sepultura. A terra atirada por George LeBay no final da cerimônia estaria dispersa sobre a tampa, à maneira de uma cartada vitoriosa. Tentei afastar a imagem, porém outra ainda pior a substituiu: Roland D. LeBay, dentro do ataúde forrado de seda, envergando seu melhor terno e sua melhor roupa de baixo — *sem* o nauseabundo e encardido colete ortopédico, naturalmente.

LeBay estava debaixo da terra, LeBay estava em seu caixão, com as mãos cruzadas sobre o peito... e por que eu tinha tanta certeza de haver em seu rosto um largo e debochado sorriso?

UM HISTÓRICO DE FAMÍLIA

Não ficou sabendo em Needham?

A Rota 128 está em suas linhas de força...

É tão frio aqui no escuro.

É tão excitante no escuro...

- Jonathan Richmond e os Modern Lovers

O Rainbow Hotel era bastante ruim, sem dúvida. Tinha apenas um andar, a pavimentação do pátio de estacionamento estava rachada e duas das letras no anúncio de néon estavam avariadas. Era exatamente o tipo de lugar onde se espera encontrar um idoso professor inglês. Sei o quanto isto pode parecer deprimente, porém é a pura verdade. E, no dia seguinte, ele devolveria seu carro à Agência Hertz, no aeroporto, para em seguida tomar o avião de volta a casa, em Paradise Falls, Ohio.

O Rainbow Hotel parecia uma enfermaria geriátrica. Havia vários grupos sentados do lado de fora de seus aposentos, nas espreguiçadeiras de jardim que a gerência fornecia para tal finalidade, cruzados os joelhos ossudos, as meias brancas puxadas para cima, sobre as canelas peludas. Todos os homens tinham uma aparência de alpinistas envelhecidos, eram magricelas e rijos. Em sua maioria, as mulheres desabrochavam com a macia gordura do pós-cinqüenta, uma gordura sem esperanças de desaparecer. Desde então, comecei a perceber a existência de hotéis que parecem cheios apenas de pessoas com mais de cinqüenta anos como se eles ficassem sabendo desses lugares através de um Telefone de Emergência para Idosos, mas Decentes. Traga a sua Histerectomia e Próstata Dilatada para o Não-Tão-Cênico Rainbow Hotel. Sem Televisão, mas Temos Dedos Mágicos, Apenas 25 Centavos a Injeção. Não vi qualquer pessoa jovem no exterior das unidades e, a um lado, o enferrujado equipamento do *playground* permanecia vazio, os balanços lançando compridas sombras imóveis no chão. Em cima, um arco-íris de néon, justificando o nome do lugar

(Rainbow), arqueava-se sobre o anúncio. Zumbia como um punhado de moscas presas em uma garrafa.

LeBay estava sentado fora da Unidade 14, com um copo na mão. Caminhei até lá e troquei um aperto de mão com ele.

— Gostaria de um refrigerante? — perguntou ele. — No escritório há uma máquina automática que os fornece.

— Não, obrigado — respondi.

Peguei uma das espreguiçadeiras que vi diante de uma unidade vazia e me sentei ao lado dele.

— Então, deixe-me contar-lhe o que posso — disse ele, em sua voz culta e suave. — Sou onze anos mais novo que Rollie e um homem que ainda está aprendendo a envelhecer.

Remexi-me desajeitadamente no assento e não disse nada.

— Éramos quatro — disse ele. — Rollie o mais velho, eu o mais novo. Nosso irmão Drew morreu na França, em 1914. Ele e Rollie fizeram carreira no Exército. Fomos criados aqui, em Libertyville. Só que, naquela, época, Libertyville era muito, muito menor, compreenda, apenas uma aldeia. Pequena o bastante para ter seus endinheirados e seus párias. Nós pertencíamos aos párias. Éramos uma família pobre. Gente sem iniciativa. Do lado errado dos trilhos. Escolha o clichê.

Ele deu uma risadinha contida e despejou mais cerveja em seu copo.

— Em verdade, só consigo recordar uma coisa constante sobre a infância de Rollie, afinal, ele estava no quinto ano quando nasci mas é algo de que me lembro perfeitamente.

— O que é?

— Sua raiva — disse LeBay. — Rollie estava sempre furioso. Irritava-se por ter de ir à escola com roupas velhas, irritava-se por nosso pai ser um bêbado que não conseguia manter um emprego fixo em nenhuma das

metalúrgicas, irritava-se por nossa mãe não conseguir fazer com que nosso pai deixasse de beber. Ficava também irritado com as três crianças menores – Drew, Márcia e eu –, pois tornávamos a pobreza insustentável.

Ele estendeu o braço para mim e arregaçou a manga da camisa, a fim de mostrar-me os duros e esbranquiçados tendões de seu braço de velho, jazendo logo abaixo da superfície da pele luzidia e estirada. Uma cicatriz alastrava-se do cotovelo até o pulso, onde finalmente se desfazia.

– Isto foi um presente de Rollie – disse. – Eu tinha três anos e ele quatorze. Eu brincava com alguns blocos de madeira pintados, que fingia serem carros e caminhões, na calçada diante de uma casa, quando ele apareceu, a caminho da escola. Imagino que eu estivesse em seu caminho. Ele me empurrou, ganhou a calçada e então voltou, para empurrar-me de novo. Caí com o braço sobre as estacas pontiagudas do gradil que cercava um punhado de plantas e girassóis, que minha mãe insistia em chamar de "jardim". Sangrei o bastante para assustá-los até as lágrimas todos eles, exceto Rollie, que se limitou a ficar gritando: "De agora em diante, fique fora do meu caminho, seu maldito imbecil, fique fora do meu caminho, ouviu?".

Fascinado, contemplei a antiga cicatriz que agora parecia tortuosa, porque o pequeno e rechonchudo braço de três anos, no decorrer dos anos, se transformara naquele outro, um braço de velho, magro e reluzente, para o qual então olhava. Um ferimento que fora uma feia cratera expelindo sangue, em algum momento de 1921, alongara-se pouco a pouco naquela prateada progressão de marcas, como degraus de escada de mão. O ferimento se fechara, mas a cicatriz... se espalhara.

Um terrível e impotente estremecimento sacudiu-me por dentro. Recordei Arnie, esmurando o painel de instrumentos de meu carro, Arnie gritando roucamente que ia fazê-los pagar, que eles pagariam, eles pagariam.

George LeBay olhava para mim. Ignoro o que viu em meu rosto, mas baixou a manga lentamente e, quando a abotoou com firmeza sobre a cicatriz, foi como se tivesse fechado as cortinas sobre um passado quase

intolerável.

Ele bebericou mais cerveja.

— Quando meu pai chegou em casa aquela noite, estivera em uma das bebedeiras a que chamava de "caçar um emprego", e ouviu o que Rollie tinha feito, quase lhe arrancou a pele com uma bruta surra. Rollie, entretanto, não se retratava. Chorava, mas não se retratava. — LeBay sorriu de leve. — Por fim, aterrorizada, minha mãe gritou para meu pai acabar com aquilo, antes que o matasse. As lágrimas rolavam pelo rosto de Rollie, mas ainda assim, ele não se retratava. "Ele estava em meu caminho", dizia, por entre as lágrimas. "E se ficar no meu caminho outra vez, torno a fazer a mesma coisa e ninguém pode impedir-me, nem mesmo você, seu maldito velho beerrão!". Então meu pai lhe bateu no rosto, fazendo seu nariz sangrar, e Rollie caiu no chão, com o sangue fluindo por entre seus dedos. Minha mãe gritava, Márcia chorava, Drew estava encolhido a um canto e eu berrava em desespero, amparando o braço enfaixado. Pois Rollie continuava dizendo: "Eu farei a mesma coisa, seu beerrão-beerrão-maldito-velho-beerrão!".

Sobre nós, as estrelas começavam a despontar. Uma mulher idosa saiu de uma unidade mais abaixo, apanhou uma mala surrada em um Ford e a levou para seus aposentos. Um rádio tocava em algum lugar. Não estava sintonizado para os *rocks* em FM-104.

— É daquela sua fúria inesgotável que mais me lembro — repetiu LeBay, com voz macia. — Na escola, ele brigava com todos que zombavam de suas roupas ou da maneira como seu cabelo era coitado. Ele brigava com qualquer um, se *suspeitasse* que queria fazê-lo de vítima. Era suspenso vezes sem conta. Por fim, saiu da escola e entrou para o Exército.

"Os anos 20 não foram uma boa época para alguém estar no Exército. Não havia dignidade, promoções, divisas e condecorações. Não havia nobreza. Ele vagou de base em base, primeiro no Sul, depois no Sudoeste. Recebíamos uma carta mais ou menos de três em três meses. Ele continuava

furiado. Enfurecia-se contra os que chamava de 'bostas'. Tudo acontecia por culpa dos 'bostas'. Os bastas não lhe davam a promoção que merecia, os bastas tinham cancelado uma licença, os bastas não conseguiam achar o próprio traseiro, com as duas mãos e uma lanterna. Em duas ocasiões, pelo menos, os bastas o puseram atrás das grades.

"O Exército o suportou, porque ele era um excelente mecânico, conseguia manter rodando os velhos e decrépitos veículos que eram tudo quanto o Congresso permitia que tivessem."

Constrangido, vi-me pensando em Arnie novamente — Arnie, que era tão hábil com as mãos.

LeBay inclinou-se para diante.

— Mas o talento era apenas outra fonte para a cólera de Rollie, meu rapaz. Uma cólera que só terminou quando ele comprou aquele carro, que agora é de seu amigo.

— O que quer dizer?

LeBay deu uma risadinha seca.

— Rollie consertou caminhões de comboio do Exército, carros dos grandões do Exército, veículos para suprimento de armas do Exército. Consertou *bulldozers* e manteve rodando os automóveis oficiais, com cuspo e arame de enfardar. Certa vez, quando um congressista-visitante apareceu para visitar Fort Arnold, a oeste do Texas, e teve um problema com seu carro, o oficial-comandante de Rollie, que estava louco para causar boa impressão, ordenou-lhe que consertasse o luxuoso Bentley do sujeito. Oh, claro, recebemos uma carta de quatro páginas sobre aquele "bosta" em particular, uma arenga de quatro páginas, destilando o ódio e o veneno de Rollie. Era de admirar que as palavras não queimassem o papel.

"Todos aqueles veículos... e Rollie nunca teve um carro seu, senão após a Segunda Guerra Mundial. Mesmo então, o único que pôde adquirir foi um velho Chevrolet, que mal podia correr e estava corroído pela ferrugem. Nos

anos 20 e 30 mal havia dinheiro suficiente, e durante os anos de guerra ele estava ocupado demais, procurando manter-se vivo.

"Permaneceu na oficina mecânica por todos aqueles anos e consertou milhares de veículos para os bostas, sem nunca possuir um, que fosse todo seu. Era novamente como estar em Libertyville. Nem mesmo o velho Chevrolet conseguia amenizar a sensação ou o velho Hudson Hornet usado que ele comprou, um ano depois de casado."

— Casado?

— Ele não lhe contou isso, contou? — disse LeBay. — Ficaria satisfeito rememorando incessantemente suas experiência no Exército suas experiências na guerra e suas intermináveis confrontações com os bostas, enquanto você e seu amigo pudessem ouvi-lo, sem pegar no sono... e ele com a mão em seu bolso, apalpando-lhe a carteira o tempo todo. Rollie não se daria ao trabalho de falar-lhes sobre Verônica ou Rita.

— Quem foram elas?

— Verônica foi sua esposa — disse LeBay. — Casaram-se em 1951, pouco antes de Rollie partir para a Coréia. Poderia ter ficado em Stateside, compreenda. Estava casado, a mulher esperava um filho e ele se aproximava da meia-idade. No entanto, preferiu ir.

LeBay contemplou pensativamente o equipamento sem uso do *play-ground*.

— Foi bigamia, entenda. Em 1951, ele tinha quarenta e quatro anos e já era casado. Casado com o Exército. E com os bostas.

LeBay tornou a calar-se. Seu silêncio tinha algo mórbido.

— O senhor está bem? — perguntei por fim.

— Estou — disse ele. — Apenas pensava. Tinha maus pensamentos sobre os mortos. — Olhou para mim com serenidade, exceto no tocante aos olhos, que pareciam sombrios e magoados. — Compreenda, meu rapaz, tudo isso me dói muito. Como disse que se chamava? Não quero ficar aqui

sentado, contando todas estas tristes e velhas cantigas para alguém que não posso chamar pelo primeiro nome. Seria Donald?

— Dennis — falei. — Escute, Sr. LeBay...

— Dói mais do que eu poderia imaginar — prosseguiu ele. — No entanto, já que começamos, vamos terminar, não? Só vi Verônica duas vezes. Ela era da Virgínia Ocidental. Perto de Wheeling. Era o que se poderia chamar uma sulista do interior e não muito inteligente. Rollie foi capaz de dominá-la e não lhe dava valor, o que parecia ser seu desejo. No entanto, creio que ela o amava, pelo menos, até acontecer aquela coisa horrível com Rita. Quanto a Rollie, não acredito que se tenha realmente casado com uma mulher. Ele se casou com uma espécie de... muro das lamentações.

"As cartas que nos mandava... bem, você deve lembrar que ele deixou a escola muito cedo. Aquelas cartas mal escritas significavam um tremendo esforço para meu irmão. Eram a sua ponte suspensa, sua novela, sua sinfonia, seu grande esforço. Não creio que as escrevesse para livrar-se do veneno que tinha no coração. Acho que as escrevia para transmiti-lo.

"Então, quando teve Verônica, as cartas cessaram. Ele agora contava com dois ouvidos permanentes, não precisava mais preocupar-se conosco. Suponho que tenha escrito para ela, nos dois anos que ficou na Coreia. Em todo esse período, recebi apenas uma, e creio que Márcia recebeu duas. Ele não ficou feliz com o nascimento da filha, em começos de 1952; houve apenas um comentário azedo sobre ter em casa mais uma boca para alimentar e a queixa de que os bostas arrancavam dele um pouco mais."

— Ele nunca subiu de posto? — perguntei.

No ano anterior, eu tinha visto parte de um longo seriado para a TV, uma daquelas novelas de televisão, chamado *A Antiga Águia*. No dia seguinte, encontrando uma brochura da história no *drugstore*, comprei-a esperando uma boa novela de guerra. Acabei lendo sobre guerra e paz e fiquei com algumas idéias novas sobre as Forças Armadas. Uma delas, que a

velha questão de promoções realmente continuava fluindo, nos tempos de guerra. Era-me difícil compreender como LeBay permanecera no Exército desde inícios da década de 20, atravessara duas guerras e ainda era um reles meganha, quando Ike se tornou presidente.

LeBay riu.

— Ele era como Prewitt, em *A Um Passo da Eternidade*. Quando avançava de posto, depois era rebaixado por alguma coisa, insubordinação, insolência ou embriaguez. Já lhe disse que ele foi detido? Uma das vezes foi quando urinou na terrina do ponche, no Clube dos Oficiais em Fort Dix antes de uma reunião. Ele pegou apenas dez dias por este desacato; acho que eles amoleceram, acreditando que aquilo não passasse de uma brincadeira de bêbado, exatamente como alguns dos próprios oficiais, sem dúvida, já tinham feito como membros de associações estudantis... eles não faziam, não *podiam* fazer a menor idéia sobre o ódio e mortal desprezo que jaziam por trás daquele gesto. Contudo, imagino que, a essa altura, Verônica poderia ter contado a eles.

Olhei para meu relógio. Nove e quinze da noite. LeBay estivera falando por quase uma hora.

— Meu irmão voltou da Coreia em 1953; foi quando viu a filha pela primeira vez. Imagino que a tenha contemplado por um ou dois minutos, para em seguida devolvê-la à esposa e ir remendar seu velho Chevrolet pelo resto do dia... entediado, Dennis?

— Não — respondi, e era verdade.

— Durante todos aqueles anos, a única coisa que Rollie desejava realmente era ter um carro novo em folha. Não um Cadillac ou um Lincoln; ele não queria nivelar-se à classe superior, aos oficiais, aos bostas. Meu irmão queria um Plymouth novo, talvez um Ford ou um Dodge.

"Verônica escrevia de vez em quando, contando que eles passavam a maior parte de seus domingos à procura de vendedores de carros, onde quer

que Rollie estivesse servindo. Ela e o bebê aboletavam-se no velho Hornet que meu irmão possuía no momento e Verônica lia pequenos livros de histórias para Rita, enquanto Rollie visitava pátios empoeirados, um atrás do outro, falando com vendedor após vendedor, discutindo sobre compressão e cavalos de força, cabeçotes e relação de engrenagens... Às vezes, penso na garotinha crescendo com o fundo musical daquelas flâmulas açoitadas pela ventania ardente de meia dúzia de blindados do Exército, e não sei se devo rir ou chorar.

Meus pensamentos voltaram novamente para Arnie.

— O senhor diria que ele estava obcecado?

— Sim, eu diria isso. Rollie começou a dar dinheiro a Verônica para ela guardar. Além de sua impossibilidade de ser promovido em sua carreira além de suboficial, meu irmão tinha um problema com o álcool. Não era um alcoólatra, mas mergulhava em bebedeiras periódicas, a cada seis ou oito meses. E, terminada a bebedeira, lá se fora o dinheiro que conseguira economizar. Nunca tinha certeza de onde o gastara.

"Supostamente, cabia a Verônica pôr um paradeiro nisso. Era um dos motivos pelos quais casara com ela. Iniciada a fase da bebedeira, Rollie exigia que ela lhe entregasse o dinheiro. Ameaçou-a com uma faca, certa vez, ferindo-lhe a garganta. Fiquei sabendo disso por minha irmã, que volta e meia falava com ela ao telefone. Verônica não entregou o dinheiro que, naquela época — 1955 — chegava a cerca de oitocentos dólares, lembre-se do carro, meu bem', disse ela, com a ponta da faca encostada ao pescoço. 'Se gastar o dinheiro em bebida, nunca terá aquele carro novo'."

— Acho que ela o amava — falei.

— É possível. Entretanto, não fique com a romântica suposição de que o amor de Verônica modificou Rollie de algum modo. A água pode furar a pedra, mas somente após centenas de anos. Pessoas são mortais.

Ele pareceu vacilar, quanto a acrescentar algo mais naquele sentido, e

decidiu contra. O lapso me pareceu peculiar.

— De qualquer modo, Rollie nunca as agrediu — disse ele. — Lembre-se, ainda, de que ele estava bêbado, quando encostou a faca na garganta da esposa. Hoje em dia, há um terrível falatório nas escolas sobre drogas, e não sou contra isso, porque acho obsceno pensar em crianças de quinze e dezesseis anos andando por aí cheias de droga, mas continuo acreditando que o álcool é a mais vulgar, a mais perigosa droga que já se inventou... e é legal.

"Quando meu irmão finalmente deixou o Exército, em 1957, Verônica tinha posto de lado pouco mais de mil e duzentos dólares. Adicionável a isto, havia uma substancial pensão de invalidez, pelo problema que ele ficou nas costas. Rollie moveu céus e terras por essa pensão e venceu, segundo disse.

"Assim, finalmente havia dinheiro. Compraram a casa que você e seu amigo visitaram; mas antes mesmo que fosse considerada a idéia de uma moradia, naturalmente havia o carro. O carro era sempre primordial. As visitas aos vendedores de automóveis atingiram o auge. Por fim, ele escolheu Christine. Recebi uma longa carta a respeito. Era um cupê esporte Fury, ele me forneceu todos os detalhes e números em sua carta. Não me lembro deles, mas garanto como seu amigo poderia citar as estatísticas vitais de Christine, ponto por ponto."

— Suas medidas — falei.

LeBay sorriu, sem o menor humor.

— Exato, suas medidas. Lembro-me de Rollie ter escrito que o preço afixado era pouco abaixo de 3.000 dólares, mas ele "pechinhou", segundo disse, até chegar a 2.100 com o vendedor. Fez a encomenda, pagou dez por cento como entrada e, quando o carro chegou, saldou o resto da dívida em dinheiro vivo... notas de dez e de vinte dólares.

"No ano seguinte, Rita, que então estava com seis anos, morreu

asfixiada." Saltei na cadeira e quase a derrubei. Aquela voz macia de professor era acariciante e eu estava cansado, quase chegara a cochilar. A última frase fora como um balde de água fria em meu rosto.

— Sim, foi exatamente isso — disse ele, vendo meu ar assustado e questionador. — Eles tinham estado "motorando" o dia inteiro. Isso havia substituído as expedições à caça de carros. "Motorando." Foi a palavra que ele escolheu para tais excursões. Tirara-a de uma daquelas músicas de *rock and roll* que estava sempre escutando. Todos os domingos, os três saíam "motorando". Havia bolsas para lixo nos assentos traseiro e dianteiro. A garota não podia deixar nada cair no piso. Não podia fazer nenhuma sujeira. Ela aprendera bem a lição. Ela...

LeBay recaiu novamente naquele pensativo e peculiar silêncio, para então prosseguir.

— Rollie mantinha os cinzeiros limpos. Sempre. Era um fumante inveterado, mas batia a cinza do cigarro fora da janela, em vez de dentro do cinzeiro. Quando terminava de fumar, jogava o toco de cigarro também pela janela. Se tivesse alguém com ele que usasse o cinzeiro, assim que terminava a corrida retirava o cinzeiro e o limpava com um lenço de papel. Lavava o carro duas vezes por semana e aplicava polidor duas vezes ao ano. Ele próprio o consertava, alugando tempo em uma garagem local.

Perguntei-me se a garagem não seria a Darnell's.

— Naquele particular domingo, pararam em um *stand* de beira de estrada para alguns hambúrgueres, a caminho de casa. Sabe como é, não havia nenhum McDonald's naqueles tempos, apenas *stands* à beira da estrada. E o que aconteceu foi... bastante simples, imagino...

Novamente aquele silêncio, como se ele procurasse decidir sobre o que devia contar-me ou como separar de suas especulações o que realmente sabia.

— Ela se engasgou com um pedaço de carne — disse ele por fim. —

Quando a menina começou a sufocar-se e levou as mãos à garganta, Rollie parou o carro e desceu com ela. Então, deitou-a de costas, tentando extrair o que a sufocava. Claro, hoje existe um novo método, a Manobra Heimlich, que funciona bastante bem, em situações semelhantes. De fato, uma jovem estudante para professora salvou um menino que se asfixiava na cantina de minha escola, ainda o ano passado, empregando a Manobra Heimlich. Só que, naquele tempo...

"Minha sobrinha morreu à beira da estrada. Acho que foi uma horrenda, assustadora maneira de morrer."

Sua voz retomara aquela sonolenta cadência professoral, porém eu não sentia mais sono. Em absoluto.

— Ele tentou salvá-la. Acredito nisso piamente. Como também acredito que foi somente a má sorte que a fez morrer. Rollie estivera em um ambiente desumano por muito tempo e não creio que amasse demasiadamente a filha, se é que a amava. Contudo, em questões mortais, algumas vezes a falta de amor pode ser uma graça salvadora. Por vezes, o necessário é apenas a desumanidade.

— Mas não daquela vez — falei.

— Por fim, ele a virou de cabeça para baixo, segurando-a pelos tornozelos, com isto esperando fazê-la vomitar. Acho que tentaria uma traqueotomia com seu canivete, se tivesse a mais leve idéia de como agir. Só que, evidentemente, ele não sabia como. Ela morreu.

"Márcia, o marido e os filhos foram ao funeral. Eu também. Aquela foi nossa última reunião familiar. Na ocasião, pensei que ele teria vendido o carro. Estranhamente, fiquei um tanto desapontado. Aquele carro figurara tanto nas cartas de Verônica e nas poucas escritas por Rollie, que eu já o considerava quase um membro da família deles. Entretanto, Rollie não o vendera. Foram nele à Igreja Metodista de Libertyville, e Christine estava polida... reluzente... e odiosa. Estava *odiosa*. — LeBay se virou e olhou para mim. — Pode acreditar nisso, Dennis?"

Tive que engolir em seco, antes de poder responder.

— Sim, posso — respondi. LeBay assentiu soturnamente.

— Verônica estava no assento do passageiro, como uma boneca de cera. O que quer que ela tivesse sido, o que quer que houvesse em seu íntimo, desaparecera. Rollie tivera o carro, ela tivera a filha. Não se limitou a chorar a perda. Morreu.

Fiquei quieto, tentando imaginar — procurando pensar no que faria, se fosse eu. Minha filha começa a engasgar e sufoca no banco traseiro de meu carro, depois morre à beira da estrada. Eu me desfaria daquele carro? Por quê? Não havia sido o *carro* que a matara, mas sim aquilo que a sufocara, um pedaço de hambúrguer e a bebida, obstruindo sua traquéia. Então, por que desfazer-me do carro? Restava apenas a leve questão de que não poderia mais olhar para ele, nem mesmo pensar nele, sem horror e tristeza. Ei, cara, um urso se queixa da floresta?

— O senhor o interrogou a respeito?

— Claro que sim. Márcia estava comigo. Foi depois da cerimônia. O irmão de Verônica viera de Glory, na Virgínia Ocidental, e a levou para casa, após o serviço fúnebre à beira da sepultura, ela estava em uma espécie de profundo torpor, afinal.

"Ficamos sozinhos com ele, eu e Márcia. Aquela foi a verdadeira reunião. Perguntei-lhe se pretendia desfazer-se do carro. Ficara estacionado logo atrás do carro fúnebre que trouxera sua filha para o cemitério, o mesmo cemitério em que Rollie foi sepultado hoje. Era vermelho e branco... a Chrysler nunca ofereceu o Plymouth Fury 1958 naquelas cores; Rollie o conseguira com tal pintura, por encomenda. Estávamos a uns quinze metros dele e tive uma estranha sensação... a mais estranha *ânsia*... de afastar-me ainda mais, como se ele pudesse ouvir-nos."

— O que disse o senhor?

— Perguntei-lhe se ia vender o carro. Em seu rosto surgiu aquela

expressão dura e obstinada que eu conhecia tão bem, desde os tempos de criança. Era a mesma expressão de quando me atirara contra o gradil pontiagudo. A expressão que mostrara ao chamar meu pai de beberão, mesmo depois dele lhe ter feito o nariz sangrar. Rollie respondeu, 'Eu seria louco se o vendesse, George. Christine só tem um ano de uso e rodou somente 11.000 milhas. Sabe que nunca se consegue o preço adequado em uma venda, a menos que um carro tenha mais de três anos'.

"Respondi: 'Se isto significa uma questão de dinheiro para você, Rollie, alguém roubou o que restou de seu coração e colocou uma pedra no lugar. Quer que sua esposa veja esse carro todo dia? Que *ande* nele? Deus do céu, homem!'

"Aquela expressão não se modificou. Não, até ele contemplar o automóvel, estacionado ao sol... junto ao carro funerário. Foi o único momento em que suas feições se suavizaram. Recordo que me perguntei se ele algum dia olhara para Rita daquele jeito. Não creio que o tenha feito. Não estava nele ser assim."

LeBay ficou calado por um instante, antes de continuar.

— Márcia disse para ele a mesma coisa. Sempre o temera, mas naquele dia estava mais fora de si do que amedrontada... havia recebido as cartas de Verônica, lembre-se, sabia o quanto a cunhada adorava a filha. Disse para ele que, quando alguém morre, queima-se o seu colchão, doam-se suas roupas ao Exército da Salvação, seja como for, aquilo fica liquidado de algum modo, para que os vivos possam seguir em frente. Ela lhe disse que Verônica nunca mais poderia seguir em frente, enquanto o carro onde a filha morreria continuasse na garagem.

"Com aquele seu jeito sarcástico e hediondo, Rollie perguntou se queria que encharcasse seu carro de gasolina e acendesse um fósforo, só porque sua filha morreria sufocada. Minha irmã começou a chorar e respondeu que era uma excelente idéia. Por fim, tomei-a pelo braço e a levei dali. Não houve mais diálogo com Rollie, naquela época ou mais tarde. O carro era dele e ele

ficaria insistindo em conservá-lo durante três anos, antes de poder vendê-lo, falaria sobre as milhas rodadas até ficar roxo, mas o simples fato acima de tudo era que pretendia mantê-lo, porque assim queria.

"Márcia e os seus voltaram de ônibus para Denver e, que me conste, nunca mais tornou a ver Rollie e nem mesmo escreveu-lhe um bilhete. Não foi ao sepultamento de Verônica."

A esposa dele. Primeiro a filha, depois a esposa. De certa forma, eu sabia que fora exatamente assim. Banguê-banguê. Uma espécie de entorpecimento me subiu das pernas até a boca do estômago.

— Ela morreu seis meses depois. Em janeiro de 1959.

— Mas nada tinha a ver com o carro — falei. — Nada a ver com o carro, certo?

— Teve tudo a ver com o carro — disse ele, suavemente.

Eu não queria ouvir mais aquilo, pensei. Só que, naturalmente, acabei ouvindo. Meu amigo era agora o dono daquele carro e, por causa do carro, algo em sua vida ganhara proporções descomunais, algo que jamais deveria ter acontecido.

— Depois que Rita morreu, Verônica entrou em depressão. Simplesmente, nunca se recuperou disso. Tinha alguns amigos em Libertyville, e eles tentaram ajudá-la... ajudá-la a encontrar seu caminho novamente, como se diz. Contudo, ela não conseguiu encontrá-lo. De maneira alguma.

"Fora isso, tudo ia muito bem. Pela primeira vez na vida, meu irmão tinha bastante dinheiro. Tinha sua pensão do Exército, sua pensão por incapacidade física, e conseguira um emprego de vigia noturno, na fábrica de pneus lá para o lado oeste da cidade. Fui de carro até lá, depois do enterro, porém não existe mais."

— Ela foi à falência, faz uns doze anos — comentei. — Eu ainda era criança. No lugar, existe hoje uma lanchonete de comida chinesa.

— Eles estavam saldando as prestações da casa, na proporção de dois pagamentos mensais. E, naturalmente, agora não tinham mais nenhuma filhinha com que se preocupar. Para Verônica, no entanto, nunca houve a mínima possibilidade, o menor impulso para a recuperação.

"Ela se dispôs ao suicídio com incrível sangue-frio, por tudo o que consegui descobrir. Se houvesse manuais para aspirantes ao suicídio, ela devia ser incluída, como exemplo a ser imitado. Foi à loja Western Auto, aqui na cidade, a mesma onde comprei minha primeira bicicleta, há muitos e muitos anos, e comprou seis metros de mangueira de borracha. Adaptou uma extremidade ao cano de descarga de Christine e colocou a outra em uma das janelas traseiras. Nunca tirara carteira de motorista, mas sabia como ligar o motor. De fato, era tudo quanto precisava saber."

Apertei os lábios, molhei-os com a ponta da língua, e ouvi minha voz, pouco mais que um roufenho lamento:

— Acho que vou querer agora aquela soda.

— Talvez fosse melhor trazer uma para mim também — disse ele. — A soda me mantém acordado, sempre foi assim, mas acho que, de qualquer modo, passarei acordado a maior parte desta noite.

Desconfiei que eu também. Fui apanhar as sodas no escritório do hotel e, quando voltava, parei a meio caminho, no pátio de estacionamento. Ele era apenas uma sombra mais forte diante de sua unidade no hotel, as meias brancas reluzindo como pequenos fantasmas. Pensei: *Talvez o carro seja amaldiçoado. Talvez seja isso. Parece uma perfeita história de fantasmas. Há um poste indicador mais adiante... próxima parada, a Zona Crepuscular!*

Bem, era ridículo, não?

Claro que era. Recomecei a caminhar. Nem carros nem pessoas podiam ser amaldiçoados, isso era coisa de filmes de terror, muito interessante para uma noite de sábado no *drive-in*, porém nada tinha em comum, absolutamente nada, com os fatos corriqueiros de vida diária, que formam a realidade.

Entreguei a ele sua lata de soda e ouvi o resto da história, a qual poderia ser resumida em uma linha: e ele viveu infeliz para sempre. Agora sozinho, Roland D. LeBay conservara sua pequena casa e o terreno, como conservara o Plymouth 1958. Em 1965, pendurara seu quepe de vigia e o relógio de ponto de trabalho. Mais ou menos na mesma época, abdicara de seus penosos esforços para manter Christine parecendo e rodando como nova, deixara-a desandar, da mesma forma que alguém pode deixar um relógio parar.

— Quer dizer que o carro ficou estacionado lá fora? — perguntei. — Desde 1965? Durante treze anos?

— Não. Ele o deixou na garagem, claro — disse LeBay. — Os vizinhos jamais admitiram um carro apenas se deteriorando, no gramado de alguém. No campo, talvez, mas não em Suburbia, EUA.

— Certo, mas estava lá fora, quando nós...

— Eu sei. Ele o colocou no gramado com um aviso À VENDA, pregado na janela. Fiz perguntas a respeito. Estava curioso, então perguntei. Na Legião. Em sua maioria, os antigos companheiros tinham perdido o contato com Rollie, mas um deles contou que vira o carro no gramado, pela primeira vez, em maio deste ano.

Eu ia dizer algo, mas me calei. Uma terrível idéia me viera à cabeça, uma idéia que consistia simplesmente nisto: *Era muito conveniente*. Conviniente demais. Christine ficara naquela garagem escura durante anos — quatro, oito, doze, talvez mais. Então — meses antes de eu e Arnie passarmos por lá, de Arnie vê-lo — Roland LeBay subitamente o tirara da garagem e pregara nele um aviso de À VENDA.

Mais tarde — muito mais tarde — consultei exemplares atrasados dos jornais de Pittsburgh e do *Keystone*, o jornal de Libertyville. LeBay nunca anunciara o Fury, pelo menos nos jornais, que geralmente é onde se anuncia um carro que se quer vender. Ele apenas o deixou em sua rua suburbana — nem mesmo era uma rua principal — e esperou que o comprador

aparecesse.

Naquele momento, não entendi inteiramente o resto do pensamento — pelo menos, não de qualquer modo lógico e racional —, mas já tivera suficiente daquilo, para sentir uma repetição daquela fria, perturbadora sensação de medo. Era como se ele soubesse que um comprador estava a caminho. Se não em maio, então em junho. Ou julho. Ou agosto. De algum modo, em breve.

Não, tal pensamento não me viera de maneira lógica ou racional. Em vez disso, o que imaginei foi um quadro inteiramente visceral: uma planta carnívora, à beira de um pântano, com suas verdes mandíbulas abertas, esperando que algum inseto pousasse nelas.

O inseto *exato*.

— Recordo ter pensado que ele talvez desistira temendo não ter chance de ser aprovado no exame de motorista — falei por fim. — Quando o sujeito envelhece, eles exigem que faça um ou dois exames por ano. A renovação da licença deixa de ser automática.

LeBay assentiu.

— Isto me parece bem próprio de Rollie — comentou. — Contudo...

— O quê?

— Li em algum lugar, e não me lembro quem disse ou escreveu isso, que existem "épocas" na existência humana. Chegada a "época da máquina a vapor", uns doze homens inventaram máquinas a vapor. Talvez apenas um deles tenha conseguido a patente ou o crédito nos livros de História, porém, de repente, lá estavam todas aquelas pessoas, trabalhando em uma única idéia. Como explicar o fato? Apenas que é a época da máquina a vapor.

LeBay tomou um gole de sua soda e olhou para o céu.

— Chega a Guerra Civil e então, imediatamente, é "época do navio

blindado de ferro". Depois vem a "época da metralhadora". A seguinte que conhecemos é a "época da eletricidade", seguida pela "época do sem-fio". Finalmente, a "época da bomba atômica" Como se todas essas idéias não viessem de indivíduos, mas de alguma grande onda de inteligência, que flui permanentemente... alguma onda de inteligência que reside fora da humanidade.

Ele me encarou.

— Essa idéia me assusta e tenho pensado muito nisso, Dennis. Parece haver qualquer coisa... bem, decididamente não-cristã a respeito.

— E, para seu irmão, havia a "época de vender Christine"?

— É possível. No Eclesiastes, diz que há um tempo para tudo: tempo para plantar e tempo para colher, tempo para a guerra e tempo para a paz, tempo de abandonar o estilingue e tempo de juntar pedras. Um negativo para cada positivo. Portanto, se houve uma "época de Christine" na vida de Rollie, deve ter havido também uma época de abandonar Christine.

"Se foi assim, ele deve ter sabido. Rollie era um animal, e os animais ouvem perfeitamente seus instintos.

"É ainda possível que ele finalmente se cansasse dela", concluiu LeBay.

Concordei que podia ser isso, principalmente porque me sentia ansioso para encerrar o assunto, embora a explicação não me deixasse plenamente satisfeito. George LeBay não tinha visto aquele carro, no dia em que Arnie gritara para eu voltar atrás. Contudo, eu o vira. O 58 não parecia um carro que estivera repousando tranqüilamente em uma garagem. Estava sujo de poeira e amassado, com o pára-brisa rachado, um pára-choque entortado. Parecia um cadáver, que tivesse sido desenterrado e deixado apodrecer ao sol.

Pensei em Verônica LeBay e estremei.

Como se lesse meus pensamentos — parte deles, pelo menos —, LeBay disse:

— Pouco sei a respeito de como meu irmão viveu ou se sentiu durante seus últimos anos de vida, porém estou certo de uma coisa, Dennis: quando ele achou, em 1965 ou seja lá quando foi, que era chegado o momento de abandonar o carro, ele o abandonou. E quando achou que era a hora de colocá-lo à venda, ele o colocou à venda.

LeBay fez uma pausa.

— Penso que nada mais tenho a lhe dizer... exceto quanto a acreditar, sinceramente, que seu amigo seria mais feliz desfazendo-se daquele carro. Olhei bem para ele, o seu amigo. No presente momento, não me pareceu um jovem particularmente feliz. Estarei enganado?

Considerarei a pergunta cuidadosamente. Não, felicidade não era e nunca fora algo que se aplicasse a Arnie. No entanto, ele pelo menos parecera contente, até ter começado a coisa com o Plymouth. Antes, era como se... tivesse alcançado um *modus vivendi* com a vida. Não era um cara completamente feliz, mas dava para o gasto.

— Não — respondi. — Não se enganou.

— Não creio que o carro de meu irmão o faça feliz. Pelo contrário, penso exatamente o oposto. — E, como se tivesse lido meus pensamentos alguns minutos antes, ele prosseguiu: — Não acredito em maldições, é bom que saiba. Muito menos em fantasmas ou qualquer coisa precisamente sobrenatural. Entretanto, acredito que emoções e eventos possam ter uma certa... prolongada ressonância. Talvez as emoções possam comunicar-se entre si, sob determinadas circunstâncias, caso tais circunstância sejam suficientemente peculiares... da maneira como uma caixa de leite adquire o sabor de certos alimentos muito condimentados, que foram deixados destampados na geladeira. Bem, pode ser apenas uma fantasia ridícula de minha parte. Talvez fosse o caso de eu me sentir melhor, sabendo que o carro em que minha sobrinha foi asfixiada e onde minha cunhada suicidou-se tivesse sido prensado em um cubo de metal sem valor. Talvez tudo quanto eu sinta seja uma sensação de decoro ultrajado.

— Sr. LeBay, o senhor disse que contratou alguém para cuidar da casa de seu irmão, até que ela seja vendida. É verdade?

Ele se ergueu ligeiramente no assento.

— Não, não é. Menti no impulso do momento. Não gostei da idéia daquele carro de volta àquela garagem... como se houvesse reencontrado o caminho de casa. Se existem emoções e sentimentos que permanecem vivos, eles estarão lá, assim como na própria Christine. — Então, rapidamente, ele se emendou: — No *próprio* carro.

Não muito tempo depois, me despedi e segui meus faróis para casa, através da noite, refletindo em tudo quanto LeBay me dissera. Perguntei-me se, para Arnie, faria alguma diferença contar-lhe que uma pessoa sofrera um acidente mortal em seu carro e outra, realmente, morrera dentro dele. Eu sabia muito bem que não adiantava; à sua maneira, Arnie podia ser tão obstinado quanto o próprio Roland LeBay. A encantadora cena com seus pais, a respeito do carro, demonstrara isso perfeitamente. O fato de que ele continuava seguindo o curso de Mecânica de Motores, no Ginásio de Libertyville, indicava a mesma coisa.

Pensei em LeBay dizendo: *Não gostei da idéia daquele carro de volta àquela garagem... como se houvesse reencontrado o caminho de casa.*

Ele também dissera que o irmão levava o carro a algum lugar, a fim de consertá-lo. Atualmente, existia em Libertyville apenas a Will Darnell's, como garagem faça-você-mesmo. Poderia ter havido outra, nos anos 50, mas eu não acreditava. No fundo, achava que Arnie estava consertando Christine no lugar em que já tinha sido consertada antes.

Tinha sido. Essa era a frase correta. Devido à briga com Buddy Repperton, Arnie receava deixar o carro lá por mais tempo. Desta forma, era possível que aquela via para o passado de Christine também estivesse bloqueada.

E, naturalmente, não existem maldições. Mesmo a idéia de LeBay,

sobre emoções que se prolongam, era completamente absurda. Ele próprio nem devia acreditar nisso. Exibira-me uma antiga cicatriz e usara a palavra vingança. Sem dúvida, aquilo era bem mais próximo da verdade do que qualquer falsa tolice sobrenatural. Sem dúvida.

Era isso. Eu tinha dezessete anos, iria para a universidade no ano seguinte e não acreditava em coisas tais como maldições e emoções que perduram, azedando o leite derramado dos sonhos. De modo algum acreditava no poder do passado em estender suas horrendas mãos mortas para os vivos.

Entretanto, agora sou um pouco mais velho.

MAIS TARDE, NAQUELA NOITE

Quando eu estava motorando na montanha

Vi Maybelline em um Cupê de Ville,

Um Cadillac, disparando estrada afora,

Mas nada ultrapassava meu Ford V8...

— Chuck Berry

Mamãe e Elaine já tinham ido dormir, porém papai estava acordado, assistindo ao noticiário das 23 horas na TV.

— Por onde andou, Dennis? — perguntou.

— Jogando boliche — respondi.

A mentira veio natural e instintivamente a meus lábios. Não queria que papai soubesse de nada daquilo. Embora fosse peculiar, não o era o bastante para ser mais do que moderadamente interessante. Pelo menos, foi assim que racionalizei.

— Arnie telefonou — disse ele. — Pediu que você ligasse, se voltasse antes das onze e meia, mais ou menos.

Olhei para o meu relógio. Apenas onze e vinte. Entretanto, será que já não tivera o bastante de Arnie e seus problemas para um dia?

— E então?

— Então, o quê?

— Não vai telefonar para ele? Suspirei.

— Está certo, acho que vou.

Fui até a cozinha, preparei um sanduíche de frango frio, enchi um copo de Ponche Havaiano — um negócio espesso, mas eu adoro — e disquei para a casa de Arnie. Ele mesmo atendeu, ao segundo toque. Parecia alegre e excitado.

– Dennis! Onde foi que esteve?

– Jogando boliche – falei.

– Escute, voltei à garagem de Darnell esta noite, sabe? E... escute só, Dennis... ele chutou Repperton! Repperton saiu e eu posso ficar!

Senti novamente aquele medo tomando forma em meu estômago. Larguei o sanduíche. De repente, não o queria mais.

– Arnie, acha que continuar lá é mesmo uma boa idéia?

– O que quer dizer com isso? Repperton se foi. Não *acha* que é uma boa idéia?

Pensei em Darnell, ordenando a Arnie que tirasse o carro de lá, antes que poluísse sua garagem imunda. Darnell, dizendo a Arnie que não explorava merda nenhuma de garotos como ele. Pensei na maneira envergonhada como ele desviara os olhos, ao contar que conseguira hora no elevador, para trocar seu óleo, fazendo "uns dois favores". Tive a impressão de que Darnell talvez achasse divertido transformá-lo em seu empregadinho de estimação. Sem dúvida, isso também divertiria bastante os *habitués* e seus companheiros de pôquer. Arnie, vá buscar café, Arnie, traga biscoitos, Arnie, mude os rolos de papel sanitário da privada e encha o toalheiro com toalhas de papel. *Ei, Will, quem é o quatro olhos rondando lá pelo banheiro?... Oh, aquele? Seu nome é Cunningham. Os velhos dele lecionam na universidade. Ele está aqui fazendo uma merda de curso de pós-graduação.* E eles riram. Arnie se transformaria na piada local da garagem de Darnell, em Hampton Street.

Pensei isso tudo, mas nada disse. Achei que Arnie poderia muito bem decidir se estava caminhando pela água ou pisoteando merda. Aquilo não podia durar muito – ele era bastante esperto para ver. Bem, assim esperava eu. Arnie era feio, mas não debíloide.

– Se Repperton caiu fora, acho que é uma excelente idéia – respondi. – Apenas pensei que a garagem de Darnell fosse uma medida

temporária. Quero dizer, vinte por semana, Arnie, é muita grana, sem falar no aluguel de ferramentas, do elevador e tudo o mais.

— Por isso pensei que seria formidável alugar a garagem do Sr. LeBay — disse ele. — Achei que, mesmo pagando vinte e cinco por semana, estaria em melhor situação.

— Bem, isso é com você. Se pusesse um anúncio no jornal, procurando vaga em uma garagem, aposto como...

— Um momento, deixe-me terminar, Dennis — disse Arnie, ainda excitado. — Quando fui lá esta tarde, Darnell me chamou de lado imediatamente. Disse que lamentava o que Repperton fizera comigo. Disse também que me julgara erradamente.

— Darnell disse isso?

Acho que acreditei, mas não confiei muito.

— Exato. Perguntou se eu gostaria de trabalhar para ele, em horas extras. Dez, talvez vinte horas por semana, durante as aulas. Separando peças, manobrando o elevador, coisas assim. E posso ficar com o boxe por dez dólares semanais, pagando metade do aluguel pelas ferramentas e o elevador. O que acha disso?

Pensei que era infernalmente bom demais, para ser verdade.

— Veja bem onde põe o traseiro, Arnie.

— O quê?

— Meu pai diz que ele é um escroque.

— Não vi o menor sinal disso por lá. Acho que tudo não passa de boato, Dennis. Darnell faz muito barulho, mas creio que é tudo.

— Estou apenas dizendo para você ficar prevenido. — Passei o fone para o outro ouvido e bebi um pouco de Ponche Havaiano. — Fique de olhos bem abertos e caia fora depressinha, se a barra começar a ficar pesada demais.

— Está falando de alguma coisa específica?

Pensei nas vagas histórias sobre drogas e nas mais específicas sobre carros roubados.

— Não — respondi. — Apenas não confio nele.

— Bem... — disse Arnie, hesitante. Pareceu refletir, mas retornou ao tema original: Christine. Com ele, o tema sempre voltava a Christine. — De qualquer modo, vai ser legal, muito legal para mim, Dennis, se der certo. Christine... está realmente mal. Consegui fazer algumas coisas nela, mas para cada uma que faço, parece que tem mais quatro. Algumas que ainda não sei resolver, mas vou aprender.

— Hum-hum — falei, dando uma dentada no sanduíche.

Após minha conversa com LeBay, o entusiasmo por Christine, a garota de Arnie, passara do zero e penetrara em regiões negativas.

— Ela precisa de um alinhamento das rodas dianteiras... Diabo, ela precisa de pneus dianteiros novos, e novas sapatas de freios... anéis de segmento... Posso tentar retificar os pistons... mas não conseguirei nada disso com meu estojo de ferramentas Craftsman, de cinquenta e quatro pratas. Entende o que quero dizer, Dennis?

Era como se ele estivesse suplicando a minha aprovação. Com vazio no estômago, lembrei-me de repente de um sujeito que tinha sido nosso colega na escola: Freddy Darlington, era o seu nome. Fred nada tinha de excepcional, mas era um bom sujeito, com um senso de humor legal. Então, conheceu uma prostituta de Penn Hills — estou querendo dizer uma puta de verdade, a mais feliz em dar para todos, a maria-batalhão, escolha o seu pejorativo predileto. Tinha uma cara bronca e idiota, que me fazia lembrar a traseira de um caminhão Mack, e não parava de mastigar chicletes. O cheiro de Tutti-Frutti pairava em torno dela, numa nuvem constante. Ficou grávida mais ou menos na época em que Freddy lhe botou as mãos. De certa forma, sempre imaginei que ele a tivesse apanhado, porque fora a primeira

garota a deixá-lo ir até o fim. Aconteceu, em seguida, que ele saiu da escola, arranhou emprego em um depósito, a princesa teve o bebê e Freddy apareceu com ela no baile de encerramento do ginásio, no último mês de dezembro, querendo que tudo fosse o mesmo, quando nada é mais o mesmo; e lá está ela, olhando para todos nós, os rapazes, com aqueles olhos mortos e desdenhosos, as mandíbulas subindo e descendo como as de uma vaca ruminando algo particularmente saboroso, enquanto tínhamos que ouvir as novidades: ela está de volta à pista de boliche, de volta à cantina de Libertyville, de volta ao Gino's, andando de carro enquanto Freddy trabalha, retornou ao trabalho duro, dando para todos e divertindo a tropa. Sei que se costuma dizer que um pau não tem consciência, mas eu lhe digo agora que certas conas têm dentes, e então, ao olhar para Freddy, que parecia dez anos mais velho, tive vontade de chorar. Depois, quando Freddy falou sobre ela, foi naquele mesmo tom suplicante que eu captava na voz de Arnie, soando ao telefone em meu ouvido, naquele exato momento... *Vocês gostaram mesmo dela, não foi, caras? Ela não é legal, caras? Não me saí tão mal, hein, caras? Quero dizer, talvez seja apenas um pesadelo e logo estarei acordado, certo? Certo? Certo?*

— É claro que entendo — falei ao telefone. — Tem razão, Arnie.

Toda aquela horrível, nojenta história de Freddy Darlington levava talvez dois segundos passando por meu cérebro.

— Ótimo — disse ele, aliviado.

— Apenas veja onde mete o traseiro, cara. E isto vale dobrado, para quando voltar às aulas. Fique longe de Buddy Repperton.

— Certo. Pode apostar que sim.

— Arnie...

— O quê?

Fiz uma pausa. Queria perguntar-lhe se Darnell mencionara alguma coisa sobre Christine ter estado antes em sua oficina, se a reconhecera. Ainda mais, eu queria dizer-lhe o que acontecera à Sra. LeBay e sua filhinha,

Rita. Só que não pude. Ele adivinharia imediatamente de onde viera a informação. E, em seu estado emocional sobre o maldito carro, poderia muito bem pensar que eu estivera agindo por trás de suas costas e, de certo modo, fora isso mesmo. Contar tudo a ele talvez significasse o fim de nossa amizade.

Eu já me enchera de Christine, mas ainda me preocupava com Arnie. Isto significava que aquela porta devia ser fechada para sempre. Nada mais de andar me esgueirando e fazendo perguntas. Nada mais de sermões.

— Nada — respondi. — Ia apenas dizer que você parece ter encontrado um lar para sua banheira enferrujada. Parabéns.

— Está comendo alguma coisa, Dennis?

— Estou: um sanduíche de frango. Por quê?

— Porque está mastigando em meu ouvido. É grosseiro demais.

Comecei a mastigar o mais ruidosamente que pude. Arnie imitou arrotos. Começamos a rir e aquilo foi bom — era como nos velhos tempos, antes de seu casamento com aquele maldito e fodido carro.

— Você é um filho da mãe, Dennis.

— Certo. Apreendi com você.

— Viado — disse ele e desligou.

Terminei o sanduíche e o Ponche Havaiano, lavei o prato e o copo e voltei para a sala, disposto a tomar uma ducha e ir para a cama. Estava exausto.

A certa altura de minha conversa ao telefone, ouvira a TV ser desligada, o que me fez supor que papai tivesse subido. Não subira. Continuava ali, em sua poltrona reclinável, com a camisa aberta. Um tanto desconcertado, reparei como os pêlos de seu peito estavam ficando grisalhos, a maneira como o abajur de leitura, ao lado dele, penetrava

através de seus cabelos e mostrava o rosado do couro cabeludo. O cabelo estava rareando ali. Meu pai não era mais uma criança. Com maior desconcerto ainda, refleti que em mais cinco anos, à época em que, teoricamente, eu terminaria a faculdade, ele estaria com cinquenta anos e ficando calvo, o estereótipo do guarda-livros. Cinquenta anos em cinco, se antes não caísse duro, com outro ataque cardíaco. O primeiro não tinha sido grave — nenhuma cicatriz miocárdica, respondeu ele certa vez, quando lhe perguntei. Entretanto, ele não tentara dizer que seria improvável um segundo ataque. Eu sabia dessa possibilidade, mamãe sabia e ele também. Somente Ellie ainda o considerava invulnerável — mas eu não percebera uma pergunta em seus olhos, uma ou duas vezes? Eu tinha quase certeza disso.

Falecido subitamente.

Senti os cabelos se eriçarem em minha cabeça. *Subitamente.* Retesando-se em sua mesa de trabalho, apertando o peito. *Subitamente.* Deixando cair a raquete na quadra de tênis. Ninguém gosta de ter tais pensamentos sobre o próprio pai, mas às vezes eles aparecem. Deus sabe que sim.

— Não pude deixar de ouvir parte do que falou — disse ele.

— É mesmo? — falei, prudentemente.

— Arnie Cunningham meteu o pé em um balde de algo quente e sujo, Dennis?

— Eu... eu não tenho certeza — falei, lentamente.

Bem, afinal de contas, o que eu tinha para confirmar? Noções vagas, nada mais.

— Quer falar a respeito?

— Agora não, papai, se você não se importa.

— Está bem — disse ele. — No entanto, se... como você disse ao telefone, se a barra ficar muito pesada, pelo amor de Deus, quer me contar o que estiver acontecendo?

– Certo, contarei.

– Muito bem.

Comecei a caminhar para a escada e estava quase lá, quando ele me deteve, ao dizer:

– Fiz a contabilidade de Will Darnell e suas declarações de imposto de renda durante quase quinze anos, você sabe.

Virei-me para ele, francamente surpreso.

– Não. Eu não sabia.

Meu pai sorriu. Era um sorriso. Eu nunca o vira antes, podia imaginar que mamãe o vira apenas algumas vezes e minha irmã talvez nunca. Poder-se-ia pensar, a princípio, que fosse uma espécie de sorriso sonolento, mas uma observação melhor diria que nada tinha de sonolento – era cínico, rude e totalmente consciente.

– Pode ficar de boca fechada sobre uma coisa, Dennis?

– Posso – falei. – Acho que posso.

– Não adianta apenas achar que pode.

– Está bem. Eu posso.

– Ótimo. Fiz a contabilidade de Darnell até 1975 e então ele contratou Bill Upshaw, lá de Monroville.

Meu pai me fitou atentamente.

– Eu não diria que Bill Upshaw é um escroque, mas posso dizer que seus escrúpulos são bastante transparentes para que se leia um jornal através deles. E, no ano passado, ele comprou uma casa em Sewickely, no estilo Tudor inglês, valendo 300 mil dólares. Pagamento à vista.

Fiz um gesto para nossa casa, com um pequeno aceno do braço direito e o deixou cair de novo em seu colo. Ele e mamãe a tinham comprado no ano em que nasci, por 62 mil dólares – agora devia valer uns 150 mil – e só

recentemente tinham conseguido resgatar a última promissória do banco. Tivemos uma festinha no quintal, no fim do verão passado. Papai acendeu a churrasqueira, espetou o pequeno papel rosa na ponta do espeto mais comprido e cada um de nós teve a chance de segurá-lo sobre as brasas, até ele desaparecer por completo.

— Nada de Tudor inglês por aqui, hein, Dennis? — comentou.

— Esta casa é legal — falei. Recuei e sentei-me no sofá.

— Eu e Darnell nos separamos amistosamente — prosseguiu meu pai —, não que eu me preocupasse muito com ele, em termos pessoais. Sempre o achei um vigarista.

Assenti de leve, porque gostava daquilo; expressava meus sentimentos sobre Will Darnell, melhor do que qualquer palavrão.

— No entanto, há toda uma diferença entre um relacionamento pessoal e um relacionamento profissional. Deve-se aprender bem depressa nesse assunto, ou a gente desiste e passa a vender escovas e vassouras de porta em porta. Nosso relacionamento profissional era bom, enquanto durou... porém não durou muito. Então, decidi acabar com aquilo.

— Não compreendo.

— Havia sempre dinheiro aparecendo — disse ele. — Grandes quantidades de dinheiro, sem uma procedência limpa. A pedido de Darnell, investi em duas sociedades anônimas, Aquecimento Solar Pensilvânia e Gráfica Nova Iorque, que pareciam as firmas mais falsas dentre todas que eram de meu conhecimento. Por fim, procurei-o, porque queria ter todas as minhas cartas na mesa. Comuniquei-lhe qual era a minha opinião profissional: se houvesse uma auditoria do pessoal do Imposto de Renda ou do Estado da Pensilvânia, era bem provável que ele tivesse muitas explicações a dar e que logo eu estaria sabendo demais para lhe ser útil.

— O que ele disse?

— Começou a ficar inquieto — respondeu meu pai, ainda mostrando

aquele sorriso sonolento e cínico. — Na minha profissão, a gente fica familiarizado com os sinais da inquietação, aos trinta e oito anos, mais ou menos... quero dizer, se formos bons no que fazemos. E eu não sou dos piores. A intranquilidade começa com o sujeito perguntando se estamos satisfeitos com o trabalho, se o pagamento é suficiente. Se respondemos que gostamos do trabalho mas, sem dúvida, podíamos estar ganhando mais, o sujeito nos encoraja a contar o que nos está pesando nas costas: a casa, o carro, o colégio dos filhos, talvez uma esposa que goste de roupas um pouco mais elegantes do que o orçamento doméstico permite... Você entende?

— Uma sondagem, certo?

— É mais como apalpar-nos — disse ele, e então riu. — Pois bem, a dança é semelhante a um minueto, ponto por ponto. Há todos os tipos de frases, de passos e pausas. Depois que o sujeito confessa quais as cargas financeiras de que gostaria de livrar-se, ele começa perguntando que tipo de coisas gostaria de ter. Um Cadillac, uma casa de verão nas Catskills ou Poconos, talvez um barco.

Sobressaltei-me ao ouvi-lo, sabendo o quanto meu pai sonhava com um barco — era o que mais desejava naquela época — por duas vezes, fora com ele a marinas, ao longo do lago Rei George e do lago Passaeonkee, em tardes ensolaradas de verão. Perguntava o preço dos iates menores e eu via um brilho cobiçoso em seus olhos. Agora, começava a entender. Estavam fora do nosso alcance. Sua vida talvez tivesse tomado um rumo diverso se ele não tivesse de pensar em uma universidade para os filhos, por exemplo.

— E você recusou? — perguntei. Meu pai deu de ombros.

— Já no início da conversa, deixei bem claro que não queria dançar. Antes de mais nada, porque isso significaria envolver-me mais com ele em nível pessoal e, como disse, considerava-o um trapaceiro. Por outro lado, tais sujeitos são fundamentalmente ignorantes no tocante a números, um dos motivos pelos quais muitos deles foram apanhados por sonegação de impostos. Eles acham que a gente pode camuflar um rendimento ilegal.

Estão certos disso. — Papai riu. — Enfiaram na cabeça essa idéia mística de que podemos lavar dinheiro como lavamos roupas, quando tudo quanto podemos realmente fazer é um malabarismo, até que isso desmorone e nos caia na cabeça.

— Foram esses os motivos?

— Dois ou três deles. — Papai me fitou dentro dos olhos. — Não sou nenhum maldito trapaceiro, Dennis.

Houve um momento de instantânea comunicação entre nós — ainda agora, quatro anos mais tarde, fico arrepiado ao pensar nisso, embora não possa afirmar que sou capaz de transmitir a vocês a sensação. Não porque ele me tratasse como igual aquela noite, pela primeira vez; não porque estivesse me mostrando o ansioso cavaleiro errante, ainda escondido dentro do homem que, de cabeça baixa, lutava pela vida em um mundo sujo e desonesto. Creio que o percebia como uma *realidade*, alguém que existia muito antes de minha chegada ao palco, uma pessoa que tivera sua ração de sofrimento. Nesse momento, acho que poderia tê-lo imaginado fazendo amor com minha mãe, ambos suados e esforçando-se pelo final — e não ficaria embaraçado.

Então ele baixou os olhos, esboçou um sorriso defensivo e fez aquela voz seca e vigorosa de Nixon, uma imitação em que era muito bom:

— Vocês merecem saber se seu pai é um trapaceiro. Bem, eu não sou um trapaceiro, podia ter aceitado o dinheiro, mas isso... *ha-rrrã...* teria sido errado.

Ri alto demais, uma liberação da tensão — e senti o momento passar; embora parte de mim não o desejasse, a outra parte queria isso era demasiado intenso. Penso que ele devia sentir o mesmo.

— Pssst! Vai acabar acordando sua mãe e ela fará o diabo conosco, por ficarmos acordados até tão tarde.

— Desculpe. Escute, papai, você sabe em que ele está metido? Estou

falando de Darnell.

— Naquele tempo eu não sabia e nem queria saber, porque então seria uma parte da coisa. Tinha minhas idéias e ouvi algumas coisas. Carros roubados, imagino. Não que Darnell os tenha levado para aquela garagem da Hampton Street; ele não é totalmente imbecil, e só mesmo um idiota sujaria o prato onde come. Talvez esteja também envolvido em contrabando.

— Armas e munições? — perguntei, em voz algo rouca.

— Nada tão romântico. Se eu fosse capaz de adivinhar, diria que principalmente cigarros... cigarros e bebidas, os dois velhos e infalíveis produtos. O contrabando é como um delírio. Talvez um carregamento de fornos de microondas ou televisões coloridas, de vez em quando, se o risco for baixo. O suficiente para mantê-lo ocupado durante tantos anos.

Papai me fitou com ar grave.

— Ele tem enfrentado bem os riscos e teve sorte por muito tempo, Dennis. Bem, nesta cidade, talvez não precisasse realmente de sorte. Se tudo fosse exatamente como em Lybertyville, acho que ele poderia continuar para sempre ou, pelo menos, até cair morto com um ataque do coração, mas os rapazes dos impostos estaduais são cações, enquanto os federais são as grandes baleias brancas. Ele teve sorte, mas qualquer dia os agentes vão cair em cima dele, como a Grande Muralha da China.

— Você... você soube de alguma coisa?

— Nem um sussurro. Aliás, não estou em posição de saber nada. Acontece, apenas, que gosto muito de Arnie Cunningham e sei que você anda preocupado com essa história do carro.

— Certo. Ele está... bem, ele não está se portando com muita lucidez com relação a isso, papai. Tudo para Arnie é o carro, o carro, o carro.

— Pessoas sem muitas chances tendem a agir assim — disse ele. — Às vezes é um carro, em outras uma namorada, uma carreira ou instrumento musical, quando não, uma obsessão doentia por alguma figura famosa. Tive

um colega alto e feio, a quem chamávamos de Cegonha. Com Cegonha, foi o trenzinho elétrico. Ele foi apaixonado por trenzinhos desde o segundo grau, e seu conjunto era quase a oitava maravilha do mundo. Ele deixou Brown no segundo semestre de seu ano de calouro. Estava com notas péssimas, e teve que escolher entre o colégio e seus trens Lionel. Cegonha preferiu os trens.

— O que aconteceu com ele?

— Matou-se em 1961 — disse meu pai e levantou-se. — Minha opinião é que pessoas decentes às vezes podem ficar cegas e nem sempre por culpa delas. Talvez Darnell acabe deixando Arnie de lado. Passará a vê-lo apenas como outro cara qualquer, escorregando para baixo de seu carro em um deslizador. Entretanto, se Darnell tentar usá-lo, olhe por ele, Dennis. Não o deixe ser puxado para a dança.

— Está bem, vou tentar, mas talvez não possa fazer grande coisa.

— Hum-hum. Sei disso muito bem. Vai subir?

— Claro.

Subimos e, embora cansado como estava, fiquei muito tempo acordado. Aquele fora um dia movimentado. Lá fora, um vento noturno agitava suavemente um ramo contra o lado da casa e, muito distante, no centro da cidade, ouvi garotos fazendo chiar os pneus no asfalto um som que, dentro da noite, assemelhava-se ao gargalhar desesperado de uma mulher histérica.

CHRISTINE E DARNELL

Ele soube de um casal
vivendo nos EUA,
Contou que eles trocaram seu bebê por um Chevrolet:
Falemos agora do futuro,
Esqueçamos o passado...
— Elvis Costello

Entre trabalhar durante o dia no projeto da construção da estrada e trabalhar em Christine à noite, Arnie não estivera muito tempo com seus pais. As relações haviam ficado bastante tensas e desgastantes. O lar dos Cunningham, que sempre fora agradável e relaxante no passado, agora era um campo armado. Esta é uma situação que muita gente lembra de sua adolescência, imagino; talvez, gente demais. O adolescente é egoísta bastante para considerar-se a primeira pessoa do mundo a descobrir certa coisa em particular (geralmente é uma garota, mas nem sempre tem que ser assim), e os pais são demasiado brancos e possessivos, têm medo de soltar o cabresto. Ambos os lados pecam. Algumas vezes, isso se torna doloroso e ultrajante — nenhuma guerra é tão suja e amarga como uma guerra civil. Tal situação era particularmente penosa no caso de Arnie, porque a separação acontecera muito tarde, seus pais já estavam demasiado acostumados a manejar tudo à sua maneira. Não seria injusto afirmar que haviam programado a vida do filho.

Assim, quando Regina e Michael propuseram um fim de semana de quatro dias em sua casa do lago, ao norte do Estado de Nova Iorque, antes do reinício das aulas, Arnie concordou, embora desejasse ardentemente aqueles últimos quatro dias para trabalhar em Christine. Passando cada vez mais horas trabalhando, ele me contara como ia "mostrar a eles", ia transformar Christine em um carro de verdade e "mostrar a todos eles". Já planejava restaurar o vermelho brilhante e marfim original do Plymouth,

após terminado o trabalho na carroceria.

Contudo, lá se foi com os pais, determinado a ser obediente e afável durante aqueles quatro dias inteiros e divertir-se com eles — em um fac-símile racional. Apareci em sua casa, na véspera de partirem, e fiquei aliviado ao perceber que ambos me tinham absolvido de culpa no assunto do carro de Arnie (que ainda não tinham nem mesmo visto). Aparentemente, haviam decidido ser aquilo uma obsessão particular. Para mim, foi ótimo.

Regina estava ocupada, fazendo as malas. Ajudei Arnie e Michael a amarrarem sua velha canoa Oldtown na capota do Scout, o carro da família. Terminado o trabalho, Michael sugeriu ao filho — com o ar de um rei poderoso, concedendo um favor quase inacreditável a dois de seus vassalos favoritos — que ele entrasse e pegasse algumas cervejas para nós.

Fingindo a expressão e o tom de admirada gratidão, Arnie respondeu que seria formidável. Ao afastar-se, piscou-me um olho.

Michael recostou-se contra o Scout e acendeu um cigarro.

— Arnie já está se cansando dessa história do carro, Dennis?

— Não sei — respondi.

— Quer me fazer um favor?

— Claro, se eu puder — respondi cauteloso.

Tinha certeza de que ele me pediria para procurar Arnie, bancar o conselheiro e tentar convencê-lo a "parar com aquilo". No entanto, ele disse:

— Se tiver tempo, vá até a Darnell's enquanto estivermos fora e veja que tipo de progresso ele está fazendo. Fiquei interessado.

— Por que esse interesse?

Mal fiz a pergunta, pensei imediatamente que fora bastante rude, mas era tarde demais.

— Porque desejo que ele seja bem-sucedido — disse Michael com simplicidade e olhou para mim. — Oh, Regina continua absolutamente

contrária a isso. Se Arnie tiver um carro, significa que está crescendo. E, se está crescendo, isso significa... bem, toda uma série de coisas — terminou ele, desajeitadamente. — Você poderia considerar-me também contra essa história, porém isso foi antes. Claro, a princípio ele me pegou de surpresa.... Tive visões de uma lata-velha estacionada diante de nossa casa, até Arnie ir para a universidade, ou dele asfixiando-se até a morte com o cano de descarga, qualquer noite.

O pensamento de Verônica LeBay saltou em minha cabeça, involuntariamente.

— Agora, no entanto... — Michael deu de ombros, olhou para a porta entre a garagem e a cozinha, deixou o cigarro cair e o esmagou com o salto. — Ele está visivelmente empenhado. Adquiriu um senso de respeito próprio nesse assunto. Eu gostaria de, pelo menos, vê-lo pôr o carro rodando.

Talvez ele percebesse algo em meu rosto, porque ao prosseguir, o tom era defensivo.

— Não esqueci inteiramente o que significa ser jovem — disse. — Sei que um carro é importante para um rapaz como Arnie. Regina é que não consegue ver isso tão claramente. Sempre teve a primeira e última palavra e não se conforma em ser passada para trás. Recordo que um carro é importante... se um rapaz tem que sair com garotas.

Então, era assim que ele pensava. Encarava Christine como o meio para uma finalidade, não a própria finalidade. Perguntei-me o que pensaria, se lhe contasse que a única idéia de Arnie era colocar aquele Fury rodando e legalizado. Perguntei-me, também, se isso não o deixaria um tanto ou quanto inquieto.

Ouvimos o baque da porta da cozinha ao se fechar.

— Você daria uma espiada?

— Está bem — respondi. — Se é o que você quer.

— Obrigado.

Arnie voltava com as cervejas.

— O que estava agradecendo? — perguntou a Michael.

Falava em tom jovial e despreocupado, mas seus olhos se moveram entre nós com rapidez, desconfiadamente. Tornei a reparar que sua pele estava ficando muito melhor e que seu rosto parecia ter-se revigorado. Pela primeira vez, *Arnie e garotas* foram dois pensamentos que não me pareceram mutuamente excludentes. Ocorreu-me que Arnie tinha um rosto quase atraente, não como o de um peitudo salva-vidas, rei-do-baile-estudantil, porém de um modo diferente, interessante e suave. Ele jamais seria o tipo de Roseanne, mas...

— Por ele ajudar com a canoa — disse Michael, com naturalidade.

— Ah.

Bebemos nossas cervejas e depois fui para casa. No dia seguinte, o feliz trio partiu para Nova Iorque, presumidamente a fim de redescobrir a unidade familiar, perdida durante o último terço daquele verão.

Um dia antes de eles voltarem, fui de carro até a garagem de Darnell — tanto para satisfazer minha curiosidade como a de Michael Cunningham.

Situada à frente do depósito de carros velhos, este do comprimento do quarteirão, a garagem parecia tão atraente à luz do dia, como na noite em que havíamos trazido Christine — tinha todo o encanto de uma ratazana morta.

Estacionei em uma vaga diante da loja de acessórios que pertencia também a Darnell — muito bem provida de peças, como cabeçotes Feully, caixas de mudança Hurst e supercompressores Ram-Jett (para todos aqueles trabalhadores que precisavam manter seus velhos carros rodando a fim de poderem pôr pão na mesa, sem dúvida), para não mencionar uma vasta seleção de compactos pneus e uma imensa variedade de calotas especiais.

Espiar pela janela da loja de acessórios para alta velocidade de Darnell era como observar uma louca Disneylândia automotiva.

Afastei-me dali e cruzei o piso alcatroado para a garagem e para os sons ruidosos de ferramentas, gritos, rajadas de metralhadoras das chaves de boca pneumáticas. Um indivíduo de aparência desmazelada, com uma surrada jaqueta de couro, estava às voltas com uma velha bicicleta, junto a um dos boxes da garagem, desmontando a tubuladora ou tornando a montá-la. Havia um fundo arranhão interrompido, descendo por sua face esquerda. As costas da jaqueta do sujeito exibiam uma caveira' usando uma boina verde e o fascinante lema MORRAM TODOS ELES E QUE DEUS OS DIVIDA.

Fitou-me com olhos injetados de sangue, como um lunático Rasputin, depois voltou a atenção para o que fazia. As ferramentas à sua volta se dispunham em ordenação cirúrgica, havendo em cada uma, estampadas a tinta, as palavras DARNELL'S GARAGE.

Lá dentro, o mundo se enchia do barulho reverberante e evocativo de ferramentas e do som de homens trabalhando nos carros, gritando palavões para aquele em que trabalhavam. Sempre os palavões e sempre do gênero feminino: "Vamos, sua filha da puta", "Afrouxe, sua cona", "Venha cá, Rick, e me ajude a tirar fora esta racha".

Olhei em torno, procurando Darnell, mas não o vi em parte alguma. Ninguém prestou muita atenção em mim, de maneira que caminhei até o boxe vinte, onde estava Christine, agora apontando o focinho para fora, como se tivesse todo o direito de estar ali. No boxe à direita, dois caras gordos, ambos vestindo camisas da associação de boliche, estavam colocando um toldo na carroceria de uma camioneta *pickup*, que já vira dias melhores. O boxe do outro lado estava deserto.

Quando me aproximei de Christine, senti que voltava aquele arrepio. Não havia motivos para isso, mas era impossível controlá-lo — e, sem pensar, movi-me um pouco para a esquerda, em direção ao boxe vazio. Não

queria ficar na frente dela, de Christine.

Meu primeiro pensamento foi de que a pele de Arnie havia melhorado ao mesmo tempo que a de Christine. O segundo, que ele estava fazendo seus melhoramentos de modo curiosamente ao acaso... quando, em geral, meu amigo costumava ser muito metódico.

A antena empenada e caída fora substituída por uma nova e retilínea, que cintilava à luz das lâmpadas fluorescentes. Metade da grade do radiador do Fury havia sido trocada; a outra metade continuava amassada e salpicada de ferrugem. Havia também algo mais...

Caminhei ao longo do lado direito do carro, até o pára-choque traseiro, com o cenho franzido.

Bem, era no outro lado, sem dúvida, pensei.

Assim, dei a volta pelo outro lado, mas também não estava lá.

Fiquei em pé junto à parede dos fundos, ainda de cenho franzido, procurando lembrar. Estava absolutamente certo de que quando vira aquele carro no gramado de LeBay, com um aviso À VENDA colado ao pára-brisa, havia um amassado enferrujado, de bom tamanho, em um ou outro lado do veículo, perto da traseira — a espécie de marca de batida funda que meu avô sempre chamava de "coice de mula". Estávamos rodando ao longo da estrada de pedágio, quando passamos por um carro com um amassado enorme em alguma parte da lataria. Vovô então disse: "Ei, Denny, dê uma espiada naquilo! Foi um coice de mula!". Meu avô era do tipo que sempre tem uma frase pronta para tudo.

Comecei a pensar que imaginara aquilo e abanei a cabeça de leve. Aquilo era uma idéia sem sentido. O amassado estivera lá, podia recordá-lo perfeitamente. Só porque não estava agora, não significava que nunca estivera antes. Sem dúvida, Arnie fizera uma lanternagem no local, uma excelente lanternagem, para fazê-lo desaparecer.

Exceto que...

Bem, não havia o menor *sinal* de que ele houvesse feito qualquer coisa ali. No lugar não havia pintura, nenhuma massa cinzenta para nivelar a superfície da lataria, qualquer mancha de tinta. Apenas o vermelho opaco e o branco sujo de Christine.

No entanto, havia um maldito *amassado ali*! Um amassado fundo e coberto de poeira, em um ou outro lado do carro.

De qualquer modo, ele agora desaparecera.

Fiquei ali, entre a barulheira ensurdecadora de ferramentas e maquinismos, sentindo-me muito solitário e, de repente, muito assustado. Estava tudo errado, tudo louco. Ele substituíra a antena do rádio, quando o cano de descarga praticamente se arrastava pelo chão. Substituíra metade do radiador, mas não a outra. Falara comigo sobre um conserto geral na traseira, mas dentro do carro; substituíra o rasgado e empoeirado estofamento do banco de trás por um outro, novo e brilhante. O estofamento do banco dianteiro continuava um destroço empoeirado, com uma mola assomando para fora, no banco do passageiro.

Não gostei daquilo nem um pouco. Era loucura, sem nenhum traço da meticulosidade de Arnie.

Algo me acudiu à mente, uma lembrança fugaz e, sem mesmo analisá-la, fiquei atrás do carro e olhei para todo ele — não apenas para um detalhe aqui e outro acolá, mas abrangendo tudo. Então, consegui: tudo se encaixava no lugar e o arrepio voltou.

Aquela noite, quando tínhamos levado Christine para a garagem. O pneu arriado. A substituição. Eu olhara para o pneu novo no carro velho e havia pensado que um pouquinho daquela velhice toda fora retirada, que o automóvel novo — recente, cintilante, acabado de sair da linha de montagem, em um ano quando Ike ainda era presidente e Batista continuava mandando em Cuba — reaparecia um pouquinho, através daquele pneu.

O que eu via agora era mais ou menos isso... só que, em vez de um mero pneu novo, havia todos os tipos de coisas — a antena, a grade do radiador cintilando pela metade, um lado traseiro em reluzente vermelho-escuro, aquele novo estofamento no banco de trás.

Por sua vez, isto me fez recordar algo da infância. Eu e Arnie freqüentávamos a Escola Bíblica de Férias durante uma quinzena a cada verão e, todos os dias, a professora contava uma história da Bíblia, deixando-a por terminar. Então, ela dava a cada garoto uma folha em branco de "papel mágico". Quando a gente passava a borda de uma moeda ou o lado do lápis sobre o papel, de sua brancura ia gradualmente emergindo uma ilustração — a pomba trazendo o ramo de oliveira para Noé, as muralhas de Jerico desmoronando, coisas milagrosas assim. Aquilo nos deixava fascinados, vendo as ilustrações irem surgindo pouco a pouco. A princípio, apenas linhas flutuando no vazio... depois, essas linhas se ligavam a outras... ganhavam coerência... ganhavam *significado*.

Olhei para a Christine de Arnie com crescente horror, tentando afugentar a sensação de que, nela, via algo terrivelmente similar àquelas mágicas frustrações de milagres.

Tive vontade de espiar debaixo do capô.

De repente, parecia muito importante espiar o que havia lá.

Caminhei para a frente do carro (não queria ficar diante dele, não havia um bom motivo para isso, apenas eu não queria) e remexi no capô, em busca do trinco. Não consegui abri-lo. Então, percebi que devia estar dentro do carro.

Comecei a dar a volta, quando vi algo mais, algo que me deixou mais assustado ainda. Eu podia estar enganado sobre o coice de mula. Sabia que não estava mas, pelo menos *tecnicamente*..

Só que isto era completamente outra coisa.

A teia de aranha das rachaduras no pára-brisa diminuía.

Estava positivamente menor.

Minha mente recuou até o dia, um mês atrás, quando eu perambulava pela garagem de LeBay, a fim de dar uma espiada no carro, enquanto Arnie entrava na casa para fechar negócio com o velho. Todo lado esquerdo do pára-brisa era uma imensa teia de aranha de rachaduras, que se espalhavam de uma ziguezagueante fenda central, provavelmente causada por uma pedrada.

Agora, a teia de aranha parecia menor e mais simples — por aquele lado, era possível enxergar-se dentro do carro, o que eu não pudera fazer antes, tinha certeza (apenas uma ilusão devido à luz, eis tudo, cochichou minha mente).

No entanto, eu tinha que estar enganado — porque isso era impossível. A gente substitui um pára-brisa, isto não é problema, havendo dinheiro para a despesa. No entanto, fazer uma teia de aranha de rachaduras encolher...

Ri um pouco. Era um som trêmulo, e um dos sujeitos que trabalhava com a lona da camioneta olhou para mim com curiosidade, em seguida comentando algo com o companheiro. Era um som trêmulo, porém talvez melhor do que nenhum som. Claro que era a luz nada mais. Eu vira o carro, pela primeira vez, com o sol brilhando em cheio sobre o pára-brisa estilhaçado e o vira, pela segunda vez, nas sombras da garagem de LeBay. Via-o, agora, sob a luz fluorescente daqueles tubos colocados muito no alto. Três momentos diferentes e, tudo somado, traduzia-se em uma ilusão de ótica.

Ainda assim, eu queria olhar debaixo do capô. Mais do que nunca.

Cheguei até o lado do motorista e sacudi a porta. Ela não se abriu. Estava trancada. Claro que estava: via abaixados todos os quatro botões que trancavam as portas. Arnie não deixaria seu carro aberto ali, para que alguém chegasse e ficasse remexendo em tudo. Repperton podia ter ido embora, mas a espécie *sordidus* é uma erva daninha comum. Tornei a rir. O

tolo e velho Dennis — mas agora meu riso soou ainda mais agudo e trêmulo. Eu começava a sentir-me aéreo, como me sentia às vezes de manhã, após ter fumado um pouco de erva além da conta.

Trancar as portas do Fury era uma atitude muito natural, claro. Exceto que, ao dar a volta ao carro pela primeira vez, julguei perceber levantados todos os botões que fechavam as portas.

De novo, caminhei lentamente para a traseira do carro. Aquela velharia, pouco mais que uma carcaça enferrujada. Eu não pensava em nada específico — tenho certeza disso — exceto, talvez, que era como se Christine soubesse que eu queria entrar e puxar a alavanca de liberação do capô.

Então, por não querer que eu entrasse, o carro trancara as próprias portas?

Francamente, era uma idéia hilariante. Tão hilariante que tomei a rir (várias pessoas agora olhavam para mim, de maneira como os outros sempre olham para quem está sozinho e ri, sem qualquer motivo aparente).

Foi quando aquela mão enorme caiu em meu ombro e me fez girar. Era Darnell, com um toco apagado de charuto enfiado no meio da boca. A outra extremidade estava molhada, com uma aparência lamentável. Ele usava pequenos óculos com lentes até a metade, e os olhos atrás delas eram friamente especulativos.

— O que está fazendo, garoto? — perguntou. — Isto aqui não é seu.

Os caras da camioneta olhavam avidamente para nós. Um deles cutucou o outro e sussurrou algo.

— É de um amigo meu — respondi. — Eu o trouxe para cá com ele. Talvez se lembre de mim. Eu era aquele com o enorme tumor na ponta do nariz e o...

— Pouco me importa se vocês trouxeram o carro para cá em um skate — disse ele. — Não lhe pertence. Guarde suas piadas sem graça e dê o fora,

garoto. Caia fora daqui!

Meu pai estava certo — ele era um miserável. E eu ficaria mais do que feliz em dar o fora dali; podia pensar em seis mil lugares, pelo menos, onde preferiria estar, naquela antevéspera do fim das férias de verão. A própria Caverna Negra, em Calcutá, seria superior. Não muito, mas sempre superior. No entanto, o carro me perturbava. Um monte de coisinhas que, somadas, formavam uma baita erupção que precisava ser coçada. Olhe por ele, meu pai dissera, e fora um bom conselho. O problema é que eu não conseguia acreditar no que via.

— Meu nome é Dennis Guilder — falei. — Meu pai já fez sua contabilidade, não foi?

Ele me fitou por um tempo imenso, sem qualquer expressão em seus olhinhos de porco. De repente, tive a impressão de que ia dizer que pouco se lixava quem fosse meu pai, que era melhor eu dar o fora dali e deixar que aqueles homens continuassem consertando seus carros para poderem continuar pondo pão em suas mesas. Et cetera.

Então, Darnell sorriu, mas o sorriso nem tocou seus olhos.

— Você é o filho de Kenny Guilder?

— Sou eu mesmo.

Ele deu tapinha no capô do carro de Arnie com uma gorda e pálida mão — havia dois anéis nos dedos e um deles parecia um diamante de verdade. No entanto, o que pode saber um garoto como eu?

— Sendo assim, acho que tudo está bem com você. Se for o filho de Kenny. Por um segundo, pensei que ele ia pedir minha identidade.

Os dois sujeitos do lado voltaram a trabalhar em sua camioneta e, aparentemente, decidiram que nada mais transpiraria de interessante.

— Vamos até o escritório, conversar um pouco — disse ele.

Virou-se e começou a caminhar, sem ao menos olhar para trás. Parecia

certo de que eu o seguiria. Caminhava como um barco de velas enfunadas, a camisa branca esvoaçando, com uma circunferência impressionante de quadris e costas, inverossímil. Muitas pessoas gordas sempre me afetam dessa maneira, com nítida impressão de inverossimilhança, como se eu estivesse olhando para uma fantástica ilusão de ótica. Acontece, no entanto, que provenho de uma longa linha de pessoas magras. Para minha família, sou um peso-pesado.

Darnell fez uma pausa aqui e ali, a caminho de seu escritório, o qual tinha uma parede envidraçada, dando para o interior da garagem. Fazia-me recordar ligeiramente o deus Moloch, sobre quem havia lido em minha aula de Origens de Literatura — era o deus que se supunha capaz de ver tudo, com seu único olho vermelho. Darnell gritou para um sujeito colocar o silencioso em seu cano de descarga, antes que ele o expulsasse dali; gritou para outro indivíduo algo sobre como "as costas de Nicky o estavam atrapalhando novamente" (isto provocou uma série de ferozes e ruidosas gargalhadas dos dois); berrou para outro que ajuntasse aquelas fodidas latas de Pepsi-Cola, será que ele nascera em um monturo de lixo? Aparentemente, Will Darnell nada sabia sobre o que minha mãe sempre denominava "um tom normal de voz".

Eu hesitei por um momento, mas depois o segui. Acho que a curiosidade matou o gato.

O escritório dele era em estilo Primitivo Carburador Americano, uma cópia de todo infecto escritório de garagem, de costa a costa, em um país que corre sobre borracha e ouro ambarino. Havia um calendário sebento com uma deusa loura em shorts curtíssimos e blusa aberta, trepada em uma cerca, no campo. Havia placas ilegíveis de meia dúzia de companhias que vendiam peças para carros. Pilhas de livros de contabilidade. Uma antiga máquina de somar. Havia uma foto — que Deus nos perdoe! — de Will Darnell usando um fez e montado em uma motocicleta miniatura, que parecia quase arriada sob seu corpo volumoso. Havia ainda o cheiro de

charutos há muito usados e de suor.

Darnell sentou-se em uma cadeira giratória, com braços de madeira. A almofada gemeu debaixo dele, com um som cansado, mas conformado. Ele se reclinou para trás. Tirou um fósforo da cabeça oca de um jóquei negro de cerâmica. Depois o riscou em uma tira de lixa que cobria uma beirada da mesa e acendeu com ele o toco de charuto. Tossiu, fundo e demoradamente, o peito largo e flácido sacudindo-se para cima e para baixo. Diretamente atrás dele, pregado à parede, havia um quadro de Garfield, o Gato. "Quer uma viagem para a Cidade de Dentes Frouxos?", perguntava Garfield, sobre uma pata erguida. Aquilo parecia uma perfeita síntese de Will Darnell: Miserável na Residência Oficial.

– Quer uma Pepsi, garoto?

– Não, obrigado – falei.

Sentei-me na cadeira de espaldar reto, oposta a ele. Darnell olhou para mim – novamente aquele olhar frio e calculista – e então assentiu.

– Como vai seu pai, Dennis? Continua às voltas com a Bolsa?

– Vai muito bem. Quando lhe contei que Arnie trouxera o carro para cá, ele logo se lembrou do senhor. Disse que Bill Upshaw é que faz sua contabilidade agora.

– Hum-hum. Um bom homem. Um bom homem. Não tanto quanto seu pai, mas bom.

Assenti. Um silêncio caiu entre nós e comecei a sentir-me inquieto. Will Darnell não parecia pouco à vontade, não olhava para nada em particular. Aquele frio olhar de apreciação nunca mudava.

– Seu companheiro o mandou aqui para descobrir se Repperton foi mesmo embora? – perguntou ele, tão de repente, que me sobressaltei.

– Não – respondi. – De maneira nenhuma.

– Bem, diga a ele que foi mesmo embora – prosseguiu Darnell,

ignorando o que eu acabara de dizer. — Um burro metido a sebo. Sempre digo a eles, quando vêm com seu lixo para cá: andem na linha ou caiam fora. Ele trabalhava para mim, fazendo um pouquinho disto e um pouquinho daquilo, mas talvez tenha pensado que era dono da chave de ouro para a privada ou coisa assim. Um sabe-tudo *novato*.

Ele começou a tossir novamente e demorou muito a parar o acesso de tosse. Era um som doentio. Eu começava a sentir claustrofobia, confinado naquele escritório, mesmo com a janela se abrindo para a garagem.

— Arnie é um bom rapaz — disse Darnell finalmente, ainda me avaliando com os olhos. Mesmo quando tossia, a expressão não mudava. — Ele se vira muito bem. Sabe fazer as coisas.

Fazer o quê? Eu quis perguntar, mas faltou coragem.

Darnell acabou contando. Excetuando-se o olhar frio, aparentemente ele se sentia expansivo.

— Ele limpa o chão, recolhe a tralha dos boxes da garagem no fim do dia, mantém as ferramentas inventariadas, juntamente com Jimmy Sykes... Preciso ter muito cuidado com as ferramentas por aqui, Dennis. Elas costumam fugir quando viro as costas. — Ele riu e sua risada transformou-se em um chiado. — Botei o Arnie também desmontando peças, lá nos fundos. O garoto tem boas mãos. Boas mãos e mau gosto para carros. Há anos não vejo uma carcaça pior do que aquele 58.

— Acho que Arnie o encara como um passatempo — comentei.

— Claro — disse Darnell, expansivamente. — Claro que sim. Até o dia em que não quiser bancar o mandão com aquilo, aqui dentro. Como aquele imbecil, aquele Repperton. Bem, acho que não há muita possibilidade disso por algum tempo, hein?

— Penso que não. Aquele carro está um bocado ruim.

— Que merda ele pretende fazer? — perguntou Darnell. Inclinou-se para diante, subitamente, os ombros enormes subindo até a raiz dos cabelos.

Franziu as sobranceiras e os olhos desapareceram, exceto por dois pequenos botões gêmeos. — Que merda ele pretende? Estive metido nesse ramo a vida inteira e *nunca* vi ninguém consertar um carro da maneira louca como ele está fazendo. Uma piada? Uma brincadeira?

— Não estou entendendo — falei, embora estivesse, e perfeitamente bem.

— Pois eu lhe dou a dica — replicou Darnell. — O garoto traz o carro para cá e, a princípio, faz nele tudo o que eu esperava que fizesse. Que diabo, ele não tem dinheiro escapando pelo traseiro, certo? Se tivesse, não estaria aqui. Ele troca o óleo. Muda o filtro. Graxa, lubrificante, um dia vi os dois Firestones novos que ele trouxe para as rodas dianteiras, a fim de combinarem com as duas traseiras.

Duas traseiras? Fiz a pergunta a mim mesmo e então concluí que ele comprara três pneus novos, para combinarem com o original que eu lhe levava, na noite em que trazíamos Christine para a garagem.

— Então, um belo dia chego aqui e vejo que ele substituiu os limpadores de pára-brisa — continuou Darnell. — Nada estranho, exceto que o carro não irá a lugar nenhum, com chuva ou com sol, durante muito tempo. Depois, uma antena nova para o rádio e pensei: ele vai ficar ouvindo o rádio enquanto trabalha, arriando a bateria. Agora, o garoto me vem com um novo assento coberto e metade da grade do radiador. Afinal, o que significa tudo isto? Uma brincadeira?

— Não sei — respondi. — Ele comprou as peças de reposição com o senhor?

— Não — disse Darnell, parecendo ofendido. — Não sei onde as conseguiu. Aquela grade... não tem nem sinal de ferrugem! Ele deve ter encomendado de algum lugar. Da Custom Chrysler, em Nova Jersey, ou outro lugar semelhante. Só que... e a outra metade? Enfiada em seu rabo? Nunca ouvi falar de uma grade para radiador que chegasse em duas partes.

— Não sei de nada. Sinceramente. Ele esmagou o toco do charuto.

— E não me venha dizer que não está curioso. Via a maneira como olhava para aquele carro. Dei de ombros.

— Arnie não fala muito sobre ele — respondi.

— Oh, não, aposto como não fala. É um filho da mãe de boca fechada. No entanto, é um batalhador. Aquele Repperton apertou o botão errado, quando se meteu com Cunningham. Se trabalhar legal este outono, posso arranjar-lhe um emprego fixo para este inverno. Jimmy Sykes é um bom garoto, mas não muito chegado ao departamento cerebral. — Seus olhos me avaliaram. — Acha que ele é bom trabalhador, Dennis?

— Arnie é legal.

— Tenho um bocado de carros no fogo — comentou ele. — Um bocado. Alugo caminhões sem grades na carroceria para sujeitos que precisam transportar seus carrões envenenados até Filadélfia. Recolho a tralha depois das corridas. Estou sempre necessitando de gente nesse negócio. Bem, gente de confiança.

Comecei a ter a desagradável suspeita de que estava sendo convidado a dançar. Levantei-me precipitadamente, quase derrubando a cadeira.

— Tenho mesmo que ir andando — falei. — E... Sr. Darnell... ficaria muito grato se não dissesse a Arnie que estive aqui. Ele é... um pouco suscetível sobre o carro. Para ser franco, seu pai andava curioso e queria saber como ele está se saindo.

— O garoto tirou um monte de bosta da porta de casa, não foi? — O olho direito de Darnell se fechou astutamente em algo que não era bem uma piscadela. — Seus velhos engolem alguns quilos de laxativo e depois ficam em cima dele, de pernas bem abertas, não é assim?

— Bem... o senhor sabe como é.

— Pode apostar que sei.

Ele se levantou em um movimento flexível e bateu em minhas costas, com força bastante para fazer-me vacilar sobre os pés. Com ou sem respiração chiada e tosse, ele era um sujeito forte.

— Não direi nada — prometeu, caminhando comigo até a porta.

Sua mão continuava em meu ombro, o que me deixava nervoso e também um pouco irritado.

— Quero lhe confessar uma coisa que também me preocupa — falou.
— Devo ver uns cem carros por aqui, a cada ano... bem, não tantos, mas entende o que quero dizer, e preciso ficar de olho neles. Pois quase juraria que já vi aquele antes. Quando não era a velharia que está agora. Onde foi que o garoto o conseguiu?

— Com um homem chamado Roland LeBay — respondi, pensando no irmão de LeBay, ao me contar que ele próprio fazia a manutenção, em alguma garagem do tipo faça-você-mesmo. — Está morto agora.

Darnell estacou subitamente.

— LeBay? *Rollie* LeBay?

— Isso mesmo.

— Do Exército? Reformado?

— Exato.

— É isso mesmo, raios! Durante seis, talvez oito anos, ele trouxe o carro para cá, tão regular como um relógio. Depois parou de vir. Isso foi há muito tempo. Aquele sujeito era um filho da puta. Se a gente despejasse água fervendo por sua maldita garganta abaixo, ele mijaria cubos de gelo. Não se dava com ninguém. — Darnell apertou meu ombro com mais força. — Seu amigo Cunningham sabe que a mulher de LeBay suicidou-se naquele carro?

— É mesmo? — exclamei, fingindo surpresa.

Eu não queria deixá-lo saber que meu interesse fora suficiente para procurar o irmão de LeBay, após o funeral. Receava que Darnell pudesse

repetir a informação para Arnie — completa, com a fonte. Darnell me contou a história toda. Primeiro a filha, depois a mãe.

— Poxa! — tornei a exclamar, quando ele terminou. — Tenho certeza de que Arnie não sabe disso. Vai contar a ele?

Aquele olhar avaliador novamente.

— Você vai?

— Não — respondi. — Não vejo motivos para contar.

— Nem eu. — Ele abriu a porta, e o ar cheirando a graxa pareceu quase purificado, depois da fumaça de charuto no escritório. — Aquele filho da puta do LeBay, maldito seja! Espero que esteja oferecendo a face direita e depois a esquerda lá no inferno. E dando o traseiro. — Sua boca se encurvou perversamente por um instante e depois ele olhou na direção do boxe vinte, onde repousava Christine com sua velha pintura enferrujada, a antena e metade da grade do radiador reluzindo de novas.

— Essa *cadela* aqui outra vez — continuou ele, e então olhou para mim. — Bem, dizem que o centavo falso sempre aparece, não é?

— Sim, acho que dizem — respondi.

— Até logo, garoto — disse, enfiando um novo charuto na boca. — Diga alô a seu pai por mim.

— Eu direi.

— E diga a Cunningham para ficar de olho naquele traste do Rupperton. Tenho a impressão de que ele não aceita fácil uma derrota.

— Eu também — falei.

Saí da garagem, parando uma vez a fim de olhar para trás — contudo, vista da claridade, Christine era pouco mais do que uma sombra entre sombras. O *centavo falso sempre aparece*, tinha dito Darnell. Fui para casa com aquela frase na cabeça.

CALAMIDADES DO FUTEBOL

Aprender a tocar saxofone,
Só tocar o que eu gostar,
Beber uísque escocês
A noite inteira
E morrer atrás do volante...
— Steely Dan

As aulas começaram, e nada de importante aconteceu por uma semana ou duas. Arnie não soube que eu estivera na garagem, o que me alegrou, pois não creio que aceitasse a notícia com muita satisfação. Darnell ficou de boca fechada, como prometera (talvez por questões pessoais). Telefonei para Michael certa tarde, depois das aulas, sabendo que Arnie já teria ido para a garagem, e lhe contei que ele fizera alguma coisa no carro, mas que este ainda estava longe de poder andar legalmente pelas ruas. Comentei minha impressão de que seu filho apenas procurava distrair-se na garagem. Michael acolheu as notícias com um misto de alívio e surpresa. Isto encerrou a questão... por algum tempo.

Eu via Arnie de vez em quando, assim como algo que entra em nosso campo visual, pelo canto do olho. Ele perambulava pelos corredores, tínhamos aulas de três matérias juntos e, por vezes, aparecia lá em casa, depois das aulas ou nos fins de semana. Em certas ocasiões, parecia que nada mudara realmente, porém Arnie ficava mais tempo na Darnell's do que em minha casa, e seguia para Philly Plains — a pista de corridas para automóveis — nas noites de sexta-feira, juntamente com Jimmy Sykes, o empregado meio idiota de Darnell. Lá corriam carros esportes e outros modelos de classe, envenenados, em sua maioria Camaros e Mustangs, com todos os vidros retirados e com fechos corrediços. Arnie e Jimmy Sykes os recolhiam ao caminhão de carroceria aberta de Darnell e voltavam com o lixo recente para o cemitério de automóveis.

Foi mais ou menos nessa época que Arnie machucou as costas. Não foi nada sério — pelo menos, era o que dizia —, mas minha mãe percebeu que havia algo errado com ele, quase em seguida. Arnie apareceu um domingo para ver o jogo dos Phillies, que naquele ano abriam caminho para uma glória moderada, e durante o terceiro tempo levantou-se para pegar um copo de suco de laranja para cada um de nós. Mamãe estava sentada no sofá com papai, lendo um livro. Ergueu os olhos quando Arnie retomava e disse:

— Você está mancando, Arnie.

Penso ter visto uma expressão inesperada de surpresa no rosto dele, por um ou dois segundos

— um ar furtivo, quase culpado. Talvez me enganasse. Se *aconteceu*, um segundo depois havia desaparecido.

— Acho que forcei as costas em Plains, a noite passada — disse ele, entregando-me o suco de laranja. — Jimmy Sykes deixou escorregar a última das peças batidas que carregávamos, quando ela estava praticamente em cima do caminhão. Pude vê-la escorregando para fora, e então levamos umas duas horas fazendo força para endireitar tudo. Empurrei com as costas. Acho que não devia ter forçado tanto.

Parecia uma explicação muito minuciosa para um simples coxear, porém eu talvez estivesse enganado sobre isso também.

— Precisa ter mais cuidado com suas costas — disse mamãe, severamente. — O Senhor...

— Podemos ver o jogo agora, mãe? — falei. —...só lhe dá uma — concluiu ela.

— Sim, Sra. Guilder — respondeu Arnie, obedientemente. Elaine entrou na sala.

— Ainda tem um resto de suco ou os dois cabeças-de-pepino beberam tudo?

— Por favor, me dê uma folga! — gritei.

Tinha havido uma grande jogada naquele segundo e perdi toda a seqüência.

— Não grite com sua irmã, Dennis — murmurou papai, das profundezas de *The Hobbyist*, a revista que estava lendo.

— Sobrou muita coisa, Ellie — disse Arnie para ela.

— Às vezes, Arnie — retrucou Elaine —, você me surpreende como um ser quase humano. Ela foi para a cozinha.

— Quase humano, Dennis! — sussurrou Arnie, aparentemente à beira de lágrimas de gratidão.

— Você ouviu isso? Quase *humaaaaano*!

Talvez seja apenas uma lembrança retrospectiva — ou a imaginação — levando-me a crer que seu humor fosse forçado, irreal, apenas uma fachada. Seja ou não verdadeira a recordação, o assunto sobre suas costas encerrou-se, embora ele volta e meia mancasse, durante aquele outono.

Pessoalmente, eu andava muito ocupado. Havia rompido com a chefe de torcida, mas em geral sempre encontrava alguém para uma volta nas noites de sábado... se não estivesse esgotado pelo treino constante de futebol.

O treinador Puffer nada tinha do miserável que era Will Darnell, porém estava longe de ser uma flor; como metade dos treinadores de ginásio nas cidades pequenas da América, ele moldava suas técnicas de treinamento pelas do falecido Vince Lombardi, cujo lema principal era de que ganhar não significava tudo, era *a única coisa*. Vocês ficariam surpresos, se soubessem quanta gente — que deveria entender melhor do assunto — acredita nessa mentira deslavada.

Um verão de trabalho para a Carson Brothers me deixara em excelente forma, e creio que poderia valer-me para toda a temporada — se aquela

houvesse sido uma temporada vitoriosa. Entretanto, por ocasião da briga feia que eu e Arnie tivemos com Buddy Repperton, perto da área de fumar, nos fundos da oficina — e creio que aconteceu durante a terceira semana de aula —, já era francamente visível que não teríamos uma temporada de vitórias. Isso tornou extremamente difícil a convivência com o treinador Puffer, porque em seus dez anos no Ginásio Libertyville ele *já* tivera uma temporada de derrotas. Aquele foi o ano em que Puffer teve que se sujeitar a uma amarga humildade. Foi uma dura lição para ele... e também para nós.

Nosso primeiro jogo, contra os Tigres de Luneburg, foi em setembro. Bem, Luneburg não passa de um vilarejo. Trata-se de uma merdinha de ginásio rural no extremo oeste de nosso distrito, e durante meus anos no Libertyville o grito de guerra costumeiro, após a convencida defesa de Luneburg ter permitido mais um *touchdown*, um ponto para nós, era: CONTEM-PRA-NÓS-COMO-É-BOSTA-DE-VACA-NO-SEU-PÉ! Seguido por um estrondoso, sarcástico aplauso: HUUURRRRAAAA, LUUUUNEURG!

Fazia vinte anos que Luneburg não conseguia derrotar um time de Libertyville, mas nesse ano eles se levantaram e acabaram conosco completamente. Eu jogava na extrema-esquerda e, chegado o meio tempo, estava moralmente convicto de que carregaria nas costas, pelo resto da vida, cicatrizes de marcas de travas. O escore era então de 17-3. Terminou com 30-10. A torcida do Luneburg delirava. Eles derrubaram as traves do gol, como se aquele fosse um jogo pelo Campeonato Regional, e carregaram nos ombros seus jogadores para fora do campo.

Nossa torcida, que viera em ônibus fretados especialmente para a ocasião, ficou encolhida nas arquibancadas de visitantes, parecendo perdida sob um forte e prematuro calorão de setembro. No vestiário, atordoado e pálido, o treinador Puffer sugeriu que ficassemos de joelho e rezássemos, pedindo orientação para as semanas vindouras. Percebi então que a calamidade não terminara, que apenas começava.

Caímos sobre os joelhos doloridos, arranhados e cansados, desejando apenas uma chuveirada que nos lavasse aquele cheiro de derrota, enquanto ouvíamos Puffer explicar a situação a Deus, em uma peroração de dez minutos, encerrada com a promessa de que faríamos a nossa parte, se Ele fizesse a Sua.

Na semana seguinte, treinamos três horas diárias (em vez dos costumeiros noventa minutos a duas horas), sob o sol escaldante. À noite, eu caía na cama e sonhava com seus berros: "*Ataque aquele otário! Ataque! Ataque!*". Eu partia em desabalada carreira, até começar a sentir que minhas pernas sofreriam uma decomposição espontânea (provavelmente, no mesmo instante em que meus pulmões explodiriam em chamas). Lenny Barongg, um de nossos *tailbacks*, tivera um ataque brando de insolação e, misericordiosamente — para ele, pelo menos foi dispensado pelo resto da semana.

Eu só via Arnie quando ele aparecia para jantar comigo, meus pais e Ellie nas noites de quinta ou sexta-feira. Às vezes aparecia para ver um ou dois jogos conosco, nas tardes de domingo, mas, além disso, perdi-o de vista por completo — ou quase isso. Naquela época, andava ocupado demais em arrastar minhas dores e sofrimentos até as salas de aula, treinando e voltando para casa, a fim de fazer os deveres de casa em meu quarto.

Voltando às calamidades do futebol, acho que o pior de tudo era a maneira como os outros olhavam para mim, Lenny e o resto do time pelos corredores. Hoje em dia, esse "espírito de colégio" se compõe principalmente de besteiras inventadas pelos administradores de escolas, ao recordarem o inferno das disputas de futebol nas tardes de sábado, quando jovens, mas esquecendo convenientemente que muito disso resultava de estarem bêbados, no cio ou as duas coisas. Quando há um comício em favor da legalização da maconha, é possível ver-se um pouco desse espírito de colégio. No entanto, em se tratando de futebol, basquete ou atletismo, a maioria dos alunos não dá nenhuma banana. Estão todos ocupados demais em conseguir entrar para a universidade, em chegar ao ponto final com

alguma garota ou procurando confusão. Muito ocupados, em geral.

Ainda assim, ficamos acostumados à vitória — começamos a acreditar que ela nos pertence por direito. Libertyville estivera formando equipes vencedoras por muito tempo; a última vez que o colégio havia sido derrotado — pelo menos, até meu último ano lá — fora doze anos antes, em 1966. Assim, na semana após a derrota para Luneburg, embora não houvesse choro nem ranger de dentes, havia aqueles olhares atônitos nos corredores e alguns comentários na habitual reunião da tarde de sexta-feira, no final do sétimo tempo. Os comentários deixaram o treinador quase púrpura e ele convidou aqueles "esportistas-de-meia-tigela e amigos-das-horas-boas" a aproveitarem a tarde de sábado para verem a reabilitação do século.

Não sei se os esportistas-de-meia-tigela e os amigos-das-horas-boas apareceram ou não, mas eu estava lá. Jogávamos em casa e nossos adversários eram os Ursos de Ridge Rock. Ridge Rock é uma cidade de mineração e, embora os garotos que freqüentam o Ginásio de Ridge Rock sejam caipiras, não são caipiras frouxos. São caipiras durões, ferozes e decididos. No ano anterior, o time de futebol de Libertyville os vencera por pouco, na disputa do título regional, e um dos comentaristas esportivos locais comentara que a vitória não acontecera porque o time de Libertyville era melhor, mas porque sua torcida era mais animada. Posso afirmar que isso também fez o treinador arrancar os cabelos.

De qualquer modo, aquele foi o ano dos Ursos. Foram como um rolo compressor contra nós. Fred Dann saiu do jogo com uma concussão, no primeiro tempo. No segundo, Norman Aleppo foi levado para o Hospital Comunitário de Libertyville com um braço quebrado. E, no último período, os Ursos marcaram três *touchdowns* consecutivos, dois deles como *punt returns*. O escore final foi de 40-6. Deixando de lado a falsa modéstia, eu lhes confesso que marquei o sexto ponto. Entretanto, não ponho o realismo ao lado da modéstia: o que tive foi sorte.

Assim sendo... mais uma semana de infernal treinamento no campo.

Outra semana com o treinador gritando: "*Ataque aquele otário.*" Certo dia, treinamos durante quase quatro horas, e quando Lenny sugeriu ao treinador que seria ótimo termos algum tempo de sobra para os trabalhos de casa, cheguei a pensar — apenas por um instante — que Puffer ia surrá-lo com o cinto. Ele passara a ficar jogando seu molho de chaves constantemente, de uma das mãos para a outra, recordando-me o Capitão Queeg, no filme *Motim*. Suponho que a maneira como você perde é um indicador muito melhor para o caráter do que a forma como vence. Puffer, que nunca vira um 0-2 em sua carreira de treinador, reagia com uma fúria cega e inútil, como um tigre enjaulado e acuado pelos filhotes cruéis.

Na tarde da sexta-feira seguinte — que seria 22 de setembro — foi cancelada a reunião costumeira, durante os últimos quinze minutos do sétimo tempo. Nenhum jogador se preocupava com aquilo; ficar ali de pé e ser apresentado por doze gigantes chefes de torcida, pela décima milionésima vez, era bem tedioso. Nessa noite, fomos convidados pelo treinador a voltar ao ginásio e ficamos duas horas vendo os filmes, testemunhando nossa humilhação infligida pelos Tigres e Ursos, nos jogos filmados. Talvez aquilo tivesse a finalidade de levantar nosso moral, porém eu fiquei apenas deprimido.

Nessa noite, antes de nosso segundo jogo do ano em casa, tive um sonho singular. Não foi bem um pesadelo, não como aquele em que eu acordara a casa com meus gritos, claro, mas ainda assim foi... desconfortável. Estávamos jogando contra os Dragões da cidade de Filadélfia, e soprava um vento forte. Os sons dos gritos da torcida, a voz estridente e distorcida de Chubby McCarhy, brotando do alto-falante, quando anunciava os *downs* e *yards* do jogo, o próprio som dos jogadores atacando-se entre si, tudo tinha um toque fantástico, que ecoava naquele vento firme e constante.

Nas arquibancadas, os rostos apareciam amarelados e estranhamente sombreados, como máscaras chinesas. As chefes de torcida dançavam e cabriolavam como autômatos de corda. O céu tinha um cinzento esquisito, coberto de nuvens. Estávamos apanhando em toda a linha. O treinador

gritava suas ordens, mas ninguém conseguia ouvi-lo. Os Dragões afastavam-se de nós rapidamente e a bola estava sempre com eles. Lenny Barongg" parecia estar jogando em meio a uma dor terrível: tinha a boca repuxada para baixo, em trêmula meia circunferência, como uma máscara de tragédia.

Fui atacado, derrubado e atropelado. Fiquei caído, muito atrás da linha de formação dos jogadores, encolhido, tentando recuperar a respiração. Olhei para cima e lá, parada no meio da pista de atletismo, atrás das arquibancadas dos visitantes, estava Christine. Novamente se mostrava cintilante, como recém-saída da fábrica, parecendo ter deixado o salão de exibição apenas uma hora antes.

Arnie estava sentado no teto do carro, as pernas cruzadas como Buda, fitando-me inexpressivamente. Gritou alguma coisa para mim, porém o ruído do vento quase sobrepujou o que dissera. Tive a impressão de ouvir algo assim: *Não se preocupe, Dennis! Cuidaremos de tudo, portanto, fique calmo! Está tudo sob controle!*

Cuidariam de quê? Foi o que me perguntei, caído no campo de jogo do sonho (que, por algum motivo, meu eu onírico transformara em pista de corrida de cavalos), lutando para recuperar o fôlego, a cueca penetrando cruelmente na junção das coxas, logo abaixo dos testículos. *Cuidariam de quê?*

De quê?

Não houve resposta. Apenas o brilho malévolo dos faróis amarelos de Christine, e Arnie sentado tranqüilamente, de pernas cruzadas sobre a capota, naquele vento forte e barulhento.

No dia seguinte, partimos para a luta novamente, em benefício do bom e velho Ginásio de Libertyville. Não foi tão ruim como em meu sonho — ninguém saiu ferido naquele sábado, e por um breve momento do terceiro *quarter* até pareceu que teríamos uma chance — mas então o *quarterback* da cidade de Filadélfia deu sorte com uns dois passes longos — quando a situação começa a perigar, *tudo* dá errado — e tornamos a perder.

Depois do jogo, o treinador Puffer limitou-se a ficar sentado no banco. Não olhou para nenhum de nós. Restavam onze jogos em nosso calendário, mas ele já era um homem derrotado.

ENTRA LEIGH, SAI BUDDY

Não lhe contei vantagem, meu bem,
Então, não me venha humilhar,
Tenho as rodas mais velozes da cidade,
Quem quiser passar à frente, nem adianta tentar,
Porque também tenho asas, cara,
Minha máquina pode voar,
É o meu cupê endoidado,
Você nem sabe o que tenho...
— The Beach Boys

Tenho absoluta certeza de que foi na terça-feira seguinte à nossa derrota diante dos Dragões da cidade de Filadélfia que as coisas começaram a agitar-se outra vez. Devíamos estar a 26 de setembro.

Eu e Arnie assistimos a três aulas juntos, sendo uma delas Tópicos da História Americana, um curso seriado, no quarto período. Nas primeiras nove semanas, o professor fora o Sr. Thompson, chefe do departamento. Então, o tema era Duzentos Anos de Desenvolvimento e Crise. Arnie dizia que aquela era a aula do tchau-tchau, porque ficava justamente antes da hora do almoço e os estômagos da gente pareciam ter coisas mais interessantes para fazer.

Terminada a aula daquele dia, uma garota aproximou-se de Arnie e perguntou-lhe se tinha o trabalho de Inglês para casa. Ele tinha. Folheou com cuidado seu caderno de anotações e, enquanto isso, ela o observava seriamente com olhos azul-escuros, nunca os desviando do rosto dele. Tinha cabelos louro-escuros, cor de mel fresco — não do tipo refinado, mas daquele que sai direto da colméia —, mantidos presos para trás por uma fita azul, combinando com os olhos. Ao vê-la, meu estômago deu uma reviravolta de felicidade. Depois que a garota terminou de copiar o trabalho, Arnie olhou

para ela.

Aquela não era a primeira vez que eu via Leigh Cabot, é claro, ela havia sido transferida de uma cidade em Massachusetts para Libertyville, três semanas antes, de modo que já ficara conhecida. Alguém me contara que seu pai trabalhava para a 3M, o pessoal que fabrica a fita adesiva Scotch.

Não era a primeira vez também que eu reparava nela, porque Leigh Cabot era — usando os termos mais simples — uma bela garota. Em uma obra de ficção, percebi que os escritores sempre inventam um pequeno defeito aqui ou acolá nas mulheres e jovens que criam, talvez por pensarem que a beleza real seja um estereótipo ou por acharem que um ou dois senões tornam a dama mais real. Assim, a heroína é bonita, com exceção do lábio inferior um pouco longo demais, ou apesar de ter o nariz ligeiramente afilado. Talvez tenha o busto achatado. Sempre há alguma coisa.

Com Leigh, no entanto, era beleza pura. Tinha a pele clara e perfeita, em geral com um toque de cor perfeitamente natural. Mediria um metro e setenta, mais ou menos, alta para uma garota, mas não em excesso, com um corpo adorável — seios bonitos e firmes, uma cinturinha que quase se poderia contornar com as mãos (pelo menos, dava vontade de tentar), quadris bem feitos, pernas bem torneadas. Uma garota bonita, *sexy*, de belo corpo — artisticamente sem graça, imagino, sem o lábio inferior demasiado longo, o nariz afilado, uma reentrância ou saliência erradas em algum lugar (nem ao menos um gracioso dentinho torto — ela devia ter tido um excelente ortodontista, também), mas o caso é que ela *nada* tinha de sem graça, quando a gente a contemplava.

Alguns caras já tinham dado em cima dela, mas haviam sido delicadamente afastados. Imaginava-se que, provavelmente, Leigh Cabot estava com dor-de-cotovelo por causa de algum sujeito de Andover, Braintrese ou seja lá de onde viera, mas que o tempo a faria recuperar-se. Em duas das aulas a que eu assistira com Arnie, ela também estivera

presente, de maneira que minha idéia era apenas aguardar um pouco, antes de tentar uma aproximação.

Agora, observando os olhares roubados entre os dois, quando Arnie procurara o dever e depois, quando ela o anotava cuidadosamente, perguntei-me se chegaria a ter chance daquela aproximação. Então, ri para mim mesmo. Arnie Cunningham, o próprio e velho Cara de Pizza e Leigh Cabot. Era totalmente ridículo. Era...

O sorriso interior quase secou de repente. Pela terceira vez — a definitiva — eu percebia que a pele dele estava se curando sozinha, com uma rapidez quase impressionante. As equimoses haviam desaparecido. Algumas ainda tinham deixado mínimas cicatrizes reentrantes ao longo das faces, é verdade, mas se um cara tem feições fortes, aquelas pequenas reentrâncias não parecem significar muito. De uma forma um tanto louca, até parecem dar mais caráter.

Leigh e Arnie estudaram-se disfarçadamente. Também estudei Arnie disfarçadamente, perguntando-me quando e como aquele milagre acontecera. A luz do sol penetrava com força pelas janelas da sala do Sr. Thompson, delineando claramente as linhas do rosto de meu amigo. Ele parecia... mais velho. Como se tivesse vencido as equimoses e a acne, não somente com lavagens ou aplicações regulares de qualquer creme especial, mas conseguindo algum meio de adiantar o relógio por três anos. Também estava usando o cabelo de modo diferente — agora era mais curto, e as costeletas que cismara de usar, desde que pudera cultivá-las (uns dezoito meses atrás), tinham desaparecido.

Fiquei pensando naquela tarde encoberta, quando tínhamos ido ver o filme Kung-fu de Chuck Norris. Fora a primeira vez em que eu notara alguma melhora, concluí. Mais ou menos na época em que ele havia comprado o carro. Sim, devia ser isso. Adolescentes do mundo, rejubilem-se! Resolvam dolorosos problemas de acne para sempre! Compre um carro velho e ele fará com que...

O sorriso interior, que voltara a aflorar, de repente azedou.

Comprem um carro velho e ele fará... o quê? Será que ele irá modificar suas cabeças, suas maneiras de pensar, desta forma alterando o metabolismo? Liberando o eu real? Tive a sensação de ouvir Stukey James, nosso antigo professor de Matemática, sussurrando em minha cabeça seu insistentemente repetido refrão: *Se seguirmos esta linha de raciocínio até o amargo fim, senhoras e senhores, aonde isso nos levará?*

Certo — aonde?

— Obrigada, Arnie — disse Leigh, em sua voz doce e clara.

Já havia copiado o dever de casa em seu caderno de apontamentos.

— Tudo bem — disse ele.

Os olhos dos dois se encontraram — agora entreolhavam-se, em vez de se observarem furtivamente —, e até eu pude sentir a fagulha saltar.

— Vejo você no sexto tempo — disse ela.

Depois se afastou, os quadris ondulando suavemente sob uma saia verde de tricô, os cabelos oscilando contra as costas do suéter.

— O que tem você a ver com o sexto tempo dela? — perguntei.

Eu tinha tempo vago naquele período. Estudaria os corredores fiscalizados pela terrível Srta. Raypach, a quem todos nós chamávamos de Sita. Rat-Pack (Trouxa-de-Ratos), só que nunca em presença dela, como é fácil imaginar.

— Cálculo — respondeu ele, naquela voz sonhadora e melosa, tão diferente da que eu conhecia, que me provocou o riso. Arnie olhou para mim, de cenho franzido.

— De que está rindo, Dennis?

— Cal-Q-luuuu — respondi.

Revirei os olhos, agitei as mãos como asas e ri mais alto. Ele fingiu que ia

me esmurrar.

— É bom tomar cuidado, Guilder — falou.

— Desgrude, Cara de barata!

— Eles botam você na universidade e vamos ver o que acontece ao fodido time de futebol!

O Sr. Hodder, que ensina aos calouros os mais primorosos detalhes gramaticais (e também como masturbar-se, no dizer de certos espirituosos), ia passando por nós nesse exato momento.

— Cuidado com sua linguagem nos corredores! — disse significativamente para Arnie, franzindo o cenho.

Depois seguiu em frente, com uma pasta em uma das mãos e, na outra, um hambúrguer apanhado na fila do almoço. Arnie ficou vermelho como uma beterraba; sempre enrubescia se um professor lhe dizia alguma coisa (tratava-se de uma reação tão automática que quando estávamos no primário acabava castigado por coisas que não fizera, apenas porque *parecia* culpado). Suponho que isso tenha algo a ver com a maneira como foi criado por Regina e Michael — eu sou legal, você é legal, eu sou uma pessoa, você é uma pessoa, nós nos respeitamos profundamente, e quando alguém fizer algo errado sentiremos uma reação alérgica de culpa. Acredito que isso faça parte da criação liberal de filhos na América.

— Cuidado com sua linguagem, Cunningham — falei. — Tu tá *envorvido* num monte de *problema*. Ele começou a rir também. Descemos o corredor reverberante de ruídos. As pessoas caminhavam

depressa de um lado para outro ou se apoiavam contra seus armários, comendo. Não se devia comer pelos corredores, mas muitos não ligavam para isso.

— Trouxe seu almoço? — perguntei.

— Trouxe. Num saco de papel pardo.

– Vá pegar. Vamos comer lá fora, nas arquibancadas.

– A esta altura, ainda não se encheu daquele campo de futebol? – perguntou Arnie. – Se ficasse muito mais tempo deitado de barriga, no sábado passado, acho que um dos zeladores o plantaria.

– Não ligo. Vamos à forra essa semana. Além do mais, quero sair daqui.

– Certo. Encontro você lá fora.

Arnie afastou-se e rumei para meu armário, a fim de pegar meu almoço. Havia trazido quatro sanduíches, para começar. Desde que o treinador iniciara suas sessões-maratonas de treinamento, eu vivia faminto.

Segui ao longo do corredor, pensando em Leigh Cabot e em como muita gente ficaria alvoroçada se aqueles dois comessem a sair juntos. Nos colégios, a sociedade é muito conservadora, como todos sabem. Nada de grandes repressões, mas é assim. As garotas sempre usam as modas mais loucas, os rapazes às vezes deixam o cabelo chegar até o traseiro, todos fumam uma maconhazinha ou cheiram um pouco de coca – mas tudo não passa de uma camada externa de verniz, a defesa usada enquanto fazemos experiências e procuramos imaginar o que acontecerá, exatamente, em nossa vida. É como um espelho – usado para refletir de volta a luz do sol nos olhos de pais e professores, esperando confundi-los, antes que nos tornem ainda mais confusos do que já estamos. No fundo, a maioria dos estudantes de ginásio é quase tão careta como um bando de banqueiros republicanos em uma reunião social da igreja. Há garotas que podem ter todo álbum já produzido do conjunto Black Sabbath, mas se Ozzy Osbourne for à escola que elas freqüentam e convidar uma delas para sair, essa garota (e todas as suas amigas) seria capaz de arrebentar de rir apenas ante tal idéia.

Agora sem espinhas, Arnie estava legal – de fato, parecia mais do que isso. Contudo, nenhuma garota que freqüentasse a escola quando ele ainda tinha o rosto em sua pior aparência aceitaria sair com ele, creio eu. De fato,

não o viam como era agora, mas apenas a lembrança do que Arnie havia sido. Com Leigh, no entanto, era diferente. Sendo uma aluna transferida, não fazia idéia de como era horrível a aparência dele, em seus três primeiros anos no Ginásio de Libertyville. Bem, poderia ter uma noção, se folheasse o *Libertonian* do ano anterior e visse a foto de Arnie no clube de xadrez, mas, curiosamente, aquela mesma tendência republicana certamente a faria passar por cima do detalhe. *O de agora é eterno* — interrogue qualquer banqueiro republicano e ele lhe dirá que o mundo deve ser governado exatamente assim.

Ginasianos e banqueiros republicanos... Em criança, todos aceitamos como fato consumado que tudo se modifica constantemente. Quando adulto, o indivíduo acredita seriamente que tudo irá mudar, pouco importando o esforço para ser mantido o *status quo* (os próprios banqueiros republicanos sabem disso — podem não gostar, mas sabem). Apenas quando se é adolescente é que se fala o tempo todo em modificar, mas acreditando, no fundo do coração, que isso nunca acontece realmente.

Saí com minha gigantesca sacola de lanche na mão e caminhei em diagonal pelo pátio de estacionamento, rumando para o edifício em que ficavam as oficinas. É uma estrutura alongada, com laterais metálicas corrugadas e pintadas de azul — em formato não muito diferente da garagem de Will Darnell, porém muito mais limpa. Ali dentro ficam as oficinas para trabalhos em madeira, as oficinas para mecânica de motores e o departamento de artes gráficas. A área de fumar fica, em princípio, nos fundos da edificação, mas nos dias de bom tempo, durante a folga para o almoço, em geral se vê alunos das oficinas alinhados em ambos os lados do prédio, com suas botas de motoqueiros ou sapatos de biqueira, recostados contra a parede, rumando e conversando com as namoradas. Ou apalpando-as.

Nesse dia, não havia uma alma no lado direito das oficinas, e isso poderia ter-me alertado sobre algo anormal, mas não foi assim. Eu estava concentrado em meus próprios e divertidos pensamentos sobre Arnie e

Leigh, bem como na psicologia do Estudante Moderno do Ginásio Americano.

A verdadeira área de fumar — a área "designada" para fumar — fica em um pequeno beco sem saída, atrás da oficina de mecânica de motores. Além das oficinas, a cinquenta ou sessenta metros de distância, está o campo de futebol, dominado pelo grande painel elétrico da marcação de pontos, com DURO NELES, TERRIERS, engalanando sua parte superior.

Havia um grupo de pessoas pouco além da área de fumar, umas vinte ou trinta, amontoadas em estreito círculo. Esse tipo de aglomeração geralmente significa uma briga ou o que Arnie costuma chamar "puxa-empurra" — dois sujeitos, que não estão muito a fim de brigar, ficam empurrando um ao outro, esmurrando-se nos ombros com força, com isso tentando proteger as respectivas reputações de machos.

Olhei para lá, mas sem grande interesse. Não queria assistir a uma briga, mas sim comer meu almoço e descobrir o que estava acontecendo entre Arnie e Leigh Cabot. Se existisse algo entre os dois, por menor que fosse, isso talvez o livrasse daquela obsessão por Christine. Uma coisa era certa: Leigh Cabot não tinha qualquer ferrugem na lataria.

Então, uma garota gritou e alguém mais bradou:

— Ei, assim, não! Largue isso, cara!

Aquilo não soava muito normal. Mudei de rumo, para ver o que havia. Abri caminho por entre o grupo apertado e vi Arnie no círculo, de pé, com as mãos ligeiramente estiradas para diante, ao nível do peito. Parecia assustado e pálido, mas não em pânico. Um pouco à sua esquerda, estava o seu saco de almoço, completamente achatado contra o solo. No meio do saco, havia a impressão de uma sola de tênis. Em direção oposta a Arnie, de *jeans* e camiseta justa sobre cada músculo e saliência do tórax, estava Buddy Repperton. Tinha um canivete de mola na mão direita e o movia lentamente de trás para diante, à frente do rosto, como um mágico fazendo passes místicos.

Buddy era alto e de ombros largos. Tinha cabelos longos e negros. Usava-os amarrados atrás da cabeça, em rabo-de-cavalo, com uma tira de couro cru. As feições do rosto eram rudes e idiotas, com expressão malévola. Sorria de leve. O que senti foi uma mistura covarde de puro medo e angústia. Ele não parecia apenas idiota e malévolo, parecia louco.

— Eu disse que ia pegar você, cara — falou maciamente para Arnie.

Inclinou o canivete e o esgrimiu de leve no ar, na direção de Arnie, fazendo-o encolher-se um pouco. A lâmina retrátil tinha cabo de marfim, com um pequeno botão cromado que o fazia saltar para fora ou recolher-se no punho. A lâmina parecia ter uns vinte centímetros de comprimento — não era um canivete, em absoluto, mas uma maldita baioneta.

— Vamos, Buddy, marque ele! — gritou Dan Vandenberg alegremente.

Senti a boca seca. Olhei para o garoto perto de mim, algum calouro careta, que eu não conhecia. Ele parecia completamente hipnotizado, de olhos arregalados.

— Ei — falei. Como não olhasse para mim, cutuquei-o nas costelas com o cotovelo. — *Ei!* Ele saltou e olhou para mim aterrorizado.

— Vá chamar o Sr. Casey. Está almoçando na oficina de trabalhos em madeira. Vá chamá-lo, agora mesmo!

Repperton olhou para mim, depois para Arnie.

— Vamos, Cunningham — desafiou. — O que me diz, não está querendo briga?

— Largue o canivete primeiro, seu bosta — disse Arnie.

A voz era perfeitamente calma. Bosta. Onde é que eu ouvira aquilo antes? Não fora dito por George LeBay? Sim, isso. Também ouvira a palavra na boca de seu irmão.

Aparentemente, Repperton não ligou muito. Enrubescou e

aproximou-se mais de Arnie. Arnie girou, afastando-se. Pensei que alguma coisa estava para acontecer ali, bem depressa — talvez daquelas que exigem suturas e deixam cicatriz.

— Vá chamar Casey, *já!* — falei para o calouro de jeito careta.

Ele se foi, mas pensei que, sem dúvida, tudo já teria acontecido antes do Sr. Casey chegar... a menos que eu pudesse retardar um pouco as coisas.

— Largue esse canivete, Repperton — falei. Seus olhos se voltaram novamente para mim.

— Você não sabe de nada — replicou. — O amigo de Cara de Cona. Por que não vem tirar ele de mim?

— Você tem um canivete, mas ele não — falei. — Pelo meu manual, isso faz de você uma fodida galinha covarde.

O vermelho de seu rosto aumentou. Agora, sua concentração se rompera. Ele olhou para Arnie, depois para mim. Meu amigo dirigiu-me um olhar de pura gratidão — e moveu-se um pouco mais para perto de Repperton. Não gostei daquilo.

— Largue o canivete! — gritou alguém para Repperton.

Logo depois, alguém mais gritou também: "*Largue o canivete!*". Então, todos começaram a cantar: "*Largue o canivete, largue o canivete, largue o canivete!*".

Repperton pareceu não gostar. Não se importava de ser o alvo das atenções, mas aquele era o tipo errado de atenção. Seu olhar começou a saltar nervosamente, primeiro para Arnie, depois para mim, em seguida para os outros. Uma mecha de cabelo lhe caiu na testa e ele a jogou para trás.

Quando tornou a olhar para mim, esbocei um movimento como se fosse avançar para ele. O canivete girou agora em minha direção e Arnie se moveu — moveu-se mais depressa do que eu poderia acreditar. Foi uma

cutelada com a mão direita, em um golpe de caratê meio fajuto, mas eficiente. Atingiu com força o pulso de Repperton e arrancou-lhe o canivete da mão, fazendo-o cair com um som metálico no chão sujo. Repperton abaixou-se, tentando recuperá-lo. Arnie cronometrou o movimento com mortal precisão e, quando a mão de Repperton chegou ao asfalto, pisou em cima dela. Com toda a força. Repperton gritou.

Don Vandenberg entrou rapidamente em cena. Com um tranco brutal, atirou Arnie ao chão. Mal pensando no que fazia, entrei no círculo e chutei o traseiro de Vandenberg com toda a força que tinha — levantei o pé, em vez de arrastá-lo; chutei-o como chutaria uma bola.

Vandenberg, um cara alto e magro, que naquela época teria uns dezenove ou vinte anos, começou a gritar e saltitar, segurando os fundilhos. Esqueceu toda sua idéia de socorrer Buddy, deixou de ser um fator determinante na situação. Acho espantoso eu não ter aleijado Vandenberg com aquele chute. Jamais chutei alguém ou alguma coisa com tanta força, e meus amigos, fiquem certos de que me senti ótimo.

De repente, um braço passou em torno de meu pescoço e havia uma mão entre minhas pernas. Percebi o que ia acontecer, apenas um segundo tarde demais para poder evitá-lo de todo. Meus colhões foram apertados com firmeza e a dor espalhou-se, em um berro de pura agonia, subindo das virilhas para o estômago, depois descendo até as pernas, tornando-as tão frouxas e vacilantes, que quando o braço largou meu pescoço eu simplesmente arriei como um trapo no piso cimentado da área de fumar.

— Gostou disso, cara de pica? — perguntou-me um sujeito atarracado e de dentes estragados. Ele usava um daqueles pequenos e delicados óculos com aros de arame, óculos que pareciam

absurdos em seu rosto grande e pesado. Era "Penetra" Welch, outro amigo de Buddy

De súbito o círculo de espectadores começou a diluir-se e ouvi uma voz de homem gritando:

— Afastem-se! Afastem-se, *imediatamente!* Vamos, rapazes, andando! Andando, droga, estou mandando!

Era o Sr. Casey. Finalmente, Sr. Casey.

Buddy Repperton recolheu seu canivete de mola do chão. Fez a lâmina retrain-se e, com um gesto rápido, guardou-o no bolso traseiro da calça. Tinha a mão arranhada e sangrando, com todos os sinais de que ia inchar. Filho da puta miserável, pensei. Desejei que aquela mão inchasse como uma das luvas usadas pelo Pato Donald nas histórias em quadrinhos.

"Penetra" Welch afastou-se de mim, olhou na direção em que soava a voz do Sr. Casey e tocou delicadamente o canto da boca com o polegar.

— Fica pra mais tarde, cara de pica — disse.

Don Vandenberg agora dançava mais devagar, mas ainda esfregava a parte afetada. Lágrimas de dor escorriam-lhe pelo rosto. Então, Arnie estava ao meu lado, passando um braço ao redor de meu corpo, ajudando-me a levantar. Sua camisa estava um bocado suja, devido à queda, quando Vandenberg o derrubara. Vi tocos de cigarros amassados contra os joelhos de sua calça *jeans*.

— Você está bem, Dennis? O que foi que ele fez com você?

— Deu um apertãozinho em meu saco. Já estou melhor.

Pelo menos, assim esperava. Se você é homem e já lhe deram um bom apertão nos colhões alguma vez (e que homem não passou por isso?), sabe o que estou dizendo. Se for mulher, não sabe — não pode saber. A agonia inicial é apenas o começo; ela desaparece, substituída por uma dorida e latejante sensação de pressão, que se enovela na boca do estômago. Uma sensação que diz: *Ei, você! É bom estar aqui, rondando a boca de seu estômago e fazendo com que você tenha vontade de vomitar o almoço e borrar as calças ao mesmo tempo! Acho que vou ficar por aqui algum tempo, certo? Que tal uma meia hora ou coisa assim? Grande!* Levar um apertão nos colhões não é um dos mais excitantes momentos da vida.

O Sr. Casey abriu caminho entre os espectadores que se dispersavam e percebeu a situação. Não era um sujeito grande, como o treinador Puffer, nem mesmo parecia forte. Era de altura e idade medianas, e começava a ficar careca. Os óculos enormes, de armação de chifre, davam um ar conservador em seu rosto. Gostava de camisas brancas e simples — sem gravata — e usava uma delas agora. Não era um sujeito grande, mas impunha respeito. Ninguém o fazia de trouxa, porque ele não tinha medo dos rapazes, aquele medo profundo que tantos professores sentem. E os rapazes sabiam disso. Buddy e Don sabiam. "Penetra" também. Isso se refletia na maneira como baixaram os olhos e moveram os pés inquietamente.

— Dêem o fora — ordenou rispidamente o Sr. Casey, aos poucos espectadores restantes. Eles começaram a afastar-se. "Penetra" Welch decidiu dar o golpe e acompanhá-los. — Você não, Peter — disse o Sr. Casey.

— Ora, Sr. Casey, eu não fiz nada — disse "Penetra".

— Nem eu — emendou Don. — Por que está sempre acusando a gente? O Sr. Casey aproximou-se de onde eu estava, ainda amparado por Arnie.

— Tudo bem com você, Dennis?

Finalmente eu estava conseguindo superar a crise — o que não aconteceria, se uma de minhas coxas não tivessem bloqueado parcialmente a mão de "Penetra". Assenti.

O Sr. Casey caminhou para onde Buddy Repperton, "Penetra" Welch e Don Vandenberg se enfileiravam, zangados e remexendo os pés. Don não estivera brincando, falara por todos eles. De fato, sentiam-se acusados.

— Muito interessante, não? — disse finalmente o Sr. Casey. — Três contra dois. É assim que costuma agir, Buddy? A desvantagem não parece importar-lhe muito.

Buddy ergueu o rosto, atirou a Casey um olhar maligno e enfurecido, depois tornou a baixá-lo.

— Foram eles que começaram. Esses dois.

— Não é verdade... — começou Arnie.

— Cale a boca, cara de cona — disse Buddy.

Ia acrescentar algo, mas antes que pudesse o Sr. Casey o agarrou e atirou contra a parede dos fundos da oficina. Ali havia um pequeno aviso: FUMAR SOMENTE AQUI. O Sr. Casey começou a bater Buddy Repperton contra aquele aviso e, a cada vez que o sacudia, o aviso balançava, como uma dramática marcação. Sacudia Repperton da maneira como eu ou vocês sacudiríamos uma grande boneca de trapo. Acho que tinha uma musculatura escondida em algum lugar.

— Quer fechar sua bocarra? — disse ele, tornando a bater Buddy contra o aviso. — Vai *calar* esse boca ou vou ter de *limpá-la*! Porque não vou ouvir coisas assim, ditas por *você*, Buddy!

Por fim, ele largou a camisa de Repperton, agora fora da calça, mostrando seu estômago branco e sem cor. O Sr. Casey olhou para Arnie.

— O que estava dizendo? — perguntou.

— Passei pela área de fumar a caminho das arquibancadas, onde ia comer meu almoço — disse Arnie. — Repperton estava aqui, fumando com seus amigos. Chegou para mim, arrancou o saco do almoço da minha mão e o pisoteou. Esmagou-o. — Ele pareceu prestes a dizer algo mais, vacilou e desistiu. — Foi isso que começou a briga.

Entretanto, eu não ia deixar aquilo assim. Não sou dedo-duro nem falador em circunstâncias normais. Repperton, contudo, aparentemente decidira ser necessário mais do que uma boa surra para vingar-se por ter sido expulso da Darnell's. Poderia ter feito um buraco nos intestinos de Arnie, talvez até o matasse.

– Sr. Casey – falei.

Ele olhou para mim. Mais atrás, os olhos verdes de Buddy brilharam malevolamente em minha direção – era um aviso. *Fique de boca fechada, isto é entre nós.* Até um ano antes, uma distorcida noção de orgulho poderia forçar-me a fazer seu jogo e não ir em frente. Agora era diferente.

– O que é, Dennis?

– Ele está atrás de Arnie desde o verão. Tem um canivete e parecia decidido a usá-lo.

Arnie olhava para mim, os olhos cinzentos opacos e herméticos. Recordei quando ele chamara Repperton de bosta – a palavra de LeBay – e senti um arrepio nas costas.

– Seu fodido mentiroso! – gritou Repperton, dramaticamente. – Não tenho canivete nenhum! Casey olhou para ele em silêncio. Vandenberg e Welch agora pareciam muito pouco à vontade

– assustados. Sua possível punição por aquele pequeno tumulto progredira para além dos castigos – a que estavam acostumados – e da suspensão – que já haviam experimentado – beirando os limites extremos da expulsão.

Bastava eu dizer mais uma palavra. Pensei a respeito. Quase não falei. No entanto, Arnie estava envolvido e ele era meu amigo. Além do mais, eu não apenas *achava que* ele podia usar aquele canivete

– eu *sabia*. Falei.

– É um canivete de mola.

Agora os olhos de Repperton não apenas brilharam, eles fulguraram, prometendo o inferno, a danação e um longo período de inatividade, fazendo tração para endireitar o corpo machucado.

– É mentira dele, Sr. Casey – disse em voz rouca. – Ele está mentindo, juro por Deus. O Sr. Casey nada disse. Virou-se lentamente para

Arnie.

— Cunningham — perguntou —, Repperton puxou um canivete para você?

A princípio, parecia que ele não ia responder. Depois, em uma voz tão baixa que mais parecia um suspiro, soltou:

— Puxou.

O olhar cáustico de Repperton agora foi para nós dois.

Casey se virou para "Penetra" Welch e Don Vandenberg. Percebi imediatamente uma mudança em seu método de resolver a situação. Começara a mover-se lenta e cautelosamente, como se testasse as próprias pisadas com cuidado, antes de dar mais um passo. O Sr. Casey já havia sentido as conseqüências.

— Havia um canivete na briga? — perguntou a eles.

"Penetra" e Vandenberg olharam para os pés e não responderam. Seu gesto já era uma resposta suficiente.

— Vire seus bolsos pelo avesso, Buddy — disse o Sr. Casey.

— Uma merda que eu vou fazer isso! — exclamou Buddy, em voz esgançada. — Não pode me obrigar!

— Se está querendo dizer que não tenho autoridade, enganou-se — disse o Sr. Casey. — Se está querendo dizer que não posso virar seus bolsos pelo avesso eu mesmo, se quiser, também enganou-se. Mas...

— Muito bem, tente, tente! — gritou Buddy para ele. — Jogo você através dessa parede, seu carequinha fodido!

Meu estômago contorcia-se, impotente. Eu odiava coisas como aquela, horríveis cenas de confrontação — e nunca fizera parte de nenhuma pior.

O Sr. Casey, no entanto, tinha a situação sob controle e não se desviava de seu curso.

— Mas, não farei isso — concluiu ele. — Você mesmo é que vai virar seus bolsos pelo avesso.

— Uma merda, se vou obedecer! — disse Buddy.

Estava de pé contra a parede dos fundos da oficina, de modo que o volume no bolso da calça não aparecia. As fraldas da camisa pendiam em duas abas amarrotadas sobre a frente do *jeans*. Seus olhos se moviam para todos os lados, como os de um animal acuado.

O Sr. Casey se virou para "Penetra" e Don Vandenberg.

— Vocês dois vão para o gabinete e fiquem lá até eu chegar — disse. — Não se atrevam a ir para outro lugar, já estão com problemas de sobra, para acrescentar mais um.

Os dois começaram a afastar-se lentamente, muito juntos, como por medida de proteção. "Penetra" arriscou um olhar para trás. No prédio principal souo o aviso de chamada para as aulas. Todos começaram a caminhar para lá, alguns deles envolvendo-nos em olhares curiosos. Tínhamos perdido a hora do almoço, mas pouco importava. Eu não sentia mais fome.

O Sr. Casey tornou a concentrar sua atenção em Buddy.

— Você está dentro do colégio agora — ele disse — e deve agradecer a Deus por isso, porque se você está realmente com um canivete e se você o sacou, isso é agressão à mão armada. Mandam você para a prisão por causa disso.

— Prove, prove que estou com um canivete — Buddy gritou.

Suas bochechas chamejavam, a respiração saía em pequenos e rápidos arquejos nervosos.

— Se não virar seus bolsos para fora imediatamente, preencherrei uma ficha de dispensa para você. Depois vou chamar os tiras e, no minuto em que puser os pés fora do portão principal, eles o agarrarão. Percebe em que

enrascada se meteu? — Olhou severamente para Buddy. — Procuramos manter o nome desta casa — continuou —, mas se me forçar a preencher uma dispensa, seu traseiro pertencerá a eles, Buddy. Se não tiver um canivete em seu poder, é claro que tudo estará certo com você, mas se tiver e eles o encontrarem...

Houve um momento de silêncio. Nós quatro estávamos imóveis. Achei que e\ e não cederia, preferindo aceitar a dispensa e tentar enterrar o canivete, rapidamente, em algum lugar. Então, deve ter percebido que os tiras o procurariam e terminariam encontrando, porque o puxou do bolso traseiro e o jogou no piso cimentado. O canivete bateu sobre o botão de pressão. A lâmina soltou e cintilou malignamente ao sol da tarde: vinte centímetros de aço cromado!

Arnie olhou para ela e passou o dorso da mão sobre a boca.

— Vá para o gabinete, Buddy — disse tranquilamente o Sr. Casey —, e espere até eu chegar lá.

— O gabinete que se foda! — gritou Buddy. Sua voz era aguda e histérica de raiva. O cabelo tornara a cair sobre a testa e ele o jogou para trás. — O que vou fazer é dar o fora desse maldito chiqueiro!

— Perfeitamente, tudo bem — disse o Sr. Casey.

A inflexão e excitação de sua voz seriam os mesmos, se Buddy lhe tivesse oferecido uma xícara de café. Compreendi, então, que Buddy estava liquidado no Ginásio de Libertyville. Nada de suspensão ou três dias de férias: seus pais receberiam pelo correio o rijo formulário azul de expulsão, explicando por que ele fora expulso e informando sobre seus direitos e opções legais quanto ao assunto.

Buddy olhou para mim e Arnie. Então sorriu.

— Vocês me pagam — disse. — Ainda vamos ajustar contas. Vão desejar nunca terem nascido, seus merdas.

Chutou o canivete e ele deslizou, girando e cintilando. Ele parou a

alguma distância e Buddy afastou-se, as travas nos tacões de suas botas de motoqueiro dando estalidos e rangendo. O Sr. Casey se voltou para nós. Tinha a expressão triste e fatigada.

– Sinto muito – disse.

– Está tudo bem – replicou Arnie.

– Vocês querem cartões de dispensa? Posso preenchê-los para os dois, se acharem melhor ficar em casa o resto do dia.

Olhei para Arnie, que sacudia a camisa para limpá-la. Ele abanou a cabeça.

– Não é preciso, está tudo bem – falei.

– Certo. Preencherei então os cartões de atraso.

Fomos à sala do Sr. Casey e ele preencheu cartões de atrasados para nossa aula seguinte, uma das que, por acaso, teríamos juntos – Física Avançada. Quando entramos no laboratório de Física, um bocado de gente olhou curiosamente para nós e ouvimos alguns cochichos.

A ficha de ausência da tarde circulou no final do sexto período. Observei-a e vi os nomes de Repperton, Vandenberg e Welch, cada um deles com um (S) após o nome. Pensei que eu e Arnie seríamos chamados ao gabinete no fim das aulas, para contarmos o sucedido à Sra. Lothrop, a chefe de disciplina. Não fomos.

Procurei Arnie depois das aulas, pensando que iríamos juntos para casa em meu carro, a fim de comentarmos o caso, mas também me enganei quanto a isso. Ele já se mandara para a Garagem de Darnell, a fim de trabalhar em Christine.

CHRISTINE OUTRA VEZ NA RUA

Tenho um Ford Mustang 66, vermelho-cereja,
Com uma potência de 380 cavalos,
Compreenda, ele é potente demais
Para rastejar em rotas interestaduais.
— Chuck Berry

De fato, só tive uma chance de falar com Arnie, depois da partida de futebol do sábado seguinte. Também foi aquela a primeira vez que Christine saiu para a rua, desde o dia em que ele a comprara.

O time foi para Hidden Hills, a uns vinte e cinco quilômetros de distância, na viagem mais silenciosa que já vi, em nosso ônibus de atividades escolares. Era como se rumássemos para a guilhotina e não para uma partida de futebol. O próprio fato de a contagem deles (1-2) ser ligeiramente melhor do que a nossa, era um fator que não levantava muito o moral. Puffer, o treinador, ocupava o banco atrás do motorista, pálido e silencioso, como se estivesse de ressaca.

Em geral, a viagem para uma partida em outro local era uma combinação de caravana e circo. Um segundo ônibus, lotado com as chefes de torcidas, a banda e todos os estudantes do Ginásio de Libertyville que se alistassem como "torcedores" ("torcedores", meu Deus do céu! quem acreditaria nisso, se não houvéssemos todos cursado o ginásio?) rodava atrás do ônibus do time. Após os dois ônibus, havia uma fila de quinze ou vinte carros, em sua maioria repletos de adolescentes, quase todos os veículos com DURO NELES, TERRIERS colado nos pára-choques, buzinando, de faróis acesos e todos aqueles detalhes que, sem dúvida, vocês ainda recordam de seus tempos escolares.

Naquela viagem, contudo, havia apenas o ônibus das chefes-de-torcida/banda (assim mesmo, nem inteiramente lotado quando, em um ano

vencedor, se você não se alistasse até terça-feira, não tinha chance de ir) e três ou quatro carros atrás dele. Os amigos dos bons tempos tinham se mandado. Eu ia sentado no ônibus do time, perto de Lenny Barongg, perguntando-me sombriamente se não me arrancariam a cueca naquela tarde, e ignorando por completo que um dos poucos carros atrás de nós era Christine.

Só a vi quando descemos do ônibus, no pátio de estacionamento do Ginásio de Hidden Hills. A banda deles já estava no campo e ouvíamos claramente a batida do bombo, amplificada de modo estranho, sob o céu anuviado e sombrio. Aquele seria o primeiro sábado realmente bom para futebol — frio, de céu fechado e outonal.

Já foi surpresa suficiente ver Christine estacionada ao lado do ônibus da banda, mas quando Arnie saiu por um lado e Leigh Cabot pelo outro, fiquei pasmo — e também um pouquinho enciumado. Ela usava calças compridas justas de lã marrom e um pulôver branco de malha, os cabelos alourados derramando-se maravilhosamente sobre os ombros.

— Arnie! — chamei. — Ei, cara!

— Oi, Dennis — respondeu ele, um pouco acanhado.

Eu percebia que alguns jogadores saindo do ônibus também estavam surpresos: ali estava Cunningham Cara de Pizza, com a fascinante transferida de Massachusetts. Como, em nome de Deus, *aquilo* acontecera?

— Como vai?

— Bem — disse ele. — Conhece Leigh Cabot?

— Sim, da sala de aulas — falei. — Oi, Leigh.

— Oi, Dennis. Como é, vão vencer hoje? Baixei a voz para um sussurro.

— Vai ser um jogo combinado. Pode apostar o traseiro.

Arnie enrubesceu um pouco ao ouvir-me, mas Leigh levou a mão à

boca e deu uma risadinha.

– Vamos fazer o possível, mas não sei dizer – continuei.

– Torceremos por sua vitória – disse Arnie. – Até posso ver nos jornais de amanhã: Transportado pelo Ar, Guilder Quebra o Recorde de *Touchdown* da Associação.

– Guilder Levado para o Hospital com Fratura de Crânio, seria o mais provável – repliquei. – Quantos rapazes vieram? Dez? Quinze?

– Vai sobrar mais lugar nas arquibancadas para os que vieram – disse Leigh.

Ela tomou o braço de Arnie – acho que o surpreendendo e agradando. Eu já gostava dela. Ela podia ser uma garota sexualmente provocante ou repugnante – em minha opinião, um bando de garotas realmente bonitas é uma ou outra coisa –, mas ela não era nada disso.

– Como vai o rodante? – perguntei, aproximando-me do carro.

– Nada mau.

Arnie me seguiu, tentando não rir de forma tão escandalosa. O trabalho progredira e já havia muita coisa feita no Fury, de maneira que não parecia mais tão absurdo e irremediável. A outra metade da grade antiga e enferrujada do radiador fora substituída e desaparecera por completo o ninho de rachaduras no pára-brisa.

– Você trocou o pára-brisa – comentei. Arnie assentiu.

– E o capô.

O capô estava límpido, novo em folha, formando um chocante contraste com as laterais pontilhadas de ferrugem. Era um vermelho vivo de carro de bombeiros. Aparência brilhante. Arnie o tocou possessivamente e o toque se transformou em carícia.

– Hum-hum. Eu mesmo o coloquei.

Algo daquilo penetrou em mim. Ele havia feito *tudo* sozinho, não?

— Você disse que ia transformá-lo em peça de exposição — falei. — Acho que estou começando a acreditar.

Dei a volta, até o lado do motorista. A forração lateral das portas e do piso continuava suja e surrada, mas agora o estofamento do banco dianteiro fora substituído, bem como o do traseiro.

— Vai ficar muito bonito — disse Leigh, mas havia uma nota falsa em sua voz.

Seu tom não soara naturalmente brilhante e efervescente, como quando estávamos falando sobre o jogo — e isso me fez observá-la. Um olhar apenas foi suficiente. Ela não gostava de Christine. Adivinhei de maneira tão completa e absoluta, como se houvesse captado uma das ondas cerebrais de Leigh no ar. Senti que faria o possível para gostar do carro, porque gostava de Arnie. No entanto... ela não iria gostar *realmente* de Christine.

— Quer dizer que já legalizou o carro para rodar na rua — falei.

— Bem... — Arnie pareceu pouco à vontade. — Não consegui ainda. A legalização completa.

— O que quer dizer?

— A buzina não funciona e, às vezes, as lanternas traseiras apagam, quando piso no freio. Deve existir um curto em algum lugar, mas até agora ainda não descobri onde.

Olhei para o pára-brisa novo. Havia um adesivo recente de inspeção sobre ele. Arnie seguiu meu olhar e conseguiu ficar constrangido e algo agressivo ao mesmo tempo.

— Will me arranjou o adesivo — explicou. — Ele sabe que o carro está noventa por cento legal. *Além disso, pensei, você conseguiu sair com sua garota, certo?*

— Não é perigoso, é? — perguntou Leigh.

A pergunta foi dirigida a nós dois. Ela franzira o cenho ligeiramente —

creio que captara a súbita corrente fria entre Arnie e eu.

— Não — respondi. — Creio que não. Quando estiver com Arnie e ele na direção, estará em companhia do próprio anjo da guarda.

Meu comentário rompeu a estranha tensão que se formara. Do campo chegou até nós um esganiçado dissonante de metais, seguido pela voz do instrutor da banda, perfeitamente nítida sob o céu carregado:

— *De novo, por favor! Isto é Rodgers e Hammerstein, não rock and ro-ool!*
De novo, por favor! Nós três nos entreolhamos. Eu e Arnie começamos a rir e, após um momento, Leigh riu também.

Ao fitá-la, tornei a sentir aquele ciúme momentâneo. Eu nada mais queria senão o melhor para meu amigo Arnie, porém ela era realmente alguma coisa — dezessete anos, caminhando para os dezoito, fascinante, perfeita, saudável, viva para tudo em seu mundo. Roseanne era bonita à sua maneira, porém Leigh a fazia parecer um bicho-preguiça tirando um cochilo.

Foi então que comecei a querê-la? Que comecei a querer a garota de meu melhor amigo? Sim, suponho que tenha sido. No entanto, eu lhe juro, nunca a teria assediado, se as coisas tivessem acontecido de modo diferente. Apenas, eu não imaginava que pudessem ser diferentes. Talvez fosse tão-somente uma questão de sentimentos.

— É melhor irmos andando, Arnie, ou não encontraremos um bom lugar nas arquibancadas dos visitantes — disse Leigh, com uma entonação de grande dama.

Ele sorriu. Ela ainda lhe segurava o braço de leve, deixando-o bastante desajeitado com aquilo. Por que não? Se fosse comigo, se tivesse minha primeira experiência com uma garota daquelas, alguém tão bonita como Leigh, já estaria três quartos apaixonado por ela. Desejei a ele o melhor com ela. Gostaria que vocês acreditassem nisso, mesmo que não acreditem em mais nada do que vou contar, daqui por diante. Se alguém merecia um

pouco de felicidade, era Arnie.

O resto do time tinha ido para os vestiários dos visitantes, nos fundos da ala do ginásio da escola, e agora Puffer mostrava a cabeça.

— Será que pode nos favorecer com a sua presença, Sr. Guilder? — gritou ele. — Sei que é pedir muito, mas espero que me perdoe, se tiver algo mais importante a fazer. Se não tiver, poderia trazer seu rabo até este vestiário?

Murmurei para Arnie e Leigh:

— Isto é Rodgers e Hammerstein, não *rock and ro-ool*— e corri na direção do prédio. Caminhei para os vestiários — Puffer voltara para dentro — e Arnie e Leigh afastaram-se para

as arquibancadas. A meio caminho para as portas, parei e voltei até Christine. Aproximei-me dela em um círculo, ainda persistia aquele absurdo preconceito contra caminhar à frente do carro.

Na traseira, vi uma placa de concessionário da Pensilvânia, mantida no lugar por uma mola. Virei-a do outro lado e vi uma fita adesiva fosca, com os dizeres: ESTA PLACA É DE PROPRIEDADE DA GARAGEM DARNELL, LIBERTYVILLE, PA.

Deixei a placa cair de volta e levantei-me, de cenho franzido. Então, Darnell dera a Arnie um adesivo de inspeção, quando o carro ainda estava longe de ter condições para trafegar; ele lhe emprestara uma placa de concessionário, a fim de poder usar o carro e trazer Leigh ao jogo. Além do mais, deixara de ser "Darnell" para Arnie, que pouco antes o chamara de "Will". Interessante, mas não muito confortador.

Perguntei-me se Arnie era idiota o bastante para pensar que os Will Darnell do mundo algum dia prestavam favores por pura bondade. Esperei que não fosse, mas não tinha certeza. Eu não tinha mais muita certeza sobre Arnie. Ele mudara demais nas últimas semanas.

Nós pintamos o diabo no campo e conseguimos ganhar o jogo — como

se viu mais tarde, foi um dos únicos dois que ganhamos em toda a temporada... embora eu não estivesse mais no time, quando ela terminou.

Não tínhamos direito algum de vencer: fomos para o campo já nos sentindo derrotados e perdemos o lançamento. Os Hilmen Montanhese (nome tolo para uma equipe, mas o que há de tão inteligente em ser conhecido como os *Terriers* — cães de toca — se descemos a isto?) avançaram quarenta metros em duas primeiras jogadas, penetrando em nossa linha de defesa como queijo em goela de pato. Então, em sua terceira jogada seguida, o zagueiro deles deixou a bola escapar. Gary Tardiff a agarrou e rastejou sessenta metros para o escore, com um enorme sorriso aberto no rosto.

Os Hilmen e seu treinador perderam a pose, protestando que a bola estava impedida na linha do centro, mas os árbitros discordaram e ganhamos por 6-0. De meu lugar no banco, eu podia olhar até as arquibancadas dos visitantes e via que os poucos torcedores do Libertyville estavam ficando alucinados. Acho que tinham todo o direito, afinal era a primeira vez que levávamos a melhor em uma partida, em toda a temporada. Arnie e Leigh sacudiam bandeirolas dos *Terriers*. Acenei para eles. Leigh me viu, acenou de volta e depois cutucou Arnie. Ele acenou também. Pareciam estar ficando muito íntimos, lá em cima, o que me fez sorrir.

Quanto ao jogo, não perdemos o entusiasmo, após aquela contagem obtida na pura sorte. Havíamos conseguido para nós essa coisa mística, o ímpeto — talvez pela última vez do ano. Não quebrei o recorde de *touchdown* da Associação, conforme Arnie previra, mas fiz pontos três vezes, uma delas em uma corrida de noventa metros, a mais longa que já fizera. Chegado o meio tempo, a contagem era de 17-0 e o treinador se tornara um novo homem. Ele entrevia uma grande reviravolta à nossa frente, a maior arrancada na história da Associação. Claro está que era um sonho louco, como se viu depois, porém ele tinha motivos para ficar eufórico naquele dia, e gostei que assim fosse, como gostei do aprofundamento da amizade de

Arnie e Leigh.

O segundo tempo não foi tão bom; nossa defesa reassumiu a postura cabisbaixa a maior parte do tempo, a mesma postura de nossos três primeiros jogos, porém a contagem continuou bem a nosso favor. Vencemos por 27-18.

O último quarto de hora ia pelo meio quando o treinador me mandou sair e entrou Brian McNally, que me substituiria no ano seguinte — em realidade, ainda mais cedo do que isso, como se viu depois. Tomei uma ducha, troquei de roupa e saí, no momento em que soava o aviso para os dois últimos minutos de jogo.

O pátio de estacionamento estava repleto de carros, mas vazio de gente. Uma gritaria selvagem vinha do campo, quando a torcida dos Hilmen insistia com seu time para que fizesse o impossível, naqueles dois últimos minutos da partida. Da distância em que me achava, tudo me parecia tão sem importância, como indubitavelmente o era.

Caminei em direção a Christine.

Lá estava ela, com sua lataria lateral pontilhada de ferrugem, o capô novo e a traseira parecendo ter mil quilômetros de comprimento. Um dinossauro dos soturnos dias do *bop* dos anos 50, quando todos os milionários do petróleo eram do Texas e o dólar ianque tripudiava do iene japonês, em vez de ser o contrário. De volta aos tempos em que Carl Perkins cantava sobre calças três quartos cor-de-rosa e Johnny Horton cantava sobre dançar-se a noite inteira no piso de madeira dura de uma espelunca, e o maior ídolo dos adolescentes no país era Edd "Kookie" Byrnes.

Toquei em Christine. Tentei acariciá-la, como Arnie fizera. Queria gostar daquele carro por causa de Arnie, como Leigh havia feito. Certamente, se alguém fosse capaz de forçar-se a gostar dele, esse alguém era eu. Leigh conhecia Arnie a apenas um mês. Eu o conhecera a vida inteira.

Deslizei a mão pela superfície enferrujada, pensando em George

LeBay, Verônica e Rita LeBay. Em algum ponto de tais pensamentos, a mão que supostamente devia acariciar fechou-se em um punho e esmurrei subitamente o flanco de Christine, com quanta força pude, com violência bastante para me machucar a mão e me fazer dar uma risadinha defensiva, perguntando-me que diabo eu pensava estar fazendo.

Ouvi o som de flocos de ferrugem desprendendo-se da lataria.

O som de um bombo, vindo do campo de futebol, como gigantesca pulsação cardíaca.

O som de minhas próprias pulsações cardíacas.

Experimentei a porta da frente.

Estava trancada.

Passei a língua pelos lábios e senti que estava assustado.

Era quase como se — aquilo era engraçado, era hilariante —, era quase como se o carro não gostasse de mim, como se desconfiasse que eu queria intrometer-me entre ele e Arnie, como se soubesse que eu não queria caminhar diante dele porque...

Tornei a rir, mas então recordei meu sonho e fiquei sério. Aquilo era demais, para deixar-me sossegado. Não era Chubby McCarthy clamando pelo rádio, claro, não em Hidden Hills, mas o final daquilo provocou uma sensação desagradável e fantástica de *déjà vu* — o som dos gritos da torcida, o som do contato de corpos acolchoados, o vento sibilando por entre as árvores que pareciam recortadas, sob um céu encoberto.

O motor dispararia. O carro saltaria para diante, recuando, avançando, recuando. E então os pneus chiariam, quando rugissem diretamente para mim...

Afugentei o pensamento. Era tempo de parar de entulhar-me com toda aquela merda idiota. Era tempo — mais do que tempo — de controlar minha imaginação. Aquilo ali era um carro — não uma "ela" mas um "ele",

não realmente Christine, mas apenas um Plymouth Fury 1958, que saía de uma linha de montagem em Detroit, juntamente com mais uns quatrocentos mil outros.

Isso funcionou... pelo menos temporariamente. Só para demonstrar que não estava nem um pouco amedrontado, ajoelhei-me e espiei debaixo do carro. O que vi lá era ainda mais louco do que a estranha maneira pela qual o Plymouth estava sendo reconstruído no alto. Havia três amortecedores novos mas o quarto era uma ruína escura e suja de graxa, parecendo ter estado ali desde sempre. O cano de descarga era tão novo que ainda reluzia como prata, porém o silencioso tinha uma aparência de meia-idade, pelo menos, enquanto que a junção do cano de descarga se mostrava em péssimo estado. Ao olhar para este último, pensei nas emanções que poderiam passar para dentro do carro e isso me fez novamente recordar Verônica LeBay. Porque emanções do cano de descarga podem matar.

Elas...

— O que está fazendo, Dennis?

Creio que estava mais inquieto do que imaginava, porque me levantei como uma flecha, o coração disparando no peito. Era Arnie. Ele se mostrava frio e irritado.

Porque eu dava uma espiada em seu carro? Por que isso deveria deixá-lo tão fora de si? Uma boa pergunta. No entanto, era evidente que o deixara furioso.

— Examinava seu potente motor — falei, tentando aparentar naturalidade. — Onde está Leigh?

— Foi ao toalete — respondeu ele, encerrando este ponto. Os olhos cinzentos permaneciam fixos em meu rosto. — Dennis, você é meu melhor amigo, o melhor que já tive. Acho que me poupou uma viagem ao hospital outro dia, quando Repperton puxou aquela faca para mim, mas não gosto do que anda fazendo pelas minhas costas, Dennis. Você nunca foi assim.

Houve um tremendo rugido da torcida no campo — os Hillmen tinham acabado de fazer o tento final do jogo, com menos de trinta segundos de tempo restando.

— Não sei de que diabo está falando, Arnie — respondi.

No entanto, sentia-me culpado. Culpado pela maneira como me sentira ao ser apresentado a Leigh, avaliando-a, desejando-a um pouquinho — desejando a garota que, tão evidentemente, Arnie queria para si. Contudo... fazer algo por trás de suas costas? Era isso que eu estivera fazendo?

Suponho que ele poderia ter encarado assim a questão. Eu estava sabendo que seu irracional — interesse, obsessão, seja lá o que for —, sua *postura* irracional sobre o carro era o aposento trancado na casa de nossa amizade, o lugar em que eu não poderia penetrar sem atrair todo tipo de problemas. E, se ele não me surpreendera tentando arrombar a porta, pelo menos me apanhara espiando pelo buraco da fechadura.

— Acho que sabe *muito bem* do que estou falando — respondeu ele, e não estava apenas irritado, mas enfurecido, conforme pude constatar, com certa apreensão. — Você, meu pai, minha mãe, estão todos me espionando "para o meu bem", não é assim que se diz? Eles o mandaram à Garagem de Darnell para bisbilhotar, não foi?

— Escute aqui, Arnie, espere um pouco...

— Cara, não pensou que eu acabaria descobrindo? Não disse nada quando soube porque... bem, porque somos amigos. Só que não gosto disso, Dennis. Tem que haver um limite e acho que o estou marcando. Por que não deixa meu carro em paz e pára de se meter onde não foi chamado?

— Em primeiro lugar — respondi — não foram seu pai e sua mãe. Michael me chamou de lado e pediu que desse uma espiada no que você já tinha feito com o carro. Concordei, porque também estava curioso. Seu pai sempre foi muito legal comigo. O que mais poderia responder a ele?

— Devia ter respondido "não".

— Você não entende, Arnie. Ele está do seu lado. Sua mãe ainda espera que tudo isto dê em nada, foi o que percebi, mas Michael tem realmente esperança de que você ponha o carro rodando. Ele me disse isso.

— Claro, era a melhor maneira de convencer você. — Arnie estava quase rosnando. — Na verdade, ele está interessado é em ter certeza de que continuo atrapalhado com o carro. É só o que interessa a eles. Não querem que eu cresça, porque então estariam enfrentando a própria velhice.

— Está sendo muito duro, cara.

— Talvez você acredite nisso. Talvez o fato de vir de uma família mais ou menos normal deixe você de miolo mole, Dennis. Eles me ofereceram um carro novo quando eu tirei o diploma, sabia?

Tudo o que eu devia fazer era desistir de Christine, tirar A em todas as matérias e concordar em matricular-me em Horlicks... onde os dois poderiam manter-me sob sua vigilância direta por mais quatro anos.

Fiquei sem saber o que dizer. Aquilo era pura estupidez, claro.

— Portanto, fique fora disso, Dennis. É tudo quanto tenho a dizer. Será melhor para nós dois.

— De qualquer modo, não contei nada a ele — repliquei. — Falei apenas que você estava consertando umas coisinhas, aqui e ali. Ele pareceu ficar aliviado.

— Oh, aposto que sim!

— Não fazia a menor idéia de que o carro estivesse quase no ponto de poder rodar na rua. Mas falta ainda alguma coisa. Dei uma espiada por baixo dele e vi que o cano de junta da descarga está em terríveis condições. Espero que esteja dirigindo com os vidros arriados.

— Não venha me dizer o que devo fazer! Conheço esse carro muito melhor do que você!

Foi quando comecei a me encher daquilo. Não estava gostando do rumo que o caso tomava — não queria discutir com Arnie, especialmente agora, quando Leigh chegaria a qualquer momento —, mas pude sentir alguém no compartimento cerebral do andar de cima, começando a apertar aqueles botões vermelhos, um por um.

— Talvez seja verdade — repliquei, controlando a voz —, mas não estou muito certo sobre até que ponto você conhece as pessoas. Will Darnell lhe deu um adesivo de licença inadequado. Se você for apanhado, Arnie, poderá perder seu certificado estadual de inspeção. Ele arranhou também uma placa de concessionário. Por que Darnell fez isso, Arnie?

Pela primeira vez, Arnie ficou na defensiva.

— Eu já lhe disse. Ele sabe que estou trabalhando no carro.

— Não seja imbecil! Aquele cara não daria uma muleta a um caranguejo aleijado se não tirasse nisso algum proveito e você sabe.

— Pelo amor de Deus, Dennis, quer fazer o favor de ficar fora disso?

— Escute aqui, cara — falei, dando um passo para ele. — Estou pouco me lixando se você tem ou não um carro. Só não quero que se meta em enrascadas por causa dele. Sinceramente.

Ele me fitou com incerteza.

— E outra coisa: por que estamos aqui aos gritos, um para o outro? — acrescentei. — Só porque espiei debaixo de seu carro, para ver como o cano de descarga estava preso?

Enfim, aquilo não era tudo o que eu tinha feito. Não tudo. E penso que ambos sabíamos disso.

No campo de jogo, o tiro final soou com um "banguê" monótono. Uma brisa ligeira começara a soprar e estava esfriando. Viramo-nos para o som do tiro e avistamos Leigh, caminhando em nossa direção, trazendo suas bandeirolas e as de Arnie. Ela acenou. Acenamos em resposta.

– Posso muito bem cuidar de mim, Dennis – avisou ele.

– Está legal – respondi simplesmente. – Espero que possa.

De repente, senti vontade de perguntar-lhe até que ponto ia sua amizade com Darnell. Foi uma pergunta que não pude fazer, porque originaria uma discussão ainda mais amarga. Seriam ditas coisas que talvez nunca mais fossem reparadas.

– Claro que posso – disse ele.

Tocou seu carro e a expressão dura dos olhos suavizou-se. Experimentei uma mistura de alívio e inquietação – alívio, por afinal não acabarmos brigando, pois tínhamos conseguido controlar as palavras que, se ditas, seriam o golpe final. Não obstante, tive a sensação de que não fora fechado apenas um aposento em nossa amizade, mas toda uma maldita ala. Ele rejeitara totalmente o que eu tinha para dizer e deixou bem claras as condições para que nossa amizade continuasse: tudo estaria bem, desde que eu não me atravessasse em seu caminho.

Se ele pudesse perceber, essa também era a atitude de seus pais. De qualquer modo, Arnie teria que descobrir isso em outra oportunidade.

Leigh chegou até nós, com gotas de chuva cintilando em seu cabelo. Estava corada, os olhos brilhantes de boa saúde e saudável excitamento. Exalava uma ingênua e não-testada sexualidade, que me deixou com a cabeça ligeiramente zozna. Não que eu fosse o objeto principal de sua atenção – Arnie é que o era.

– Como foi que terminou? – perguntou ele.

– Vinte e sete a dezoito – disse ela, para acrescentar, jovialmente: – Nós acabamos com eles. Onde estavam vocês dois?

– Conversando sobre carros, nada mais – falei.

Arnie dirigiu-me um olhar divertido – pelo menos, seu senso de humor não havia desaparecido, juntamente com o senso comum. Pensei

que houvesse algum motivo de esperança, na maneira como olhava para ela. Estava gamado por Leigh, da cabeça aos pés. No momento, ainda era uma queda lenta, mas certamente a velocidade aumentaria, com eles dois saindo juntos. A pele de Arnie limpou completamente e sua aparência era muito boa, apesar de um tanto intelectual, por causa dos óculos que usava. Não era o tipo de pessoa que se esperaria fosse do agrado de alguém como Leigh Cabot; o que qualquer um imaginaria, era vê-la pendurada ao braço da versão ginásial americana de Apolo.

As pessoas agora cruzavam o campo correndo, nossos jogadores e os adversários, nossa torcida e a deles.

— Apenas conversando sobre carros — repetiu Leigh, zombeteira.

Ergueu o rosto para Arnie e sorriu. Ele sorriu também, um sorriso enternecido e satisfeito, que encheu meu coração de alegria. Bastava olhar para ele e eu poderia dizer que quando Leigh lhe sorria daquele jeito, Christine era o assunto mais remoto em sua mente, ficava relegada ao seu lugar exato, isto é, um meio de transporte.

Achei aquilo ótimo.

NAS ARQUIBANCADAS

Ó Senhor, quer me comprar um Mercedes-Benz?

Todos os meus amigos dirigem Porsches,

Preciso ser compensado...

— Janis Joplin

Nas primeiras duas semanas de outubro, vi Arnie e Leigh um bocado de vezes pelos corredores, primeiro recostados contra seus armários pessoais, o dele ou o dela, conversando antes do toque de ida para casa; depois de mãos dadas; em seguida, saindo da escola enlaçados pelos ombros. Tinha acontecido. No jargão escolar, eles estavam "saindo juntos". Pensei que era bem mais do que isso. Pensei em como estavam apaixonados.

Eu não vira mais Christine desde o dia em que derrotamos o time de Hidden Hills. Aparentemente, ela retornara à Darnell's para novos reparos — talvez isso fizesse parte do acordo entre Arnie e Darnell, quando este lhe emprestara a placa de concessionário e o adesivo ilegal aquele dia. Não vi o Fury, mas vi Leigh e Arnie muitas vezes... e também ouvi muito a respeito dos dois. Eram um assunto quente, nas fofocas da escola. As garotas queriam saber o que Leigh *vira* nele, afinal; os rapazes, sempre mais práticos e vulgares, queriam apenas saber se meu amigo tampinha já conseguira ir "até o fim do caminho" com sua garota. Eu não me preocupava com nenhuma das duas coisas, mas de tempos em tempos me perguntava o que pensariam Regina e Michael sobre o caso extremo de primeiro amor de seu filho.

Em certa segunda-feira de meados de outubro, eu e Arnie almoçamos juntos nas arquibancadas, perto do campo de futebol, como havíamos planejado fazer naquele dia em que Buddy Repperton exibira sua faca. Aliás, Repperton fora realmente expulso por causa daquilo. "Penetra" e Don saíram-se com três dias de suspensão. No momento, comportavam-se como bons meninos. E, nesse ínterim não-tão-doce, o time de futebol sofrera mais duas derrotas. Nossa contagem agora era de 1-5 e o treinador recaía em

rabugento silêncio.

Meu saco de almoço não estava tão bem abastecido como no dia de Repperton e da faca; o único ponto positivo que eu via em nossa contagem de 1-5 era que agora nos mantínhamos tão atrás dos Ursos de Ridge Rock (cuja contagem era de 5-0-1) que somente se o ônibus da equipe deles despendesse por um abismo conseguiríamos fazer alguma coisa na Associação.

Estávamos sentados ao brando sol de outubro — não faltava muito tempo para os fantasmas feitos de lençóis, as máscaras de borracha e fantasias compradas no Woolworth —, mastigando e falando pouco. Arnie tinha um ovo grelhado com temperos picantes e o trocou por um de meus sanduíches de carne fria. Os pais pouco sabem sobre as vidas secretas dos filhos, penso eu. Desde o primeiro grau, todas as segundas-feiras Regina Cunningham colocava um ovo-grelhado-picante na lancheira de Arnie, e todos os dias, depois de havermos jantado carne assada (em geral na ceia dos domingos), eu tinha uma fatia daquela carne em meu sanduíche. Acontece que sempre detestei carne assada fria e Arnie sempre detestou aqueles ovos picantes, embora eu nunca o tivesse visto rejeitar um ovo preparado de outro modo. Muitas e muitas vezes me perguntei o que pensariam nossas mães se soubessem que parte ínfima das centenas de ovos picantes e dúzias de sanduíches de carne assada fria, postos em nossas respectivas lancheiras, tinham sido realmente comidos por aqueles a quem eram destinados.

Comi meus biscoitos e Arnie seus doces de figo em barra. Ele me olhou para certificar-se de que eu espiava e então enfiou todas as seis barras de doce de figo na boca, ao mesmo tempo, começando a mastigá-las. Suas bochechas se incharam grotescamente.

— Que falta de educação, raios! — exclamei.

— Ung-un-guut-ung — replicou Arnie.

Comecei a espetar meus dedos em suas costelas, onde ele sempre

sentira muita cócega, gritando:

— Vou tocar piano em suas costelas! Ouviu bem, Arnie? Vou tocar piano em suas costelas! Ele começou a rir, expelindo pequenos punhados de massa de doce meio mastigada. Sei o quanto isto pode parecer detestável, mas era bastante divertido.

— Pare, Dennis! — disse ele, com a boca ainda cheia de doce.

— Como disse? Não consigo entender o que diz, seu filho da mãe!

Eu continuava a fazer-lhe cócegas, no estilo que denominávamos "tocar piano" quando éramos crianças (por algum motivo hoje perdido nas areias do tempo), enquanto ele ficava se torcendo, retorcendo e rindo.

Engoliu tudo o que tinha na boca e depois arrotou.

— Nossa! Você é muito mal-educado, Cunningham! — exclamei.

— E eu não sei?

Ele parecia realmente satisfeito com aquilo. Talvez estivesse mesmo; que eu soubesse, nunca fizera aquele truque das seis barras de doce enfiadas na boca ao mesmo tempo, diante de mais ninguém. Se cometesse tal atrocidade em presença dos pais, acho que Regina pariria um gatinho e Michael possivelmente teria uma trombose cerebral.

— Quantas você já conseguiu enfiar na boca? — perguntei.

— Uma vez já botei doze ao mesmo tempo — disse ele —, mas pensei que fosse sufocar. Eu ri com vontade.

— Já fez a demonstração para Leigh?

— Estou reservando para a festa de fim de ano — disse. — Espero também poder tocar piano nas costelas dela.

Rimos à beça com isso e percebi o quanto às vezes sentia falta de Arnie — e eu tinha o futebol, o conselho de estudantes, uma nova namorada que (assim esperava) consentiria em masturbar-me, antes que terminasse a temporada do *drive-in*. Minhas esperanças de que ela fosse além disso eram

mínimas: a garota parecia encantada demais consigo mesma. De qualquer modo, seria uma experiência divertida.

Mesmo com tanta coisa acontecendo, eu ainda sentia falta de Arnie. Primeiro havia sido Christine, agora eram Leigh e Christine. Nesta ordem, era o que esperava.

— Onde está ela hoje? — perguntei.

— Indisposta — informou ele. — Ficou menstruada e parece que não passa muito bem com suas regras.

Ergui as sobrancelhas mentalmente. Se ela discutia seus problemas femininos com ele, é porque já estavam ficando muito íntimos.

— Como foi que pedi a ela para ir ao jogo de futebol aquele dia? Quando jogamos em Hidden Hills?

Ele riu.

— O único jogo de futebol a que já fui, desde calouro. Demos sorte a você, Dennis.

— Foi só telefonar para ela e convidá-la?

— Quase não tive coragem. Foi o primeiro encontro que tive. — Ele me fitou com acanhamento.

— Na véspera, acho que só dormi umas duas horas. Depois que telefonei, e ela disse que iria comigo, fiquei em pânico, achando que tinha feito um papel idiota ou que Buddy Repperton ia aparecer e querer brigar. Pensei que ia acontecer qualquer coisa terrível.

— Você parecia ter tudo sob controle.

— É mesmo? — Ele ficou satisfeito. — Hum, é bom ouvir isso, mas a verdade é que estava apavorado. Ela já tinha conversado comigo nos corredores, sabe como é, me perguntava sobre os deveres de casa e coisas assim. Entrou para o clube de xadrez, mesmo não sendo muito boa... Agora está ficando melhor. Estou ensinando como se joga.

Aposto que sim, vivaldino, pensei, não ousando dizer em voz alta. Ainda recordava a maneira como Arnie se voltara contra mim, naquele dia do jogo em Hidden Hills. Por outro lado, eu queria ouvir aquilo, estava morrendo de curiosidade. Conquistar uma garota fascinante como Leigh Cabot devia ter sido uma dureza.

— Então, depois de algum tempo, comecei a pensar que ela poderia estar interessada em mim — prosseguiu Arnie. — Talvez eu demorasse mais a me convencer do que qualquer outro cara... estou falando de caras como você, Dennis.

— Lógico, sou uma fera — respondi. — Aquilo a que James Brown costumava chamar de máquina sexual.

— Bem, você não é nenhuma máquina sexual, mas entende de garotas — disse Arnie, muito sério. — Você as compreende. Sempre tive medo delas e nunca sabia o que dizer. E ainda não sei, acho. Leigh é diferente.

— Eu tinha receio de convidá-la para sair. — Ele continuou e pareceu considerar a questão. — Quero dizer, Leigh é uma garota bonita, muito bonita mesmo. Você não acha, Dennis?

— Acho. Que me conste, é a mais bonita da escola. Ele sorriu satisfeito.

— Eu também acho... mas pensei que só achasse porque a amo.

Olhei para meu amigo, esperando que não se envolvesse em problemas maiores do que poderia controlar. A esta altura, naturalmente, eu não tinha idéia do significado da palavra problema.

— Além do mais, ouvi dois caras conversando um dia, no laboratório de química, Lenny Barongg e Ned Stroughman. Ned contava a Lenny que a convidava para sair e que ela se recusara, de maneira delicada... como se talvez aceitasse um segundo convite. Quando imaginei que ela poderia estar firme com Ned na primavera, comecei a ficar com um ciúme dos diabos. Você entende o que quero dizer?

Sorri e assenti. Lá fora, no campo, as chefes de torcida ensaiavam

novas rotinas. Não achei que fossem de grande ajuda para o nosso time, mas era gostoso espia-las. Suas sombras acumulavam-se em torno dos pés sobre a grama verde, à luz brilhante do meio-dia.

— Outra coisa que me tocou, foi ver que Ned não parecia chateado... nem tampouco envergonhado ou... rejeitado. Nada assim. Ele a convidou, levou um fora e foi tudo. Decidi que também podia fazer aquilo. Mas então, quando liguei para a casa dela, suave pelo corpo todo. Cara, foi o diabo! Fiquei imaginando Leigh rindo de mim e dizendo qualquer coisa como "*Eu, sair com você, seu asqueroso? Deve estar sonhando! Ainda não estou desesperada!*".

— É — concordei. — Não sei como ela não disse isso. Ele me esmurrou o estômago.

— Vou tocar piano em suas tripas, Dennis! Vou fazer você vomitar!

— Pare com isso — falei. — E depois? Arnie deu de ombros.

— Não há muito mais para contar. A mãe dela atendeu, quando liguei para lá, e disse que ia chamá-la. Ouvi o barulho do fone sendo colocado em cima da mesa e quase desliguei. — Arnie exibiu dois dedos, afastados entre si por menos de um centímetro. — Faltou isto para que eu desligasse. Sem brincadeira!

— Conheço a sensação — falei, e conhecia mesmo.

A gente se preocupa com as zombadas, o desprezo em qualquer dose, pouco importando se jogamos futebol ou somos um nanico com espinhas e de óculos, mas não creio que vocês possam avaliar o grau em que Arnie deve ter sentido isso. Seu gesto exigira uma coragem fenomenal. Convidar uma garota para sair é algo insignificante, mas em nossa sociedade existem todos os tipos de forças negativas, girando atrás de tão simples conceito — quero dizer, há caras que cursam todo o ginásio e *nunca* reúnem coragem bastante para convidar uma garota a um encontro. *Nem uma só vez*, em todos os quatro anos. E isto não acontece apenas com um ou dois caras, mas com bandos deles. Como também há bandos de garotas tristonhas que nunca

foram convidadas. É uma merda de maneira de dirigir as coisas, quando se pára para refletir a respeito. Muita gente se machuca. Eu podia imaginar perfeitamente o terror de Arnie, esperando que Leigh viesse atender o telefone; a sensação de mortal espanto à idéia de que não pretendia convidar uma garota qualquer, porém *a garota mais bonita da escola*.

— Ela atendeu — continuou Arnie. — Disse: "Alô?" e, cara, eu não conseguia falar nada! Tentei, mas nada saía da garganta além de ar resfolegado. Então ela insistiu: "Alô, quem está falando?", como se fosse uma espécie de trote, sabe como é. Fiquei pensando: isto é ridículo! Se pude conversar com ela no corredor, devia ser capaz de falar com ela pelo maldito telefone. Tudo que Leigh pode dizer é não, quero dizer, não vai me *matar*, nada disso, se a convidar para sair. Então, falei: "oi, aqui é Arnie Cunningham". Ela respondeu: "oi", e blablablá, conversa mole, conversa mole, conversa mole, até eu perceber que nem mesmo, droga, sabia para onde convidá-la. E logo ficaríamos sem assunto, ela ia desligar... Foi quando lhe disse a primeira coisa que me passou pela cabeça, perguntei se queria ir comigo ao jogo de futebol no sábado. Ela disse que adoraria ir, foi bem assim, como se só estivesse esperando que eu a convidasse, você saca?

— Vai ver, ela estava mesmo esperando que você a convidasse.

— Hum... Talvez sim.

Arnie meditou na questão, bestificado. O sinal tocou, significando cinco minutos para o quinto tempo. Eu e Arnie nos levantamos. As chefes de torcida correram para fora do campo, com seus saíotes agitando-se provocativamente.

Descemos as arquibancadas, jogamos os sacos vazios do almoço em um dos barris de lixo, pintados com as cores da escola — laranja e preto, falando-se do Dia das Bruxas — e caminhamos para a escola.

Arnie ainda sorria, recordando a maneira como tudo havia acontecido, naquela primeira vez com Leigh.

– Convidá-la para ir ao jogo foi puro desespero.

– Muito obrigado – repliquei. – É isso o que mereço por ter botado os bofes pra fora a tarde toda do sábado, hein?

– Você entende o que eu quero dizer. Então, depois que ela concordou em ir comigo, tive aquela idéia horrível e liguei para você lembra-se?

Lembrei-me de repente. Ele ligara para saber se íamos jogar em casa ou fora, tendo parecido absurdamente arrasado, quando lhe falei que seria em Hidden Hills.

– Pois lá estava eu, prestes a sair com a garota mais bonita da escola, doidão por ela, e fico sabendo que o jogo ia ser fora daqui. E com meu carro emperrado na garagem de Will.

– Podiam ter ido no ônibus.

– Eu sei, mas na hora nem pensei nisso. O ônibus sempre costumava estar lotado, uma semana antes do jogo. Não podia imaginar que tanta gente fosse deixando de assistir às partidas, com o time perdendo.

– Não me lembre isso – pedi.

– Então, apelei para Will. Sabia que Christine agüentaria a viagem, mas ainda não tinha a papelada legal para a rua. Resumindo, eu estava desesperado.

Desesperado, como? – perguntei-me, fria e repentinamente.

– Ele foi muito legal comigo. Disse que compreendia o quanto aquilo era importante e, se... – Arnie fez uma pausa, parecendo considerar. – Bem, era a tal história do grande encontro – terminou, desajeitadamente.

E se...

Bem, não era da minha conta.

Olhe por ele, meu pai tinha dito.

Recusei também este pensamento.

Passávamos agora pela área de fumar, deserta, exceto por três caras e duas garotas, fumando apressadamente o que restava de um baseado. Usavam o artifício de uma carteirinha de fósforos, dobrada como clipe para segurar a minúscula guimba. O odor evocativo da maconha, tão similar ao aroma das folhas de outono queimadas lentamente, deslizou por minhas narinas.

— Tem visto Buddy Repperton? — perguntei.

— Não e nem quero — respondeu ele. — E você?

Eu o vi apenas uma vez, quando ele aparecera no posto de gasolina Happy Gas, de Vandenberg, na Rota 22, em Monroeville. O posto tinha uma bomba apenas, pertencia ao pai de Vandenberg e vivia à beira da falência, desde o embargo do petróleo árabe, em 73. Buddy não me viu — eu estava apenas passando por perto.

— Não cheguei a falar com ele.

— Acha que elealaria? — perguntou Arnie, com um sarcasmo que não lhe era costumeiro. — O grande bosta!

Sobressaltei-me. Aquela palavra novamente. Pensei a respeito, disse a mim mesmo, que diabo, e então perguntei-lhe onde ouvira aquele termo tão específico.

— Lembra-se do dia em que comprei o carro? — perguntou. — Não o dia em que dei o dinheiro de entrada, mas aquele em que paguei o restante.

— Claro que me lembro.

— Entrei com LeBay em sua casa, enquanto você ficava do lado de fora. Havia uma cozinha minúscula, com uma toalha de xadrez vermelho na mesa. Sentamo-nos e ele me ofereceu uma cerveja. Achei que devia aceitar. Eu queria o carro e não pretendia ofendê-lo de modo algum, entende? Assim, cada um bebeu uma cerveja, enquanto ele começava com

aquela interminável divagação... como a chamaria? Acho que arenga. Aquela arenga sobre todos os bostas estarem contra ele. Era o nome que empregava, Dennis. Os bostas. Disse serem os bostas que o forçavam a vender o carro.

— O que queria dizer com isso?

— Sem dúvida, queria dar a entender que era velho demais para dirigir, mas não se expressou em palavras. Era tudo culpa deles. Dos bostas. Os bostas queriam que ele fizesse exame de estrada para motorista a cada dois anos e um exame de vista todo ano. Era este último que o preocupava. Alegou que não o queriam na rua, que ninguém o queria dirigindo. Então, alguém atirou uma pedrada em seu carro.

"Sinceramente, eu compreendia tudo aquilo. Mas não compreendo como ele pôde... — Arnie fez uma pausa rente à porta, esquecendo que já estávamos atrasados para a aula. Tinha as mãos enfiadas nos bolsos traseiros d o *jeans* e franzia o cenho. — Não compreendo como ele pôde deixar Christine ficar parada, arruinando-se daquela maneira, Dennis. Do jeito como estava, quando a comprei. Principalmente, se falava sobre ela como se realmente a amasse... você talvez vá pensar que isso fazia parte da conversa fiada para me vender o carro, mas não era. Então, já no fim, quando ele contava o dinheiro, deu uma espécie de resmungo: 'Esse carro de merda! Que me foda, se sei por que o quer, garoto. É o ás de espadas.' Respondi qualquer coisa, alegando achar que eu poderia pôr Christine em excelente estado. Ele respondeu: 'Tudo isso e ainda mais. Se os bostas permitirem'"

Entramos. O Sr. Lehereux, professor de Francês, rumava apressadamente para algum lugar, a cabeça calva luzindo sob as luzes fluorescentes.

— Estão atrasados, garotos — disse ele, em uma voz ofegante, que me fez lembrar o coelho branco de *Alice no País das Maravilhas*.

Ele caminhou mais depressa, até ficar fora de vista. Então, nós dois voltamos a caminhar devagar.

— Quando Buddy Repperton foi atrás de mim daquele jeito — disse Arnie —, confesso que fiquei com medo de verdade. — Ele baixou a voz, sorrindo, mas sério. — Quase borrei as calças, se quer saber. Enfim, acho que usei a palavra de LeBay sem sentir. Não acha que se aplica ao caso de Repperton?

— Tem razão.

— Preciso ir agora — disse Arnie. — Cálculos primeiro, depois Mecânica de Motores III. De qualquer modo, acho que fiz todo o curso trabalhando em Christine.

Arnie apressou-se e fiquei no corredor, parado por coisa de um minuto, vendo-o afastar-se. Havia um período vago em meu horário, sob a orientação da Srta. Trouxa-de-Ratos. Era o sexto período das segundas-feiras, e achei que podia esgueirar-me para os fundos, sem ser visto. Já havia feito isso antes. Por outro lado, os alunos do último ano sempre levavam a melhor em muitas coisas, como eu ia rapidamente aprendendo.

Fiquei ali, tentando afastar uma sensação de medo, que nunca fora tão amorfa, tão pouco concreta. Havia algo errado, qualquer coisa fora do lugar, não combinado. Senti um calafrio, que nem todo o brilhante sol de outubro, penetrando por todas as janelas do ginásio, conseguia desfazer. As coisas eram as mesmas de sempre, mas estavam se dispondo para uma mudança — eu podia pressentir isso perfeitamente.

Fiquei ali, tentando pôr-me em movimento, dizer a mim mesmo que o calafrio não passava de temores sobre meu próprio futuro, sendo essa a mudança que me inquietava. Talvez o medo fizesse parte disso. Possivelmente, mas não todo ele. *Esse carro de merda! Que me foda, se sei por que o quer, garoto. É o ás de espadas.* Avistei o Sr. Lehereux, que voltava do gabinete, e comecei a mover-me.

Penso que todos nós temos uma espécie de enxada atrás da cabeça, que, em momentos de tensão ou problemas, pode ser movimentada e simplesmente introduzir tudo que nos preocupa em uma grande fenda no

solo de nossa mente consciente. Livrando-se de tudo. Enterrando-o. No entanto, a tal fenda penetra no subconsciente e, às vezes, em sonhos, os corpos despertam e caminham. Tornei a sonhar com Christine naquela noite. Desta vez, Arnie estava ao volante e o cadáver em decomposição de Roland D. LeBay oscilava obscenamente no banco do passageiro, enquanto o carro rugia para fora da garagem e vinha contra mim, espetando-me com os círculos selvagens de seus faróis.

Acordei com o travesseiro apertado contra a boca, para sufocar os gritos.

O ACIDENTE

Mais depressa, mais depressa,
Amigão, ninguém te deixa pra trás.

– The Beach Boys

Até o Dia de Ação de Graças, aquela foi a última vez que conversei com Arnie — que conversei realmente com ele —, porque fui posto fora de circulação no sábado seguinte. Era o dia em que tornávamos a enfrentar os Ursos de Ridge Rock e, desta feita, perdemos pela contagem verdadeiramente espetacular de 46–3. Entretanto, eu não estaria mais lá, quando o jogo terminou. Já teria transcorrido uns sete minutos do terceiro quarto de tempo, quando vi o campo livre, agarrei um passe e me dispunha a correr, no exato momento em que fui atingido simultaneamente pelos três jogadores da linha de defesa dos Ursos. Houve um instante de dor horrenda, um clarão ofuscante como se eu houvesse sido apanhado na área zero de uma explosão nuclear... e depois a escuridão. Uma escuridão total.

Tudo permaneceu escuro por um período razoavelmente longo, embora eu não tivesse qualquer noção do fato. Fiquei inconsciente por cerca de cinquenta horas, e ao acordar no final da tarde de segunda-feira, 23 de outubro, estava no Hospital Comunitário de Libertyville. Vi papai e mamãe por perto. Também Ellie, parecendo pálida e cansada. Havia olheiras escuras em torno de seus olhos e fiquei absurdamente comovido; minha irmã ainda tinha forças para chorar por mim, apesar das guloseimas que eu roubava da caixa de pão, depois que ela ia dormir, apesar da caixinha de pílulas de vitaminas que lhe dera, quando ela estava com doze anos e havia passado uma semana observando-se de perfil no espelho, vestindo sua camiseta mais apertada, para ver se seus peitinhos estavam mais crescidos (Ellie prorrompera em lágrimas e mamãe ficara irritada comigo por quase duas semanas) e apesar das irritantes brincadeirinhas fraternas de eu sou melhor do que você.

Arnie não estava lá quando acordei, mas apareceu pouco depois e se juntou à minha família; ele e Leigh tinham ficado na sala de espera. Naquela noite, meu tio e minha tia de Albany deram as caras e, pelo restante da semana, houve um fixo desfilar de parentes e amigos — toda a equipe de futebol esteve no hospital para visitar-me, incluindo-se o treinador Puffer, que parecia ter envelhecido vinte anos. Talvez tivesse descoberto que existem coisas piores do que uma temporada de derrotas. Foi o treinador que me deu a notícia de que eu nunca mais poderia voltar ao futebol. A julgar pela expressão grave e tensa de seu rosto, não sei o que ele esperava — que eu explodisse em choro ou tivesse um acesso de histeria. Entretanto, quase não esbocei qualquer reação, interna ou externamente. Já bastava a alegria de saber-me vivo e que, eventualmente, tornaria a andar.

Se eu houvesse sido atingido apenas uma vez, sem dúvida escaparia bem e pronto para outra. O corpo humano, no entanto, não foi feito para ser comprimido de três ângulos diferentes, ao mesmo tempo. Eu estava com as duas pernas quebradas, a esquerda em dois lugares. Meu braço direito havia sido puxado para trás, quando caí, de maneira que ostentava uma feia fratura parcial no antebraço. Entretanto, tudo isso era apenas o enfeite do bolo. Também tive o crânio fraturado, e mais o que o médico incumbido de meu caso persistia em qualificar como "um acidente na porção inferior da coluna", com isto querendo dizer que, por fração de centímetro, eu escapava de ficar paralisado da cintura para baixo, pelo resto da vida.

Recebi montes de visitas, montes de flores, montes de cartões. De certo modo, tudo isso era muito agradável — como estar vivo para ajudar a comemorar a própria ressurreição.

Entretanto, houve também um bocado de dores e um bocado de noites em que não podia dormir; um de meus braços ficou suspenso acima do corpo através de pesos e roldanas, o mesmo acontecendo a uma das pernas (ambas comichavam o tempo todo, por sob o gesso) e houve também mais uma carapaça de gesso temporária — conhecida como "molde compressor" — em torno da parte inferior do torso. Além do mais, havia a

perspectiva de uma longa permanência no hospital e viagens intermináveis de cadeira de rodas àquela câmara de horrores tão inocentemente intitulada Ala de Terapia.

Oh, havia mais uma coisa — eu tinha um bocado de tempo.

Eu lia o jornal. Fazia perguntas aos que me visitavam. E por diversas vezes, quando as coisas prosseguiram e minhas suspeitas começaram a tomar proporções exageradas, interroguei-me sobre se não poderia estar perdendo a razão.

Fiquei no hospital até o Natal, e ao voltar para casa aquelas suspeitas já quase haviam adquirido sua moldagem final. A cada vez me era mais difícil negar essa monstruosa configuração e eu sabia muitíssimo bem que não estava perdendo o juízo. Em certos sentidos, teria sido até melhor — mais confortador — se pudesse ter acreditado nisso. Àquela altura, no entanto, além de estar terrivelmente assustado, estava também quase apaixonado pela garota de meu melhor amigo.

Havia tempo para pensar... tempo demais.

Tempo para xingar cem vezes a mim mesmo, pelo que vinha pensando sobre Leigh. Tempo para contemplar o forro de meu quarto e desejar jamais ter ouvido falar de Arnie Cunningham... de Leigh Cabot... ou de Christine.

Arnie — Canções adolescentes sobre amor

A SEGUNDA DISCUSSÃO

O vendedor chegou pra mim e disse:

"Dê seu Ford de entrada,

E lhe arranjo um carro que comerá a estrada!

Basta me dizer o que deseja e assinar nesta linha,

Que lhe entregarei o carro novo dentro de uma hora.

Vou ficar com um carrão

E disparar estrada abaixo;

Então, adeus preocupações

Com aquele Ford caindo aos pedaços.

— Chuck Berry

O Plymouth 1958, de Arnie Cunningham, foi licenciado para trafegar nas ruas, na tarde de 19 de novembro de 1978. Ali se encerrava o processo — realmente iniciado na noite em que ele e Dennis Guilder trocaram aquele primeiro pneu arriado —, com o pagamento de uma taxa de licença no valor de 8,50 dólares, uma taxa rodoviária municipal de 2 dólares (que também incluía a permissão de estacionamento grátis nos parquímetros do centro da cidade) e 15 dólares por uma placa de matrícula. No Departamento de Veículos a Motor, em Monroeville, Arnie recebeu a chapa da Pensilvânia HY-6241-J.

Ele voltou do DVM para Libertyville em um carro que Will Darnell lhe emprestara e saiu da Garagem Faça-Você-Mesmo de Darnell atrás do volante de Christine. Levou-a para casa.

Seu pai e sua mãe chegaram juntos da Universidade Horlicks, cerca de uma hora mais tarde. A briga teve início quase imediatamente.

— Vocês o viram? — perguntou Arnie, dirigindo-se aos dois, porém principalmente ao pai. — Acabei de registrá-lo esta tarde.

Sentia-se orgulhoso e tinha motivos. Christine acabara de ser lavada e polida, reluzia à última claridade do sol da tarde de outono. Ainda tinha um bocado de ferrugem, mas parecia mil vezes melhor do que naquele dia em que Arnie a trouxera. Os estofos das portas, como o capô e as traseiras estavam novos em folha. O interior se apresentava impecável, imaculadamente limpo. Os vidros e cromados cintilavam.

— Sim, eu... — começou Michael.

— É claro que o vimos! — explodiu Regina. Preparava um drinque, que mexia com um misturador de coquetel em um copo de cristal, formando furiosos círculos no sentido contrário ao movimento de um relógio. — Quase o atropelamos. Não o quero estacionado aqui. A casa vai parecer um depósito de carros usados!

— Mamãe! — exclamou Arnie, ofendido e espantado.

Olhou para o pai, mas Michael se afastara para preparar um drinque — talvez decidindo que ia precisar de um.

— Muito bem — disse Regina Cunningham. Seu rosto estava ligeiramente mais pálido que de costume. O rugo nas faces salientava-se, quase como a pintura de um palhaço. Engoliu metade de seu gim com tônica, fazendo uma careta como quem sente o gosto de um remédio amargo. — Leve-o de volta para onde esteve. Não o quero aqui e não vou admiti-lo aqui, Arnie. É a palavra final.

— Levá-lo de volta? — disse Arnie, agora não só ofendido, como também irritado. — Formidável, não? Lá ele me sai a vinte pratas por semana!

— Está lhe saindo a muito mais do que isso — replicou Regina. Terminou de beber seu drinque e largou o copo. Virou-se e o encarou. — Estive dando uma espiada em seu talão de cheques outro dia...

— Você fez o quê? — exclamou Arnie, com olhos arregalados.

Ela enrubescou ligeiramente, mas não baixou os olhos. Michael se

aproximou e parou junto à porta, olhando pesaroso da mulher para o filho.

— Eu queria saber quanto você andou gastando nesse maldito carro — disse ela. — Será alguma coisa demais? Você tem que ir para a universidade o ano que vem. Que me conste, na Pensilvânia não estão dando estudo de graça nas universidades.

— Então você apenas entrou em meu quarto e revirou tudo, até encontrar meu talão de cheques, não foi? — disse Arnie. Seus olhos cinzentos estavam frios de ódio. — Talvez estivesse procurando por maconha também. Ou revistas pornográficas. Quem sabe, manchas de esperma nos lençóis?

Regina ficou boquiaberta. É possível que esperasse dele uma reação de mágoa ou raiva, mas não aquela fúria total e descontrolada.

— Arnie! — rugiu Michael.

— E daí, por que não? — gritou Arnie, em resposta. — Pensei que o assunto fosse coisa *minha*! Deus é testemunha do quanto vocês ficaram dizendo que era minha responsabilidade!

— Estou muito decepcionada por sua atitude, Arnold — disse Regina. — Decepcionada e magoada. Você está se portando como...

— Não venha me dizer como me porto! Como acha que me sinto? Trabalhei como o diabo para conseguir licenciar o carro, trabalhei nele mais de dois meses e meio, mas quando o trago para casa, a primeira coisa que ouço de você é para tirá-lo da entrada. Como é que deveria me sentir? Feliz?

— Não é motivo para usar esse tom com sua mãe — disse Michael. Apesar das palavras, o tom era desajeitadamente conciliatório. — Ou para empregar esse tipo de linguagem.

Regina estendeu o copo para o marido.

— Prepare-me outro drinque. Há uma garrafa fechada de gim na

despensa.

— Fique aqui, papai — disse Arnie. — Por favor. Vamos resolver isto!

Michael Cunningham olhou para a esposa, depois para o filho e em seguida novamente para ela. Ambos pareciam como que de pedra. Ele recuou para a cozinha, apertando o copo de Regina.

Regina se virou implacável para o filho. A cunha estivera em sua porta desde finais do último verão e talvez ela percebesse ser aquela sua última chance para chutá-la novamente.

— Em julho, você tinha quase quatro mil dólares no banco — disse. — Cerca de três quartos de todo o dinheiro que conseguiu nos últimos anos, mais os juros...

— Oh, você esteve de olho o tempo todo, não? — disse Arnie. Sentou-se de repente, encarando a mãe. Seu tom era de desgostosa surpresa. — Mamãe, por que não retirou o maldito dinheiro e colocou em uma conta em seu nome?

— Porque até recentemente — disse ela — você parecia compreender qual era a finalidade desse dinheiro. Nos últimos dois meses, ele se foi diluindo em carro-carro-carro e, mais recentemente, em garota-garota-garota. Como se você tivesse enlouquecido, quanto a essas duas coisas.

— Muito bem, obrigado. Afinal, sempre posso receber uma bela opinião sem preconceitos, sobre a maneira como estou dirigindo minha vida!

— Este julho, você tinha quase quatro mil dólares. Para os seus *estudos*, Arnie. Para os seus *estudos*. Agora, tem apenas pouco mais de dois mil e oitocentos. Pode esbravejar como quiser, e admito que dói um pouco, mas aí estão os fatos. Em dois meses, você deu cabo de mil e duzentos dólares. Talvez seja por isso que não suporto ver aquele carro. Você devia compreender meus sentimentos. Para mim, isso é como...

— Ouça...

— ... como jogar fora uma enorme nota de dólar.

— Posso lhe dizer duas coisas?

— Não, não creio que possa, Arnie — disse ela, como se encerrasse o assunto. — Sinceramente, 118 não creio que possa.

Michael retornara com o copo de Regina, cheio de gim até a metade. Acrescentou água tônica no bar e entregou a ela. Regina bebeu, tornando a fazer aquela careta de repugnância. Arnie permaneceu sentado na poltrona perto da TV, olhando pensativamente para a mãe.

— E você leciona em uma universidade! — exclamou. — Leciona em uma universidade e é essa a sua atitude? "Tenho dito. Vocês agora se limitem a ficar de boca fechada." Formidável! Sabe de uma coisa? Tenho pena de seus alunos.

— Veja lá o que diz, Arnie! — disse ela, apontando-lhe um dedo. — Veja lá como fala!

— Posso dizer duas coisas ou não?

— Fale, embora não faça qualquer diferença. Michael pigarreou.

— Reg, acho que Arnie tem razão. Francamente, esta não é uma atitude construt... Ela se voltou para o marido como um felino.

— E nem uma palavra você também! Michael emudeceu.

— A primeira coisa que quero dizer é o seguinte — Arnie começou. — Se você examinou minha poupança um pouco mais atentamente, e tenho certeza disso, deve ter percebido que o total baixou de uma só vez em dois mil e duzentos dólares na primeira semana de setembro. Tive que comprar toda a parte dianteira nova para Christine.

— E fala nisso como se estivesse orgulhoso do que fez! — exclamou Regina, irritada.

— É claro que estou. — Arnie fixou os olhos nos dela. — Eu mesmo montei aquela parte dianteira, sem que ninguém me ajudasse. Ninguém

seria capaz... — aqui sua voz pareceu vacilar momentaneamente, mas depois se firmou. — Ninguém seria capaz de distingui-la da original. Enfim, o que quero dizer é que o total daquele dinheiro aumentou em seiscentos dólares, a partir daí. Porque Will Darnell gostou do meu trabalho e me conseguiu algo para fazer. Se eu puder acrescentar seiscentos dólares à conta de poupança, de dois em dois meses, e posso consegui-lo, se Will me contratar para ir a Albany, onde ele compra seus carros usados, em minha conta haverá quatro mil e seiscentos dólares quando terminar o período escolar. E se eu trabalhar em horário integral no próximo verão, estarei começando a universidade com quase sete mil dólares. Então, você pode deixar todo o dinheiro à porta desse carro que tanto odeia.

— Isso de nada lhe adiantará, se não conseguir uma boa universidade — contra-atacou ela, dissecando desafiadoramente o assunto, como fazia tantas vezes nas reuniões do departamento, quando alguém ousava questionar uma de suas opiniões... algo não muito freqüente. Ela não assentia, limitando-se a passar para outra faceta do caso. — Suas notas baixaram.

— Não tanto para criar problemas — disse Arnie.

— O que quer dizer com "não tanto para criar problemas"? Você teve um deficiente em Cálculo! Recebemos o cartão com a nota vermelha faz apenas uma semana!

Aqueles cartões vermelhos, às vezes conhecidos como cartões-de-bomba pelo corpo estudantil, eram despachados em meados de cada período a estudantes com nota média 75 ou menos, durante as primeiras cinco semanas do trimestre.

— Aquilo foi baseado em uma única prova — disse Arnie tranqüilo. — O Sr. Fenderson é tão famoso por dar tão poucas provas na primeira metade do trimestre que qualquer um pode levar para casa um cartão vermelho com um F, por não entender um conceito básico — e terminar com um A, abrangendo todo o ano letivo. Eu poderia ter-lhes dito tudo isto, se me

tivessem perguntado. Só que não perguntaram. Aliás, foi somente o terceiro cartão vermelho que recebi, desde que comecei o ginásio. Minha média continua sendo 93 e vocês dois sabem o quanto é boa e...

— Pois eu digo que irá baixar! — exclamou Regina em voz aguda, dando um passo para ele. — É tudo por causa de sua maldita obsessão com esse carro! Arranjou uma namorada; acho ótimo, excelente, formidável! Mas a mania por esse carro é insana! O próprio Dennis diz...

Arnie estava de pé, tão depressa, tão próximo dela, que Regina recuou um passo, sua fúria suplantada momentaneamente pela dele.

— Deixe Dennis fora disto — disse Arnie, em voz malevolamente gélida. — Isto é entre nós!

— Está bem — respondeu Regina, pisando novamente em chão firme. — O simples fato é que suas notas irão baixar. Eu sei disso, como seu pai, e uma prova é aquele cartão vermelho em Matemática.

Arnie sorriu confiantemente e Regina pareceu desconfiada.

— Bem, vou lhe dizer uma coisa — falou Arnie. — Deixe eu ficar com o carro aqui, até terminar o período das provas. Se eu tiver alguma nota mais baixa do que C, prometo vendê-lo a Darnell. Ele o comprará; sabe que pode obter mil pratas pelo carro, no estado em que se encontra agora. E o valor só tende a subir.

Arnie refletiu um pouco.

— Farei ainda melhor — disse. — Se eu não estiver no quadro de honra do semestre, também me livrarei dele. Isto significa que estou apostando meu carro como conseguirei um B em Cálculo, não apenas pelo trimestre, mas por todo o semestre. O que me diz?

— Não — respondeu Regina prontamente.

Lançou ao marido um olhar de: *Não se meta nisto*. Michael, que tinha aberto a boca, fechou-a prontamente.

— Por que não? — perguntou Arnie, com enganadora suavidade.

— Porque é um truque seu, sabe muito bem! — gritou Regina para ele, agora com fúria total e incontida. — E não vou mais ficar aqui debatendo esta imbecilidade e ouvindo suas insolências! Eu... eu mudei suas fraldas sujas! Já falei que quero aquele carro fora daqui, ande nele, se quiser, mas não o deixe onde eu tenha que vê-lo! Pronto! Está decidido!

— O que acha disto, papai? — perguntou Arnie, encarando Michael. Seu pai tornou a abrir a boca para falar.

— Ele acha o mesmo que eu — disse Regina.

Arnie a fitou novamente. Os olhos de ambos encontraram-se, a mesma tonalidade de cinza.

— O que ele disser pouco importa, não?

— Penso que isto já foi longe demais e...

Ela começou a dar meia-volta, a boca ainda dura e decidida, os olhos estranhamente confusos. Arnie pegou seu braço, pouco acima do cotovelo.

— Pouco importa, não é? Porque quando você decide algo, não quer ver, não quer ouvir e nem *pensar*.

— Pare com isso, Arnie! — gritou Michael.

Arnie olhou para sua mãe e ela lhe devolveu o olhar. Os olhos de ambos estavam gélidos, impenetráveis.

— Pois eu vou dizer por que não quer nem considerar o assunto — continuou Arnie, naquela mesma voz suave. — Não se trata de dinheiro, porque o carro me pôs em contato com um trabalho em que sou bom, e no qual terminarei ganhando dinheiro. Você sabe disso. Não são as minhas notas, também. Elas não estão piores do que sempre foram. E você também sabe disso. É porque você não admite que eu escape de sua coleira, como faz com seu departamento, como faz com *ele*! — Arnie apontou o indicador para Michael, que tinha uma expressão irritada, culpada e infeliz ao mesmo

tempo. — Você não quer me ver fora da coleira em que sempre estive!

O rosto de Arnie agora estava vermelho, as mãos crispadas ao longo do corpo.

— Toda aquela asneira liberal sobre a família decidir as coisas, discuti-las em reunião, fazê-las funcionar... No entanto, o fato é que *você* sempre escolheu minhas roupas para o colégio, meus sapatos para o colégio, com quem eu podia andar e com quem não podia, *você* decidia onde passaríamos as férias, *você* dizia a ele quando trocar de carro e por qual carro. Bem, isto é uma coisa que você não pode dirigir e então fica com um ódio desgraçado, não é mesmo?

Ela o esbofeteou no rosto. O som foi como um tiro de revólver na sala de estar. Lá fora, o crepúsculo se instalara e os carros passavam indistintos, os faróis dianteiros semelhantes a olhos amarelos. Christine estava estacionada na entrada asfaltada dos Cunningham, como estivera uma vez no gramado de Roland D. LeBay, só que agora parecendo consideravelmente melhor de aparência — altaneira e acima de toda aquela feia e indecente discussão familiar. Ela havia, talvez, brotado para o mundo.

De repente, de modo chocante, Regina Cunningham começou a chorar. Aquilo era um fenômeno, algo assim como a chuva no deserto, uma coisa que Arnie só a vira fazer quatro ou cinco vezes em toda a sua vida — e em nenhuma das outras ocasiões fora ele o culpado pelas lágrimas.

Era um choro assustador — contou ele a Dennis, mais tarde —, pelo simples fato de existir. Terrível, porém ainda havia mais: as lágrimas a tinham feito envelhecer de um golpe, como se Regina houvesse dado um salto espantoso dos quarenta e cinco para os sessenta anos, no espaço de segundos. O acinzentado pétreo de seu olhar ficara aguado e enfraquecido. Subitamente, as lágrimas lhe corriam pelas faces, estragando a pintura do rosto.

Ela bateu na borda da lareira à procura de seu drinque e os dedos colidiram contra o copo, que caiu e espatifou-se. Uma espécie de incrédulo

silêncio pairou entre eles três, um espanto por as coisas terem chegado a tal extremo.

Não obstante, mesmo por entre a fraqueza das lágrimas, ela conseguiu dizer:

– Não quero aquele carro em nossa garagem ou na entrada, Arnold.

– Ele não ficará aqui, mamãe – respondeu Arnie friamente. Caminhou para a porta, depois se virou e olhou para eles.

– Obrigado. Por serem tão compreensivos. Muito obrigado, aos dois. Então saiu.

ARNIE E MICHAEL

Desde que você foi embora
Ando por aí de óculos escuros
Mas sei que tudo ficará legal
Enquanto puder ter meu negríssimo
e brilhante Cadillac.
— Moon Martin

Michael alcançou Arnie na entrada para carros, ocupada por Christine. Pousou a mão no ombro do filho. Arnie sacudiu o ombro para libertar-se do contato e continuou remexendo o bolso, em busca das chaves do carro.

— Arnie, por favor.

Arnie deu uma rápida meia-volta. Por um momento, esteve à beira de tornar absoluta a escuridão da noite, agredindo o pai. Então, parte da tensão em seu corpo diminuiu e se recostou no carro, tocando-o com a mão esquerda, alisando-o, parecendo extrair forças dele.

— Está bem — disse. — O que você quer?

Michael abriu a boca e então pareceu incerto quanto ao que fazer. Um ar de impotência — teria sido divertido, se não parecesse tão horrivelmente taciturno — tomou conta de seu rosto. Ele parecia ter envelhecido, estava desfigurado e nervoso.

— Arnie — disse ele, parecendo forçar as palavras contra algum enorme peso de inércia se opondo. — Eu sinto muito, Arnie.

— Hum-hum — respondeu Arnie, virando-se e abrindo a porta do lado do motorista. Um cheiro agradável de carro bem cuidado escapou do interior. — Pude ver, pela maneira como ficou do meu lado.

— Por favor — disse Michael. — Isto é muito duro para mim. Mais do

que possa imaginar. Algo em sua voz fez com que Arnie se virasse. Havia desespero e infelicidade no olhar de seu pai.

— Não digo que eu quisesse ficar do seu lado — disse Michael. Também vejo o lado dela, compreenda. E vi a maneira como você se impôs, querendo que fosse feita a sua vontade, a todo custo...

Arnie deu uma risada malévola.

— Em outras palavras, vocês dois pensam o mesmo.

— Sua mãe está atravessando uma crise de idade — comentou brandamente Michael. — Isto tudo é muito difícil para ela.

Arnie pestanejou, a princípio não muito certo do que ouvira. Era como se, de repente, seu pai lhe tivesse dito algo na "língua do p"; aquilo parecia ter tanta importância como se estivesse discutindo escores de beisebol.

— C-como?

— Crise de idade, envelhecimento. Ela anda assustada, tem bebido demais e, às vezes, sente dores físicas. Não sempre — acrescentou, vendo o ar alarmado de Arnie —, mas já foi ao médico e agora sabemos que é por causa da mudança de idade. De qualquer modo, sua mãe está emocionalmente perturbada. Você é filho único e, da maneira como ela está agora, deseja apenas que tudo lhe corra bem, seja lá a que preço for.

— Ela quer tudo à sua maneira, o que não é nenhuma novidade. *Ela sempre quis tudo à sua maneira.*

— O que sua mãe acha certo para você, é o que considera correto. Isso é óbvio — disse Michael. — Entretanto, o que o faz achar-se tão diferente? Ou melhor? Você insistiu em enfrentá-la e ela sabia disso. Como eu também sabia.

— Foi ela que começou e...

— Não, quem começou foi você, quando trouxe o carro para casa, embora sabendo qual a opinião dela. Sua mãe também está certa em outro

ponto: você mudou, Arnie. Desde aquele primeiro dia, quando chegou em casa, com Dennis e anunciou que comprara um carro. Foi quando tudo começou. Pensa que isso não a perturbou? Que não me perturbou também? Veremos nosso filho exibindo traços de personalidade que nem mesmo sabíamos existir?

— Ora, vamos, papai! Foi apenas um...

— Nós agora nunca o vemos, você está sempre trabalhando em seu carro ou com Leigh.

— Você está começando a falar como mamãe. Michael riu subitamente — mas era um riso tristonho.

— Está enganado, filho. Nem imagina quanto. *Sua mãe* tem sua própria personalidade e *voce* se parece com ela, mas eu pareço apenas o cara incumbido de alguma idiota força de paz das Nações Unidas, prestes a botar no fogo o traseiro coletivo.

Arnie encolheu-se um pouco; sua mão tornou a encontrar o carro e começou a acariciá-lo... acariciá-lo...

— Está legal — disse. — Acho que entendo o que quer dizer. Não sei como permite que ela o manobre desse jeito, mas por mim, tudo bem.

O sorriso triste e humilhado permaneceu, um tanto como a careta do cão que ficou caçando uma marmota durante muito tempo, em um dia calorento de verão.

— Certas coisas talvez constituam um sistema de vida. Talvez, também, haja compensações que você não pode entender, nem eu possa explicar. Como... bem, eu a amo, compreenda.

Arnie deu de ombros.

— Certo, mas... e daí?

— Podemos dar uma volta?

Arnie pareceu surpreso, depois contente.

– Claro. Entre. Algum lugar em particular?

– O aeroporto.

As sobranceiras de Arnie arquearam-se.

– O aeroporto? Por quê?

– Eu lhe direi quando chegarmos lá.

– E Regina?

– Sua mãe foi para a cama — disse Michael, com voz branda. Arnie teve o decoro de enrubescer ligeiramente.

Arnie dirigiu bem e com firmeza. Os novos faróis de Christine rasgavam a prematura escuridão em um límpido e fundo túnel luminoso. Arnie passou pela residência dos Guilder, depois dobrou à esquerda para Elm Street, junto ao sinal de trânsito. Em seguida, rumou para a JFK Drive. A rota I-376 os levou à I-287 e então tomaram a direção do aeroporto. O tráfego era ligeiro. O motor ronronava maciamente, através dos novos canos de descarga. Os mostradores no painel de instrumentos irradiavam um místico fulgor esverdeado.

Arnie ligou o rádio e encontrou a WDIL de Pittsburgh, estação em FM, que só tocava músicas antigas. Gene Chandler cantava "*The Duke of Earl*".

– Esta coisa roda como um sonho — disse Michael Cunningham, parecendo admirado.

– Obrigado — respondeu Arnie, sorrindo. Michael respirou fundo.

– Tem cheiro de *novo*.

– Há muita coisa nova aqui dentro. As capas traseiras me ficaram em oitenta pratas. Parte do dinheiro que provocou tanta reclamação de Regina. Fui à biblioteca, pedi um monte de livros e tentei copiar tudo, o melhor que pude. De qualquer modo, não foi tão fácil como se possa pensar.

– Por que não?

– Em primeiro lugar, o Plymouth Fury 58 não foi lançado como um carro clássico, de maneira que ninguém escreveu muito a respeito, inclusive nos volumes retrospectivos sobre automóveis: *O Carro Americano*, *Automóveis Americanos Clássicos*, *Automóveis dos Anos 50*, coisas assim. O Pontiac 58 foi um clássico, mas somente no segundo ano saiu o modelo Bonneville. O T-Bird 58, com aletas em forma de orelha de coelho, é que foi realmente o último grande Thunderbird, acho eu. Além disso...

– Não pensei que você entendesse tanto de carros antigos – disse Michael. – Há quanto tempo se interessa pelo assunto, Arnie?

Ele deu de ombros vagamente.

– O pior é que LeBay havia feito um pedido pessoal, diretamente a Detroit. O Plymouth não oferecia um modelo Fury em vermelho e branco... procurei restaurar o carro o mais igual possível à maneira como foi feito em Detroit. Suei um bocado para isso.

– Por que deseja restaurá-lo exatamente como LeBay o tinha? Novamente, aquele vago encolher de ombros.

– Sei lá. Apenas me pareceu o mais acertado a fazer.

– Olhe, acho que fez um trabalho excelente.

– Obrigado.

Michael inclinou-se e observou o painel de instrumentos.

– O que é? – perguntou Arnie, um pouco rudemente.

– Macacos me mordam – disse Michael. – Nunca vi *isso* antes!

– O quê? – Arnie baixou os olhos. – Oh, o odômetro...

– Está rodando para trás, não?

Realmente, o odômetro girava para trás. Naquele dia, o entardecer de 1º de novembro, indicava 79.500 e tantas milhas. Enquanto Michael espiava, o indicador das dezenas de milha girou de 2 para 1, depois para 0. Quando voltou a 9, o marcador de milhas comeu mais uma.

Michael riu.

— Eis algo que você deixou passar, filho. Arnie riu também — um leve riso.

— Concorde — disse. — Segundo Will, deve haver um fio cruzado em algum lugar. Creio que não vou mexer nisso. Chega a ser divertido, ter um odômetro que anda para trás.

— Ele é preciso?

— Como?

— Bem, se você for de nossa casa à Praça da Estação, ele subtrairia cinco milhas do total?

— Oh, entendi — disse Arnie. — Não, ele não tem nada de preciso. Atrasa duas ou três milhas, para cada milha real percorrida. Às vezes mais. O cabo do velocímetro vai acabar rebentando, cedo ou tarde e, quando o trocar, o problema se resolverá por si só.

Michael já enfrentara um ou dois cabos do velocímetro rebentados e olhou para o ponteiro, esperando o tremular característico, indicando que ali havia problema. O ponteiro, entretanto, permanecia imóvel, pouco acima de 40. O velocímetro parecia excelente; apenas o odômetro é que enlouquecera. Estaria Arnie acreditando realmente que os mesmos cabos serviam para o velocímetro e o odômetro? Certamente que não.

Ele riu e comentou:

— É qualquer coisa de fantástico, filho.

— Por que o aeroporto? — perguntou Arnie.

— Vou lhe dar um tiquete de trinta dias de estacionamento — disse Michael. — Cinco dólares. Mais barato do que na garagem de Darnell e você poderá ter o carro sempre que quiser. O ônibus para o aeroporto faz parada nos pontos normais de outros ônibus.

— Céus, é a coisa mais louca que já ouvi! — bradou Arnie. Manobrou

para o retorno, diante de uma sombria loja de lavagem a seco. — Vou ter que andar trinta quilômetros de ônibus até o aeroporto para apanhar meu carro quando quiser? Oh, não! De maneira nenhuma!

Ia dizer mais alguma coisa, quando foi subitamente agarrado pelo pescoço.

— Agora escute — disse Michael. — Sou seu pai, portanto, me ouça! Sua mãe tinha razão, Arnie. Você ficou irracional, mais do que irracional, nos dois últimos meses. Aliás, ficou bastante estranho!

— Me larga — exclamou Arnie, esforçando-se para libertar-se. Michael não o largou, mas afrouxou a pressão.

— Vou colocar a situação por outro ângulo para você — disse. — Sim, o aeroporto fica a uma boa distância, mas os mesmos 25 centavos que o levam à garagem de Darnell o trarão até aqui. Há garagens de estacionamento mais próximas, porém na cidade são maiores as incidências de roubo e vandalismo. Aqui no aeroporto, ao contrário, é perfeitamente seguro.

— Nenhum estacionamento público é seguro.

— Em segundo lugar, é mais barato que uma garagem no centro da cidade e *muito* mais barato do que na Darnell's.

— Não é esta a questão, sabe muito bem!

— Talvez esteja certo — disse Michael —, mas também está esquecendo algo, Arnie. A questão real.

— Suponhamos que você me diga qual é.

— Certo, eu direi. — Michael fez uma ligeira pausa, olhando fixamente para o filho. Ao falar, sua voz era baixa e contida, quase tão melodiosa como sua flauta. — Juntamente com qualquer noção do que é razoável, você parece ter perdido inteiramente o sentido de perspectiva. Está quase com dezoito anos, em seu último ano em uma escola pública.

Creio que já decidi não entrar para Horlicks; estive vendo as brochuras de universidades que levou para casa...

— Isso mesmo, não vou para Horlicks — disse Arnie, agora um pouco mais calmo. — Não depois de tudo isto. Você não pode imaginar o quanto estou querendo afastar-me daqui. Bem, talvez imagine.

— Sim, eu imagino. Talvez seja a melhor providência. Melhor do que esta constante animosidade entre você e sua mãe. Tudo quanto lhe peço é que não conte a ela por enquanto, que espere até ter enviado seus documentos de solicitação à universidade.

Arnie deu de ombros, sem nada prometer.

— Você irá levar seu carro para lá, caso ainda esteja rodando...

— Ele estará rodando.

— ...e se for uma universidade que permita aos calouros estacionarem seus carros no *campus*. Arnie se virou para o pai, com a surpresa brotando de sua raiva latente. Estava surpreso e inquieto. Aquela era uma possibilidade que ainda não havia considerado.

— Não irei para uma universidade que não me permita ter meu carro comigo — disse.

Seu tom era de paciente recitação, o tipo de voz que um professor de crianças excepcionais usaria em aula.

— Viu só? — exclamou Michael. — Ela tem razão. Basear sua escolha de universidade na política escolar envolvendo calouros e carros é totalmente irracional. Você ficou obcecado por este carro.

— Não creio que você consiga entender. Michael apertou os lábios por um momento.

— De qualquer modo, que diferença faz vir de ônibus ao aeroporto para apanhar seu carro, se quiser sair com Leigh? Claro, é um inconveniente, porém não tão grande assim. Significa que você só o usará se

houver necessidade, além de poupar dinheiro da gasolina. — Michael fez uma pausa e tornou a exibir seu sorriso tristonho. — Ambos sabemos que Regina não encara isto como jogar dinheiro fora. Para ela, este é o seu primeiro passo decisivo para afastar-se dela... de nós. Acho que sua mãe... oh, droga, que sei eu?

Interrompeu-se, fitando o filho. Arnie o encarou, pensativo.

— Leve o carro para a universidade com você; mesmo se os calouros forem proibidos de ter carros no *campus*, sempre há outros meios de...

— Como estacionar no aeroporto?

— Sim, mais ou menos isso. Quando você vier para casa nos fins de semana, Regina ficará tão contente em vê-lo que nem mencionará o carro. Diabo, ela provavelmente até irá para a entrada de automóveis ajudá-lo a lavá-lo e poli-lo, apenas para descobrir o que você estará fazendo. Dez meses. Então, tudo terminará. Podemos ter paz na família novamente. Vamos, Arnie. Dirija.

Arnie afastou-se da frente da lavanderia e reentrou no tráfego.

— Esta coisa está no seguro? — perguntou Michael, abruptamente. Arnie riu.

— Está brincando? Neste Estado quando não se tem um seguro de responsabilidade legal e acontece um acidente os tiras nos matam. Sem isso, seremos sempre os culpados, mesmo que o outro carro caia do céu e nos amasse o teto. Este é um dos meios pelos quais os bostas mantêm os adolescentes fora das estradas, na Pensilvânia.

Michael quis dizer a ele que um número despropositado de acidentes fatais na Pensilvânia — 41 por cento — envolvia motoristas adolescentes. Regina lera a estatística para ele, como parte de um artigo no suplemento dominical de um jornal, declamando o número em lentos tons apocalípticos, "*Quarenta e um por cento!*", pouco depois de Arnie ter comprado o carro. Não obstante, ficou calado, concluindo que seu filho não queria ouvir

aquilo... pelo menos em seu atual estado de espírito.

– Apenas um seguro de responsabilidade legal?

Estavam passando sob um sinal refletor, dizendo FAIXA ESQUERDA – PARA O AEROPORTO. Arnie ligou o pisca-pisca e mudou de faixa. Michael pareceu relaxar um pouco.

– Só depois dos vinte e um anos se pode fazer um seguro contra acidentes; essas merdas de companhias de seguros são ricas como Cresco, mas não nos cobrem, a menos que a vantagem esteja *escandalosamente* do lado delas.

Na voz de Arnie havia uma nota um tanto impertinente, algo que Michael jamais havia notado antes. Também estava espantado e um pouco consternado pela escolha das palavras de seu filho. Imaginava que ele empregasse tal tipo de linguagem com os companheiros (pelo menos, foi o que mais tarde comentou com Dennis Guilder, parecendo ignorar por completo que, até seu último ano de ginásio, Arnie não tivera outro companheiro além do próprio Dennis), mas o fato é que jamais a usara diante dos pais.

– Seu registro de motorista e se é ou não motorista habilitado nada têm a ver com isso — prosseguiu Arnie. — Não se pode ter uma batida, porque as merdas das tabelas atuariais deles dizem que não se pode bater. Quando o cara faz vinte e um anos, tudo bem, mas desde que esteja disposto a gastar uma fortuna, em geral, os prêmios das apólices acabam sendo mais altos do que as multas impostas ao carro, até completarmos os vinte e três anos, ou por aí, a menos que estejamos casados. Oh, os bostas pensaram em tudo direitinho! Eles sabem como encurralar a gente, ora se sabem!

À frente e acima deles, as luzes do aeroporto fulguravam, as pistas de pouso e decolagem delineavam-se em místicas paralelas de luminosidade azulada.

– Se alguém chegar para mim e perguntar qual a forma de vida humana mais baixa, responderei que é um agente de seguros.

– Parece ter feito um profundo estudo a respeito – comentou Michael.

Não ousava dizer algo mais, pois Arnie parecia esperar um pretexto para um novo acesso de ódio.

– Andei perguntando em cinco companhias diferentes. Apesar do que mamãe insinuou, não sinto a menor vontade de jogar meu dinheiro fora.

– E responsabilidade legal foi o máximo que conseguiu?

– Certo. Seiscentos e cinquenta dólares por ano. Michael assobiou.

– Exatamente isso – acrescentou Arnie.

Outro sinal intermitente avisava que as duas faixas da mão esquerda eram para estacionar, as da direita para partida ou saída. À entrada do pátio de estacionamento, o caminho se dividia novamente. À direita, havia um portão automático, onde era obtido um tíquete para estacionamento de curto prazo. No lado esquerdo, ficava a cabina envidraçada onde permanecia o encarregado do pátio de estacionamento, vendo uma pequena TV em preto e branco e fumando um cigarro.

Arnie suspirou.

– Talvez você esteja certo. Enfim, esta pode ser a melhor solução.

– Claro que é – disse Michael, aliviado. Arnie estava se assemelhando agora ao antigo Arnie e aquele brilho duro de seus olhos desaparecera finalmente. – Dez meses, eis tudo.

– Certo.

Dirigiu até a cabina. O encarregado, um rapazinho com a suéter preta e laranja do ginásio, com o escudo do Libertyville nos bolsos, fez deslizar a divisão envidraçada e inclinou-se para fora.

– O que vai ser? – perguntou.

– Eu queria um tíquete para trinta dias – disse Arnie, enfiando a mão no bolso para tirar a carteira.

Michael pousou a mão sobre a dele.

– A idéia foi minha – disse. – Eu pago.

Arnie puxou a mão, com delicadeza, mas firmemente, e tirou a carteira.

– O carro é meu – respondeu. – Eu mesmo pago.

– Eu só queria... – começou Michael.

– Eu sei – disse Arnie –, mas quero pagar. Michael suspirou.

– Dava para imaginar. Você e sua mãe... Tudo ficará ótimo, desde que feito como sugeri. Os lábios de Arnie tremeram momentaneamente, depois sorriram.

– Bem... é isso aí – disse ele.

Os dois se entreolharam e começaram a rir.

No mesmo instante em que riram, o motor de Christine morreu. Até então, a máquina viera funcionando com absoluta perfeição. Agora, simplesmente, silenciara; as luzes do marcador do óleo e amperagem se apagaram.

Michael ergueu as sobrancelhas.

– O que terá sido?

– Não sei – respondeu Arnie, franzindo o cenho. – Nunca aconteceu antes. Girou a chave e o motor pegou imediatamente.

– Bem, parece que não foi nada – comentou Michael.

– No fim da semana, vou dar um jeito na regulação – murmurou Arnie.

Ligou o motor e ouviu atentamente. Naquele momento, Michael constatou que Arnie não tinha a menor semelhança com seu filho. Parecia uma outra pessoa, alguém muito mais velho e endurecido. Sentiu uma leve, mas extremamente dolorosa agulhoada de medo no peito.

– Ei, vai querer o tíquete ou prefere ficar aí a noite inteira, discutindo sua regulamentação? – perguntou o encarregado do pátio de estacionamento.

Arnie o achou vagamente familiar, como acontece quando vemos alguém se movimentando pelos corredores da escola, sem que tenhamos nada a ver com tal pessoa.

– Oh, sim, desculpe.

Arnie entregou-lhe uma nota de cinco dólares e o encarregado lhe deu um tíquete mensal.

– No fim do pátio – indicou o rapazinho. – Não esqueça de revalidar o tíquete cinco dias antes do fim do mês, se quiser ter a mesma vaga novamente.

– Certo.

Arnie dirigiu para os fundos do pátio, a sombra de Christine avolumando e encolhendo, quando passavam sob os postes com lâmpadas de sódio. Encontrou uma vaga e manobrou o carro para ela. Quando desligou o motor, fez uma careta e levou a mão às costas.

– Isso ainda o incomoda? – perguntou Michael.

– Só um pouquinho – respondeu Arnie. – Quase havia desaparecido, mas voltou ontem. Devo ter levantado algum peso, sem querer. Não esqueça de trancar sua porta.

Os dois saíram e trancaram o carro. Uma vez fora dele, Michael se sentiu muito melhor – como se estivesse mais ligado ao filho e, provavelmente ainda mais importante, com a impressão de não ser tão grande o seu papel de bobó impotente com uma tilintante carapuça de

sininhos, na discussão que acontecera em casa. Fora do carro, surgia a sensação de que algo poderia ser salvo daquela noite — talvez muita coisa.

— Vejamos o quanto esse ônibus é rápido — disse Arnie.

Juntos, começaram a cruzar o pátio de estacionamento em direção ao terminal, como dois companheiros.

No trajeto para o aeroporto, Michael formara uma opinião sobre Christine. Ficara impressionado com o trabalho de restauração feito por Arnie, mas não gostava do carro em si — teve por ele profunda antipatia. Refletiu que era ridículo sentir-se daquela forma em relação a um objeto inanimado, porém a antipatia estava ali, forte e indiscutível, como um caroço em sua garganta.

Era impossível isolar a fonte do antagonismo. Aquele carro provocara um amargo problema familiar, e ele supôs que talvez fosse esse o motivo... porém não era tudo. Michael não gostara do jeito como *Arnie ficava*, quando na direção: algo arrogante e petulante ao mesmo tempo, como um pequeno rei. O modo impotente como injuriara o seguro... seu uso daquela palavra feia e contundente — "bostas" —, inclusive a maneira como o carro morrera, quando tinham rido juntos.

Havia ainda o cheiro. Não era perceptível logo de início, mas estava lá. Não o cheiro das novas capas dos assentos, porque este era bastante agradável. O outro exalava um odor sutil, amargo e quase (mas não inteiramente) secreto. Um odor antigo. Bem, disse Michael para si mesmo: *o carro é velho; por que, raio, era de se esperar um cheiro de novo?* E isto fazia um sentido indiscutível. A despeito do trabalho realmente fantástico que Arnie fizera nele ao restaurá-lo, o Fury tinha vinte anos de idade. Aquele cheiro acre e mofado poderia provir da forração antiga do porta-mala ou dos tapetes velhos, por baixo dos novos. Talvez se originasse do estofamento original, sob os novos e reluzentes. Apenas um cheiro de idade.

No entanto, aquele cheiro subjacente, difuso e vagamente doentio o preocupava. Parecia ir e vir em ondas, às vezes bastante perceptível, em

outras totalmente indetectável. Não parecia ter uma fonte específica. Quando no auge, era o cheiro semelhante ao exalado pelo cadáver putrefato de algum animal pequeno – um gato, um camundongo, talvez um esquilo – que houvesse penetrado no porta-mala ou rastejado para o interior da estrutura, e lá tivesse morrido.

Michael estava orgulhoso com o que seu filho realizara... e muito satisfeito em sair do carro dele.

SANDY

Primeiro caminhei pelo Pare e Compre,

Depois passei de carro pelo Pare e Compre.

Gostei muito mais, quando passei dirigindo pelo Pare e Compre,

Porque tinha o rádio ligado.

— Jonathan Richmond e os Modern Lovers

O encarregado do pátio de estacionamento naquela noite — de fato, todas as noites, das seis da tarde às dez da noite — era um jovem chamado Sandy Galton, o único membro do bando de amigos íntimos de Buddy Repperton que não estivera presente na área de fumar no dia em que Buddy fora expulso do colégio. Arnie não o reconheceu, mas Galton o viu muito bem.

Afastado da escola e sem o menor interesse em iniciar as providências para sua readmissão no início do semestre da primavera, em janeiro, Buddy Repperton tinha ido trabalhar no posto de gasolina dirigido pelo pai de Don Vandenberg. Em suas poucas semanas de serviço ali, ele já pusera em ação um razoável número de tramóias — como dar troco incompleto aos clientes apressados demais para contar as notas recebidas, praticar a farsa da recauchutagem (cobrando do cliente um pneu recauchutado como se fosse novo e embolsando a diferença de quinze a sessenta dólares), praticar ato semelhante com "peças usadas" e também vender tiquetes de inspeção a rapazinhos do ginásio e da próxima Universidade de Horlicks, jovens demasiado ansiosos em manterem na estrada suas mortais arapucas.

O posto ficava aberto vinte e quatro horas por dia e Buddy Repperton trabalhava no último turno, de 9 da noite às cinco da manhã. Por volta de onze da noite, "Penetra" Welch e Sandy Galton às vezes apareciam lá, no velho e maltratado Mustang de Sandy. Richie Trelawney costumava ir em sua Firebird, e Don, naturalmente, estava sempre chegando e saindo quase todo o tempo, quando não ficava divertindo-se na escola. Por volta de meia-

noite de qualquer dia da semana, era comum ver-se seis ou oito indivíduos nas dependências do prédio, bebendo cerveja em xícaras sujas, esvaziando em rodízio uma garrafa do Texas Driver de Buddy, fumando um baseado ou comendo qualquer coisa, arrotando, contando piadas sujas, mentindo sobre quantas conas estavam comendo e talvez ajudando Buddy a roubar o que quer que estivesse dando sopa por ali.

Durante uma daquelas reuniões de fim de noite, em princípios de novembro, aconteceu de Sandy mencionar que Arnie Cunningham estava estacionando sua máquina na área do aeroporto de longo prazo. De fato, Cunningham havia pago um tíquete de estadia por trinta dias.

Buddy, cuja conduta costumeira durante aquelas reuniões de fanfarronice a altas horas era de macambúzio retraimento, empurrou bruscamente para trás sua cadeira de assento plástico barato, sobre todas as quatro pernas, e colocou sua garrafa de Driver sobre o armário dos limpadores de pára-brisa, com um baque surdo.

— O que foi que você disse? — perguntou. — Cunningham? O velho Cara de Cona?

— Hum-hum — disse Sandy, surpreso e um tanto inquieto. — Era ele.

— Tem certeza? O cara que me chutou da escola? Sandy olhou para ele com crescente alarma.

— Exato. Por quê?

— E ele ficou com um tíquete de trinta dias, sinal de que vai ficar estacionado nas vagas de longo prazo.

— Certo. Talvez seus velhos não quisessem que ele deixasse o carro em...

A voz de Sandy extinguiu-se. Buddy Repperton começara a sorrir. Aquele sorriso não era uma visão agradável, não apenas porque os dentes por ele revelados comesçassem a ficar cariados. Era como se algum terrível mecanismo, em alguma parte, tivesse acabado de ganhar vida e comesçasse a

funcionar, ganhando alta velocidade.

Buddy olhou em torno, de Sandy para Don, depois "Penetra" Welch e Richie Trelawney. Os outros o encararam interessados e um pouco assustados.

— O Cara de Cona — disse ele em tom suave, acariciante. — O velho Cara de Cona já legalizou sua máquina e seus velhos caretas fizeram ele estacionar no aeroporto...

Ele riu.

"Penetra" e Don trocaram um olhar que tanto tinha de inquieto como de ansioso.

Buddy inclinou-se para eles, de cotovelos nos joelhos dos *jeans*.

— Ouçam — começou.

ARNIE E LEIGH

Rodando em meu automóvel,
Com meu bem junto de mim, no volante,
Roubei um beijo e rodei mais depressa,
A curiosidade ficando mais forte —
Rodando e ouvindo o rádio,
Sem nenhum destino certo.
— Chuck Berry

O rádio do carro estava na WDIL e Dion cantava "Runaround Sue" em sua voz forte, a plenos pulmões, porém nenhum deles o ouvia.

Ele escorregara a mão por baixo da camiseta que ela usava e encontrara a glória macia dos seios, coroados por mamilos eretos e rijos de excitação. A respiração dela saía em haustos curtos e ofegantes. E, pela primeira vez, encaminhara a mão para onde ele queria, para onde ele a *necessitava*, na junção das coxas, onde pressionava, virava e mexia, sem experiência, mas com desejo suficiente para suprir a deficiência.

Ele a beijou e ela abriu a boca amplamente, expondo a língua. O beijo foi como inalar o límpido aroma/sabor de uma floresta após a chuva. Ele podia sentir o excitação, a ânsia que ela exalava, como uma aura.

Inclinou-se para ela, *estirou-se* em sua direção, todo inteiro e, por um momento, sentiu-a corresponder com pura e simples paixão.

Então, ela não estava mais ali.

Arnie sentou-se ereto, admirado e estupidificado, um pouco à direita do volante, quando a luz do teto de Christine se acendeu. Foi um breve clarão, a porta do passageiro bateu com firmeza, fechando-se, e a luz voltou a desligar-se.

Ele ficou parado mais alguns segundos, não muito certo sobre o

acontecido, momentaneamente nem muito certo de onde se encontrava. Seu corpo estava em total ebulição — um confuso amontoado de emoções e erráticas reações físicas, metade maravilhosas e metade terríveis. Sua glândula doía; o pênis enrijecera como uma barra de ferro e os testículos latejavam surdamente. Ele podia sentir a adrenalina turbilhonando velozmente no sangue, subindo, descendo, indo a todos os recantos.

Seu punho fechado caiu com força sobre a perna. Então, deslizando no assento, abriu a porta e foi atrás dela.

Leigh estava de pé bem na borda da terraplenagem, olhando para a escuridão mais abaixo. Dentro de um brilhante retângulo, no meio daquela escuridão, Sylvester Stallone varou a noite, vestido como um jovem líder trabalhista dos anos 30. Arnie tinha experimentado novamente a sensação de viver em algum sonho maravilhoso que, a qualquer momento, poderia transformar-se em pesadelo... talvez isso já tivesse começado a acontecer.

Ela estava demasiado perto da borda — ele lhe pegou o braço e a puxou delicadamente para trás. O solo ali era seco e esborado. Não havia gradil nem mureta. Se a terra da borda cedesse Leigh teria ido junto, cairia em alguma parte das moradias suburbanas espalhadas a esmo em torno do *drive-in* de Liberty Hill.

A terraplenagem tinha sido o local de encontro dos namorados, desde tempos imemoriais. Ficava no final de Stanson Road, uma longa e serpenteante faixa de duas pistas asfaltadas, que primeiro se curvara para fora da cidade, depois formando uma curva apertada e retomando até morrer como rua sem saída em Libertyville Heights, onde outrora houvera uma fazenda.

Era 4 de novembro e a chuva que começara no início daquela noite de sábado transformara-se em ligeiro chuveiro. Eles tinham a terraplenagem e a visão grátis do *drive-in* (embora silenciosa) para si mesmos. Arnie a conduziu de volta ao carro — ela voltou de boa vontade —, observando os diminutos pingos do chuveiro no rosto de Leigh. Foi somente no interior, à luz

fantasmagórica do clarão esverdeado que brotava do painel de instrumentos, que Arnie teve certeza: ela estava chorando.

— O que foi? — perguntou ele. — O que houve de errado? Ela sacudiu a cabeça e chorou mais forte.

— Eu fiz... alguma coisa que você não queria? — Engolindo em seco, obrigou-se a perguntar: — Tocando-me daquele jeito?

Ela tornou a sacudir a cabeça, mas Arnie não tinha certeza do significado. Ele a abraçou, desajeitado e preocupado. No fundo da mente, pensava na camada de neve que se formara, na viagem de volta descendo a ladeira e no fato de que ainda não colocara pneus de neve em Christine.

— Nunca fiz isso com nenhum rapaz — disse ela, contra o ombro dele. — Foi a primeira vez que toquei... você sabe. Fiz porque queria. Porque quis mesmo.

— Então, o que foi?

— Não posso... aqui.

As palavras saíram lentas e difíceis, uma de cada vez, com quase medrosa relutância.

— Na terraplenagem? — disse Arnie.

Olhou estupidamente em torno, pensando que Leigh talvez acreditasse que só tinham ido ali para verem o filme sem pagar.

— Neste carro! — gritou ela, de repente. — Não posso fazer amor com você neste carro!

— Hein? — Ele a fitou, sem entender. — De que está falando? E por que não?

— Porque... porque... eu não sei! — Ela se esforçou para dizer algo mais, porém explodiu em novas lágrimas.

Arnie tornou a abraçá-la, até vê-la acalmar-se.

— Apenas não sei a quem você está amando mais — disse Leigh, quando o choro permitiu.

— Isso é... — Arnie interrompeu-se, meneou a cabeça e sorriu. — Isso é loucura, Leigh!

— Será mesmo? — perguntou ela, observando-lhe o rosto. — Com qual de nós você fica mais tempo? Comigo... ou com ela?

— Está falando de Christine?

Ele olhou em torno, esboçando aquele enigmático sorriso que ela tanto podia achar adorável ou terrivelmente odioso — às vezes, ambas as coisas ao mesmo tempo.

— Estou — disse Leigh, em voz sem entonação. Baixou os olhos para as mãos que jaziam inanimadas sobre as calças compridas de lã azul. — Acho que é imbecilidade minha.

— Fico muito mais tempo com você — disse Arnie. Meneou a cabeça. — Isso é loucura. Bem, talvez seja o normal... e apenas eu ache uma loucura, porque nunca tive uma namorada antes.

Estendeu a mão e tocou-lhe os cabelos, onde cascadeavam sobre um ombro do casaco aberto. Por baixo, a camiseta dizia DÊ-ME LIBERTYVILLE OU DÊ-ME A MORTE e os mamilos salientavam-se sob o algodão fino de modo tão sensual que Arnie se sentiu algo delirante.

— Pensei que garotas sentissem ciúmes de outras garotas. Não de carros. Leigh riu brevemente.

— Tem razão. Deve ser porque você nunca teve uma namorada. Carros são garotas. Não sabia?

— Ora, francamente...

— Então, por que não lhe deu o nome de Christopher?

Repentinamente, Leigh bateu com a palma aberta, fortemente, contra o assento. Arnie pestanejou.

— Ora, vamos, Leigh. Não faça isso.

— Não gosta que eu bata em sua garota? — perguntou ela, com súbito e inesperado veneno. Então, percebeu os olhos magoados. — Sinto muito, Arnie.

— Sente mesmo? — disse ele, fitando-a inexpressivamente. — Parece que ninguém gosta de meu carro, no momento: você, meu pai, minha mãe, até mesmo Dennis. Larguei couro do corpo, trabalhando nele, e tudo significa apenas zero para os outros!

— Significa algo para mim — disse ela, maciamente. — O *trabalho* que deu.

— Hum-hum — disse Arnie, taciturnamente. A paixão, o calor haviam desaparecido. Sentia frio agora e tinha o estômago um pouco nauseado. — Escute, é melhor irmos andando. Não tenho pneus para neve. Seus pais vão achar muito esquisito, nós dois irmos jogar boliche e depois ficarmos presos na Stanson Road.

Leigh riu baixinho.

— Eles não sabem onde a Stanson Road termina.

Arnie ergueu uma sobrancelha para ela, parte do bom humor retornando.

— Isto é o que *você* pensa — disse.

Arnie dirigiu lentamente na descida, quando voltavam. Christine se saiu muito bem, na estrada íngreme e serpenteante, suas rodas aderindo perfeita e facilmente ao solo. O chuveiro de estrelas terrestres, que eram Libertyville e Monroeville, foi ficando maior, depois se fundiu e parou de ostentar qualquer formato. Leigh olhava para aquilo com tristeza, sentindo que a melhor parte de uma noite potencialmente espetacular de algum modo se perdera. Estava irritada, menosprezando-se — insatisfeita, foi o que supôs. Havia uma dor surda em seus seios. Ignorava se pretendia deixá-lo ir

"até o fim da linha" como era eufemisticamente conhecido, mas depois que a situação chegara a um certo ponto, nada havia sido como esperara... tudo porque havia aberto a maldita boca no momento errado.

Seu corpo estava confuso e o mesmo acontecia aos pensamentos. Por várias vezes, durante a quase silenciosa corrida de volta, ela abriu a boca, a fim de tentar esclarecer como se sentia... para tornar a fechá-la, receando ser interpretada erradamente. Aliás, a própria Leigh não sabia ao certo como se sentia.

Não tinha ciúmes de Christine... e tinha, ao mesmo tempo. Quanto a isso, Arnie não dissera a verdade. Leigh fazia uma boa idéia de todo o tempo que ele gastava consertando o carro, mas o que havia de tão errado nisso? Arnie tinha habilidade manual, gostava de trabalhar no carro e este rodava como um relógio... exceto por aquele esquisito detalhe do odômetro, cujos números corriam para trás.

Carros são garotas, ela dissera, sem pensar muito no que dizia; aquilo apenas lhe escapara da boca. Evidentemente, nem sempre isto era verdade, porque não pensava no sedã de sua família como tendo um gênero em particular; era apenas um Ford.

Só que...

Esqueça, livre-se de todas essas idiotices, essas besteiras! A verdade era muito mais brutal, inclusive mais louca, não? Ela não pudera fazer amor com ele, não pudera tocá-lo daquele jeito íntimo, muito menos pensara em fazê-lo chegar ao clímax daquela maneira (ou da outra, a maneira real — tinha pensado nisso vezes sem conta, enquanto jazia em sua cama estreita, sentindo um novo e quase incrível excitação assaltá-la), dentro do carro.

Não naquele carro.

Porque a parte mais alucinante de tudo havia sido sentir que Christine os *espiava*. Sentir que talvez tivesse ciúmes deles, que os desaprovava, até mesmo odiava. Porque havia ocasiões (como agora, quando Arnie dirigia o

Plymouth tão suave e delicadamente através das camadas de neve que se iam formando) em que ela sentia estarem os dois — Arnie e Christine — abraçados, envolvidos em perturbadora paródia do ato amoroso. Porque Leigh não se sentia *andando* em Christine; ao entrar no carro para ir com Arnie a algum lugar, sentia-se *engolida por* Christine. E o ato de beijá-lo, de fazer amor com ele, parecia uma perversão, pior que o *voyeurismo* ou exibicionismo — era como fazer amor dentro do corpo de sua rival.

E a parte realmente louca daquilo era que odiava Christine.

Odiava-a e a temia. Leigh passara a ter uma vaga irritação contra caminhar diante da nova grade do radiador ou muito perto do porta-mala. Surgiam-lhe vagos pensamentos do freio de emergência falhando ou da mudança passando bruscamente de parado para ponto morto, por algum motivo. Jamais nutrira pensamentos semelhantes em relação ao sedã da família.

O mais importante, contudo, era não querer fazer nada no carro... ou mesmo ir nele a algum lugar, se pudesse evitá-lo. De algum modo, Arnie ficava diferente quando dentro do carro, transformava-se em uma pessoa que ela não conhecia mais. Adorava o contato das mãos dele em seu corpo — seus seios e coxas (ainda não permitira que ele tocasse o seu centro, mas desejava as mãos de Arnie lá; achava que, se ele a tocasse lá, ela certamente se diluiria). O contato dele sempre lhe provocava um sabor de excitação na boca, a sensação de que cada sentido estava vivo e deliciosamente sincronizado. No carro, entretanto, tais sensações pareciam embotadas... talvez porque, no carro, Arnie fosse menos honestamente apaixonado e, de certo modo, mais lúbrico.

Leigh tornou a abrir a boca quando dobraram para a sua rua, querendo explicar um pouco daquilo mas, novamente, nada conseguia dizer. Por que falar? Nada havia realmente para explicar — era tudo muito vago. Vapores nebulosos. Bem... havia uma coisa — mas isto não poderia contar a ele, porque o magoaria demais. E Leigh não queira feri-lo, pois achava que

estava começando a amá-lo.

Contudo, a coisa existia. Estava lá.

O cheiro — um cheiro forte e pútrido, camuflado sob o aroma dos estofamentos novos e do fluido de limpeza que ele usara nos tapetes do piso. Estava lá, fraco, mas terrivelmente desagradável. Quase nauseante.

Como se, alguma vez, qualquer coisa houvesse rastejado para dentro do carro e tivesse morrido lá.

Ele lhe deu um beijo de boa-noite à porta de casa, a neve cintilando prateada no cone de luz amarela, despejada pela lâmpada da entrada de carros, aos pés dos degraus da varanda. A claridade reluzia como jóias, no louro-escuro de seus cabelos.

Arnie gostaria de tê-la beijado realmente, mas o fato de os pais dela poderem estar espiando da sala de estar — deviam estar lá, sem dúvida, o forçou a beijá-la quase formalmente, como se beijaria uma prima querida.

— Sinto muito — disse ela. — Agi como uma tola.

— Não — respondeu Arnie, obviamente querendo dizer sim.

— Foi apenas porque — sua mente forneceu algo que era um curioso híbrido de verdade e mentira — não me pareceu correto no carro. Em *nenhum* carro. Quero ficar com você, mas não estacionados no escuro, no fim de uma rua sem saída. Você compreende?

— Claro — disse ele. — Compreendo perfeitamente o que quer dizer.

Lá em cima, na terraplenagem, dentro do carro, ficara um pouco aborrecido com ela... para ser franco, ficara bem irritado. Agora, no entanto, junto à porta de sua casa, achou que podia compreender — e admirou-se por não querer negar-lhe nada ou contrariar-lhe a vontade de modo algum.

Ela o afagou, passou os braços por seu pescoço. O casaco continuava aberto e Arnie pôde sentir o toque macio e enlouquecido de seus seios.

— Amo você — disse Leigh, pela primeira vez.

Então, deslizou para dentro de casa, deixando-o de pé momentaneamente na entrada, agradavelmente surpreso e muito mais acalorado do que deveria estar, naquela pulsante e tamborilante neve de fins do outono.

A idéia de que os Cabot poderiam achar peculiar que ele permanecesse parado à sua porta por muito mais tempo, sob a neve, finalmente abriu caminho em seu cérebro entorpecido. Arnie deu meia-volta e começou a caminhar pela entrada de carros, entre o pulsar e o tamborilar da neve, estalando os dedos e sorrindo. Estava agora rodando na montanha-russa, fazendo a melhor parte do trajeto, a que só deixam a gente fazer uma vez.

Perto do ponto em que a alameda de concreto se unia à calçada, ele parou, o sorriso desaparecendo do rosto. Christine ficara junto ao meio-fio com pequenos flocos de neve desfeitos misturados ao chuvisco, perolando seu vidro, maculando as luzes vermelhas de lembrete do painel interno. De passagem, ele se perguntou qual seria a fonte daquela particular expressão — *luzes de lembrete*; uma expressão desagradável. Seus pensamentos foram então cortados pela cogitação mais importante: deixara Christine com o motor ligado e ele havia parado. Era a segunda vez que acontecia.

— Fiação molhada — murmurou para si mesmo. — Tem que ser isso.

Não podiam ser as velas, colocara todo um novo conjunto na garagem de Will, apenas dois dias antes. Oito novas Champions e...

Com qual de nós você fica mais tempo? Comigo... ou com ela?

O sorriso retornou, mas agora era inquieto. Bem, ele ficava mais tempo às voltas com carros *em geral* — claro. Isto, porque trabalhava para Will. Não obstante, era ridículo imaginar que...

Você mentiu para ela. Não foi?

Não, respondeu para si mesmo, nervoso. Acho que, na realidade, não se

poderia dizer que menti para ela...

Não mesmo? Então, que nome dá a isso?

Pela primeira e única vez, desde que levava Leigh ao jogo de futebol em Hidden Hill, ele lhe pregara uma grande mentira. Porque a verdade é que ficava mais tempo com Christine e odiava tê-la estacionada naquela área de longa estadia do pátio de estacionamento do aeroporto, exposta ao vento e à chuva, dentro em pouco também à neve...

Mentira para Leigh.

Ele ficava mais tempo com Christine.

E isso era...

Era...

— Errado — resmungou, e a palavra quase se perdeu entre o pegajoso e misterioso som da neve caindo.

Arnie ficou parado na calçada, contemplando o carro cujo motor silenciara, um viajante do tempo, maravilhosamente ressuscitado da era de Buddy Holly, de Khrushchev e de Laika, a cadela espacial. E odiou-o de repente. Não estava bem certo do que, mas ele lhe tinha feito algo. Alguma coisa.

As luzes de lembrete, deformadas para olhos vermelhos em forma de bolas de futebol, pela umidade na vidraça, pareciam zombar dele e censurá-lo ao mesmo tempo.

Arnie abriu a porta do lado do motorista, deslizou para o volante e tornou a fechá-la. Cerrou os olhos. A paz fluiu por ele e as coisas pareciam acudir juntas à mente. Sim, mentira para ela, mas fora uma pequena mentira. Uma mentirinha insignificante. Não — uma mentira *absolutamente* sem importância.

Estirou a mão, sem abrir os olhos, e tocou o retângulo de couro ao qual as chaves estavam presas — velho e surrado, com as iniciais R.D.L. gravadas

a fogo. Arnie não sentira necessidade de um novo porta-chaves ou de um pedaço de couro com suas próprias iniciais.

Entretanto, havia algo peculiar sobre a etiqueta de couro que reunia as chaves, não havia? Sim, havia. Algo bastante peculiar.

Quando contara o dinheiro sobre a mesa da cozinha de LeBay e ele lhe jogara as chaves através da toalha de oleado em xadrez vermelho e branco, o retângulo de couro estava puído, deteriorado e encardido pela idade, as iniciais quase apagadas pelo tempo e pela constante fricção contra as moedas no bolso do velho e o próprio tecido do bolso.

Agora, as iniciais sobressaíam no couro, vivas e nítidas novamente. Tinham sido renovadas.

Como a mentira, no entanto, aquilo não tinha qualquer importância. Sentado no interior da concha metálica da carroceria de Christine, ele concluiu decisivamente que aquela era a verdade.

Ele soube. Sem a menor importância, tudo aquilo.

Girou a chave. O *starter gemeu* mas, durante bastante tempo, o motor não pegou. Fiação molhada. Claro que tinha de ser aquilo.

— Por favor — sussurrou. — Está tudo bem, não se preocupe, tudo está como antes.

O motor pegou e falhou. O *starter* ficou uivando sem parar. A neve derretida pela chuva se colava fria sobre o vidro. Era seguro ali dentro, seco e aquecido. Se o motor pegasse...

— Vamos — sussurrou Arnie. — Vamos, Christine. Vamos, meu bem.

O motor pegou novamente, com firmeza agora. As luzes de lembrete piscaram e apagaram. A luz DIN tornou a pulsar fracamente enquanto o motor se esforçava para pegar, apagando-se depois de vez, quando as pulsações da máquina se uniformizaram para um firme ronronar.

O aquecedor expeliu ar quente, suavemente, em torno de suas pernas,

negando a gelidez do exterior.

Ele tinha a impressão de que Leigh não podia entender certas coisas, jamais as entenderia. Porque não estivera por ali antes. As espinhas. Os gritos de "Ei, Cara de Pizza!". O querer falar, querer chegar às outras pessoas e ser incapaz disso. A impotência. Parecia-lhe que ela não podia compreender o simples fato de que, não fosse Christine, ele jamais teria coragem de telefonar-lhe, mesmo que Leigh perambulasse com QUERO SAIR COM ARNIE CUNNINGHAM tatuado na testa. Ela não podia compreender que, às vezes, ele se sentia com trinta anos a mais do que sua idade. Não, cinqüenta anos a mais! Não um adolescente, em absoluto, mas algum veterano terrivelmente vencido, retornando de uma guerra não-declarada.

Arnie acariciou o volante. Os verdes olhos-de-gato dos indicadores, no painel de instrumentos, cintilaram confortavelmente para ele.

– Tudo certo – disse ele.

Quase suspirou. Puxou a mudança para o D maiúsculo e ligou o rádio. Dee Dee Sharp cantando "*Mashed Potato Time*" – tolice mística nas ondas radiofônicas, brotando do escuro.

Partiu, planejando encaminhar-se para o aeroporto, onde estacionaria o carro e pegaria o ônibus que o traria de volta à cidade. Foi o que fez, mas não em tempo de pegar o ônibus das 23 horas, como pretendia. Em vez disso, apanhou o da meia-noite e, só quando já estava na cama, recordando os beijos cálidos de Leigh, em vez de pensar na falha do motor de Christine, ocorreu-lhe que naquela noite, após deixar a casa dos Cabot e antes de chegar ao aeroporto, perdera uma hora. Era algo tão óbvio, que ele se sentiu como o homem que, após revirar a casa de alto a baixo, procurando uma peça vital de correspondência, acaba descobrindo que, o tempo todo, a tinha na outra mão. Óbvio... e um tanto assustador.

Onde estivera?

Tinha uma vaga noção de afastar-se do meio-fio, em frente à casa de Leigh, e então apenas...

... apenas rodar.

Exatamente. Rodar. Era tudo. Nada de importante.

Rodando por sobre a neve que se espessava, rodando por ruas vazias e amortalhadas de branco, rodando sem pneus de neve (mas ainda assim, por incrível que fosse, Christine rodava com segurança, parecia descobrir a maneira mais segura de ir em frente, como que por magia, avançando com tal firmeza que dava a impressão de trafegar sobre trilhos), rodando com o rádio ligado, ouvindo uma corrente constante de músicas antigas, consistindo apenas em nomes de garotas: "Peggy Sue", "Carol", "Barbara-Ann", "Susie Querida".

Arnie tinha a vaga idéia de que, a certa altura, ficara um tanto amedrontado e apertara um dos botões cromados do transformador que instalara, mas em vez de FM-104 e do *Block Party Weekend*, voltou a captar a estação WDIL, só que agora o *disc-jockey* tinha uma absurda semelhança com Allan Fred, e a voz que se seguiu era a de Screamin' Jay Hawkins, rouca e cantando: "*Lancei um feitiço em você... porque você é miiiiinha...*".

Por fim, lá estava o aeroporto, com suas luzes do mau tempo pulsando seqüencialmente, como uma batida cardíaca visível. O que quer que o rádio tocava, tornara-se inaudível numa confusão de estática, e ele o desligou. Ao sair do carro, experimentou uma suada espécie de incompreensível alívio.

Agora ele jazia na cama, querendo dormir, mas incapaz de conciliar o sono. O granizo engrossara, acumulando-se em pesadas camadas de neve.

Aquilo não estava certo.

Algo havia sido iniciado e algo estava em andamento. Ele nem ao menos podia mentir para si mesmo e dizer que nada sabia a respeito. O carro — Christine — recebera elogios de várias pessoas, todas dizendo como havia sido espetacularmente restaurado. Arnie fora nele para a escola e os colegas

de Mecânica de Motores se comprimiram em torno, espiaram debaixo do automóvel em deslizadores de rodas, querendo ver os novos canos de escapamento, os novos amortecedores, a lanternagem. Mergulharam até a cintura no compartimento do motor, verificando as correias e o radiador (que se apresentava miraculosamente livre da corrosão e da massa esverdeada, resíduo de anos de anticongelante), examinando o dínamo e os ajustados, cintilantes pistons encaixados em seus cilindros. Até o filtro de ar era novo, com o número 318 pintado através do topo, inclinado para trás para indicar velocidade.

Sim, ele se tornara uma espécie de herói para os colegas da aula de motores, recebendo todos os comentários e cumprimentos apenas com um sorriso de protesto. Contudo, mesmo então, não estivera ali a confusão, em algum lugar bem no fundo? Claro!

Porque ele não conseguia recordar o que tinha ou não feito de reparos em Christine.

O tempo gasto trabalhando nela na Darnell's, agora não passava de um borrão, como havia sido sua corrida para o aeroporto horas antes, naquela noite. Podia recordar que começara a lanternagem na traseira enferrujada do carro, mas não se lembrava de havê-la terminado. Recordava-se pintando o capô — cobrindo o pára-brisa e pára-lamas com adesivo protetor e preparando o emassado branco, no galpão de pintura dos fundos —, mas era impossível lembrar quando trocara as molas. Nem ao menos onde as conseguira. A única certeza, era a de que permanecera atrás do volante por longos períodos, transbordando de felicidade... sentindo o mesmo êxtase de quando Leigh sussurrara: "Amo você", antes de desaparecer dentro de casa. Sentado lá, depois que a maioria dos sujeitos que consertavam seus carros na Darnell's havia ido jantar em casa. Sentado lá, e às vezes ligando o rádio, a fim de ouvir as melodias antigas da WDIL.

O pior, talvez tivesse sido o caso do pára-brisa.

Tinha certeza absoluta de que não comprara um pára-brisa novo para

Christine. Se tivesse comprado um daqueles novos tipos panorâmicos, sua conta bancária estaria muito mais desfalcada. E, evidentemente, haveria um recibo. Já o procurara no fichário de mesa, marcado CARRO-CONTAS, que mantinha em seu quarto. Nada encontrara, contudo. De fato, ele o procurara com certa ansiedade.

Dennis tinha dito algo — que o emaranhado das rachaduras parecia menor, menos sério. Então, naquele dia em Hidden Hills, simplesmente... desaparecera! O pára-brisa se mostrava cristalino, imaculado.

E quando é que isso acontecera? Como acontecera?

Ele não sabia.

Adormeceu finalmente e teve sonhos desagradáveis, torcendo as cobertas em uma bola, quando o vento empurrou as nuvens para longe e as estrelas outonais brilharam friamente para a terra.

VISÃO À NOITE

Vou levá-la a passear em meu carro-carro,

Vou levá-la a passear em meu carro-carro.

Vou levá-la a passear,

Vou levá-la a passear,

Vou levá-la a passear em meu carro-carro.

— Woody Guthrie

Havia sido um sonho — até quase o próprio final, estava certa de que havia sido um sonho.

No sonho, ela despertava de um sonho com Arnie. Estivera fazendo amor com ele, não no carro, mas em um aposento azul muito frio, sem outro mobiliário além de um fofo tapete azul-escuro e almofadas espalhadas, cobertas de cetim azul-claro... e despertava deste sonho em seu quarto, nas primeiras horas da madrugada de domingo.

Podia ouvir um carro lá fora. Chegou à janela e olhou para baixo.

Christine estava junto ao meio-fio. Tinha o motor ligado — Leigh podia ver os tufos de fumaça escapando dos canos de descarga — mas não havia ninguém em seu interior. No sonho, ela pensava que Arnie pudesse estar à porta de sua casa, embora ainda não tivesse batido. Tinha que descer até lá, e depressa. Seu pai ficaria furioso, se acordasse e encontrasse Arnie ali a tal hora da madrugada.

Leigh, contudo, não se moveu. Olhava para o carro e pensava no quanto o odiava — e o temia.

E o carro também a odiava.

Rivals, pensou, e o pensamento — naquele sonho — não era de ciúme feroz e intenso, antes desesperado e temeroso. Lá estava o carro diante do meio-fio, lá estava ele — ela estava — parada à frente de sua casa, na

trincheira escura da madrugada, esperando-a. Esperando por Leigh. *Venha cá para baixo, meu bem. Venha! Rodaremos por aí e conversaremos sobre quem precisa mais dele, quem se preocupa mais com ele e quem será melhor para ele, a longo prazo. Venha.. Não está com medo, está?*

Leigh estava aterrorizada.

Não é justo, ela é mais velha, conhece os truques, saberá como engambelá-lo...

— Vá embora! — sussurrou Leigh, ardentemente, no sonho.

Bateu de leve na vidraça com os nós dos dedos. O vidro era frio ao seu toque, podia ver as pequeninas marcas em forma de crescente deixadas pelos nós dos dedos na superfície embaciada. Era espantoso como certos sonhos podem ser tão reais.

No entanto, *tinha* que ser um sonho. Tinha que ser, porque o carro a ouvira. As palavras mal haviam saído de sua boca, e os limpadores de pára-brisa começaram a mover-se repentinamente, espalhando a neve molhada aderida ao vidro. Então, ele — ela — se afastou maciamente do meio-fio e seguiu rua abaixo.

Sem ninguém na direção.

Leigh tinha certeza disso... toda a certeza que se pode ter sobre alguma coisa, em um sonho. A janela do passageiro estava polvilhada de neve, mas não ficara opaca com isso. Leigh pudera ver o interior e não havia ninguém ao volante. Portanto, é claro, tinha que ser um sonho.

Voltou para a cama (para a qual jamais levara um amante; como Arnie, nunca tivera um amante) pensando em um Natal de há muito tempo — de uns doze, talvez mesmo quatorze anos atrás. Ela não devia ter mais de quatro anos naquela época. Tinha ido com a mãe a uma das grandes lojas de departamentos de Boston, talvez a Filene's...

Pousou a cabeça no travesseiro e adormeceu (no sonho) de olhos abertos, contemplando a ligeira fimbria das primeiras luzes do alvorecer na janela e então — nos sonhos tudo pode acontecer — viu o departamento de

brinquedos da Filene's, no outro lado da janela: ouropéis, brilhos, luzes.

Procuravam um brinquedo para Bruce, único sobrinho de seus pais. Em alguma parte, um Papai Noel da loja de departamentos clamava em um sistema de alto-falantes e o som amplificado não era apenas jovial, mas de certo modo terrível, como o riso de um maníaco que surgisse dentro da noite, empunhando um facão de açougueiro, em vez de presentes.

Leigh estendera a mão para um dos brinquedos em exibição e, apontando, tinha dito para sua mãe que queria ganhar *aquilo* de Papai Noel.

Não, meu bem. Papai Noel não pode lhe dar isso. É um brinquedo para meninos.

Mas eu quero!

Papai Noel lhe trará uma linda boneca, talvez até uma Barbie...

É este aqui que eu quero!

Só meninos é que pedem um brinquedo assim, Lee-Lee querida. Só os meninos. Meninas boazinhas gostam mais de lindas bonecas...

Eu não quero uma BONECA! Não quero uma BARBIE! É... AQUILO... que eu quero!

Se vai começar a fazer malcriação, Leigh, levo você já, já para casa. Estou falando sério, levo agora mesmo!

Ela se conformara, então, e o Natal lhe trouxera não apenas a Barbie Malibu, mas também o Ken Malibu. Leigh gostara de seus presentes (esperava-se que gostasse), mas não esquecera o carro de corridas vermelho, correndo sem ser puxado, naquela superfície de verdes montanhas pintadas, ao longo de uma estrada tão perfeita que havia até mesmo pequenas muretas de metal — uma estrada, cuja ilusão essencial era desfeita apenas pela inevitável circularidade. Oh, mas como aquele carro corria depressa — e seu vermelho cintilante seria mágico para seus olhos e sua mente? Sem dúvida. Também era mágica, a ilusão essencial do carro. Uma ilusão exercendo tanta atração que a conquistara por completo. A

ilusão, naturalmente, de que o carro dirigia a si mesmo. Em realidade, Leigh sabia que um empregado da loja o controlava, de uma cabina à direita, apertando botões em um dispositivo quadrado de controle remoto. Sua mãe lhe explicara isso e assim devia ser, mas seus olhos negavam o que ouvia.

Também seu coração negava.

Ficara fascinada, as mãozinhas enluvadas sobre o gradil da área de exibição, espiando o carro que corria e corria, movendo-se depressa, rodando por si mesmo, até que a mãe a puxou dali suavemente.

E, acima de tudo aquilo, parecendo fazer vibrar o próprio fio de ouropéis pendurados junto ao teto, a risada sinistra do Papai Noel da loja de departamentos.

Leigh dormiu mais profundamente. Sonhos e lembranças esmaeceram-se lentamente e, lá fora, a luz do dia rastejava como leite frio, iluminando uma rua vazia e silenciosa em sua manhã de domingo. A primeira nevada do outono estava imaculada, exceto pela marca de pneus, no meio-fio diante da residência dos Cabot. Marca que depois se alongava suavemente, em direção à esquina, no final daquele quarteirão suburbano.

Ela só se levantou quase às dez horas (sua mãe, que não acreditava em dorminhocos, finalmente a chamara para descer e tomar seu café, antes do almoço) e, a esta altura, o dia já esquentara, chegando a quase 16 graus — na parte oeste da Pensilvânia, o começo de novembro é mais ou menos tão caprichoso como o começo de abril. Assim, às dez da manhã, a neve já se derreteria. E as marcas haviam desaparecido.

BUDDY VISITA O AEROPORTO

Nós fazemos com que se caíam e então os liquidamos.

— Bruce Springsteen

Uma noite, cerca de dez dias depois, quando perus de cartolina e cornucópias de papel começavam a aparecer nas janelas das escolas primárias, um Camaro azul, de traseira tão levantada que o nariz quase parecia roçar o chão, deslizou pela ala do estacionamento de longo prazo do aeroporto.

Sandy Galton debruçou-se nervosamente pela abertura de sua cabine de vidro. No assento do Ford, ao lado do motorista, o rosto sorridente e feliz de Buddy Repperton se ergueu para ele. Buddy tinha as faces cobertas pela barba rala de uma semana e seus olhos exibiam um brilho maníaco, mais devido à cocaína do que à alegria no Dia de Ação de Graças — ele e os rapazes tinham conseguido bom provimento aquela noite. Em tudo e por tudo, Buddy assemelhava-se bastante a um depravado Clint Eastwood.

— Como é que vão as coisas, Sandy? — perguntou Buddy.

Seu cumprimento foi devidamente acompanhado por risadas no Camaro. Don Vandenberg, "Penetra" Welch e Richie Trelawney estavam com Buddy e, com a coca e as seis garrafas de Texas Driver que Buddy arranjava para a ocasião, sentiam-se eufóricos e na mais perfeita forma. Estavam chegando para um pequeno trabalhinho sujo, no Plymouth de Arnie Cunningham.

— Escutem aqui, caras, se vocês forem apanhados, eu perco o meu emprego — disse Sandy, nervosamente.

Era o único sóbrio e lamentava ter mencionado que Cunningham estacionava seu calhambeque ali. Felizmente, ainda não lhe ocorrera o pensamento de que também podia ir parar na cadeia.

— Se você ou qualquer membro de sua fodida Missão Impossível

forem apanhados, o chefe negará qualquer envolvimento no negócio — declarou "Penetra", no banco traseiro.

Houve um coro de risos. Sandy olhou em torno, à procura de outros carros — testemunhas —, porém faltava mais de hora para a chegada de aviões e o pátio de estacionamento estava tão deserto como as montanhas da lua. O tempo esfriava muito. Um vento cortante como lâmina de barbear gemia pelas pistas do campo, uivando miseravelmente por entre as fileiras de carros vazios. Acima dele e à esquerda, o cartaz com a sigla "Apco" batia furiosa e incessantemente de um lado para outro.

— Riam à vontade, debilóides — disse Sandy. — A verdade é que nunca vi vocês por aqui. Se forem apanhados, vou dizer que estava cochilando.

— Nossa, que gracinha! — exclamou Buddy. Pareceu triste. — Nunca pensei que fosse tão cão, Sandy. Honestamente.

— Au! Au! — latiu Richie, e houve novo coro de risos. — Role de costas e finja-se de morto para o papai, Sandy!

Sandy enrubesceu.

— Não estou me importando — disse —, mas tomem cuidado.

— Tomaremos, cara — disse Buddy, sinceramente. Havia reservado uma sétima garrafa de Texas Driver e uma dose caprichada de coca. Estendeu as duas coisas para Sandy: — Tome aí. Divirta-se.

Sandy sorriu a contragosto.

— Está legal — disse, acrescentando, apenas para dar a entender que não era do contra: — Façam um bom trabalho.

O sorriso de Buddy endureceu-se, ficou metálico. A luz desapareceu de seus olhos e eles ficaram opacos, mortiços e aterradores.

— Oh, nós faremos — disse. — Se faremos!

O Camaro embicou para o pátio de estacionamento. Por um momento,

Sandy pôde apreciar sua avançada, guiando-se pela luz dos faróis traseiros, mas depois Buddy os apagou. O som do motor, gorgolejando através de dois escapamentos, foi trazido momentaneamente pelo vento, mas depois até isso cessou também.

Sandy ajeitou a coca sobre o balcão, junto de sua TV portátil, e a aspirou através de uma nota enrolada de um dólar. Em seguida, passou para o Texas Driver. Sabia que se o apanhassem embriagado no trabalho teriam motivo para demiti-lo, mas não se incomodou muito. Embebedar-se era muito melhor do que ficar sobressaltado e sempre olhando em torno, para descobrir um dos dois carros cinzentos da Segurança do Aeroporto.

O vento soprava a seu favor e ele pôde ouvir — ouvir demais.

Vidros quebrados se estilhaçando, risos sufocados, uma ruidosa pancada metálica.

Mais vidros quebrados.

Uma pausa.

Vozes baixas chegando até ele, trazidas pelo vento. Não conseguiu distinguir palavras individuais, estavam distorcidas.

De repente, uma perfeita fuzilaria de baques. Sandy pestanejou ao ouvir o ruído. Mais barulho de vidros quebrados na escuridão e um tilintar de metal caindo no piso — cromados ou alguma coisa assim, supôs ele. Desejou que Buddy houvesse trazido mais coca. A coca era uma coisa que dava alegria e, tinha certeza, naquele momento estava bem precisado disso, porque tudo indicava que algo bastante feio estava acontecendo, no extremo mais distante do pátio de estacionamento.

Então, uma voz mais alta, urgente e ordenando, sem dúvida a de Buddy:

— Agora aqui!

Um protesto abafado. Novamente Buddy:

— Não liguem para isso! No painel de instrumentos, estou mandando! Outro murmúrio.

— Estou pouco me lixando! — era a voz de Buddy de novo. Por algum motivo, aquilo provocou um coro de risadas.

Agora suando, a despeito do frio cortante, Sandy fechou repentinamente a vidraça de sua janela e ligou a TV. Bebeu um grande gole, careteando ante o sabor forte da mistura de uísque e vinho barato. Sandy não ligava para o sabor porque Texas Driver era o que todos eles bebiam quando não havia cerveja. O que podia fazer? Imaginar-se melhor do que eles? Aquilo o deixaria frito, cedo ou tarde. Buddy detestava medrosos.

Bebeu e começou a sentir-se um pouco melhor — pelo menos, ligeiramente bêbado. Quando um carro da Segurança do Aeroporto *passou*, ele nem mesmo se encolheu. O tira ergueu a mão para ele. Sandy retribuiu, com a maior naturalidade possível.

Uns quinze minutos depois que o carro foi para os fundos do pátio, o Camaro azul reapareceu, agora na alameda de saída. Buddy se sentava tranqüilo e relaxado atrás do volante, tendo uma garrafa de Driver acomodada junto às virilhas, com apenas um quarto de bebida. Sorria e, inquieto, Sandy reparou como tinha os olhos estranhos, injetados de sangue. Aquilo não era ocasionado apenas pelo vinho, como tampouco não era somente da coca. Ninguém devia fazer pouco de Buddy. Era o que Cunningham descobriria, sem grande demora.

— Tudo acertado, meu chapa — disse Buddy.

— Ótimo — disse Sandy, forçando um sorriso.

Sentia-se um tanto indisposto. Não tinha maiores amizades por Cunningham e nem era uma pessoa particularmente imaginativa, mas podia imaginar perfeitamente como se sentiria Arnie, quando visse o que acontecera a todo o seu cuidadoso trabalho de restauração naquele Plymouth vermelho e branco. De qualquer modo, aquilo era da conta de

Buddy, não sua.

— Ótimo — repetiu.

— Segure-se nas cuecas, cara — disse Richie e riu.

— Claro — respondeu Sandy.

Era bom eles estarem indo embora. Depois daquilo, talvez não ficasse mais tanto tempo rondando o posto de gasolina Happy Gas, de Vandenberg. Depois daquilo, o mais provável é que nem quisesse ir lá. Aquele negócio era merda fedorenta. Um negócio pesado demais, certamente. Talvez até fosse preferível faltar umas duas noites ao curso noturno. Possivelmente acabaria tendo que abandonar aquele serviço, mas isso não chegava a ser tão ruim — afinal, era um trabalho infernalmente monótono.

Buddy ainda olhava para ele, com aquele seu sorriso cruel e drogado. Sandy tomou um longo gole de Texas Driver. Quase se engasgou. Por um momento, pensou em cuspi-lo no rosto erguido de Buddy, e sua inquietação beirou o terror.

— Se os tiras derem com a coisa — disse Buddy —, você não sabe de nada, não viu nada, sacou? Como você falou, estava tirando uma soneca, por volta de nove e meia.

— Certo, Buddy.

— Todos usamos luvas. Não deixamos nenhuma impressão digital.

— Certo.

— Fique calmo, Sandy — disse Buddy suavemente.

— Está legal.

O Camaro começou a rodar novamente. Sandy levantou a barreira, usando o botão manual. O carro avançou para a via de saída do aeroporto, a uma velocidade moderada.

Alguém latiu "Au! Au!" e o som chegou até Sandy, trazido pelo vento.

Perturbado, ele se acomodou para assistir televisão.

Pouco antes do fluxo de viajantes que chegavam no horário de dez e quarenta, vindos de Cleveland, ele despejou o resto do Driver pela janela, no chão fora da cabine. Não o queria mais.

CHRISTINE SACRIFICADA

Transfusão, transfusão,

Oh, nunca-nunca-nunca mais vou rodar em alta velocidade,

Passe o sangue para mim, chapa.

– "Nervous" Norvus

Depois das aulas do dia seguinte, Arnie e Leigh foram juntos ao aeroporto, pegar Christine. Planejavam uma ida a Pittsburgh para as primeiras compras de Natal e ansiavam fazê-las juntos – de certo modo, isso parecia incrivelmente adulto.

Arnie estava com excelente disposição de ânimo no ônibus, fazendo pequenos comentários fantasiosos sobre seus companheiros de viagem. Isto provocava o riso de Leigh, embora ela estivesse menstruada, um período que geralmente a deixava deprimida e que quase sempre era doloroso. A senhora gorda, calçando sapatos de homem, era uma freira degenerada, dizia ele. O cara com chapéu de vaqueiro era um punquista. E assim por diante. Era espantosa a maneira como ele saía da concha... a maneira como havia *desabrochado*. Na verdade, esta era a única palavra para aquilo. Ela sentia a agradável e incrível satisfação de um garimpeiro que suspeitara da presença de ouro através de certos indícios – e acertara em suas suposições. Leigh o amava e estava certa em amá-lo.

Saíram juntos do ônibus no ponto final e, de mãos dadas, caminharam pela estrada de acesso ao pátio de estacionamento.

– Nada mau – disse Leigh. Era a primeira vez que vinha apanhar Christine com ele. Vinte e cinco minutos, da escola até aqui.

– Certo, nada mau – concordou ele. – Assim, é mantida a paz na família, o que realmente importa. Posso garantir, naquela noite em que mamãe chegou em casa e viu Christine na entrada para carros, ficou completamente fora de si.

Leigh riu e o vento jogou seu cabelo para trás. A temperatura ficara mais moderada, após a friagem da noite anterior, mas ainda assim era fria. Ela estava contente. Sem uma certa friagem no ar, não parecia haver ambiente para compras natalinas. Ainda pior: as decorações em Pittsburgh estariam incompletas. De qualquer modo, isso não era ruim, mas bom. E, de repente, ela ficou feliz com tudo, em especial por estar viva. E amando.

Leigh havia refletido nisso, na maneira como o amava. Já tivera "paixonites" antes e, certa vez, em Massachusetts, imaginara-se verdadeiramente apaixonada, mas agora, com Arnie, não havia dúvidas. Ele a perturbava algumas vezes — aquele interesse pelo carro parecia quase obsessivo —, mas até mesmo uma inquietação ocasional que ela experimentava tinha certo papel em seus sentimentos, que eram mais intensos do que tudo quanto já conhecera antes. Evidentemente, admitia para si mesma que parte disso era egoísmo — em apenas semanas, começara a estruturá-lo... *a completá-lo*.

Cortaram atalhos por entre os carros, encaminhando-se para a zona do estacionamento mensal. Acima deles, um jato evoluía em sua aproximação final, o trovejar dos motores despejando-se em grandes ondas agudas de som. Arnie dizia algo, mas o barulho do avião sufocou sua voz, logo após as palavras iniciais — qualquer coisa sobre o ajantarado do Dia de Ação de Graças — e Leigh se virou para fitá-lo, secretamente divertida por sua boca que continuava a mover-se, silenciosamente.

Então, de súbito, a boca de Arnie parou de mover-se. Ele também parou de caminhar. Os olhos se dilataram... e pareceram explodir. A boca começou a *torcer-se* e a mão que segurava a dela de repente se contraiu impiedosamente, esmagando-lhe dolorosamente os ossos dos dedos.

— Arnie...

O ruído do jato diminuía, mas ele parecia não a ter ouvido. Os punhos se crispavam com mais força. A boca se fechara e agora formava uma horrenda careta de surpresa e terror. Leigh pensou: *Ele está tendo um ataque*

do coração... um infarto... alguma coisa!

— O que há de errado, Arnie? — gritou ela. E ele:

— Ooowwwhowww, como dói!

Por um insuportável momento, a pressão na mão que, até bem pouco, ele segurara tão de leve e tão carinhosamente, intensificou-se de tal maneira que os ossos poderiam estilhaçar-se e quebrar-se. A cor do rosto dele desaparecera e sua pele adquirira a cor acinzentada de uma lousa sepulcral.

Ele emitiu apenas uma palavra — "Christine!" — e, de repente, soltou a mão de Leigh. Correu para diante, batendo com a perna no pára-choque de um Cadillac, desequilibrando-se, quase caindo, equilibrando-se e recomeçando a correr.

Por fim, Leigh percebeu que era algo relacionado ao carro — o carro, o carro, sempre o maldito carro — e em seu peito surgiu uma fúria amarga, total e desesperada. Pela primeira vez, perguntou-se se seria possível amá-lo, se Arnie o permitiria.

Sua fúria terminou no instante em que olhou realmente... e viu.

Arnie correu para o que restava de seu carro, com os braços e as mãos para cima, parando tão de repente diante do Plymouth que o gesto pareceu uma aterrorizada forma de defesa: a clássica pose cinematográfica da vítima ao ser atropelada, um instante antes da colisão fatal.

Ele ficou assim por um momento, como se fosse parar o carro ou o mundo inteiro. Então baixou os braços. Seu pomo-de-adão subiu e desceu duas vezes, dando a impressão de que parecia forçar-se a engolir algo — um gemido ou um grito — para em seguida a garganta se endurecer, cada músculo salientando-se, cada veia ressaltada, os tendões surgindo em perfeito relevo. Era a garganta de um homem tentando erguer um piano.

Leigh caminhou lentamente para ele. Sua mão ainda latejava, no dia seguinte estaria inchada e praticamente inútil, mas no momento ela a esquecera. Seu coração estendeu-se até ele e pareceu encontrá-lo. Leigh

experimentou e partilhou a angústia que ele sentia — ou foi o que lhe pareceu ter feito. Só mais tarde compreendeu o quanto Arnie a relegara aquele dia, quanto sofrimento ele decidira ter para si apenas, e quanto de seu ódio conseguiu ocultar.

— Quem foi que fez isto. Arnie? — exclamou, em voz sentida e sofrendo com ele.

Não, ela detestava aquele carro, mas ao vê-lo reduzido àquilo compreendeu perfeitamente o que Arnie devia estar sentido e não odiou mais o Plymouth — ou, pelo menos, assim julgou no momento.

Arnie não respondeu. Ficou olhando para Christine, com os olhos ardentes, a cabeça ligeiramente abaixada.

O pára-brisa havia sido estilhaçado em dois lugares; punhados do vidro fragmentado polvilhavam o estofamento dilacerado, como falsos diamantes. Metade do pára-choque dianteiro tinha sido arrancada e agora pendia para o pavimento, perto de um emaranhado de fios negros, como tentáculos de polvo.

Três das quatro janelas laterais também tinham sido quebradas. Havia furado a lataria em ambos os lados do carro, na altura da cintura, formando linhas zigzagueantes. Como se tivessem usado algum instrumento pesado e perfurante — como a extremidade aguda de uma alavanca para pneus. A porta do lado do passageiro estava escancarada e Leigh viu que todos os vidros do painel de instrumentos haviam sido quebrados. Tufos e rolos do recheio dos assentos espalhavam-se por toda parte. A agulha do velocímetro jazia no piso, sobre o tapete, abaixo do volante.

Arnie caminhou vagorosamente em torno do carro, observando tudo aquilo. Leigh falou com ele duas vezes, mas não houve resposta. Agora, a cor plúmbea do rosto dele era interrompida por duas confusas e ardentes manchas vermelhas nas faces. Arnie recolheu do chão a forma tentacular que ali jazera, e Leigh percebeu que era o bujão do distribuidor — seu pai lhe

explicara isso certa vez, quando estivera mexendo em seu carro.

Arnie o contemplou por um instante, como quem examinaria algum exótico espécime zoológico, para em seguida atirá-lo ao chão. O vidro quebrado rangia sob os sapatos dos dois. Leigh tornou a falar com ele. Não ouvindo resposta, além de sentir uma pena terrível dele, começou também a ficar com medo. Mais tarde, disse a Dennis Guilder que parecia — pelo menos naqueles momentos — perfeitamente possível Arnie ter perdido o juízo.

Ele chutou uma peça cromada para fora de seu caminho. A peça foi bater no muro anticiclone, nos fundos do pátio de estacionamento, com um leve som tilintante. As lanternas traseiras haviam sido quebradas, mais gemas falsas, rubis desta vez, polvilhando o pavimento e não os assentos do carro.

— Arnie... — tentou ela, mais uma vez.

Ele parou. Olhava pelo buraco feito na vidraça do motorista. Um horrível som rouco partiu de seu peito, um som selvagem. Olhando por sobre o ombro dele, Leigh viu o que havia e, de repente, sentiu uma louca necessidade de rir, de chorar e desmaiar, tudo ao mesmo tempo. Sobre o painel de instrumentos... ela não percebera, de início. Em meio à destruição geral, não percebera o que havia no painel. E se perguntou, com o vômito subindo de repente em sua garganta, quem poderia ser tão baixo, tão absolutamente ignóbil para fazer tal coisa, para...

— Os bostas! — exclamou Arnie, e a voz não parecia a dele.

Quase gritara, com uma voz aguda e estridente, cheia de fúria. Leigh se virou e vomitou, apoiando-se às cegas no carro mais próximo de Christine, vendo diante dos olhos pequeninos pontos brancos, que se expandiam como arroz cozido. De maneira vaga, pensou na feira do condado — a cada ano, faziam izar um carro imprestável para uma plataforma, deixavam uma marreta ao lado e cada um podia dar três marretadas por 25 centavos. A idéia era acabar com o carro, mas não fazer...

fazer...

— *Seus bostas* malditos! — bradou Arnie. — Vou pegar vocês! Vou pegar vocês, nem que seja a última coisa que faça! Nem que seja a *última* merda de coisa que eu faça!

Leigh vomitou novamente e, por um terrível momento, chegou a desejar nunca ter conhecido Arnie Cunningham.

ARNIE E REGINA

Quer dar uma volta
Em meu Buick 59?
Eu perguntei, quer dar uma volta
Em meu Buick 59?
Ele tem dois carburadores
E um supercompressor de quebra.
— The Medallions

Naquela noite, ele chegou em casa faltando quinze para meia-noite. As roupas que estivera usando para a projetada viagem de compras em Pittsburgh estavam manchadas de graxa e de suor. As mãos pareciam ainda mais sujas e havia um feio corte zigzagueante no dorso da esquerda, como uma marca. O rosto tinha uma aparência abatida e atordoada. Também estava com olheiras.

Sentada à mesa, sua mãe tinha um jogo de paciência disposto diante dela. Estivera esperando que Arnie chegasse e, ao mesmo tempo, temendo aquele momento. A jovem — que dera a Regina a impressão de ser uma boa moça, embora talvez não suficientemente boa para seu filho — parecia ter chorado.

Alarmada, Regina desligara o mais depressa possível e ligara para a Garagem de Darnell. Leigh lhe contara que Arnie telefonara, chamando um caminhão-reboque para lá e que partira nele, com o motorista. Colocara-a em um táxi, sem ouvir seus protestos. O telefone havia tocado duas vezes e então uma voz sibilante, desagradável, respondera.

— Aqui é da Darnell's.

Regina desligara, pensando que seria um erro falar com Arnie estando ele lá — e tudo indicava que ele e Mike já haviam cometido erros suficientes, envolvendo Arnie e seu carro. Seria melhor esperar até que ele

voltasse para casa. Diria o que fosse preciso, mas frente a frente.

Foi o que disse agora.

— Eu sinto muito, Arnie.

Teria sido melhor se Mike também estivesse ali. No entanto, ele viajara para Kansas City, onde haveria um simpósio sobre o Mercado e Início do Livre Empreendimento na Idade Média. Só chegaria no domingo, a menos que o atual incidente o trouxesse mais cedo para casa. Regina pensou que isso seria possível. Percebia — não sem algum arrependimento — que talvez estivesse apenas despertando para a total gravidade daquela situação.

— Sente muito — ecoou Arnie, em voz apática, inexpressiva.

— Sim. Eu, isto é, *nós*...

Regina não pôde continuar. Havia algo terrível, na imobilidade da expressão dele. Os olhos estavam parados. Só consegui fitá-lo e sacudir a cabeça, com os olhos ardendo, o gosto odioso de lágrimas no nariz e na garganta. Regina detestava chorar. Possuindo vontade forte, uma de duas filhas de uma família católica composta de um pai severo que trabalhava em construções, a mãe exaurida e sete irmãos, firmemente decidida a cursar uma universidade, embora o pai acreditasse que lá as moças só aprendiam como deixar de ser virgens e abandonar a igreja, ela tivera sua razoável porção de lágrimas — e ainda mais. E, se a própria família, às vezes, a julgava dura, era por não compreender que, quando se atravessa o inferno, sai-se cozido pelo fogo. E que, se alguém precisa queimar-se para abrir o próprio caminho, esse alguém sempre fará o que quer.

— Sabe de alguma coisa? — perguntou Arnie.

Ela sacudiu a cabeça, ainda sentindo a ardência quente e desagradável das lágrimas sob as pálpebras.

— Você me dá vontade de rir e eu riria mesmo, se não estivesse tão cansado. Poderia ter estado lá, destruindo os pneus e esmagando tudo, com os sujeitos que fizeram aquilo. Talvez agora estivesse ainda mais contente do

que eles.

— Arnie, não é justo!

— É justo! — rugiu ele, os olhos repentinamente queimando com um fogo terrível. Pela primeira vez na vida, Regina teve medo do filho. — Foi sua a idéia de tirar o carro da entrada da casa! Foi sua a idéia de levá-lo para o pátio de estacionamento do aeroporto! Quem acha você que merece censuras aqui? Sim, quem você acha? Acredita que aquilo aconteceria se o carro estivesse aqui? Hein?

Deu um passo para ela, os punhos crispados ao longo do corpo. Regina procurou esforçar-se para não recuar.

— Será que não podemos conversar a respeito, Arnie? — perguntou.

— Como dois seres humanos racionais?

— Um deles jogou um punhado de merda no painel de meu carro — replicou Arnie friamente.

— O que há nisso de racional, mamãe?

Ela acreditara, sinceramente, que conseguira controlar as lágrimas. No entanto, aquela notícia — a notícia de uma fúria tão estúpida e irracional — trouxe-as de volta. Então chorou. Chorou de angústia pelo que seu filho tinha visto. Baixando a cabeça, chorou de perplexidade, de dor e de medo.

Em toda a sua vida como mãe, Regina se sentira secretamente superior às que tinham filhos mais velhos do que Arnie. Quando ele estava com um ano, aquelas outras mães lhe tinham dito, sacudindo lugubrememente a cabeça, que esperasse até ele fazer cinco — era quando começavam os problemas, quando eles tinham idade suficiente para dizer "merda" diante dos avós e brincar com fósforos, ao se verem sozinhos. Arnold, no entanto, um menino bom como ouro quando tinha um ano, assim permanecera aos cinco. Então, as outras mães reviravam os olhos e diziam-lhe que esperasse até ele ter dez. Em seguida, até ele fazer quinze, que era quando a situação piorava realmente, com aquela história de drogas, concertos de *rock* e

garotas que tudo permitiam, além de — que Deus nos perdoe — roubarem calotas de automóveis e pegarem aquelas... bem, doenças.

Durante todo esse tempo, ela continuava sorrindo para si mesma, porque tudo funcionava segundo o programado, tudo marchava da maneira como desejaria ter acontecido em sua própria infância. Seu filho tinha pais amorosos, que o apoiavam e se preocupavam com ele, pais que lhe davam tudo (dentro do razoável), que o enviariam com prazer para a universidade que o filho escolhesse (desde que fosse adequada), desta forma encerrando-se satisfatoriamente o jogo/negócio/vocação da paternidade. Se alguém lhe sugerisse que Arnie tinha poucos amigos e freqüentemente era objeto de menosprezo pelos outros, Regina apontaria orgulhosamente que *ela* freqüentara uma escola paroquial em uma vizinhança rude, onde as calcinhas de algodão das meninas às vezes eram rasgadas de brincadeira e depois queimadas com o fogo de isqueiros Zippo, nos quais havia a figura gravada de Jesus crucificado. E se sugerissem que suas atitudes no tocante à criação do filho diferiam das do pai odiado, apenas em termos de finalidades materiais, ela ficaria furiosa e apontava para seu excelente filho, como derradeira justificativa.

No entanto, o filho excelente agora estava diante dela, pálido, exausto e sujo de graxa até os cotovelos, parecendo apresentar a mesma espécie de raiva que havia sido a marca registrada do avô, até mesmo se *parecendo* com ele. Tudo dava a impressão de haver desmoronado.

— Falaremos amanhã cedo sobre o que pode ser feito sobre isso, Arnie — disse ela, tentando recompor-se e conter as lágrimas. — Conversaremos de manhã.

— Não, a menos que você levante bem cedo — respondeu ele, parecendo perder o interesse.

— Vou subir, dormir umas quatro horas e depois voltar à garagem.

— Para quê?

Ele deixou escapar uma risada de louco e seus braços adejaram abaixo dos tubos de luz fluorescente da cozinha, como se fosse voar.

— O que você acha? Tenho um bocado de trabalho a fazer! Mais do que poderia imaginar.

— Não... você tem aulas amanhã... Eu o proíbo, Arnie, está absolutamente proi...

Ele se virou para fitá-la, estudou-a e Regina encolheu-se. Aquilo era como algum horrendo pesadelo, que ia continuar para sempre.

— Não faltarei às aulas — disse. — Vou levar um embrulho de roupas limpas e até mesmo tomo uma ducha, para que meu cheiro não incomode ninguém na sala. Então, quando as aulas terminarem, voltarei à garagem. Há muito trabalho a fazer, mas eu o farei... Sei que posso... mesmo comendo uma boa fatia de minhas economias. Além disso, tenho que prosseguir com o serviço que venho fazendo para Will.

— Seus trabalhos de casa... seus estudos!

— Oh, isso... — Arnie esboçou um sorriso frio, imóvel e estático como uma peça de mecanismo de relógio. — Eles baixarão de qualidade, é lógico. Não se pode brincar com isso. Aliás, também não lhe prometo mais uma nota média de noventa e três, mas posso chegar perto. Posso conseguir um C. Talvez alguns B.

— Não... Você precisa pensar na universidade!

Ele tornou a chegar perto da mesa, mancando de novo, agora acentuadamente. Plantou as mãos sobre a superfície, diante dela, depois inclinando-se lentamente. Regina pensou: *Um estranho... meu filho é um estranho para mim. Será realmente culpa minha? Será? Porque só quis o que fosse melhor para ele. Será possível? Oh, Deus, por favor, torne isto um pesadelo, faça-me acordar com o rosto molhado de lágrimas, por ter sido tão real!*

— Neste exato momento — disse ele com suavidade, os olhos fixos nos dela —, as únicas coisas que me interessam são Christine, Leigh e ficar bem

com Will Darnell, a fim de deixar novamente aquele carro como novo. Não ligo uma merda para a universidade. E se você ficar insistindo, pulo fora do colégio. Se nada mais der certo, acho que isto vai fazer você calar a boca de vez.

— Você não pode — disse ela, sem afastar os olhos. — Precisa compreender isto, Arnold. Talvez eu mereça sua... sua crueldade... mas lutei contra esta sua tendência autodestrutiva com todas as forças. Portanto, não me venha com essa de largar os estudos.

— Pois é justamente o que vou fazer — respondeu ele. — Nem brincando pense que não farei. Em fevereiro, completo dezoito anos e poderei dirigir minha vida, se você não parar de se meter nisto, daqui por diante. Acha que compreendeu?

— Vá dormir — disse ela, lacrimosa. — Vá dormir, você me parte o coração.

— É mesmo? — Ele riu, de maneira chocante. — Dói, não? Eu sei.

Ele se foi então, caminhando devagar, o corpo pendendo ligeiramente para a esquerda, quando mancava. Pouco depois, Regina ouvia o ruído surdo e cansado dos sapatos dele nos degraus — um som que também lhe recordava terrivelmente a infância, quando pensava consigo mesma: *O bicho-papão uai dormir.*

Ela teve novo acesso de lágrimas, levantou-se desajeitadamente e saiu pela porta dos fundos, a fim de chorar sozinha. Conseguiu controlar-se — breve conforto, mas melhor do que nada — e ergueu os olhos para a lua em quarto crescente, que se quadruplicou através de suas lágrimas. Tudo mudara e havia sido com a velocidade de um ciclone. O filho a odiava; vira isso no rosto dele — não era uma malcriação. Não era uma tempestade temporária, uma crise transitória da adolescência. Ele a *odiava*, e essa não era a maneira correta que se ajustava com seu bom menino, de maneira alguma.

De maneira alguma.

Regina permaneceu na varanda e chorou até as lágrimas acabarem, até os soluços se tornarem arquejos ocasionais. O frio envolveu-lhe os tornozelos nus acima dos chinelos e a picou com vontade, através do casaco caseiro. Foi para dentro e subiu ao andar de cima. Parou ao lado da porta do quarto de Arnie, indecisa, por quase um minuto, antes de entrar.

Arnie adormecera sobre a colcha. Ainda estava com as calças. Parecia mais inconsciente do que adormecido, o rosto com uma aparência terrivelmente envelhecida. Um foco de luz, vindo do corredor e penetrando no quarto acima de seu ombro, por um momento deu-lhe a impressão de que o cabelo dele rareava, que a boca aberta no sono estava desdentada. Um ligeiro guincho de horror manifestou-se através da mão tapando a boca e ela se aproximou rapidamente do filho.

Sua sombra, que estivera sobre a cama, moveu-se com ela, e Regina viu que era somente Arnie, a impressão de mais idade proveniente apenas de uma ilusão de ótica, feita pela luz e por seu fatigado estado de confusão.

Olhou para o rádio-despertador e viu que fora marcado para acordá-lo às 4:30 da manhã. Pensou em desligar o alarme, chegou mesmo a estender o braço mas, finalmente, compreendeu que não podia fazer aquilo.

Em vez disso, foi para seu quarto, sentou-se junto à mesinha do telefone e pegou a caderneta de endereços. Segurou-a por um momento, debatendo-se na dúvida. Se telefonasse para Mike, no meio da noite, ele pensaria que...

Que algo terrível acontecera?

Regina deu uma risadinha sufocada. Bem, não acontecera *mesmo*? Era claro que sim. E ainda estava acontecendo.

Discou o número do Ramada Inn, em Kansas City, onde seu marido se hospedara, vagamente cônica de que, pela primeira vez, desde que deixara a suja e lúgubre casa de três andares em Rocksburg, trocando-a pela universidade, vinte e sete anos antes, estava pedindo ajuda.

LEIGH FAZ UMA VISITA

Não quero causar confusão,
Mas posso comprar seu ônibus mágico?
Pouco importa quanto eu pague,
Vou nesse ônibus para junto do meu bem.
Eu o quero... Quero... Quero...
(Tem que vendê-lo para mim...)
— The Who

Ela se conduziu muito bem durante a maior parte da história, sentada em uma das duas cadeiras para visitantes do quarto do hospital, os joelhos firmemente unidos e os tornozelos cruzados, caprichosamente vestida com uma suéter de lã em várias cores e uma saia marrom de brim. Só no final é que começou a chorar e não conseguia encontrar um lenço. Dennis Guilder estendeu-lhe a caixa de lenços de papel, que estava na mesinha junto à cama.

— Acalme-se, Leigh — disse ele.

— Eu não po-po-posso! Arnie não me procurou mais e... na escola parece tão cansado... e você di-disse que ele não esteve aqui...

— Ele virá, se precisar de mim — disse Dennis.

— Vocês são tão cheios dessas bes-besteiras m-ma-ch-chis-tas! — soluçou ela, e então pareceu comicamente admirada do que tinha dito.

As lágrimas haviam feito traços na pintura leve que usava. Ela e Dennis entreolharam-se por um momento, depois riram. No entanto, foi uma risada breve, nada de muito confortante.

— Boca de motor o viu? — perguntou Dennis.

— Quem?

— Boca de motor. É como Lenny Barongg chama o Sr. Vickers. O conselheiro para orientação.

— Oh! Sim, acho que sim. Arnie foi chamado ao gabinete do orientador anteontem, segunda-feira. Mas não comentou nada e não tive coragem de perguntar. Ele não se abre. Ficou tão estranho!

Dennis assentiu. Embora achando que Leigh não percebesse — estava mergulhada em seus próprios problemas e confusão —, experimentava uma sensação de impotência e um terrível receio por Arnie. A partir dos relatos filtrados até seu quarto nos últimos dias, Arnie parecia estar à beira de um colapso nervoso; o relato de Leigh era apenas o mais recente e mais real. Dennis jamais desejaria estar tão *liquidado como* agora. Sem dúvida, poderia ligar para Vickers e perguntar-lhe se havia alguma coisa que pudesse fazer. Também podia ligar para Arnie... mas, baseado nas palavras de Leigh, percebia que, agora, Arnie estava sempre na escola, na garagem de Darnell ou dormindo. Seu pai abandonara uma espécie de convenção antecipadamente e havia voltado para casa. Lá, houve outra briga, segundo Leigh lhe dissera. Embora Arnie nada lhe houvesse dito, Leigh contou acreditar que ele estivesse a ponto de abandonar a casa dos pais.

Dennis não queria falar com Arnie enquanto ele estivesse na Garagem de Darnell.

— O que posso fazer? — perguntou ela. — O que você faria, se estivesse em meu lugar?

— Esperar — respondeu Dennis. — Não sei mais o que se pode fazer.

— Só que isso é o mais difícil — respondeu ela, em uma voz tão baixa que era quase inaudível. Suas mãos amassavam e desamassavam o lenço de papel, esfrangalhando-o, pontilhando sua saia marrom de fragmentos. — Meus pais querem que eu pare de vê-lo... que o largue. Eles receiam... que Repperton e aqueles outros rapazes façam mais alguma coisa.

— Parece muito certa de que foram Buddy e seus amigos, hein?

— É claro. Todos têm certeza. O Sr. Cunningham chamou a polícia, embora Arnie lhe pedisse para não fazer isso. Arnie falou que aceitaria as coisas à sua maneira e isso deixou os dois amedrontados.

Também eu me amedronto. A polícia pegou Buddy Repperton e um de seus amigos, que chamam de "Penetra"... sabe de quem estou falando?

— Sei.

— Pegaram ainda o rapaz que trabalha à noite no aeroporto, no pátio de estacionamento. Parece que se chama Galton...

— Sandy. Sandy Galton.

— Pensaram que ele também estivesse envolvido na coisa, que talvez os tivesse deixado entrar.

— Sim... Sandy anda com eles — disse Dennis —, mas não é tão degenerado como os outros. Leigh, eu diria que... Bem, se Arnie não conversou com você, certamente alguém mais...

— Claro. Primeiro foi a Sra. Cunningham, depois o pai dele. Acho que um não sabia que o outro havia falado comigo. Eles estão...

— Perturbados — sugeriu Dennis. Ela meneou a cabeça.

— É mais do que isto. Os dois dão a impressão de terem sido... agredidos ou coisa assim. Sinceramente, não consigo ter pena *dela*, parece estar sempre querendo impor sua vontade, mas lamento pelo Sr. Cunningham. Ele me pareceu tão... tão... — A voz dela se extinguiu, depois tornou a ganhar volume. — Quando fui lá ontem de tarde, depois das aulas, a Sra. Cunningham, ela me pediu para chamá-la de Regina, mas não consigo...

Dennis sorriu.

— Você consegue? — perguntou Leigh.

— Bem, sim... mas tenho um bocado mais de prática. Leigh sorriu, pela primeira vez em sua visita.

— Talvez *isso* fizesse diferença. De qualquer maneira, quando fui lá, encontrei a Sra. Cunningham, mas seu marido ainda estava na escola... na Universidade, quero dizer.

— Entendo.

— Ela tirou a semana de folga... o que sobrou da semana. Comentou que não se sentia em condições de retornar, inclusive nos três dias antes da Ação de Graças.

— Como ela estava?

— Acabada — disse Leigh, e estendeu a mão para outro lenço de papel, cujas pontas começou a esfarrapar. — Parecia mais velha dez anos, comparando com a vez em que a conheci, cerca de um mês atrás.

— E ele? Michael?

— Mais velho, porém mais seguro — disse Leigh, hesitante. — Como se isto tudo, de algum modo... de algum modo o pusesse em movimento.

Dennis ficou calado. Conhecera Michael Cunningham durante treze anos e nunca o vira em movimento. Era Regina que sempre tomava a frente de tudo, com Michael trotando atrás, preparando os drinques nas reuniões (em sua maioria, reuniões de membros da faculdade) oferecidas pelos Cunningham. Ele tocava sua flauta, parecia melancólico... mas nem com um esforço de imaginação Dennis poderia dizer que já o vira "em movimento".

O triunfo final, dissera certa vez o pai de Dennis, junto à janela, vendo Regina levar Arnie pela mão, caminhando pela estrada da casa dos Guilder ao encontro de Michael, que os esperava atrás do volante de seu carro. Naquela época, Arnie e Dennis deviam andar pelos sete anos. *O maternalismo supremo. Eu me pergunto se ela não fará o pobre idiota esperar no carro, quando Arnie se casar. Ou talvez ela possa...*

A mãe de Dennis lhe franzira o cenho e o fizera calar-se, indicando o filho com os olhos, em um gesto de crianças-têm-orelhas-grandes. Dennis

nunca esquecera o gesto e nem o que seu pai comentara. Aos sete anos, não entendera bem aquilo, mas, mesmo nessa idade, sabia perfeitamente o que significava "pobre idiota". E, mesmo aos sete, entendera vagamente por que seu pai achava que Michael Cunningham fosse um. Sentira pena de Michael... um sentimento que persistia, sempre e sempre, até o presente.

— Ele chegou quando ela terminava a *sua* história — prosseguiu Leigh.
— Convidaram-me a ficar para jantar, Arnie estava comendo na Darnell's, mas eu disse que precisava voltar para casa. Assim, o Sr. Cunningham me ofereceu uma carona e fiquei sabendo de sua versão, a caminho de casa.

— Os dois têm pontos de vista diferentes?

— Não exatamente, mas... foi o Sr. Cunningham que chamou a polícia, por exemplo. Arnie não queria, e a Sra. Cunningham... Regina não se animava a fazê-lo.

Dennis perguntou cauteloso:

— Ele está, realmente, tentando reconstruir o carro?

— Está — sussurrou ela, para então soltar, agudamente: — Só que isso não é tudo! Arnie está profundamente envolvido com aquele tal Darnell, eu sei que está! Ontem, durante o período vago, ele me contou que ia colocar uma traseira nova no carro esta tarde e esta noite. Então, comentei que devia ser tremendamente caro, mas ele respondeu que não me preocupasse, que seu crédito era bom e...

— Acalme-se.

Ela estava chorando novamente.

— Que seu crédito era bom, porque ele e alguém chamado Jimmy Sykes iam fazer alguns favores para Will, na sexta e no sábado. Foi o que ele disse. E... bem, não acredito que esses favores para aquele miserável sejam legais!

— O que ele disse à polícia, quando o interrogaram sobre Christine?

— Falou que a encontrou... daquela maneira. Perguntaram se tinha alguma idéia de quem fizera aquilo e Arnie disse que não. Perguntaram-lhe se não era verdade que tivera uma briga com Buddy Repperton, que Repperton o ameaçara com uma faca e fora expulso por causa disso. Arnie contou que Repperton lhe arrancara da mão sua sacola do almoço e a pisoteara, mas que então o Sr. Casey aparecera, acabando com a briga. Perguntaram-lhe se Repperton não tinha dito que ele pagaria por aquilo. Arnie respondeu que talvez tivesse falado algo semelhante, mas que era conversa fiada.

Dennis estava calado, olhando para o carregado céu de novembro através de sua janela, considerando o que ouvia. Aquilo tudo era sinistro. Se Leigh contava exatamente o que havia sido a entrevista com a polícia, Arnie não contara uma só mentira... mas manejara os fatos, de maneira a fazer parecer uma briguinha trivial, aquele incidente na área de fumar.

Sim, aquilo tudo era muito sinistro.

— Imagina o que ele poderia estar fazendo para esse Darnell? — perguntou Leigh.

— Não — respondeu Dennis.

No entanto, tinha algumas suspeitas. Um pequeno gravador interno se ligou e ele ouviu seu pai dizendo: *Ouvi algumas coisas... carros roubados... cigarros e bebidas... o contrabando é como um frenesi... ele vem tendo sorte por muito tempo, Dennis.*

Ele olhou para o rosto de Leigh, muito pálido, com a pintura manchada pelas lágrimas. Ela ligava-se a Arnie o mais que podia. Talvez estivesse aprendendo algo sobre ser forte, algo que, com sua aparência, não teria aprendido de outra forma, por mais dez anos. Entretanto, isso não facilitava as coisas, não as endireitava necessariamente. De súbito, ocorreu-lhe quase ao acaso que percebera a melhora da pele de Arnie mais de um mês antes de ele se ligar a Leigh... mas depois de ligar-se a Christine.

— Vou falar com ele — prometeu.

— Está bem — disse ela. Levantou-se. — Eu... eu não quero que tudo seja como era antes, Dennis. Sei que nunca mais será. No entanto, ainda o amo e... Bem, eu só queria que lhe dissesse isto.

— Certo, eu direi.

Ficaram ambos constrangidos e nenhum dos dois conseguiu dizer qualquer coisa, por um longo momento. Dennis pensava que devia ser aquele o momento, em uma canção, em que surge o Melhor Amigo. Não obstante, uma parte sua, desprezível, baixa (e também lúbrica) era contrária a isso. Totalmente. Continuava ainda sentindo uma fortíssima atração por ela, mais do que sentira por qualquer outra garota, em muito tempo. Talvez em toda a sua vida. Que Arnie levasse bebida e contrabando para Burlington, que se fodesse com seu carro! Nesse meio tempo, ele e Leigh travariam um conhecimento mais íntimo. Um pouco de ajuda e conforto. Todos sabem como é isso.

Teve a impressão de que levaria a melhor, precisamente naquele momento de constrangimento, após ela declarar que amava Arnie; Leigh estava vulnerável. Talvez estivesse aprendendo a ser forte, mas ela não aprenderia isso em uma escola à qual se vai voluntariamente. Ele poderia dizer alguma coisa — a coisa certa, talvez apenas: *chegue aqui* — e ela se aproximaria, sentaria na beira da cama, eles conversariam mais um pouco, talvez falassem sobre coisas mais agradáveis, possivelmente ele a beijaria. Leigh tinha uma boca adorável e cheia, sensual, feita para beijar e ser beijada. Uma vez para consolo. Duas por amizade. A terceira englobaria tudo. Sim, um certo instinto, que só então lhe parecia seguro, dizia que isso poderia ser feito.

Entretanto, Dennis não disse nenhuma das coisas que poderiam dar nascimento ao que imaginava, nem tampouco Leigh. Arnie estava entre eles e, quase seguramente, estaria sempre. Arnie e sua dama. Se a coisa não fosse tão ridiculamente chocante, ele teria achado graça.

— Quando é que vão deixar você sair? — perguntou ela.

— Sem que o público desconfie? — perguntou ele, começando a rir. Após um momento, ela começou a rir também.

— Algo mais ou menos assim — disse, tornando a rir. — Oh, sinto muito — acrescentou.

— Não se desculpe — disse Dennis. — Os outros riram de mim a vida inteira. Já fiquei acostumado. Disseram que vão me prender aqui até janeiro, mas vou enganá-los. Voltarei para casa no Natal. Tenho me rebolado um bocado, na câmara de tortura.

— Câmara de tortura?

— A fisioterapia. Minhas costas já estão outra coisa. Os outros ossos se emendam ativamente... às vezes a coceira é insuportável. Tenho devorado uma porção de botões de rosa. O Dr. Arroway diz que isso não passa de conversa fiada, mas o treinador Puffer jura que fazem efeito e confere as sobras, cada vez que me visita.

— E ele vem sempre? O treinador?

— Oh, sim, ele vem. Está quase me fazendo acreditar nessa história de que botões de rosa fazem os ossos se soldarem mais depressa. — Dennis fez uma pausa. — Naturalmente, vou parar de jogar futebol. Ficarei andando de muletas durante algum tempo e depois, com sorte, posso me candidatar a uma bengala. O velho e jovial Dr. Arroway me disse que vou mancar por uns dois anos. Talvez fique mancando para sempre.

— Sinto muito — disse ela, em voz baixa. — É pena que isso fosse acontecer logo com um cara tão legal como você, Dennis, mas em parte falo por egoísmo. Gostaria de saber se o resto de tudo isto, essa história horrível que aconteceu com Arnie, aconteceria realmente se você estivesse por perto.

— Muito bem — disse Dennis, rolando os olhos dramaticamente. — Jogue a culpa em mim! Ela, entretanto, não sorriu.

— Sabe que começo a duvidar da sanidade de Arnie? Isso é uma coisa

que não cheguei a comentar com meus pais nem com os dele. No entanto, acho que a mãe dele... que ela talvez... Bem, não sei o que Arnie disse a ela naquela noite, depois que encontramos o carro destroçado, mas... tenho a impressão de que os dois se engalfinharam.

Dennis assentiu.

— De qualquer modo, tudo parece tão... louco! Os pais dele quiseram comprar um bom carro usado para ele, para substituir Christine, mas Arnie recusou. Quando me levava para casa, o Sr. Cunningham contou que se prontificou a comprar um carro novo para Arnie... usaria algumas ações que guarda desde 1955. Arnie recusou novamente, dizendo que não poderia aceitar um presente desses. O Sr. Cunningham respondeu que compreendia, que o carro não tinha que ser um presente, que Arnie lhe pagaria aos poucos, podia até incluir juros, se ele fizesse questão... Você entende aonde quero chegar, Dennis?

— Entendo — respondeu Dennis. — A questão é que não pode ser outro carro. Tem que ser Christine.

— Para mim, isso parece obsessivo. Arnie descobre uma coisa e se fixa nela. Não é o que se chama uma obsessão? Tenho medo e, às vezes, sinto ódio... mas não é dele que tenho medo. Não é a ele que odeio. É tudo por causa daquele ter... não, daquela *merda* de carro. A maldita Christine.

As faces de Leigh ficaram vermelhas. Ela apertou os olhos. Os cantos de sua boca penderam. De repente, seu rosto deixara de ser bonito, nem mesmo era atraente. A expressão era cruel, modificando-se para algo horrível, mas também magoado e compulsivo. Pela primeira vez, Dennis percebeu por que davam a isso o nome de monstro — o monstro de olhos verdes.

— Sabe o que eu gostaria que acontecesse? — perguntou Leigh. — Era que alguém, numa noite dessas, levasse sua preciosa e maldita Christine por engano, para os ferros-velhos de Philly Plains. — Os olhos dela cintilaram maldosamente. — E, no dia seguinte, que aquele guindaste com o enorme

imã redondo recolhesse o carro e o colocasse no compressor. Depois, que alguém apertasse o botão e que então só sobrasse um cubinho de metal amassado, medindo dez centímetros de lado. Então, tudo isso teria terminado, não acha?

Dennis não respondeu e, após um momento, quase pôde ver o monstro girar, envolver-se em sua cauda escamosa e desaparecer do rosto dela. Os ombros de Leigh encurvaram-se.

— Bem, imagino que minhas palavras sejam horríveis, não? Seria como dizer que desejaria que aqueles caras terminassem o trabalho.

— Sei como você se sente, Leigh.

— Sabe mesmo? — desafiou ela.

Dennis evocou a expressão de Arnie, quando esmurrara o painel do carro. A espécie de luz maníaca que lhe surgia nos olhos, quando estava perto de Christine. Pensou na vez em que sentara ao volante, na garagem de LeBay e no tipo de visão que tivera.

Por último, pensou em seu sonho: faróis apontando para ele, em meio ao agudo grito feminino de pneus queimando.

— Sei — respondeu. — Penso que sei.

Os dois entreolharam-se, no quarto do hospital.

DIA DE AÇÃO DE GRAÇAS

Duas-três horas passaram por nós,
A altitude caiu para 505,
Havia menos consumo de combustível,
Vamos para casa, antes que acabe a gasolina.
Você não pode me alcançar...
Não, meu bem, não pode me alcançar...
Porque se chegar muito perto,
Eu me transformo em uma briiiiisa fresca.
– Chuck Berry

No hospital, o almoço do Dia de Ação de Graças foi servido em turnos, das onze da manhã até uma da tarde. Dennis recebeu o seu faltando quinze para o meio-dia: três cautelosas fatias de carne branca de peito de peru, três cautelosas colheradas de molho de ferrugem, um bom punhado de purê de batata, no formato e tamanho exato de uma bola de futebol (faltando apenas as suturas vermelhas, pensou ele, com sarcástico humor), uma pequena concha de abóbora gelada, em arrogante e fluorescente alaranjado, e um pequeno recipiente plástico contendo geléia de uva-do-monte. Havia ainda sorvete, como sobremesa. Um pequeno cartão azul repousava no canto de sua bandeja.

A esta altura, mais enfronhado no sistema hospitalar — após ser tratado da primeira erupção de úlceras de decúbito no traseiro, Dennis surpreendera-se mais entendido nos sistemas do hospital do que gostaria de estar —, ele perguntou, à atendente de uniforme listrado que veio levar sua bandeja, o que os cartões amarelo e vermelho reservavam para o ajantarado de Ação de Graças. Ficou sabendo que os cartões amarelos indicavam duas fatias de peru, nenhum molho, batatas, sem abóbora e geléia artificial como sobremesa. Os cartões vermelhos indicavam uma fatia de carne branca,

purê de batatas. Pouca comida, na maioria dos casos.

Para Dennis, tudo aquilo foi bastante deprimente. Era fácil imaginar sua mãe trazendo um enorme e tostado peru para a sala da mesa de refeições, por volta de quatro da tarde, seu pai afiando a faca de trincar, sua irmã, corada pela pompa e excitação, com uma fita vermelha de veludo no cabelo, enchendo um bom copo de vinho tinto para cada um deles. Era também fácil imaginar os deliciosos aromas e a alegria, quando se sentavam para comer.

Fácil de imaginar... mas provavelmente um erro.

De fato, aquele era o Dia da Ação de Graças mais deprimente de sua vida. Dennis evadiu-se para uma desacostumada sesta no início da tarde (nada de fisioterapia, por ser feriado) e teve um sonho perturbador, no qual várias atendedoras de uniforme listrado percorriam a enfermaria de Tratamento Intensivo aplicando decalques da figura de um peru nos aparelhos de manutenção da vida e nos injetores intravenosos.

Sua mãe, o pai e a irmã tinham ido visitá-lo pela manhã, durante uma hora. Era a primeira vez que percebia em Ellie certa ansiedade para ir embora dali. Tinham sido convidados pelos Callison para um *brunch* [\[3\]](#) ligeiro de Ação de Graças; Lou Callison, um dos três filhos do casal, tinha quatorze anos e era "legal". O irmão hospitalizado se tomara tedioso. Não lhe haviam descoberto uma forma rara e trágica de câncer espalhando-se pelos ossos. Ele tampouco ficaria paraplégico para o resto da vida. Em Dennis, nada havia de comparável ao filme da semana na tevê.

Telefonaram para ele da residência dos Callison, por volta de meio-dia e meia. Seu pai lhe parecera levemente embriagado — Dennis supôs que estaria no segundo Bloody Mary e talvez recebendo alguns olhares desaprovadores de mamãe. Pessoalmente, ele terminara pouco antes seu jantarado de Ação de Graças — cartão azul, dieteticamente aprovado, o único de semelhante data que já conseguira comer em quinze minutos — e saiu-se bem, simulando alegria, não querendo estragar-lhes os bons

momentos. Ellie falou rapidamente ao telefone, dando risadinhas e com voz um tanto estridente. Talvez fosse a conversa com Ellie que o fatigara o suficiente para precisar de uma soneca.

Dennis adormecera (e tivera aquele sonho perturbador) por volta de duas da tarde. O hospital estava singularmente quieto aquele dia, apenas com o pessoal estritamente necessário. A costureira tagarelice das TVs e rádios transistorizados dos outros quartos emudecera. O uniforme listrado que recolhera sua bandeja sorria amplamente, dizendo esperar que ele tivesse apreciado seu "ajantarado especial". Dennis garantiu-lhe que o apreciara. Afinal de contas, era Dia de Ação de Graças também para ela.

Então, aconteceu o sonho, um sonho que depois se interrompeu e foi substituído por um sono profundo. Quando acordou, eram quase cinco da tarde e Arnie Cunningham estava sentado na mesma cadeira de plástico duro que sua namorada ocupara ainda na véspera.

Não foi muita surpresa deparar com ele ali; Dennis imaginou, simplesmente, que se tratava de um novo sonho.

— Olá, Arnie — disse. — Como vão as coisas?

— Tudo legal — respondeu Arnie —, mas você parece ainda estar dormindo, Dennis. Que tal uma pausa para o almoço? Isso o despertará.

Havia um saco de papel pardo no colo dele e a mente sonolenta de Dennis pensou: *Afinal, ele recuperou seu saco do almoço. Talvez Repperton não o tivesse pisoteado tanto quanto pensei.* Tentou sentar-se na cama, porém as costas doeram e usou o painel de controle, para deixá-la quase em posição de sentar. O motor gemeu.

— Céus, é você mesmo!

— Esperava Chidrah, o Monstro de Três Cabeças? — respondeu Arnie amistosamente.

— Eu estava dormindo. Devo ter pensado que ainda estava. — Dennis friccionou a testa com força, como para livrar-se do sono. — Feliz Dia de

Ação de Graças, Arnie.

— Obrigado — disse Arnie. — O mesmo para você. Eles lhe deram peru e tudo o mais para comer?

Dennis riu.

— Ganhei algo parecido àquelas comidinhas de brinquedo, que vieram com o Bar Horas Felizes, de Ellie, quando ela estava com uns sete anos. Lembra-se?

Arnie colocou as mãos em concha ao redor da boca e fez ruídos obscenos.

— Claro que me lembro. Uma baixaria!

— Foi bom você ter vindo — disse Dennis e, por um instante, esteve perigosamente à beira das lágrimas.

Talvez não houvesse percebido inteiramente o quanto estava deprimido. Sua decisão de estar em casa pelo Natal ganhou força redobrada. Se ainda continuasse lá, certamente se suicidaria.

— Seus velhos não vieram?

— É lógico que vieram — disse Dennis —, e vão voltar à noite, pelo menos, mamãe e papai, mas não é a mesma coisa. Você sabe.

— Hum-hum. Bem, eu lhe trouxe uma coisa. Disse à matrona lá embaixo que era o seu roupão de banho.

Arnie deu uma risadinha contida.

— O que *é isso*? — perguntou Dennis, indicando o saco.

Podia ver que não era apenas um saco de papel para almoço, mas uma sacola de compras.

— Oh, fiz uma vistoria na geladeira, depois que comemos o bicho — disse Arnie. — Os velhos saíram para visitar amigos da Universidade, é costume de todo ano, na tarde do Dia da Ação de Graças. Só estarão de

volta lá pelas oito da noite.

Enquanto falava, foi tirando coisas da sacola. Dennis ficou olhando, espantado. Dois castiçais de estanho. Duas velas. Arnie enfiou as velas nos castiçais, acendeu-as usando uma caixinha de fósforos com propaganda da Garagem de Darnell e desligou a luz da cabeceira. Em seguida, quatro sanduíches, grosseiramente embrulhados em papel encerado.

— Segundo me lembro — disse ele —, você sempre dizia que dois sanduíches de peru, por volta de onze e meia da noite de sexta-feira, eram melhores do que o ajantarado de Ação de Graças. Porque a pressão já terminara.

— Isso mesmo — assentiu Dennis. — Sanduíches em frente da TV. Carson ou algum filme antigo. Bem, mas... francamente, Arnie, você não precisava...

— Droga, faz umas três semanas que não ponho os olhos em você. Foi bom ter chegado enquanto você dormia, porque do contrário teria me fuzilado. — Passou dois sanduíches para Dennis. — Seus favoritos, acho. De carne branca, com maionese e Pão Maravilha.

Dennis deu uma risadinha, depois riu com vontade, então gargalhou. Arnie percebia que aquele esforço lhe doía nas costas, mas ele não conseguia parar de rir. Pão Maravilha havia sido um dos maiores segredos comuns de Dennis e Arnie, quando crianças. As mães de ambos eram muito severas no tocante ao pão; Regina comprava Torradas Dietéticas, com ocasionais incursões ao Centeio Moído-Solo Pedregoso. A mãe de Dennis preferia Farinha de Milho e pão de centeio. Arnie e Dennis comiam o que lhes era dado — mas ambos eram secretos apreciadores do Pão Maravilha e, por várias ocasiões, juntavam seu dinheiro para comprar um Maravilha e um pote de Mostarda Francesa, em vez de doces e balas. Então, enfiavam-se na garagem da casa de Arnie (ou na casa na árvore de Dennis, lamentavelmente demolida por um vendaval quase nove anos antes) e lá ficavam comendo sanduíches de mostarda e lendo histórias em quadrinhos

de Ricardo Rico, até todo o pão terminar.

Arnie o acompanhou em suas risadas e, para Dennis, aquela foi a melhor parte do Dia de Ação de Graças.

Dennis havia ficado com companheiros de quarto por quase dez dias, mas agora tinha sozinho o quarto semiparticular. Arnie fechou a porta e tirou da sacola parda seis latas de cerveja.

— As maravilhas continuam — disse Dennis e teve que rir novamente, com o trocadilho involuntário.

— Certo — disse Arnie. — Não creio que terminem. — Fez um brinde acima das velas, com a lata de cerveja. — *Prost?*

— Vida eterna! — respondeu Dennis.

Os dois beberam. Após terminarem os enormes sanduíches de peru, Arnie retirou da sacola aparentemente sem fundo dois recipientes plásticos para torta e retirou as tampas. Em cada um, havia uma fatia de torta de maçã caseira.

— Não, cara, não posso — disse Dennis. — Vou explodir.

— Coma! — ordenou Arnie.

— É verdade, não posso — disse Dennis, pegando o recipiente e um garfo de plástico. Terminou a fatia de torta em quatro grandes bocados e depois arrotou. Esgotou o que sobrava de sua segunda cerveja e tornou a arrotar. — Em Portugal, isto é um cumprimento ao cozinheiro — disse, com a cabeça zumbindo agradavelmente, devido à cerveja.

— Se você diz... — respondeu Arnie, com uma careta.

Levantou-se, ligou a luz fluorescente da cabeceira e apagou as velas. No exterior, uma chuva forte começara a bater contra as janelas. O ambiente esfriava. E, para Dennis, parte do cáldo espírito da amizade e da verdadeira Ação de Graças parecera extinguir-se com as velas.

— Vou odiar você amanhã — disse Dennis. — Aposto como vou ficar

uma hora sentado naquela privada. E isso me dói as costas.

— Lembra-se daquela vez em que Elaine deu os peidos? — perguntou Arnie, e os dois riram. — Implicamos com ela, até sua mãe despejar o inferno em cima da gente.

— Não fediam, mas foram um bocado barulhentos — disse Dennis, sorrindo.

— Como tiros de revólver — concordou Arnie.

Os dois riram um pouco — mas era uma espécie de riso triste, se é que isso existe. Muita água passara debaixo da ponte. A idéia de que o acesso de gases de Ellie acontecera sete anos atrás, de certa forma era mais perturbadora do que divertida. Havia um hálito de mortalidade na percepção de que sete anos podiam significar o passado, com a mais total e calma facilidade.

A conversa morreu um pouco, ambos perdidos em seus pensamentos. Por fim, Dennis disse:

— Leigh esteve aqui ontem. Contou-me sobre Christine. Sinto muito cara. De verdade.

Arnie ergueu os olhos e seu ar de pensativa melancolia foi trocado por um sorriso jovial, em que Dennis mal podia acreditar.

— Sim — concordou Arnie. — Foi terrível, mas vou dar a volta por cima.

— É o melhor — respondeu Dennis, cômico de que estava repentinamente vigilante, odiando-se por isso, mas não conseguindo agir de outro modo.

A parte referente à amizade terminara. Era algo que estivera ali, aquecendo e enchendo o quarto, mas que agora simplesmente se desfizera, como a coisa delicada e efêmera que era. Agora, os dois apenas se fitavam. Os olhos joviais de Arnie estavam também opacos e — Dennis podia jurar —

também vigilantes.

— Certo. Fiz a velha passar maus bocados. Leigh também, creio. Acho que foi o choque de ver que tanto trabalho... todo o meu trabalho, tinha ido por água abaixo. — Ele meneou a cabeça. — Uma catástrofe.

— E você conseguirá fazer alguma coisa?

Arnie ficou imediatamente radiante — francamente radiante naquele momento, Dennis pôde sentir.

— Claro que sim! Aliás, já fiz. Você nem acreditaria, Dennis, se tivesse visto o estrago que fizeram, naquele pátio de estacionamento. Antigamente eles faziam um carro para valer, não como agora, quando tudo que parece metal é, na verdade, plástico reluzente. Aquele carro é um maldito tanque de guerra, cara. A parte dos vidros foi a pior. E também os pneus, claro. Eles esraçalharam os pneus.

— E quanto ao motor?

— Nem chegaram perto — disse Arnie prontamente.

Foi sua primeira mentira. Quando ele e Leigh tinham visto Christine, naquela tarde, o bujão do distribuidor jazia no pavimento. Leigh o reconheceu e falara com Dennis a respeito. E Dennis se perguntava o que mais eles teriam feito debaixo do capô. O radiador? Se alguém se propõe a usar uma alavanca de pneus para fazer buracos na lataria, não poderia usá-la também para furar o radiador em alguns lugares? E quanto às velas? Ao regulador de voltagem? O carburador?

Por que está mentindo para mim, Arnie?

— O que está fazendo no carro agora? — perguntou Dennis.

— Gastando dinheiro, o que mais poderia ser? — respondeu Arnie, e seu riso agora foi quase verdadeiro. Dennis poderia até aceitá-lo como verdadeiro, se não tivesse ouvido o riso real uma ou duas vezes, durante o banquete de Ação de Graças proporcionado pelo amigo. Novos pneus. Vidros novos. Algum trabalho de lanternagem e então tudo ficará bom como

antes.

Bom como antes. No entanto, Leigh lhe contara que haviam deparado com algo que não passava de uma carcaça massacrada, o calhambeque de feira, a ser liquidado na base das três-marteladas-por-um-quarto-de-dólar.

Por que está mentindo?

Durante um gélido instante, ele se perguntou se Arnie talvez não tivesse ficado um pouco maluco

— mas, não, essa não era a impressão que ele dava. A impressão que Arnie fornecia era de... furtividade. Astúcia. Então, pela primeira vez, imaginou que Arnie talvez estivesse apenas mentindo pela metade, procurando estabelecer um fundamento de plausibilidade para... para o quê? Um caso de regeneração espontânea? Bem, isso era absolutamente louco, não?

Não era?

Sem dúvida, pensou Dennis, a menos que a gente testemunhasse como um monte de rachaduras em um pára-brisa começa a encolher-se, entre uma e outra visita.

Apenas uma ilusão de ótica, um truque provocado pela luz. Foi o que você pensou naquela vez e tinha razão.

Não obstante, um truque provocado pela luz não explicaria a singular maneira como Arnie reconstituíra Christine, aquela excentricidade de partes novas misturadas a velhas. Não explicaria a estranha sensação que se apoderara de Dennis ao sentar-se ao volante de Christine, na garagem de LeBay. Ou a sensação, após ter colocado o pneu novo, quando estavam a caminho da Darnell's, de que ele olhava para o retrato de um carro velho com uma foto do carro novo diretamente abaixo dele — ou que havia sido recortado um buraco no quadro do carro velho, no lugar onde estivera um dos seus pneus.

E nada explicaria a mentira de Arnie agora... ou a maneira astuta,

disfarçada, como o observava, para ver se sua mentira seria aceita. Então, ele sorriu... uma grande, tranqüila e aliviada careta.

— Bem, isso é ótimo — falou.

A expressão astuciosa e calculista de Arnie permaneceu por um segundo mais. Depois ele sorriu, careteando, enquanto encolhia os ombros.

— Tive sorte — disse. — Quando penso nas coisas que eles poderiam ter feito... Açúcar no tanque de gasolina, melado no carburador... foram imbecis. Sorte minha.

— Repperton e seu alegre bando? — perguntou Dennis, calmamente.

A expressão de desconfiança, tão sombria e estranha a Arnie, tornou a aparecer e desaparecer. Agora, ele parecia taciturno. Taciturno e vacilante. Deu a impressão de que ia falar, mas em vez disso suspirou.

— Certo — assentiu. — Quem mais poderia ser?

— No entanto, você não deu parte do fato.

— Meu velho fez isso.

— Foi o que Leigh me disse

— O que mais ela lhe contou? — perguntou Arnie, bruscamente.

— Nada e nem perguntei — respondeu Dennis, estendendo a mão. — O problema é seu, Arnie. Paz.

— Claro. — Arnie riu um pouco e depois passou a mão pelo rosto. — Ainda não consegui superar aquilo. Droga! Acho que nunca irei superar, Dennis. Chegar àquele pátio de estacionamento com Leigh, sentindo-me o dono do mundo, para então ver...

— Será que eles não repetirão a dose, depois que você consertar o carro? O rosto de Arnie ficou hermético, gélido.

— Eles não farão outra vez — disse.

Seus olhos cinzentos eram como o gelo de março e, de repente, Dennis

ficou satisfeito por não ser Buddy Repperton.

— O que quer dizer com isso?

— Estou dizendo que agora vou deixar o carro em casa — explicou e, novamente, seu rosto mostrou aquela ampla, jovial careta esquisita. — O que mais pensou que fosse?

— Não pensei nada — replicou Dennis. A imagem gelada permanecia. Agora era uma sensação de gelo fino, estalando inquietamente debaixo de seus pés. E, abaixo do gelo, água negra e fria. — Sei lá, Arnie. Você parece muito certo de que Buddy desistiu.

— Espero que ele encare a coisa como um acerto de contas — declarou Arnie tranqüilo. — Nós provocamos sua expulsão do colégio...

— Ele é que provocou a própria expulsão! — exclamou Dennis, acalorado. — Puxou uma faca... diabo, aquilo nem era faca, mas um maldito facão de açougueiro!

— Só estou imaginando o modo como ele verá a coisa — disse Arnie, para então estender a mão e acrescentar, rindo: — Paz.

— Ok, tudo bem.

— Nós conseguimos sua expulsão, ou, mais precisamente, eu a consegui. Em troca, ele e sua turma fizeram o diabo com Christine. Agora estamos quites. Fim.

— Ainda bem, caso ele encare os fatos dessa maneira.

— Acho que vai ser assim — disse Arnie. — Os tiras o interrogaram. Também interrogaram "Penetra" Welch e Richie Trelawney. Encheram os três de medo. E suponho que quase fizeram Sandy Galton confessar. — Os lábios de Arnie encurvaram-se desdenhosos. — Aquele babaca chorão!

Aquilo era tão inusitado em Arnie — no velho Arnie — que Dennis se sentou na cama sem pensar, pestanejou com a dor nas costas e tornou a se deitar rapidamente.

— Nossa, cara, e você não acha que eles tinham que ficar assustados mesmo?

— Estou pouco ligando para o que ele ou qualquer daqueles bostas venham a fazer — disse Arnie. Então, em voz estranhamente distante, acrescentou: — Aliás, nada mais importa...

Dennis perguntou:

— Você está bem, Arnie?

Por um instante, um olhar de desesperada tristeza cobriu o rosto de Arnie — foi mais do que tristeza. Ele parecia atormentado e perseguido. Mais tarde (é muito fácil analisar tais coisas mais tarde, bem mais tarde), Dennis decidiu que era a expressão de alguém tão desnortado, envolvido e cansado de lutar, que nem sabe mais direito o que faz.

Então, essa expressão, como qualquer outra de escura suspeita, terminou desaparecendo.

— Claro — respondeu. — Estou ótimo. Exceto que você não é o único com dor nas costas. Lembra-se de quando fiz aquele esforço, em Philly Plains?

Dennis assentiu.

— Pois dê uma olhada nisto.

Levantando-se, Arnie puxou a camisa para fora das calças. Algo pareceu agitar-se em seu olhar. Algo inquieto, que depois mergulhou em negras profundezas.

Ergueu a camisa. Não era uma coisa antiquada, como o de LeBay. Também estava mais limpo — uma caprichada tira de Lycra, parecendo contínua, com uns trinta centímetros de largura. Entretanto, pensou Dennis, um colete era um colete. Para seu desconsolo, aproximava-se demais do de LeBay.

— Piorei as coisas, ao levar Christine de volta para a garagem — disse

Arnie. — Nem mesmo sei como foi, tão perturbado estava. Ajudando a enganchá-la no guincho do carro-reboque, imagino, mas não tenho certeza. A princípio não foi tão ruim, mas depois piorou. O Dr. Mascia receitou... Dennis, você está legal?

Com o que sentiu ser um fantástico esforço, Dennis manteve a voz controlada. Movimentou as feições, formando uma expressão que, pelo menos fracamente, dava uma idéia de agradável interesse... mas ainda continuava aquilo nos olhos de Arnie, dançando, dançando e dançando.

— Você vai sair dessa — falou Dennis.

— Bem, acho que sim — respondeu Arnie, tornando a enfiar a camisa dentro das calças, em torno do colete para as costas. — Apenas preciso ficar atento na hora de levantar pesos, para que não torne a acontecer.

Sorriu para Dennis.

— Se ainda houvesse recrutamento, isso me livraria do Exército — comentou.

De novo, Dennis evitou qualquer movimento que pudesse ser interpretado como surpresa, mas colocou os braços debaixo das cobertas. Ao ver aquele colete para as costas, tão semelhante ao de LeBay, ficara com ambos arrepiados.

E os olhos de Arnie! Eram como águas escuras, por baixo do fino gelo de março. Águas escuras e jubilosas, agitando-se muito fundo dentro dele, como o corpo agitado e decomposto de um afogado.

— Bem — disse Arnie, animadamente. — Tenho que ir andando. Certamente não vai esperar que eu fique rondando em um lugar horrível como este, a noite inteira.

— E lá se vai você, sempre solicitado — disse Dennis. — Falando sério, cara, obrigado. Você alegrou um dia sombrio.

Por um estranho instante, ele pensou que Arnie fosse chorar. Aquela

coisa dançante no fundo de seus olhos havia desaparecido e seu amigo estava ali — realmente ali. Arnie sorriu sincero.

— Lembre só uma coisa, Dennis: ninguém está sentindo sua falta. Absolutamente ninguém!

— Vai tomar banho — disse Dennis, em tom solene. Arnie fez um gesto obsceno com o dedo.

As formalidades agora estavam completas — Arnie podia ir embora. Recolheu sua sacola parda

de compras, consideravelmente desinflada, castiçais e latas vazias de cerveja, que tilintaram no interior.

Dennis teve uma súbita inspiração. Bateu com os nós dos dedos no gesso em torno da perna.

— Quer assinar aqui, Arnie?

— Eu já assinei, não foi?

— Sim, mas apagou. Assina outra vez? Arnie deu de ombros.

— Tem uma caneta?

Dennis entregou-lhe uma caneta que tirou da gaveta da mesa-de-cabeceira. Sorridente, Arnie inclinou-se para o gesso, erguido em ângulo acima da cama, através de uma série de pesos e polias, encontrou espaço em branco no meio do emaranhado de nomes e frases e garatujou:

*For Dennis Guilder, The
World's Biggest Dork
Arnie Cunningham*

(Para Dennis Guilder, o maior cacete do mundo.)

Deu um tapinha no gesso, após terminar, e devolveu a caneta.

— Tudo certo?

— Legal — disse Dennis. — Obrigado. Agora pode dar o fora, Arnie.

— Certo, sabichão. Feliz Dia de Ação de Graças.

— O mesmo pra você.

Arnie se foi. Mais tarde, chegaram os pais de Dennis. Aparentemente exausta pela hilaridade do dia, Ellie tinha ido dormir. Ao voltarem para casa, os Guilder comentaram o abatimento de Dennis.

— Tinha que estar mesmo — disse Guilder. — Feriados num hospital nada têm de divertidos.

Quanto a Dennis, naquela noite ele passou um longo e meditativo período examinando as duas assinaturas. De fato, Arnie já assinara seu gesso, mas quando ele ainda estava com as duas pernas inteiramente engessadas. Daquela primeira vez, ele assinara no molde sobre a perna direita, a que estava suspensa no ar durante a visita de Arnie. Esta noite, ele pusera sua assinatura na esquerda.

Dennis tocou a cigarra, chamando uma enfermeira, e usou todo o seu poder de persuasão para que ela lhe baixasse a perna esquerda, a fim de

poder comparar as duas assinaturas, lado a lado. O gesso da perna direita havia sido recortado e o retirariam em mais uma semana ou dez dias. A assinatura de Arnie não se desfizera — essa tinha sido uma das mentiras de Dennis —, mas quase se fora, quando recortaram o gesso.

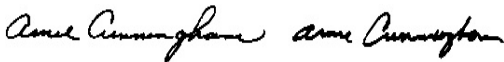
Arnie não escrevera uma mensagem na perna direita, apenas assinara. Com algum esforço (e um pouco de dor), Dennis e a enfermeira conseguiram manobrar-lhe as pernas, deixando-as aproximadas o suficiente para que ele estudasse as duas assinaturas, lado a lado. Em uma voz tão sem entonação e falha, que ele mal conseguiu identificar como sua, ele perguntou à enfermeira:

— Acha que são parecidas?

— Não — disse ela. — Já ouvi falar de cheques com assinaturas falsificadas, mas nunca moldes de gesso. É alguma brincadeira?

— Claro — Dennis sentiu algo gelido subir do estômago para o peito. — É brincadeira.

Olhou para as assinaturas. Olhou para ambas, lado a lado, e sentiu um jato gelado se espalhando por todo seu corpo, baixando sua temperatura, deixando os cabelos da nuca eriçados, espetando o ar:



As duas assinaturas não tinham a menor semelhança.

Mais tarde, naquela noite do Dia de Ação de Graças, levantou-se um vento frio, primeiro em lufadas, depois permanentemente. A clara lua cheia espiava para baixo, do alto de um céu negro. As últimas folhas murchas e queimadas do outono foram arrancadas das árvores e depois atiradas pelas sarjetas. Emitiam um som parecido ao de ossos rolando.

O inverno chegara a Libertyville.

"PENETRA" WELCH

A noite estava escura, o céu estava azul,
e um carrão brilhante fugia no fundo do beco,

Uma porta se abriu com estrondo,

Alguém gritou,

Você precisava ouvir só o que eu vi

— Bo Diddley

A quinta-feira depois da do Dia de Ação de Graças foi o último dia de novembro, a noite em que Jackson Browne tocou no Centro Cívico de Pittsburgh, para uma platéia lotada. "Penetra" Welch foi até lá com Richie Trelawney e Nickey Billingham mas separou-se deles antes de começar o espetáculo. A grana estava curta e, fosse porque o eminente concerto de Browne houvesse gerado algumas vibrações harmoniosas ou porque ele estava adquirindo traços afetivos (sendo um romântico, "Penetra" gostava de acreditar na última hipótese), ele tivera uma noite extraordinariamente boa. Consequira juntar quase trinta dólares em "trocados". Distribuíra as moedas por todos os seus bolsos e tilintava como um cofre de criança. Pedir carona para casa também fora incrivelmente fácil, com todo o tráfego formado a partir do Centro Cívico. O concerto terminara às onze e quarenta da noite e ele estava de volta a Libertyville pouco depois de uma e quinze da madrugada.

Sua última carona havia sido com um rapaz que seguia de volta para Prestonville, pela Rota 63. O cara o deixara na rampa da 376, da JFK Drive. "Penetra" decidiu caminhar até o posto de gasolina Happy Gas, de Vandenberg, para um papo com Buddy. Buddy tinha um carro e isto, para "Penetra" — que morava longe, em Kingsfield Pike — significava que não precisaria ir para casa andando. Era dureza conseguir uma carona quando se está em zonas menos populosas — e Kingsfield Pike ficava no fim do mundo. Desta maneira, ele só chegaria em casa bem depois do amanhecer

mas, em tempo frio, uma carona garantida não é coisa que se despreze. E Buddy podia ter uma garrafa.

"Penetra" já caminhara uns trezentos metros, a partir da rampa de saída da 376, em meio a um frio intenso, suas botas ferradas crepitando sobre a calçada deserta, a sombra diminuindo e se desfazendo sob a claridade fantasmagórica e alaranjada da luz dos postes, tendo ainda mais de um quilômetro a percorrer, quando avistou o carro estacionado junto ao meio-fio, pouco adiante. O escapamento turbilhonava para fora dos dois canos de descarga e pendia no ar perfeitamente imóvel, em forma de nuvem, antes de se desmanchar preguiçosamente em camadas superpostas. A grade do radiador, em reluzente cromado que se acentuava com toques de luz laranja, olhava para ele como a boca sorridente de um débil mental. "Penetra" reconheceu o carro. Era um Plymouth de duas cores. À luz das lâmpadas da rua, os dois tons pareciam ser marfim e sangue seco. Era Christine.

"Penetra" estacou e uma espécie de estúpida admiração o envolveu — não havia medo, pelo menos naquele momento. Não podia ser Christine, aquilo era impossível — eles tinham feito uma dúzia de furos no radiador do carro do Cara de Cona, haviam despejado uma garrafa de Texas Driver quase cheia no carburador, e Buddy exibira um saco de açúcar de três quilos, que deixara escorregar para o tanque de gasolina, através das mãos de "Penetra", formando um funil. E aquilo fora apenas o começo. Buddy demonstrara um tipo de furiosa imaginação, para destruir o carro do Cara de Cona. Aquilo deixara "Penetra" deliciado e inquieto ao mesmo tempo. Tudo somado, aquele carro não conseguiria mover-se por esforço próprio nem em seis meses, talvez nunca mais. Portanto, não podia ser Christine o que estava ali. Devia ser outro Fury 58.

Exceto que era Christine. "Penetra" o conhecia.

Ficou imóvel na calçada deserta daquela madrugada, as orelhas entorpecias assomando por sob os cabelos compridos, a respiração

congelando-se no ar.

O carro estava junto ao meio-fio, de frente para ele, o motor ronronando maciamente. Era impossível dizer quem estaria ao volante, caso houvesse alguém. O carro estacionara diretamente abaixo da luz de um poste, e o globo alaranjado brilhava através do pára-brisa imaculado, como um jack-o'-lantern ⁽⁴⁾ à prova d'água, percebido bem no fundo de águas escuras.

"Penetra" começou a ficar com medo.

Deslizou a língua sobre os lábios secos e olhou em torno. À sua esquerda, ficava a JFK Drive, com seis faixas de trânsito e se assemelhando ao leito seco de um rio, àquela hora morta da madrugada. À esquerda, havia uma loja fotográfica, com letras alaranjadas delineadas em vermelho, soletrando KODAK, através da vitrine.

"Penetra" tornou a olhar para o carro. Ele permanecia lá, parado.

Ele abriu a boca para falar, mas não emitiu som algum. Experimentou de novo e conseguiu um grasnido.

– Olá, Cunningham!

O carro continuou parado, preguiçosamente. A fumaça do escapamento turbilhonava, morosamente farta, produzida pela gasolina especial.

– É você, Cunningham?

Deu mais um passo. Os pregos da bota ferrada retiniram no cimento. Seu coração latejava no pescoço. Tornou a olhar em torno, para a rua; certamente apareceria outro carro, a JFK Drive não podia estar inteiramente deserta, mesmo à uma e vinte e cinco da madrugada, podia? Entretanto, não havia carros, apenas o monótono clarão alaranjado dos postes de luz.

"Penetra" pigarreou.

– Você não está louco, está?

Os faróis duplos dianteiros ganharam vida subitamente, envolvendo-o em cintilante luz branca. O Fury disparou para ele, a toda velocidade, os pneus deixando marcas negras de borracha no pavimento. Arremeteu com tal potência que a retaguarda pareceu afundar, como as patas traseiras de um cão preparando-se para o salto — um cão ou uma loba. As rodas junto ao meio-fio ergueram-se acima do pavimento e correram para "Penetra" daquela maneira — as rodas externas mais baixas, as internas rodando sobre a calçada, em ângulo saliente. O chassi arranhou e gemeu, despejando um jato de faíscas turbilhonantes.

"Penetra" gritou e tentou dar um passo de lado. A extremidade do pára-choque de Christine mal lhe tocou a barriga da perna esquerda, mas arrancou um pedaço de carne. Um líquido quente desceu por sua perna e empoçou-se no sapato. O calor do próprio sangue o fez perceber, de modo algo confuso, o quanto a noite estava fria.

Ele se chocou contra a porta da loja de fotografias, batendo nela com o quadril, escapando por pouco da vitrine. Mais trinta centímetros para a esquerda e afundaria através do vidro, aterrando sobre um amontoado de Nikons e Polaroids.

Ouviu o motor do carro, aumentando subitamente de rotação. E, de novo, aquele alienado ranger do chassi contra o cimento. "Penetra" olhou em redor, arfando penosamente. Christine dava marcha à ré na sarjeta e, quando passou por ele, "Penetra" viu. Ele viu.

Não havia ninguém ao volante.

O pânico começou a latejar em sua cabeça. "Penetra" se firmou nos calcanhares. Correu pela JFK Drive, procurando o lugar mais distante. Havia um beco, entre um mercado e uma lavanderia. Estreito demais para o carro. Se pudesse alcançá-lo...

As moedas tilintaram loucamente em seus bolsos das calças e nos cinco ou seis bolsos do casaco, excedente de equipamento militar do Exército. Moedas de vinte e cinco, dez e cinco centavos. Um tilitante carrilhão de

prata. Os joelhos quase lhe chegaram ao queixo. As botas ferradas de engenheiro tamborilaram sobre a calçada. Sua sombra o perseguiu.

Em algum ponto mais atrás, o carro tornou a aumentar as rotações, morreu, aumentou de novo, morreu, e então o motor começou a guinchar. Os pneus uivaram e Christine disparou contra as costas de "Penetra" Welch, cruzando as faixas da JFK Drive em ângulo reto. "Penetra" gritou, mas nem ouviu o próprio grito, porque o carro ainda queimava borracha, ainda se esganiçava como uma mulher insanamente furiosa e homicida — e aquele guincho encheu o mundo.

A sombra de "Penetra" não o perseguia mais. Agora estava à sua frente e alongando-se. Na vitrine da lavanderia, ele viu o desabrochar de enormes olhos amarelados.

Nem mesmo estava perto de lá.

No preciso e último instante, "Penetra" tentou gingar para a esquerda, mas Christine imitou seu movimento, como se tivesse lido seu final e desesperado pensamento. O Plymouth o atingiu em cheio, ainda acelerando, quebrando-lhe as costelas e arrancando as botas de engenheiro de seus pés. Ele foi atirado a doze metros, contra a parede lateral de tijolos do pequeno mercado, novamente escapando por pouco de um mergulho através da vitrine.

A força do impacto foi dura o bastante para fazê-lo ricocheteiar de novo para a rua, deixando na parede uma mancha de sangue, como em um mata-borrão. Uma foto da mancha surgiria no dia seguinte, na primeira página do *Keystone* de Libertyville.

Christine deu marcha à ré, guinchou quando de uma brusca e deslizante parada, tornando a rugir ao avançar. "Penetra" jazia perto a calçada, tentando levantar-se. Não foi possível. Nada parecia funcionar. Todos os sinais estavam confusos.

A intensa luz branca o lavou de alto a baixo.

— Não — sussurrou, através da boca cheia de dentes quebrados. — N...

O carro rugiu para diante e sobre ele. Moedas voaram para todos os lados. "Penetra" foi puxado, rolando primeiro para um lado, depois para o outro, quando Christine tornou a recuar para a rua. O carro ficou ali, o motor acelerando e caindo para um zumbido preguiçoso, depois tornando a acelerar. Ficou ali, como que cismando.

Então, voltou a atacá-lo. Atingiu-o, subiu na calçada, derrapou um pouco e então recuou, sacolejando na marcha à ré.

Guinchou para diante.

Deu marcha à ré.

Investiu de novo.

Os faróis dianteiros cintilaram. Os canos de descarga expeliram uma quente fumaça azulada.

A coisa na rua não parecia mais um ser humano; agora tinha a aparência de um monte de trapos espalhado.

O carro deu marcha à ré uma última vez, derrapou fazendo um semicírculo e acelerou, rugindo para a trouxa sangrenta na rua, em seguida descendo a estrada a toda potência do motor, ainda acelerando ao máximo, o ruído reverberando nas paredes dos prédios adormecidos mas não inteiramente adormecidos agora. Havia luzes começando a brilhar, pessoas que moravam sobre suas lojas chegavam às janelas, querendo ver o que provocava toda aquela barulheira e se houvera algum acidente.

Um dos faróis de Christine ficara estilhaçado. O outro piscava sem cessar, manchado com uma fina camada do sangue de "Penetra". A grade do radiador estava amassada para dentro e as molas feitas nela aproximavam-se em tamanho e formato ao torso de "Penetra", com toda a horrenda perfeição de uma máscara mortuária. Havia sangue espalhado sobre o capô, um sangue que era uma mancha aumentando de tamanho, à

medida que aumentava a velocidade. A descarga apresentava um som ruidoso, ensurdecedor; um dos dois silenciosos de Christine fora destruído.

Dentro do carro, no painel de instrumentos, o odômetro continuava girando ao contrário, como se, de algum modo, Christine recuasse no tempo, escapando não apenas do cenário do atropelamento e fuga, mas do verdadeiro *fato* do atropelamento e fuga.

O silencioso foi a primeira coisa.

De repente, aquele som ruidoso, ensurdecedor, diminuiu e normalizou-se.

Os leques de sangue sobre o capô começaram a recuar para a dianteira do carro, a despeito do vento — como um filme, rodando ao contrário.

O farol vacilante de súbito passou a brilhar com firmeza e, duzentos metros além, o farol apagado voltou a brilhar também. Com um tilintar insignificante — não mais do que o som do sapato de um garotinho quebrando a fina camada de gelo formada sobre uma poça lamacenta — o vidro se reestruturou do nada.

Houve um som cavo — *punk! punk! punk!* — brotando da dianteira do carro, o som de metal amassado, aquele som que ouvimos às vezes quando apertamos uma lata de cerveja. Só que, em vez de amassar-se, a grade dianteira de Christine estava se desamassando — um lanterneiro veterano, com cinquenta anos de experiência em seu trabalho, não o teria feito com mais perícia e capricho.

Christine dobrou para Hampton Street, ainda antes de o primeiro daqueles despertados pelo chiado de seus pneus alcançar os despojos de "Penetra". O sangue desaparecera. Tinha chegado à frente do capô e ali desaparecera. Os arranhões não existiam mais. Quando o carro rodou quietamente para a porta da garagem, com seu aviso BUZINE PARA ENTRAR, houve um *punk!* final, e então a última amassadura — esta no pára-lama dianteiro esquerdo, o local onde Christine colidira contra a barriga

da perna de "Penetra" — se desamassou e ficou perfeita.

Christine estava como nova.

O carro parou diante da grande porta da garagem, no meio do edifício escuro e silencioso. Havia uma pequena caixa de plástico, presa à viseira contra o sol, do lado do motorista. Era uma bugigangazinha que Will Darnell dera a Arnie, quando ele começara a transportar cigarros e bebida para o Estado de Nova York, por sua ordem — talvez fosse a versão de Darnell sobre uma chave de ouro para o banheiro público.

No ar quieto, o abridor de porta zumbiu brevemente e a porta da garagem chocalhou obedientemente para cima. Outro circuito se formara com o levantamento da porta e algumas luzes internas acenderam-se dentro do prédio, brilhando francamente.

O botão dos faróis dianteiros se moveu repentinamente no painel de instrumentos e as luzes de Christine apagaram-se. O carro rodou para o interior murmurando através do concreto manchado de óleo, em direção ao boxe vinte. Atrás dele, a porta erguida que fora programada para uma espera de trinta segundos tornou a descer. O circuito das luzes se interrompera e a garagem voltou à escuridão.

Na fenda da ignição de Christine, as chaves oscilando para baixo giraram subitamente para a esquerda. O motor morreu. A etiqueta de couro com as iniciais RDL marcadas em sua superfície balançou de um lado para outro, em arcos decrescentes... até finalmente ficar imóvel.

Christine ficou no escuro, e o único som na Garagem Faça-Você-Mesmo, de Darnell, era o lento palpitar de seu motor esfriando.

O DIA SEGUINTE

Tenho um "Chevy" 69 com um 396,

Faróis Feully e um Hurst no piso,

Que me espera esta noite

No pátio de estacionamento

Junto à loja 7-11...

— Bruce Springsteen

Arnie Cunningham não foi à aula no dia seguinte. Alegou ter quase certeza de que ia ficar gripado. Naquela noite, contudo, disse aos pais que se sentia melhor, o bastante para ir até a Garagem de Darnell e trabalhar um pouco em Christine.

Regina protestou — embora não se expressasse para dizer o que sentia, pensou que Arnie tinha uma aparência terrível. O rosto dele estava agora inteiramente livre da acne e das equimoses, mas houve uma troca: ficara muito pálido e havia círculos escuros em torno dos olhos, como se não estivesse dormindo bem. Além disso, ainda mancava. Inquieta, ela se perguntou se o filho não estaria usando algum tipo de droga, se talvez não houvesse machucado mais as costas do que dava a entender e começasse a tomar pílulas para poder continuar trabalhando no amaldiçoado carro. Então, rejeitou o pensamento. Por mais obcecado que pudesse estar com o carro, Arnie não seria idiota a tal ponto.

— Eu estou ótimo, mamãe — disse ele.

— Não me parece nada ótimo. E mal tocou em seu jantar.

— Comerei alguma coisa mais tarde.

— E suas costas, como estão? Será que não anda levantando coisas muito pesadas para você?

— Não, mamãe.

Era mentira. E suas costas tinham doído horrivelmente o dia inteiro. Estava atravessando a pior fase, desde a lesão original, em Philly Plains. *(Oh, em verdade, como é que aquilo começara? sussurrou sua mente. Como havia sido? Você tem certeza de alguma coisa?)* Havia tirado o colete por instantes e as costas latejavam tanto, que mal pudera suportar. Colocara-o novamente, após apenas quinze minutos, apertando-o mais do que nunca. Agora, as costas estavam um pouquinho melhor. Ele sabia por quê. Era porque ia vê-la, ver Christine. Era isso.

Regina olhou para ele, preocupada e desnorteada. Pela primeira vez na vida, simplesmente não sabia como agir. Arnie agora estava fora de seu controle. O conhecimento disto provocava um desespero insano, que algumas vezes a envolvia, rastejante, enchendo-lhe o cérebro de uma horrível, vazia e infecta friagem. Nestas ocasiões era tão grande a depressão que custava a crer na passagem furtiva daquela dúvida por sua cabeça fazendo-a perguntar-se se era exatamente para isso que vivera — ver seu filho apaixonado por uma garota e por um carro, no mesmo terrível outono. Teria sido? Para que pudesse ver, precisamente, o quanto se tornara odiosa para ele, ao fitar seus olhos cinzentos? Teria sido? E, em realidade, aquilo tinha algo a ver com a garota? Não. Em sua mente, tudo acabava retornando ao carro. Seu repouso passara a ser interrompido e inquieto e, pela primeira vez desde seu parto, quase vinte anos antes, começou a considerar uma consulta com o Dr. Mascia, para ver se ele lhe daria alguma pílula para a tensão, a depressão e a insônia resultante. Pensava em Arnie, nas longas noites insones, nos erros que jamais poderiam ser retificados; pensava em como o tempo conseguia deslocar de seu eixo o equilíbrio do poder e em como a meia-idade às vezes espionava através de um espelho de toucador, como a mão de um cadáver, assomando através de uma terra erodida.

— Vai voltar cedo? — perguntou.

Sabia ser este o último apoio dos pais verdadeiramente impotentes e odiou-o, mas agora era incapaz de modificá-lo.

— Claro — respondeu ele, mas Regina não acreditou muito, a julgar pelo tom da resposta.

— Arnie, eu gostaria que ficasse em casa. Sinceramente, você não me parece com boa aparência.

— Vou melhorar — disse ele. — Tenho que melhorar. Preciso levar algumas peças de carro amanhã até Jamesburg, para Will.

— Não poderá ir, se estiver doente — disse ela. — São quase duzentos quilômetros.

— Não se preocupe.

Ele lhe beijou a face — o beijo-na-face desapaixonado, dos conhecidos que se encontram em um coquetel. Arnie abria a porta da cozinha para sair, quando Regina perguntou:

— Você conhecia o rapaz que foi atropelado a noite passada, na Rodovia Kennedy? Ele se virou para fitá-la, com rosto inexpressivo.

— O quê?

— O jornal disse que ele vinha para Libertyville.

— Oh, aquele atropelamento com fuga... É disso que está falando? -É.

— Éramos da mesma sala, quando eu era calouro — disse Arnie. — Pelo menos, acho que sim. Mas eu não o conhecia muito, mamãe.

— Oh — assentiu ela satisfeita. — Ainda bem. Segundo o jornal, havia resíduos de droga em seu organismo. Você nunca tomou drogas, não é, Arnie?

Arnie sorriu suavemente para o rosto pálido e perscrutador de sua mãe.

— Nunca, mamãe.

— E se suas costas começarem a incomodá-lo... quero dizer, se *realmente* começarem a incomodá-lo... você irá ver o Dr. Mascia, está bem?

Não comprará nada de um... traficante de drogas, não é mesmo?

— Não comprarei, mamãe — repetiu ele, e saiu.

Havia mais neve agora. Outro degelo derreteria a maior parte, mas desta feita ela não desaparecera por completo, apenas recuando para as sombras, onde formava uma orla branca debaixo das sebes, na base das árvores, na cobertura da garagem. Não obstante, a despeito da neve em torno das beiradas — ou talvez por isso mesmo — o gramado da casa parecia singularmente verde, quando Arnie saiu para o crepúsculo, seu pai assemelhando-se a um estranho refugiado do verão, enquanto recolhia as últimas folhas do outono com um ancinho.

Arnie ergueu a mão brevemente para ele e deu a impressão de que ia passar por Michael sem falar. Seu pai o chamou. Ele se aproximou com relutância. Não queria atrasar-se para seu ônibus.

Seu pai também envelhecera com as tormentas que haviam desabado sobre Christine, embora outras coisas certamente também tivessem tido parte nisso. Candidatara-se à cátedra do Departamento de História, em Horlicks, em fins do último verão e havia sido solenemente rejeitado. Além do mais, durante seu *check-up* anual de outubro, o médico apontara um problema incipiente de flebite — flebite, que quase matara Nixon; flebite, um problema de pais com certa idade. E, quando o outono anterior dera vez a outro cinzento inverno do oeste da Pensilvânia, Michael Cunningham parecia mais abatido do que nunca.

— Oi, pai. Escute, tenho que me apressar, se quiser pegar o...

Michael ergueu os olhos da pequena pilha de congeladas folhas castanhas que conseguira reunir. O pôr-do-sol banhou as partes planas de seu rosto e pareceu fazê-las sangrar. Arnie recuou involuntariamente, um tanto chocado. O rosto de seu pai era espectral.

— Onde esteve a noite passada, Arnold? — perguntou ele.

— Quê? — ofegou Arnie, depois fechando a boca lentamente. — Ora, aqui. Aqui em casa, papai. Você sabe disso.

— A noite inteira?

— É claro! Fui para a cama às dez horas. Estava arriado. Por quê?

— Porque hoje recebi um telefonema da polícia — disse Michael. — Sobre o rapaz que foi atropelado na JFK Drive, à noite passada.

— "Penetra" Welch — disse Arnie.

Fitou o pai com olhos calmos, mas orlados de profundas olheiras e comprimidos nas órbitas. Se o filho ficara chocado com a aparência do pai, também o pai ficara perplexo ante a do filho. Para Michael, as órbitas do rapaz quase pareciam os buracos vazios de uma caveira, àquela claridade esfumada do crepúsculo.

— Sim, o sobrenome era Welch.

— Era quase certo que ligariam. Bem, acho eu. Mamãe sabe... que ele poderia ter sido um dos caras que demoliram Christine?

— Não por mim.

— Eu também nada lhe disse. Seria bom ela não ficar sabendo — declarou Arnie.

— Ela acabará descobrindo — disse Michael. — De fato, sua mãe certamente deduzirá isso. É uma mulher tremendamente inteligente, caso você nunca tenha notado. Entretanto, não ficará sabendo por mim.

Arnie assentiu, depois sorriu sem vontade.

— Onde esteve a noite passada? Sua confiança é tocante, papai. Michael enrubesceu, mas não baixou os olhos.

— Se você não estivesse fora de si nestes últimos dois meses — falou —, talvez compreendesse por que fiz a pergunta.

— Bem, diabo, o que significa?

— Você sabe perfeitamente. Nem mesmo adianta ficarmos discutindo, porque vamos terminar sempre na mesma coisa, após rodeios e mais rodeios. Toda a sua vida está se desintegrando e você ainda fica aí, perguntando sobre o que estou falando!

Arnie riu. Era um som duro, insolente. Michael pareceu encolher-se um pouco, ao ouvi-lo.

— Mamãe perguntou se eu tomava drogas. Talvez você também queira testar isso. — Arnie fez um gesto de arregaçar as mangas do blusão de frio. — Quer ver se tem marcas de picadas?

— Não preciso perguntar se toma drogas — disse Michael. — Você já está tomando uma que conheço, e isso basta. E aquele maldito carro.

Arnie se virou como para ir embora, mas Michael o reteve.

— Largue meu braço. Michael deixou a mão cair.

— Só queria que ficasse sabendo de uma coisa — disse ele. — Acredito tanto que você mataria alguém, como acreditaria que fosse capaz de caminhar através da piscina dos Symond. Entretanto, a polícia irá interrogá-lo, Arnie, e as pessoas podem assustar-se, quando a polícia surge de repente. Para eles, susto ou surpresa podem assemelhar-se a culpa.

— Tudo isto porque algum bêbado atropelou aquele bosta do Welch?

— A coisa não foi bem assim — disse Michael. — Fiquei sabendo por esse tal Junkins, que ligou para mim. Quem quer que tenha liquidado o rapaz Welch, atropelou-o, depois deu marcha à ré, tornou a passar por cima dele com o carro, recuou, passou sobre ele, *tornou a...*

— Pare com isso! — exclamou Arnie.

De repente, parecia sentir-se mal e amedrontado. Michael experimentou a mesma sensação de Dennis, no Dia de Ação de Graças: a sensação de que, em sua fatigada infelicidade, o verdadeiro Arnie subitamente se aproximara da superfície, talvez quase podendo ser atingido.

— Foi... incrivelmente brutal — comentou Michael. — Assim me disse Junkins. Compreenda, não pareceu realmente um acidente. Foi mais um assassinato.

— Assassinato — murmurou Arnie estonteado. — Não, eu nunca...

— O quê? — perguntou Michael brusco. Tornou a agarrar o blusão de Arnie. — O que ia dizer? Arnie olhou para o pai. Seu rosto ficara novamente hermético.

— Nunca pensei que pudesse ser isso — disse ele. — Era o que eu ia dizer.

— Quero apenas que saiba de uma coisa — explicou Michael. — Eles irão procurar alguém com um motivo, por menor que seja. Sabem o que aconteceu com seu carro, como sabem que esse Welch poderia estar envolvido naquilo ou que você o *julgasse* envolvido. É bem possível que Junkins vá procurá-lo.

— Nada tenho a esconder.

— Claro, eu sei disso — concordou Michael. — Ande, vai perder seu ônibus!

— Certo — disse Arnie. — Tenho que ir agora.

No entanto, ficou ali um pouco mais, fitando o pai. De súbito, Michael se viu recordando o nono aniversário de Arnie. Ele e o filho tinham ido ao pequeno zoológico em Philly Plains, almoçado juntos e encerrado o dia jogando dezoito buracos no campo de golfe em miniatura, perto da Estrada Basin, ao ar livre. O local havia pegado fogo em 1975. Regina não pudera ir, ficara em casa, atacada de bronquite. Eles dois tinham-se divertido muito. Para Michael, aquele fora o melhor aniversário do filho, o que simbolizara, em sua concepção, o melhor ponto da doce e despreocupada infância de Arnie, como menino americano. Tinha ido ao zoológico e voltado para casa sem grandes acontecimentos, exceto que se haviam divertido — ele e o filho, um filho que fora e continuava sendo tão querido.

Michael passou a língua pelos lábios e disse:

— Venda aquele carro, Arnie. Por que não o vende? Depois que o reconstruir inteiramente, desfaça-se dele. Pode conseguir um bom dinheiro. Uns dois... talvez até três mil dólares.

De novo, aquela assustadora e cansada expressão passou pelo rosto de Arnie, mas Michael não podia afirmar com certeza. O sol poente se transformara em acre linha alaranjada no horizonte ocidental e o pequeno jardim ficara sombrio. Então a expressão desaparecera, se é que existira.

— Não, eu não poderia fazer isso, papai — disse Arnie docemente, como se falasse a uma criança. — Agora, não. Já investi muito em Christine. Demais.

Então ele se foi, cruzando o jardim até a calçada, fundindo-se a outras sombras, deixando para trás apenas o som de suas pisadas, mas que em breve desaparecia.

Investiu muito em Christine? É mesmo? O que, exatamente, Arnie? O que investiu nesse carro?

Michael baixou os olhos para as folhas, depois observou seu jardim. Por baixo de sebe e na cobertura da garagem, a neve cintilava na escuridão que ia chegando, lívida e teimosamente aguardando reforços. À espera do inverno.

REGINA E MICHAEL

Minha máquina é um barato, minha 409,

Minha 409, com "dual-quad".

— The Beach Boys

Regina estava cansada — parecia cansar-se com mais facilidade, naqueles dias —, de modo que foram para a cama às nove, muito antes de Arnie chegar. Fizeram amor, um ato sem alegria e mais por obrigação (ultimamente eles se amavam bastante, quase sempre como obrigação e sem alegria, deixando Michael com a desagradável sensação de que a esposa passara a usar seu pênis como uma pílula para dormir), depois do que permaneceram em suas camas geminadas, quando então ele perguntou, casualmente:

— Dormiu bem a noite passada?

— Muito bem — respondeu ela, candidamente, e ele soube que mentia.

— Ótimo.

— Levantei por volta das onze e Arnie parecia inquieto — disse Michael, ainda mantendo o tom casual.

No momento, sentia-se profundamente apreensivo. Nesta noite, percebera algo no rosto do filho, algo que não conseguira desvendar, por causa das sombras do anoitecer. Talvez não fosse nada, absolutamente nada, mas aquilo cintilava em sua mente como um maldito anúncio de néon que não se desligava. Seu filho parecia culpado ou assustado? Não fora apenas um efeito da luz? A menos que resolvesse a charada, o sono demoraria muito a chegar — e talvez nem chegasse.

— Levantei-me lá pela uma da madrugada — disse Regina, apressando-se a acrescentar: — Só para ir ao banheiro. Dei uma espiada em Arnie. — Riu, um tanto melancólica. — Velhos hábitos custam a morrer,

não?

— Sim, acho que custam — concordou Michael.

— Então, ele dormia profundamente. Eu gostaria que ele passasse a usar pijama, no tempo frio.

— Estava de cuecas?

— Estava.

Michael tranqüilizou-se, imensamente aliviado e bastante envergonhado de si mesmo. Entretanto, era melhor ficar sabendo... ter certeza. Fora muito bom ter dito a Arnie que o sabia tão capaz de cometer um homicídio, quanto caminhar sobre a água. Não obstante, a mente, aquele perverso demônio, tudo pode conceber e parece sentir uma perversa alegria nisso. Entrelaçando as mãos atrás da cabeça e encarando a escuridão, Michael pensou que talvez fosse justamente essa a maldita peculiaridade do viver. Mentalmente, uma esposa pode atacar alegremente seu melhor amigo, um grande amigo pode tramar contra nós e planejar trair-nos, um filho pode assassinar alguém com um carro.

Era melhor ficar envergonhado e esquecer as idéias cretinas.

Arnie estava em casa à uma da madrugada. Era improvável que Regina se enganasse com a hora, por causa do rádio-relógio digital sobre a cômoda do quarto do casal — ele marcava as horas em números enormes, azuis e indiscutíveis. Seu filho estava ali à uma hora, e o rapaz Welch havia sido atropelado a cinco quilômetros de distância, vinte e cinco minutos depois. Era impossível crer que Arnie pudesse vestir-se, sair (sem Regina perceber, pois certamente ficara acordada, atenta a ele), ir até a Darnell's, retirar Christine e dirigi-la até o local em que "Penetra" Welch fora assassinado. Fisicamente impossível.

E, para começar, ele nunca acreditara nisso.

Suas idéias demoníacas estavam satisfeitas. Michael se virou para o lado direito, dormiu e sonhou que jogava golfe com seu filho de nove anos,

em uma sucessão de pequenos campos verdejantes, onde giravam moinhos de vento e pequenos acidentes do terreno os esperavam... Sonhou ainda que os dois estavam sozinhos, inteiramente sós no mundo, porque a mãe de seu filho morrera de parto — algo muito triste. Todos ainda recordavam como Michael ficara inconsolável — mas quando voltassem para casa, ele e seu filho, a teriam apenas para os dois, comeriam macarrão diretamente da panela como despreocupados solteirões, e ao terminarem de lavar os pratos sentar-se-iam à mesa da cozinha, oculta sob jornais espalhados, e construiriam modelos de carros com inofensivos motores plásticos.

Michael Cunningham sorria em seu sonho. Ao lado dele, na outra cama, Regina não sorria. Permanecia acordada, esperando o ruído da porta, denunciando que seu filho voltara do mundo lá de fora.

Quando ouvisse a porta sendo aberta e fechada... quando ouvisse os passos dele nos degraus... então seria capaz de dormir.

Talvez.

JUNKINS

Fique calma e venha motorar comigo, meu bem

O que foi que disse?

Que me cale e não faça propostas?

Oh, meu bem, você é a minha proposta!

Uma excelente proposta, meu bem.

E adoro excelentes propostas!

Que carro estou dirigindo?

É um Cadillac 48,

Um Cadillac rabo-de-peixe,

Uma máquina e tanto, meu bem,

Vamos rodar, Josephine, rodar...

— Elias McDaniel

Junkins apareceu na Darnell's mais ou menos às oito e quarenta e cinco daquela noite. Arnie tinha acabado de encerrar seu trabalho em Christine por aquele dia. Substituíra por uma nova a antena de rádio que Repperton e seu bando tinham arrancado e, durante os últimos quinze minutos, ficara sentado ao volante, ouvindo *Cavalgada do Ouro de Sexta à Noite* na estação WDIL.

Sua única idéia tinha sido a de ligar o rádio e mover o ponteiro no mostrador, do começo ao fim, para certificar-se de que instalara a antena devidamente e não havia estática. Entretanto, o ponteiro dera com o forte sinal da WDIL e ele ficara quieto, olhando para diante através do pára-brisa, sentado ali com os olhos cinzentos cismadores e distantes. Enquanto isso, Bobby Fuller cantava "*I Fought the Law*" Frankie Lymon e os Teenagers cantavam "*Why Do Fools Fall in Love*", Eddie Cochran cantava "*C'mon Everybody*" e Buddy Holly cantava "*Rave On*"... Não havia comerciais na WDIL nas noites de sexta-feira, nem *disc-jockeys*. Apenas os sons, a música.

Vinda da programação, não de nosso coração. De vez em quando, uma suave voz feminina interrompia para dizer o que Arnie já sabia — que estava ouvindo a WDIL-Pittsburgh, o som da Rádio Camurça Azul.

Arnie permaneceu ao volante, sonhador, as luzes vermelhas dos marcadores fosforescendo no painel de instrumentos, tamborilando de leve com os dedos. A antena estava ótima. Sim, tinha feito um bom trabalho. Como Will dissera: ele possuía jeito para aquilo. Bastava olhar para Christine, ela era a prova. Parecia um monte de ferro-velho descansando no gramado de LeBay, mas ele a ressuscitara. Mais tarde, parecera outro monte de ferro-velho, no estacionamento do aeroporto, e tornara a ressuscitá-la. Ele tinha...

Fique gamado... fique gamado e me diga...

Me diga... para não ficar sozinho...

Ele tinha o quê?

Substituído a antena, claro. Podia recordar, também, que fizera alguma lanternagem nos amassados. Entretanto, não encomendara nenhum vidro de pára-brisa (embora ele houvesse sido trocado), não encomendara nenhum encapamento novo para os assentos (mas também haviam sido trocados), tendo-se limitado a olhar de perto o que havia debaixo do capô, uma vez, antes de deixá-lo cair com estrondo, horrorizado ante o estrago que tinham feito na fiação de Christine.

No entanto, agora o radiador estava intacto, o bloco do motor perfeito e brilhando, os pistons movimentando-se livre e claramente. E Christine ronronava como uma gata.

Entretanto, havia os sonhos.

Ele sonhara com LeBay ao volante de Christine, LeBay vestindo um uniforme do Exército, salpicado e sujo de manchas cinza-azuladas do bolor da sepultura. A carne dele se retraía e sumira. O osso branco e reluzente

assomava em alguns lugares. As órbitas onde outrora ficavam os olhos de LeBay eram vazias e escuras (mas havia algo cintilando lá no fundo, sim, havia algo). E então, os faróis dianteiros de Christine haviam sido acesos e projetados sobre alguém, espetando-o como se espetaria uma tachinha em um quadrado de cartolina branca. Alguém familiar.

"Penetra" Welch?

Talvez. No entanto, quando Christine arremetia de súbito para a frente, com os pneus chiando, parecera a Arnie que o rosto aterrorizado lá fora, na rua, se derretia como sebo, modificando-se a cada vez que o Plymouth atacava: ora, era o rosto de Repperton, depois o de Sandy Galton ou a cara de lua cheia de Will Darnell.

Fosse quem fosse, saltara para um lado, mas LeBay fizera Christine dar marcha à ré, manobrando a alavanca de mudança com negros dedos em decomposição — uma aliança de casamento pendia de um deles, tão frouxa como um laço atirado sobre o tronco de uma árvore morta —, e então a fazia retornar à rua, enquanto a figura corria para um lugar mais distante. Nessa nova arremetida de Christine, a figura virava a cabeça, atirando um olhar terrível para trás, e Arnie vira o rosto de sua mãe... depois o de Dennis Guilder... o de Leigh, os olhos arregalados sob uma nuvem flutuante de cabelos louro-escuros... e finalmente o seu próprio, com a boca torcida, gritando: *Não! Não! Não!*

Sobrepondo-se a tudo, inclusive ao tremendo barulho do cano de descarga (sem a menor dúvida, algo lá embaixo se danificara), havia a voz pútrida e triunfante de LeBay, provindo de uma laringe deteriorada, passando por lábios que já tinham sido repuxados sobre os dentes e tatuados com uma delicada fiação de bolor verde-escuro, a voz vitoriosa e estridente de LeBay:

Mais um pouco, seu bosta! Prove só o gostinho!

Houve então o baque surdo e mortal do pára-lama de Christine colidindo contra carne, o brilho dos óculos que voavam para o alto, no ar

noturno, girando e girando... até Arnie acordar em seu quarto, enovelado em uma bola trêmula, agarrado ao travesseiro. Faltavam quinze para as duas da madrugada e sua primeira sensação havia sido de grande e incrível alívio, o alívio de estar vivo. Ele estava vivo, LeBay estava morto e Christine estava salva. As únicas três coisas no mundo que importavam.

Oh, mas como foi que machucou suas costas Arnie?

Era uma voz interior, tímida e insinuante, fazendo uma pergunta que ele temia responder.

Machuquei-me em Philly Plains, dizia a todos. Uma peça de ferro-velho começou a deslizar pela carroceria sem laterais do caminho de Will e a empurrei para cima novamente — na hora não refleti nisso, apenas empurrei. Devo ter sofrido alguma boa distensão. Era o que tinha dito. Um ferro-velho começara a escorregar e ele o empurrara para o alto. Entretanto, não havia sido assim que machucara as costas, hein? Não, não havia.

Naquela noite, depois que ele e Leigh tinham deparado com Christine demolida no pátio de estacionamento, assentada sobre quatro pneus em tiras... naquela noite na Darnell's, depois que todos saíram... ele sintonizara o rádio do escritório de Will para ouvir música antiga no WDIL... Will agora confiava nele, não? Estava entregando cigarros em Nova Iorque, cruzando a divisa estadual, entregando bebida em Burlington e, por duas vezes, entregara algo embrulhado em pacotes de papel pardo liso, em Wheeling, onde um cara novo, em um velho Dodge Challenger, os trocara por outro pacote ligeiramente maior, também embrulhado em papel pardo. Arnie pensou que talvez fosse uma troca de cocaína por dinheiro, mas não quis ter certeza.

Naquelas viagens, ele dirigia um automóvel, um carro particular de Will, um Imperial 1966, tão negro como a meia-noite na Pérsia. O motor era silencioso e o porta-mala tinha fundo falso. Não havia problema, desde que mantivesse a velocidade limite. Por que haveria? O importante é que agora ele tinha as chaves para a garagem. Podia entrar, depois que todos tivessem

ido embora. Como havia feito nessa noite. Então, sintonizara a WDIL... e tinha... tinha...

Machucado as costas de algum modo.

O que havia feito, para machucá-las?

Uma frase estranha lhe chegou em resposta, flutuando de seu subconsciente: *É apenas um probleminha singular.*

Ele desejaria mesmo saber? Não. De fato, houve vezes em que nem mesmo queria o carro. Houve vezes em que sentiu ser melhor apenas... bem, vendê-lo ao ferro-velho. Não que fosse ou pudesse fazer isso. Era tão-somente porque às vezes (como por exemplo, após o suado e trêmulo período em seguida ao sonho da noite passada) achava que livrando-se do carro, poderia ser... mais feliz.

Subitamente, o rádio cuspiu um jato quase felino de estática.

— Não se preocupe — sussurrou Arnie.

Deslizou a mão lentamente pelo painel de instrumentos, adorando aquele contato. Sim, o carro às vezes o amedrontava. Também supunha que seu pai estivesse certo: Christine modificara sua vida em certo grau. No entanto, destiná-la ao ferro-velho era tão impossível quanto suicidar-se.

A estática sumiu. The Marvelettes cantavam "*Please Mr. Postman*".

Então, uma voz disse em seu ouvido:

— Arnold Cunningham?

Assustado, ele desligou o rádio. Virou-se. Um homenzinho baixote e vivo debruçava-se na janela de Christine. Tinha olhos castanho-escuros e o rosto corado — devido ao frio do exterior, supôs Arnie.

— Sim?

— Rudolph Junkins. Polícia Estadual, Divisão de Detetives.

Junkins enfiou a mão pela janela aberta. Arnie a observou por um

momento. Então, seu pai estava certo.

Ofereceu ao homem seu mais encantador sorriso, apertou-lhe a mão com firmeza e disse:

– Não atire, seu guarda, estou desarmado.

Junkins devolveu-lhe o sorriso, mas Arnie percebeu que os olhos dele permaneciam sérios, explorando o carro de uma maneira rápida e minuciosa, que não lhe agradou. Não agradou nem um pouco.

– Caramba! A julgar pelo que ouvi da polícia local, fiquei com a impressão de que os caras realmente tinham marcado seu carro, quando fizeram o trabalhinho nele. Pois nem parece!

Arnie deu de ombros e saiu do carro. As noites de sexta-feira eram enfadonhas na garagem, o próprio Will raramente aparecia, e não estava lá agora. Do outro lado, no boxe dez, um sujeito chamado Gabbs colocava um pára-lama novo em seu antigo Valiant e, no canto mais distante da garagem, havia o "brrr" periódico de uma chave a ar comprimido, enquanto um cara colocava pneus de neve em seu carro. Excetuando-se aqueles dois, ele e Junkins tinham toda a garagem para si mesmos.

– Não estava tão ruim quanto parecia — disse Arnie. Decidiu que aquele homenzinho sorridente devia ser muito esperto. Como se em um prolongamento natural do pensamento, pousou a mão com naturalidade sobre o teto de Christine e imediatamente se sentiu melhor. Podia enfrentar o cara, fosse ele inteligente ou não. Afinal, nada havia que o preocupasse. — Não houve dano estrutural.

– É mesmo? Ouvi dizer que fizeram buracos na carroceria, usando um instrumento perfurante. — Enquanto falava, Junkins olhava atentamente para os flancos de Christine. — Pois eu juro que não vejo o menor indício disso. Você deve ser um gênio na lanternagem, Arnie. Do jeito como minha mulher dirige, talvez eu devesse contratar seus serviços.

Sorriu de modo tranquilizador, mas seus olhos continuavam

examinando o carro, de alto a baixo. Pousavam por um instante no rosto de Arnie, e então voltavam de novo ao carro. Arnie cada vez estava gostando menos daquilo.

— Sei que sou bom nisso, mas nenhum Deus — disse Arnie. — Se procurar com atenção, poderá descobrir onde foi feita a lanternagem. — Apontou para uma ligeira ondulação na coberta posterior. — Ali também — apontou para outra ondulação. — Tive sorte de encontrar algumas partes originais da carroceria Plymouth, no Ruggles. Troquei toda a porta traseira deste lado. Reparou que a tinta não combina perfeitamente? — acrescentou, batendo na porta com os nós dos dedos.

— De jeito nenhum — disse Junkins. — Com um microscópio talvez eu visse a diferença. Assim, a tinta me parece absolutamente igual, Arnie.

Também bateu na porta com os nós dos dedos. Arnie franziu o cenho.

— Um trabalho dos diabos — comentou Junkins. Caminhou até a frente do carro. — Sim, senhor, um trabalho dos *diabos*, Arnie. Merece parabéns.

— Obrigado. — Arnie observou Junkins, disfarçado em sincero admirador, usando os perspicazes olhos castanhos para descobrir amassados suspeitos, falhas na pintura, talvez uma mancha de sangue ou um punhado de cabelos emaranhados. Procurando sinais de "Penetra" Welcher. De repente, Arnie teve certeza de ser justamente isso que o bosta fazia. — O que posso, exatamente, fazer pelo senhor, detetive Junkins?

Junkins riu.

— Rapaz, quanta formalidade! Não faça isso comigo! Me chame de Rudy, está bem?

— Claro — Arnie concordou sorrindo. — Em que posso ajudá-lo, Rudy?

— Compreenda, é curioso — disse Junkins, agachando-se para espiar os faróis dianteiros do lado do motorista. Bateu pensativamente em um

deles com os nós dos dedos e então, com aparente alheamento, deslizou o indicador pela metálica cobertura semicircular do farol. Seu sobretudo pairou por um instante sobre o piso cimentado manchado de óleo, depois ele se ergueu. — Recebemos comunicação de algo desta natureza... o quebra-quebra em seu carro, quero dizer...

— Oh, na verdade eles não o reduziram a *cacos* — disse Arnie. Começava a sentir-se em uma espécie de corda bamba e voltou a tocar Christine. A solidez do carro, sua *realidade*, tornaram a confortá-lo. — Eles bem que tentaram, entenda, mas não fizeram um trabalho completo.

— Ok. Acho que não estou bem a par do jargão atual. — Junkins riu. — De qualquer modo, quando o caso veio a mim, o que acha que perguntei? "Onde estão as fotografias?" Foi o que perguntei. Imaginei que fosse um descuido, entender? Então, telefonei para a Delegacia de Polícia de Libertyville e me disseram que *não havia* fotografias.

— Claro — respondeu Arnie. — Um cara da minha idade só consegue seguro de responsabilidade e, mesmo assim, com dedução de setecentos dólares. Se eu tivesse seguro contra danos, teria feito um bocado de fotos. Então, como não tinha, para que as fotos? Francamente, não ia querer nenhuma para meu álbum de recordações.

— Tem razão — disse Junkins e caminhou preguiçosamente até a traseira do carro, os olhos perscrutando em busca de vidros quebrados, arranhões, traços de culpa. — Sabe o que mais achei curioso? Você nem ao menos deu parte do crime! — Ergueu os olhos escuros e questionadores para Arnie, fitando-o de perto, e então esboçou um pequeno e falso sorriso de perplexidade. — Nem ao menos deu parte! "Poxa", falei, "o filho da mãe! E quem comunicou o fato?" O pai do cara, eles me disseram. — Junkins meneou a cabeça. — Não entendi isso, Arnie, e sou franco em dizer. Um sujeito se esgota, reformando um carro velho até que ele valha uns dois, talvez cinco mil dólares, e então aparecem alguns caras e fazem um baita de um estrago no carro...

– Eu já disse que...

Rudy Junkins ergueu a mão e sorriu tranqüilizadamente. Por um fantástico segundo, Arnie pensou que ele fosse dizer "Paz", como Dennis, quando a situação às vezes ficava um pouco pesada.

– Desculpe. Danificaram um pouco o carro.

– Certo – disse Arnie.

– De qualquer modo, segundo o que disse sua namorada, um dos perpetradores... bem, defecou no painel de instrumentos. Achei que você devia ter ficado louco da vida com isso. Achei que deveria dar parte desse fato.

O sorriso se esfumou, e Junkins fitou Arnie com seriedade, inclusive, consternação. Os olhos cinzentos e frios de Arnie se fixaram nos castanhos de Junkins.

– Merda pode ser lavada – declarou ele finalmente. – Quer saber de uma coisa, Sr. Rudy? Posso lhe contar uma coisa?

– Certo, filho.

– Quando eu tinha um ano e meio, peguei um garfo e risquei uma escrivania antiga que minha mãe comprara, depois de economizar cinco anos para isso. Economizando de seu dinheiro para despesas pessoais, foi o que me disse. Acho que fiz o diabo na escrivania, em bem pouco tempo. Naturalmente, não me lembro de nada, mas ela disse que só conseguiu ficar parada, espiando para aquilo e chorando. – Arnie sorriu de leve. – Até agora, nunca pude imaginar minha mãe agindo dessa forma. Agora, creio que posso. Talvez eu esteja amadurecendo um pouco, não acha?

Junkins acendeu um cigarro.

– Acho que não entendi aonde quer chegar, Arnie. Não percebi o que quer dizer.

– Minha mãe falou que preferia manter-me de fraldas até os três

anos, a ver-me fazer aquilo. Porque, disse ela, merda se lava, desaparece. — Arnie sorriu. — A gente dá descarga e ela vai embora.

— Da maneira como "Penetra" Welch se foi? — perguntou Junkins.

— Não sei de nada disso.

— Não?

— Não.

— Palavra de escoteiro? — perguntou Junkins.

A pergunta era humorística, mas não os olhos, que continuavam sondando Arnie, em busca da menor falha, de um piscar crucial.

Mais abaixo, no corredor, o sujeito que colocava seus pneus de inverno deixou uma ferramenta cair no concreto. Ela bateu contra o chão e emitiu um som musical. O sujeito praguejou, quase como em coro:

— Vá à merda, sua puta!

Junkins e Arnie olharam ao mesmo tempo para lá, rapidamente, e o momento se desfez.

— Claro, palavra de escoteiro — respondeu Arnie. — Escute, acho que o senhor tem que fazer isto, é o seu trabalho...

— Certo, é o meu trabalho — assentiu Junkins, suavemente. — O rapaz foi atropelado três vezes, para a frente e para trás. Virou uma posta de carne. Teve que ser recolhido com uma pá.

— Por favor — disse Arnie, sentindo-se mal. Seu estômago revirou-se lentamente.

— Ora, por que não? Afinal, não é assim que se faz com merda? Recolhê-la em uma pá?

— *Não tive nada a ver com aquilo!* — gritou Arnie.

O homem do outro lado, o que estava às voltas com seu silencioso, olhou para eles, sobressaltado. Arnie baixou a voz.

— Sinto muito. Só queria que o senhor me deixasse em paz. Sabe muito bem que nada tive a ver com aquilo. Já vistoriou o carro inteiro. Se Christine tivesse atropelado esse cara, tantas vezes e com tanta intensidade, estaria toda arrebitada. Já vi como é, na TV. E quando tinha aulas de Mecânica de Automóveis, há dois anos, o Sr. Smolnack explicou que, em sua opinião, os dois melhores meios para destruir a frente de um carro seriam atropelar um alce ou uma pessoa. Claro que era um tipo de piada, mas ele não estava brincando... se entende o que quero dizer.

Arnie engoliu em seco e ouviu um "clique" em sua garganta, que também estava seca.

— Sem dúvida — disse Junkins. — Seu carro me parece perfeitamente legal. Você é que não está, filho. Parece um sonâmbulo. Parece absolutamente fodido. Desculpe pelo termo. — Ele jogou o cigarro fora. — Sabe de uma coisa, Arnie?

— O quê?

— Acho que você mente mais depressa do que um cavalo pode trotar. — Junkins bateu no capô de Christine. — Talvez eu devesse dizer, mais depressa do que um Plymouth pode correr.

Arnie olhou para ele, a mão pousada no espelho externo, do lado do passageiro. Não disse nada.

— Não creio que esteja mentindo sobre matar o rapaz Welch, mas acho que mente sobre o que eles fizeram com seu carro; sua namorada disse que eles fizeram um estrago dos diabos e, raio, ela é muito mais convincente do que você. Chorou, enquanto me contava. Disse que havia vidros quebrados por todos os lados... Por falar nisto, onde comprou os vidros de substituição?

— No McConnell's — respondeu Arnie prontamente. — No Burg.

— Ainda tem o recibo?

— Joguei fora.

– Bem, mas eles devem lembrar de você. Um pedido tão grande...

– É possível — disse Arnie —, mas em seu lugar não contaria muito com isso, Rudy. Eles são os maiores especialistas em vidros para automóveis, a oeste de Nova Iorque e leste de Chicago. Cobrem uma boa área. Fazem um bocado de negócios, muitos deles relativos a carros velhos.

– Ainda assim, devem ter um comprovante.

– Paguei em dinheiro.

– Bem, seu nome deve constar da remessa.

– Não — respondeu Arnie e sorriu friamente. — A encomenda foi despachada em nome da Garagem de Darnell. Desta forma, consigo um desconto de dez por cento.

– Você cobriu todas as brechas, não?

– Tenente Junkins...

– Está mentindo também sobre o vidro, embora... raios me partam, eu não saiba por quê.

– O senhor não sabe mesmo de nada — respondeu Arnie, irritadamente. — Desde quando é crime comprar vidros de reposição, se alguém quebra nossas janelas? Ou pagar em dinheiro? Ou conseguir um desconto?

– Desde nunca — disse Junkins.

– Pois então por que não acaba com isso?

– O mais importante — disse Junkins — é que, para mim, você mente quando diz que não sabe nada sobre o que aconteceu ao rapaz Welch. Você sabe de alguma coisa. E eu gostaria de descobrir o quê.

– Não sei de nada — insistiu Arnie.

– E quanto a...

– Não tenho mais nada a lhe dizer — cortou Arnie. — Sinto muito.

— Está bem — disse Junkins.

Ele desistiu tão rapidamente que Arnie ficou desconfiado em seguida. O policial remexeu no paletó esporte que usava por baixo do sobretudo e tirou a carteira. Arnie viu que ele usava uma arma em um coldre de ombro e desconfiou de que Junkins pretendia fazê-lo ver a arma. Pegou um cartão e o estendeu, dizendo:

— Posso ser encontrado em qualquer destes números, caso queira falar comigo. Sobre alguma coisa. Qualquer coisa.

Arnie guardou o cartão no bolso da camisa.

Junkins deu mais uma lenta passada em torno de Christine.

— Que diabo de trabalho de restauração! — repetiu. Olhou frontalmente para Arnie. — Por que você não deu parte?

Arnie deixou escapar um baixo e trêmulo suspiro.

— Porque pensei que isso seria o fim — declarou. — Achei que eles se dariam por satisfeitos.

— Entendo — disse Junkins. — Imaginei que pudesse ser isso. Boa noite, filho.

— Boa noite.

Junkins começou a afastar-se, depois se virou e voltou.

— Pense no que lhe disse — falou. — Você está realmente com uma aparência infernal, entende o que quero dizer? Tem uma bela garota. Ela está preocupada com você, ficou abalada com o que aconteceu a seu carro. Seu pai também está preocupado com você. Pude perceber isso ao telefone. Reflita no que lhe falei e ligue para mim, filho. Dormirá melhor depois.

Arnie sentiu algo trêmulo por trás dos lábios, algo diminuto e lacrimoso, que doía. Os olhos castanhos de Junkins eram gentis. Ele abriu a boca — só Deus sabe o que teria dito —, mas então uma monstruosa pontada de dor o atingiu nas costas, fazendo-o retesar-se subitamente. Teve também o efeito

da bofetada em um histérico. Sentiu-se mais calmo, de cabeça limpa novamente.

— Boa noite — repetiu. — Boa noite, Rudy.

Junkins ficou olhando para ele por mais um momento, perturbado, antes de ir embora.

Arnie começou a tremer de alto a baixo. O tremor começou em suas mãos, espalhou-se pelos braços até os cotovelos e, de repente, abrangeu todo seu corpo. Agarrou-se cegamente à maçaneta e deslizou para o interior de Christine, para os reconfortantes cheiros de carro e de estofamento novos. Ligou a chave, as luzes do painel acenderam-se e ele tateou em busca do botão do rádio.

Ao fazer o movimento, seus olhos caíram na etiqueta oscilante de couro, tendo impressas as letras RDL. Seu sonho lhe voltou à mente, com uma terrível e súbita intensidade: o cadáver putrefato sentado onde ele se sentava agora, as órbitas vazias olhando pelo pára-brisa, os ossos dos dedos aferrados ao volante, o riso vazio dos dentes da caveira, quando Christine arremeteu contra "Penetra" Welch, enquanto o rádio, sintonizado na WDIL, irradiava "*Last Kiss*", por J. Frank Wilson e os Cavaliers.

De repente sentiu-se mal, nauseado outra vez, uma náusea que flutuava entre seu estômago e o fundo da garganta. Arnie escorregou para fora do carro e correu para o banheiro, as pisadas latejando loucamente nos ouvidos. Foi bem a tempo: vomitou e tornou a vomitar, até nada mais sobrar dentro dele senão saliva amarga. Havia luzes dançando diante de seus olhos. Os ouvidos zumbiam e os músculos abdominais latejavam fatigadamente.

Olhou para seu rosto pálido e espectral no espelho manchado, para os círculos escuros em torno dos olhos e a mecha solta de cabelo caída sobre a testa. Junkins estava certo. Tinha uma aparência infernal.

Entretanto, todas as suas espinhas tinham desaparecido.

Ele riu como louco. Não desistiria de Christine, por nada do mundo. Aí estava uma coisa que jamais faria. Ele...

De repente, ficou nauseado outra vez, mas nada havia para vomitar, somente aquelas ondas secas que torturavam e comprimiam, aquele sabor intenso de vômito na boca outra vez.

Precisava falar com Leigh. Subitamente, sentia necessidade de falar com ela.

Entrou no escritório de Will, onde o único som provinha do relógio pregado à parede, anunciando novos minutos. Discou o número dos Cabot, que sabia de cor, mas precisou tentar duas vezes, tal o tremor de seus dedos.

A própria Leigh atendeu, com voz sonolenta.

— Arnie?

— Preciso falar com você. Preciso vê-la, Leigh.

— São quase dez da noite, Arnie. Acabei de sair do chuveiro e fui para a cama... Estava quase dormindo...

— Por favor — disse ele e fechou os olhos.

— Amanhã — disse ela. — Não pode ser essa noite, meus pais não me deixariam sair, já é muito tarde...

— São apenas dez horas. E hoje é sexta-feira.

— Para falar a verdade, eles não querem mais que eu saia com você, Arnie. Gostaram de você no início, meu pai ainda o aprecia... mas os dois acham que você ficou meio esquisito. — Houve uma longa, longuíssima pausa de parte de Leigh. — Eu também acho — completou ela, finalmente.

— Isto significa que não quer mais me ver? — perguntou ele, em voz sem inflexão. Seu estômago doía, as costas doíam, todo ele doía.

— Não. — Agora, uma levíssima censura pontilhou a voz dela. — Eu estava começando a pensar que *você não* queria me ver... não na escola, e à noite você está sempre na garagem. Trabalhando em seu carro.

— Já está pronto. — disse ele. E então, com um monstruoso esforço: — É que eu queria o carro para... *aiii, droga!*

Ele tocou as costas no lugar onde sentira outra intensa pontada de dor, mas sua mão encontrou apenas um pedaço do colete ortopédico.

— Arnie? — ela gritou alarmada. — Está tudo bem com você?

— Sim, está. Senti uma pontada nas costas.

— O que é que ia dizer?

— Amanhã — disse ele. — Vamos tomar um sorvete no Baskin-Robbins. Podemos também fazer algumas compras de Natal e jantar. Depois, por volta das sete, levo você para casa. E não estarei esquisito. Prometo.

Ela riu um pouco e Arnie sentiu um imenso alívio. Era como um bálsamo.

— Seu bobão!

— Isto quer dizer que aceita?

— Sim, quer dizer que aceito. — Leigh fez uma pausa, depois continuou suavemente: — Falei que meus pais não concordam em que continue vendo você muitas vezes. Não disse que era essa a minha vontade.

— Obrigado — disse ele, lutando para manter a voz firme. — Obrigado por isso.

— Sobre o que você queria falar comigo?

Christine. Quero falar com você sobre ela — e sobre meus sonhos. E sobre por que estou com uma aparência infernal E por que agora estou sempre querendo ouvir a WDIL, sobre o que fiz naquela noite, depois que todos se foram... a noite em que machuquei minhas costas. Oh, Leigh, eu quero...

Outra pontada de dor nas costas, como garras de gato.

— Acho que acabamos de resolver o assunto — respondeu.

— Bem. — Uma ligeira e cálida pausa. — Ótimo.

— Leigh?

— Hum?

— Agora teremos mais tempo. Prometo. Todo o tempo que você quiser.

Para si mesmo, ele disse: *Porque agora, com Dennis no hospital, você é tudo que me resta, tudo que resta entre eu... eu e...*

— Está bem — disse Leigh.

— Eu te amo.

— Tchau, Arnie.

Diga o mesmo!, ele quis gritar, de repente. *Diga o mesmo, preciso que você também diga.*

Entretanto, em seu ouvido soou apenas o clique do telefone.

Ficou sentado à mesa de Will por muito tempo, de cabeça baixa, procurando controlar-se. Leigh não precisava repetir que o amava, a cada vez que ele lhe dizia isso, precisava? Afinal, ele não estava tão necessitado assim daquela segurança. Ou estaria?

Levantando-se, ele foi até a porta. O mais importante de tudo é que Leigh ia sair com ele no dia seguinte. Fariam as compras de Natal que haviam planejado, no dia em que aqueles bostas tinham retalhado Christine. Passeariam e conversariam. Ia ser muito bom. Leigh diria que o amava.

— Ela dirá — sussurrou Arnie, parado à porta.

Entretanto, um pouco além, no lado esquerdo da garagem, Christine parecia uma muda e estúpida negação, com a grade do radiador ressaltando-se para diante, como se caçasse alguma coisa.

Então, a voz sussurrou do fundo de sua consciência, a sombria e questionadora voz: *Como foi que machucou as costas? Como foi que machucou as costas? Como foi que machucou as costas, Arnie?*

Era uma pergunta à qual se esquivava. Ele temia a resposta.

LEIGH E CHRISTINE

Meu bem passou em um Cadillac zerinho,

Ela disse: "Ei, venha cá, paizinho,

Eu nunca vou voltar!"

Meu bem, meu bem, não ouve o meu pedido?

Volte, doçura, volte para mim!

Ela disse: "Bolas pra você, paizão,

Eu nunca vou voltar!"

— The Clash

O dia era cinzento e ameaçava nevar, mas Arnie conseguira ambas as coisas — os dois tinham se divertido e ele não estava esquisito. A Sra. Cabot estava em casa, quando foi buscar Leigh, e a acolhida inicial foi fria. Depois de bastante tempo — talvez uns vinte minutos — Leigh desceu, usando uma suéter cor de caramelo que se ajustava adoravelmente ao busto e calças novas cor de uva, que se ajustavam adoravelmente a seus quadris. A inexplicável demora, em uma garota que quase sempre se mostrara pontual, devia ter sido deliberada. Arnie a interrogou mais tarde e Leigh negou, com uma inocência de olhos talvez um pouco arregalados demais, porém, de qualquer modo, funcionando a contento.

Arnie podia ser sedutor quando queria e, enquanto esperava por Leigh, atirou-se à tarefa com vontade, envolvendo a Sra. Cabot. Antes que Leigh finalmente aparecesse descendo a escada, o cabelo oscilando em um rabo-de-cavalo, sua mãe já se rendera. Tinha oferecido uma Pepsi-Cola a Arnie e ouvia atentamente os casos que ele contava sobre o clube de xadrez.

— É a única atividade extracurricular realmente *civilizada* de que já ouvi falar — disse ela a Leigh, sorrindo aprovadoramente para ele.

— TEDIIOOOOSA! — trombeteou Leigh.

Passou um braço pela cintura de Arnie e o beijou sonoramente na face.

– Leigh Cabot!

– Desculpe, mamãe, mas ele fica interessante manchado de batom, não acha? Um momento, Arnie, vou pegar um lenço de papel. *Não toque* o lugar.

Remexeu em sua bolsa à procura do lenço. Arnie olhou para a Sra. Cabot e revirou os olhos. Natalie Cabot levou a mão à boca e sorriu sufocadamente. A *reconciliação* entre ela e Arnie era total.

Arnie e Leigh foram ao Baskin, onde finalmente se desfez um inicial constrangimento que restava da conversa telefônica da véspera. Arnie tinha um vago receio de que Christine não se portasse à altura ou que, a qualquer momento, Leigh encontrasse algo desagradável a dizer sobre o carro. Ela jamais gostara de andar em seu carro. As duas preocupações, no entanto, foram desnecessárias. Christine funcionou como um fino relógio suíço, e as únicas coisas que Leigh teve a dizer a respeito estavam mescladas de alegria e admiração.

– Eu jamais acreditaria – comentou, quando saíram do pequeno pátio de estacionamento da sorveteria e se juntaram ao fluxo do trânsito, em direção ao Monroeville Mall. – Você deve ter trabalhado neste carro como um escravo!

– Acho que não foi tão difícil como imagina – disse Arnie. – Quer ouvir música?

– Por que não?

Arnie ligou o rádio – *The Silhouettes* seguiam através de "Get a job", sonolenta e cadenciadamente. Leigh fez uma careta.

– Hum... A DIL. Posso mudar?

– À vontade.

Leigh sintonizou uma estação de *rock* de Pittsburg e pegou Billy Joel. "Talvez você tenha razão", admitia Billy, jovialmente, "Eu devo estar

maluco". Em seguida, ele dizia a Virgínia, sua namorada, que as garotas católicas começavam muito tarde — era o programa *Block Party Weekend*. *Vai ser agora, pensou Arnie. Ela começará a ratear... vai parar... qualquer coisa.* Christine, no entanto, limitou-se a continuar rodando.

A rua de pedestres estava congestionada por uma confusão de compradores, mas todos mostravam boa disposição; a última, frenética e por vezes desagradável corrida de Natal ainda distava duas semanas. O espírito natalino era recente o bastante para ser novidade, permitindo que apreciassem os ouropéis em cordões estendidos através das amplas alamedas do lugar, sem que ninguém se aborrecesse ou mostrasse tendências a Ebenezer Scroogey. O insistente retinir dos sinos dos papais-noéis do Exército da Salvação, por enquanto, ainda não eram uma culposa irritação; eles preferiam cantar as boas-novas e boa vontade, em vez de enveredarem pela monótona e metálica cantoria de *Os pobres não têm Natal, os pobres não têm Natal, os pobres não têm Natal*, que Arnie tinha a impressão de sempre ouvir, à medida que o dia estava mais próximo e que tanto as balconistas como os papais-noéis do Exército da Salvação ficavam mais apoquentados e de olhos mais fundos.

Caminharam de mãos dadas, até ficarem impossibilitados pelo número crescente de embrulhos. Então Arnie se queixou, alegremente, de que Leigh o transformara em seu burro de carga. Ao descerem para o nível inferior, em direção ao B. Dalton, onde Arnie queria comprar um livro sobre fabricação de brinquedos, para o pai de Dennis Guilder, Leigh percebeu que começara a nevar. Ficaram por um instante na escada, contemplando a vidraça, observando tudo como crianças. Arnie lhe tomou a mão e Leigh o fitou, sorrindo. Ele podia sentir o perfume de sua pele, limpa e com leve cheiro de sabonete; podia sentir a fragrância de seus cabelos. Moveu a cabeça ligeiramente para diante; Leigh moveu a dela um pouquinho, aproximando-se. Beijaram-se de leve e ele lhe apertou a mão. Mais tarde, depois da visita à livraria, permaneceram acima do ringue no centro da rua de pedestres, contemplando os patinadores que deslizavam, evoluíam e faziam piruetas,

ao som de músicas natalinas.

Foi um dia excelente, até o momento em que Leigh Cabot quase morreu.

Ela teria morrido, sem a menor dúvida, se não fosse o carona. Então, já rodavam de volta e um prematuro crepúsculo de dezembro há muito se tornara escuro pela nevada. Firme sobre as rodas como sempre, Christine ronronava com facilidade através dos dez centímetros de neve solta e recém-caída.

Arnie fizera reserva para um jantar antecipado na British Lion Steak House, realmente o único bom restaurante de Libertyville, mas o tempo voara e os dois haviam concordado em uma refeição ligeira, no McDonald's da JFK Drive. Leigh prometera à mãe estar em casa às oito e meia, porque os Cabots iam "receber amigos" e, quando deixaram a rua de pedestres, já faltavam quinze para as oito.

— Não faz mal — disse Arnie. — De qualquer modo, estou quase falido mesmo.

Os faróis iluminaram o carona, de pé no cruzamento da Rota 17 com a JFK Drive, faltando ainda oito quilômetros para Libertyville. Seus cabelos negros batiam nos ombros, estavam salpicados de neve, e havia uma mochila entre seus pés.

À medida que se aproximavam, o carona ergueu um cartaz, pintado em letras com tinta luminosa, que dizia: LIBERTYVILLE. PA. Quando chegaram mais perto, ele virou o cartaz. Do outro lado estava escrito: UNIVERSITÁRIO NÃO-PARANÓICO.

Leigh começou a rir.

— Vamos dar uma carona a ele, Arnie.

— Justamente quando eles se dão ao trabalho de anunciar sua condição não-paranóica — disse Arnie — é que a gente deve ter mais

cuidado. Mas tudo bem, vá lá!

Desviou o carro para a beira da estrada. Naquela noite, ele daria a lua a Leigh, se ela pedisse.

Christine rodou maciamente para o acostamento, os pneus quase não deslizando. No entanto, ao parar, a estática crepitou no rádio, que até então vinha irradiando um rock pesado. Quando a estática diminuiu, os Big Bopper cantavam "*Chantilly Lace*".

— O que houve com o programa *Block Party Weekend*? — perguntou Leigh, quando o carona correu para eles.

— Não sei — respondeu Arnie, embora soubesse.

Aquilo já acontecera antes. Às vezes, tudo quanto o rádio de Christine captava era a estação WDIL, pouco importando que botões fossem apertados ou por mais que se manuseasse o convertor FM, sob o painel de instrumentos; era a WDIL ou nada.

De repente, ele decidiu que fora um erro parar para o carona.

Agora, contudo, era tarde demais para recuar; o sujeito já abrira uma das portas traseiras de Christine, atirava sua sacola para dentro e entrava depois dela. Uma rajada de ar frio e de neve entraram com ele.

— Poxa, cara, obrigado! — Ele suspirou. — Meus dedos das mãos e dos pés já se mandaram pra Miami Beach, faz uns vinte minutos. Para algum lugar eles foram mesmo, e me deixaram aqui porque não os sinto mais.

— Agradeça à patroa — disse Arnie, lacônico.

— Obrigado, madame — disse o carona, levando os dedos, galantemente, à aba de um chapéu invisível.

— Não foi nada — Leigh sorriu. — Feliz Natal.

— O mesmo para vocês — disse o carona —, embora pareça que tal coisa nem exista, quando se fica em pé lá fora, tentando pegar uma carona numa noite assim. O pessoal dispara perto da gente e depois desaparece.

Voom – Ele olhou em torno apreciativamente. – Um belo carro, cara. Um diabo de carro bonito!

– Obrigado – respondeu Arnie.

– Você mesmo o restaurou?

– Eu mesmo.

Leigh olhava para Arnie, perplexa. Sua expansividade anterior fora substituída por um laconismo que não lhe era comum. No rádio, os Big Bopper terminavam e entrava Richie Valens, com "La Bamba". O carona sacudiu a cabeça e riu.

– Primeiro os Big Bopper, depois Richie Valens. Deve ser a noite dos mortos no rádio. A boa e velha WDIL!

– O que quer dizer? – perguntou Leigh. Arnie desligou o rádio.

– Eles morreram em um desastre de avião. Com Buddy Holly.

– Oh! – exclamou Leigh, baixinho.

Talvez o carona também sentisse a mudança no ânimo de Arnie; o rapaz permaneceu calado e meditativo no banco de trás. Lá fora, a neve começava a cair mais rapidamente e mais compacta. Era a primeira boa tempestade da estação.

Por fim, os arcos dourados da lanchonete piscaram, em meio à neve.

– Quer que eu vá até lá, Arnie? – perguntou Leigh.

Arnie mergulhara em uma quietude quase pétrea, rejeitando a insistência de Leigh em manter conversa, com meros grunhidos.

– Eu vou – respondeu ele, manobrando o carro. – O que vai querer?

– Só um hambúrguer e batata frita, por favor.

Antes, ela tinha pensado na refeição completa – Big Mac, algo para beber e até mesmo os biscoitos, mas seu apetite parecia ter-se reduzido a zero.

Arnie estacionou. À luz amarelada que vinha do interior do prédio baixo de tijolos, o rosto dele pareceu esverdeado, de certa forma até doentio. Virou-se para trás, o braço apoiando-se no encosto.

— Quer que traga alguma coisa pra você? — perguntou ao carona.

— Não, obrigado — disse o rapaz. — Os velhos me esperam para o jantar. Não posso desapontar minha mãe. Ela mata um carneiro gordo cada vez que venho em c...

A batida da porta cortou sua palavra final. Arnie já se afastava, encaminhando-se apressadamente para a porta marcada ENTRE, as botas chutando pequeninos jatos de neve recém-caída.

— Ele é sempre carrancudo assim? — perguntou o carona. — Ou só fica esquisito de vez em quando?

— Ele é muito agradável — respondeu Leigh, com firmeza.

Ficara subitamente nervosa. Arnie desligara o motor e levava as chaves, deixando-a sozinha com o estranho no banco traseiro. Podia vê-lo pelo espelho retrovisor e, de repente, aqueles compridos cabelos negros, emaranhados pelo vento, o chumaço de barba e os olhos escuros deram-lhe uma aparência selvagem, como de algum membro do bando de Manson.

— Onde é que você estuda? — perguntou ela.

Seus dedos davam puxadelas nas calças e forçou-os a parar.

— Pitt — disse o carona, e nada mais.

Seus olhos encontraram os dela no espelho e Leigh desviou rapidamente os seus para o colo. Calças cor de uva. Usara-as porque, certa vez, Arnie tinha dito que gostava delas — talvez por serem as mais apertadas que tinha, ainda mais justas do que suas Levi's. Subitamente ela desejou estar usando outra coisa, algo que não pudesse ser considerado provocante, nem por algum exagero da imaginação: um saco de cereais, talvez. Tentou sorrir — era uma idéia engraçada, sem dúvida, um saco de

cereais, dava vontade de rir, ha-ha-ho-ho, e bater nos joelhos — só que nenhum sorriso lhe veio aos lábios. Não conseguia afastar aquela imagem da mente: Arnie a deixara sozinha com o estranho (Por castigo? Tinha sido idéia dela recolhê-lo.) e agora estava assustada.

— Vibrações negativas — disse o carona de repente, fazendo-a conter a respiração.

As palavras dele eram decididas e conclusivas. Pelo vidro da janela, Leigh podia ver Arnie de pé, o quinto ou sexto da fila. Ainda demoraria um pouco, até chegar ao balcão. Viu-se imaginando o carona enlaçando subitamente sua garganta com as mãos. Claro que poderia alcançar a buzina... mas a buzina soaria? Leigh duvidou disso, sem qualquer razão lógica. Ficou pensando que poderia alcançar a buzina e fazê-la soar noventa e nove vezes, satisfatoriamente. Entretanto, na centésima, estaria sendo estrangulada por aquele carona por quem intercedera — e a buzina não soaria. Porque... porque Christine não gostava dela. De fato, achava que Christine a odiava. Simples assim. Uma loucura, mas algo bem simples.

— Co... como disse?

Olhou para trás, pelo espelho retrovisor. Seu alívio foi imenso, ao perceber que o carona nem olhava para ela. Os olhos dele vistoriavam o carro. Tocou o forro do banco com a palma da mão, depois esfregou de leve a forração do teto com as pontas dos dedos.

— Vibrações negativas — disse ele e meneou a cabeça. — Não sei por que, mas estou captando vibrações negativas nesse carro.

— É mesmo? — perguntou ela, esperando que a voz soasse neutra.

— Hum-hum. Fiquei preso num elevador certa vez, quando ainda criança. Desde então, tenho acessos de claustrofobia. Nunca tive nenhum em carro antes mas, poxa, estou tendo um agora. Dos piores. Acho que você poderia acender um fósforo na minha língua, tão seca está minha boca.

Ele deu uma risada, breve e constrangida.

— Se já não fosse tão tarde, eu sairia daqui e caminharia. Sem ofensa para você ou para o carro de seu cara — acrescentou depressa.

Quando Leigh olhou pelo retrovisor, os olhos dele nada tinham de selvagem, estavam apenas nervosos. Aparentemente, o carona não brincava a respeito da claustrofobia e não o achava mais com qualquer semelhança com Charlie Manson. Perguntou-se por que fora tão idiota... só que agora sabia — como e por quê. Sabia perfeitamente bem.

Era o carro. Estivera absolutamente bem o dia inteiro, rodando em Christine, mas agora o nervosismo e antipatia anteriores haviam retornado. Ela apenas transmitira tais sentimentos ao carona, porque... bem, porque alguém pode ficar assustado e nervoso por causa de algum cara recém-recolhido na estrada, mas era loucura ter medo de um carro, uma construção inanimada de aço, vidro, plástico e cromado. Aquilo não era apenas um pouco excêntrico, era *loucura*.

— Não está sentindo um cheiro? — perguntou ele, de repente.

— Cheiro de quê?

— Um cheiro ruim.

— Não, não sinto cheiro nenhum. — Os dedos dela agora beliscavam a barra da suéter, arrancando fiapos de lã. O coração batia desagradavelmente no peito. — Deve ser parte do seu acesso de claustrofobia.

— Hum... acho que sim.

Só que ela *sentia* o cheiro. Por sob os novos e agradáveis cheiros de couro e estofamento, havia um leve odor: algo assim como ovos podres. Um leve... um vaguíssimo odor.

— Você se importa se eu baixar a janela um pouquinho?

— De modo nenhum.

Leigh precisou esforçar-se um pouco para manter a voz firme, com naturalidade. De súbito, em sua mente surgiu a foto que estivera no jornal

da manhã anterior, uma foto de "Penetra" Welch, tirada do anuário escolar. Na legenda, estava escrito: *Peter Welch, vítima de fatal incidente de atropelamento e fuga que, segundo a polícia, pode ter sido assassinato.*

O carona baixou o vidro de sua janela uns sete centímetros e no carro penetrou uma brusca rajada de ar frio, carregando o cheiro. No interior do McDonald's, Arnie chegara ao balcão e fazia o pedido. Ao olhar para ele, Leigh experimentou uma tão estranha onda de amor e medo que a mistura a deixou nauseada — e, pela segunda ou terceira vez ultimamente, desejou ter-se ligado a Dennis primeiro, Dennis que parecia tão seguro e sensato...

Leigh procurou pensar em outra coisa.

— Diga apenas se o frio está incomodando — disse o carona, em tom de desculpa. — Sei que sou meio esquisito. — Deu um suspiro. — Às vezes acho que nunca devia ter desistido das drogas, entende?

Leigh sorriu.

Arnie caminhava para eles, segurando um saco branco de papel, escorregou ligeiramente na neve e então entrou no carro.

— Aqui dentro está frio como uma geladeira — grunhiu.

— Desculpe, cara — disse o carona, tornando a subir o vidro.

Leigh esperou, para ver se aquele cheiro voltaria, mas agora só conseguia sentir o odor do couro, do estofamento dos bancos e o vago perfume da loção de barba de Arnie.

— Pegue o seu, Leigh.

Entregou-lhe um hambúrguer, batatas fritas e uma Coca pequena. Tinha comprado um Big Mac para si mesmo.

— Queria agradecer a carona, cara — disse o rapaz, do banco traseiro. — Vou ficar na esquina da JFK com Center.

— Está bem — respondeu Arnie, lacônico, ligando o motor.

A neve agora caía mais pesadamente e o vento começara a ulular. Pela

primeira vez, Leigh sentiu Christine derrapar um pouco, ao dirigir-se para o meio da rua, agora quase deserta. Estavam a menos de quinze minutos de casa.

Afastado aquele cheiro, Leigh descobriu que seu apetite voltara. Devorou metade do hambúrguer, bebeu um pouco de Coca e conteve um arroto, com as costas da mão. A esquina de Center com a JFK, marcada com um monumento sobre a guerra, surgiu à esquerda, e Arnie manobrou, pisando levemente nos freios, para que Christine não derrapasse.

— Tenha um bom fim de semana — disse Arnie.

Sua voz agora soava mais com a naturalidade costumeira. Divertida, Leigh concluiu que tudo quanto ele precisava era mesmo de comer alguma coisa.

— O mesmo para vocês dois — disse o carona. — E um Feliz Natal.

— Para você também — disse Leigh.

Deu outra dentada no hambúrguer, mastigou, engoliu... e o sentiu alojar-se a meio caminho, em sua garganta. De repente, não conseguia mais respirar.

O carona estava saindo. O ruído da porta, ao abrir-se, era muito alto. O som do clique do ferrolho foi como o tambor da fechadura de uma caixa-forte, retornando ao lugar. O som do vento assemelhou-se ao apito de uma fábrica.

(sei que isso é idiota, Arnie, mas não consigo respirar)

Estou sufocando!, ela tentou dizer, mas emitiu apenas um som gorgolejante e vago que, tinha certeza, o vento havia coberto. Apertou a mão em torno da garganta e a sentiu inchada, latejando contra os dedos. Quis gritar. Nenhuma respiração para gritar, nenhuma respiração

(Eu não posso, Arnie)

afinal, e conseguia sentir a coisa ali, uma pelota quente de hambúrguer

e pão. Tentou tossir para expulsá-la, mas foi inútil. As luzes do painel, circulares, de um verde brilhante

(gato, como os olhos de um gato, oh, Deus, não posso RESPIRAR) vigiando-a...

(Meu Deus, não consigo RESPIRAR não consigo RESPIRAR não consigo)

Seu peito começou a latejar, buscando ar. Leigh tentou tossir novamente para livrar-se da pelota de pão e hambúrguer, mal mastigada e presa em sua garganta, mas era impossível. Agora, o ruído do vento era maior do que o mundo, maior do que qualquer som que já ouvira antes e, finalmente, os olhos de Arnie se desviavam do carona para ela; ele se virava em câmara lenta, os olhos se arregalando quase comicamente. Até mesmo sua voz parecia demasiado alta, como um trovão, a voz de Zeus falando a algum pobre mortal, vinda de trás de um maciço de nuvens carregadas:

– LEIGH... VOCÊ ESTÁ... DIABO, O QUÊ?... ELA ESTÁ ASFIXIADA! OH MEU DEUS, ELA ESTÁ...

Fez um gesto na direção dela, em câmara lenta, mas então recuou as mãos, imobilizado pelo pânico.

(Oh me ajude pelo amor de Deus faça alguma coisa estou morrendo oh Deus vou morrer engasgada com um hambúrguer McDonald's Arnie porque você não ME AJUDA?)

e, naturalmente, ela sabia por que, ele recuava porque Christine não queria que ela tivesse qualquer socorro, era esta a maneira de Christine livrar-se dela, a maneira de Christine livrar-se de qualquer outra mulher, da concorrência, e agora os instrumentos do painel eram *realmente* olhos, enormes olhos frios que a espiavam engasgar-se até a morte, olhos que ela só conseguia ver através de um crescente emaranhado de pontos negros, pontos que explodiam e se espalharam quando

(mamãe oh céus estou morrendo agora e ELA ME VÊ ELA ESTÁ VIVA VIVA VIVA OH MEU DEUS DO CÉU CHRISTINE ESTÁ VIVA)

Arnie se moveu para ela outra vez. Agora ela começava a remexer-se no banco, seu peito se ondulava espasmodicamente, enquanto apertava a garganta. Seus olhos se dilatavam. Os lábios começaram a azular. Arnie lhe batia inutilmente nas costas e gritava algo. Agarrou-a pelo ombro, parecendo querer puxá-la para fora do carro, quando então, de repente, pestanejou e enrijeceu o corpo, as mãos indo involuntariamente para o final das próprias costas.

Leigh se contorceu e remexeu-se. O bloqueio em sua garganta parecia imenso, quente e pulsante. Tentou tossir a pelota para fora, agora mais fracamente. O volume continuou entalado. O ulular do vento começava a diminuir, tudo começava a esfumar-se, mas sua necessidade de ar não parecia tão urgente. Talvez estivesse morrendo e, de súbito, isto não parecia tão ruim. Nada era tão ruim, exceto aqueles olhos verdes que a vigiavam, do painel de instrumentos. Não eram mais frios. Agora cintilavam de ódio e triunfo.

(ó Deus eu me arrependo sinceramente de ter-Vos ofendido eu me arrependo de ofender-Vos este é meu ato meu ato de de)

Arnie se inclinara sobre ela. A porta de Leigh se abriu subitamente e ela escorregou para fora, em meio a um vento brutal e cortante. O ar a reviveu parcialmente, fez com que a luta pela respiração se tornasse de novo importante, mas a obstrução persistia... não cedia.

De muito longe, a voz de Arnie trovejava consternada, era a voz de Zeus: O QUE ESTÁ FAZENDO? TIRE AS MÃOS DE CIMA DELA! Braços em torno dela. Braços fortes. O vento em seu rosto. A neve turbilhonando em seus olhos

(ó Deus ouça-me como pecadora este é meu ato de contrição eu me arrependo sinceramente de ter-Vos ofendido OH! OUIII! o que você está FAZENDO minhas costelas doem o que o que você)

e, de repente, havia braços em torno dela, apertando, e duas mãos duras se juntavam em um nó, logo abaixo de seus seios, no plexo solar. E

também de repente um polegar se ergueu, o polegar de um carona pedindo uma corrida, com a diferença de que o polegar se enfiou dolorosamente contra seu esterno, no meio do peito. Ao mesmo tempo, a pressão dos braços aumentou brutalmente. Ela se sentiu agarrada.

(Ohhhhhhhh você está quebrando minhas COSTELAS)

por um besouro gigantesco. Todo o seu diafragma pareceu expandir-se e algo lhe voou para fora da boca, com a força de um projétil. Algo que foi cair sobre a neve: uma pelota molhada, de pão e carne.

— Largue-a! — gritava Arnie, enquanto saía de trás do volante e dava a volta por trás de Christine, até onde o carona mantinha o corpo flácido de Leigh, como uma marionete em tamanho grande. — Largue-a, você a está matando!

Leigh começou a respirar, em profundos e entrecortados haustos. Sua garganta e os pulmões pareciam queimar em rios de fogo, a cada vez que aspirava o frio, maravilhoso ar. Quase não percebia que soluçava.

O rude besouro relaxou a pressão e as mãos a soltaram.

— Você está bem, garota? Está...

Então Arnie passava por ela, avançando para o carona. O rapaz se virou, seus compridos cabelos fluando ao vento, e Arnie o esmurrou na boca. O carona foi atirado para trás, suas botas escorregaram na neve e ele aterrissou de costas. A neve recente, fina e seca como açúcar, voejou em torno dele.

Arnie avançou, de punhos fechados, olhos cerrados.

Ela tomou outra convulsiva respiração — oh, doía, era como ser espetada por facas — e gritou:

— O que está fazendo, Arnie? Pare com isso! Arnie se virou para ela, atônito.

— O quê? Leigh?

— *Ele salvou minha vida, por que está batendo nele?*

O esforço era demasiado e os pontos negros começaram novamente a espiralar-se diante de seus olhos. Ela poderia ter-se recostado contra o carro, mas não queria chegar perto dele, não queria tocá-lo. O painel de instrumentos. Acontecera qualquer coisa com o painel de instrumentos. Algo.

(olhos que se transformavam em olhos) sobre o que não queria pensar.

Cambaleando, procurou um poste de iluminação e agarrou-se a ele como bêbada, de cabeça baixa e arfando. Um braço macio e vacilante se envolveu em sua cintura.

— Leigh... minha querida, você está bem?

Virando ligeiramente a cabeça, ela viu o rosto assustado e infeliz de Arnie. Não se contendo mais, prorrompeu em lágrimas.

O carona aproximou-se deles com cautela, enxugando a boca ensangüentada na manga do blusão

— Obrigada — disse Leigh, entre respirações rápidas e arquejantes. A dor diminuía um pouquinho agora e o frio vento cortante refrescava seu rosto esbraseado. — Eu estava sufocando. Acho que... Acho que teria morrido, se você não tivesse...

Era esforço demais. Os pontos negros voltaram, todos os sons se extinguiram no interior de um fantástico túnel de vento. Baixando a cabeça, ela esperou que aquilo passasse.

— É a Manobra de Heimlich — explicou o carona. — Fazem a gente aprendê-la, quando se trabalha em um café. Na escola. Fazem a gente praticar em um boneco de borracha. Daisy Mae é como o chamam. Eu pratiquei, mas nunca se tem a menor idéia se a coisa... sabe como é, vai ou não funcionar em uma pessoa de verdade. — A voz dele era trêmula, passando do grave para o agudo e retornando ao grave, como a de um garoto entrando na puberdade. Uma voz que parecia querer rir ou chorar,

algo assim, e, mesmo à claridade incerta, em meio à neve que caía fortemente, Leigh pôde ver o quanto o rosto dele estava pálido. — Nunca pensei que um dia viesse a pôr em prática a Manobra de Heimlich. E funcionou que foi uma beleza. Viu como aquele maldito pedaço de carne voou longe?

O carona enxugou a boca e olhou apaticamente para a fina camada de sangue na palma da mão.

— Sinto muito tê-lo esmurrado — disse Arnie. Parecia quase chorando.

— Eu estava apenas... apenas...

— Certo, cara, eu entendo. — Ele bateu no ombro de Arnie. — Não foi nada. Você está bem, garota?

— Estou — disse Leigh.

Sua respiração se normalizava. As batidas do coração ficavam mais ritmadas. Apenas as pernas estavam em mau estado, eram como de pura borracha. *Meu Deus*, pensou ela. *Eu agora podia estar morta. Se não tivéssemos dado carona a esse sujeito e se nós quase não...*

Ocorreu-lhe que tinha sorte por estar viva. O clichê a envolveu forçosamente, com um estúpido e inegável poder que quase a fez desmaiar. Leigh começou a chorar com mais intensidade. Quando Arnie a guiou de volta ao carro, acompanhou-o, com a cabeça em seu ombro.

— Bem — disse o carona, hesitante —, acho que vou indo.

— Um momento — disse Leigh. — Como é seu nome? Você salvou minha vida, eu gostaria de saber como se chama.

— Barry Gottfried — respondeu. — Às suas ordens. Novamente, ele levou os dedos à aba de um chapéu imaginário.

— Leigh Cabot — disse ela. — Este é Arnie Cunningham. Obrigada novamente.

— Sem dúvida, obrigado — acrescentou Arnie.

No entanto, Leigh não sentiu um agradecimento real em sua voz — apenas aquele tremor. Ele a fez entrar no carro e, subitamente, o cheiro a envolveu, atacou-a: nada fraco desta vez, era muito mais do que um vago odor subterrâneo. Era um cheiro de podre e decomposição, forte e nauseante. Leigh sentiu um medo louco invadir-lhe o cérebro e pensou: *É o cheiro da fúria dela...*

O mundo girou diante dela. Inclinando-se para fora do carro, Leigh vomitou.

Então, tudo à sua volta ficou cinzento por um momento.

— Tem certeza de que está bem? — perguntou Arnie, talvez pela centésima vez.

Seria também uma das últimas, percebeu Leigh, com certo alívio. Estava cansada, muito cansada. Havia um persistente e doloroso latejar em seu peito, outro nas têmporas.

— Agora estou ótima.

— Oh, ainda bem, ainda bem!

Arnie se movia indecisamente, como se quisesse ir, mas sem certeza de que o momento era apropriado; talvez ainda não, pelo menos até que repetisse a pergunta que agora parecia eterna. Estavam parados diante da casa dos Cabot. Retângulos de luz amarelada se filtravam das janelas e jaziam perfeitos sobre a neve recente e sem marcas. Christine fora estacionada junto ao meio-fio, com as luzes de sinalização acesas.

— Você me assustou, quando desmaiou daquele jeito — disse Arnie.

— Não desmaiei... Apenas fiquei tonta por alguns minutos.

— Mesmo assim, fiquei assustado. Eu te amo, você sabe. Ela o fitou com ar grave.

— Ama mesmo?

— É claro que amo! Leigh, você sabe que te amo!

Ela respirou fundo. Estava fatigada, mas aquilo tinha que ser dito e dito nesse momento. Porque, se não falasse agora, o que havia acontecido pareceria absolutamente ridículo na manhã seguinte — talvez mais do que ridículo —, a idéia teria um toque de pura loucura. Um fedor que ia e vinha, como o de um "bolor fétido" em uma história gótica de horror? Instrumentos no painel que se transformavam em olhos? E, acima de tudo, a insana sensação de que o carro realmente tentara matá-la?

Na manhã seguinte, até mesmo o fato de que quase morrera engasgada não passaria de uma vaga dor no peito e a convicção de que aquilo não fora nada, realmente, que não oferecera perigo de vida.

Exceto que tudo era verdade, e Arnie sabia disso — sim, parte dele sabia — e tinha que ser dito agora.

— Sim, acredito que me ame — disse ela, lentamente. Olhou para ele com firmeza. — Só que não vou mais a parte alguma com você nesse carro. E, se me ama de verdade, terá que se livrar dele.

A expressão de choque no rosto de Arnie foi tão intensa e repentina como se ela o tivesse esbofeteado.

— De que... de que está falando, Leigh?

Aquela expressão de levar uma bofetada seria causada pelo choque? Ou parte dela proviria de culpa?

— Você ouviu o que eu disse. Não acredito que se livre do carro, nem sei se isso seria mais possível pra você, mas se quiser me levar a algum lugar, Arnie, iremos de ônibus. Ou pegaremos carona. Ou voaremos. O fato é que nunca mais andarei em seu carro. É uma armadilha mortal.

Pronto. Tinha dito, saíra de sua boca.

Agora, o choque no rosto dele transformava-se em raiva — a espécie de raiva cega e obstinada que Leigh vira em seu rosto tantas vezes

ultimamente. Uma raiva não somente devido a coisas grandes, mas também a pequenas: uma mulher atravessando a rua com o sinal de trânsito amarelo, um guarda que detinha o tráfego pouco antes da vez de ele passar. E a sensação que agora provocava em Leigh tinha o poder de uma revelação — a de que a raiva de Arnie, corrosiva e tão inadequada ao restante de sua personalidade, estava sempre associada ao carro. A Christine.

— Se você me ama, terá que se livrar dele — repetiu Arnie. — Sabe com quem você se parece?

— Não, Arnie.

— Com minha mãe. Ela vive dizendo isso.

— Sinto muito.

Ela não ia retirar o que dissera, e muito menos se defenderia com palavras ou encerraria aquilo, simplesmente entrando em casa. Talvez fosse capaz disso, se não sentisse algo por ele. Suas impressões iniciais — de que por trás do quieto acanhamento de Arnie Cunningham ele era bom, decente e delicado (talvez até mesmo *sexy*) — não haviam mudado muito. Era aquele carro, tudo se resumia nisso. Ali estava a mudança. Era como testemunhar uma forte mente sendo lentamente suplantada pela influência de alguma maligna e corrosiva droga de dependência.

Arnie passou as mãos através dos cabelos polvilhados de neve, um gesto característico de perplexidade e raiva.

— Está bem, você quase morreu engasgada no carro. Posso compreender que não se sinta muito bem com relação a ele. Entretanto, foi o *hambúrguer*, Leigh, isso é tudo. Ou, talvez, nem mesmo isso. Podia ser que você estivesse tentando falar enquanto mastigava ou respirasse justamente no segundo errado, alguma coisa assim. Poderia até acusar Ronald McDonald. As pessoas se engasgam com sua comida de vez em quando, nada mais. Às vezes, morrem. Você não morreu. Graças a Deus por não ter morrido. Mas quanto a responsabilizar meu carro...!

Sim, tudo soava perfeitamente plausível. E *era* plausível. Exceto que havia algo, por trás dos olhos cinzentos de Arnie. Um algo frenético, que não era precisamente uma mentira, mas... racionalização? Um desvio ansioso da verdade?

— Arnie — disse ela —, estou cansada, meu peito dói e estou morrendo de dor de cabeça. Creio que só tenho forças para dizer isso uma vez apenas. Você quer ouvir?

— Se for sobre Christine, está gastando seu tempo — disse ele, e aquela expressão obstinada, inflexível, estava novamente em seu rosto. — É loucura culpá-la e sabe bem disso.

— Sim, eu sei que é loucura, como sei que estou gastando meu tempo — replicou Leigh. — Mas mesmo assim, estou pedindo pra você me ouvir.

— Pois bem, estou ouvindo.

Ela respirou fundo, ignorando a tensão no peito. Olhou para Christine, deixando escapar uma fita de vapor branco na neve espessa que caía, depois desviou os olhos apressadamente. Agora, eram as luzes de sinalização que se assemelhavam a olhos: os olhos amarelos de um lince.

— Quando me engasguei... quando estava sufocando... o painel de instrumentos... as luzes dele mudaram. Elas *mudaram*. Eram... não, não vou chegar a tanto, mas *pareciam* olhos.

Ele riu, um latido curto no ar frio. Na casa, uma cortina foi puxada de lado, alguém espiou para fora e a cortina voltou ao lugar.

— Se aquele carona... aquele tal Gottfried... se ele não estivesse lá, eu teria morrido, Arnie. Eu teria *morrido*. — Leigh perscrutou os olhos dele e decidiu-se. *Uma vez apenas*, disse para si mesma. *Só preciso dizer isto uma vez.*

— Você me disse que trabalhou na cantina do ginásio de Libertyville, durante três anos. Eu vi o pôster da Manobra Heimlich pregado à porta da cozinha. Você também deve ter visto. No entanto, não o aplicou em mim, Arnie. Estava muito disposto a bater nas minhas costas, mas isso não

funciona. Tive um emprego em um restaurante, em Massachusetts, e a primeira coisa que nos ensinam, antes mesmo de ensinarem a Manobra Heimlich, é que *bater nas costas de uma vítima engasgada não funciona*.

— De que está falando? — perguntou ele, em voz baixa, quase sem fôlego.

Leigh não respondeu, apenas olhou para ele. Arnie sustentou-lhe o olhar por somente um momento, porque então seus olhos — enfurecidos, confusos, quase acossados — se desviaram dos dela.

— A gente esquece coisas, Leigh. Tem razão, eu deveria ter aplicado a Manobra. Entretanto, se também fez o curso, sabe que pode aplicá-la em si mesma. — Ele entrelaçou as mãos, formando um todo, com um polegar para fora, o qual pressionou no diafragma, como demonstração. — Apenas, na tensão do momento, a gente esquece...

— Sim, a gente esquece. E você parece esquecer de muita coisa, quando está nesse carro. Como, por exemplo, de ser Arnie Cunningham.

Arnie meneava a cabeça.

— Você precisa de tempo para refletir no que está dizendo, Leigh. Precisa de...

— Tempo é precisamente algo de que não preciso! — exclamou ela, com um vigor, que chegara a duvidar que ainda possuía. — Nunca tive uma experiência sobrenatural na vida, nem mesmo *acreditava nessas coisas, mas agora me pergunto apenas o que está acontecendo, o que há com você. Aquelas luzes pareciam olhos*, Arnie. E mais tarde... depois de tudo... havia um cheiro. Um cheiro horrível de podre.

Arnie encolheu-se.

— Você sabe do que estou falando.

— Não. Não faço a mínima idéia.

— Pois você se encolheu de repente, como se o diabo tivesse puxado

sua orelha.

— Está imaginando coisas, Leigh — disse ele caloroso. — Um bocado de coisas.

— Aquele cheiro estava lá. E há também outras coisas. Às vezes, seu rádio só pega aquelas estações de músicas antigas...

Outra cintilação nos olhos dele e uma ligeira torção no canto esquerdo da boca.

— E algumas vezes, quando estamos nos entendendo bem, o rádio só emite estática, como se não gostasse do que acontece. *Como se o carro não gostasse, Arnie.*

— Você está perturbada — disse ele, com sinistra determinação.

— Sim, *estou* perturbada — respondeu Leigh, começando a chorar. — *Você não está?* — As lágrimas lhe escorreram lentamente pelas faces. — Penso que isto é o fim para nós, Arnie; eu amei você, mas acho que *acabou*. *Acredito realmente que tenha acabado, e isso me deixa tão triste, tão magoada...* Seu relacionamento com seus pais transformou-se em um... campo de batalha, com você viajando para Nova York e Vermont, Deus sabe com que finalidade, a mando de Will Darnell, aquele porco gordo e esse carro... esse carro...

Ela não conseguiu dizer mais. Sua voz extinguiu-se. Deixou os embrulhos caírem e abaixou-se às cegas para recolhê-los. Exausta e chorando, só conseguiu espalhá-los ainda mais. Arnie abaixou-se para ajudá-la e Leigh o empurrou com rudeza.

— Deixe meus embrulhos em paz! Eu mesma apanho!

Ele se ergueu, com o rosto pálido e tenso. Tinha uma expressão de pura fúria, mas os olhos... oh, para Leigh, seus olhos pareciam perdidos.

— Está bem — disse ele, a voz enrouquecida agora por suas próprias lágrimas. — Muito bem! Junte-se a todos eles, se quiser. Pode ficar com todos eles, os outros bostas. Quem se importa?

Arnie deixou escapar uma respiração trêmula e um soluço solitário lhe brotou da garganta, antes que pudesse fechar a boca brutalmente, com a mão enluvada.

Começou a caminhar de volta ao carro; avançava cegamente para o Plymouth, e Christine estava lá.

— Fique com eles, porque você está louca! Fora de si! Então, vá e façam seus jogos! Não preciso de vocês! Não preciso de *nenhum* de vocês!

Sua voz se elevou a um grito agudo, em diabólica harmonia com o vento:

— *Não preciso de vocês, portanto, fodam-se!*

Apressou-se para o lado do motorista, seus pés deslizaram e ele estendeu a mão, buscando apoio em Christine. Ela estava lá e não o deixou cair. Arnie entrou no carro, acelerou, os faróis dianteiros acenderam-se em intenso clarão branco, e o Fury afastou-se do meio-fio, os pneus traseiros derrapando em uma névoa de neve.

Agora, as lágrimas vinham rápidas e firmes, enquanto ela ficava espiando as luzes traseiras se distanciarem, tornando-se pontos vermelhos e piscando, quando o carro dobrou a esquina. Seus embrulhos jaziam espalhados no chão.

Então, de repente, sua mãe estava ali, absurdamente vestida em uma capa de chuva aberta, com botas de borracha verdes e a camisola de flanela azul.

— O que há de errado, meu bem?

— Nada — soluçou Leigh.

Quase morri engasgada, senti o cheiro de algo que podia ter vindo de uma sepultura recentemente aberta e acho que... sim, acho que, de certa forma, aquele carro está vivo... mais vivo a cada dia. Acho que ele é como alguma espécie de horrível vampiro, um vampiro que está se alimentando da mente de Arnie. De sua mente e de seu espírito.

– Nada, não houve nada de errado. Tive uma discussão com Arnie, foi só. Quer me ajudar a pegar minhas coisas?

As duas recolheram os embrulhos de Leigh e entraram. A porta fechou atrás delas e a noite pertenceu ao vento, à neve que caía rapidamente. Pela manhã, haveria uma camada de mais de vinte centímetros.

Arnie ficou rodando em seu carro, até pouco depois da meia-noite. Depois disso, não teve lembrança do que fez. A neve enchera as ruas, agora desertas e fantasmagóricas. Não era uma noite para o grande carro americano. Não obstante, Christine se movia através da crescente tempestade com surpreendente facilidade e firmeza, sem ao menos estar com pneus para neve. De vez em quando, a sombra pré-histórica de um removedor de neve surgia na bruma e logo desaparecia.

O rádio estava ligado. Só dava a WDIL, em todo o dial. Irradiava o noticiário. Eisenhower predissera, na convenção AFL/CIO [\[5\]](#), um futuro de trabalho e administração marchando harmoniosamente para um porvir conjunto. Dave Beck negara que o Sindicato dos Motoristas de Caminhão fosse uma fachada para negócios escusos. Eddie Cochran, o cantor de *rock*, perdera a vida em um acidente automobilístico, quando seguia para o Aeroporto Heathrow, de Londres; uma cirurgia de emergência durante três horas, não conseguira salvar-lhe a vida. Os russos trombeteavam seus ICBM, os mísseis balísticos intercontinentais. A estação WDIL tocava músicas antigas durante toda a semana, mas eles se mostravam realmente dedicados nos fins de semana. Poxa, noticiário dos anos 50! Aquilo era

(nunca ouvi nada igual antes) realmente uma idéia e tanto. Era *(totalmente insano)* uma idéia e tanto, sim, senhor!

A meteorologia prometia mais neve.

Em seguida, música novamente: Bobby Darin cantando "*Splish-Splash*", Ernie K-Doe cantando "*Mother in Law*", os gêmeos Kalin cantando "*When*".

Os limpadores de pára-brisa marcavam o ritmo.

Arnie olhou para sua direita, e lá estava Roland D. LeBay, como passageiro forçado.

Roland D. LeBay, com suas calças verdes e uma desbotada camisa de sarja do Exército, espiando através das órbitas escuras. Um besouro, ataviado, dentro de outro.

Você tem de fazê-los pagar, disse Roland D. Lebay. Tem de fazer esses bostas pagarem, Cunningham. Cada um dos fodidos bostas!

— Certo — sussurrou Arnie. Christine cantarolava através da noite, rompendo a neve com rodas firmes, seguras. — Tem razão.

E os limpadores de pára-brisa assentiram, para diante e para trás, de um lado para outro.

AGORA, ESTE BREVE INTERLÚDIO

Rode para o México naquele velho Chrysler, rapaz.

- Z. Z. Top

No Ginásio de Libertyville, o treinador Puffer havia sido substituído pelo treinador Jones e o futebol dera lugar ao basquete. Entretanto, nada mudara realmente: os cestinhas não se saíam muito melhor do que os artilheiros de futebol do ginásio — o único que sobressaía era Lenny Barongg, um craque em três esportes, sendo o basquete o principal deles. Lenny persistia obstinadamente, conseguindo a marca vitoriosa que lhe era necessária se quisesse obter a bolsa de estudos para atletismo em Marquette pela qual vinha batalhando.

Sandy Galton sumiu da cidade de repente. Um dia estava lá, no outro sumira. Sua mãe, uma bêbada contumaz de quarenta e cinco anos, que não parecia ter menos do que sessenta, não ficou muito preocupada. O mesmo sucedeu ao irmão mais novo de Sandy, que tomava mais droga do que qualquer outro garoto do Ginásio Gornick. No Ginásio de Libertyville corria o romântico boato de que ele se mandara para o México. Havia outro boato também, este menos romântico: que Buddy Repperton envolvera Sandy em alguma coisa, de maneira que ele decidira ser mais seguro sair de circulação.

Os feriados do Natal aproximavam-se e o ambiente escolar ficou mais inquieto e ruidoso, como sempre acontecia, antes de uma folga mais demorada. A maior parte do corpo estudantil recebia seu costumeiro diploma pré-natalino. Apreciações de livros eram entregues com atraso e, freqüentemente, apresentando uma suspeita semelhança com o escrito na sobrecapa dos mesmos (afinal, quantos estudantes veteranos de inglês estarão aptos para avaliar *O Apanhador no Campo de Centeio*, "este candente clássico da adolescência pós-guerra"?). Os projetos de aulas eram deixados pela metade ou nem eram feitos, a porcentagem dos períodos de castigo por beijar e namorar nos corredores subia às alturas, enquanto as sessões de

maconha aumentavam, quando os alunos do Ginásio de Libertyville se entregavam a uma leve diversãozinha pré-natalina. Assim, boa parte dos estudantes estava alta; era alta a ausência de professores, como também estavam no alto as decorações de Natal pelos corredores e salas de aula.

Leigh Cabot não estava por cima. Falhara em um exame pela primeira vez, em sua carreira de ginásiana, recebendo um D em uma prova de datilografia. Ela não conseguia estudar, sua mente divagava até Christine, vezes sem conta — até o verde painel de instrumentos que se tornara odioso, até aqueles reluzentes olhos-de-gato que a viam morrer sufocada.

De um modo geral, no entanto, a última semana de aulas antes dos feriados de Natal era um período bem-humorado, quando eram perdoadas infrações que mereciam punição em outra época, quando professores durões às vezes até davam uma ajudazinha na prova em que todos se tinham saído mal, quando garotas que haviam sido inimigas ferrenhas faziam as pazes e quando rapazes que repetidamente se envolviam em brigas, por insultos reais ou imaginários, faziam o mesmo. O mais indicativo da brandura do ambiente, no entanto, talvez fosse simplesmente o fato de que a Srta. Saco-de-Ratos, a Medusa da Sala de Estudos 23, fosse vista sorrindo... não apenas uma, porém várias vezes.

No hospital, Dennis Guilder estava moderadamente animado — trocara os gessos de tração que o prendiam ao leito por outros que lhe permitiam caminhar. A fisioterapia não significava mais a tortura que havia sido. Perambulava oscilante por corredores ostentando fieiras de ouropel e enfeitados com figuras natalinas, as muletas fazendo ecoar um ruído surdo ao longo da caminhada, às vezes em compasso com as alegres canções de Natal, irradiadas pelos alto-falantes suspensos.

Era uma *caesura*, uma trégua de bonança, um interlúdio, um período de calma. Durante seus aparentemente intermináveis passeios pelos corredores, para baixo e para cima, Dennis refletia que as coisas podiam ter sido piores — muito, muito piores.

E, em muito breve, elas o seriam.

BUDDY E CHRISTINE

Bem, lá está ele na distância
E vem arremetendo contra mim
Não sei como resistir
E nada poderá livrar-me.
Até um homem cego de um olho poderia ver
Que algo ruim acontecerá comigo...
The Inmates

Na terça-feira, 12 de dezembro, os Terriers perderam de 54 a 48 para os Bucaneiros, no ginásio de Libertyville. Em sua maioria, os torcedores saíram para o imóvel negror da noite não muito decepcionados: cada cronista esportivo da área de Pittsburg previra outra derrota para os Terriers. O resultado mal poderia ser encarado como um transtorno. Além disso, havia Lenny Barongg, para orgulho da torcida dos Terriers: conseguira marcar, sozinho, 34 pontos fantásticos, estabelecendo um novo recorde para a escola.

Buddy Repperton, contudo, *estava* decepcionado.

Por causa disto, Richie Trelawney também fazia o possível para demonstrar sua decepção. O mesmo acontecia a Bobby Stanton, no banco traseiro.

Nos poucos meses após sua expulsão do ginásio, Buddy parecia ter envelhecido. Parte disso ficava por conta da barba. Ele agora se assemelhava menos a Clint Eastwood e mais a algum inveterado bebedor e jovem ator, uma versão do Capitão Ahab. Nas últimas semanas, Buddy andara bebendo demais. E sonhava coisas tão terríveis, que mal podia recordar. Despertava suado e trêmulo, com a sensação de ter escapado por pouco de algo horrendo, algo sombrio, que se movia silenciosamente.

Não obstante, a bebida acabara com aquilo. Cortara os sonhos

certeiramente, pelos malditos joelhos. Com infernal precisão. Tudo aquilo acontecia porque trabalhava à noite e dormia de dia.

Ele baixou o vidro da janela de seu maltratado e amassado Camaro, varando o ar frio, e jogou fora uma garrafa vazia. Virando-se por sobre o ombro, disse:

— Outro coquetel Molotov, cavalheiros.

— É pra já, Buddy — disse Bobby Stanton respeitosamente, passando outra garrafa de Texas Driver para a mão de Buddy.

Buddy os obsequiara com uma caixa da bebida — suficiente para paralisar toda a Marinha egípcia, dissera ele — depois do jogo. Ele arrancou a tampa, dirigindo momentaneamente com os cotovelos, e em seguida bebeu metade da garrafa. Estendeu-se a Richie, deixando escapar um longo e sonoro arroteio. Os faróis do Camaro iluminaram a Rota 46, que seguia para noroeste tão reta como um barbante, através da Pensilvânia rural. Campos cobertos de neve jaziam sonhadoramente a cada lado da estrada, cintilando em um bilhão de pontos de luz, que arremedavam as estrelas no negro céu invernal. Ele se encaminhava — de um modo um tanto casual e meio bêbado — para as Squantic Hills. Nesse ínterim, poderia escolher qualquer outro destino, mas não o fazendo, as montanhas eram um lugar excelente e reservado para ficarem altos tranquilamente.

Richie devolveu a garrafa a Bobby, que tomou um bom gole, embora detestasse o sabor de Texas Driver. Acreditava que, quando ficasse um pouco mais embriagado, estaria pouco ligando para o gosto da bebida. Poderia ficar de ressaca e vomitar tudo no dia seguinte, mas o amanhã estava a mil anos de distância. Bobby ficava entusiasmado apenas por estar na companhia deles; era somente um calouro, ao passo que Buddy Repperton, com sua fama quase mística de arrogância e maldade, era uma figura que ele encarava com uma mistura de medo e respeito.

— Palhaços fodidos — disse Buddy com voz pastosa. — Que cambada de palhaços fodidos! Vocês chamam aquilo de jogo de basquete?

— São todos uma cambada de retardados — concordou Richie. — Menos o Barongg. Trinta e quatro pontos! Não é para qualquer um!

— Não vou com a cara daquele crioulo — disse Buddy, envolvendo Richie em um longo e calculista olhar embriagado. — Está querendo se juntar ao bando?

— Claro que não, Buddy — disse Richie prontamente.

— Ainda bem.

— O que vai querer primeiro? — perguntou Bobby repentinamente, no banco traseiro. — As boas ou as más notícias?

— Primeiro as más — disse Buddy. Estava em sua terceira garrafa de Driver e não sentia qualquer dor, somente uma raiva aflitiva. Havia esquecido, pelo menos no momento, que tinha sido expulso do colégio. Concentrava-se apenas no fato de que a velha equipe da escola, aquela cambada de fódidos cretinos retardados o decepcionara. — Sempre as más primeiro.

O Camaro rodava para noroeste a mais de cem por hora, na fita asfaltada de duas faixas, que era como um risco de tinta preta através de um enladeirado piso branco. O terreno começava a elevar-se ligeiramente, à medida que se aproximavam das Squantic Hills.

— Bem, as más novas são que um milhão de marcianos acabaram de aterrissar em Nova Iorque — disse Bobby. — Agora, quer ouvir as boas?

— Não tem boas notícias — disse Buddy, em voz lenta e pesarosa.

Richie gostaria de dizer ao garoto que não devia tentar alegrar Buddy, quando ele estava em semelhante estado de ânimo, porque isso só piorava a situação. O melhor a fazer era deixar que as coisas seguissem seu curso natural.

Buddy andava assim desde que "Penetra" Welch, aquele imbecil quatro-olhos caipira fora atropelado por algum psicopata, na Drive, JFK.

— As boas notícias são que eles comem negros e mijam gasolina — disse Bobby, explodindo em uma gargalhada.

Riu durante algum tempo, antes de perceber que ninguém lhe fazia coro. Então, calou-se subitamente. Erguendo o rosto, viu os olhos injetados de Buddy espiando-o, acima da barba anelada. Aquele olhar avermelhado e perscrutador, flutuando no espelho retrovisor, provocou-lhe um desagradável calafrio de medo. Ocorreu-lhe, então, que talvez se tivesse calado um ou dois minutos atrasado.

Atrás deles, dois faróis piscavam a uma distância de uns cinco quilômetros, parecendo insignificantes fagulhas amarelas na noite.

— Acha isso engraçado? — perguntou Buddy. — Solta uma maldita piada racista como essa e acha *engraçado*? Sabia que você é um babaca preconceituoso?

Bobby ficou de boca aberta.

— Bem, mas você disse...

— Eu disse que não topo *Barongg*. De um modo geral, acho que os crioulos são tão bons quanto os brancos.

Buddy considerou a idéia.

— Bem, quase tão bons.

— Mas...

— Vigie sua língua ou vai voltar andando para casa — grunhiu Buddy. — Com uma fratura. Depois vai poder escrever EU ODEIO NEGROS em seus fundilhos.

— Oh! — sussurrou Bobby, com voz assustada. Era como estender o braço para acender uma lâmpada e receber a chicotada de um choque elétrico. — Sinto muito.

— Me dê essa garrafa e feche a matraca.

Bobby estendeu-lhe alegremente a garrafa de Driver. Sua mão tremia.

Buddy acabou com a bebida. Passaram por uma placa de sinalização: PARQUE ESTADUAL SQUANTIC HILLS – 5 KM. O lago do centro do parque estadual era como uma zona de praia muito procurada no verão, mas o parque ficava fechado de novembro a abril. A estrada que serpenteava através do parque até o Lago Squantic, no entanto, era mantida em conservação por manobras periódicas da Guarda Nacional e acampamentos dos Escoteiros Exploradores, mas Buddy descobrira uma entrada lateral que contornava o portão principal e depois se unia à estrada do parque. Ele gostava de penetrar no silencioso e invernosos parque estadual, para rodar com seu carro e beber.

Atrás deles, as fagulhas gêmeas na distância tinham aumentado para círculos – dois faróis dianteiros, a uns dois quilômetros dali.

– Mande outro coquetel Molotov, seu porco racista ordinário.

Bobby estendeu-lhe uma garrafa cheia e permaneceu prudentemente calado. Buddy virou fundo, arrotou e depois passou a garrafa para Richie.

– Não, obrigado, cara.

– Vai beber ou pode se ver tomando um clister com ela.

– Certo, cara – disse Richie, desejando ardentemente ter ficado em casa naquela noite. Bebeu, enquanto o Camaro continuava correndo, seus faróis varando a noite.

Buddy olhou pelo retrovisor e avistou o outro carro, que agora se aproximava depressa. Uma espiada no velocímetro disse-lhe que estava a cento e poucos. O carro mais atrás devia estar perto dos cento e dez. Buddy sentiu algo – uma curiosa espécie de reviver os sonhos que não conseguia recordar inteiramente. Um dedo gelado parecia pressionar seu coração de leve.

À frente deles, a estrada se bifurcava, a Rota 46 seguindo para leste, em direção a New Stanton, a outra estrada indo para o Parque Estadual Squantic Hills. Um enorme aviso laranja alertava: FECHADA NOS MESES

DE INVERNO.

Quase sem diminuir a velocidade, ele guinchou para a esquerda e disparou para o alto da montanha. A estrada que ia para o parque não estava tão bem conservada, e árvores frondosas tinham impedido que o sol quente da tarde derretesse a neve que a cobria. O Camaro derrapou ligeiramente, antes de ganhar a estrada de novo. No assento traseiro, Bobby Stanton deixou escapar um som baixo e inquieto.

Buddy ergueu os olhos para o retrovisor, esperando ver o outro carro continuar pela 46 — para a maioria dos motoristas, afinal, a estrada para a qual ele se desviara era apenas um beco sem saída — mas, em vez disso, o carro na traseira passou para o desvio ainda mais depressa do que ele e agora vinha não muito distante, a menos de cento e cinquenta metros. Seus faróis eram quatro cintilantes círculos brancos, que iluminavam em cheio o interior do Camaro.

Bobby e Richie se viraram para olhar.

— Quem será esse merda? — murmurou Richie.

Buddy sabia. De repente, ficou sabendo. Era o carro que atropelara "Penetra". Oh, sim, era ele. O psicopata que abotoara "Penetra" estava atrás do volante daquele carro — e agora estava atrás dele, Buddy.

Pisou fundo no acelerador e o Camaro começou a voar. A agulha do velocímetro subiu para cento e dez, movendo-se gradualmente para perto de cento e vinte e cinco. As árvores passavam por eles como borrões, escuros garranchos na noite. As luzes atrás deles não se atrasaram; na verdade, até ganhavam em velocidade. Os faróis duplos se fundiram em dois enormes olhos brancos.

— Cara, quer diminuir um pouco? — pediu Richie. Estendeu a mão para seu cinto de segurança, agora francamente amedrontado. — Se continuarmos nessa velocidade...

Buddy não respondeu. Inclinou-se sobre o volante, alternando olhares

para a estrada à frente com outros para o espelho retrovisor, onde aquelas luzes continuavam crescendo.

— A estrada faz uma curva mais adiante — disse Bobby, em voz rouca. E a curva se aproximou, os *guardrails* refletindo em cromados à luz dos faróis do Camaro. Ele gritou: — *Buddy! Olhe a curva! Olhe a curva!*

Buddy diminuiu a marcha e o motor do Camaro roncou seu protesto. A agulha do tacômetro marcou 6.000 rotações por minuto, dançou brevemente na linha vermelha de 7.000 e depois caiu para um nível mais normal. Os canos retos de descarga do Camaro pipocaram como fogo de metralhadora. Buddy girou o volante e o carro flutuou para a margem escarpada. As rodas traseiras deslizaram pela superfície de neve dura. No último instante possível, Buddy o desviou de volta, pisando firme no acelerador e deixando o corpo balançar livremente, enquanto a roda traseira esquerda do Camaro se chocava contra o banco de gelo, nele escavando um buraco de neve revolvida do tamanho de um caixão, antes de saltar fora. O carro patinou para o outro lado. Buddy seguiu seu movimento, em seguida tornando a pisar no acelerador. Por um instante, pensou que o carro não responderia, que continuaria patinando e simplesmente ficariam derrapando estrada acima, a cento e vinte por hora, até chegarem a um trecho nu, onde capotariam.

O Camaro, no entanto, conseguiu equilibrar-se.

— Deus do céu, diminua! — uivou Richie.

Buddy debruçou-se sobre o volante, careteando por entre a barba, arregalados os olhos injetados. A garrafa de Driver estava presa entre suas pernas. *Vamos! Vamos, seu assassino louco filho da mãe! Vamos ver se consegue fazer o mesmo, sem capotar!*

Um momento mais tarde, os faróis reapareceram, mais perto do que nunca. O riso careteado de Buddy vacilou e desapareceu. Pela primeira vez, sentiu um doentio formigamento subindo pelas pernas até as virilhas. Medo — medo de verdade — o envolveu por completo.

Bobby ficara olhando para trás, quando o carro atrás deles fazia a curva, depois se virou para diante, o rosto atônito, incrédulo.

— Ele nem mesmo derrapou — disse. — É impossível! Isso é...

— Quem será, Buddy? — perguntou Richie.

Estendeu o braço para tocar o cotovelo de Buddy, e sua mão foi empurrada com tal força que os nós dos dedos se chocaram contra sua janela.

— Não vai querer me tocar — sussurrou Buddy. A estrada se desenrolava reta à frente dele, não de asfalto escuro, mas branca pela neve compacta e traiçoeira. O Camaro rodava sobre tal superfície escorregadia a uns cento e quarenta por hora. Entre as margens que chegavam à altura do peito, eram visíveis apenas seu teto e a bola alaranjada de pingue-pongue, espetada no topo da antena do rádio. — Não vai querer me tocar, Richie. Não a esta velocidade!

— Será que ele é... — a voz de Richie vacilou e ele não pôde continuar.

Buddy concedeu-lhe um olhar. O terror de Richie lhe subiu à garganta, quente e viscoso como óleo, ao ver o medo nos pequeninos olhos avermelhados do companheiro.

— Sim — respondeu Buddy. — Acho que é.

Ali em cima não havia casas; já se achavam em propriedades do Estado. Nada ali em cima, exceto as altas margens nevadas e o escuro entrelaçamento das árvores.

— Ele vai bater na gente! — guinchou Bobby, no assento traseiro. Sua voz era estridente como a de uma velha. Entre seus pés, as garrafas remanescentes de Texas Driver chocalharam furiosamente em sua caixa de papelão. — Buddy! Ele vai bater na gente!

O carro atrás deles chegara a uns dois metros do pára-choque traseiro do Camaro; este era inundado pelos faróis altos do outro com uma luz tão

potente que seria possível ler-se as menores letras impressas em um jornal. Pouco depois, houve um baque surdo.

O Camaro ziguezagueou na estrada, enquanto o outro carro ficava ligeiramente para trás. Buddy teve a sensação de que flutuavam repentinamente e soube que estavam por um fio de uma terrível derrapagem, a frente e a traseira deslizando com rapidez pela superfície, até se chocarem contra algo e capotarem.

Uma gota de suor, quente e ardente como uma lágrima, resvalou para dentro de um olho.

Pouco a pouco, o Camaro voltou a equilibrar-se.

Quando sentiu que recuperara o controle, Buddy deixou o pé direito comprimir maciamente o acelerador, até o fundo. Se era Cunningham, naquela banheira enferrujada 58 — Ah! Aquilo não fizera parte dos sonhos de que mal conseguia lembrar-se? — o Camaro o fecharia.

O motor agora trovejava. A agulha do tacômetro voltara a beirar a linha vermelha, em 7.000 rotações por minuto. O velocímetro passara a marca dos cento e sessenta e as margens geladas e altas da estrada desfilavam por eles em fantasmagórico silêncio. A estrada à frente assemelhava-se à tomada de um filme em ponto de vista que fora insanamente acelerado.

— Oh, meu Deus — balbuciava Bobby —, oh, meu Deus, por favor, não deixe que eu morra, oh, meu Deus, por favor...

Ele não estava lá na noite que arrebatamos o carro do Cara de Cona, pensou Buddy. Ele nem mesmo sabia o que estava acontecendo. Pobre filho da mãe, sem sorte. Ele não lamentava realmente por Bobby, mas se lhe fosse possível ter pena de alguém, seria daquele pobre calouro com merda na cabeça. À sua direita, Richie Trelawney sentava-se rígido e pálido como uma lousa de sepultura, os olhos ressaltando-se no rosto. Richie sabia bem do que se tratava.

O carro murmurou atrás e para eles, os faróis crescendo no espelho retrovisor.

Ele não pode estar ganhando!, gritou a mente de Buddy. *Não pode!* No entanto, o carro atrás dele ganhava velocidade e Buddy pressentiu que se preparava para o ato final. Sua mente correu como um rato engaiolado, à procura de uma saída, sem que houvesse alguma. A fenda na margem esquerda, coberta de neve, marcando a pequena estrada lateral que ele geralmente usava para ultrapassar o portão e entrar no parque estadual já estava à vista. No entanto, Buddy estava com o tempo, espaço e opções esgotados.

Houve outro baque macio e, novamente, o Camaro ziguezagueou — agora a uma velocidade acima de cento e setenta e cinco. *Não há esperança, cara*, pensou Buddy, fatalisticamente. Tirou as duas mãos do volante e agarrou seu cinto de segurança. Pela primeira vez na vida, Buddy o colocou em torno da cintura.

Ao mesmo tempo, no assento traseiro, Bobby Stanton gritava, em um guincho do mais puro pânico:

— *O portão, cara! Oh, meu Deus, Buddy, a casinholaaaaaaaa...*

O Camaro tinha arrostado uma final e íngreme subida. O lado mais distante serpenteava para um ponto em que a estrada se bifurcava, formando a entrada e saída do parque estadual. Entre as duas vias, levantava-se uma pequena casinhola de porteiro em uma ilha de concreto — na época do verão, uma senhora permanecia ali, em uma cadeira de campanha, cobrando um dólar de cada carro que entrava no parque.

Agora, a casinhola era inundada de espectral claridade, quando os dois carros desceram para ela, o Camaro encaminhando-se firmemente para a passagem, quando a derrapagem piorava.

— *Foda-se, Cara de Cona!* — gritou ele. — *Fodam-se! Você é o cavalo que está montando!* Buddy torceu todo o volante, girando-o pela maçaneta

auxiliar que exibia um oscilante vermelho tinto em álcool.

Bobby tornou a gritar. Richie Trelawney aferrou o rosto com as mãos e seu último pensamento na terra foi uma constante repetição de *Cuidado com vidro quebrado cuidado com vidro quebrado cuidado com vidro quebrado...*

O Camaro deu uma volta completa sobre si mesmo, e agora os faróis do carro que o seguia fulguraram diretamente neles, e Buddy começou a gritar, porque era realmente o carro de Cara de Cona, seria impossível enganar-se quanto àquela grade do radiador, ela parecia ter pelo menos um quilômetro de comprimento, *só que não havia ninguém ao volante. O carro estava absolutamente vazio.*

Nos últimos dois segundos antes do impacto, os faróis de Christine se desviaram para o que agora era a esquerda do carro de Buddy. O Fury disparou para a via de entrada, tão firme e certamente como uma bala disparada de um rifle. Chocou-se contra a barreira de madeira e a enviou girando e girando pela noite escura, os redondos refletores amarelos cintilando no negror noturno.

O Camaro de Buddy Repperton bateu de traseira na ilha de concreto em que se levantava a casinhola do porteiro. A beirada de concreto, com vinte centímetros, arrancou tudo que encontrou debaixo do carro, deixando os torcidos destroços de canos de descarga e do silencioso sobre a neve, como alguma curiosa escultura. A traseira do Camaro primeiro ficou encolhida como uma sanfona, para então ser demolida. Bobby Stanton foi demolido juntamente com ela. Buddy mal tomou consciência de algo batendo em suas costas, como um balde de água tépida. Era o sangue de Bobby Stanton.

O Camaro rodopiou no ar, como um estropiado projétil, em uma confusão de fragmentos voadores e pisos estilhaçados, um farol ainda brilhando maniacamente. Desenhou um sessenta e três completo, para então cair com um baque estrondoso de vidros fragmentados a rolar sobre si mesmo. A parte lateral se soltou e o motor deslizou para trás, em um ângulo que esmagou Richie Trelawney, da cintura para baixo. Houve uma

repentina explosão de fogo, que brotou do tanque de gasolina arreventado, quando o Camaro finalmente pousou no chão.

Buddy Repperton estava vivo. Havia sido cortado em várias partes por vidros esvoaçantes — uma orelha fora decepada com precisão cirúrgica, deixando um buraco vermelho no lado esquerdo da cabeça — e uma perna estava quebrada, mas ele continuava vivo. Seu cinto de segurança o salvara. Manuseou o fecho e ele cedeu. O crepitar do fogo assemelhava-se a papel sendo amassado. Ele pôde sentir o ardente calor.

Tentou abrir a porta mas emperrara.

Ofegando roucamente, atirou-se pelo espaço vazio onde estivera o vidro da janela...

... e lá estava Christine.

O Plymouth parara a uns quarenta metros de distância, enfrentando-o no final de uma longa e deslizante marca de derrapagem. O ruído do motor era como o lento ofegar de algum gigantesco animal.

Buddy passou a língua pelos lábios. Algo em seu lado esquerdo repuxava e apunhalava a cada respiração. Ali estava qualquer coisa desarranjada também. Costelas.

O motor de Christine acelerava e diminuía; acelerava e diminuía. Fracamente, como algo provindo de um pesadelo de lunático, Buddy pôde ouvir Elvis Presley cantando "*Jailhouse Rock*".

Pontos laranja-rosados de luz na neve. O súbito e crescente crepitar do fogo. Aquilo ia explodir. Ia...

Explodiu. O tanque de gasolina do Camaro explodiu, com estrondoso ruído. Buddy sentiu uma rude mão empurrá-lo pelas costas e voou pelos ares, aterrissando na neve sobre seu lado ferido. Estava com o blusão em fogo. Grunhiu e rolou sobre a neve para apagá-lo. Depois tentou ficar sobre os joelhos. Atrás dele, o Camaro era uma pira ardente na noite.

O motor de Christine agora acelerava e diminuía, acelerava e diminuía, mais depressa, com maior urgência.

Buddy finalmente conseguiu ficar de gatinhas. Espiou para o Plymouth de Cunningham, através das mechas suadas de cabelo que lhe caíam sobre os olhos. O capô ficara ondulado, quando o carro investira contra a barreira e, do radiador, pingava uma mistura de água e anticongelante, que fumegava sobre a neve como a recente pegada de um animal.

Buddy tornou a passar a língua pelos lábios. Sentiu-os como a pele estorricada de um lagarto. Suas costas estavam quentes, como se estivessem sido razoavelmente queimadas pelo sol; podia sentir o cheiro de roupa chamuscada mas, na imensidão de seu choque, não percebia que tanto o blusão como as duas camisas por baixo dele não existiam mais.

— Escute — disse, mal percebendo que falava. — Ei, escute...

O motor de Christine rugiu, ao avançar para ele, a traseira rabeando, quando os pneus dançavam sobre a neve pulverizada. O capô ondulante era como uma bocarra em um gélido rosnado.

Buddy esperou, apoiado nas mãos e joelhos, resistindo ao incontável desejo de rolar e fugir imediatamente, resistindo — o mais que podia — ao pânico selvagem que destruía seu autocontrole. Ninguém no carro. Uma pessoa mais fantasista do que ele talvez enlouquecesse.

No último segundo possível, ele rolou para a esquerda, gritando quando as extremidades estilhaçadas do osso na perna quebrada bateram no chão. Sentiu algo como uma bala passar por ele a centímetros de distância, houve o calor e a fumaça da descarga, cuspidas em seu rosto por um momento, e então a neve ficou vermelha, quando as lanternas traseiras de Christine piscaram.

O Plymouth manobrou, derrapando, para voltar à carga.

— Não! — gritou Buddy. A dor era dilacerante no peito. — Não! Não!

N...!

Saltou, com cegos reflexos assumindo o controle e, desta vez, a bola passou mais perto, arrancando couro de um sapato e deixando seu pé esquerdo instantaneamente entorpecido. Ele se virou alucinadamente sobre as mãos e os joelhos, como um bebê de pouca idade. O sangue agora lhe escapava da boca, de mistura ao muco que escorria livremente do nariz; uma das costelas partidas penetrara em um pulmão. O sangue corria pela face, brotando do buraco na cabeça, onde estivera a orelha. O ar congelado saía em jatos pelo nariz. A respiração era feita entre sibilantes soluços.

Christine fez uma pausa.

Seu cano de descarga expeliu vapor branco; o motor latejava e ronronava. O pára-brisa era um espaço negro e opaco. Atrás de Buddy, os remanescentes do Camaro expeliam chamas oleosas para o céu. Um vento afiado como navalha as sacudia e abanava. Sentado no inferno do banco traseiro, Bobby Stanton tinha a cabeça de lado, uma careta endurecida na face que escurecia.

Está brincando comigo, pensou Buddy. Brincando comigo, eis o que esse carro está fazendo. De gato e rato.

— Por favor! — cacarejou ele. Os faróis dianteiros piscavam, transformando o sangue que lhe escorria pelo rosto e dos lados da boca em um negror próprio de isento. — Por favor... eu... vou dizer a ele que sinto muito... Ficarei diante dele sobre meus malditos joelhos e mãos, se é isso o que quer... mas, por favor... por fa...

O motor rugiu. Christine saltou para ele, como antiga predestinação de sombria era. Buddy gritou e tornou a girar de lado. Desta vez, o pára-choque bateu em sua carne, quebrou sua outra perna e o jogou para a frente da ribanceira, no lado da estrada do parque. Ele se chocou contra ela e esparramou-se, como um frouxo saco de cereal.

Christine rodou de volta para ele, mas Buddy entrevira uma chance,

uma escassa oportunidade. Começou a subir penosamente a rampa, cavando na neve, com mãos nuas que já não possuíam qualquer sensação, escavando com os pés, ignorando as tremendas pontadas de dor nas pernas fraturadas. Agora, sua respiração vinha em pequenos gritos, enquanto os faróis ficavam mais brilhantes e aumentava o rugido do motor; cada punhado de neve atirava a própria sombra negra e deformada — e Buddy podia senti-lo, podia senti-lo atrás de si, como algum horrível tigre devorador de homens...

Houve um rangido e um som metálico. Buddy gritou, quando um de seus pés foi enterrado na neve pelo pára-choque de Christine. Arrancou-o da neve, mas deixando o sapato nas profundezas do buraco.

Rindo, balbuciando e chorando, Buddy chegou ao topo da rampa, amontoada ali por algum limpa-neves da Guarda Nacional, dias antes. Vacilou no pináculo, girou os braços para manter o equilíbrio e escapou por pouco de rolar pela ribanceira.

Virou-se para encarar Christine. O Plymouth manobrava na estrada e agora arremeda de novo, os pneus traseiros patinando, escavando a neve. Bateu contra a rampa, uns trinta centímetros abaixo do ponto em que Buddy se empoleirara, fazendo-o balançar e provocando uma pequena avalanche de neve. O choque emperrou mais o pára-choque, mas Buddy não foi tocado. Christine deu marcha à ré de novo, através de uma névoa de neve espumante, o motor agora parecendo rugir de frustrada cólera.

Buddy gritou em triunfo e fez um gesto obsceno para o carro, espetando o dedo médio no ar. *Foda-se! Foda-se! Foda-se! Um spray de sangue e saliva voou de seus lábios. A cada arquejante respiração, a dor parecia mergulhar mais fundo em seu lado esquerdo, entorpecente e paralisante.*

Christine rugiu para diante e tornou a colidir com o monte de neve.

Desta feita, uma boa porção da rampa, afrouxada pela primeira arremetida do carro, começou a deslizar para baixo, sepultando o franzido e

rosnante focinho de Christine. Buddy quase veio abaixo também. Salvou-se apenas ao deslocar-se rapidamente para trás, deslizando sobre a barriga, puxando-se com mãos que se cravavam na neve como garras sangrentas. As pernas agora eram um agonizante sofrimento e ele ficou de lado, arquejando como um peixe na praia.

Christine atacou novamente.

— Saia *daqui!* — gritou Buddy. — *Vá embora*, maldita FILHA DA PUTA!

Ela tornou a colidir contra o monte de neve, agora com força suficiente para ficar com o capô coberto até o pára-brisa. Os limpadores entraram em ação, formando arcos para trás e para diante, expulsando neve derretida.

Christine tornou a dar marcha à ré, e Buddy percebeu que uma nova investida o faria cascatear para o capô do carro, juntamente com a neve derrubada. Deixou-se cair para trás do monte e foi rolando até o lado mais distante da rampa, gritando a cada vez que suas costelas quebradas batiam contra o solo. Parou finalmente sobre neve solta, olhando para o céu escuro, as estrelas frias. Seus dentes começaram a castanholar. Estremecimentos percorreram-lhe todo o corpo.

Christine não atacou novamente, mas ele podia ouvir o murmúrio macio de sua máquina. Não atacava, mas esperava.

Buddy olhou para o monte de neve, avolumando-se contra o céu. Um pouco além, o clarão do Camaro incendiado começara a diminuir um pouco. Quanto tempo se passara, desde a colisão? Ele não sabia. Seria possível alguém avistar o fogo e vir salvá-lo? Também não sabia responder.

Ele percebeu duas coisas simultaneamente: o sangue fluía de sua boca — fluía em uma quantidade assustadora — e estava sentindo muito frio. Ficaria congelado e morreria se não aparecesse alguém.

Tomado de medo, esforçou-se e, aos poucos, conseguiu ficar sentado.

Tentava decidir se rastejaria até a estrada para espiar o carro — era pior ficar ali, sem vê-lo — quando olhou para o alto da ribanceira. Sua respiração ficou entrecortada, depois suspensa.

Havia um homem parado ali.

Só que não era bem um homem, era um cadáver. Um cadáver em decomposição, trajando calças verdes. Não tinha camisa, mas um colete ortopédico para as costas, manchado de bolor cinzento que envolvia seu torso escurecido. Ossos brancos reluziam através da pele repuxada do rosto.

— Você é um imbecil, seu bosta — sussurrou a aparição iluminada pelas estrelas.

Buddy perdeu o que lhe restava de controle e começou a gritar histericamente, os olhos esbugalhados, os cabelos compridos parecendo emaranhados em um grotesco capacete em tomo do rosto sangrento e sujo de fuligem, quando as raízes de cada fio se enrijeceram e eriçaram. O sangue lhe fluía da boca aos borbotoes, encharcando o frangalho de gola que sobrava do blusão; ele tentou deslizar para trás, agarrando-se outra vez à neve com as mãos e escorregando de nádegas, quando a coisa veio em sua direção. Uma coisa sem olhos. Os olhos haviam desaparecido, comidos de sua face, só Deus sabia por quais contorcidas coisas. *E ele podia sentir o cheiro daquilo, oh, Deus, sentia o cheiro e era um fedor de tomates podres, um fedor de morte.*

O cadáver de Roland D. LeBay estendeu as mãos apodrecidas para Buddy Repperton e sorriu.

Buddy gritou. Buddy urrou. E de repente enrijeceu, seus lábios formando um O decisivo, contraídos como se quisesse beijar o horror que caminhava trôpego para ele. Suas mãos engalfinharam-se e arranharam o lado esquerdo de um farrapo do blusão, acima do coração, que finalmente fora perfurado pelo toco afiado de uma costela quebrada. Caiu para trás, os pés convulsos chutando montículos de neve, a última respiração exalada em um longo jato branco da boca frouxa... como a descarga de um automóvel.

Na ribanceira, a coisa que ele tinha visto piscou e desapareceu. Sem deixar rastros.

No extremo oposto, o motor de Christine ganhou intensidade, passando para um crepitante bramido do escapamento, como um berro de triunfo que reverberou nas severas terras altas cobertas de neve das Squantic Hills e depois ecoou de volta.

Na margem extrema do Lago Squantic, a uns quinze quilômetros dali, um jovem que saíra para uma corrida de esqui pelas montanhas, à luz das estrelas, ouviu o som e parou de repente, as mãos imobilizadas sobre os bastões e a cabeça de banda.

De repente, a pele de suas costas ficou inteiramente arrepiada, como se uma locomotiva houvesse acabado de passar sobre sua sepultura. E embora sabendo que aquilo era apenas um carro em alguma parte, na outra margem — nas noites inverniais, ali o som era levado longe pelo vento —, seu primeiro pensamento foi de que algo pré-histórico havia despertado e perseguido a presa até o fim: um grande lobo — ou, talvez, um tigre dentes-de-sabre.

O som não se repetiu, e ele seguiu seu caminho.

DARNELL COGITA

Meu bem, deixe-me rodar em seu automóvel

Ei, benzinho, deixe-me ir em seu automóvel!

Diga para mim, meu benzinho,

Diga-me: como se sente?

— Chester Burnett

Will Darnell ficou na garagem até depois de meia-noite, na noite em que Buddy Repperton e seus amigos encontraram-se com Christine, nas Squantic Hills. Seu enfisema havia piorado nesse dia, e quando piorava assim ele receava deitar-se, embora costumeiramente estivesse sempre predisposto a dormir.

O médico lhe dissera não haver a menor probabilidade de sufocamento e morte durante o sono, mas com a idade chegando e o enfisema lentamente aumentando a pressão em seus pulmões, o medo de Will ia crescendo. O fato de seu medo ser irracional, de nada adiantava. Embora ele não houvesse entrado em uma igreja de qualquer religião desde os doze anos de idade — há quarenta e nove anos —, ele ficara morbidamente interessado pelas circunstâncias que cercavam a morte do Papa João Paulo I, dez semanas antes. João Paulo havia morrido na cama, onde fora encontrado, pela manhã. Já com o corpo enrijecendo, provavelmente. Aquela era a parte que mais amedrontava Will: *já enrijecendo, provavelmente*.

Chegou à garagem às nove e meia da noite, dirigindo seu Chrysler Imperial 1966 — o último carro que pretendia possuir. Mais ou menos a essa mesma hora, Buddy Repperton percebia as fagulhas gêmeas de faróis distantes, em seu espelho retrovisor.

Will devia estar valendo mais de dois milhões de dólares, porém o dinheiro não lhe dava mais tanto prazer, se é que já dera. O dinheiro nem ao

menos continuava parecendo totalmente real. Nada parecia real, exceto o enfisema. Aquilo era hediondamente real e Will acolhia, prazeroso, qualquer coisa que lhe afastasse a mente do assunto.

No momento, era o problema de Arnie Cunningham — *isso* afastara sua mente do enfisema. Supôs que tal acontecesse porque deixara Cunningham ficar por ali, quando todos os seus mais fortes instintos o aconselhavam a expulsar o garoto da garagem porque, de certa forma, ele era perigoso. Havia qualquer coisa acontecendo com Cunningham e o seu 58 refeito. Algo bem singular.

O garoto não estava ali nesta noite. Ele e todo o clube de xadrez do Ginásio de Libertyville estavam em Filadélfia, onde ficariam durante os três dias do Torneio de Outono dos Estados do Norte. Cunningham achara graça naquilo: estava muito mudado, não era mais o garoto cheio de espinhas e de olhos grandes que Buddy Repperton atacara, o garoto que Will prontamente (e erradamente) classificara como um bebê chorão e talvez um maldito veadado.

Para só citar uma mudança, ele se tornara cínico.

Cunningham lhe dissera, na tarde da véspera, em seu escritório, enquanto fumava charutos (o garoto aprendera a gostar deles e Will duvidava que seus pais soubessem), que faltara a tantas reuniões do clube de xadrez que, segundo o regulamento, não continuava como membro. Slawson, o conselheiro estudantil, estava a par disso, mas fechava os olhos por interesse, até o final do Torneio dos Estados do Norte.

— Já perdi mais reuniões do que qualquer outro, mas também acontece que sou quem joga melhor, e o bosta sabe... — Arnie pestanejava e levava as duas mãos à parte inferior das costas, por um momento.

— Devia procurar um médico para uma olhada nisso — falou Will.

Arnie piscou, de repente parecendo ter muito mais idade do que quase dezoito anos,

— Não preciso de mais nada além de uma boa trepada cristã, para estirar as vértebras.

— Quer dizer que você vai a Filadélfia?

Will ficara desapontado, muito embora estivesse se aproximando a folga para Cunningham; isto significava que teria de utilizar Jimmy Sykes nas próximas duas noites — e Jimmy não distinguia seu traseiro de um sorvete.

— Claro. Não vou perder três dias de sucesso — disse Arnie. Notando o rosto irritado de Will, sorriu. — Não se preocupe, cara. Isto aqui fechará para o Natal, todos os seus fregueses regulares estarão comprando brinquedos para os filhos, em vez de jogos de velas e carburadores. Este lugar vai virar um deserto até o ano que vem, e você sabe disso.

Aquilo era verdade, sem dúvida, mas Will não precisava que nenhum garoto petulante viesse lhe dizer.

— Quer ir a Albany para mim, depois que voltar? — perguntou. Arnie o estudou cuidadosamente.

— Quando?

— Este fim de semana.

— No sábado? — É.

— O que vai ser?

— Você levará meu Chrysler a Albany, aí está toda a maldita coisa. Henry Buck tem quatorze carros usados, limpos, e quer ver-se livre deles. Henry diz que são limpos. Dê uma espiada neles. Eu lhe darei um cheque em branco. Se parecerem bons, faça o negócio. Se parecerem fria, diga a ele para ir trepar com uma rosquinha.

— E o que vou estar levando?

Will o fitou por um longo momento.

— Está ficando com medo, Cunningham?

— Não. — Arnie esmagou a metade do charuto no cinzeiro. Olhou, para Will, defensivamente. — Talvez eu apenas ache que as coisas estão indo mais longe, a cada viagem que faço. É coca?

— Mandarei Jimmy fazer o serviço — disse Will brusco.

— Me diz apenas o que é.

— Duzentas embalagens de Winstons.

— Está legal.

— Tem certeza? Tem mesmo? Arnie riu.

— Será uma trégua do xadrez.

Will estacionou o Chrysler no boxe mais perto de seu gabinete, o que tinha SR. DARNELL — NÃO BLOQUEIE! pintado dentro de seus limites. Saiu e bateu a porta, arquejante, lutando para respirar. O enfisema estava alojado em seu peito, e naquela noite parecia ter levado o irmão junto. Não, ele não se deitaria, pouco importando o que tivesse dito aquele doutor de merda.

Jimmy Sykes varria apaticamente, com uma enorme vassoura. Era alto e desengonçado, com vinte e cinco anos. Seu ligeiro retardo mental o fazia parecer uns oito anos mais novo. Começara a usar o cabelo no estilo *ducktail*, dos anos 50, imitando Cunningham, a quem idolatrava. Excetuando-se os fracos *uissht, uissht*, das cerdas da vassoura no concreto manchado de graxa, tudo ali dentro era silêncio. E solidão.

— Isto aqui está um bocado esquisito esta noite, não, Jimmy? comentou Will, com voz arquejante. Jimmy olhou em torno.

— Sim, Sr. Darnell. Ninguém apareceu, desde que o Sr. Hatch levou seu Fairlane, e isso foi há meia hora atrás.

— Eu só estava brincando — disse Will, novamente desejando que Cunningham estivesse ali. Era impossível conversar com Jimmy, exceto em

um nível de Ivo-viu-a-uva. Ainda assim, talvez o convidasse para uma xícara de café com Courvoisier para melhorar o sabor. Fariam um trio. Ele, Jimmy e o enfisema. Ou então uma quadra, uma vez que o enfisema trouxera o irmão aquela noite. — O que me diz de... de...

Interrompeu-se subitamente, notando que o boxe vinte estava vazio. Christine se fora.

— Arnie esteve aqui? — perguntou.

— Arnie? — repetiu Jimmy, piscando idiotamente.

— Arnie, Arnie Cunningham — disse Will impaciente. — Quantos Arnies você conhece? O carro dele não está aqui.

Jimmy relanceou os olhos em torno, até o boxe vinte.

— Oh, é mesmo. Will sorriu.

— O herói foi desbancado no bendito torneio de xadrez, hein?

— Oh, foi? — perguntou Jimmy. — Poxa, isso é ruim, não?

Will conteve o ímpeto de agarrar Jimmy, sacudi-lo e dar-lhe uns tapas. Bem, não ia se aborrecer, aquilo só contribuía para dificultar-lhe a respiração e acabaria tendo de encher os pulmões com aquele coisa de sabor horrível, de seu inalador.

— Bem, o que foi que ele disse, Jimmy? O que ele disse quando você o viu?

Will soube repentinamente, no entanto — com absoluta certeza — que Jimmy não tinha visto Arnie. Jimmy por fim entendeu o que Will pretendia.

— Oh, eu não vi o Arnie. Só vi Christine saindo pelo portão, se o senhor me entende. Rapaz, ficou um carrão, né? Ele consertou tudo como por encanto.

— Exato — concordou Will. — Como por encanto. — A palavra já lhe ocorrera antes, relacionada a Christine. De repente, mudou de idéia quanto a convidar Jimmy para um café com *brandy*. Ainda olhando para o boxe

vinte, falou: — Pode ir para casa agora, Jimmy.

— Bem, Sr. Darnell, o senhor disse que eu ia trabalhar seis horas essa noite. E as seis horas só terminam às dez.

— Eu marco seu cartão às dez.

Os olhos estonteados de Jimmy iluminaram-se, ao ouvir aquela inesperada, quase inaudita generosidade.

— Fala sério?

— Exatamente. Falo sério. Seja bonzinho e dê o fora, Jimmy. *Ok?*

— É pra já — disse Jimmy, pensando que, pela primeira vez naqueles cinco ou seis anos que trabalhava para Will (era difícil saber o tempo correto, embora sua mãe estivesse a par de tudo, da mesma forma como sempre sabia sobre todos os seus pagamentos de impostos), o velho ogre se impregnava do espírito natalino. Como naquele filme sobre os três fantasmas. Acrescentando seu próprio espírito natalino, Jimmy exclamou: — Puxa, são uns bons quatorze minutos, chefinho!

Will pestanejou e caminhou pesadamente para seu escritório. Contornou a máquina de café e sentou-se atrás de sua mesa, espiando enquanto Jimmy guardava a vassoura, apagava a maioria das luzes fluorescentes que pendiam do teto e vestia seu pesado capote.

Will inclinou-se para trás e pensou.

Afinal de contas, seus miolos é que o tinham mantido vivo durante todos aqueles anos, vivo e sempre um passo à frente; jamais fora atraente, por toda a vida adulta foi gordo, com uma saúde sempre péssima. Em certa primavera de sua infância, a um acesso de escarlatina seguiu-se um caso brando de pólio, que o deixara com apenas uns setenta por cento da capacidade do braço direito. Quando jovem, suportava uma praga de furúnculos. Aos quarenta e três anos, seu médico descobrira uma grande excrescência esponjosa debaixo de um braço. Não era maligna, mas a remoção cirúrgica o mantivera na cama pela maior parte de um verão e,

como resultado, tivera úlceras de decúbito. Um ano mais tarde, uma pneumonia dupla quase o matara. Agora, havia um diabetes incipiente e o enfisema. Não obstante, seu cérebro sempre permanecera excelente e alerta, um cérebro que o deixara sempre um passo à frente.

Reclinado em sua cadeira, ele pensou em Arnie. Supôs que uma das coisas que o tinham impressionado favoravelmente em Cunningham, após ele ter enfrentado Repperton naquele dia, era uma certa similaridade com o adolescente Will Darnell, de muitos anos antes. É lógico que Cunningham nada tinha de doente, mas sofrera com as espinhas, era hostilizado e solitário — três coisas que haviam sido reais, na vida do jovem Will Darnell.

Cunningham também tinha miolos.

Miolos e aquele carro. Aquele estranho carro.

— Boa noite, Sr. Darnell — disse Jimmy. Ficou parado à porta por um instante e então acrescentou, hesitante: — Feliz Natal.

Will ergueu a mão em um aceno de despedida. Jimmy saiu. Will ergueu o corpo volumoso da cadeira, apanhou a garrafa de Courvoiser em seu armário e a deixou perto da máquina de café. Depois tornou a sentar-se. Em sua mente desenrolava-se uma rudimentar cronologia.

Agosto: Cunningham aparece com um desmantelado Plymouth 58 e o deixa no boxe vinte. O carro parece familiar e, realmente, é familiar. Trata-se do Plymouth de LeBay. E Arnie não sabe — nem precisa saber — que, certa vez, Rollie LeBay também havia feito viagens ocasionais a Albany, Burlington ou Portsmouth para Will Darnell... com a diferença de que, naquela época remota, Will possuía um Cadillac 54. Carros diferentes para transporte e o mesmo porta-mala de fundo falso, com compartimento secreto destinado aos "fogos de artifício", cigarros, bebidas e maconha. Naquele tempo, Will nunca ouvira falar em cocaína. Supunha que apenas os músicos de *jazz de Nova Iorque* a tivessem.

Fins de agosto: Repperton e Cunningham entram em choque e Darnell

expulsa Repperton. Está farto dele, de sua permanente fanfarronice, de estar sempre querendo bancar o galo do terreiro. Repperton tem infringido as normas e, embora fazendo para Nova Iorque e Nova Inglaterra todas as viagens que Will deseje, anda descuidado, e o descuido é perigoso. Ele mostra também tendência a correr demais, passando do limite legal, já tendo recebido multas por excesso de velocidade. Basta apenas um tira curioso e irão todos parar nos tribunais. Darnell não tem medo de ser preso — não em Libertyville —, mas isso o deixaria mal. Houve uma época em que pouco ligava para as aparências, mas agora está mais velho.

Will levantou-se, serviu-se de café e misturou uma dose de *brandy*. Fez uma pausa, refletiu no assunto e mediu uma segunda dose, com a tampa da garrafa. Sentou-se, tirou um charuto do bolso da camisa, contemplou-o e o acendeu. Foda-se, enfisema. Fique com isto.

A fragrante fumaça elevou-se em torno dele, e com o bom café quente com *brandy* à sua frente Darnell olhou para sua sombria e silenciosa garagem, cismando mais um pouco.

Setembro: O garoto pede que ele consiga um adesivo de inspeção e empreste uma chapa de matrícula de concessionário, para que possa levar a namorada a um jogo de futebol. Darnell concorda — diabo, houve uma época em que ele *vendia* um adesivo de inspeção por sete dólares e nem mesmo dava uma olhada no carro que o usaria. Além do mais, o carro do garoto está parecendo em condições. Um pouco precário, talvez, e também fazendo um bocado de barulho, mas afora isso dá uma excelente impressão. Cunningham tem feito um formidável trabalho de restauração no Plymouth.

E isso é francamente estranho, considerando-se que *ninguém* o viu trabalhando realmente no carro.

Bem, é verdade que ele fez pequenos reparos. Trocou lâmpadas de faroles. Mudou pneus. O garoto nada tem de idiota quanto a carros: sentado nesta mesma cadeira, Will certo dia o viu trocar a forração do

assento traseiro. Entretanto, ninguém o viu trabalhando no sistema de escapamento do carro, que era uma ruína total, quando ele chegou aqui com o 58, pela primeira vez, em fins do verão passado. Tampouco alguém o viu fazendo lanternagem, embora a lataria do Fury já apresentasse um caso avançado de câncer, quando o garoto o trouxe para a garagem. E, agora, ela está como que nova em folha.

Darnell sabia o que Jimmy Sykes pensava, porque o interrogara uma vez. Jimmy achava que Arnie fazia o trabalho mais difícil à noite, depois que todos iam embora.

— É muita mão-de-obra, para um maldito trabalho noturno — comentou Darnell, em voz alta.

De repente, sentiu um calafrio que nem mesmo o café com *brandy* conseguiu dissipar. Sim, era muita mão-de-obra noturna. Devia ter sido. Porque, durante o dia, o garoto parecia apenas ficar ouvindo a música melosa da WDIL. Isso e muita andança sem rumo ali dentro, indo de um lado para outro.

"Acho que ele faz o serviço sério à noite", tinha dito Jimmy, com a mesma ingênua confiança da criança explicando como Papai Noel desce pela chaminé ou como a fada-da-dentição coloca a moeda de vinte e cinco centavos debaixo de seu travesseiro. Will não acreditava em Papai Noel nem na fada-da-dentição, como tampouco acreditava que Arnie fizesse os reparos de Christine à noite.

Dois outros fatos incômodos rolaram por sua mente, como bolas de bilhar procurando uma caçapa para repousarem.

Uma das coisas, era seu conhecimento de que Arnie andara dirigindo o carro na parte dos fundos, muitas vezes, antes que fosse licenciado para o trânsito. Ficava apenas rodando lentamente, indo e vindo pelas estreitas alamedas entre os milhares de carros destrocados nos fundos da garagem do comprimento de um quarteirão. Rodando a dez quilômetros por hora, indo e vindo, indo e vindo, após o anoitecer, depois que todos tinham ido para

casa, contornando o grande guindaste com o ímã redondo e a grande caixa do compressor de sucata. Rodando. Quando Darnell o interrogara a respeito, Arnie respondera que esteve checando uma trepidação na direção. A mentira, contudo, não convencia. Ninguém jamais checou trepidação na direção rodando a dez por hora.

Era aquilo que Cunningham fazia, quando todos tinham saído. Era aquele o seu trabalho noturno. Rodando nos fundos da garagem, abrindo caminho por entre o ferro-velho, os faróis piscando vacilantes, em seus encaixes comidos pela ferrugem.

Depois, havia o caso do odômetro. Girava para trás. Cunningham lhe apontara aquilo, com um leve sorriso acanhado. Rodava ao contrário e a uma velocidade extremamente rápida. Arnie lhe dissera imaginar que o odômetro recuava cerca de dez quilômetros para cada quilômetro realmente rodado. Will ficara francamente espantado. Já ouvira falar na regulação recuada de odômetros, no negócio de carros usados, tendo ele próprio feito um bocado disso (além de encher transmissões com serragem para sufocar gemidos fatais e despejar caixas de aveia em radiadores nas últimas, a fim de obstruir temporariamente os vazamentos), mas nunca vira um odômetro rodar para trás espontaneamente. Julgava tal coisa impossível. Arnie se limitara a dar um breve e curioso sorriso, dizendo que devia ser algum defeito mecânico.

Era um defeito, claro, pensava Will. Um diabo de defeito!

Os dois pensamentos se entrecrocaram indolentemente e rolaram em direções diferentes.

Rapaz, ficou um carrão, né? Ele consertou tudo como por encanto.

Will não acreditava em Papai Noel nem na fada-da-dentição, mas estava pronto a admitir que havia coisas bem estranhas no mundo. Um homem prático podia admiti-lo e até lançar mão disso, se pudesse. Um amigo seu, residindo em Los Angeles, alegara ter visto o fantasma da esposa, antes do grande terremoto de 67, e Will não tinha nenhum motivo em

particular para duvidar da alegação (embora duvidasse completamente, se o amigo tivesse algo a ganhar com o ocorrido). Quent Youngerman, outro amigo, alegara ter visto o pai morto há muito tempo, parado ao pé de seu leito de hospital, depois que ele, Quent, um operário especializado em chapas de aço, sofrera uma terrível queda do quarto andar de um prédio em construção, na Wood Street.

Will passara a vida inteira ouvindo histórias semelhantes, como sem dúvida acontecia com quase todas as pessoas. E como provavelmente fazia a maioria dos racionais, ele as guardara em uma espécie de arquivo aberto, não acreditando nem desacreditando, a menos que o contador da história fosse um evidente lunático. Ele as punha naquele arquivo aberto porque ninguém sabia de onde a gente vinha, quando nascia, e ninguém sabia para onde a gente ia, quando morria. Nenhum ministro unitarista e nenhum daqueles que bradavam o segundo nascimento de Jesus, nenhum papa ou cientista do mundo o convenceria do contrário. Só porque algumas pessoas eram fanáticas nesse assunto não queria dizer que soubessem alguma coisa. Fatos assim, ele deixava naquele arquivo aberto, porque jamais lhe sucedera algo realmente inexplicável.

Exceto, talvez, algo como o que acontecia agora.

Novembro: Repperton e seus amigos do peito fazem misérias com o carro de Cunningham, no aeroporto. Quando o Plymouth chega no caminhão-reboque, dá a impressão de que ficou inteiramente arruinado. Ao olhar para ele, Darnell pensa: *Ele nunca mais tornará a rodar. Ponto final; nunca mais rodará dez centímetros.* No fim do mês, o rapaz Welch é morto na estrada JFK.

Dezembro: Um detetive da Polícia Estadual começa a rondar por ali. Junkins. Fica rondando e, certo dia, fala com Cunningham. Depois, aparece outro dia, quando Cunningham não está lá, e quer saber se o garoto mente sobre a extensão do dano causado por Repperton e seus chapas (dos quais o falecido e não-pranteado Peter "Penetra" Welch era um) em seu Plymouth.

Porque vem me perguntar, inquiriu Darnell arquejando e tossindo, através de uma nuvem de fumaça do charuto. Fale com ele, o maldito Plymouth é dele, não meu. Eu apenas dirijo este lugar para que trabalhadores mantenham seus carros rodando e continuem botando comida na mesa de suas famílias.

Junkins ouve o discurso pacientemente. Sabe que Darnell faz um bocado mais, além de dirigir uma garagem tipo faça-você-mesmo e um ferro-velho de automóveis. Entretanto, Darnell *sabe* que ele sabe, de modo que fica tudo bem.

Junkins acende um cigarro e diz: *Vim perguntar a você, porque já falei com o garoto e ele não me contou. Por um instante, enquanto falava com ele, pensei que queria me dizer; tive a impressão de que está verde de medo por causa de alguma coisa. Então, pareceu mudar de idéia e ficou de boca fechada.*

Darnell diz: *Se está pensando que Arnie fez o serviço naquele rapaz, por que não diz logo?*

Junkins responde: *Não é o que estou pensando. Os pais dele disseram que o garoto estava em casa, dormindo. Não me pareceu que fosse uma mentira para protegê-lo. No entanto, Welch foi um dos caras que arreventaram seu carro, temos absoluta certeza disso, como estou certo de que ele mente sobre a extensão do dano. Não sei por que ele mente, e é isso que está me deixando louco.*

É uma pena, respondeu Darnell, sem senti-la em absoluto.

Junkins pergunta: *Qual foi a extensão do dano, Sr. Darnell? Quero a sua opinião.*

Darnell então diz sua primeira e única mentira, durante a entrevista com Junkins: *Sequer saber, eu não reparei.*

É claro que reparou, e ele sabe por que Arnie mente, tentando minimizar o fato. Aliás, este tira também saberia por que, se não fosse tão evidente que procurava pressionar, em vez de tentar ver as coisas. Cunningham mente porque o dano foi *horrível*, o dano foi muito pior do que este tira estadual possa imaginar. Aqueles bandidos não apenas arreventaram o 58 de Cunningham, *acabaram* com ele. Cunningham mente

porque, embora ninguém o visse trabalhando muito, durante a semana após o caminhão-reboque trazer Christine de volta ao boxe vinte, *o carro estava praticamente como novo – ainda melhor do que estivera antes.*

Cunningham mentiu para o tira, porque a verdade era inacreditável.

– Inacreditável – repetiu Darnell em voz alta, e bebeu o resto de seu café.

Olhou para o telefone, estendeu o braço para ele, mas depois desistiu. Tinha uma ligação a fazer, mas era melhor terminar a análise daquilo primeiro – ter todos os seus patos enfileirados.

Ele próprio era o único (além de Cunningham, é claro) que poderia avaliar como era incrível o que tinha acontecido: a completa e total regeneração do carro! Jimmy tinha o miolo mole e os outros sujeitos iam e vinham, nenhum deles sendo um freguês regular. Houve, porém, comentários sobre o trabalho espetacular que Cunningham havia feito; vários caras que tinham feito reparos em seus veículos, naquela semana de novembro, tinham usado a palavra incrível. Vários deles também pareciam inquietos. Johnny Pomberton, que comprava e vendia caminhões usados, naquela semana estivera tentando colocar em condições de rodar uma velharia que adquirira. Johnny entendia de automóveis e caminhões melhor do que qualquer um em Libertyville, talvez em toda a Pensilvânia. Comentara com Will, franca e abertamente, que não podia acreditar naquilo. *É como vodu*, tinha dito Johnny Pomberton, dando em seguida uma risada sem graça. Will se limitara a ficar quieto, parecendo polidamente interessado. Após um ou dois segundos, o velho meneou a cabeça e afastou-se.

Sentado em seu escritório e contemplando a garagem, espectralmente silenciosa, no fraco período anual das semanas anteriores ao Natal, Will refletiu (não pela primeira vez) que quase todas as pessoas aceitariam qualquer coisa que viesse acontecer debaixo dos próprios olhos. Em um sentido bastante real, nada havia de sobrenatural ou anormal: o que

acontecera, acontecera, e ponto final.

Jimmy Sykes: *Como por encanto.*

Junkins: *Ele mente a respeito, mas raios me partam se eu sei por quê.*

Will puxou a gaveta de sua mesa, comprimindo sua volumosa barriga, e encontrou a agenda para 1978. Folheou-a até achar o lembrete, em sua própria caligrafia garatujada: *Cunningham. Torneio de xadrez. Philly Sheraton 11-13 dez.*

Ligou para a telefonista de auxílio, conseguiu o número do hotel e fez a chamada. Não ficou muito surpreso, ao sentir as pulsações cardíacas aumentarem de ritmo quando o telefone tocou e o atendente da recepção o atendeu.

Como por encanto.

– Alô? Filadélfia Sheraton.

– Alô — disse Will. — Parece que vocês estão realizando um torneio de xadrez aí, e...

– Torneio dos Estados do Norte, senhor — interrompeu o atendente. Parecia ativo e quase insuportavelmente jovem.

– Estou ligando de Libertyville, Pensilvânia — disse Will. — Suponho que aí se hospeda um estudante do ginásio daqui, chamado Arnold Cunningham. É um dos rapazes do torneio de xadrez. Gostaria de falar com ele, se for possível.

– Um momento, senhor, enquanto verifico.

Clunk. Will teria que esperar. Recostou-se em sua cadeira de molas e ficou assim pelo que lhe pareceu muito tempo, embora o ponteiro vermelho de segundos no relógio do escritório só tivesse feito uma volta. Ele não vai estar lá e, se estiver, como a minha...

– Alô?

A voz era jovem, um tanto curiosa e indiscutivelmente de Cunningham. Will Darnell sentiu uma reviravolta peculiar na barriga, mas nada se revelou em sua voz, era velho demais para isso.

– Oi, Cunningham – disse. – É Darnell.

– Will?

– Hã-hã.

– O que deseja, Will?

– Como está se saindo, garoto?

– Ganhei ontem e perdi hoje. Um jogo bobo, mas não conseguia ficar atento a ele. O que há?

Sim, era Cunningham – ele mesmo, sem sombra de dúvida.

Will jamais ligaria para alguém sem um bom motivo ou um pretexto para proteger-se, a fim de não ser apanhado desprevenido. Disse tranquilamente:

– Tem um lápis aí, garoto?

– Claro.

– Há uma firma na North Broad Street, United Auto Parts. Será que poderia ir até lá e ver o que eles têm, em matéria de pneus?

– Recauchutados? – perguntou Arnie.

– De primeira mão.

– Tudo bem, darei uma passada. Estarei livre amanhã, do meio-dia às três da tarde.

– Ótimo. Pergunte por Roy Mustungerra e diga meu nome.

– Soletre isso.

Will soletrou o nome.

– É tudo?

— Sim, tudo... ah, faço votos para que vá a forra.

— Há uma boa chance — disse Cunningham, e riu.

Will despediu-se e desligou. Era Cunningham, não havia a menor sombra de dúvida quanto a isso. Cunningham estava em Filadélfia esta noite — e Filadélfia ficava a quase quinhentos quilômetros de distância.

A quem ele teria fornecido chaves extras do carro?

O garoto Guilder.

Claro! Só que o garoto Guilder estava no hospital.

Sua namorada.

Bem, ela não tinha carteira de motorista, nem mesmo permissão para dirigir. Arnie lhe contara.

Alguém mais.

Não havia mais *ninguém*. Ninguém mais era íntimo de Cunningham, além do próprio Will — e Will sabia muito bem que ele nunca lhe dera uma duplicata das chaves.

Como por encanto.

Merda!

Will reclinou-se novamente em sua cadeira e acendeu outro charuto. Enquanto fumava, com a ponta caprichosamente cortada pouco antes caída no cinzeiro, ele ergueu os olhos para a fumaça flutuante, e mergulhou em profundas cogitações. Não conseguia entender. Cunningham estava em Filadélfia e seguira para lá no ônibus da escola, mas seu carro sumira da garagem. Jimmy Sykes o vira saindo, mas sem ver quem o dirigia. Francamente, o que significava tudo aquilo? O que acrescentaria aos fatos?

Aos poucos, sua mente se foi desviando para outros canais. Will recordou os próprios dias escolares, quando tivera o papel principal na peça encenada pelos veteranos do ginásio. Will fazia o sacerdote que é levado ao suicídio pela luxúria que sentia por Sadie Thompson, a jovem que pretendia

salvar. Sua representação foi delirantemente aplaudida. Aquele havia sido seu único momento de glória, em uma vida ginásiana desprovida de vitórias esportivas ou acadêmicas, talvez até mesmo o ponto alto de sua juventude. O pai de Will era um bêbado, sua mãe uma criada, o único irmão um vagabundo, cujo momento de glória acontecera em algum ponto da Alemanha, seu único aplauso o firme martelar do fogo dos canhões alemães.

Will pensou em sua única namorada, uma pálida loura chamada Wanda Haskins, cujas bochechas alvas eram pontilhadas de sardas, dolorosamente profundas ao sol de agosto. Era quase certo que se teriam casado — Wanda fora uma entre as quatro jovens com quem Will Darnell trepara (ele excluía as prostitutas da contagem). Sem dúvida, era a única que chegara a amar (sempre supondo que isso existisse — e, como em relação aos eventos sobrenaturais de que ouvia falar às vezes, que, porém, jamais testemunhara, podia duvidar de sua existência, não podia refutá-la), mas o pai dela era do Exército e Wanda havia sido uma cria do Exército. Aos quinze anos — talvez faltando apenas um para a mística divisão de equilíbrio do poder, das mãos dos velhos para as dos novos — ela e a família se mudaram para Wichita, o que significou o fim do romance.

Havia um certo batom que ela usava e, naquele tão distante verão de 1934, tivera um sabor de framboesas frescas para Will Darnell, então ainda um jovem bastante esguio, ambicioso e de olhos límpidos. Tinha sido um sabor que fizera a mão esquerda avançar para a ereta e entusiástica base do pênis no meio da noite... e, mesmo antes de Wanda Haskins consentir, os dois haviam dançado aquela doce e especial melodia nos sonhos de Will Darnell. Sim, haviam dançado na cama estreita de rapazinho, demasiado pequena para suas pernas em crescimento.

E agora pensando naquela dança, Will parou de cogitar e começou a sonhar. Então, cessando de sonhar, começou a dançar novamente.

Despertou de um sono que não chegara de fato a ser profundo, umas

três horas mais tarde; foi acordado pelo ruído da enorme porta da garagem subindo barulhentosamente e também pela claridade da luz interna acima da porta — não fluorescente, mas uma lâmpada fortíssima de 200 velas — que se acendera.

Will fez a cadeira voltar rapidamente à posição normal. Seus sapatos bateram contra o tapete embaixo da escrivaninha (com o nome BARDAHL escrito nele, em letras salientes de borracha) e foi mais o choque de agulhadas e alfinetadas nos pés, acima de qualquer outra coisa, que o despertou completamente.

Christine se movia lentamente, cruzando a garagem em direção ao boxe vinte, para o qual se esgueirou.

Naquele momento, ainda não de todo convencido de que despertara, Will a observou com curiosa falta de entusiasmo, algo que talvez só aconteça àqueles convocados diretamente de seus sonhos. Sentou-se ereto atrás da mesa, os braços semelhantes a presuntos, plantados sobre seu sujo e rabiscado mata-borrão — e ficou espiando.

O motor acelerou uma, duas vezes. O novo e reluzente cano de descarga expeliu fumaça azul.

Então, o motor parou.

Will continuou sentado, sem se mover.

Sua porta estava trancada, mas havia um intercomunicador, sempre ligado, entre o escritório e a comprida área da garagem, semelhante a um celeiro. Por aquele mesmo intercomunicador, ele ouvira o início da luta entre Cunningham e Repperton, disputando o título, no agosto passado. E pelo intercomunicador ele agora ouvia o tiquetaquear metálico do motor esfriando. Nada mais ouviu.

Ninguém saiu do Christine, porque não havia ninguém para sair.

Ele colocava coisas assim em um arquivo aberto, porque jamais lhe sucedera algo realmente inexplicável... exceto, talvez, algo como o que acontecia agora.

Will vira Christine cruzar o piso de cimento até o boxe vinte, a porta automática chocalhando ao fechar-se contra a fria noite de dezembro do exterior. Examinando o caso mais tarde, peritos poderiam dizer: *A testemunha admite que cochilou e depois adormeceu, admite que estava sonhando... o que alega ter visto, evidentemente nada mais era do que uma extensão de seu sonho, um estímulo externo provocando uma faixa subjetiva de imagens provenientes do sonho...*

Sim, eles poderiam dizer isso, da mesma forma como Will poderia sonhar que dançava com Wanda Haskins, uma jovem de quinze anos... mas na realidade era um homem de cabeça firme, com sessenta e um anos, um homem que, havia muito, se alijara de quaisquer atitudes românticas.

E ele tinha *visto* o 58 de Cunningham deslizar através da garagem vazia, o volante movendo-se sozinho, quando o carro se dirigiu para seu boxe costureiro. Ele tinha *visto* os faróis se apagarem e ouvira o motor de 8 cilindros, quando morrera.

Agora, sentindo-se estranhamente sem ossos, Will Darnell levantou-se, vacilou, foi até a porta do escritório, tornou a vacilar, para depois abri-la. Saiu e caminhou à frente das filas de carros estacionados obliquamente, até o boxe vinte. Suas pisadas ecoavam atrás dele e depois extinguíam-se em mistério.

Ficou parado ao lado do carro, com sua carroceria pintada em dois tons vivos, vermelho e branco. O trabalho de pintura era cuidadoso, limpo e perfeito, sem a menor mácula de um diminuto defeito ou o mais leve toque de ferrugem. O vidro estava imaculado e intacto, não havendo nele uma só ligeiríssima arranhadura, causada por um fragmento de pedra que voasse ao acaso.

O único som ouvido agora era o lento gotejar da neve derretida, pingando dos pára-choques traseiro e dianteiro.

Will tocou o capô. Estava quente.

Experimentou a porta ao lado do motorista e ela se abriu sem

difficuldade. O cheiro que veio do interior foi um agradável odor de couro novo, plástico novo e novos cromados — exceto que parecia haver um outro cheiro, mais desagradável, por sob aquele. Um cheiro de terra. Will aspirou fundo, mas não conseguiu classificá-lo. Pensou brevemente em nabos velhos, nos depósitos para vegetais que seu pai tinha no porão, e seu nariz se franziu.

Inclinou-se. Não havia chaves na ignição. O odômetro marcava 52.107,8.

De repente, a fenda vazia da ignição, incrustada no painel de instrumento, começou a girar. Por si mesma, a fenda negra passou de ACC para START. O motor aquecido pegou imediatamente e funcionou com firmeza, repleto de alegre potência de alta octanagem.

O coração de Will titubeou em seu peito. A respiração ficou presa. Ofegando e tossindo ruidosamente em busca de ar, apressou-se a voltar ao escritório, a fim de usar o inalador sobressalente, que tinha em uma gaveta da mesa. Insuficiente e impotente, sua respiração soava como vento de inverno, passando por baixo da fresta de uma porta. Seu rosto adquirira um tom de vela antiga. Os dedos aferraram a carne mole da garganta e a puxaram incessantemente.

O motor de Christine parou novamente.

Não houve mais nenhum som, além do tiquetaquear do metal esfriando.

Will encontrou o inalador, enfiou-o fundo na garganta, apertou o disparador e aspirou. Pouco a pouco, a sensação de que havia sobre seu peito um carrinho de mão carregado de blocos de cimento dissipou-se. Sentando-se em sua cadeira giratória, ele ouviu agradecido o saudável e esperado rangido de protesto das molas. Cobriu o rosto momentaneamente com as mãos gordas.

Nada realmente inexplicável... até agora.

Ele vira.

Ninguém estivera dirigindo aquele carro. Ele chegara à garagem vazio, cheirando a algo parecido com nabos apodrecendo.

Ainda assim, a despeito de seu terror, a mente de Will começou a trabalhar e ele se perguntou como poderia usar o que sabia, em seu próprio benefício.

DESLAZENDO CONEXÕES

Bem, mister, quero um conversível amarelo.

Um DeVille quatro portas,

Com rodas raiadas cromadas

E um estepe Continental.

Com potente direção,

E freios também potentes;

Quero um motor poderoso,

Com decolagem a jato...

Quero um rádio de ondas-curtas,

Quero TV e telefone,

Entenda, é pra falar com meu bem

Quando eu rodar por aí.

— Chuck Berry

Os restos carbonizados do Camaro de Buddy Repperton foram encontrados no final da tarde da quarta-feira, por um guarda do parque. Uma senhora idosa, que morava com o marido na cidadezinha de Upper Squantic, telefonara para o posto dos guardas, na margem do lago que dava para o parque.

Segundo ela, sofria demais de artrite e, às vezes, não conseguia dormir. Na noite anterior, julgara ter visto chamas partindo das proximidades do portão sul do parque. A que horas? Ela admitiu ter sido por volta de quinze para as dez, porque estivera vendo o Filme da Noite de Terça-feira, na CBS, e o filme ainda não passara da metade.

Na quinta-feira, uma foto do carro queimado apareceu na primeira página do *Keystone* de Libertyville, abaixo de uma manchete que dizia: TRÊS MORTOS EM ACIDENTE DE AUTOMÓVEL NO PARQUE ESTADUAL

DAS SQUANTIC HILLS. Era mencionada uma fonte da Polícia Estadual como tendo dito que: "A bebida provavelmente fora um fator" — uma forma oficialmente opaca de dizer que os remanescentes estilhaçados de mais de meia dúzia de garrafas contendo uma mistura de uísque e vinho, vendida sob o nome de Texas Driver, haviam sido encontrados no local do acidente.

A notícia foi um impacto particularmente rude no Ginásio de Libertyville; os jovens sempre sentem a maior dificuldade em aceitar informações desagradáveis sobre a própria mortalidade. E a temporada de férias talvez tornasse o golpe ainda mais duro.

Arnie Cunningham ficou terrivelmente deprimido com o fato. Deprimido e amedrontado. Primeiro, "Penetra"; agora, Buddy, Richie Trelawney e Bobby Stanton. Bobby Stanton, um infeliz calouro do qual nunca ouvira falar — o que um novato como esse tinha de estar fazendo em companhia de sujeitos como Buddy Repperton e Richie Trelawney? Não saberia que estava se aventurando em um cova de tigres, sem maior proteção além de uma pistolinha de esguichar água? Achou inexplicavelmente difícil aceitar a versão transmitida pelos boatos, segundo a qual Buddy e seus amigos tinham apenas ficado muito desiludidos com o jogo de basquete e haviam saído de carro, rodando e bebendo, até encontrarem o amargo fim.

Arnie não conseguia livrar-se da sensação de que, de certa forma, estava envolvido naquilo.

Leigh parara de falar com ele desde a discussão. Ele não lhe telefonara — parte por orgulho, parte por vergonha e também esperando que ela ligasse primeiro, que tudo voltasse a ser como era... antes.

Antes de quê?, sussurrava sua mente. Bem, antes de ela quase ter morrido sufocada em seu carro, para início de conversa. Antes de você tentar agredir o cara que salvara a vida de Leigh.

Entretanto, Leigh queria que ele vendesse Christine. Algo

simplesmente impossível... não era? Como podia fazer isso, depois de ter investido naquilo tanto tempo, esforço e sangue — sim, era verdade, inclusive lágrimas?

Era uma velha cantilena e não queria mais pensar nisso. O sinal encerrando as aulas daquela quinta-feira, que parecia interminável, soou finalmente, e ele saiu para o pátio de estacionamento dos estudantes — praticamente correu para lá — e quase mergulhou em Christine.

Ficou quieto, sentado ao volante, e soltou uma longa, trêmula respiração, espionando os primeiros flocos de neve de uma tarde perturbada caírem e rolares através do capô reluzente. Procurou suas chaves, tirou-as do bolso e ligou Christine. O motor zumbiu confiantemente e ele começou a rodar, os pneus girando e esmagando a neve em camadas. Pensou que, eventualmente, precisaria colocar pneus para neve, mas a verdade é que Christine não parecia precisar deles. Ela possuía a melhor tração de todos os carros que já dirigira.

Arnie estendeu a mão para o botão do rádio e sintonizou a WDIL. Sheb Wooley cantava "O Púrpura Comedor de Gente". Aquilo conseguiu finalmente trazer um sorriso a seu rosto.

Apenas ficar ao volante de Christine, no controle, já fazia com que tudo parecesse melhor. Fazia com que tudo parecesse manobrável. A notícia de Repperton, Trelawney e o bostinha, morrendo daquele jeito, havia sido um terrível choque, sem dúvida. Após os ressentimentos do verão passado e daquele outono, era natural que ele se sentisse um tanto culpado. Entretanto, a verdade pura e simples é que estivera em Filadélfia. Nada tinha a ver com aquilo; era impossível.

De fato, vinha apenas se sentindo deprimido por coisas gerais. Dennis estava no hospital. Leigh se portava idiotamente — como se seu carro ficasse dotado de mãos e lhe empurrasse aquele pedaço de hambúrguer garganta abaixo, pelo amor de Deus! Além do mais, hoje tivera que deixar o clube de xadrez.

A pior parte disso, talvez houvesse sido a maneira como o Sr. Slawson, o conselheiro estudantil, aceitara sua decisão sem ao menos tentar dissuadi-lo. Arnie fornecera um punhado de desculpas sobre sua falta de tempo naquela época e como seria forçado a cortar algumas de suas atividades; o Sr. Slawson se limitara a concordar, dizendo: *Ok, Arnie, continuaremos aqui, na Sala 30, caso você mude de idéia.* O Sr. Slawson o fitara com seus olhos azuis desbotados, aumentados pelas lentes espessas dos óculos ao tamanho de repulsivos ovos cozidos, e neles havia algo — seria censura?

Talvez sim. Entretanto, o sujeito nem mesmo *tentara* persuadi-lo a ficar. Devia, pelo menos, *tentar*, porque Arnie era o melhor que o clube de xadrez do Ginásio de Libertyville tinha a oferecer, e Slawson sabia disso. Se houvesse tentado, talvez o fizesse mudar de idéia. A verdade é que agora tinha um pouco mais de tempo, já que Christine estava... estava...

O quê?

... bem, reconstituída de novo. Se o Sr. Slawson tivesse dito algo como: *Ei, Arnie, não seja precipitado, vamos refletir um pouco, nós podemos usá-lo realmente.* Se o Sr. Slawson tivesse dito qualquer coisa assim, claro, ele poderia reconsiderar. Só que não Slawson. Apenas nós continuaremos aqui, na Sala 30, caso mude de idéia... e blablablá e quac-quac-quac, aquele merda filho da mãe, um bosta igual aos outros. Não era sua a culpa, se o Ginásio de Libertyville fora derrotado nas semifinais. Ele ganhara quatro jogos antes disso e venceria nas finais, se tivesse tido uma chance. Barry Qualson e Mike Hicks, esses dois bostas é que tinham deitado tudo a perder; os dois jogavam xadrez como se talvez pensassem que Ruy Lopez era alguma nova marca de refrigerante ou coisa assim...

Ele rasgou a embalagem e o papel interno de uma goma de mascar, dobrou a goma dentro da boca, fez uma bolinha com o envoltório e a jogou com precisa pontaria no saquinho para lixo, pendurado ao cinzeiro de Christine. "Bem no traseiro do vagabundinho", murmurou e então sorriu. Era um sorriso duro, sem saliva. Mais acima, seus olhos se moveram

incansavelmente de um lado para outro, observando com desconfiança um mundo cheio de motoristas loucos, pedestres idiotas e imbecilidade generalizada.

Arnie rodou sem rumo por Libertyville, os pensamentos continuando a fluir nessa suave paranóia, de modo amargamente confortador. O rádio transmitiu um fluxo sistemático de velhas melodias e, hoje, todas pareciam ser instrumentais — "Rebel Rouser", "Wild Weekend", "Telstar", o selvagem ritmo de Sandy Nelson em "Teen Beat", e "Rumble", por Linc Wray, o maior de todos eles. Suas costas o incomodavam, mas não muito. O tom sombrio da tarde intensificou-se brevemente para uma nuvem de neve cinza-escura. Ele acendeu os faróis e, com a mesma rapidez, a neve afinou-se e as nuvens se romperam, espalhando-se através de faixas ao sol invemal, distante e gelidamente belo do fim da tarde.

Arnie rodou em seu carro.

Ele despertou de seus pensamentos — agora sobre Repperton, que talvez chegara a um final perfeitamente justificável — e ficou chocado ao perceber que era quase seis e quinze, e escurecera. O Gino's Pizza aproximava-se pela esquerda, com seus pequenos trevos de néon verde cintilando no escuro. Arnie manobrou para junto do meio-fio e saiu. Começou a atravessar a rua, mas então percebeu que deixara as chaves de Christine na ignição.

Inclinou-se para apanhá-las... e, subitamente, o cheiro o assaltou, o cheiro sobre o qual Leigh lhe falara, o mesmo que ele negara.

Estava ali agora, como se houvesse saído quando ele deixara o carro — um cheiro forte de carne apodrecida, que levou água a seus olhos e lhe fechou a garganta. Arrancou as chaves e recuou, trêmulo, olhando para Christine com algo semelhante a horror.

Havia um cheiro, Arnie. Um cheiro horrível de podre... Você sabe do que estou falando.

Não, não faço a mínima idéia... está imaginando coisas, Leigh

Bem, se Leigh imaginava coisas, ele também.

Arnie se virou de repente e cruzou a rua até o Gino's, como se o demônio o perseguisse.

Lá dentro, ele pediu uma pizza que realmente não queria, trocou algumas moedas de vinte e cinco centavos por outras de dez e esgueirou-se para a cabine telefônica, ao lado da vitrola automática. A vitrola tocava uma barulhenta música do momento, que Arnie nunca ouvira antes.

Ligou primeiro para casa. Seu pai atendeu, em uma voz estranhamente apática — Arnie nunca ouvira Michael falar daquele jeito —, e sua inquietação aumentou. Seu pai parecia o Sr. Slawson. Aquela tarde e o começo de noite da quinta-feira começavam a ganhar tons marrons de pesadelo. Além das paredes envidraçadas da cabine, rostos estranhos passavam sonhadoramente à deriva, como balões soltos, nos quais alguém desenhara cruelmente rostos humanos. Deus trabalhando com um lápis mágico.

Bostas, pensou, desconexamente. Todos uma cambada de bastas!

— Olá, papai — disse vacilante. — Escute, eu... bem, acho que perdi a noção do tempo. Sinto muito.

— Está tudo bem — respondeu Michael. Sua voz era quase um zumbido e Arnie sentiu a própria inquietação aprofundar-se para algo semelhante ao medo. — Onde está você, na garagem?

— Não... bem, no Gino's. Gino's Pizza. Papai, você está bem? Parece um tanto esquisito.

— Estou ótimo — respondeu Michael. — Acabei de jogar seu jantar no triturador de lixo, sua mãe está chorando lá em cima e você comendo uma pizza. Estou ótimo. Aproveitando seu carro, Arnie?

A garganta de Arnie movimentou-se, mas não emitiu som algum.

— Papai — conseguiu dizer finalmente. — Acho que não está sendo

muito justo.

— Creio que não estou mais muito interessado no que você considera justo ou não — disse Michael. — A princípio, talvez tivesse alguma justificativa para o seu comportamento. No último mês, entretanto, você se tornou alguém que não compreendo em absoluto, e está acontecendo algo que compreendo ainda menos. Sua mãe também não compreende, mas percebe, e isso a tem magoado profundamente. Sei que ela guarda para si mesma parte dessa mágoa, mas duvido que isso modifique a intensidade do sofrimento.

— Papai, eu apenas perdi a noção das horas! — exclamou Arnie. — Pare de fazer um drama de uma coisa tão insignificante!

— Esteve rodando por aí?

— Estive, mas...

— Já percebi que então é isso que costuma acontecer — disse Michael. — Virá para casa esta noite?

— Sim, vou mais cedo — disse Arnie. Passou a língua pelos lábios. — Vou apenas dar uma passada na garagem, porque tenho uma informação que Will me pediu para conseguir, quando estive em Filadélfia e...

— Desculpe, mas também não estou muito interessado nisso — respondeu Michael, em voz ainda polida, ferinamente apática.

— Oh — murmurou Arnie.

Estava muito assustado agora, quase tremendo.

— Arnie?

— Diga — sussurrou Arnie.

— O que está acontecendo?

— Não sei o que quer dizer.

— Tenha dó! Aquele detetive foi procurar-me em meu gabinete.

Andou procurando Regina também. Deixou-a muito perturbada. Não creio que tivesse tal intenção, mas...

— O que foi dessa vez? — perguntou Arnie enfurecido. — Aquele filho da mãe, o que foi dessa vez? Eu vou...

— Vai o quê?

— Nada. — Arnie engoliu algo que tinha o sabor de um bolo de poeira.
— O que foi dessa vez?

— Repperton — disse seu pai. — Repperton e aqueles outros dois rapazes. O que pensava que fosse? A situação geopolítica no Brasil?

— O que aconteceu a Repperton foi um *acidente* — disse Arnie. — Pelo amor de Deus, por que ele queria falar com você e mamãe, sobre uma coisa que foi um *acidente*?

— Eu não sei. — Michael Cunningham fez uma pausa. — Você sabe?

— Como iria saber? — gritou Arnie. — Eu estava em Filadélfia, como poderia saber de algo a respeito? Estava jogando xadrez, não... não... não fazendo outra coisa — terminou ele, em tom queixoso.

— Uma vez mais, Arnie — disse Michael Cunningham. — Está acontecendo alguma coisa? Arnie pensou no cheiro, naquele fedor intenso de podre. Leigh se sufocando, apertando a garganta,

ficando azulada. Ele lhe dera pancadas nas costas, porque é o que se faz, quando alguém se engasga, não havia isso de Manobra Heimlich, porque ainda não tinha sido inventada e, por outro lado, era como deveria terminar, só que não dentro do carro... na beira da estrada... em seus braços... Ele fechou os olhos e o mundo inteiro pareceu agitar-se, girar doentiamente.

— Arnie?

— *Sim, está acontecendo algo* — disse ele, através dos dentes fechados, sem abrir os olhos. — Nada mais do que um bando de pessoas me pressionando, porque finalmente consegui algo para mim, e consegui

sozinho.

— Muito bem — disse seu pai, aquela voz sem brilho de novo recordando terrivelmente a do Sr. Slawson. — Estarei aqui, se quiser falar sobre isso. Sempre estive, embora talvez não desse a entendê-lo tão claramente como deveria. Não esqueça de beijar sua mãe quando voltar, Arnie.

— Claro, claro. Escute, pap... *Clique.*

Arnie ficou imóvel na cabine, ouvindo estupidamente o som do nada absoluto. Seu pai desligara. Não houve nem mesmo o som para discar, porque aquela era uma muda... fodida... cabine telefônica. Enfiou a mão no bolso e espalhou as moedas sobre a pequena prateleira metálica, onde poderia vê-las. Escolheu uma de dez centavos, quase a deixou cair e por fim a introduziu na fenda. Sentia-se nauseado e com calor. Tinha a sensação de que havia sido eficientemente repudiado.

Discou de cor o número de Leigh.

A Sra. Cabot atendeu, reconhecendo sua voz imediatamente. Sua agradável e um tanto *sexy* voz de venha-cá-seu-fascinante-estranho, em seguida se tornou dura ao telefone. Aquela voz lhe dizia que ele tivera sua última chance com *ela* e a deixara escapar.

— Leigh não quer falar com você e nem vê-lo — disse ela.

— Por favor, Sra. Cabot, se eu pudesse, ao menos...

— Creio que já fez o suficiente — respondeu friamente a mãe de Leigh. — Ela voltou para casa chorando, aquela noite, e tem chorado desde então. Passou por uma espécie de... experiência com você, da última vez que saíram juntos, e só peço a Deus que não tenha sido o que imaginei. Eu...

Arnie sentiu um riso histérico borbulhando dentro dele. Leigh quase morrera sufocada com um hambúrguer... e sua mãe receava que ele houvesse tentado violentá-la.

— Eu tenho que falar com ela, Sra. Cabot!

— Será melhor desistir.

Arnie procurou imaginar algo mais para dizer, algum meio de passar pelo dragão de guarda na entrada. Sentiu-se como um vendedor de escovas e vassouras tentando entrar e falar com a dona da casa. Sua língua não se moveu. Ele daria um péssimo vendedor. Logo ouviria aquele clique brusco e depois o silêncio imperturbável novamente.

Então, percebeu que o telefone mudava de mãos. A Sra. Cabot disse algo, em ríspido protesto, ao que Leigh respondeu de volta; as palavras eram demasiado baixas para que ele as captasse. Em seguida, a voz de Leigh.

— Arnie?

— Oi — disse ele. — Leigh, eu só queria telefonar para dizer-lhe quanto lamentei o...

— Está bem — disse Leigh. — Acredito e aceito suas desculpas, Arnie. Só que não quero... não posso mais sair com você. A menos que as coisas mudem.

— Peça-me algo fácil — sussurrou ele.

— É tudo quanto eu... — A voz dela ficou brusca, afastando-se ligeiramente do telefone. — Por favor, mamãe, pare de me dizer o que devo fazer! — A mãe dela disse algo que demonstrou seu descontentamento, houve uma pausa e novamente a voz de Leigh, baixa. — É tudo quanto posso dizer Arnie. Por mais estranho que possa parecer, continuo pensando que seu carro tentou me matar aquela noite. Não sei como isto poderia acontecer, mas por mais que pense no caso, não consigo mudar de idéia. Sei que foi como digo. Você entende, não?

— Desculpe falar assim, Leigh, mas nunca ouvi nada tão babaca. Christine é um *carro*! Pode soletrar isso? C-A-R-R-0, *carro*! Não é nada...

— Sim — respondeu ela, a voz agora tremulando em direção às

lágrimas. — Esse carro o capturou, ela o pegou e acho que ninguém mais pode libertá-lo, senão você mesmo.

As costas dele pareceram despertar subitamente e começaram a latejar, enviando a dor em uma lancinante radiação que parecia ecoar e amplificar-se em sua cabeça.

— Não é verdade, Arnie?

Ele não respondeu, não podia responder.

— Livre-se desse carro — disse Leigh. — Por favor. Li o que aconteceu àquele Repperton, no jornal dessa manhã, e...

— O que eu tenho a ver com aquilo? — perguntou Arnie, em uma voz que parecia um grasnido. E, pela segunda vez: — Aquilo foi *um acidente!*

— Não sei o que foi. Talvez eu não *queira saber*. Enfim, não é mais conosco que estou preocupada. É com *você*, Arnie. Receio por *você*. Devia... não, você tem que se livrar desse carro.

Arnie sussurrou:

— Diga apenas que não vai me deixar, Leigh. *Ok?*

Agora, ela estava ainda mais perto das lágrimas — talvez até já estivesse chorando.

— Quero que me prometa, Arnie. Tem que prometer e depois cumprir. Então, nós... nós nos veremos. Prometa que vai se desfazer desse carro. É tudo o que quero de você, nada mais.

Ele fechou os olhos e viu Leigh caminhando para casa, de volta da escola. E, um quarteirão abaixo, estava Christine, indolentemente, junto ao meio-fio. Esperando por ela.

Abriu os olhos rapidamente, como se tivesse visto o demônio em um quarto escuro.

— Não posso fazer isso — respondeu.

- Então parece que não temos muito a conversar, concorda?
- Não! Não, ainda temos muito que falar. Nós...
- Adeus, Arnie. Vejo você na escola.
- Espere, Leigh!

Clique. E o mortal silêncio absoluto.

Um momento de fúria quase insana passou sobre ele. Teve um súbito e incontido impulso de girar o fone negro pelo fio, dando voltas e mais voltas acima da cabeça, como o laço de um gaúcho, estilhaçando os vidros da maldita câmara de tortura da cabine telefônica. Eles o abandonavam, todos eles. Os ratos desertando do navio que naufragava.

Você precisa estar decidido a ajudar-se, antes que alguém mais possa fazê-lo.

Mentira cretina! Eram ratos abandonando um navio que afundava. Nenhum deles, desde o bosta do Slawon, com seus grossos óculos de aros de chifre e seus esquisitos olhos de ovo cozido, àquele merda nojento do seu velho que estava tão saturado de trepar que devia dar uma navalha à puta com quem se casara e convidá-la a cortar fora a cona e àquela cadela barata em sua casa elegante com as pernas cruzadas porque talvez estivesse menstruada e por isso se engasgara com o maldito hambúrguer e àqueles bostas com seus malditos carros de luxo e os portamalas cheios de tacos de golfe àqueles malditos funcionários que eu gostaria de entortar neste torno mecânico eu jogaria golfe com eles e encontraria o buraco certo para enfiar aquelas bolinhas brancas em você pode apostar seu traseiro nisto mas quando eu der o fora daqui ninguém vai me dizer o que fazer e tudo será à minha maneira minha minha minha minha minha MINHA...

Arnie caiu em si, repentinamente, assustado e de olhos arregalados, respirando com força. O que tinha acontecido com ele? Era como se alguém mais estivesse ali naquele momento, alguém com uma raiva louca da humanidade em geral.

Não apenas alguém mais. Era LeBay.

Não! Não é verdade, de maneira nenhuma!

A voz de Leigh: *Não é verdade, Arnie?*

De súbito, algo muito semelhante a uma visão surgiu em sua mente cansada e confusa. Estava ouvindo a voz de um sacerdote: *Arnie, aceita esta mulher como sua..*

Entretanto, não era em uma igreja; era um depósito de carros usados, com vividas e multicoloridas flâmulas de plástico agitadas por uma brisa persistente. Havia cadeiras de campanha dispostas no local. Era o depósito de Will Darnell, e Will estava a seu lado, na condição de padrinho. Não havia nenhuma garota a seu lado. Christine estacionara junto dele, cintilando em um sol de primavera, até mesmo seus flancos brancos pareciam reluzir.

A voz de seu pai: *Está acontecendo alguma coisa?*

A voz do pastor: *Quem entrega esta mulher a este homem?*

Roland D. LeBay se levantou de uma das cadeiras de campanha, como o esqueleto da proa de um navio fantasma, vindo do Hades. Sorria — e, pela primeira vez, Arnie viu quem estivera sentado ao lado dele: Buddy Repperton, Richie Trelawney, "Penetra" Welch. Richie Trelawney estava enegrecido e estorricado, faltando-lhe a maior parte dos cabelos. O sangue havia escorrido pelo queixo de Buddy Repperton e se coagulara em sua camisa, como hediondo vômito. O pior, no entanto, era "Penetra" Welch: fora estripado como uma sacola de lavanderia. Sorriam. Todos eles sorriam.

Eu, grasnou Roland D. LeBay. Sorriu, e uma língua, coberta do limo da sepultura, pendeu do buraco fedorento de sua boca. *Eu a entrego, e ele tem o recibo como prova. Ela é toda dele. A cadela é o ás de espadas... e é toda dele.*

Arnie percebeu que estava gemendo na cabine telefônica, com o fone aferrado ao peito. Fazendo um tremendo esforço, conseguiu evadir-se por completo da alucinação — visão, fosse lá o que fosse — e dominou-se.

Desta vez, quando quis recolher as moedas da prateleira, deixou metade delas cair ao chão. Enfiou dez centavos na fenda e folheou

apressadamente o catálogo telefônico, até encontrar o número do hospital. Dennis. Dennis estaria lá, Dennis sempre estivera. Dennis não o abandonaria. Dennis o ajudaria.

A moça da mesa telefônica atendeu e ele pediu:

– Quarto 42, por favor.

A ligação foi feita. O telefone começou a tocar. Tocou... e tocou... e tocou. Quando ele já ia desistir, uma suave voz feminina perguntou:

– Segundo andar, ala C, com quem deseja falar?

– Guilder – disse Arnie. – Dennis Guilder.

– O Sr. Guilder se encontra na Fisioterapia neste momento – informou a voz feminina. – Poderá falar com ele às oito horas.

Arnie pensou em dizer-lhe que era importante – muito importante – mas, de repente, sentiu uma insuportável necessidade de sair da cabine telefônica. A claustrofobia era como uma gigantesca mão pressionando seu peito. Ele podia sentir o cheiro do próprio suor. Um cheiro acre, amargo.

– Senhor?

– Tudo bem. Ligarei mais tarde – disse Arnie.

Desligou e quase pulou para fora da cabine, deixando suas moedas espalhadas na prateleira e no chão. Algumas pessoas se viraram para olhá-lo, pouco interessadas, depois voltando a atenção para o que comiam.

– A pizza está pronta – disse o atendente do balcão.

Arnie olhou para o relógio e viu que ficara quase vinte minutos na cabine. Havia suor por todo o seu rosto. As axilas estavam como uma selva. Tinha as pernas trêmulas – os músculos das coxas estavam a ponto de deixá-lo cair ao chão.

Pagou a pizza, quase deixando a carteira cair, quando enfiou nela os três dólares de troco.

— Tudo bem com você? — perguntou o atendente. — Parece um pouco pálido.

— Estou ótimo — disse Arnie.

Agora tinha a sensação de que ia vomitar. Pegou rapidamente a pizza em sua caixa branca, com a palavra GINO'S impressa no topo e fugiu para a fria e cortante claridade da noite. As últimas nuvens tinham desaparecido e as estrelas piscavam como diamantes lapidados. Ele parou na calçada por um momento, primeiro contemplando as estrelas, depois Christine, estacionada no outro lado da rua, esperando fielmente.

Ela nunca discutiria nem se queixaria, pensou Arnie. Nunca faria exigências. Pensou também que poderia entrar nela a qualquer hora e repousar no estofamento macio, descansar em seu calor. Ela nunca se recusaria. Ela... ela...

Ela o amava.

Sim, ele sentia que isso era verdade. Da mesma forma como, às vezes, intuía que LeBay não a teria vendido a mais ninguém, fosse por duzentos e cinquenta ou dois mil dólares. Ela estivera lá, quieta, aguardando o comprador certo. Um comprador que...

Um comprador que a amaria do jeito como ela era, sussurrou a voz interior.

Sim, era isso. Era exatamente isso.

Arnie ficou imóvel, com a pizza esquecida entre as mãos, uma fumacinha branca levantando-se preguiçosamente da caixa gordurosa. Olhou para Christine e foi envolvido por tal confuso turbilhão de emoções que era como se houvesse um ciclone em seu corpo, reordenando tudo que ele simplesmente não destruía. Oh, ele a amava e odiava, odiava-a e a acarinhava, necessitava e precisava fugir dela. Ela era sua, ele era dela e

(Eu os declaro marido e mulher, juntos e unidos a partir deste dia, para todo o sempre, até que a morte os separe)

contudo, pior era o horror, o terrível e paralisante horror, a percepção

de que... de que...

(como foi que machucou as costas aquela noite, Arnie? Depois que Repperton — o falecido Clarence "Buddy" Repperton — e seus cupinchas acabaram com ela? Como foi que machucou as costas, para agora ter que usar esse fedorento colete ortopédico o tempo todo? Como foi que machucou as costas?)

A resposta surgiu — e Arnie começou a correr, tentando deixar para trás a revelação, chegar a Christine antes que visse a coisa nitidamente e ficasse maluco.

Disparou para Christine, em uma corrida a pé, movida por suas confusas emoções e alguma terrível e recente conscientização; correu para ela, como correria o viciado para sua droga, quando fica trêmulo e os tremores pioram tanto, que não o deixam pensar em mais nada além do alívio; correu, como correria o maldito para a provação a ele destinada; correu, como corre o noivo para onde a noiva o espera.

Correu, porque dentro de Christine nada daquelas coisas importava — nem sua mãe, seu pai, Leigh, Dennis ou o que quer que ele próprio houvesse feito com suas costas naquela noite depois que todos haviam saído, naquela noite em que retirara seu Plymouth do aeroporto, quase inteiramente destruído, e o levara de volta à Garagem de Darnell onde, já sem ninguém lá dentro, pusera a transmissão de Christine em ponto morto e a empurrara, empurrara-a, até que começasse a rodar sobre os pneus murchos, empurrara-a, até que passasse pela porta e ele ouvisse o vento de novembro sibilando rispidamente em torno das carcaças e carros abandonados no ferro-velho, com seus vidros trincados e tanques de gasolina furados; empurrara-a, até o suor lhe escorrer em regatos, até o coração disparar em seu peito como um cavalo fugitivo, até suas costas clamarem por socorro; empurrara Christine, o coração bombeando como se devido a algum infernal gasto de combustível; empurrara-a e, no interior do carro, o odômetro começara a girar lentamente em sentido contrário, empurrara até uns quinze metros além da porta, até suas costas começarem francamente a latejar, mas continuou empurrando até as costas gritarem em protesto, e

empurrou ainda, forçando os músculos, juntamente com os pneus vazios e dilacerados, as mãos ficando entorpecidas e as costas gritando, gritando, gritando. E então...

Alcançou Christine e atirou-se dentro dela, tremendo e ofegando. Sua pizza caiu no chão. Apanhou-a e a colocou sobre o assento, agora sentindo a calma que o invadia lentamente, como um bálsamo tranqüilizante. Tocou a roda do volante, deixou as mãos deslizarem sobre ele, traçando sua curva deliciosa. Tirou uma das luvas e apalpou o bolso, em busca das chaves. As chaves de LeBay.

Ainda podia recordar o sucedido naquela noite, mas isso agora já não lhe parecia tão terrível; agora, sentado ao volante de Christine, até parecia maravilhoso.

Tinha sido um milagre.

Recordava como, de repente, ficara mais fácil empurrar o carro, porque os pneus se inflavam como por magia, no ângulo perfeito, sem uma só perfuração, inflando e inflando. Os vidros quebrados haviam começado a recuperar-se do nada, entretecendo-se de baixo para cima, com diminutos sons roçantes e cristalinos. Os amassados começaram a inflar-se e estufar, recuperando a forma antiga da lataria.

Arnie simplesmente empurrara o carro até ele ficar apto para rodar, e então o dirigira, cruzando por entre as filas de carros velhos, até o odômetro recuar além do que Repperton e seus amigos haviam feito. Então, Christine ficou ok.

O que podia haver nisso de tão terrível?

"Nada", disse uma voz.

Arnie olhou em torno. Roland D. LeBay estava sentado no banco do passageiro, usando um terno negro de frente trespassada, camisa branca e gravata azul. Havia uma fileira de medalhas, pendendo em ângulo de uma lapela do paletó — era o terno com que havia sido sepultado, Arnie

adivinhou isso, mesmo sem ter chegado a vê-lo realmente. Apenas, LeBay parecia mais jovem e decidido. Um homem que não admitia brincadeiras.

– Dê partida – disse LeBay. – Ligue o aquecimento e vamos motorar.

– Certo – disse Arnie, e girou a chave.

Christine começou a rodar, os pneus rangendo sobre a neve acumulada. Naquela noite, ele dirigira o carro até quase todo o dano ter sido reparado. Não, não reparado – *negado*. Negado era a palavra certa para o que havia ocorrido. Então, ele o recolocara no boxe vinte, deixando o restante para ser feito manualmente.

– Vamos ouvir um pouco de música – disse a voz a seu lado. Arnie ligou o rádio. Dion cantava "Donna, a Prima Donna". – Vai comer essa pizza, ou não?

A voz parecia ter-se modificado ligeiramente.

– Claro – respondeu Arnie. – Quer um pedaço? Um olhar de soslaio:

– Nunca digo não a um pedaço de alguma coisa.

Arnie abriu a caixa da pizza com uma das mãos e tirou um pedaço.

– Aqui est...

Ele arregalou os olhos. A fatia de pizza começou a tremer, com os longos filetes de queijo pendendo, agitando-se como os de uma teia de aranha, dilacerada pelo vento.

Quem estava sentado ali não era mais LeBay. Era *ele*.

Era Arnie Cunningham, por volta dos cinquenta anos, não tão velho quanto LeBay, naquele dia de agosto em que ele e Dennis o tinham conhecido, não tão velho, mas caminhando para lá, amigos e vizinhos, caminhando para lá. Seu eu mais idoso usava uma camiseta levemente amarelecida e calças *jeans* sujas, manchadas de óleo. Os óculos eram de

chifre, unidos em uma das curvaturas por fita isolante. O cabelo era curto, começando a recuar. Os olhos cinzentos estavam foscos e injetados de sangue. A boca mostrava todos os indícios de uma acre solidão. Porque aquilo — aquela coisa, aparição, fosse lá o que fosse — era solitário. Arnie podia senti-lo.

Solitário, exceto por Christine.

A versão dele próprio e de Roland D. LeBay poderia ter sido traduzida como pai e filho: a semelhança era enorme.

— Vai dirigir? Ou vai ficar olhando para mim? — perguntou a coisa.

De repente, a figura começou a envelhecer, diante dos olhos pasmos de Arnie. Os cabelos cor de chumbo embranqueceram, a camiseta se gastou e rasgou, o corpo sob ela encurvou-se com a idade. As rugas percorreram a face, afundando-se como linhas cortadas pelo ácido. Os olhos recuaram nas órbitas e as córneas amareleceram. Agora, somente o nariz se projetava para diante e aquele era o rosto de um velho corvo carnicheiro, mas continuava sendo o *seu* rosto, oh, sim, ainda o seu rosto.

— Viu algo esquisito? — crocitou aquele sept... não, octogenário Arnie Cunningham, enquanto seu corpo se torcia, enrugava e encarquilhava, no assento vermelho de Christine. — Viu algo esquisito? Viu algo esquisito? Viu algo...

A voz se esganiçou e ganhou estridência, em um agudo ganido senil. A pele se rompeu em úlceras e tumores de superfície, enquanto por trás dos óculos cataratas leitosas cobriam os dois olhos, como anteparos sendo puxados para baixo. A coisa se decompunha diante dos próprios olhos de Arnie, desprendendo aquele mesmo cheiro que já sentira antes em Christine, o mesmo que Leigh sentira, só que agora era pior, era o cheiro forte, estonteante, sufocante da decomposição em alta velocidade, o cheiro de sua própria morte. Arnie começou a uivar como Little Richard no rádio, cantando "Tutti Frutti", e agora os cabelos da coisa caíam em punhados de fiapos alvos, as clavículas salientaram-se através da pele reluzente e

estirada, acima da frouxa gola redonda da camiseta, salientaram-se através dela como grotescos lápis brancos. Os lábios encolhiam, afastando-se dos últimos dentes remanescentes que jaziam em seu caminho e assemelhavam-se a lousas de sepulturas, aquilo era ele, aquilo estava morto, no entanto, vivia — como Christine, aquilo vivia.

— *Viu algo esquisito?* — balbuciou aquilo, de modo incoerente. — *Viu algo esquisito?* Arnie começou a gritar.

JUNKINS OUTRA VEZ

Os pára-lamas raspavam os postes da amurada,
Os caras a meu lado eram lívidos Fantasmas.
Um deles disse: "Diminua, eu vejo manchas,
E as linhas na estrada me parecem pontos."
— Charlie Ryan

Arnie chegou à Garagem de Darnell cerca de uma hora mais tarde. Seu carona — se realmente *houver* algum carona — há muito desaparecera. O cheiro também se dissipara; sem dúvida, tinha sido apenas impressão. Quando se anda muito tempo perto dos bostas, raciocinou ele, *tudo* começa a ter cheiro de merda. E isso os torna felizes, naturalmente.

Will estava sentado diante da escrivaninha, em seu gabinete envidraçado, comendo um *hoagie*.^[6] Acenou com a mão gordurosa, porém não saiu de lá. Arnie buzinou, depois estacionou.

Tudo tinha sido uma espécie de sonho. Nada mais simples. Alguma louca espécie de sonho. Telefonar para casa, telefonar para Leigh, tentar ligar para Dennis e ouvir aquela enfermeira informando que ele estava na Fisioterapia — era como ser negado três vezes, antes de o galo cantar, ou algo semelhante. Uma ligeira alucinação. E por que não, após toda a maldita tempestade de provações que vinha atravessando desde agosto? Afinal de contas, tudo consistia em uma questão de perspectiva, não? Durante toda a vida, ele tinha sido uma coisa para as pessoas, mas agora começava a sair da concha, transformava-se em um ser normal, com preocupações normais e corriqueiras. Não era de admirar que as outras pessoas se ressentissem com isso, porque quando alguém se modifica

(para o melhor ou para o pior, para riqueza ou para pobreza)

é natural que os demais se portem um pouco esquisitos quanto a isso. A mudança lhes transtorna as perspectivas.

Leigh falara como se o julgasse louco e aquilo não passava de uma idiotice da pior espécie. Ele estivera sob tensão, é claro, mas tensão era uma parte natural da vida. Se a Srta. Importante-Oh-Tão-Convencida Leigh Cabot pensasse o contrário, estava caminhando diretamente para uma trepada abismai, nas mãos do campeão permanente de violação que é a Vida. Provavelmente, ela terminaria tomando Dexedrina, para começar a manhã com toda força e Nembutal ou Quaalude, para diminuir a pressão à noite.

Oh, mas ele a desejava — ainda agora, pensando nela, sentia um enorme, incontido e indizível desejo envolvê-lo como vento frio, fazendo-o apertar firmemente o volante de Christine entre as mãos. Era um desejo forte, grande e elementar demais para ter nome. Tinha sua própria força.

Não obstante, ele agora estava bem. Tinha a sensação de... haver cruzado a última ponte, ou coisa assim.

Voltara a si, parado no meio de uma estreita via de acesso, além do mais distante extremo do pátio de estacionamento do Monroeville Mall — isto significando que se encontrava, aproximadamente, a meio caminho para a Califórnia. Ao sair e espiar atrás do carro, tinha visto um buraco feito através de um banco de neve — e havia neve derretida espalhada sobre o capô de Christine. Aparentemente, perdera o controle, começara a derrapar através do pátio de estacionamento (o qual, embora com a temporada natalina de compras estivesse em pleno movimento, permanecia misericordiosamente vazio naquela parte remota) e colidira com o banco de neve. Era muita sorte não ter sofrido um acidente. Uma *bruta* sorte.

Ficou parado ali por um momento, ouvindo o rádio e olhando pelo pára-brisa para a meia-lua que flutuava acima. Bobby Helms estivera cantando "Jingle Bell Rock", um som da temporada, como diziam os *disc jockeys*, e ele sorrira um pouco, sentindo-se melhor. Não conseguia recordar exatamente o que tinha visto (ou julgara ver) e, na verdade, nem queria. Fosse lá o que fosse, havia sido a primeira e última vez. Tinha certeza disso.

Os outros o deixavam irritado, imaginando coisas. Provavelmente ficariam deliciados, se soubessem... só que não lhes daria essa satisfação.

Tudo ia melhorar. Voltaria às boas em casa — de fato, poderia começar já nessa noite, vendo um pouco de TV com os pais, justo como nos velhos tempos. E reconquistaria Leigh. Se ela não gostava do carro, pouco importando quão estranhos fossem seus motivos, tudo bem. Talvez, dentro em breve, ele até comprasse outro carro e lhe diria que negociara Christine. Poderia manter Christine ali, em estacionamento pago. O que Leigh ignorasse, não a magoaria. E Will. No próximo fim de semana faria a última viagem para Will. Aquela história já estava passando dos limites, podia perceber isso. Que Will o considerasse um covarde, se assim quisesse. Uma acusação de crime por transporte interestadual de cigarros e álcool sem licença não pareceria tão pesada em seu programa para cursar uma faculdade, pareceria? Uma acusação de crime *federal*. Não. Não era tão fria assim.

Ele riu um pouco. *Sentia-se* melhor. Purgado. A caminho da garagem, comeu a pizza, embora estivesse fria. Estava faminto. Achou curioso que faltasse um pedaço da pizza — de fato, aquilo o deixou algo inquieto —, mas logo se acalmou. Sem dúvida, ele o comera durante aquele estranho período em branco, talvez até o tivesse jogado fora pela janela. Poxa, aquilo tinha sido esquisito! Agora, acabara-se toda essa merda. Ele tornou a rir, um pouco menos trêmulo.

Na garagem, saiu do carro, bateu a porta e começou a caminhar para o escritório de Will, a fim de informar-se sobre o que queria que ele fizesse, aquela noite. De repente, ocorreu-lhe que o dia seguinte era o último em que teria aulas, antes das férias de Natal, o que lhe deu mais vivacidade ao passo.

Foi quando se abriu a porta lateral da garagem, a que ficava ao lado da maior, para entrada de carros, e surgiu um homem. Era Junkins. Outra vez.

Viu Arnie olhando para ele e ergueu a mão.

– Oi, Arnie.

Arnie olhou para Will. Através do vidro, Will deu de ombros e continuou comendo seu sanduíche.

– Olá – disse Arnie. – O que posso fazer pelo senhor?

– Bem, eu não sei – respondeu Junkins. Sorriu e então seus olhos deslizaram para além de Arnie, observando Christine, avaliando, procurando algum dano. – Quer fazer algo por mim?

– Não quero fazer merda nenhuma – disse Arnie.

Podia sentir a cabeça começando a latejar de raiva novamente. Rudy Junkins sorriu, aparentemente sem se ofender.

– Só passei por aqui. Como está?

Estendeu a mão. Arnie apenas olhou para ela. Sem ficar nem um pouco constrangido, Junkins deixou a mão cair, caminhou até Christine e recomeçou a examiná-la. Arnie o espiou, apertando tanto os lábios que ficaram lívidos. Sentia um acesso de puro ódio, a cada vez que Junkins tocava Christine com uma das mãos.

– Ei, talvez devesse comprar um bilhete para a temporada ou coisa parecida – disse Arnie. – Como para os jogos dos Steelers.

Junkins se virou e o fitou inquisitivamente.

– Deixa pra lá – Arnie falou carrancudo. Junkins prosseguiu com seu exame.

– Sabe – disse –, foi uma coisa infernalmente estranha o que aconteceu com Buddy Repperton e com aqueles dois rapazes, não?

Foda-se, pensou Arnie. Não vou dar papo a esse bosta.

– Estive em Filadélfia. Torneio de xadrez.

– Eu sei – respondeu Junkins.

– *Céus!* Esteve realmente verificando o que eu. fazia!

Junkins tornou a caminhar até ele. Agora não havia sorriso em seus lábios.

— Exatamente — disse. — Andei checando seus movimentos. Três dos rapazes que, segundo creio, estiveram envolvidos na destruição de seu carro, agora estão mortos, juntamente com um quarto que, aparentemente, apenas tomava parte no passeio da noite de terça-feira. É muita coincidência. Grande demais para mim. Pode ter certeza de que o estive checando.

Arnie olhou para ele, a surpresa suplantando a raiva, hesitante.

— Pensei que tivesse sido um acidente... que eles tinham bebido demais, estavam em alta velocidade e...

— Houve outro carro envolvido — cortou Junkins.

— Como é que sabe disso?

— Em primeiro lugar, havia marcas de pneus na neve. Infelizmente, o vento as tinha deformado o suficiente para que não pudéssemos ter uma foto decente. Entretanto, uma das barreiras do Parque Estadual das Squantic Hills foi quebrada e encontramos nela traços de tinta vermelha. O Camaro de Buddy não era vermelho. Era azul.

Junkins avaliou Arnie com os olhos.

— Também encontramos traços de tinta vermelha engastados na pele de "Penetra" Welch, Arnie. Pode explicar isso? *Engastados. Sabe com que força um carro tem de atingir um sujeito para que engaste tinta em sua pele?*

— Pois eu acho que o senhor deveria ir lá para fora e começar a contar carros vermelhos — replicou Arnie friamente. — Passaria de vinte, antes de chegar a Bassin Drive, posso garantir.

— Sem dúvida — retrucou Junkins —, mas enviamos nossas amostras ao laboratório do FBI, em Washington, onde possuem amostras de cada tonalidade de tinta já usada em Detroit. Recebemos a resposta hoje. Tem

alguma idéia de qual seria? Quer adivinhar?

O coração de Arnie batia loucamente em seu peito, e nas têmeoras soavam batidas correspondentes.

– Uma vez que veio até aqui, imagino que a tonalidade fosse vermelho-outono. É a cor de Christine.

– Acertou em cheio, rapaz. Merece um prêmio – disse Junkins.

Acendeu um cigarro e contemplou Arnie através da fumaça. Junkins abandonara qualquer simulação de bom humor e seu olhar era frio.

Arnie levou as mãos à cabeça, em um exagerado gesto de cólera.

– Vermelho-outono, e daí? Christine foi pintada por especificação do comprador, mas houve Fords de 1959 a 1963 pintados em vermelho-outono, bem como Thunderbirds. A Chevrolet ofereceu a mesma tonalidade de 1962 a 1964 e, durante algum tempo, em meados dos anos 50, era possível conseguir-se um Rambler vermelho-outono. Há meio ano tenho estado trabalhando em meu 58 e consegui livros sobre carros. Não se pode fazer um trabalho de restauração sem esses livros, ou estamos fodidos, antes mesmo do começo. Vermelho-outono era uma escolha bastante popular. Eu sei disso – olhou fixamente para Junkins – e o senhor também. Não é?

Junkins nada disse. Limitou-se a ficar olhando para Arnie, daquela maneira fixa, grave e inquietante. Ninguém jamais olhara assim para Arnie, em toda a sua vida, mas ele identificou o olhar. Supôs que qualquer um o identificaria. Era um olhar de franca e forte suspeita. Deixou-o assustado. Alguns meses antes – talvez até mesmo semanas – provavelmente ficaria apenas assustado, mas agora estava também enfurecido.

– Está realmente me impressionando. Afinal, que diabo tem contra mim, Sr. Junkins? Por que não sai do meu traseiro?

Junkins riu e caminhou em largo semicírculo. O lugar estava completamente vazio, exceto por eles dois e Will em seu escritório, terminando o sanduíche, lambendo o azeite que lhe escorrera para as mãos e

observando-os detidamente.

— O que tenho contra você? — exclamou ele. — O que acha de assassinato em primeiro grau, Arnie? Não acha um pouco forte?

Arnie ficou muito quieto.

— Não se preocupe — disse Junkins, sem parar de andar. — Nada de cenas de tira durião por aqui. Nada de ameaças sobre ir até a cidade, exceto que, no caso presente, a cidade seria Harrisburg. Nada de ler-lhe os seus direitos. Tudo ainda está ótimo para o nosso herói, Arnold Cunningham.

— Não compreendo nada do que está...

— *Você, compreende.. MUITO BEM!* — *Junkins* rugiu para ele. Havia parado perto do gigantesco volume amarelo de um caminhão, outro dos trabalhos de Johnny Pomberton, em andamento. Olhou fixamente para Arnie. — Três dos rapazes que arrebentaram seu carro estão mortos. Em ambas as cenas do crime, foram recolhidas amostras de tinta vermelho-outono, levando-nos a crer que o veículo usado pelo perpetrador nos dois casos era, pelo menos em parte, pintado de vermelho-outono. E, poxa, acontece apenas que o carro depredado por aqueles rapazes era quase todo vermelho-outono! No entanto, você fica aí, empurrando os óculos para cima do nariz e declara que não compreende o que estou falando.

— Eu estava em Filadélfia, quando aquilo aconteceu — respondeu Arnie, com calma. — Será que não pensou nisso? Não pensou mesmo nisso?

— Filho — disse Junkins, jogando fora o cigarro. — Aí está a pior parte da coisa. A parte que realmente fede.

— Pois eu gostaria que o senhor fosse embora daqui, que me prendesse ou fizesse alguma coisa. Porque tenho de assinar o ponto e trabalhar um pouco.

— Por enquanto — disse Junkins —, tudo que posso fazer é falar. Da primeira vez, quando Welch foi morto, presumia-se que você estivesse em casa, dormindo.

— Uma desculpa fraca, eu sei — disse Arnie. — Acredite, se soubesse que esta merda ia me cair na cabeça, contrataria um amigo doente para me fazer companhia.

— Oh, não! A justificativa foi *boa* — respondeu Junkins. — Seus pais não tinham motivos para duvidar de sua história. Posso afirmá-lo, depois que falei com eles. E álibis, os verdadeiros, em geral têm mais furos do que um terno do Exército da Salvação. Quando começam a parecer armaduras é que me deixam nervoso.

— Meu Deus do céu! — exclamou Arnie, quase gritando. — Eu estive em um maldito campeonato de *xadrez!* Já faz *quatro anos* que pertenço ao clube de xadrez!

— Até o dia de hoje — disse Junkins, e Arnie tornou a ficar imóvel. Junkins assentiu. — Oh, sim, estive falando com o conselheiro do clube. Herbert Slawson. Ele disse que você nunca perdeu uma reunião nos primeiros três anos, inclusive esteve presente em uma dupla, mesmo com um resfriado. Você era seu melhor jogador. Então, este ano, começou a faltar desde o começo e...

— Eu tinha que trabalhar em meu carro... e arranjei uma garota...

— Ele me disse que você perdeu os primeiros três torneios e que ficou muito surpreso ao ver seu nome na folha dos que viajariam para o encontro dos Estados do Norte. Supunha que houvesse perdido qualquer interesse pelo clube.

— Já lhe disse...

— Sim, você disse. Muito ocupado. Carros e garotas, justamente as duas coisas que mais ocupam o tempo dos rapazes. Entretanto, você recuperou o interesse por tempo suficiente para ir a Fila... e então abandonou o clube. Isto me soa muito estranho.

— Não vejo nada de estranho nisso — replicou Arnie, mas sua voz parecia distante, quase perdida no turbulento latejar do sangue em seus

ouvidos.

— Tolice. É como se você soubesse o que estava para acontecer e se protegesse com um álibi, incontestável.

O estrondo em sua cabeça agora parecia as batidas firmes das ondas, cada uma delas acompanhada por uma fosca pontada de dor. Estava começando a ficar com dor de cabeça — por que aquele indivíduo monstruoso, com seus perscrutadores olhos castanhos, não ia embora de uma vez? Nada daquilo era verdade, nada. Não precisava armar coisa alguma, nenhum álibi, nada. Ficara tão surpreso como qualquer pessoa, ao ler no jornal o que havia acontecido. É claro que ficara. Nada de estranho estava acontecendo, a menos que fosse esta paranóia de lunático e

(afinal, como foi que machucou suas costas, Arnie? E, por falar nisso, viu algo esquisito? Viu)

fechou os olhos e, por um momento, o mundo pareceu cambalear em sua órbita e ele viu aquele rosto esverdeado, sorridente e flutuando à sua frente, dizendo: *Dê partida. Ligue a calefação e vamos motorar. E enquanto estamos nisto, vamos pegar os bostas que arreventaram nosso carro. Vamos untar os Cabecinhas de pica, filho, o que me diz? Vamos dar neles com tanta força que o retalhador de defuntos no hospital da cidade terá de usar pinças para retirar os fragmentos de tinta de suas carcaças. O que me diz? Encontre alguma música dos velhos tempos no rádio e vamos rodar. Vamos...*

Arnie tateou às suas costas, tocou Christine — sua dura, fria e tranqüilizadora superfície — e as coisas voltaram a encaixar-se no lugar. Ele abriu os olhos.

— De fato, existe mais um detalhe — falou Junkins —, porém muito subjetivo. Nada que se pudesse colocar em um relatório. Você está diferente desta vez, Arnie. Mais duro, de certa forma. Quase como se tivesse envelhecido vinte anos.

Arnie riu e ficou aliviado ao ouvir seu riso soando com naturalidade suficiente.

— Acho que está com um parafuso frouxo, Sr. Junkins. Junkins não se juntou a ele na risada.

— Hum-hum. Eu sei disso. A coisa inteira está frouxa, mais frouxa do que tudo que já investiguei, em meus dez anos de detetive. Da última vez, pensei que poderia chegar até você, Arnie. Senti que você estava... Sei lá! Parecia perdido, infeliz, olhando em tomo à procura de uma saída. Agora não sinto mais nada disso. É quase como se estivesse falando com uma pessoa inteiramente desconhecida. E uma pessoa não muito agradável.

— Já estou cheio de falar com o senhor — disse Arnie, e começou a caminhar para o gabinete de Will.

— Quero saber o que aconteceu — disse Junkins, atrás dele. — E vou descobrir, pode acreditar!

— Faça-me um favor e fique longe daqui — disse Arnie. — O senhor está louco.

Entrou no escritório, fechou a porta e percebeu que suas mãos não apresentavam o menor tremor. O aposento estava impregnado dos cheiros de charuto, azeite e alho. Passou diante de Will sem falar, pegou seu cartão de ponto no escaninho e o marcou no relógio: *ka-thud!* Então espiou pela parte envidraçada da sala e viu Junkins parado lá fora, olhando para Christine. Will nada disse. Arnie podia ouvir o ruidoso resfolegar da respiração do homenzarrão. Uns dois minutos mais tarde, Junkins foi embora.

— Tira — disse Will, e deu um longo arrote, que soou como uma serra de cadeia.

— Certo.

— Repperton?

— Hum-hum. Ele acha que tive algo a ver com aquilo.

— Mesmo você estando em Fila? Arnie meneou a cabeça.

– Ele parece nem se preocupar com o detalhe.

Então é um tira esperto, pensou Will. Sabe que os fatos estão errados, e sua intuição lhe diz que há algo ainda mais errado do que isso. Então, irá mais fundo no assunto do que iria qualquer outro tira, mas poderá levar um milhão de anos e nunca se aproximar da verdade. Will recordou o carro vazio, rodando sozinho para o boxe vinte, como um estranho brinquedo movido a corda. A fenda vazia da ignição, girando para START. O motor acelerando por uma vez, como um rosnado de aviso, para não morrer.

E – ao rememorar aquelas coisas, Will não se sentiu com confiança suficiente para encarar Arnie, embora tivesse quase uma vida inteira de experiências nas mentiras de rotina.

– Se os tiras estão de olho em você, não vou mandá-lo a Albany.

– Pouco importa se você me mande ou não a Albany, mas não precisa se preocupar com o cara. É o único tira que já me procurou e está louco. Interessa-se apenas por dois casos de atropelamento e fuga.

Os olhos de Will agora se fixaram nos de Arnie, cinzentos e distantes. Os de Will mostravam uma desbotada falta de cor, as córneas eram levemente amareladas: os olhos de um gato idoso, que já vira milhares de camundongos estripados.

– Ele está interessado em você – disse. – Será melhor eu mandar Jimmy.

– Você gosta da maneira como Jimmy dirige?

Will olhou para Arnie por um momento e depois suspirou.

– Está bem – disse. – No entanto, se vir esse tira, caia fora. E se for apanhado segurando uma sacola, Cunningham, é a sua sacola. Entendeu bem?

– Claro – respondeu Arnie. – Vai querer que eu faça algum trabalho esta noite?

— Há um Buick 77 no boxe quarenta e nove. Verifiquei o acionador de arranque. Cheque o solenóide. Se tudo parecer bem, cheque isso também.

Arnie assentiu e saiu. Os olhos atentos de Will desviaram-se dele, não o viram caminhar para Christine. Sabia que não haveria problema, quanto a enviá-lo a Albany aquele fim de semana. O garoto também sabia disso e iria em frente, de qualquer jeito. Tinha dito que faria o trabalho e, por Deus, ele o faria mesmo. E se acontecesse alguma coisa o garoto se viraria sozinho. Will tinha certeza disso. Já se fora o tempo em que Arnie não suportaria a carga, mas esse tempo, agora, era passado.

Will ouvira tudo pelo intercomunicador.

Junkins estava certo.

O garoto agora estava mais duro.

Will começou a olhar novamente para o 58 de Arnie. Arnie iria a Nova Iorque no Chrysler de Will. E — enquanto ele estivesse ausente — Will vigiaria Christine. Vigiaría Christine para ver o que acontecia.

ARNIE EM APUROS

Com assentos de Naugahyde separados

Dianteiros e traseiros,

Tudo cromado, cara, até o macaco,

Piso na gasosa e ela dispara

Waaaaahhk...

Vou deixar você olhar,

Mas não toque em minha máquina,

Feita de encomenda.

— The Beach Boys

Na tarde seguinte, Rudolph Junkins e Rick Mercer, da divisão de detetives da Polícia Estadual da Pensilvânia, tomavam café em um sombrio e pequeno gabinete, onde a tinta das paredes descascava. No exterior caía uma mistura de chuva e neve.

— Tenho certeza de que será neste fim de semana — disse Junkins. — Nos últimos oito meses, aquele Chrysler tem rodado a cada quatro ou cinco semanas.

— Procure apenas compreender que agarrar Darnell e essa idéia fixa em sua cachola sobre o garoto são duas coisas diferentes.

— Pois para mim, são a mesma coisa — replicou Junkins. — O garoto sabe de algo. Se o deixar assustado, posso descobrir o que seja.

— Acha que ele teria algum cúmplice? Alguém que usou seu carro e matou aqueles rapazes, enquanto ele estava no torneio de xadrez?

Junkins abanou a cabeça.

— Não, infelizmente. Ele só tem um amigo íntimo, que está hospitalizado. Não sei o que pensar, exceto que o carro esteve envolvido... e ele também.

Junkins largou sua xícara de plástico com o café e apontou para o homem sentado do outro lado da mesa.

— Assim que conseguirmos fechar aquela garagem, vou querer seis técnicos do laboratório vasculhando tudo, de popa à proa, por dentro e por fora. Vou querer aquele carro em um elevador, sendo checado em busca de amassados, mossas, pintura nova e... sangue. Eis aí o que realmente quero, Rick. Apenas uma gota de sangue.

— Você não vai muito com o garoto, hein? — comentou Rick.

Junkins deu uma risadinha desnorteante.

— Sabe? Cheguei a gostar dele, quando o vi pela primeira vez... Sim, gostei dele e tive pena. Dava a impressão de querer proteger alguém que lhe tivesse feito algo. Desta vez, no entanto, não gostei dele em absoluto.

Junkins ficou pensativo.

— Também não gostei daquele carro. E da maneira como ele o toca, sempre que eu o julgava encurralado. Era muito esquisito.

Rick respondeu:

— Lembre-se apenas de que quem queremos agarrar é Darnell. Ninguém em Harrisburg tem o menor interesse em seu garoto.

— Eu me lembrarei — disse Junkins. Tornou a pegar sua xícara e olhou para Rick com ar grave. — Porque ele é um meio para chegar ao meu objetivo. — Vou pegar quem matou aqueles rapazes, nem que seja a última coisa que faça!

— Talvez nem seja neste fim de semana — disse Rick. Mas foi.

Dois policiais à paisana, do Esquadrão de Crimes do Estado da Pensilvânia, permaneceram na cabine de uma *pickup* Datsun, de quatro anos antes, na manhã do sábado, 16 de dezembro, vigiando quando o Chrysler preto de Will Darnell passou pela grande porta da garagem e ganhou a rua. Caía uma gelada chuvinha, mas não o bastante para nevar.

Era um daqueles dias nevoentos, quando é impossível apontar-se onde terminam as nuvens mais baixas e começa a verdadeira neblina. O Chrysler exibia adequadamente suas luzes de estacionamento. Arnie Cunningham era um motorista seguro.

Um dos policiais levou um *walkie-talkie* à boca e falou

— Ele acabou de sair no carro de Darnell — disse. — Vocês aí, fiquem em seus calcanhares. Seguiram o Chrysler até a I-76. Quando viram Arnie tomar a rampa leste, sinalizando para

Harrisburg, manobram para a rampa oeste, na direção de Chio e relataram o fato. Deixariam a I-76 pela faixa de saída e retomariam à sua posição original, perto da Garagem de Darnell.

— Ok — respondeu a voz de Junkins —, vamos fazer uma omelete.

Vinte minutos mais tarde, quando Arnie rodava para leste a uma velocidade tranqüila e legal de 80 quilômetros, três policiais, com a papelada adequada em punho, bateram à porta de William Upshaw, que morava no sofisticado e requintado subúrbio de Sewickley. Upshaw atendeu à porta em seu roupão de banho. De trás dele, chegaram os gemidos do desenho animado das manhãs de sábado na TV.

— Quem é, meu bem? — perguntou sua esposa, da cozinha.

Upshaw olhou para os papéis, documentos do Tribunal de Justiça, e teve a impressão de que ia desmaiar. Um deles determinava a apreensão de todos os registros de impostos de Upshaw relacionados a Will Darnell (pessoa física) e Will Darnell (pessoa jurídica). Os documentos tinham a assinatura do procurador-geral da Pensilvânia e de um juiz do Supremo Tribunal.

— Quem é, bem? — tornou a perguntar sua esposa.

Um filho de Upshaw veio espiar, de olhos arregalados. Upshaw tentou falar, mas de sua boca saiu apenas um grasnido rouco. Acontecera. Ele sonhara com aquilo e, finalmente, acontecera. A casa em Sewickley não o

protegera disso; a mulher que ele mantinha a prudente distância, no reinado da Prússia, não o protegera disso. Estava ali: podia lê-lo no rosto liso daqueles tiras em seus ternos Anderson-Little, adquiridos em liquidações. Pior do que tudo, um dos homens era agente federal — Álcool, Tabaco e Armas de Fogo. Este lhe exibiu uma segunda identificação que o proclamava como agente de algo denominado Força-Tarefa Federal do Controle de Drogas.

— Segundo nossas informações, o senhor mantém um escritório em sua casa — disse o tira federal.

Aparentava — o quê? Vinte e seis? Trinta anos? Teria espremido os miolos algum dia, tentando descobrir o que fazer, quando se tem três filhos e uma esposa com gosto algo exagerado por coisas finas? Bill Upshaw duvidava muito. Quando se tem tais preocupações, o rosto não fica tão liso. Um rosto só permanece assim quando podemos nos dar ao luxo de nobres pensamentos: lei e ordem, certo e errado, bons e maus sujeitos.

Abriu a boca para responder ao tira federal, mas emitiu apenas outro grasnido rouco.

— A informação é correta? — perguntou pacientemente o federal.

— Sim, é — crocitou Bill Upshaw.

— E outro escritório no número 100 de Frankstown Road, em Monroeville?

— Sim.

— Bem, o que é? — perguntou Amber, e surgiu no corredor.

Ao ver os três homens de pé na entrada, ela fechou mais a gola do roupão caseiro. Os desenhos animados retumbaram.

Upshaw pensou, de repente e com certo alívio: *É o fim de tudo.*

O garoto que viera ver quem chegava para visitá-los tão cedo, em uma manhã de sábado, de súbito prorrompeu em lágrimas e correu para a

segurança dos *Superamigos*, no Canal 4.

Quando Junkins recebeu a notícia de que Upshaw havia sido intimado e apreendidos todos os documentos pertinentes a Darnell, tanto na residência dele como em seu escritório de Monroeville, partiu chefiando meia dúzia de tiras no que, supunha, seria chamada uma *batida*, nos velhos tempos. Mesmo durante o temporada de férias, a garagem mantinha uma moderada atividade no sábado (embora não se transformasse, de modo algum, no lugar fervilhante dos fins de semana do verão), de forma que, quando Junkins levou até a boca um alto-falante movido a pilhas e começou a usá-lo, talvez umas vinte e quatro cabeças se viraram para ver o que era. Vinte e quatro cabeças, que teriam motivos de sobra para conversas a respeito, até o Ano-Novo.

— *Aqui é a Polícia Estadual da Pensilvânia!* — anunciou Junkins, pelo alto-falante.

As palavras ecoaram e reverberaram. Mesmo em tal momento, ele percebeu que tinha os olhos fixos no Plymouth vermelho e branco, estacionado vazio no boxe 20. Durante seu trabalho, já tocara em meia dúzia de armas assassinas, algumas vezes no local do crime, porém mais freqüentemente no banco das testemunhas, mas só olhar para aquele carro já lhe dava calafrios.

Gitney, o homem do Imposto de Renda que o acompanhava naquela particular incursão, franziu a testa, incitando-o a prosseguir. *Nenhum de vocês sabe o que isto significa. Nenhum de vocês.* Entretanto, tornou a erguer o alto-falante até a boca.

— *Esta firma está fechada! Eu repito, esta firma está fechada! Vocês podem retirar seus veículos, se estiverem em condições de rodar... do contrário, por favor, saiam daí, rápida e calmamente! Esta firma está fechada!*

O alto-falante emitiu um *clique* amplificado, ao ser desligado.

Junkins olhou para o escritório e viu que Will Darnell falava ao

telefone, com um charuto apagado na boca. Jimmy Sykes estava em pé junto à máquina automática de Coca e seu rosto abobado era um retrato de confusa perplexidade — não parecia muito diferente do filho de Bill Upshaw, no momento antes de se debulhar em lágrimas.

— Entende os seus direitos, segundo acabei de ler?

O policial encarregado era Rick Mercer. Atrás dele, a garagem estava vazia, exceto por quatro tiras uniformizados que faziam o trabalho burocrático a respeito dos carros apreendidos, quando a garagem fora fechada.

— Certo — disse Will.

Seu rosto estava composto; o único sinal de perturbação era a respiração mais sibilante, a rápida subida e descida do peito enorme sob a camisa branca de gola aberta: e a maneira como segurava constantemente seu inalador em uma das mãos.

— Tem algo a dizer-nos neste momento? — perguntou Mercer.

— Não, até que meu advogado esteja aqui.

— Seu advogado pode juntar-se a nós em Harrisburg — disse Junkins.

Will olhou iradamente para ele e nada disse. Lá fora, mais policiais uniformizados tinham terminado de afixar selos em todas as portas e janelas da garagem, exceto sobre a pequena porta lateral. Enquanto não cessasse o embargo, todas as entradas e saídas seriam efetuadas por ali.

— Nunca ouvi falar em nada mais louco — disse Will Darnell, por fim.

— Vai ficar ainda mais louco — disse Mercer, sorrindo sinceramente.

— Você ficará fora de circulação por bastante tempo, Will. Um dia, talvez seja incumbido de dirigir a oficina mecânica da prisão.

— Sei quem é você — disse Will, olhando para ele. — Seu nome é Mercer. Conheci bem seu pai. Foi o tira mais desonesto que já existiu no

Condado de King.

O sangue fugiu do rosto de Rick Mercer e ele ergueu a mão.

— Pare com isso, Rick — disse Junkins.

— Tudo certo — disse Will. — Divirtam-se à vontade, caras. Façam suas piadas sobre a oficina mecânica da prisão. Em duas semanas, estarei aqui de novo, trabalhando. E se não sabem disso, são ainda mais imbecis do que parecem.

Olhou em torno, fitando-os com seus olhos inteligentes, sardônicos... e encurralado. De repente, levou o inalador à boca e aspirou fundo.

— Tirem este saco de merda daqui — disse Mercer. Ainda estava pálido.

— Você está bem? — perguntou Junkins.

Estavam sentados dentro de um Ford do Estado, com chapa fria, uma hora mais tarde. O sol resolvera mostrar-se e brilhava de maneira ofuscante, dissolvendo a neve e encharcando as ruas. A Garagem de Darnell permanecia silenciosa. Os registros da firma — e o Plymouth restaurado de Cunningham — estavam seguramente encerrados lá dentro.

— Aquilo que ele disse sobre meu pai... — disse Mercer, em voz espessa. — Meu pai se matou, Rudy. Um tiro na cabeça. E eu sempre pensei... lá no colégio... — Ele deu de ombros. — Muitos tiras fazem isso. Melvin Purvir fez também, você sabe. Foi ele quem pegou Dillinger. No entanto, a gente se pergunta...

Mercer acendeu um cigarro e expulsou a fumaça para baixo, em um longo e trêmulo jato.

— Ele não sabia de nada — disse Junkins.

— Uma ova, que não sabia — disse Mercer. Desceu o vidro de sua janela e jogou o cigarro fora. Depois pegou o microfone sob o painel. —

Central, aqui é Móbile Dois.

– Dez-quatro, Móbile Dois.

– O que está acontecendo com nosso pombo-correio?

– Está na Interestadual 84, aproximando-se de Port Jervis.

Port Jervis era o ponto de cruzamento entre a Pensilvânia e Nova Iorque.

– Tudo pronto em Nova Iorque?

– Afirmativo.

– Diga a eles novamente que eu o quero a nordeste de Middletown, antes de o pegarem, e que seu bilhete de pedágio seja apreendido como evidência.

– Dez-quatro.

Merter recolocou o microfone no lugar e sorriu de leve.

– Assim que ele passar para Nova Iorque, nada no mundo impedirá que isto seja um caso federal... mas ainda faltam alguns retoques. Não é uma beleza?

Junkins não respondeu. Não achava beleza nenhuma naquilo desde Darnell, com seu inalador, ao pai de Mercer dando um tiro na cabeça. Junkins experimentava uma estranha sensação de inevitabilidade, uma impressão de que as coisas terríveis ainda não haviam terminado – estavam apenas começando a acontecer. Sentia-se a meio caminho através de uma história sombria, cujo final talvez se revelasse demasiado terrível. Exceto que precisava chegar àquele final agora, não? Sem dúvida.

Persistia a horrenda sensação, a terrível imagem: da primeira vez que falara com Arnie Cunningham, falava a um homem que se afogava, e da segunda vez que falara com ele o afogado emergira – e Junkins falava com um cadáver.

O céu encoberto a oeste de Nova Iorque começava a clarear, e o ânimo de Arnie ficou melhor. Era sempre bom afastar-se de Libertyville, afastar-se de... de tudo. Nem mesmo o fato de saber sobre o contrabando no portamala, era capaz de diminuir aquela euforia. E, pelo menos, não havia drogas desta vez. Lá no fundo de sua mente — quase indistinguível, mas estava lá — assentava-se a vaga especulação sobre como as coisas seriam diferentes e como sua vida mudaria, se apenas se livrasse dos cigarros e seguisse em frente. Se ao menos pudesse deixar para trás aquela deprimente embrulhada.

Só que, evidentemente, não faria nada disso. Claro que era impossível abandonar Christine, depois de ter investido tanto nela.

Arnie ligou o rádio e cantarolou junto com uma melodia atual. O sol, enfraquecido por ser dezembro, mas ainda tentando ser rigoroso, libertou-se inteiramente das nuvens, e ele sorriu.

Ainda sorria quando o carro da Polícia Estadual de Nova Iorque emparelhou com o dele, na faixa lateral, e o acompanhou. Do alto-falante do teto do carro começou a ecoar: *Aqui é para o Chrysler! Encoste, Chrysler! Encoste, Chrysler!*

Arnie olhou para o lado, o sorriso desaparecendo de seus lábios. Viu os óculos escuros. Óculos de tira! O terror que se apoderou dele era mais forte do que poderia imaginar, quanto a qualquer emoção — e não estava aterrorizado por si mesmo. Sua boca ficou inteiramente seca. A mente disparou a funcionar de maneira confusa. Viu-se pisando no acelerador e voando dali, talvez o tivesse feito, se dirigisse Christine... mas não estava em seu carro. Viu Will Darnell avisando que, se fosse apanhado levando um saco, o saco era *seu*. E, acima de tudo, viu Junkins, Junkins com aqueles argutos olhos castanhos — e soube que aquilo era obra dele.

Desejou que Rudolph Junkins estivesse morto.

— *Encoste, Chrysler! Não estou falando apenas para ouvir a minha voz! Encoste imediatamente! Não posso dizer nada, pensou Arnie,*

incoerentemente, enquanto manobrava para o acostamento.

Seus colhões formigavam, o estômago se revolia furiosamente. Podia ver os próprios olhos no retrovisor, aterrorizados por trás da muralha dos óculos – aterrorizados, mas não por ele. Não por ele. Christine. Arnie temia por Christine. O que eles poderiam fazer a Christine.

Sua mente agoniada pelo pânico girou em um caleidoscópio de imagens superpostas. Formulários de solicitação para a universidade, com o veredicto: REJEITADO – CONDENADO POR CRIME estampado sobre eles. Grades de prisão, aço azulado. Um juiz inclinando-se de uma alta bancada, o rosto branco e acusador. Chefões homossexuais em um pátio de prisão, ansiosos por carne fresca. Christine seguindo no transportador, até o compressor de carros, no ferro-velho atrás da garagem.

E então, quando freou o Chrysler e o estacionou, o carro da Polícia Estadual parando logo atrás dele (e mais outro, surgindo como por magia, parando à sua frente), do nada irrompeu um pensamento impregnado de desalentado consolo: *Christine pode cuidar de si.*

Houve outro pensamento, quando os tiras saíram e caminharam para ele, um segurando na mão um mandado de busca. Este outro também pareceu nascer de lugar nenhum, mas reverberou com os tons ásperos de Roland D. LeBay, o som da voz de um velho:

E ela cuidará de você, rapaz. Tudo quanto tem a fazer é continuar acreditando nela e ela cuidará de você.

Arnie abriu a porta do carro e saiu, um momento antes que algum dos tiras pudesse abri-la.

– Arnold Richard Cunningham? – perguntou um dos tiras.

– Sim, sou eu – respondeu Arnie, calmamente. – Estava indo muito depressa?

– Não, filho – disse outro tira –, mas vivemos em um mundo de sofrimento e dá tudo no mesmo.

O primeiro tira deu um passo em frente, tão formal quanto um oficial do Exército.

– Tenho comigo um documento legal permitindo a revista deste Chrysler Imperial 1966, em nome do povo do Estado de Nova Iorque, da Comunidade da Pensilvânia e dos Estados Unidos da América. Além disso...

– Bem, isso cobre inteiramente toda a maldita linha de frente, não é mesmo? – disse Arnie. Suas costas latejavam dolorosamente e ele comprimia o lugar com as duas mãos. Os olhos do

policia! arregalaram-se ligeiramente quando ele ouviu a voz idosa saindo da boca daquele rapazinho, mas prosseguiu.

– Além disso, tenho permissão para apreender qualquer contrabando encontrado no decorrer desta revista, em nome do povo do Estado de Nova Iorque, da Comunidade da Pensilvânia e dos Estados Unidos da América.

– Ótimo – disse Arnie.

Nada daquilo parecia real. Luzes azuis cintilaram em confusão. Pessoas passando em seus carros se viravam para espiar, mas ele não sentiu nenhuma vontade de desviar-se, de esconder o rosto – e aquilo era algo como que um alívio.

– Dê-me as chaves, garoto – disse um dos tira.

– Por que você mesmo não as pega, seu bosta? – disse Arnie.

– Não está se ajudando muito, garoto – disse o tira.

No entanto, também ele o fitou com certa surpresa e um leve temor, pelo mesmo motivo; por um instante, a voz do rapazinho parecera quarenta anos mais velha, a voz de um sujeito muito mais duro, em nada semelhante ao garoto magricela à sua frente.

O tira inclinou-se, pegou as chaves e três companheiros seus encaminharam-se prontamente para o porta-mala. *Eles sabem*, pensou Arnie, resignado. Enfim, aquilo nada tinha a ver com a obsessão de Junkins,

envolvendo-o com Buddy Repperton, "Penetra" Welch e os outros (pelo menos, não diretamente, emendou com cautela). Aquilo dava a impressão de uma operação bem planejada e bem coordenada contra o contrabando de Will, desde Libertyville a Nova Iorque e Nova Inglaterra.

— Garoto — disse um dos tiras —, gostaria de responder a algumas perguntas ou prestar uma declaração? Se pretende, eu lerei agora os seus direitos.

— Não — replicou Arnie tranqüilo. — Não há nada a dizer.

— A situação poderia ficar bem mais fácil para você.

— Isto é coação — disse Arnie, sorrindo de leve. — Veja bem o que diz ou terminará fazendo um belo furo em sua própria ficha.

O tira ficou vermelho.

— Se quer bancar o idiota, é com você.

O porta-mala do Chrysler foi aberto. Eles haviam tirado o pneu sobressalente, o macaco e várias caixas de peças pequenas — parafusos, porcas, molas, coisas assim. Um dos tiras estava quase inteiramente dentro do porta-mala, ficando para fora apenas suas pernas envoltas em tecido cinza-azulado. Por um momento, Arnie esperou vagamente que não encontrassem o compartimento secreto, mas logo rejeitou a idéia — provinha apenas de sua parte infantil, a parte que agora desejava destruir, porque ultimamente toda essa parte lhe causava sofrimento. Eles o encontrariam. Quanto mais depressa o encontrassem, mais depressa terminaria aquele imbecil espetáculo de beira de estrada.

Como se algum deus ouvisse seu desejo e decidisse concedê-lo rapidamente, o tira no porta-mala exclamou, triunfante:

— Cigarros!

— Muito bem — disse o tira que havia lido o mandado de busca. — Feche o porta-mala. — Virou-se para Arnie e fez a leitura do aviso sobre seus

direitos. — Entendeu bem os seus direitos, conforme os li?

— Entendi — disse Arnie.

— Quer prestar algum esclarecimento?

— Não.

— Entre no carro, filho. Você está preso.

Estou preso, pensou Arnie e quase explodiu em uma gargalhada, de tão tolo o pensamento. Aquilo era um sonho, do qual logo despertaria. *Preso*. Sendo encaminhado para um carro da Polícia Estadual. As pessoas olhavam para ele...

Lágrimas desesperadas e infantis, salgadas e quentes, aninharam-se em sua garganta e a fecharam.

O peito coçou — uma, duas vezes.

O tira que lera seus direitos tocou-lhe o ombro, e Arnie o encolheu, com uma espécie de desespero. Sentiu que se pudesse mergulhar profundamente e rapidamente dentro de si, ficaria *bem* — mas a compreensão o deixava fora de si.

— Não me toque!

— Será como você quer, filho — disse o tira, afastando a mão. Abriu a porta traseira do carro policial e convidou Arnie a entrar.

A gente chora em sonhos? Claro que sim — ele já não lera sobre pessoas despertando de sonhos tristes com lágrimas no rosto? Entretanto, fosse ou não sonho o que sucedia agora, ele não ia chorar.

Em vez disso, pensaria em Christine. Não em sua mãe ou seu pai, não em Leigh ou Will Darnell, não em Slawson — todos os miseráveis bostas que o haviam traído.

Pensaria em Christine.

Arnie fechou os olhos e inclinou o rosto pálido, espectral, em direção às

mãos, assim permanecendo. E, como sempre, pensar em Christine fazia tudo melhorar. Após um momento, conseguiu endireitar o corpo, contemplar a paisagem que desfilava às margens da estrada e refletir em sua situação.

Michael Cunningham recolocou lentamente o fone no gancho com infinito cuidado —, como se menos cautela o fizesse explodir e ele, Michael, fosse atirado para o alto, em seu estúdio no andar de cima, crivado de fragmentos de granada negra.

Recostou-se à cadeira giratória atrás de sua mesa, sobre a qual estavam sua máquina de escrever IBM-Corretora Selectric II, um cinzeiro com os dizeres UNIVERSIDADE HORLICKS em azul e ouro, quase ilegíveis no fundo sujo, e o manuscrito de seu terceiro livro, um estudo sobre os encouraçados *Monitor e Merrimac*. Estava no meio de uma página quando o telefone tocara. Agora, apertando a alavanca de liberação do lado direito da máquina de escrever, puxou a folha solta de sob o rolo, observando clinicamente sua ligeira curvatura. Colocou-a sobre o manuscrito, no momento pouco mais de uma selva de correções a lápis.

Lá fora, o vento gemia em torno da casa. A manhã cálida e nublada dera lugar a uma frígida e límpida noite de dezembro. O degelo inicial estacara de imediato e seu filho estava preso em Albany, acusado de contrabando: *Não, Sr. Cunningham, não se trata de maconha, são duzentos pacotes de cigarros Winston, sem selagem de impostos.*

Do andar de baixo, ele podia ouvir o zumbido da máquina de costura de Regina. Agora teria que se levantar, ir até a porta, abri-la, caminhar corredor abaixo até a escada, descer os degraus, passar pela sala de refeições e chegar à salinha cheia de plantas, outrora lavanderia, mas agora uma sala de costura e ficar parado enquanto Regina erguia os olhos para ele (estaria usando seus óculos para vista cansada) e então anunciar: *Regina, Arnie foi preso pela Polícia Estadual de Nova Iorque.*

Michael tentou iniciar o processo, levantando-se da cadeira, mas esta pareceu senti-lo temporariamente fora de guarda. Girou e inclinou-se muito para trás sobre seus rodízios, no mesmo instante, e Michael precisou aferrar-se à borda da mesa para não cair. Tornou a deslizar pesadamente para a cadeira, o coração batendo com dolorosa rapidez em seu peito.

De repente, foi envolvido por tão complexa onda de desespero e pesar que gemeu em voz alta e agarrou a testa comprimindo as têmporas. Os antigos pensamentos retornaram, tão previsíveis como os mosquitos de verão, e também tão enlouquecidos. Seis meses antes, tudo estava bem. Agora, seu filho estava na cela de uma prisão, em algum lugar. Quais teriam sido os momentos da ruptura? Como poderia ele, Michael, ter mudado as coisas? E, exatamente, qual a história dessas coisas? Onde a enfermidade começara a penetrar?

— Meu Deus...

Comprimiu mais forte, ouvindo o gemido do inverno fora de suas janelas. Ele e Arnie haviam colocado as janelas extras para inverno, ainda no mês anterior. Havia sido um bom dia, não? Primeiro, Arnie segurando a escada e olhando para cima; depois que descera, Arnie subira, e ele ficara gritando para o filho tomar cuidado, com o vento agitando seus cabelos e as folhas mortas, acastanhadas, atiradas em seus sapatos desbotados. Certo, tinha sido um bom dia. Mesmo depois da chegada daquele carro infernal, parecendo ensombrecer tudo na vida do filho, como uma moléstia fatal, houve bons dias. Não houve?

— Meu Deus... — repetiu, em uma voz fraca e lacrimosa, que desprezou.

Imagens espontâneas surgiram em seus olhos. Colegas observando-o de soslaio, talvez sussurrando no clube da faculdade. Discussões em coquetéis, com seu nome agitado inquietamente, subindo e descendo, como um corpo afogado. Arnie só faria dezoito anos dentro de dois meses e, supunha, não poderia ter o nome impresso nos jornais, mas todos acabariam

sabendo. A notícia se espalharia.

De repente loucamente, viu Arnie aos quatro anos, encarapitado em um triciclo vermelho, adquirido por ele e Regina em um bazar de caridade (aos quatro anos, Arnie os chamava "Babá de calidade da mamãe"). A tinta vermelha do triciclo era pontilhada de escamas de ferrugem, as rodas estavam com as borrachas gastas, mas Arnie o adorara e, se pudesse, até o teria levado para a cama. Michael fechou os olhos e o viu andando no triciclo, subindo e descendo a calçada, em seu macacão de sarja azul, o cabelo caindo nos olhos. Então, seu olho mental pestanejou, vacilou ou fez qualquer coisa, e o enferrujado triciclo do bazar de caridade era Christine, a tinta vermelha cheia de ferrugem, os vidros das janelas branco-leitosos pela idade.

Ele rangeu os dentes. Alguém que o observasse poderia pensar que estava sorrindo loucamente. Esperou até controlar-se um pouco e então se levantou e desceu para o andar térreo, a fim de contar o sucedido a Regina. Ele lhe contaria, e ela refletiria no que deviam fazer, como sempre acontecera. Regina lhe roubaria a iniciativa, com isto roubando qualquer bálsamo que, atualmente, *fazer* as coisas proporcionava, deixando-o apenas com um doentio pesar e a certeza de que, agora, seu filho era alguém importante.

A CHEGADA DA TEMPESTADE

Ela pegou as chaves de meu Cadillac,
Saltou para o meu gatinho e o levou para longe.

— Bob Seger

Naquele inverno, a primeira das grandes tempestades do nordeste chegou a Libertyville na véspera do Natal, abrindo caminho através do terço superior dos E.U.A. e deixando para trás uma ampla e facilmente previsível trilha da tormenta. O dia começou com um sol brilhante, a temperatura a dois graus centígrados, mas os locutores matinais já haviam previsto alegremente sombras e tristezas, apressando os que ainda não haviam encerrado as compras de última hora a aproveitarem até o meio da tarde. Os que planejavam viagens ao velho lar, para um Natal à moda antiga, eram aconselhados a um novo planejamento, caso a viagem não fosse feita em quatro a seis horas.

— Se vocês não pretendem passar o Dia de Natal na faixa de acostamento da I-76, em algum ponto entre Bedford e Carlisle, fariam melhor saindo de casa bem cedo ou não saindo, em absoluto — aconselhou o locutor da FM-104 a seus ouvintes (uma boa parte dos quais estava demasiado embriagada, para chegar a pensar em ir a qualquer lugar), e então reiniciou o Programa de Natal, com "*Santa Claus is Coming to Town*", na versão de Springsteen.

Por volta de 11 da manhã, quando Dennis Guilder finalmente deixou o Hospital Comunitário de Libertyville (segundo as normas hospitalares, ele só teria permissão de usar as muletas quando realmente fora do prédio; até então, teria que ser empurrado em uma cadeira de rodas por Elaine), o céu começara a espumar de nuvens e havia um feérico, fantasmagórico anel em torno do sol. Dennis atravessou cautelosamente o pátio de estacionamento em suas muletas, o pai e a mãe amparando-o de cada lado, nervosos, a despeito de o pátio haver sido escrupulosamente limpo do menor traço de

neve e gelo. Fez uma pausa ao lado do carro da família e ergueu ligeiramente o rosto, na brisa refrescante. Estar fora do hospital era como uma ressurreição. Dennis achava que poderia ficar ali por horas e ainda não se dar por satisfeito.

Era aproximadamente uma daquela tarde quando a camioneta da família Cunningham chegou aos arredores de Ligonier, cento e quarenta e quatro quilômetros a leste de Libertyville. A esta altura, o céu adquirira um tom uniforme e sugestivo cinza-ardósia e a temperatura caíra seis graus.

Havia sido idéia de Arnie que eles não cancelassem a tradicional visita de véspera do Natal a tia Vickey e tio Steve, respectivamente, irmã e cunhado de Regina. As duas famílias haviam criado um pouco o informal ritual de revezamento no correr dos anos, com Vicky e Steve indo à casa dos Cunningham em alguns anos e os Cunningham indo a Ligonier em outros. A viagem deste ano fora combinada em inícios de dezembro. Havia sido cancelada após o que Regina teimosamente chamava "o problema de Arnie", mas no início da semana anterior Arnie começara a insistir incessantemente sobre a viagem.

Por fim, após uma longa conversa telefônica com sua irmã na quarta-feira, Regina concordara com a vontade de Arnie — em especial porque Vicky parecera calma e compreensiva, sem a menor curiosidade sobre o que tinha acontecido. Aquilo era importante para Regina, mais importante, talvez, do que ela consentisse em admitir. Nos últimos oito dias, desde que Arnie havia sido preso em Nova Iorque, ela tivera que enfrentar um fluxo aparentemente interminável de mórbida curiosidade, mascarada como simpatia. Conversando com Vicky ao telefone, ela finalmente se descontrolara e havia chorado. Tinha sido a primeira e única vez, desde a prisão de Arnie, que ela se entregava a tão amargo luxo. Arnie estava na cama, dormindo. Michael, que vinha bebendo demais e, como pretexto, apelava para o "espírito da época", tinha ido ao O'Malley's para uma ou duas cervejas com Paul Strickland, outro rejeitado de fábrica, no jogo político da

faculdade. Provavelmente, aquilo terminaria chegando a seis cervejas, talvez umas oito ou dez. E se mais tarde ela fosse ao estúdio no andar de cima, iria encontrá-lo ereto em sua cadeira atrás da mesa, olhando o escuro, com os olhos secos, mas injetados de sangue. Se tentasse falar com ele, a conversa de Michael seria terrivelmente confusa, centralizando-se demais no passado. Ela supunha que o marido vinha tendo um muito brando colapso mental. Não permitiria a si mesma luxo idêntico (algo em que já pensara, em seu furioso e sofrido estado emocional) e, todas as noites, sua mente martelava a arquitetar planos e esquemas, até as três ou quatro da madrugada. Todos aqueles esquemas e pensamentos orientavam-se em uma direção: "Superamos isto". As duas únicas opções que permitia à sua mente eram deliberadamente vagas. Regina pensava no "problema de Arnie" e em "Superarmos isto".

Entretanto, ao falar com a irmã por telefone, dias após a prisão do filho, seu férreo controle fraquejara brevemente. Ela chorava no ombro de Vicky, pelo interurbano, e a irmã a confortara com naturalidade, fazendo-a odiar-se por todas as suas alfinetadas baratas contra ela, no correr dos anos. Vicky, cuja única filha largara os estudos antes de terminar o ginásio, para casar e ser dona de casa, cujo filho único se contentara com uma escola técnica profissionalizante (jamais uma coisa semelhante para o *seu* filho! — pensara Regina, com segredo júbilo); Vicky, cujo marido vendia... seguros de vida, entre tantas outras coisas estranhas. E Vicky (Oh, também tão esquisito!) vendia cerâmica e louça. No entanto, havia sido para Vicky que tivera coragem de chorar, com Vicky é que expressara, pelo menos em parte, sua torturada desilusão, sua mágoa e seu terror; sim, e também o terrível *constrangimento*, ao saber que os outros comentavam e que, durante anos, eles haviam desejado vê-la entregar os pontos — e agora estavam satisfeitos. Havia sido Vicky, talvez sempre houvesse sido Vicky. Regina decidiu então que, se afinal haveria um Natal para eles, naquele ano infeliz, seria na casa de Vicky e Steve, uma residência suburbana e comum, em estilo de rancho, no alegre subúrbio classe média de Ligonier, onde a maioria das pessoas

ainda possuía carros americanos e chamava de "comer fora" uma ida ao McDonad's.

Mike, é claro, concordaria sem discutir com sua decisão. Ela não esperava e nem suportava mais do que isso.

Para Regina Cunningham, os três dias seguintes à notícia de que Arnie estava "em apuros" haviam sido um exercício permanente para manter o controle, uma longa luta pela sobrevivência. Sua sobrevivência, a sobrevivência da família, sobrevivência de Arnie — ele podia não acreditar nisso, mas ela descobrira que não tinha tempo para preocupar-se. O sofrimento de Mike jamais entrara em suas equações; o pensamento de que um poderia confortar o outro, jamais lhe passara pela mente, nem como especulação. Regina cobriu calmamente a máquina de costura, após Mike ter descido para comunicar o ocorrido. Fez isso e, em seguida, foi ao telefone, começando a agir. As lágrimas que mais tarde derramaria, conversando com a irmã, ainda estavam a mil anos de distância. Passara ao lado de Michael como se ele fosse uma peça do mobiliário. Ele a seguira em passo incerto, como havia feito durante todos os anos de seu casamento.

Regina telefonou para Tom Sprague, advogado da família. Ao saber que o problema era criminal, Sprague prontamente indicou-lhe um colega, Jim Warberg. Ela ligou para Warberg e foi atendida por um serviço de recados telefônicos, que não revelaria o número da residência do advogado. Regina ficou junto ao telefone por um instante, tamborilando os dedos levemente contra os lábios, e depois tornou a ligar para o advogado da família. Sprague não queria fornecer o número do colega, mas acabou cedendo. Quando Regina finalmente desligou, Sprague sentiu-se zozno, quase chocado. Ela geralmente causava tal reação, quando crivava o interlocutor de perguntas.

Telefonou para Warberg e este respondeu que não podia cuidar do caso, em absoluto. Regina baixou novamente sua lâmina de *bulldozer*. No fim, além de aceitar o caso, Warberg terminou concordando em partir

imediatamente para Albany, onde Arnie permanecia detido, a fim de ver o que se podia fazer. Falando com a voz franca e espantada do homem que se encheu de Novocaína e depois foi atropelado por um trator, o advogado informou conhecer um profissional perfeitamente à altura em Albany, capaz de resolver tudo. Regina foi inflexível. Warberg partiu para lá, em um avião particular, e deu notícias quatro horas mais tarde.

Comunicou que Arnie estava sendo mantido em Albany por uma acusação em aberto. Seria extraditado para a Pensilvânia no dia seguinte. A ação policial havia sido coordenada pela Pensilvânia e por Nova Iorque, juntamente com três agências federais: a Força-Tarefa Federal do Controle de Drogas, a Divisão do Imposto de Renda e o Departamento do Álcool, Tabaco e Armas de Fogo. O alvo principal não era Arnie, peixinho miúdo, mas Will Darnell e quem quer mais com quem Darnell estivesse negociando. Tais indivíduos, segundo informou Warberg, com seus suspeitos laços de envolvimento com o crime organizado e o desorganizado contrabando de drogas no novo Sul, eram os peixes graúdos.

— É ilegal deter alguém por uma acusação em aberto! — replicara Regina prontamente, valendo-se de profusa reserva de informações fornecida pelos programas criminais de TV.

Warberg não se sentia precisamente eufórico por estar onde se encontrava, já que havia planejado uma noite tranquila no lar, lendo um livro. Replicou bruscamente:

— Em seu lugar, eu estaria de joelhos, agradecendo a Deus pelo que eles estão fazendo! O garoto foi apanhado com a mala do carro entulhada de cigarros sem selagem e, se eu os pressionar muito, ficarão felizes em acusá-lo, Sra. Cunningham. Se quer um conselho, a senhora e seu marido devem ir a Albany. Rapidamente.

— Se não me engano, disse que ele seria extraditado amanhã...

— Oh, sim, ficou tudo arranjado. Se vamos jogar duro com esses sujeitos, devemos nos dar por satisfeitos se o jogo for aqui, em nosso Tribunal.

No caso presente, extradição não é problema.

— O que é então?

— Aquela gente quer brincar de derrubar todas as peças do dominó. Eles querem jogar seu filho contra Will Darnell. Arnold não está falando. Quero que os dois sigam para lá, e o convençam de que falar só irá beneficiá-lo.

— Irá mesmo? — perguntou ela, hesitante.

— Diabo, é claro! — vociferou Warberg, ao telefone. — Eles não querem botar seu filho na cadeia. Arnold é menor, filho de uma família de bem, sem qualquer ficha criminal anterior, nem mesmo um registro escolar de problemas disciplinares. Ele pode sair disto sem nem mesmo enfrentar um juiz. No entanto, vai ter que falar.

Assim, eles partiram para Albany. Regina foi conduzida por um curto e estreito corredor de ladrilhos brancos, iluminado por fortes lâmpadas enfiadas em pequenas cavidades no teto e cobertas por uma grade de arame. O lugar cheirava vagamente a Lysol e urina. Regina procurou convencer-se de que seu *filho* estava preso ali, seu *filho*, mas admitir isso foi bastante difícil. Aquilo não parecia real. Tinha muito mais semelhança com uma possível alucinação.

Quando viu Arnie, tal possibilidade desapareceu rapidamente.. O anteparo protetor contra choques também desapareceu e ela sentiu um medo frio e avassalador. Foi nesse momento que primeiro agarrou-se à idéia de "Superarmos isto", da mesma maneira como um afogado se aferra ao salva-vidas. Aquele era Arnie, era o seu filho, não em uma cela de prisão (foi a única coisa que a pouparam de ver, mas ela ficava grata por, inclusive, favores insignificantes), porém em um pequeno aposento quadrangular, cujo único mobiliário eram duas cadeiras e uma mesa marcada por queimaduras de cigarros.

Arnie a encarara fixamente e seu rosto parecia terrivelmente lívido,

tinha uma aparência de caveira. Ele tinha ido ao barbeiro apenas uma semana antes e cortara o cabelo surpreendentemente curto (após anos, usando-o comprido imitando Dennis), mas agora a luz do teto brilhava com crueza sobre o que sobrara, fazendo-o parecer momentaneamente calvo, como se lhe tivessem raspado a cabeça para abrir-lhe a boca.

— Arnie! — disse Regina, e caminhou para ele.

Chegou até meio caminho. Arnie desviou os olhos, comprimindo os lábios, e ela parou. Uma mulher mais fraca ter-se-ia desfeito em lágrimas, porém Regina era de outra cepa. Deixou que a frieza voltasse, que a envolvesse novamente. Frieza era tudo o que poderia ajudar agora.

Em vez de abraçá-lo — evidentemente algo que Arnie não desejava —, sentou-se e disse a ele o que tinha de ser feito. Arnie recusou-se. Regina lhe ordenou que abrisse o bico com a polícia. Ele tornou a recusar. Ela argumentou. Arnie recusou-se. Ela fez um discurso bombástico. Ele se recusou. Ela suplicou. Ele se recusou. Finalmente, ela se limitou a ficar ali sentada apática, com uma dor de cabeça latejando nas têmporas. Perguntou a ele por que preferia ficar calado. Arnie recusou-se a explicar.

— Pensei que você fosse esperto! — bradou ela, finalmente. Estava quase louca de frustração. O que odiava, acima de tudo, era não conseguir o que queria, quando sentia uma necessidade absoluta de ter a vontade satisfeita, *precisava* tê-la. De fato, tal coisa nunca lhe acontecera, desde que saíra de casa. Até o momento presente. Era insultante ser derrotada tão calma e despreocupadamente por aquele menino que, um dia, mamara em seus seios. — Pensei que você fosse esperto, mas vejo que é um burro! Você... seu idiota! Eles o porão em uma cela! Quer ir para cadeia, no lugar desse Darnell? É isto o que deseja? Ele rirá de você. *Rirá* de você!

Regina não podia imaginar nada pior, e o aparente desinteresse do filho quanto a alguém rir ou não dele a deixou ainda mais enfurecida. Levantou-se da cadeira e afastou os cabelos de sobre a testa e os olhos, no gesto inconsciente da pessoa se dispondo a lutar. Respirava rapidamente e

tinha o rosto corado. Para Arnie, ela tanto pareceu mais jovem quanto mais velha como jamais a vira.

— Não estou fazendo isso por Darnell — disse ele tranqüilo — e também não vou para a prisão.

— Quem é você, Oliver Wendell Holmes? — replicou ela, ferozmente, embora houvesse certa dose de alívio em sua fúria. Pelo menos, Arnie dizia *algo*. — Eles o pegaram com o carro dele, lotado de cigarros no porta-mala! Cigarros ilegais!

Arnie respondeu, com a mesma tranqüilidade:

— Os cigarros não estavam no porta-mala. Estavam em um compartimento debaixo do porta-mala. Um compartimento secreto. E aquele era o carro de Will. Will me disse que pegasse seu carro.

Regina olhou para ele.

— Está dizendo que não sabia da existência dos cigarros?

Arnie a fitou com uma expressão que, simplesmente, ela não conseguia aceitar, tão estranha nele a achou. Era desprezo, desacato. Bom *como ouro o meu menino, bom como ouro*, pensou ela, alucinadamente.

— Eu sabia e Will também, mas eles têm que provar, não têm? Ela conseguiu apenas fitá-lo, admirada.

— Se eles me acusarem disso, de algum modo — disse Arnie — minha sentença será suspensa.

— Arnie! — exclamou ela, por fim. — Você não está raciocinando direito. Talvez seu pai...

— Meu raciocínio está perfeito — cortou Arnie. — Não sei o que você está fazendo, mas estou raciocinando direito.

Ao falar, Arnie a encarou, e seus olhos cinzentos eram tão horivelmente apáticos que Regina não suportou mais, e levantando-se saiu dali. Na pequena sala verde da recepção, passou às cegas perto do marido,

sentado em um banco com Warberg.

— Vá você — disse a ele. — Veja se o faz voltar à razão!

Regina continuou andando sem esperar resposta e só parou no exterior do prédio, com o frio ar de dezembro pondo cor em suas faces quentes.

Michael entrou na outra sala para falar com o filho, porém não teve melhor sorte; quando saiu, tinha apenas a garganta seca e um rosto parecendo dez anos mais velho do que ao entrar.

No motel, Regina contou a Warberg o que Arnie tinha dito, e perguntou-lhe se havia alguma possibilidade de ele estar certo.

Warberg refletiu na pergunta.

— Sim, é uma defesa possível — afirmou —, mas seria muito mais viável se Arnie fosse o primeiro dominó da fila. E ele não é. Há um negociante de carros usados, aqui em Albany, chamado Henry Buck. Era o receptor. Também foi agarrado.

— E o que disse ele? — perguntou Michael.

— Não tenho meios de saber. Quando tentei falar com seu advogado, ele se recusou. Acho isso um mau sinal. Se Buck falar, acusará Arnie. Aposto tudo o que possuo como Buck pode testemunhar que seu filho sabia da existência daquele compartimento secreto... e isso é mau.

Warberg olhou fixamente para eles.

— Compreendam, o que seu filho disse é, em realidade, apenas uma meia esperteza, Sra. Cunningham. Falarei com ele amanhã, antes de o transferirem para a Pensilvânia. Espero fazê-lo ver que, nisto tudo, há uma possibilidade do caso não recair em seus ombros.

Os primeiros flocos de neve começaram a cair do céu carregado em torvelinhos, quando eles dobraram para a rua de Steve e Vicky. *Será que ainda está nevando em Libertyville?*, perguntou-se Arnie, e tocou as chaves em

sua etiqueta de couro, dentro do bolso. Provavelmente estava.

Christine continuava na Garagem de Darnell, apreendida. Aquilo era bom. Pelo menos, estava resguardada do mau tempo. Ele a recolheria de novo. Com calma.

A semana anterior parecia um confuso pesadelo. Seus pais, argumentando com ele na saleta branca, pareciam possuir os desconexos rostos de estranhos: eram cabeças falando em língua estrangeira. O advogado que haviam contratado, Warley, Warmly ou qualquer coisa, ficara insistindo sobre algo que denominavam a teoria do dominó, bem como sobre a necessidade de cair fora do "maldito prédio, antes que tudo caia sobre sua cabeça, garoto — há dois Estados e três agências federais movimentando as bolas da demolição".

Arnie, no entanto, estava mais preocupado com Christine.

Parecia-lhe cada vez mais claro que Roland D. LeBay estava com ele ou pairando em algum lugar próximo — talvez se estivesse aglutinando dentro dele. A idéia não o atemorizou, ela o confortou. Entretanto, era preciso ser cuidadoso. Não sobre Junkins, Arnie sentia que Junkins tinha apenas suspeitas, e todas se orientando para direções erradas, irradiando-se a partir de Christine, em vez de convergirem para ela.

Com Darnell, porém... podia haver problemas com Will. Sim, verdadeiros problemas.

Naquela primeira noite em Albany, depois que seus pais haviam retornado ao motel, Arnie fora levado para uma cela, onde adormecera com surpreendente facilidade e rapidez. Então, tivera um sonho — não realmente um pesadelo, mas algo que parecia muito inquietante. Acordou cautelosamente no meio da noite, com o corpo banhado de suor.

Havia sonhado que Christine fora reduzida, em escala, a um pequenino Plymouth 58, não maior do que a mão de um homem. Estava na alameda de um depósito de carros velhos, circundada por um cenário em

escala, espantosamente perfeito — havia uma rua de plástico que podia ser Basin Drive e uma outra que podia ser a JFK, onde "Penetra" Welch havia sido morto. Um pequeno prédio, que parecia exatamente o Ginásio de Libertyville. E casas de plástico, árvores de papel...

...mais um gigantesco, imenso Will Darnell, que estava nos controles, os quais indicavam quão rápida ou lentamente o pequenino Fury rodava por tudo aquilo. Sua respiração sibilava, entrando e saindo dos pulmões lesados, com um som de vendaval.

Você não quer abrir a boca, guri, disse Will. Inclina-se para aquele mundo em escala reduzida, como o Descomunal Admirável Homem. *Você não quer abrir a boca para assustar-me, porque estou nos comandos. Eu posso fazer isto...*

E, lentamente, Will começava a girar o botão de controle, em direção à palavra RÁPIDO.

Não! Arnie tentou gritar. *Não, não faça isso, por favor! Eu a amo! Por favor, você a mataria!*

Nos trilhos da alameda, a diminuta Christine corria pela Libertyville em miniatura, cada vez mais depressa, a traseira rabeando nas curvas, enquanto ela chiava no ponto mais extremo da força centrífuga, aquele mistério de forma côncava. Agora, ela se tornara apenas um borrão de branco-sobre-vermelho, o motor emitindo um agudo e furioso zumbido *Por favor!*, gritou Arnie. *Por favoooooor!*

Afinal, Will começara a girar o controle para trás, parecendo soturnamente satisfeito. O carrinho ia diminuindo a velocidade.

Se começar a acalentar idéias, basta recordar onde está seu carro, guri. Fique de bico calado, e ambos viveremos para ver outro dia. Já estive em apuros piores do que este...

Arnie estendera o braço para apanhar o carrinho, libertá-lo daquela pista de corrida. O Will do sonho empurrara sua mão.

De quem é o saco, guri?

Will, por favor...

Quero ouvir o que vai dizer.

O saco é meu.

Não se esqueça disso, guri.

Arnie despertara com isso nos ouvidos. Naquela noite, não houve mais sono para ele.

Seria tão improvável assim que Will soubesse... bem, que soubesse de algo sobre Christine? Não. Ele via muita coisa por aquela parede envidraçada, mas sabia como ficar de boca fechada — pelo menos até a hora certa de abri-la. Podia saber o que Junkins ignorava, que a regeneração de Christine em novembro não havia sido apenas estranha, como totalmente impossível. Ele adivinhava que muitos reparos jamais haviam sido feitos, pelo menos não por Arnie.

O que mais Will saberia?

Com uma rastejante friagem que subiu de suas pernas para a raiz do estômago, Arnie finalmente percebeu que Will poderia ter estado na garagem, na noite em que Repperton e os outros haviam morrido. De fato, isso era mais do que possível. *Era provável. Jimmy Sykes* não regulava bem da cabeça e Will não confiaria nele sozinho na garagem.

Você não quer abrir sua boca. Você não quer assustar-me, porque eu posso fazer isto...

Entretanto, mesmo supondo que Will soubesse, quem iria acreditar nele? Era muito tarde para agora querer iludir-se, e Arnie não conseguia mais libertar-se da inconcebível idéia... e nem mesmo queria. Quem daria crédito a Will, se ele resolvesse contar a alguém que, às vezes, Christine manobrava a si mesma? Que ela deixara a garagem por si mesma, na noite em que "Penetra" Welch fora morto, e na outra em que acidentara e matara aqueles bandidos? A polícia acreditaria nisso? Eles dariam boas gargalhadas,

isso sim. E Junkins? Estava esquentando, mas Arnie não acreditava que ele fosse capaz de aceitar tal história, mesmo querendo. Arnie lhe vira os olhos. Portanto, se Will soubesse, de que lhe adiantaria tal conhecimento?

Então, com crescente horror, Arnie compreendeu que não importava. Will estaria fora da prisão, sob fiança, no dia seguinte ou no outro. Então, Christine seria sua refém. Ele poderia incendiá-la — já incendiara inúmeros carros nos velhos tempos, como Arnie bem sabia, ao ficar sentado no escritório dele, ouvindo-o recordar — e depois de incendiada, ao se tornar uma carcaça carbonizada e inútil, havia o aparelho compressor, nos fundos, atrás da garagem. A massa queimada de Christine seguiria pela esteira rolante e se transformaria em um comprimido cubo de metal.

Os tiras haviam lacrado a garagem.

Bem, isso não adiantava muito. Will Darnell era raposa bem velha, estaria preparado para qualquer contingência. Se quisesse entrar lá e incendiar Christine, ele o faria... embora fosse muito mais provável, Arnie pensou, que contratasse um especialista em seguros para fazer o serviço — um sujeito que atiraria montes de mechas incendiárias dentro do carro e, em seguida, acenderia um fósforo.

Mentalmente, Arnie podia ver as chamas surgindo. Podia sentir o cheiro do estofamento chamuscado.

Ficou deitado no beliche da cela, com a boca seca e o coração batendo descompassadamente no peito.

Você não quer abrir a boca. Você não quer assustar-me...

Claro, se Will tentasse algo e se descuidasse — se sua concentração falhasse, por apenas um momento —, Christine o pegaria. De certa forma, no entanto, Arnie não achava que Will se descuidaria.

No dia seguinte, ele havia sido levado de volta à Pensilvânia, acusado e depois afiançado por uma soma nominal. Haveria uma audiência

preliminar em janeiro e já se falava em um júri principal. O caso do contrabando era matéria de primeira página em todo o Estado, embora Arnie fosse identificado apenas como "um jovem" cujo nome "era mantido em sigilo pelo Estado e pelas autoridades federais, em vista de sua condição como menor".

De qualquer modo, o nome de Arnie era do conhecimento geral em Libertyville. A despeito de seu recente e exuberante crescimento em *drive-ins*, cadeias de lanchonetes e boliches, Libertyville continuava sendo uma cidade universitária, onde todos sabiam da vida de todos. Aquelas pessoas, em sua maioria associadas à Universidade Horlicks, sabiam quem andara dirigindo para Will Darnell e quem havia sido preso após a divisa com o Estado de Nova Iorque em um carro com o porta-mala entulhado de cigarros contrabandeados. Era este o pesadelo de Regina.

Arnie foi para casa sob a custódia dos pais — e fiança de mil dólares —, após uma breve permanência na prisão. Em verdade, aquilo não passava de um grande e fedido jogo de Monopólio. Seus pais tinham vindo com o cartão de Saia da Cadeia. Como se esperava.

— Por que está sorrindo, Arnie? — perguntou Regina.

Michael dirigia a camionete a uma velocidade que poderia ser acompanhada por alguém a pé, procurando a casa de campo de Steve e Vicky, através dos redemoinhos da neve.

— Eu sorria?

— Sim — disse ela, e tocou-lhe o cabelo.

— Sinceramente, não me lembro — respondeu ele, de forma tão apática que Regina afastou a mão.

Tinham vindo para casa no domingo e seus pais o deixaram a sós, fosse por não quererem conversar com ele ou porque estavam profundamente

desgostosos com o filho... podendo ainda haver uma combinação de ambas as coisas. Arnie pouco estava ligando para aquilo, eis a verdade. Sentia-se desgastado e exausto, um espectro do que era antes. Sua mãe fora para a cama e dormira a tarde inteira, após tirar o telefone do gancho. Seu pai encerrava-se sem necessidade no gabinete de trabalho, usava a máquina elétrica por algum tempo e depois a abandonava.

Arnie ficou na sala de estar, vendo uma partida de futebol de desempate, sem saber quem estava jogando e nem se importando, satisfeito em ver os jogadores correndo de um lado para outro, primeiro ao brilhante calor do sol californiano, mais tarde em uma mistura de chuva e neve, que transformara o campo em poças de lama e apagara as linhas.

Por volta de seis da tarde, ele cochilou.

E sonhou.

Tornou a sonhar, nessa noite e na seguinte, na cama em que dormia desde pequeno, o olmo lá de fora jogando para o quarto sua sombra familiar (um esqueleto a cada inverno, que ganhava nova e miraculosa roupagem a cada maio). Não eram sonhos como aquele do gigantesco Will, inclinando-se para a alameda entre os carros velhos do pátio. Só conseguia recordá-los por alguns momentos, depois de acordar. Talvez fossem apenas isso. Uma figura à margem da estrada; um dedo descarnado, tamborilando em uma palma putrefata, como uma lunática paródia de instruções; uma inquietante sensação de liberdade e... fuga? Sim, fuga. Nada mais, exceto...

Sim, ele fugia daqueles sonhos e retornava à realidade, com uma imagem repetitiva: estava ao volante de Christine, dirigindo lentamente, através de terrível nevasca. A neve era tão espessa que literalmente não enxergava nada além do capô. O vento não ululava, seu som era mais grave e sinistro, um rugido baixo. Então, a imagem mudava. A neve deixava de ser neve, era papel picado caindo. O rugido do vento era o rugido de enorme multidão comprimida nas calçadas da 59 Avenida. Todos o aplaudiam. Aplaudiam Christine. Aplaudiam, porque ele e Christine tinham... tinham...

Escapado.

A cada vez que este confuso sonho recuava, ele pensava: *Quando isto terminar, eu vou embora. Vou embora, com toda a certeza. Vou rodar até o México.* E o México, quando ele imaginava seu sol inalterável e sua quietude rural, parecia mais real do que os sonhos.

Pouco depois de acordar do último de tais sonhos, acudira-lhe a idéia de passar o Natal com tia Vicky e tio Steve, exatamente como nos velhos tempos. Acordara com essa idéia e ela se firmara em sua cabeça com peculiar persistência. Parecia uma idéia excelente, importantíssima. Sair de Libertyville, antes...

Bem, antes do Natal. O que mais poderia ser?

Assim, começou a falar nisso com os pais, sendo mais particularmente insistente com Regina. Na quarta-feira, ela entregou os pontos repentinamente e concordou. Arnie sabia que ela falara com a irmã, e Vicky não assumira atitudes de mandona, portanto estava tudo certo.

Agora, na véspera do Natal, Arnie sentia que *tudo* em breve estaria absolutamente perfeito.

— Lá está, Mike — disse Regina —, e você vai entrar direitinho por ela, como sempre faz, cada vez que viemos aqui.

Michael soltou um grunhido e manobrou para a entrada de carros.

— Eu já tinha visto — respondeu, no tom perpetuamente defensivo que sempre parecia usar com a esposa.

Ele é um burro, pensou Arnie. *Ela fala com ele como a um burro, o comanda como a um burro e ele zurra como um burro.*

— Você está sorrindo de novo — disse Regina.

— Estava pensando no quanto amo vocês dois — respondeu Arnie.

Michael olhou para ele, surpreso e comovido; nos olhos de sua mãe

surgiu um brilho suave, que poderia ter sido provocado por lágrimas. Eles realmente acreditavam. Os bostas.

Eram umas três da tarde daquela véspera de Natal e a neve permanecia caindo em rajadas esporádicas, embora tais rajadas começassem a soldar-se, uma as outras. Segundo os meteorologistas, o atraso na chegada da tempestade nada prenunciava de bom. Ela se tinha compactado, o que tornava as coisas ainda piores. Havia previsões de possíveis acúmulos, variando de trinta a quarenta e cinco centímetros, com fortes desvios dos ventos mais fortes.

Leigh Cabot estava na sala de visitas de sua casa, diante de uma pequena árvore de Natal natural em que já começavam a despontar as agulhas (em sua casa, ela era a voz do tradicionalismo e, durante quatro anos, havia vencido a vontade do pai, que preferia uma árvore artificial, bem como a da mãe, que optava por um ganso ou galinha assada na época dos feriados, em vez do peru tradicional do Dia de Ação de Graças). Leigh estava sozinha em casa. Seus pais tinham ido à residência dos Stewarts, para os drinques de véspera de Natal. O Sr. Stewart era o novo chefe de seu pai e os dois davam-se bem. A Sra. Cabot esforçava-se em promover aquela amizade. Nos últimos dez anos, os Cabots se haviam mudado seis vezes, começando tudo de novo e, dentre todos os lugares onde tinham morado, sua mãe gostara mais de Libertyville. Queria continuar ali, e a amizade do marido com o novo chefe poderia contribuir bastante para realizar esse seu desejo.

Absolutamente só, e ainda virgem, pensou ela. Era uma idéia totalmente idiota mas de qualquer modo, Leigh se levantou de repente, como se tivesse sido espetada. Foi à cozinha, demasiado consciente dos pequeninos ruídos do país das maravilhas em fórmica: relógio elétrico, o forno onde estava sendo assado um presunto (*virá-lo às seis, se eles ainda não tiverem voltado*, recordou-se), um baque seco do congelador da Frigidaire, indicando a fabricação de mais um cubo de gelo.

Abriu a geladeira, viu uma embalagem de seis Cocas, ao lado da cerveja de seu pai e pensou: *Afasto-me de mim, Satanás!* Mesmo assim, ela apanhou uma lata. Pouco importava, se lhe estragasse a pele. Agora não ia mais sair com ninguém. E daí, se lhe nascessem espinhas?

A casa vazia a deixava inquieta. Isso jamais acontecera antes; Leigh sempre se sentira satisfeita e absurdamente competente quando seus pais a deixavam só — sem dúvida, uma reminiscência da infância. A casa sempre lhe parecera confortadora, mas agora os sons da cozinha, o uivo do vento aumentando lá fora, até mesmo o rumor de seus chinelos no linóleo — tais sons pareciam sinistros, até amedrontadores. Se tudo tivesse ocorrido de maneira diferente, Arnie poderia estar ali, com ela. Seus pais, especialmente sua mãe, tinham gostado dele. A princípio. Agora, naturalmente, depois do sucedido, sem dúvida sua mãe até lhe lavaria a boca com sabão, se soubesse que estivera pensando nele. No entanto, ela *pensava* nele. Pensava nele quase o tempo todo. Perguntando-se por que Arnie mudara. Perguntando-se como ele estaria aceitando o sucedido. Perguntando-se se ele estaria legal.

O vento aumentou de tom até uivar, em seguida diminuindo um pouco, recordando-lhe — sem qualquer motivo, naturalmente — o motor de um carro, acelerando e depois desacelerando.

Sem retorno da Curva do Homem Morto, sussurrou sua mente, de modo estranho. Então, sem o menor motivo (lógico) ela foi até a pia e despejou a Coca no ralo, perguntando-se se iria chorar, vomitar ou o quê.

Leigh percebeu, com uma surpresa crescente, seu estado de quase terror.

Sem o menor motivo.

Lógico.

Afinal, seus pais haviam deixado o carro na garagem (carros, estava com carros no cérebro). Não gostava de pensar no pai tentando voltar para casa, ao sair da residência dos Stewarts, dirigindo um tanto zonzo devido a

três ou quatro martinis (exceto que eles sempre o chamavam martunis, em típica atitude gozadora de adultos). Eram apenas três quarteirões de distância e eles dois haviam saído bem agasalhados e risonhos, como duas crianças grandes, preparando-se para fazer um boneco de neve. A caminhada de volta os tornaria sóbrios. Seria bom para ambos. Seria bom se...

O vento tornou a intensificar-se — zumbindo em torno das calhas e depois murmurando — e, de súbito, Leigh viu seus pais embriagados caminhando pela rua, entre nuvens de neve solta, um amparando o outro para que nenhum caísse sobre o traseiro, rindo muito. Papai talvez beliscasse mamãe, através de suas calças para a neve. A maneira como ele às vezes a beliscava, quando ficava um pouco tonto de bebida, era algo que sempre deixara Leigh irritada, porque parecia um ato demasiado juvenil, para ser praticado por um adulto formado. Naturalmente, é claro, ela os amava. Seu amor era uma parte da irritação, e sua exasperação ocasional com eles constituía uma grande parte do amor que lhes dedicava.

Os dois estariam caminhando juntos, através de uma neve tão espessa como fumaça, e então dois enormes olhos verdes se abriam na brancura atrás deles, parecendo flutuar... olhos que se assemelhavam terrivelmente aos círculos dos instrumentos do painel de um carro, os mesmos que vira, quando quase morrera sufocada... e aqueles olhos iam crescendo... perseguindo seus indefesos, risonhos e empilecados pais.

Leigh respirou bruscamente e voltou à sala. Chegou até o telefone, quase o tocou, mas então afastou-se e retornou à janela, de onde ficou olhando para a brancura, os cotovelos apoiados nas palmas em concha.

O que lhe competia fazer? Telefonar para eles? Dizer-lhes que estava sozinha em casa, que ficara pensando no carro velho e algo sorrateiro de Arnie, sua namorada de aço chamada Christine e, por isso, queria que eles voltassem para casa, por temer pelos dois e por si mesma? O que devia fazer?

Seja esperta, Leigh. Esperta.

A superfície negra da rua, após ter sido limpa, desaparecia novamente sob neve recente, mas devagar. Só agora tinha começado a nevar com mais intensidade e o vento tentava limpar a rua periodicamente com fortes rajadas, as quais enviavam membranas de neve pulverizada, que subia e se fundia ao céu cinza-alvacento da tarde borrascosa, como fantasmas de fumaça que se contorciam lentamente...

Oh, mas o terror estava ali, era real — e ia acontecer alguma coisa. Ela sabia. Ficara abalada, ao saber que Arnie fora detido por contrabando, mas essa reação nada significava, diante do choque, do medo doentio que sentira ao abrir o jornal dias antes e ver o que acontecera a Buddy Repperton e aqueles outros dois rapazes — um dia em que seu primeiro, louco, terrível e, de certa forma, exato pensamento, havia *sido*: *Christine*.

E agora pendia fortemente sobre ela a premonição de mais uma negra ameaça, não conseguia libertar-se daquilo, era ridículo, Arnie estivera na Filadélfia, como membro de um torneio de xadrez, ela fizera perguntas a respeito do dia certo — e uma coisa nada tinha a ver com a outra, e não ia mais pensar naquilo, ligaria todos os rádio e a televisão, para encher a casa de sons e impedi-la de pensar naquele carro que fedia como uma sepultura, naquele carro que tentara liquidá-la, assassiná-la...

— Oh, que droga! — sussurrou. — Por que não *para* com isso?

Seus braços enrijeceram com os arrepios.

Voltou bruscamente para junto do telefone, encontrou o catálogo e, como fizera Arnie certa noite, duas semanas antes, Leigh ligou para o Hospital Comunitário de Libertyville. A voz agradável de uma recepcionista informou que o Sr. Guilder recebera alta naquela manhã. Leigh agradeceu e desligou.

Ela ficou pensativa na sala de visitas, olhando para a pequena árvore de Natal, os presentes, a manjedoura a um canto. Em seguida, procurou o número dos Guilders no catálogo e discou.

— Leigh! — exclamou Dennis, agradavelmente surpreso. O fone na mão dela estava frio.

— Posso ir aí falar com você, Dennis?

— Hoje? — perguntou ele, sem entender.

Pensamentos confusos passaram pela mente de Leigh. O presunto no forno. Tinha que desligar o forno às cinco horas. Seus pais estariam em casa. Era véspera de Natal. A neve. E... e ela não pensou se seria seguro sair aquela noite. Caminhar pelas calçadas, quando alguma coisa podia estar espreitando, dentro da neve. Qualquer coisa. Não podia, principalmente nessa noite, e isso era o pior. Ela não pensou se seria seguro estar fora de casa nessa noite.

— Leigh?

— Não, esta noite, não — respondeu. — Estou tomando conta da casa para meus pais. Os dois foram a um coquetel.

— Certo, os meus também — disse Dennis alegre. — Eu e minha irmã estamos jogando Parcheesi. Ela está roubando.

Uma voz soou fracamente:

— Não estou roubando coisa nenhuma.

Em outra época, aquilo seria engraçado. Não agora.

— Depois do Natal. Na terça-feira, talvez. Dia vinte e seis. Está bem assim?

— Claro — respondeu ele. — É sobre Arnie, Leigh?

— Não — disse ela, apertando o telefone com tanta força que sua mão ficou entorpecida. Precisou esforçar-se para controlar a voz. — Não... Não se trata de Arnie. Quero conversar com você sobre Christine.

DESABA A TEMPESTADE

Minha máquina é envenenada, com tração nas quatro rodas,

Tem um motor Roadrunner, em um Ford 32,

Sim, e noite alta, quando estou sem fazer nada,

Juro que penso em seu rostinho, quando a deixo rodar.

Bem, olhe lá longe, vê aquelas luzes da cidade?

Vamos, queridinha, venha motorar esta noite.

— Bruce Springsteen

Pelas cinco horas daquela tarde, a tempestade havia embranquecido a Pensilvânia, varando o Estado de uma fronteira à outra, uivando, com a goela ululante cheia de neve. Não houve nenhuma correria final de compras às vésperas do Natal. Em sua maioria, os exaustos e abatidos balconistas e todos os que lidavam com vendas agradeceram o imprevisto à Mãe Natureza, embora perdessem as horas extras de trabalho. Saboreando drinques diante do agradável fogo de lareiras acesas pouco antes, eles comentavam que já teriam serviço de sobra na terça-feira, quando comesçassem as devoluções.

A Mãe Natureza não parecia tão maternal assim naquela tarde, quando um prematuro crepúsculo foi substituído por absoluta escuridão e depois por uma noite de nevasca. Naquela noite, ela foi uma terrível feiticeira pagã, uma megera comandando o vento, e o Natal não significava nada para ela; arrancou todos os ouropéis da Câmara do Comércio e os enviou piruetando para o alto do céu escuro, soprou a grande cena de natalidade à frente do posto policial, atirando-a para um monte de neve, onde as ovelhas, as cabras, a Mãe de Deus e o Menino só seriam encontrados no próximo janeiro, que os revelaria. E, como cusparada final no olho da temporada dos feriados, arrancou a árvore de doze metros à frente do Edifício Municipal de Libertyville, enviando-a através de uma enorme janela para dentro do gabinete do Avaliador de Impostos da cidade. Muitos

disseram mais tarde que o lugar fora bem escolhido.

Às sete da noite, os limpa-neve não davam mais conta do recado. Às sete e quinze, um ônibus abriu caminho laboriosamente pela Main Street, tendo mais atrás uma fila de carros seguindo sua traseira prateada, como filhotes acompanhando a mãe. Então a rua ficou vazia, exceto por uns poucos carros estacionados obliquamente, que já haviam ficado enterrados até os pára-choques, após a passagem dos veículos limpa-neve. De manhã, a maioria deles estaria sepultada por completo. No cruzamento de Main Street e Basin Drive, um sinal de trânsito, cuja luz não dirigia ninguém em absoluto, foi torcido pelo vento e dançou suspenso em seu cabo. Houve um súbito e crepitante som elétrico e a luz apagou. Dois ou três passageiros do último ônibus da cidade atravessavam a rua nesse momento; olharam para cima e andaram mais depressa.

Lá pelas oito da noite, quando os Cabots finalmente chegaram em casa (para Leigh um imenso mas não falado alívio), as estações locais de rádio transmitiam um pedido da Polícia Estadual da Pensilvânia, para que todos se mantivessem afastados das ruas e estradas.

Às nove horas, quando Michael, Regina e Arnie Cunningham, munidos de ponche quente com rum (reconhecidamente uma Especialidade da Temporada, obra de tio Steve), estavam em torno da televisão com tio Steve e tia Vicky, para verem Alastair Sim em *Uma canção de Natal*, uma extensão de sessenta e cinco quilômetros da auto-estrada de pedágio da Pensilvânia havia sido fechada pela neve impelida e amontoadada pelo vento. Por volta de meia-noite, toda ela estaria intransitável.

Às nove e meia, quando os faróis dianteiros de Christine se acenderam subitamente na solitária garagem de Will Darnell, colocando um brilhante arco na escuridão interior, Libertyville estava com todas as ruas impedidas, exceto pela passagem ocasional de algum veículo limpa-neve.

Na garagem silenciosa, o motor de Christine disparou e morreu.

Disparou e morreu.

No assento dianteiro vazio, a alavanca de mudança baixou para DRIVE.

Christine começou a mover-se.

O dispositivo eletrônico, preso no pára-brisa, zumbiu brevemente. Seu som sussurrante se perdeu no ulular do vento, mas a porta o ouviu; chocalhou obedientemente para cima em seus trilhos. A neve foi soprada para o interior e rodopiou como poeira na garagem.

Christine partiu para o exterior, espectral dentro da neve. Dobrou à direita e desceu a rua, seus pneus cortando fundo a neve, com firmeza e precisão, sem patinar, derrapar ou vacilar.

Um sinal se acendeu — um olho âmbar e pestanejante na neve. Ela dobrou para a esquerda, em direção à estrada JFK.

Don Vandenberg sentava-se atrás da mesa, no escritório do posto de gasolina de seu pai. Seus pés e seu pênis estavam erguidos. Ele lia um dos livros pornográficos do pai, um volume altamente mordaz e provocante, intitulado *As Trepadas de Pammie*. Pammie já havia trepado com todo mundo, excetuando-se o leiteiro e o cachorro. O leiteiro vinha subindo a rua e o cachorro jazia aos pés dela. quando a sineta tocou, indicando um freguês.

Don ergueu os olhos, impaciente. Telefonara para seu pai às seis horas, quatro horas atrás, perguntando se não seria melhor fechar o posto — não haveria aquela noite movimento suficiente que pagasse a eletricidade consumida pelo leiteiro. Já em casa, aquecido, com bebida nas tripas e seguramente abrigado, ele respondera para mantê-lo aberto até meia-noite. Se jamais houvesse um Scrooge, pensara Don ressentido, ao bater com o telefone no gancho, esse era seu velho.

O simples fato era que Don não gostava mais de ficar ali sozinho, durante a noite. Tempos atrás — e não fazia muito — ele teria companhia à

vontade. Buddy estaria lá, e Buddy era como um ímã, atraindo os outros com sua bebida, sua coca ocasional, mas acima de tudo pela simples força de sua personalidade. Agora, no entanto, todos se tinham ido. Todos eles.

Havia vezes, no entanto, que Don imaginava o contrário. Por vezes (quando estava sozinho, como naquela noite), tinha a impressão de que poderia erguer os olhos e vê-los sentados ali — Richie Trelawney de um lado, "Penetra" Welch do outro e Buddy entre eles, com uma garrafa de Texas Driver na mão e um baseado atrás da orelha. Horrivelmente pálidos, todos três parecendo vampiros, tinham olhos vidrados, como os de um peixe morto. Então, Buddy erguia a garrafa e sussurrava: *Tome um gole, seu filho da mãe — logo estará morto, como nós.*

Algumas vezes tais fantasias eram tão reais que o deixavam com a boca seca e as mãos trêmulas.

E Don estava perfeitamente a par dos motivos. Eles nunca deveriam ter arreventado o carro do Cara de Cona aquela noite. Cada um dos que haviam tomado parte na brincadeira tivera morte horrível. Todos eles, quer dizer, exceto ele próprio e Sandy Galton. Sandy se enfiara em seu velho e estropiado Mustang, no qual desaparecera para qualquer lugar. Durante aqueles longos turnos da noite, Don freqüentemente pensava que gostaria de fazer o mesmo.

Lá fora, o freguês tocou a buzina.

Don bateu com o livro em cima da mesa, perto da máquina de cartões de crédito, suja de graxa. Depois lutou para enfiar sua jaqueta esforçando-se para ver o carro e perguntando-se quem seria louco o bastante para aventurar-se na rua, debaixo de semelhante tempestade. Devido à neve que o vento fazia esvoaçar, era impossível deduzir algo sobre o carro ou o motorista; Don não conseguiu ter certeza de nada, excetuando-se os faróis e o formato da carroceria, que era comprida demais para um carro novo.

Algum dia, pensou ele, enfiando as luvas e dando um relutante adeus à sua ereção, seu pai instalaria bombas automáticas e toda aquela merda

teria fim. Se havia pessoas birutas o suficiente para saírem de casa em noites iguais àquela, que bombeassem sua própria gasolina.

A porta quase foi arrancada de sua mão. Precisou segurá-la com todas as forças, para que não escapasse e batesse de volta na lateral de concreto do prédio e talvez estilhaçasse a vidraça. Esforçou-se tanto que quase caiu sentado sobre o traseiro. A despeito do uivo persistente do vento (que estivera tentando não ouvir), havia subestimado inteiramente a potência da tempestade. A própria profundidade da neve — além de vinte centímetros — o ajudou a manter-se de pé. *Esse carro fodido deve estar com pneus para neve*, pensou ressentido. *Se o cara me vier com cartão de crédito sou bem capaz de quebrar a espinha dele.*

Abriu caminho penosamente na neve, aproximando-se do primeiro conjunto de ilhas. O filho da mãe estacionara no conjunto mais distante. Naturalmente. Don tentou erguer, os olhos uma vez, mas o vento lhe jogou neve no rosto, em uma lambada fedorenta, e ele baixou a cabeça depressa, deixando que o topo do capuz da jaqueta recebesse o impacto maior.

Cruzou pela frente do carro, banhado por um momento pela luz brilhante, mas fria, dos faróis dianteiros duplos. Caminhando com dificuldade, chegou ao lado do motorista. As luzes fluorescentes da ilha em que ficava a bomba transformavam o carro em uma espalhafatosa mancha borgonha de branco-sobre-púrpura. As bochechas de Don já estavam entorpecidas. *Se o cara quiser um dólar de gasolina e me pedir para checar o óleo, vou dizer pra ele enfiar no rabo*, pensou, e levantou a cabeça para as ferroadas da neve, quando o vidro da janela foi descido.

— Em que posso a... — começou ele, e a palavra *ajudá-lo* se tornou um grito alto, sibilante e impotente: — *aaaaaaahhhhhhh..!*

Inclinando-se para fora da janela, a menos de quinze centímetros de seu próprio rosto, estava um cadáver putrefato. Seus olhos eram enormes órbitas vazias, os lábios mumificados tinham sido repuxados para trás, sobre alguns poucos dentes amarelados. Uma das mãos, alvacentas, jazia sobre o

volante. A outra, estalando horrivelmente, adiantava-se para tocá-lo.

Don chapinhou para trás, seu coração uma máquina desembestada no peito, seu terror uma monstruosa rocha quente na garganta. A coisa morta acenou para ele, sorrindo, enquanto o motor do carro roncava subitamente, ao ser acelerado.

— *Encha o tanque* — sussurrou o cadáver. A despeito de seu choque e seu horror, Don viu que ele usava os esfarrapados remanescentes de um uniforme do Exército, manchado de bolor. — *Encha, seu bosta!*

Os dentes da caveira sorriram, iluminados pela luz fluorescente. Mais no fundo daquela boca, cintilou um pedacinho de ouro.

— *Tome um gole, filho da mãe* — sussurrou outra voz roucamente, e Buddy Repperton inclinou-se para diante no assento traseiro, estendendo uma garrafa de Texas Driver para Don. Vermes afloraram e se torceram em seu sorriso. Besouros rastejaram no que lhe restava de cabelo. — *Acho que está precisando.*

Don gritou agudamente, o som esganiçando-se ao partir de sua garganta. Girou sobre si mesmo e correu através da neve, em grandes saltos como um desenho animado; tornou a guinchar, quando o motor do carro clamou toda a potência de seus cilindros. Olhando por sobre o ombro, ele viu que era Christine, o automóvel parado perto das bombas, a Christine de Arnie, que agora se movia, soltando neve em jatos com seus pneus traseiros. As coisas que ele vira haviam desaparecido — o que, de certa forma, ainda era pior. As coisas tinham sumido. O carro se movia sozinho.

Don virou-se para a rua e agora escalava o monte de neve formado pelos limpa-neve que passavam. Desceu pelo outro lado. Ali, o vento havia varrido o pavimento, deixando-o limpo de tudo, exceto de um ocasional montículo de neve. Don escorregou em um deles. Seu pé escapuliu e ele caiu de costas, com um baque surdo.

Um momento depois, a rua era inundada por luz branca. Don rolou

sobre si e ergueu o rosto, os olhos apertados loucamente nas órbitas, em tempo de ver os imensos círculos brancos dos faróis de Christine, quando ela irrompeu através do monte de neve e arremeteu sobre ele, como uma locomotiva.

À semelhança da Gália, todo o setor de Libertyville Heights era dividido em três partes. O semicírculo mais próximo da cidade, sobre os baixios das montanhas, tinha sido conhecido como Liberty Lookout — até meados do século XIX (uma Placa do Bicentenário, na esquina das Ruas Rogers e Tacklin, recordava o fato) — e era a única área realmente pobre da cidade. Tratava-se de uma zona superlotada de edifícios e construções com estruturas de madeira. Varais de roupas enfileiravam-se desordenadamente pelos quintais que, em estações mais temperadas, pululavam de crianças e brinquedos baratos — na maioria dos casos, tanto as crianças como os brinquedos estavam em péssimas condições. Essa vizinhança, que outrora pertencera à classe média, fora cada vez mais negligenciada desde que, em 1945, cessaram os empregos de guerra. O declínio instalou-se lentamente a princípio, depois ganhando velocidade nos anos 60 e início dos 70. Agora chegava o pior, embora ninguém se aventurasse a afirmá-lo, pelo menos em público, quando o declarante poderia ser citado. Os negros se mudavam para lá. O fato era comentado, em particular nas melhores partes da cidade, entre churrascos e drinques: os negros, que Deus nos ajude, os negros estão descobrindo Libertyville. A área, inclusive, até já ganhara um nome — não era mais Liberty Lookout, mas Low Heights, isto é, o lado inferior de Heights. Era um nome que para muitos tinha um sabor arrepiante de gueto. O editor do *Keystone* tinha sido discretamente informado, por vários de seus anunciantes de peso, que o uso impresso de tal frase, que assim ficaria legitimada, os deixaria muito aborrecidos. E o editor, cuja mãe nunca criara idiotas, jamais a imprimiu.

Heights Avenue partia de Basin Drive, em Libertyville propriamente dita, para então começar a subir. A avenida seguia destramente por entre

Low Heights, deixava esta zona para trás e então embrenhava-se por um cinturão verde, penetrando a seguir em uma área residencial. Esta parte da cidade era conhecida simplesmente como Heights. Tudo isto talvez pareça um tanto confuso — Heights-isto e Heights-aquilo —, mas os moradores de Libertyville sabiam do que estavam falando. Mencionar Low Heights significava pobreza, gentilha e coisas assim. Abandonado o adjetivo "Low", significava a direção contrária à pobreza. Era ali que se situavam as belas e antigas residências, em sua maioria elegantemente distanciadas da rua e, algumas das mais refinadas, erguidas atrás de espessas sebes de seixos. Os impulsionadores de Libertyville e os endinheirados residiam nesse setor — o dono do jornal, quatro médicos, a rica e amalucada neta do homem que inventara o sistema ejetor disparo-rápido, para pistolas automáticas. Em sua maioria, os demais residentes eram advogados.

Além desta área dos poderosos da cidadezinha respeitável, Heights Avenue passava através de uma zona de bosques, em realidade demasiado densa para ser chamada de cinturão verde. No ponto mais alto de Heights, a Stanson Road se ramificava para a esquerda e ia morrer no *Embankment*, um terrapleno acima da cidade e do *drive-in* de Libertyville.

No outro lado desta montanha baixa (mas também conhecida como Heights) situava-se uma vizinhança razoavelmente antiga da classe média, onde casas de quarenta e cinquenta anos envelheciam lentamente. Quando esta área começava a transformar-se em zona rural, Heights Avenue passava a ser County Road N° 2.

Às dez e meia daquela véspera de Natal, um Plymouth 1958, pintado em duas cores, começou a subir pela Heights Avenue, suas luzes abrindo caminho através da densa escuridão entupida de neve. Os residentes veteranos de Heights diriam que nada — exceto, talvez, um veículo com tração nas quatro rodas — conseguiria subir a Heights Avenue aquela noite, mas o fato é que Christine seguiu em frente, desenvolvendo uns constantes cinquenta quilômetros por hora, os faróis dianteiros sondando o terreno, seus limpadores de pára-brisa movendo-se ritmicamente para um lado e para

outro, totalmente vazia no interior. As marcas frescas de seus pneus eram as únicas, em lugares que chegavam quase a trinta centímetros de profundidade. O vento persistente as enchia com rapidez. De vez em quando, seu pára-choque dianteiro e o capô explodiam através da crista de um monte de neve acumulada pelo vento, focinhando a neve pulverizada para os lados, sem nenhuma dificuldade.

Christine passou pela ramificação da Stanson Road e seguiu até a terraplenagem do *Embankment*, onde Arnie e Leigh haviam tido um encontro certa vez. Chegou ao alto de Libertyville Heights e começou a descer para o extremo mais distante, a princípio através de bosques escuros, cortados apenas pela fita branca que assinalava a estrada, depois pelas casas suburbanas, com suas aconchegantes luzes na sala de estar e, em alguns casos, exibindo alegres guirlandas de luzes natalinas. Em uma daquelas casas, um homem jovem que acabara de desempenhar o papel de Papai Noel e que tomava um drinque de comemoração com a esposa, olhou casualmente para fora e viu os faróis que iam passando. Apontou-os para ela.

— Se aquele sujeito subiu até Heights esta noite — comentou, com um sorriso —, deve ter vindo empurrado pelo demônio.

— Esqueça — respondeu ela. — E agora que as crianças já tiveram a sua parte, o que eu vou ganhar de Papai Noel?

Ele tornou a sorrir.

— Daremos um jeito nisso — respondeu.

Num lugar mais distante da rua, quase onde os Heights deixavam de ser os Heights, Will Darnell estava sentado na sala da casa simples de dois pavimentos, que lhe pertencera por trinta anos. Usava um surrado e desbotado roupão azul por cima da calça do pijama, a enorme barriga projetando-se como uma lua intumescida. Assistia à conversão final de Ebenezer Scrooge, junto à Bondade e à Generosidade, mas em realidade

nada via. Sua mente seguia mais uma vez à deriva, através das peças de um quebra-cabeça que se tornava cada vez mais fascinante: Arnie, Welch, Repperton, Christine. Will envelhecera uma década naquela semana ou pouco mais, após a incursão policial. Tinha dito àquele tira Mercer que estaria de volta aos negócios, no mesmo lugar, dentro de duas semanas. No entanto, tinha suas dúvidas. Parecia-lhe que, ultimamente, sua garganta vivia viscosa, devido ao sabor do maldito inalador.

Arnie, Welch, Repperton... Christine.

"— Rapaz!" — chamou Scrooge, de sua janela, como uma caricatura do Espírito do Natal, em sua camisola e touca de dormir. — "Aquele belo peru continua exposto na vitrine do açougueiro?"

"— Qual?" — perguntou o garoto. — "Aquele do meu tamanho?"

"— Sim, sim" — respondeu Scrooge, rindo sufocadamente, selvagememente. Era como se os três espíritos, em vez de salvá-lo, o tivessem enlouquecido. — "Aquele do seu tamanho!"

Arnie, Welch, Repperton... LeBay?

Por vezes, ele achava que não fora a ação policial que o deixara tão prostrado, que o fazia sentir-se exausto e amedrontado o tempo todo. Tampouco era o fato de haverem atuado contra seu contador favorito ou porque o pessoal dos impostos federais estivesse metido naquilo e, desta feita, para valer. Os homens dos impostos não eram o motivo por ter começado a esquadrinhar a rua, antes de sair de casa pela manhã; o Gabinete do Procurador-geral do Estado nada tinha a ver com os súbitos olhares que passara a deitar para trás, sobre o ombro, quando vinha de carro para casa à noite, voltando da garagem.

Já analisara infinitamente o que tinha visto aquela noite — ou o que julgava ter visto. Vezes e vezes sem conta, tentando convencer-se de que aquilo não tinha sido real em absoluto... ou que era absolutamente real. Pela primeira vez, em anos, via-se duvidando dos próprios sentidos. E, à medida que o evento recuava no passado, ficava mais fácil acreditar que tinha

adormecido e sonhara tudo aquilo.

Will não tinha visto Arnie desde a ação policial e nem tentara telefonar para ele. A princípio, havia pensado em usar seu conhecimento sobre Christine como arma para manter fechada a boca de Arnie, caso ele enfraquecesse e quisesse falar — Deus sabia que o garoto podia ir longe, a fim de enviá-lo para a prisão, se cooperasse com os tiras. Somente depois que a polícia agiu por toda parte, Will percebeu o quanto o garoto sabia, o que lhe valeu alguns amedrontados momentos de auto-avaliação (algo mais se tornaria perturbador, sendo tão estranho à sua natureza): teriam *todos* eles sabido tanto? Repperton e todos os bandidos clones de Repperton, estendendo-se no correr dos anos? Poderia ele, realmente, ter sido tão estúpido?

Não, acabou decidindo. Era apenas Cunningham. Porque Cunningham era diferente. Parecia captar as coisas quase intuitivamente. Não costumava contar vantagens, beber ou mentir. De uma forma singular, Will se sentia quase paternal em relação a ele — não que vacilasse em colocar o garoto em seu devido lugar, caso ele tivesse a mais remota idéia de virar o barco. *E tampouco vacilaria agora*, garantiu a si mesmo.

Na TV, um mal-acabado Scrooge em preto e branco estava em companhia dos Cratchit. O filme chegava ao fim. Aquele bando, todos eles, pareciam amalucados, eis a verdade, mas Scrooge era, sem a menor dúvida, o pior. A expressão de louca alegria em seu olhar não diferia muito da de um homem que Will conhecera vinte anos antes, um sujeito chamado Everett Dingle, que saíra da garagem para casa, certa tarde, e assassinara toda a família.

Will acendeu um charuto. Qualquer coisa valia a pena, para tirar o sabor do inalador de sua boca, aquele gosto infecto. Ultimamente, respirar parecia mais difícil do que nunca. Os malditos charutos ainda pioravam a situação, mas ele estava velho demais para mudar.

O garoto não tinha falado — pelo menos, ainda não. Eles tinham

apanhado Henry Buck, Will ficara sabendo por seu advogado. Henry, com sessenta e três anos, avô, negaria Cristo três vezes, se lhe prometessem liberação ou suspensão da pena, em troca de suas declarações. O velho Henry Buck estava vomitando tudo quanto sabia o que, felizmente, não era grande coisa. Estava a par dos "fogos-de-artifício" e cigarros, mas isso constituía apenas dois elos do que, certa vez, havia sido uma cadeia de seis ou sete elos, abrangendo bebida, carros roubados, armas de fogo com abatimento (incluindo-se algumas metralhadoras, vendidas a fanáticos por armas e caçadores homicidas, que queriam ver se elas "realmente dilaceram um alce, como me contaram"), e antigüidades roubadas da Nova Inglaterra. E, nos últimos dois anos, cocaína. Este último havia sido um engano; Will agora sabia disso. Aqueles colombianos lá de Miami eram tão loucos como ratos em uma casa de drogas. Por falar nisto, eles *eram* os ratos da casa de drogas. Graças a *Deus*, Arnie não fora agarrado levando meio quilo de coca.

Bem, os tiras iam feri-lo desta vez — a que ponto, muito ou pouco, dependia bastante daquele especial garoto de dezessete anos e, talvez, de seu também especial carro. As coisas estavam tão delicadamente equilibradas como um castelo de cartas — e Will hesitava entre fazer ou dizer alguma coisa, temendo que a situação mudasse para pior. E sempre havia a possibilidade de que Cunningham lhe risse na cara e o chamasse de louco.

Will levantou-se, com o charuto preso entre os maxilares, e desligou o aparelho de televisão. Devia ir para cama, porém seria bom tomar um *brandy* primeiro. Ele agora vivia cansado, mas o sono custava a chegar.

Virou-se na direção da cozinha... e foi quando a buzina começou a soar fora da casa. O som chegou até ele acima do uivo do vento, em buzinas curtas e imperativas.

Will parou de repente na porta da cozinha e apertou com firmeza o roupão em torno da barriga volumosa. Seu rosto ficou atento, concentrado e vivo, subitamente o rosto de um homem muito mais novo. Ficou ali por um

momento mais.

Três outras buzinas bruscas e breves.

Deu meia-volta, tirando o charuto da boca, e caminhou lentamente pela sala de estar. Um quase sonhador senso de *déjà vu* passou sobre ele como água tépida. Misturado a uma impressão de fatalismo.

Sabia que era Christine lá fora, antes mesmo de erguer a cortina e espiar. Viera buscá-lo, e pensou que já parecia saber disso.

O carro estava no início da alameda que vinha até a garagem, pouco mais do que um fantasma, nas membranas da neve que soprava. A claridade dos faróis brilhava em cones que se alargavam e por fim desapareciam dentro da tempestade. Por um momento, Will teve a impressão de haver alguém ao volante, mas piscou de novo e viu que o carro estava vazio. Tão vazio como quando retornara à garagem, naquela noite.

Fom! Fom! Fom-fom!

Quase como se estivesse falando.

O coração de Will bateu pesadamente em seu peito. Virou-se bruscamente para o telefone. Chegara, afinal, o momento de telefonar para Cunningham. Ligar para ele, e dizer-lhe que acorrentasse seu demônio de estimação.

Estava a meio caminho quando ouviu o motor do carro gritar. Era um som semelhante ao brado estridente de uma mulher, farejando traição. Um momento depois, houve um forte rangido. Will retornou à janela, a tempo de ver o carro dando marcha à ré, do enorme monte de neve que fechava o final de sua entrada para a garagem. O capô de Christine estava pulverizado de neve e ligeiramente ondulado. O motor tornou a acelerar. As rodas traseiras giravam sobre a neve pulverizada e então aderiram ao solo. O Plymouth saltou através da rua nevada e arremeteu novamente contra o monte de neve. Mais neve foi atirada para o alto, desgarrando-se ao vento

como fumaça de charuto, jogada diante de um ventilador.

Jamais conseguirá, pensou Will. E mesmo que consiga invadir a entrada da garagem... e daí? Está pensando que vou sair e fazer seu jogo?

Com a respiração sibilando mais agudamente do que nunca, ele voltou para junto do telefone, verificou o número da casa de Cunningham e começou a discá-lo. Seus dedos ficaram nervosos, errou os números, praguejou, atingiu o dispositivo de desligar, começou outra vez.

Lá fora, o motor de Christine acelerou. Um instante depois houve um rangido, quando ela atingiu o monte de neve pela terceira vez. O vento uivou, e a neve atingiu a grande janela envidraçada, como areia seca. Will passou a língua pelos lábios e tentou respirar mais devagar. No entanto, sua garganta se comprimia, podia senti-lo.

O telefone começou a tocar no outro extremo. Três vezes. Quatro.

O motor de Christine gritou. Depois o baque forte, quando atingiu os montes de neve que os limpa-neve de passagem haviam empilhado nas duas extremidades da entrada para carros semicircular.

Seis toques. Sete. Ninguém em casa.

— Merda! — sussurrou Will, e bateu com o telefone no gancho.

Seu rosto estava pálido, as narinas tremulavam, dilatadas, como as de um animal farejando o fogo a favor do vento. Seu charuto se apagara. Atirou-o ao tapete e bateu no bolso do roupão de banho, enquanto quase corria para a janela. Sua mão encontrou a forma confortadora do inalador e os dedos se fecharam em torno do dispositivo que o fazia funcionar.

As luzes dos faróis brilharam momentaneamente em seu rosto, quase o cegando, e ele ergueu a mão livre para proteger os olhos. Christine colidiu de novo contra o banco de neve. Pouco a pouco ia abrindo caminho para a entrada de carros. Will a viu recuar para a rua e desejou, ferozmente, que um limpa-neve aparecesse nesse instante e batesse no carro, fazendo-o capotar.

Nenhum limpa-neve apareceu. Christine atacou de novo, o motor uivando, as luzes ofuscando através do relvado coberto de neve. Bateu contra o monte, empurrando punhados de neve violentamente para os lados. A dianteira se inclinou e, por um momento, Will pensou que o carro ia tornar a arremeter contra o que restara do monte congelado. Então, as rodas traseiras perderam a tração e giraram freneticamente.

Christine deu marcha à ré.

Will teve a sensação de que sua garganta adquiria o diâmetro de um alfinete. Seus pulmões lutaram por ar. Pegou o inalador e começou a usá-lo. A polícia. Tinha que chamar a polícia. Eles viriam logo. O 58 de Cunningham não poderia pegá-lo. Estava seguro em sua casa. Estava...

Christine retornou, acelerando através da rua. Desta vez, colidiu contra o monte de neve e o transpôs facilmente, a dianteira a princípio se alteando, inundando a fachada da casa de luz, depois baixando com um rangido. Estava na entrada da garagem. Sim, tudo bem, mas não conseguiria ir mais longe, ela... o car...

Christine não diminuiu a marcha. Ainda acelerada, cruzou tangencialmente a entrada de carros semicircular, prosseguiu empurrando a neve mais solta e mais baixa do lado do jardim e rugiu diretamente para a janela envidraçada, onde Will Darnell continuava olhando para fora.

Ele recuou aos tropeções, arquejando com dificuldade, e esbarrou em sua poltrona.

Christine colidiu contra a casa. O janelão envidraçado explodiu, deixando entrar o vento ululante. O vidro voou em flechas mortais, cada uma delas refletindo as luzes dos faróis do carro. A neve entrou, lançando-se sobre o tapete, em erráticas espirais. Os faróis dianteiros iluminaram momentaneamente a sala com a claridade artificial de um estúdio de televisão e então recuou, o pára-choque dianteiro entortado, o capô levantado no ar, a grade esmagada em um gotejante sorriso cromado, cheio de presas.

Will estava de gatinhas, lutando penosamente para respirar, o peito pesando como uma pedra. Tinha a vaga sensação de que, se não tropeçasse na poltrona e caísse, provavelmente seria cortado em tiras pelo vidro que voara para todos os lados. Seu roupão se abriu, adejando atrás dele quando se levantou. O vento que entrava em rajadas pela janela caiu sobre o *Guia de TV* na mesinha ao lado da poltrona, e a revistinha voou através da sala até o pé da escada, as páginas velozmente folheadas. Will segurou o telefone com as duas mãos e discou 0.

Christine recuou, sobre seu próprio trajeto através da neve. Recuou toda a distância até o achatado banco de neve no início da entrada de carros. Então avançou, acelerando rapidamente e, nesse momento, o capô começou a desamassar-se imediatamente, a grade a regenerar-se. Tornou a chocar-se contra a parede da casa, abaixo do janelão. Mais vidro voou; madeira estilhaçada rangeu e estalou. O pára-brisa de Christine, agora rachado e leitoso, parecia espiar para dentro da casa, como um olho alienígena e gigantesco.

— Polícia! — pediu Will à telefonista.

Sua voz era quase inaudível, apenas um murmúrio sibilante. O roupão esvoaçou ao gélido vento que penetrava pela janela arrombada. Ele viu que a parede abaixo da janela estava quase desmoronada. Pontas quebradas de sarrafos salientavam-se como ossos fraturados. O carro não poderia entrar ali, poderia? *Poderia?*

— Por favor, senhor, quer falar mais alto? — pediu a telefonista. — A ligação não está muito boa.

Polícia, disse Will, mas agora sua voz nem chegava a sussurro, era apenas um silvo de ar. Deus do céu, ele estava sufocando, asfixiando-se; seu peito era uma caixa-forte trancada. Onde estava seu inalador?

— Alô? — chamou a telefonista, indecisa.

Lá estava ele, no chão. Will deixou o telefone cair e agachou-se para

pegar o inalador.

Christine atacou de novo, rugindo através do jardim e agora colidindo com a parte lateral da casa. Desta vez, toda a parede ruiu, como uma explosão de granada, atirando fragmentos de vidro e ripas. Inacreditavelmente, como em um pesadelo, o radiador amassado e deformado de Christine estava em sua sala de estar, ela *entrara*, Will podia sentir o cheiro do escapamento e do motor aquecido.

O chassi de Christine agarrou-se em algo e ela recuou pelo buraco estilhaçado, com um rangido de tábuas arrancadas, a parte dianteira agora apenas uma ruína, polvilhada de neve e reboco. Entretanto, voltaria dentro de poucos segundos e, desta vez, conseguiria... conseguiria...

Will agarrou o inalador e correu às cegas para a escada.

Estava apenas na metade dos degraus, quando o uivo acelerado do motor que avançava foi ensurdecedor. Ele se virou para olhar, mais amparando-se no corrimão do que o agarrando.

A altura em que se encontrava nos degraus emprestava à cena uma certa aparência de pesadelo. Ele viu Christine cruzar o jardim coberto de neve, viu o capô levantar-se tanto que a dianteira do carro agora assemelhava-se à bocarra de imenso crocodilo vermelho e branco. De repente, o capô se soltou com estrondo, quando o carro tomou a colidir contra a casa, naquele momento fazendo mais de sessenta e cinco por hora.

Christine arrancou o restante da estrutura da janela, atirando mais tábuas estilhaçadas através da sala de estar. Os faróis altearam-se ofuscantes e então ela estava *dentro*, ela estava *em sua casa*, deixando atrás de si um imenso buraco na parede, com um fio elétrico pendendo para o tapete, como uma negra artéria amputada. Pequenas nuvens da embutida fibra de vidro isolante dançavam ao vento frio como borlas leitosas.

Will gritou, mas não ouviu o próprio grito, em meio ao ensurdecedor rugido do motor de Christine. O silenciador Seats que Arnie colocara nela —

uma das poucas coisas que ele *realmente* colocara nela, pensou Will, loucamente — pendia da entrada da casa, juntamente com a maior parte do cano de escapamento.

O Fury rugiu através da sala de estar derrubando de lado a confortável poltrona de Will, deixando-a caída ali, como um pônei morto. O piso sob Christine rangeu inquietamente e uma parte da mente de Will gritou: *Isto mesmo! Afunde! Afunde! Deixe a maldita coisa cair na adega! Vejamos se ela consegue sair de lá!* Esta imagem foi então substituída pela de um tigre em um buraco no chão, que havia sido escavado e depois camuflado por espertos nativos.

O assoalho, no entanto, suportou o peso — pelo menos durante aqueles momentos — sem dar sinais de ruir.

Christine rugiu para ele, através da sala de estar. Em sua esteira deixava marcas zigzagueantes de impressões nevadas dos pneus, sobre o tapete. Chocou-se contra a escada. Will foi atirado à parede. O inalador escapou de sua mão e saltitou pelos degraus, de um em um, até chegar ao último.

Christine deu marcha à ré através do aposento, as tábuas rangendo sob seu peso. Sua traseira colidiu com a TV Sony e o tubo de imagens implodiu. Ela tornou a rugir para diante, batendo na parte lateral da escada novamente, agora estilhaçando ripas e arrancando reboco. Will pôde sentir toda a estrutura afrouxar-se debaixo dele. Houve uma terrível sensação de estar *pendurado*. Por um momento, Christine ficou exatamente abaixo dele; olhando para baixo, ele viu as entranhas oleosas no compartimento do motor, sentiu o calor que subia dele. Ela tornou a recuar e Will embarafustou pelos degraus, ansiando por ar, aferrando a gorda salsicha que era seu peçoço com os olhos esbugalhados.

Chegou ao topo da escada, um instante antes de Christine bater novamente na parede e transformar o centro dos degraus em confusa ruína. Um longo estilhaço de madeira caiu dentro do motor. O ventilador o

mastigou e cuspiu fora serragem mal triturada e pequenas farpas. Toda a casa estava impregnada do cheiro de gasolina e de fumaça do escapamento. Os ouvidos de Will retiniam com o forte trovejar daquela máquina impiedosa.

Christine deu marcha à ré. Agora, seus pneus mastigavam tiras esfarrapadas do tapete.

Pelo corredor, pensou Will. O sótão. Será seguro no sótão. Sim, o sót.. oh, Deus., oh, Deus., oh, meu DEUS...

A dor final chegou subitamente, aguda como uma ferroada. Como se um pingente de gelo lhe houvesse perfurado o coração. Seu braço esquerdo ficou bloqueado pela dor. E não conseguia respirar, o peito se movia inutilmente. Ele tropeçou para trás. Um pé dançou sobre o nada e então caiu de costas na escada, em duas grandes reviravoltas que lhe fraturaram ossos, as pernas voando acima da cabeça, os braços agitando-se, o roupão azul enfunado e trapeando.

Aterrou em um monte enovelado ao pé dos degraus, e Christine precipitou-se para ele: esmagou-o, recuou, tornou a esmagá-lo, arrancou o pesado pilar de sustentação da escada, no final dos degraus, quebrou-o como se fosse um graveto, deu marcha à ré e tornou a esmagar o homem.

Debaixo do assoalho, chegou o crescente gemido dos suportes, estilhaçando-se e ruindo. Christine fez uma pausa no meio da sala por um momento, como se ouvisse. Dois de seus pneus estavam vazios e um terceiro quase fora do aro. O lado esquerdo do carro fora amassado para dentro e grandes partes dessa área já estavam sem pintura.

De repente, Christine começou a recuar. O motor guinchou e ela disparou da sala em marcha à ré, saindo pelo buraco desigual na parede lateral da casa de Will Darnell, a traseira rebaixando-se vários centímetros, antes de pousar na neve. Os pneus giraram no mesmo lugar, encontraram apoio e a puxaram. Ela recuou meio adernando até a rua, o motor tossiu e falhou, uma fumaceira azul pendia no ar à sua volta, o óleo gotejava e se

espalhava.

Na estrada, ela manobrou e tomou a direção de Libertyville. A alavanca de mudança caiu para DRIVE mas, a princípio, a transmissão danificada não quis engatar; quando engatou, Christine rodou lentamente, afastando-se da casa. Mais atrás, na casa de Will, uma enorme mancha de luz refletiu-se na neve revolta, em um formato que não tinha a menor semelhança com o uniforme retângulo iluminado passando através de uma janela. A forma da claridade na neve era absurda e estranha.

Ela se moveu lentamente, cambaleando de um lado para outro sobre os pneus inúteis, como uma velha bêbada seguindo por um beco. A neve caía pesadamente, transformada em linhas inclinadas pelo vento.

Um dos faróis, estilhaçado na última e destrutiva arremetida de atropelamento, piscou e acendeu.

Um dos pneus começou a reinflar-se, depois o outro.

As nuvens de fedorento óleo queimado começaram a diminuir.

O som incerto e engasgado do motor normalizou-se.

O capô desaparecido começou a reaparecer, partindo da base do pára-brisa, assemelhando-se fantasticamente a uma estola ou xale que fossem tricotados por agulhas invisíveis; o metal se construía do nada, cintilante aço azulado, em seguida escurecendo para vermelho, como que impregnado de sangue.

As rachaduras do pára-brisa começaram a desfazer-se, em sentido inverso, deixando atrás de si uma superfície de imaculada uniformidade.

Os outros faróis acenderam-se, um após outro; agora, Christine se movia rápido, confiante, através da noite tempestuosa, por trás do escarnecedor corte de suas luzes seguras.

O odômetro girava maciamente ao contrário.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, Christine repousava na escuridão do boxe vinte, na Garagem Faça-Você-Mesmo, do falecido Will Darnell. O vento uivava e gemia nos montes de sucata nos fundos da garagem, carcaças enferrujadas que talvez possuísem seus próprios fantasmas e suas próprias funestas lembranças, enquanto a neve pulverizada redemoinhava por entre os assentos rasgados e esfarrapados e os pisos sem tapetes.

O motor de Christine dava lentos gastos estalidos, esfriando-se.

LEIGH FAZ UMA VISITA

James Dean, naquele Mercury 49,
Júnior Johnson Bonner, nos bosques da Carolim,
Inclusive Burt Reywlds, naquele negro Trans-Am,
Todos se reunirão no Rancho Cadillac.
— Bruce Springsteen

Faltando uns quinze minutos para Leigh chegar, peguei minhas muletas e caminhei com dificuldade até a poltrona mais próxima da porta, a fim de ter certeza de que me ouviria, quando gritasse para ela entrar. Em seguida, tornei a pegar meu exemplar do *Esquire* e voltei a ler um artigo intitulado "O Próximo Vietnã", que fazia parte de um trabalho escolar. Ainda não conseguira digeri-lo bem. Estava nervoso e assustado, em parte — grande proporção, creio — era simples ansiedade. Eu queria vê-la outra vez.

A casa estava vazia. Não muito depois de Leigh telefonar, naquela tempestuosa tarde da véspera de Natal, chamei meu pai de lado e perguntei-lhe se não poderia levar mamãe e Elaine a algum lugar, na tarde do dia vinte e seis.

— Por que não? — concordou ele, bastante amável.

— Obrigado, papai.

— Tudo bem, mas você me deve uma, Dennis.

— Papai!

Ele piscou solenemente.

— Eu coço suas costas e você coca as minhas.

— Que grande sujeito! — exclamei.

— Muito nobre — concordou ele.

Meu pai, que nada tem de tolo, perguntou se aquilo tinha algo a ver com Arnie.

— Ela é namorada dele, não é?

— Bem — respondi, não muito certo sobre como estaria a situação, mas também pouco à vontade, por motivos pessoais — ela tem sido. Não sei a quantas andam agora.

— Problemas?

— Não fiz um bom trabalho cuidando dele, hein?

— Isso é muito difícil de se fazer da cama de um hospital, Dennis. Muito bem, tomarei providências para que sua mãe e Ellie estejam fora de casa, na tarde de terça-feira. Apenas, seja cauteloso, está bem?

Depois disso, ponderei o que, exatamente, ele queria dizer com sua última frase; certamente não estaria preocupado quanto a eu tentar atacar Leigh, ainda com uma coxa no gesso e outra meia forma de gesso nas costas. Talvez receasse apenas que algo andasse terrivelmente fora dos eixos, com meu velho amigo de infância subitamente transformado em um estranho — e um estranho que saíra da prisão sob fiança.

Quanto a *mim*, tinha toda certeza de que alguma coisa não andava bem, e isso me deixou um bocado assustado. O *Keystone* não é publicado no Natal, mas todas as três redes de televisão filiadas de Pittsburgh, bem como os canais independentes, haviam relatado a história do que tinha acontecido a Will Darnell, juntamente com bizarras e aterradoras tomadas de sua casa. O lado que dava para a rua havia sido demolido. Era a única palavra que se encaixava ali. Aquele lado da casa parecia ter sido atravessado por um tanque Panzer, manobrado por algum nazista enlouquecido. A história havia estado nas manchetes da manhã — POSSÍVEL ASSASSINATO NA ESTRANHA MORTE DE FIGURA PROVAVELMENTE LIGADA AO MUNDO DO CRIME. Isto já era ruim o bastante, mesmo sem outra foto da casa de Will Darnell, com aquele enorme

buraco feito em um dos lados. Entretanto, tinha-se que ir à página três, para ler o restante. A outra notícia era menor, porque Will Darnell havia sido uma figura talvez "ligada ao mundo do crime", enquanto que Don Vandenberg fora apenas um reles atendente de posto de gasolina, evadido da escola.

ATENDENTE DE POSTO DE GASOLINA MORTO EM UM ATROPELAMENTO E FUGA, NA VÉSPERA DE NATAL, dizia o cabeçalho. Seguiu-se apenas uma coluna. A história terminava com o Chefe de Polícia de Libertyville teorizando que o motorista provavelmente estaria bêbado ou drogado. Nem ele nem o *Keystone* faziam qualquer tentativa para relacionar as mortes, separadas entre si por quase 15 quilômetros, na noite de uma fortíssima nevasca que interrompera todo o tráfego no Ohio e oeste da Pensilvânia. Entretanto, eu era capaz de relacioná-las. Não queria fazê-lo, mas era impossível deixar isso de lado. E meu pai não estivera olhando estranhamente para mim várias vezes, durante a manhã? Certo. Por uma ou duas vezes, tive a impressão de que ia dizer qualquer coisa — não tinha idéia do que lhe responderia, se ele falasse; a morte de Will Darnell, por mais estranha que fosse, nem por isso era tão estranha quanto minhas suspeitas. Então, ele havia se calado sem falar. Era um alívio erguer-se uma barreira sobre os acontecimentos.

A campanha tocou às duas e quinze.

— Entre! — gritei, levantando-me de qualquer modo em minhas muletas. A porta se abriu e a cabeça de Leigh apareceu.

— Dennis?

— Eu mesmo. Pode entrar.

Ela entrou, parecendo muito bonita em uma jaqueta para esqui, vermelho vivo e calças azul-escuras. Leigh empurrou para trás o capuz forrado de pele do agasalho.

— Sente-se — disse ela, abrindo o zíper da jaqueta. — Vamos, imediatamente, é uma ordem! Você parece uma cegonha gigante nessas

coisas.

— Continue — respondi, tornando a sentar-me, com um baque deslegante. Quando estamos engessados, nunca é como nos filmes: a gente não consegue sentar-se como Cary Grant, preparando-se para tomar um coquetel no Ritz, em companhia de Ingrid Bergman. Tudo acontece de repente, e se a almofada onde aterramos não emitir um som alto e insultuoso, como se a repentina descida nos tivesse assustado no melhor momento, podemos considerar-nos felizes. Tive sorte desta vez. — Estou tão carente de elogios, que chego a ficar doente.

— Como vai, Dennis?

— Remendando-me aos poucos — falei. — E você?

— Tenho andado melhor.

Ela falou em voz baixa e mordeu o lábio inferior. Às vezes, isto pode ser um gesto sedutor em uma garota, mas não naquele momento.

— Pendure seu agasalho e sente-se.

— Certo.

Seus olhos pousaram nos meus, e fitá-los era um pouco demais. Desviei o rosto, olhando para outro lugar e pensando em Arnie. Ela pendurou o agasalho e retornou lentamente para a sala de estar.

— Seus pais... ?

— Consegui que o velho levasse todo mundo — respondi. — Imaginei que talvez — dei de ombros — a gente devesse conversar em particular.

Ela parou junto do sofá, olhando para mim através da sala. Fui novamente atingido pela simplicidade de sua boa aparência — o adorável corpo jovem, delineado nas calças azul-escuras e uma suéter em um tom mais leve, um azul-pólvora, formando um conjunto que me levava a pensar em esquiar. Leigh amarrara os cabelos em um rabo-de-cavalo frouxo, que pendia sobre seu ombro esquerdo. Os olhos eram da cor de sua suéter, talvez

um pouquinho mais escuros. Uma beldade americana bem nutrida, diria qualquer um, exceto pelos malarres altos, que pareciam um tanto arrogantes, rememorando talvez alguma ascendência mais antiga e mais exótica. Em sua árvore genealógica poderia existir um viking, umas quinze ou vinte gerações anteriores.

Talvez não fosse bem isso o que eu estava pensando.

Ela me viu observando-a por tanto tempo e enrubescceu. Desviei os olhos.

— Está preocupado com ele, Dennis?

— Preocupado? Assustado seria uma palavra melhor.

— O que sabe sobre aquele carro? O que ele lhe contou?

— Não muito — respondi. — Escute, quer beber alguma coisa? Parece que há algo na geladeira... Estendi a mão para minhas muletas.

— Nada disso, fique aí! — ordenou ela. — Eu bebo alguma coisa, mas posso ir apanhar. E você?

— Quero uma soda, se sobrou alguma.

Ela foi até a cozinha e fiquei olhando sua sombra na parede, movendo-se lentamente, como uma bailarina. Houve um peso momentâneo acrescentado ao meu estômago, quase como uma náusea. Penso que a isto se chama apaixonar-se pela garota do melhor amigo.

— Vocês têm um produtor automático de gelo. — A voz dela chegou até mim. — Também temos um. É formidável!

— De vez em quando ele dá a louca e joga cubos de gelo por todo o chão — respondi. — Como Jimmy Cagney, em *Fúria Sanguinária*: "Tomem, seus sujeitos!". Isso deixa minha mãe louca.

Eu estava tagarelando. Ela riu. Cubos de gelo tilintaram nos copos. Logo ela voltava, com dois copos de gelo e duas latas de soda.

— Obrigado — falei, pegando a minha.

— Não, *eu* é que lhe digo obrigada. — Agora seus olhos azuis estavam escuros e graves. — Obrigada por você estar perto. Se tivesse que enfrentar isso sozinha, não creio que... Oh, eu não sei!

— Ora, vamos lá — animei. — A coisa não é tão ruim assim.

— Não é? Já soube sobre Will Darnell? Assenti.

— E sobre aquele outro? Don Vandenberg?

Isto significava que também ela estabelecera a relação. Assenti novamente.

— Estive lendo. É Christine que preocupa você, Leigh?

Durante muito tempo, fiquei em dúvida se ela responderia ou não. Se seria *capaz* de responder. Pude vê-la lutando com a questão, os olhos baixos para o copo que segurava nas duas mãos. Por fim disse, em voz muito baixa:

— Acho que ela tentou me matar.

Não sei o que eu esperava, mas certamente não era aquilo.

— O que está querendo dizer?

Ela começou, primeiro vacilante, depois mais depressa, até despejar toda a história. É uma história que vocês já leram, portanto, não vou repeti-la aqui; basta dizer que tentei relatá-la o mais exatamente possível, segundo o que ela me contou. Leigh não brincava sobre estar assustada. Via-se isso na lividez de seu rosto, no retardamento ou arquejos de sua voz, na maneira como as mãos acariciavam constantemente a parte superior dos braços, dando a impressão de que sentia frio, apesar da suéter. E então, quanto mais falava, mais apavorado eu ficava.

Leigh terminou, ao relatar como as luzes do painel de instrumentos pareciam transformar-se em vigilantes olhos, enquanto ela quase perdia os sentidos. Riu nervosamente ao comentar isto, como se achasse o detalhe um evidente absurdo, mas não a acompanhei no riso. Estava recordando a voz seca de George LeBay, nós dois sentados em cadeiras baratas de pátio,

diante do Hotel Rainbow, enquanto ele me contava a história de Roland, de Verônica e Rita. Rememorei aqueles fatos, e minha mente estabelecia inexprimíveis conexões. Luzes acendiam-se. Não gostei do que elas revelavam. Meu coração começou a bater pesadamente no peito e não ria com Leigh, nem que disso dependesse minha vida.

Leigh me contou o ultimato que lhe dera — ela ou o carro. Descreveu a furiosa reação de Arnie. Aquela havia sido a última vez que saíra com ele.

— Então, ele foi preso — disse ela — e comecei a pensar... pensar sobre o que aconteceu a Buddy Repperton e aqueles outros rapazes... e o "Penetra" Welch...

— E agora, Vandenberg e Darnell.

— Sim, mas isso não é tudo. — Ela bebeu um gole de seu copo e depois o encheu. A beirada da lata castanholou brevemente na borda do copo. — Na véspera de Natal, quando liguei para você, papai e mamãe tinham ido tomar uns drinques na casa do chefe de meu pai. Então, comecei a ficar nervosa. Estava pensando sobre... oh, nem sei sobre o que pensava.

— Acho que sabe.

Ela pousou a mão na testa e a esfregou, como se estivesse ficando com dor de cabeça.

— Sim, acho que sei. Pensava que o carro podia estar lá fora. *Ela.* Lá fora, pegando eles dois. Entretanto, se Christine estava fora da garagem, na véspera de Natal, suponho que havia muito para mantê-la ocupada, sem prejudicar meus pa... — Leigh bateu com o copo sobre a mesinha, sobressaltando-me. — Ora, por que fico falando nesse carro, como se fosse uma pessoa? — exclamou. As lágrimas começaram a descer por seu rosto. — Por que fico fazendo isso?

Naquela noite, vi claramente como tudo terminaria, se me dispusesse a consolá-la. Arnie estava entre nós — e parte de mim também estava. Eu o conhecia há muito tempo. MUITÍSSIMO tempo.

Só que isso fora antes — e isto era agora.

Equilibrei-me nas muletas e abri caminho até o sofá, deixando-me cair ao lado dela. As almofadas suspiraram. Não foi um chiado, mas estive bem perto disso.

Minha mãe conserva uma caixa de lenços de papel na gaveta da mesinha de canto. Tirei um lenço, olhei para ela, depois tirei um bom punhado. Entreguei-lhe os lenços e Leigh me agradeceu. Então, não gostando muito de mim mesmo, passei um braço por seus ombros e a apertei.

Ela se retesou por um instante... e então permitiu que a puxasse para meu ombro. Estava trêmula. Ficamos apenas sentados daquela maneira, ambos receando até o menor movimento, creio. Receando que pudéssemos explodir. Ou outra coisa qualquer. No outro lado da sala, o relógio tiquetaqueava imponentemente sobre a lareira. A claridade brilhante do inverno, penetrando pelas janelas arqueadas, nos permitia uma visão da rua em três sentidos. A tempestade amainara por volta do meio-dia do Dia de Natal, e agora o firme céu azul sem nuvens parecia negar que até existisse semelhante coisa como a neve — porém os montículos parecidos a dunas que rolavam pelos gramados dos jardins, abaixo e acima na rua, como os dorsos de grandes animais sepultados, confirmavam o fato.

— O cheiro — falei afinal. — Como pode estar certa disso?

— Estava lá! — exclamou, afastando-se de mim e sentando-se ereta. Recolhi meu braço, com uma sensação mesclada de desapontamento e alívio. — Estava lá, realmente... um cheiro horrível de podre. — Ela me encarou. — Por quê? Você também o sentiu?

Neguei com a cabeça. Nunca o sentira. Não realmente.

— Então, o que sabe sobre aquele carro? — perguntou. — Porque você sabe alguma coisa. Posso ver no seu rosto.

Era a minha vez de pensar, firme e demoradamente. Por estranho que possa parecer, o que me veio à mente foi uma imagem de fissão nuclear,

vista em algum livro didático de ciências. Uma história em quadrinhos. Ninguém espera vê-las em livros didáticos de ciências, mas como me disse alguém certa vez, existem outros desvios e rodeios ao longo da trilha da educação pública... De fato, esse alguém havia sido o próprio Arnie. A história em quadrinhos mostrava dois átomos "envenenados" avançando velozmente um contra o outro, em seguida se chocando. Rápido! Em vez de um punhado de destroços (e uma ambulância de átomos para recolher os nêutrons mortos e feridos), massa crítica, reação em cadeia e o diabo de um "big bang".

Decidi, então, que a analogia daquela história em quadrinhos não era assim tão estranha. Leigh possuía certos dados de que eu não dispunha antes. O contrário também era verdadeiro. Em ambos os casos, boa parte daquilo era suposição, uma outra era constituída de sentimentos subjetivos e circunstâncias... mas tudo em quantidade suficiente para realmente amedrontar. Perguntei-me brevemente o que faria a polícia, se soubesse o que sabíamos. Pude adivinhar: nada. É possível levar-se um fantasma a julgamento? Ou um carro?

— Dennis?

— Estou pensando — respondi. — Não sente cheiro de madeira queimada?

— O que é que você sabe? — insistiu ela. *Colisão. Massa crítica. Reação em cadeia. Cataplan!*

A questão era, segundo eu pensava, que se reuníssemos nossos dados, teríamos que tomar alguma iniciativa ou contar para alguém. Fazer alguma coisa. Nós...

Recordei meu sonho: o carro estacionado lá, na garagem de LeBay, o motor acelerando e diminuindo, tornando a acelerar, os faróis acendendo-se, o guincho dos pneus. Tomei as mãos dela nas minhas.

— Está bem — falei. — Ouça. Arnie: ele comprou Christine de um

sujeito que agora está morto. Um sujeito chamado Roland D. LeBay. Nós a vimos em seu gramado certo dia, quando voltávamos do trabalho para casa. Então...

– Você está fazendo o mesmo – cortou ela suavemente.

– O mesmo, o quê?

– Chamando o carro de *ela*. Assenti, sem largar suas mãos.

– Sim, eu sei. É difícil parar. A questão é que Arnie a queria ou melhor, queria o carro, seja lá o que este for, desde a primeira vez que o viu. Hoje em dia acho... eu não sabia então, mas sei agora... que LeBay esperava por Arnie, ele o queria como dono de Christine; acho que até lhe daria o carro de presente, se fosse o caso. É como se Arnie visse Christine e soubesse, e então LeBay viu Arnie e soube a mesma coisa.

Leigh libertou as mãos das minhas e recomeçou a esfregar incessantemente os cotovelos.

– Arnie disse que pagou...

– Sim, é claro que pagou. E ainda está pagando. Isto é, se restou algo de Arnie, afinal.

– Não entendo o que quer dizer.

– Vou mostrar a você – respondi –, em alguns minutos. Primeiro, preciso fazer um retrospecto.

– Está bem.

– LeBay tinha mulher e uma filha. Isto foi por volta dos anos 50. Sua filha morreu na beira da estrada. Morreu sufocada. Com um hambúrguer.

O rosto de Leigh ficou branco, depois mais branco ainda. Por alguns momentos, pareceu tão leitosa e translúcida como vidro embaciado.

– Leigh! – exclamei vivamente. – Você está bem?

– Estou – respondeu ela, com arrepiante placidez. Sua cor não

melhorou. A boca se moveu em horrível careta, que talvez pretendesse ser um sorriso tranquilizador. — Estou ótima. — Levantou-se. — Por favor, onde é o banheiro?

— No fim do corredor — falei. — Leigh, você está com uma cara horrível!

— Preciso vomitar — respondeu ela, naquela mesma voz plácida.

Caminhou para a porta. Movia-se desajeitadamente agora, como uma marionete, perdida toda a graça de dançarina que eu vira antes em sua sombra. Saiu lentamente da sala, mas quando ficou fora de vista o ritmo de seus passos acelerou-se; ouvi a porta do banheiro ser escancarada e depois os sons. Recostei-me contra o encosto do sofá e coloquei as mãos sobre os olhos.

Quando voltou continuava pálida, mas recuperara um pouco da coloração antiga. Lavara o rosto e ainda havia algumas gotas de água nas faces.

— Sinto muito — falei

— Está tudo bem. Apenas... me assustou um pouco. — Ela esboçou um ligeiro sorriso. — Acho que a história ainda não acabou, não é? — Seus olhos se fixaram nos meus. — Responda-me uma coisa apenas, Dennis. O que você disse é verdade? Verdade mesmo?

— É — respondi. — Pura verdade. E ainda há mais. Acha que vai querer ouvir o resto?

— Não, mas conte assim mesmo — respondeu ela.

— Podemos passar por alto — falei, sem muita convicção. Seus olhos graves, angustiados, se prenderam nos meus.

— Acho que seria mais... mais seguro... falarmos tudo.

— A esposa dele suicidou-se, pouco depois da morte da filha.

— O carro...

– ... estava envolvido.

– Como?

– Leigh...

– *Como?*

Eu lhe contei – não me limitando a falar na menininha e sua mãe, mas falando também sobre o próprio LeBay, segundo ouvira de seu irmão George. Seu infundável estoque de raiva. As crianças que riam de suas roupas e de seu corte de cabelo. Sua fuga para o Exército, onde roupas e cabelos eram iguais para todos. A oficina mecânica. O despeito constante contra os bostas, particularmente aqueles bostas que lhe traziam seus carros de luxo para serem consertados à custa do governo. A Segunda Guerra Mundial. O irmão Drew, morto na França. O velho Chevrolet. O velho Hudson Hornet. E, através de tudo isso, aquela firme e imutável pulsação latente: a raiva.

– Aquela palavra... – murmurou Leigh.

– Que palavra?

– Bostas. – Ela precisou forçar-se a dizê-la, o nariz enrugando-se em lastimável e quase inconsciente repugnância. – *Ele a usa. Arnie.*

– Eu sei

Entreolhamo-nos e suas mãos tornaram a encontrar as minhas.

– Você está gelada – falei.

Mais um inteligente comentário de Dennis Guilder, aquela fonte de sabedoria. Eu tinha um milhão deles.

– Estou. Tenho a impressão de que nunca mais esquentarei.

Eu quis passar os braços em torno dela, mas não o fiz. Tinha receio. Arnie ainda estava muito presente em tudo. O terrível naquilo – sim, *terrível* – era como cada vez mais parecia que ele estava morto... morto ou vítima de algum estranho encantamento.

– O irmão dele falou mais alguma coisa?

– Nada que pareça encaixar-se.

Entretanto, a recordação brotou como bolha em água parada e estourou: *Ele era obcecado e tinha raiva, mas não era um monstro*, tinha dito George LeBay. *Pelo menos... não creio que fosse.* Eu tivera a sensação de que, perdido no passado como ele estivera, quase me diria algo mais... porém, percebera a tempo onde estava e que falava a um estranho. O que pretendia dizer?

Quase em seguida, tive uma idéia monstruosa. Rejeitei-a. Ela se foi... mas era difícil livrar-me dela. Como empurrar um piano. E eu ainda podia ver seus contornos nas sombras.

Percebi que Leigh me observava atentamente e me perguntei quanto do que estivera pensando se revelaria em meu rosto.

– Você tem o endereço do Sr. LeBay? – perguntou ela.

– Não. – Refleti por um instante e então recordei o funeral, que agora parecia infinitamente distante, perdido no tempo. – Mas acho que o Posto da Legião Americana de Libertyville deve ter. Eles sepultaram LeBay e entraram em contato com o irmão. Por quê?

Leigh apenas meneou a cabeça e foi até a janela, de onde ficou espiando para o dia ofuscante. *Fim do ano*, pensei ao acaso.

Ela se virou para mim, e fiquei novamente surpreso com sua beleza tranquila, sem intimações, exceto pelos malares altos e arrogantes, o tipo de malares que se poderia esperar em uma dama que, provavelmente, carregasse um punhal à cinta.

– Você disse que me mostraria uma coisa – disse. – O que era?

Assenti. Agora não podia parar mais. Começara a reação em cadeia. Seria impossível interrompê-la.

– Vá lá em cima – pedi. – Meu quarto é a segunda porta à

esquerda. Procure na terceira gaveta da cômoda. Vai ter que procurar debaixo de minhas cuecas, mas elas não mordem.

Ela sorriu — apenas um pouquinho, mas já era alguma coisa.

— E o que vou encontrar? Um pacotinho de droga?

— Desisti disso o ano passado — repliquei, sorrindo também. — Este ano passei para o Quaalude. Financio o vício vendendo heroína no ginásio.

— O que é afinal?

— O autógrafo de Arnie — disse —, imortalizado em gesso.

— Autógrafo de Arnie? Assenti.

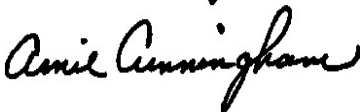
— Em duplicata — acrescentei.

Ela os encontrou, e cinco minutos depois estávamos novamente no sofá, olhando para dois pedaços de molde de gesso. Pusemo-los lado a lado sobre a superfície de vidro da mesinha de café, ligeiramente esfiapados nos lados, um pouco sujos pelo uso. Outros nomes ficaram pela metade em um deles. Eu havia guardado os moldes e mesmo orientara o enfermeiro onde cortá-los. Mais tarde, eu recortara os dois quadrados, um da perna direita, outro da esquerda.

Olhamos para eles em silêncio:



no direito;



no esquerdo.

Leigh me fitou, inquisitiva e perplexa.

– São pedaços dos seus...

– Meus moldes de gesso. Exatamente.

– Isso é... alguma brincadeira ou o quê?

– Não é nenhuma brincadeira – afiancei. – Eu o vi assinando os dois moldes.

Agora que tinha dito, sentia uma espécie de relaxamento, de estranho alívio. Era bom poder partilhar aquilo com alguém. Estivera me roendo e cutucando a mente por muito tempo.

– Não há a menor semelhança entre as duas assinaturas.

– Nem precisa me dizer – respondi. – Entretanto, Arnie também não é muito igual ao Arnie de antigamente. E tudo isso nos leva de volta àquele maldito carro. – Dei uma forte pancada no pedaço de gesso da esquerda. – Essa não é a assinatura dele! Conheci Arnie a vida inteira, vi seus trabalhos de casa, vi quando assinava requisições de materiais, seus recibos de pagamento, e digo que *essa não é a assinatura dele! A da direita é dele*. Essa daqui, não. Quer fazer uma coisa para mim amanhã, Leigh?

– O quê?

Eu lhe disse. Ela concordou lentamente.

– Para nós.

– Como?

– Farei por nós. Porque temos que fazer alguma coisa, não?

– Claro – assenti. – Acho que sim. Posso fazer uma pergunta pessoal? Ela afirmou com a cabeça, os olhos azuis fixos nos meus.

– Como tem dormido ultimamente?

– Não muito bem – respondeu. – Maus sonhos. E você?

– A mesma coisa. Nada muito bom.

Então, por não me conter mais, passei as mãos por seus ombros e a

beije. Houve uma hesitação momentânea e pensei que ela fosse recuar... mas então o queixo se ergueu e Leigh devolveu o beijo, plena e firmemente. Talvez houvesse nisso uma espécie de sorte, porque eu estava praticamente imobilizado.

Quando o beijo terminou, ela fitou meus olhos interrogativamente.

— Contra os sonhos — falei.

Pensei que a frase me sairia tola e falsa, da maneira como aparece no papel, mas em vez disso soou trêmula, quase dolorosamente franca.

— Contra os sonhos — repetiu ela, gravemente, como se fosse um talismã.

Desta vez, ela inclinou a cabeça para mim e tornamos a nos beijar, observados por aqueles dois informes pedaços de gesso, que nos fitavam como brancas escleróticas cegas, com o nome de Arnie escrito neles. Beijamo-nos pelo simples conforto animal proveniente do contato animal — bem, isso e algo mais, começava a ser algo mais —, e então nos abraçamos sem falar e não creio que estivéssemos brincando sobre o que estava acontecendo conosco — pelo menos, não inteiramente. Era como também podia ser o velho e bom sexo — pleno, maduro, efervescente de hormônios adolescentes. E talvez ainda houvesse a chance de ser algo mais pleno e mais agradável do que apenas sexo.

Contudo, havia algo mais naqueles beijos — eu sabia disso, ela sabia e, provavelmente, você também. Aquela outra coisa era uma espécie de vergonhosa sensação de traição. Eu podia sentir dezoito anos de lembranças clamando — a fazenda de formigas, os jogos de xadrez, filmes, as coisas que ele me ensinara, as vezes que eu o protegera, impedindo que o molestassem. Bem, talvez não o tivesse protegido, no final. Talvez o tivesse visto como era pela última vez — um triste, angustiante final, por falar nisso — naquela noite do Dia de Ação de Graças, quando ele me levava os sanduíches de peru e cerveja.

Penso não ter ocorrido a nenhum de nós dois que, até então, nada de imperdoável havíamos feito a Arnie — nada que pudesse enfurecer Christine. Agora, contudo, estava feito.

TRABALHO DE DETETIVE

Bem, quando as veias se romperem
E eu ficar perdido na ponte do rio,
Todo arrebetado na estrada
E à margem da água,
Virão médicos pela rodovia,
Prontos a costurar-me com linha,
E se eu cair doente,
Sei que ela vem pôr um lençol
na minha cama.
— Bob Dylan

O que aconteceu nas mais ou menos três semanas seguintes, foi que eu e Leigh bancamos os detetives — e nos apaixonamos.

No dia seguinte, ela foi à Prefeitura e pagou cinqüenta centavos pela xerox de dois documentos — estes são enviados para Harrisburg e depois uma cópia é remetida de volta à cidade.

Desta vez, minha família estava em casa, quando Leigh chegou. Ellie aproveitou as menores oportunidades para cair em nossa pele. Estava fascinada por Leigh e fiquei secretamente feliz quando, cerca de uma semana após o Ano-Novo, começou a amarrar o cabelo para trás, como Leigh usava. Tive vontade de gozá-la por causa disso... mas resisti à tentação. Talvez eu estivesse crescendo um pouquinho (mas não o suficiente para deixar de surrupiar um de seus petiscos, quando o descobri escondido atrás dos recipientes de pirex para sobras, dentro da geladeira).

Exceto pelas incursões ocasionais de Ellie, eu e Leigh ficamos a maior parte do tempo com a sala de estar para nós naquela tarde seguinte — vinte e sete de dezembro — após terem sido cumpridas as amenidades sociais. Apresentei Leigh a meus pais, mamãe serviu café e conversamos. Elaine

falou quase o tempo todo – tagarelando sobre sua escola e crivando Leigh de perguntas sobre a nossa. A princípio fiquei aborrecido, porém grato depois. Meus pais são o máximo, em matéria de classe média polida (se mamãe estivesse sendo conduzida à cadeira-elétrica e tropeçasse no capelão, certamente lhe pediria desculpas), e percebi claramente que gostaram de Leigh. Entretanto, também ficou óbvio – para mim, pelo menos – que estavam perplexos e um tanto constrangidos, perguntando-se onde Arnie se encaixaria naquele quadro.

Acho que eu e Leigh nos perguntávamos o mesmo. Por fim, eles fizeram o que fazem os pais em geral, quando não entendem tais situações – aceitaram tudo como coisa de crianças e foram tratar da própria vida. Papai foi o primeiro a desculpar-se alegando que sua oficina no porão estava na confusão costumeira de pós-Natal e precisava dar um jeito naquilo. Mamãe disse que ia escrever um pouco.

Ellie olhou solenemente para mim e perguntou:

– Dennis, Jesus tinha um cachorro?

Caí na gargalhada, Ellie também. Leigh ficou espiando para nós, rindo, sorrindo polidamente, da maneira como fazem os estranhos, ante uma piada de família.

– Dê o fora, Ellie – falei.

– E se eu não der? – perguntou ela, mas era apenas rotina, implicância de garota, porque já estava se levantando.

– Faço você lavar minha roupa de baixo – respondi.

– Nem *morta!* – declarou ela, imponente, e saiu do aposento.

– Minha irmãzinha... – comentei. Leigh sorria.

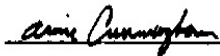
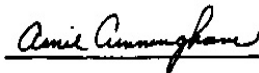
– Ela é ótima.

– Se tivesse que aturá-la em tempo integral, garanto como mudaria de idéia. Vejamos o que você conseguiu.

Leigh colocou as cópias em xerox sobre a superfície de vidro da mesa de café, onde os moldes de gesso haviam estado na véspera.

Era o novo registro de um carro usado, um Plymouth 1958, sedã de quatro portas, vermelho e branco. Estava datado de 1º de novembro de 1978 e assinado por Arnold Cunningham. Seu pai revalidara a assinatura:

ASSINATURA DO PROPRIETÁRIO
ASSINATURA DO PAI OU TUTOR
(SE O PROPRIETÁRIO
FOR MENOR DE 18 ANOS)

A handwritten signature in cursive script, appearing to read "Annie Cunningham", written over a horizontal line.A second handwritten signature in cursive script, identical to the one above, also written over a horizontal line.

— Você acha isto parecido com quê?

— Com uma das assinaturas em um daqueles pedaços de gesso que você me mostrou — disse ela. — Qual?

— É a maneira como ele assinou, logo depois que fui acidentado em Ridge Rock — respondi. — É como ele sempre assinou. Agora, vejamos a outra.

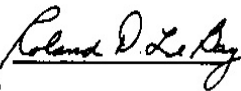
Ela a colocou ao lado da primeira. Era a folha do registro de um carro novo, um Plymouth 1958, sedã de quatro portas, vermelho e branco. Estava datado de 1º de novembro de 1957 — senti um certo choque ante aquela exata similaridade e, ao olhar para o rosto de Leigh, percebi que o mesmo acontecera com ela.

— Observe a assinatura — disse Leigh, em voz baixa. Observei.

ASSINATURA DO PROPRIETÁRIO

ASSINATURA DO PAI OU TUTOR

(SE O PROPRIETÁRIO FOR MENOR DE 18 ANOS) _____



Aquela era a caligrafia que Arnie usara na noite do Dia de Ação de Graças: ninguém precisaria ser gênio ou grafólogo para ver isso. Os nomes eram diferentes, porém a grafia era exatamente a mesma. Leigh estendeu a mão e eu a tomei na minha.

O que meu pai fazia no porão, em sua oficina, era fabricar brinquedos. Imagino que isto possa lhes parecer um tanto singular, mas acontece que é um *hobby* para ele. Talvez seja mais do que isso — suponho que houve uma época em sua vida, em que teve que fazer a difícil escolha entre ir para uma faculdade ou trabalhar por conta própria, como fabricante de brinquedos. Se for verdade, acho que ele escolheu o meio mais seguro. Às vezes me parece ver isto em seus olhos, como um velho fantasma que ainda não repousou de todo, mas provavelmente seja apenas imaginação minha, que antigamente era menos ativa do que hoje.

Eu e Ellie éramos os principais beneficiados, mas Arnie também encontrou vários brinquedos fabricados por meu pai, debaixo de várias árvores de Natal e ao lado de vários bolos de aniversário. O mesmo acontecia com a melhor amiguinha de infância de Ellie, Aimée Carruthers (que há muito se mudou para Nevada e, atualmente, é mencionada nos tons melancólicos reservados aos que morreram jovens e insensatamente), e muitas outras.

Agora, meu pai doava a maior parte do que fazia ao Fundo 400, do Exército da Salvação. Antes do Natal, o porão sempre me recordava a oficina de trabalho de Papai Noel — até pouco antes do Natal, ficava entulhado de caprichosas caixas de papelão, contendo trenzinhos de madeira, móveis em miniatura, relógios com ponteiros que realmente marcavam as horas, bichinhos de pano, um ou dois pequenos teatros de

marionetes. Seu interesse centralizava-se nos brinquedos de madeira (até a Guerra do Vietnã, ele fizera batalhões de soldadinhos, porém nos últimos cinco anos, mais ou menos, os viera abandonando aos poucos e, mesmo agora, não tenho certeza de que estivesse cômico da mudança), mas sendo versátil, penetrava em todos os campos. Na semana seguinte ao Natal, havia uma pausa. A oficina parecia terrivelmente vazia, com apenas o cheiro adocicado da serragem para recordar-nos que os brinquedos haviam estado lá.

Nessa semana, ele varria, limpava, azeitava seus instrumentos e se preparava para o ano seguinte. Então, quando o inverno ia passando por janeiro e fevereiro, começariam a surgir de novo os brinquedos e o aparente lixo que se transformaria em partes de brinquedos — trens e bailarinas com articulações de madeira e círculos vermelhos nas bochechas, uma caixa cheia de estofamento que pertencera ao velho sofá de alguém e que mais tarde seria o recheio de um urso (os ursos de meu pai sempre se chamavam Owen ou Olive — eu acabara com seus ursos Owen entre a infância e o segundo ano primário, enquanto Ellie dera cabo de um mesmo número de ursos Olive), pequenos enrolados de fios, botões e olhos isolados, sem corpos, espalhados por sobre a bancada de trabalho, como algo saído de uma sensacionalista história de terror. Mais tarde, surgiriam as caixas das lojas de bebidas e os brinquedos seriam novamente guardados nelas.

Nos últimos três anos, ele recebera três prêmios do Exército da Salvação, mas os mantinha escondidos em uma gaveta, como que envergonhado deles. Eu não entendia isso na época, e não entendo agora, pelo menos inteiramente, mas sei que não era vergonha. Meu pai nada tinha de que se envergonhar.

Depois do jantar daquela noite, com dificuldade fui descendo a escada, agarrado ao corrimão com um braço e usando a outra muleta como bastão de esqui.

— Dennis — disse papai, amável, mas ligeiramente apreensivo — quer

que o ajude?

— Não, eu me arranho.

Ele deixou a vassoura ao lado de um pequeno punhado amarelo de pó de serra e farpas de madeira, para ver se eu realmente me saía bem na descida.

— Então, que tal um empurrão?

— Ha-ha, muito engraçadinho!

Terminei de descer, arrastei-me para a grande poltrona que ele mantém a um canto, perto de nossa antiga televisão preto-e-branco, e me sentei. *Pluft!*

— Como está indo? — perguntou ele.

— Bastante bem.

Ele pegou um punhado de cavacos de madeira com um pano de pó, atirou-o em sua cesta de lixo, espirrou e apanhou um pouco mais.

— Não sente dor?

— Não. Bem... um pouco.

— Precisa tomar cuidado com degraus. Se sua mãe visse o que acabou de... Sorri

— Eu sei. Ela gritaria.

— Onde *está* sua mãe?

— Ela e Ellie foram à casa dos Renneke. Dinah Renneke ganhou uma coleção completa dos discos de Shaun Cassidy, no Natal. Ellie está *roxa* de inveja.

— Pensei que Shaun tivesse passado de moda.

— Talvez ela receie que a moda esteja voltando.

Papai riu. Houve um silêncio amistoso por um momento, eu sentado,

ele fazendo a limpeza. Eu sabia que papai ia acabar tocando no assunto, e assim foi.

– Leigh costumava sair com Arnie, não é? – perguntou.

– Costumava – respondi

Ele olhou para mim, depois prosseguiu com seu trabalho. Pensei que fosse perguntar se eu julgava aquilo prudente ou talvez mencionar que um sujeito roubar a garota de outro não era a melhor maneira de incentivar uma amizade. Entretanto, não disse nem uma coisa nem outra.

– Mal temos visto Arnie ultimamente. Será que ficou envergonhado da confusão em que se meteu?

Minha impressão era de que papai não acreditava nisso, em absoluto. Estava apenas jogando verde.

– Não sei – respondi

– Não creio que ele tenha muito com que se preocupar. Agora, com Will Darnell morto... – Papai sacudiu o pano de pó acima da cesta de lixo e as aparas de madeira deslizaram para dentro dela com um pluft macio. – Enfim, duvido muito que eles até se dêem o trabalho de instaurar processo.

– É mesmo?

– Não há nada sério contra Arnie. Pode ser multado e o juiz provavelmente lhe fará um sermão, porém ninguém vai querer colocar uma marca negra permanente na ficha de um jovem e decente suburbano branco, destinado a cursar uma faculdade e assumir um próspero lugar na sociedade.

Papai me dirigiu um olhar agudo e questionante. Eu me remexi na poltrona, sentindo-me repentinamente pouco à vontade.

– Sim, acho que sim – respondi.

– A menos que ele não seja mais assim, hein, Dennis?

– Não é não. Arnie mudou.

– Quando foi a última vez que o viu?

– No Dia de Ação de Graças.

– E ele estava bem?

Sacudi a cabeça lentamente, de súbito sentindo vontade de chorar e soltar tudo o que sabia. Já me sentira assim antes e ficara calado; desta vez também consegui calar-me, porém por uma razão diferente. Recordei o que Leigh me dissera, quanto a ficar nervosa por causa dos pais, na véspera do Natal. E agora, a mim parecia que quanto menos pessoas soubessem de nossas suspeitas, tanto melhor... para elas.

– O que há de errado com ele?

– Não sei.

– Leigh sabe?

– Não. Não há nenhuma certeza. Temos... algumas suspeitas.

– Quer falar sobre isso?

– Quero. Por um lado, eu quero, mas acho que seria melhor não falar.

– Está bem — disse ele. — Não fale por enquanto.

Varreu o chão. O som das cerdas duras sobre o concreto do piso era quase hipnótico.

– Talvez fosse melhor você ter uma conversa com Arnie, o quanto antes.

– Sim, já pensei nisso.

Entretanto, eu não ansiava nem um pouco pelo encontro. Houve outro período de silêncio. Papai terminou de varrer e depois passou os olhos em torno.

– Parece que fiz um bom serviço, não?

– Excelente, papai.

Ele sorriu com certa tristeza e acendeu um Winston. Desde seu ataque do coração parara de fumar quase completamente, mas mantinha um maço por perto e de vez em quando fumava um — em geral quando estava tenso.

— Droga, isto aqui parece deserto como o diabo!

— Hum... também acho.

— Quer uma ajudazinha para subir, Dennis? Ajeitei-me nas muletas.

— Não é para se desprezar.

Ele olhou para mim e deu uma risadinha abafada.

— Long John Silver. Só falta o papagaio.

— Vai ficar aí parado, rindo, ou me ajudar?

— Ajudar, é claro.

Passei um braço por seu ombro, de certa forma sentindo-me novamente criança — aquilo provocou lembranças esquecidas de papai me levando para cima, para minha cama nas noites de domingo, depois que eu começava a cochilar, quando o *Programa de Ed Sullivan* ia pelo meio. Até o cheiro da loção de barba era o mesmo.

No alto da escada, ele disse:

— Interrompa-me, se eu estiver sendo muito indiscreto, Denny. Leigh não está mais saindo com Arnie, está?

— Não, papai.

— Está saindo com você?

— Eu... bem, realmente não sei. Acho que não.

— *Ainda* não, é o que quer dizer.

— Bem., é sim, acho que é isso.

Eu começava a sentir-me constrangido e ele devia ter percebido, mas insistiu.

— Seria correto afirmar que ela rompeu com Arnie porque ele não era mais o mesmo?

— Sim, creio que seria correto dizer isso.

— Ele sabe sobre você e Leigh?

— Papai, não há nada para saber... pelo menos por enquanto.

Ele pigarreou, pareceu considerar aquilo, e não disse nada. Soltei-me dele e procurei ajeitar minhas muletas. Talvez tivesse demorado um pouco mais do que o necessário nisso.

— Vou lhe dar um conselho de graça — disse meu pai finalmente. — Não deixe o Arnie saber o que há entre você e ela... e nem se incomode em protestar, quanto a não haver nada. Estão tentando ajudá-lo de alguma forma, não é isso?

— Não sei se existe alguma coisa que eu ou Leigh possamos fazer por Arnie, papai.

— Eu o vi umas duas ou três vezes — disse papai.

— Você o viu? — perguntei sobressaltado. — Onde? Meu pai deu de ombros.

— Oh, na rua. No centro da cidade. Afinal, Libertyville não é tão grande assim, Dennis. Ele...

— O quê?

— Mal pareceu reconhecer-me. E parece mais velho. Agora que ficou sem as espinhas, parece muito mais velho. Eu costumava pensar que saíra ao pai, mas agora... — Ele se interrompeu de repente. — Dennis, já pensou que Arnie possa estar tendo alguma espécie de colapso nervoso?

— Já — respondi.

No entanto, eu desejaria ter-lhe dito que havia outras possibilidades. Possibilidades piores, que talvez levassem meu pai a pensar se não seria eu quem estava tendo um colapso nervoso.

— Seja cauteloso — disse ele. Embora não mencionasse o que sucedera a Will Darnell, de repente tive a forte intuição de que pensava naquilo. — Seja cauteloso, Dennis.

Leigh telefonou para mim no dia seguinte e disse que seu pai recebera um chamado de Los Angeles, sobre negócios de fim de ano e que, no impulso do momento, propusera levar a família, para que se afastassem do frio e da neve.

— Mamãe não fala em outra coisa e eu, simplesmente, não encontro um motivo para me recusar a ir — disse ela. — Serão apenas dez dias e as aulas só vão começar a oito de janeiro.

— Parece uma excelente idéia — respondi. — Divirta-se por lá..

— Acha que eu deveria ir?

— Se não for, seria bom examinar sua cabeça.

— Dennis?

— O que é?

A voz dela baixou um pouco.

— Vai tomar cuidado, não vai? Eu... bem, ultimamente tenho pensado muito em você.

Ela desligou em seguida, deixando-me surpreso e satisfeito — embora permanecesse a sensação de culpa, um pouco menor agora, mas ainda existente. Papai perguntara se eu estava tentando ajudar Arnie. Estaria? Ou talvez me limitava a espionar uma parte de sua vida, que ele rotulara de proibida... e roubava sua namorada enquanto isso? E, exatamente o que, Arnie *faria ou diria* se descobrisse?

Minha cabeça latejava com tantas perguntas e pensei que talvez até fosse bom Leigh afastar-se de Libertyville durante alguns dias.

Como ela tinha dito sobre nossos pais — parecia mais seguro.

No dia 29, sexta-feira, o último dia útil do ano velho, liguei para o Posto da Legião Americana de Libertyville e pedi para falar com o secretário. Eu conseguira seu nome, Richard McCandless, com o porteiro do prédio, que também me fornecera o número de telefone onde o encontraria. Descobri que o número pertencia a uma boa casa de móveis de Libertyville, em nome de David Emerson. Disseram-me que esperasse um momento, e então ouvi a voz de McCandless, grave e rouca, parecendo ser de um homem forte e sessentão – como se ele e Patton houvessem aberto caminho para Berlim, através da Alemanha, ombro a ombro e talvez abocanhando no ar as balas inimigas, à medida que avançavam.

– McCandless – disse ele.

– Sr. McCandless, meu nome é Dennis Guilder. Em agosto passado, os senhores providenciaram um funeral em estilo militar, para um homem chamado Roland D. LeBay...

– Ele era seu amigo?

– Não, apenas um mero conhecido, mas...

– Então creio que não ferirei seus sentimentos com o que vou dizer – respondeu McCandless, a voz soando como se cascalhos chocalhassem em sua garganta. Parecia uma mistura de Andy Devine e Broderick Crawford.

– LeBay não passava de um grande filho da mãe e, se minha vontade prevalecesse, a Legião não levantaria um dedo para sepultá-lo. LeBay abandonou a organização em 1970, mas se não a abandonasse, nós o expulsaríamos. Aquele homem foi o bastardo mais brigão que já existiu.

– É mesmo?

– Pode ter certeza. Ele começava uma discussão com alguém e fazia aquilo transformar-se em briga. Não se podia jogar pôquer com o cretino e, certamente, não se podia também beber com ele. Era impossível a convivência com ele; antes de mais nada, porque LeBay não se dava com ninguém. E não precisava ir muito longe para exaltar-se e brigar. Um louco

filho da mãe, se perdoa a minha franqueza. Quem é você, rapaz?

Por um insano momento, pensei em citar Emily Dickinson para ele: "Não sou ninguém! Quem é você?".

– Um amigo meu comprou um carro de LeBay, pouco antes dele morrer..

– Quê! Não me diga que foi aquele 57!

– Bem, em realidade, era um 58...

– Certo, certo, 57 ou 58, vermelho e branco. Era a única maldita coisa com que ele se preocupava. Tratava o carro como se fosse uma mulher. Sabia que foi por causa desse carro que ele deixou a Legião?

– Não, não sabia – respondi. – O que aconteceu?

– Ah, merda. Uma velha história, garoto. Bem, estou enchendo seus ouvidos de sujeira, mas o caso é que vejo tudo vermelho, sempre que penso naquele filho da mãe do LeBay. Ainda tenho as cicatrizes nas mãos. Tio Sam ficou com três anos de minha vida durante a Segunda Guerra Mundial e isso só me rendeu uma condecoração, um Coração Púrpura, embora permanecesse em combate todo aquele tempo. Abri caminho a duras penas através de metade daquelas merdinhas de ilhas do Pacífico Sul. Eu e mais cinquenta outros caras sujeitamos Guadalcanal e uma carga banzai.. dois milhões de fodidos japoneses avançando contra nós, excitados até os olhos e agitando aquelas espadas que recortam de latas de café, e nunca tive um arranhão. Duas balas passaram certeiras a meu lado, e pouco antes de finalizarmos a carga, o sujeito mais perto de mim teve as tripas rearrumadas por cortesia do Imperador do Japão, mas as únicas vezes que vi a cor de meu próprio sangue, lá no Pacífico, era quando me cortava fazendo a barba. Então...

McCandless riu.

– Ora, que merda, lá vou eu outra vez! Minha mulher diz que um dia toda essa merda me cairá na boca, de tanto eu arreganhá-la. Como é mesmo

o seu nome?

— Dennis Guilder.

— Ok, Dennis, sujei seus ouvidos, agora suje os meus. O que deseja?

— Bem, meu amigo comprou aquele carro e o restaurou... para uma espécie de exibição, seria o termo. Um carro de exposição.

— Hum-hum, justo como LeBay — disse McCandless, e minha boca ficou seca. — Ele adorava aquele carro fodido, posso lhe garantir. Não dava uma merda pela mulher... sabia o que aconteceu com ela?

— Sim — respondi

— Ele a levou a isso — disse McCandless, carrancudamente. — Depois que a filha deles morreu, a esposa não recebeu dele o menor consolo. Aliás, não acredito que ele também desse a mínima merda pela criança. Desculpe, Dennis, mas não consigo me conter. Falo assim o tempo todo. Sempre. Minha mãe costumava dizer: "Dickie, sua língua é presa no meio e solta nas extremidades." O que foi que você disse que queria?

— Eu e meu amigo fomos ao funeral de LeBay — expliquei — e depois que a cerimônia terminou, apresentei-me a seu irmão...

— Parecia um sujeito decente — cortou McCandless. — Professor em Ohio.

— Exatamente. Conversamos e ele me deu a impressão de ser um homem bastante correto. Conte-lhe que faria em minha prova final de inglês um trabalho sobre Ezra Pound...

— Ezra o quê?

— Pound.

— Merda, quem é? Estava no funeral de LeBay?

— Não, senhor. Pound foi um poeta.

— Um o quê?

– Poeta. Também já morreu.

– Oh – disse McCandless, demonstrando dúvida.

– De qualquer modo, LeBay, eu me refiro a George LeBay, disse que me enviaria algumas revistas sobre Ezra Pound, para a minha prova, se eu quisesse. Bem, acontece que eu poderia usá-las, mas esqueci o endereço dele. Pensei que o senhor poderia ter.

– Claro, deve estar nos registros; tudo isso é registrado. Odeio ser um maldito secretário, mas meu ano termina em julho e nunca mais quero o cargo. Sabe o que quero dizer? Um fodido, nunca mais!

– Espero não estar incomodando muito.

– Não, diabo, não! Quero dizer, afinal, para que serve a Legião Americana, não é mesmo? Para ajudar os outros. Me dê seu endereço, Dennis, e vou enviar um cartão com a informação.

Forneci-lhe meu nome e endereço, desculpando-me por tê-lo perturbado em seu trabalho.

– Não, nem pense nisso – respondeu ele. – De qualquer modo, estou em minha maldita folga para o café.

Por um momento, senti-me tentado a perguntar-lhe o que ele fazia na casa de móveis de David Emerson, onde a elite de Libertyville comprava. Seria um vendedor? Eu podia vê-lo mostrando a mercadoria a alguma jovem elegante, dizendo: *Veja aqui este fodido e lindo sofá, madame, e aqui esta maldita poltrona, posso lhe garantir que não tínhamos nada disto em Guadalcanal, quando aqueles fódidos japoneses drogados caíram sobre nós, com suas espadas de lata.*

Sorri ligeiramente, mas o que ele disse em seguida logo me deixou sério.

– Andei umas duas vezes naquele carro de LeBay. Não pude gostar dele. Raios me partam se sei por que, mas o caso é que nunca fui com ele. E nunca mais entrei nele, depois que sua esposa... você entende. Céus, aquilo me dava arrepios.

— Acredito que sim — falei, e minha voz parecia vir de muito longe.
— Escute, o que *aconteceu*, quando ele saiu da Legião? O senhor não disse que tinha algo a ver com o carro?

Ele riu, parecendo um pouco satisfeito.

— Não está mesmo interessado nessa velha história, está?

— Bem... estou. Claro que estou. Meu amigo comprou o carro, lembre-se.

— Sendo assim, vou contar. Sim, foi uma maldita coisa curiosa. Alguns companheiros mencionam isso de vez em quando, se temos alguma folga. Não fui o único com cicatrizes nas mãos. Falando francamente, foi algo de arrepiar.

— Como aconteceu?

— Ah, uma brincadeira de criança. Bem, na verdade, ninguém gostava do filho da puta, você entende. Era um estranho, um solitário...

Como Arnie, pensei.

— ... e todos tínhamos bebido — terminou McCandless. — Foi após a reunião, e LeBay se mostrara um sujeito ainda mais cretino que de costume. Havia um grupo nosso no bar, compreenda, e podíamos dizer que LeBay se dispunha a voltar para casa. Estava pegando seu blusão e discutindo com Anderson "Cachorrinho" sobre um detalhe de beisebol. Quando LeBay ia embora, era sempre do mesmo jeito, garoto. Ele saltava para aquele Plymouth, dava marcha à ré e depois pisava. Aquela coisa disparava do pátio de estacionamento como um foguete, jogando cascalho para toda parte. Então a idéia foi de Sonny Bellerman... quatro de nós saímos pela porta dos fundos e fomos para o pátio de estacionamento, enquanto LeBay gritava com "Cachorrinho". Ficamos atrás do canto mais distante do prédio, porque sabíamos onde ele terminava a marcha à ré do carro, antes de disparar para diante. Ele sempre o chamava por um nome de mulher, já lhe disse, era como se fosse casado com a maldita coisa.

"Fiquem de olhos bem abertos e cabeça baixa, ou ele nos verá", disse Sonny. "E não se movam, enquanto eu não mandar." Estávamos todos um tanto ou quanto de pileque, entenda.

"Então, uns dez minutos depois, lá vinha ele, bêbado como um gambá e apalpando os bolsos à procura das chaves. Sonny disse: 'Fiquem atentos, caras, e bem agachados!'

"LeBay entrou no carro e deu marcha à ré. Tudo perfeito, porque parou para acender um cigarro. Enquanto fazia isso, nós agarramos o pára-choque traseiro daquele Fury e levantamos as rodas traseiras do chão, para que quando ele tentasse seguir em frente, jogando cascalho para todos os lados, como sempre, você me entende, as rodas ficariam apenas girando, sem ir a lugar nenhum. Entende o que quero dizer?"

— Entendo — respondi.

Era uma brincadeira de criança. Tínhamos feito aquilo de vez em quando nos bailes do colégio. Certa vez, de molecagem, tínhamos impedido a partida do Dodge do treinador Puffer, suspendendo do chão suas rodas de tração.

— No entanto, tivemos uma espécie de choque. Ele acendeu o cigarro e depois ligou o rádio. Era outra coisa que nos deixava loucos da vida, aquela maneira como ele sempre ficava ouvindo *rock and roll*, como se fosse algum garotão, e não um fodido coroa, já podendo candidatar-se à aposentadoria da Segurança Social. Então, ele puxou a alavanca para "dirigir". Não podíamos ver, porque estávamos todos agachados, para não sermos surpreendidos. Recordo que Sonny Betertnan ria baixinho e, pouco antes de acontecer, cochichou: "Estão pra cima, homens?", e eu cochichei de volta: "Seu pau está pra cima, Bellerman." Ele foi o único que se machucou de verdade, entenda. Por causa da aliança. E eu juro por Deus, aquelas rodas *estavam* para cima! Tínhamos a traseira daquele Plymouth uns dez centímetros fora do chão.

— O que aconteceu? — perguntei.

Enfim, pela maneira como marchava a história, eu julgava adivinhar o que sucedera.

— O que aconteceu? Ele arrancou como sempre, foi o que aconteceu. Igualmente como se as quatro rodas estivessem pousadas no chão. O carro atirou cascalho para os lados e puxou aquele pára-choque traseiro de nossas mãos, levando consigo um metro de pele esfolada. Arrancou a maior parte do dedo anular de Sonny Bellerman; sua aliança ficou presa no pára-choque, entenda, e aquele dedo saltou como rolha, saindo de uma garrafa. E ouvimos LeBay rindo enquanto se afastava, como se soubesse o tempo todo que estávamos ali. Ele poderia saber, compreenda; se tivesse ido ao banheiro, ao terminar a forte discussão com "Cachorrinho", ele bem podia ter olhado pela janela, enquanto nos esgueirávamos, podia ter-nos visto de pé atrás do prédio, esperando por ele.

"Bem, isto foi o fim para ele e a Legião. Nós lhe mandamos uma carta, dizendo que não o queríamos mais lá, e ele saiu. E agora, veja só como este mundo é gozado: foi justamente Sonny Bellerman que se levantou na reunião, pouco depois da morte de LeBay, afirmando que devíamos fazer por ele o que era devido, pouco importando o que acontecera. 'Certo', disse Sonny. 'O cara era um sujo filho da puta, mas lutou na guerra como nós. Então, por que não lhe darmos aquilo a que tem direito?' Então, foi o que fizemos. Eu não concordei. Acho que Sonny Bellerman é muito mais cristão do que eu jamais seria."

— Talvez não tivessem levantado as rodas traseiras do chão — falei, pensando no que acontecera aos sujeitos que tinham rebentado Christine, em novembro. Eles haviam perdido muito mais do que a pele dos dedos.

— Nós levantamos, tenho certeza — afirmou McCandless. — Quando recebemos a saraivada de cascalho, ele veio das rodas *dianteiras*. Até hoje, não consigo imaginar como ele conseguiu aquilo. É muito esquisito, acho eu. Gerry Barlow, que estava em nosso grupo, quando suspendemos o carro, sempre comentou que LeBay devia ter, de certa forma, conseguido adaptar

uma tração nas quatro rodas. Entretanto, não acredito que se possa fazer essa conversão. O que me diz?

— Concordo plenamente — respondi. — Não creio que isso possa ser feito.

— Certo, jamais poderia — assentiu McCandless. — Nunca. Bem, ei, acho que gastei a maior parte de minha folga para o café, garoto. Vou voltar e beber outra meia xícara, antes de esgotar o tempo. Mandarei o endereço para você, se tivermos. Acho que temos.

— Obrigado, Sr. McCandless.

— Foi um prazer, Dennis. Cuide-se.

— Certo. Use e não abuse, está bem? Ele riu.

— Era o que costumávamos dizer no 5⁹ de Combate.

Desligou. Recoloquei lentamente o fone no gancho e meditei sobre carros que continuam se movendo mesmo depois de erguidas do chão suas rodas com tração. Uma coisa *esquisita*. Sim, era realmente esquisito, e o Sr. Candless ainda tinha as cicatrizes para prová-lo. Isso me fez recordar algo dito por George LeBay. Também ele tinha uma cicatriz, resultante de sua associação com Roland D. LeBay. E, à medida que envelheceu, *sua* cicatriz aumentou.

VÉSPERA DO ANO-NOVO

Por que esse jovem e arrojado astro
morreu em seu carro?
Ninguém sabe o motivo...
Pneus chiando, o fogo rugindo,
e acabou-se o jovem astro,
Oh, como puderam deixá-lo morrer?
No entanto, um jovem se foi, mas sua
lenda persiste,
Porque ele morreu sem motivo...
— Bobby Troup

Liguei para Arnie, na véspera do Ano-Novo. Eu tivera uns dois dias para refletir e não queria realmente vê-lo, mas era preciso. Seria impossível decidir qualquer coisa enquanto não o visse de novo, pessoalmente. E até ver Christine outra vez. Eu mencionara o carro a meu pai, durante o café, de passagem, como por casualidade. Ele me disse que certamente todos os carros apreendidos na Garagem de Darnell, àquela altura, já teriam sido fotografados e entregues aos donos.

Foi Regina Cunningham quem atendeu, em voz fria e formal:

— Residência dos Cunningham.

— Oi, Regina, sou eu, Dennis.

— Dennis! — Ela pareceu satisfeita e surpresa. Por um instante, era a voz da antiga Regina, a que dava para mim e Arnie sanduíches de manteiga de amendoim recheados com pedacinhos de bacon (manteiga de amendoim e bacon, em pão integral, é claro). — Como vai você? Soubemos que já teve alta do hospital.

— Vou me virando — falei. — E você? Houve um breve silêncio,

depois ela disse:

— Bem, você sabe como andaram as coisas por aqui.

— Problemas — respondi. — Sim, eu sei.

— Todos os problemas que não tivemos em anos anteriores — enfatizou ela. — Acho que estavam todos amontoados em um canto, esperando por nós.

Pigarreei de leve e não disse nada.

— Queria falar com Arnie?

— Sim, se ele estiver por aí. Após outra breve pausa, ela disse:

— Eu me lembro como, nos velhos tempos, vocês dois viviam correndo um para a casa do outro, na véspera do Ano-Novo. Queriam ver a entrada do Ano-Novo. Não era assim que diziam, Dennis?

Ela parecia quase tímida, e isso nada tinha a ver com a antiga Regina, sempre marchando a todo vapor.

— Bem... sim — respondi. — Coisas de crianças, eu sei, mas...

— Não! — exclamou ela, viva e rapidamente. — De modo algum! Se Arnie já precisou de você, Dennis, se ele já precisou de algum amigo, este é o momento. Ele... está lá em cima, dormindo. Tem dormido demais. Além disso, não... ele não... não...

— Não o que, Regina?

— Ele não se inscreveu para a faculdade! — explodiu ela, mas baixou a voz imediatamente, como se Arnie pudesse ouvi-la. — Nem uma! O Sr. Vickers, conselheiro de orientação do colégio, telefonou para mim e me disse! Arnie alcançou 700 pontos de média, quase podia entrar para qualquer universidade do país... pelo menos poderia, antes deste... deste problema... — Sua voz tremulou em direção às lágrimas, mas ela conseguiu controlar-se de novo. — Converse com ele, Dennis. Se pudesse ficar algumas horas com ele esta noite... beberem juntos algumas cervejas e... e

então apenas falar com ele...

Ela se interrompeu, mas eu podia perceber que havia algo mais. Algo que ela precisava dizer e não podia.

— Por favor, Regina — falei. Eu não gostava da antiga Regina, a dominadora compulsiva que parecia dirigir a vida do marido e do filho de maneira a ajustar-se à sua própria programação, porém gostava ainda menos desta mulher angustiada e chorosa.. — Vamos, se acalme, está bem?

— Eu receio falar com ele — declarou ela, por fim. — Michael também não tem coragem... Arnie... parece explodir, se alguém o contraria em alguma coisa. A princípio, era apenas sobre o carro; agora é também sobre a universidade. Converse com ele, Dennis, por favor. — Houve uma outra breve pausa e então, quase por casualidade, ela soltou o que lhe roia o coração: — Acho que nós o estamos perdendo.

— Não, Regina, escute...

— Vou chamá-lo — disse ela, abruptamente, largando o fone.

A espera pareceu alongar-se. Apertei o fone entre o queixo e o ombro e fiquei batendo com os nós dos dedos contra o gesso que ainda me cobria a parte superior da perna esquerda. Lutei contra um ansioso desejo de simplesmente desligar o telefone e fugir de toda aquela confusão.

Então, tornaram a erguer o fone no outro lado.

— Alô? — disse uma voz circunspecta.

O pensamento que me atravessou a mente, com absoluta segurança, foi: *Esse não é Arnie.*

— Arnie?

— Está me parecendo Dennis Guilder, a boca que anda como um homem — disse a voz. Agora ela *parecia* a de Arnie, claro, mas ao mesmo tempo não parecia. A voz dele não ficara mais grave, mas dava a impressão de *ter-se enrouquecido*, como por usá-la demais ou gritar muito. Era alheia,

como se eu estivesse falando com um estranho que exibia uma excelente imitação de meu amigo Arnie.

– Cuidado com o que está dizendo, seu cacete – falei.

Eu sorria, mas minhas mãos estavam frias. Geladas.

– Compreenda – disse ele, em tom confidencial –, sua cara e meu traseiro mostram uma suspeita semelhança.

– Já notei a semelhança mas, da última vez, pensei que fosse o contrário – repliquei. Então, um pequeno silêncio caiu entre nós, já havíamos completado o que, conosco, significavam as amenidades. – Bem, o que está fazendo esta noite? – perguntei.

– Pouca coisa – respondeu. – Nada de encontros ou coisa assim. E você?

– Bem, estou em plena forma – falei. – Vou pegar Roseanne e levá-la ao Estúdio 2000. Você pode ir conosco e, se quiser, segurar minhas muletas enquanto dançamos.

Ele riu um pouquinho.

– Tenho uma sugestão – disse eu. – Talvez nós dois pudéssemos ver o Ano-Novo, como antigamente. O que acha?

– Ótimo! – exclamou ele. Parecia gostar da idéia, mas ainda não era bem o velho Arnie. – Ver Guy Lombardo e toda aquela turma bacana. Tá legal.

Fiz uma pausa momentânea, ainda incerto sobre o que dizer. Respondi por fim, cautelosamente:

– Bem, talvez Dick Clark ou qualquer outro. Guy Lombardo já morreu, Arnie.

– É mesmo? – ele pareceu perplexo, vacilante. – Oh. Oh, sim, acho que morreu mesmo. E Dick Clark ainda pinta por aí, não?

– Certo – respondi.

— Vou ter que manejar, Dick, com um bom ritmo, você poderá dançar — disse Arnie, mas não era a voz dele, em absoluto.

Minha mente efetuou uma súbita e hedionda conexão

(o melhor cheiro do mundo... exceto, talvez, o de uma cona)

e senti que a mão se apertava convulsivamente sobre o fone. Acho que quase gritei. Eu não estava falando com Arnie, mas com Roland D. LeBay. Estava falando com um morto.

— Aqui é Dick, tudo bem — ouvi-me dizendo, como que à distância.

— Como está indo, Dennis? Você pode dirigir?

— Não, ainda não. Acho que vou pedir ao velho para me levar. — Fiz uma breve pausa, depois mergulhei de cabeça: — Pensei que você talvez pudesse me trazer de volta, se já está com seu carro. Pode ser?

— Claro! — ele pareceu sinceramente excitado. — Vai ser muito bom, Dennis! Excelente! Daremos algumas boas risadas. Como nos velhos tempos.

— Certo — respondi. E então, juro por Deus, como saiu quase sem sentir, acrescentei: — Como na oficina mecânica.

— Sim, isso mesmo! — replicou Arnie, rindo. — Um barato! Até lá, Dennis.

— Tudo bem — respondi, automaticamente. — Até lá.

Desliguei, fiquei olhando para o telefone e, de repente, comecei a tremer de alto a baixo. Nunca havia sentido tanto medo na vida como naquele momento. O tempo passa: a mente reconstrói suas defesas. Imagino que um dos motivos sobre a existência de tão pouca convincente evidência a respeito de fenômenos psíquicos é porque a mente se põe a funcionar, reestruturando a evidência. Uma pequena porção é melhor do que muita insanidade. Questionei mais tarde o que ouvira ou me fiz acreditar que Arnie não entendera bem meu comentário, mas naqueles poucos momentos, após colocar o fone no gancho, tinha certeza: LeBay se apossara dele. De

algum modo, morto ou não, LeBay estava nele.

E LeBay assumia o comando.

A véspera do Ano-Novo foi um dia frio, de céu límpido. Papai me deixou em casa dos Cunningham faltando quinze para as sete e ajudou-me a caminhar até a porta dos fundos — muletas não foram feitas para o inverno ou aléias cobertas de neve.

A camioneta dos Cunningham não estava ali, mas Christine descansava na entrada para carros, seu brilhante revestimento vermelho e branco recamado por uma condensação de cristais de gelo. Havia sido liberada, juntamente com os demais carros embargados, somente naquela semana. Só em olhar para aquele carro fui tomado de uma estranha sensação de medo, como uma dor de cabeça. Não queria voltar para casa naquele carro, nem nessa noite, nem nunca. Preferia meu Duster, comum e fabricado em série, com os assentos cobertos de vinil e o idiota adesivo no pára-choque: CARRO DO STAFF DA MÁFIA.

A luz da entrada dos fundos foi acesa e vimos a silhueta de Arnie caminhar para a porta. Ele nem mesmo *parecia* Arnie. Tinha os ombros caídos e os movimentos pareciam mais velhos. Falei para mim mesmo que devia ser tudo imaginação, produto das suspeitas que acalentava e, naturalmente, eu estava cheio de merda... e sabia disso.

Ele abriu a porta e se inclinou para fora, em uma velha camisa de flanela e *jeans*.

— Dennis! — exclamou. — Olá, amigão!

— Oi, Arnie — falei.

— Olá, Sr. Guilder.

— Oi, Arnie — disse meu pai, levantando a mão enluvada. — Como tem passado?

— Hum... Sabe como é, não muito bem, mas tudo vai mudar. Ano-

Novo, vida nova, sai a velha merda, entra a nova merda, certo?

— Creio que sim — disse meu pai, parecendo algo chocado. — Tem certeza de não querer que eu volte para apanhá-lo, Dennis?

Eu queria que ele voltasse, mais do que tudo. No entanto, Arnie olhava para mim e sua boca ainda sorria, mas os olhos eram opacos e vigilantes.

— Não é preciso, Arnie me levará para casa... se aquela banheira enferrujada ainda conseguir rodar.

— Oh-oh, veja lá o que diz de meu carro — disse Arnie. — Christine é muito sensível.

— É mesmo? — perguntei.

— Claro que é — disse Arnie, sorrindo. Virei a cabeça e desculpei-me:

— Sinto muito, Christine.

— Ótimo! Assim está melhor.

Por um momento, nós três ficamos ali, eu e meu pai ao pé dos degraus da porta da cozinha, Arnie na soleira mais acima, nenhum de nós parecendo saber o que dizer em seguida. Senti uma espécie de pânico — *alguém precisava* dizer qualquer coisa, ou então toda aquela ridícula representação de que nada mudara acabaria ruindo pelo próprio peso.

— Muito bem, garotos — disse meu pai, afinal —, fiquem sóbrios. Se forem além de duas cervejas, ligue para mim, Arnie.

— Não se preocupe, Sr. Guilder.

— Estaremos muito bem — falei, exibindo um sorriso que eu sabia forçado e falso. — Volte para casa e durma seu merecido sono para descansar sua beleza, papai. Está precisando.

— Oh-oh — respondeu meu pai. — Veja lá o que diz de meu rosto. Ele é muito sensível. Papai voltou para o carro. Fiquei vendo-o ir-se, com minhas muletas sob as axilas. Observei-o enquanto cruzava por trás de

Christine. Então, quando manobrou na entrada para carros e tomou a direção de casa, eu me sentia um pouco melhor.

Bati a neve da ponteira de cada muleta, cuidadosamente, enquanto ainda estava na soleira. A cozinha dos Cunningham tem piso ladrilhado e uns dois quase-acidentes me ensinaram que, sobre superfícies lisas, duas muletas com neve podem transformar-se em patins para gelo.

— Você sabe realmente manobrar esses bichinhos — comentou Arnie, vendo-me cruzar pela cozinha.

Tirou do bolso da camisa de flanela um maço de Tiparfilos, escolheu um, enfiou na boca a boquilha de plástico branco e o acendeu, com a cabeça inclinada para um lado. A chama do fósforo brincou momentaneamente em seu rosto, como tiras de pintura amarela.

— É uma capacidade que perderei com satisfação — respondi. — Quando foi que começou com os charutos?

— Na Garagem de Darnell — respondeu. — Só não fumo diante de mamãe. O cheiro a deixa fora de si.

Arnie não fumava como um cara aprendendo o hábito — parecia um homem, veterano de vinte anos naquilo.

— Pensei em fazer um pouco de pipoca — disse. — O que acha?

— É uma boa. Tem cerveja?

— Afirmativo. Tem uma embalagem de seis na geladeira e mais duas lá embaixo.

— Grande! — Sentei-me cuidadosamente à mesa da cozinha, estirando a perna esquerda. — Onde estão seus pais?

— Foram a uma reunião de fim de ano na casa dos Fassenbach. Quando é que vai tirar esse gesso?

— Talvez no final de janeiro, se tiver sorte. — Agitei minhas muletas

no ar e exclamei dramaticamente: — Tiny Tim voltou a andar! Que Deus nos abençoe, a cada um de nós!

A caminho do fogão, com uma frigideira, um saco de milho de pipocas e uma garrafa de óleo, Arnie riu e balançou a cabeça.

— O mesmo velho Dennis. Não arrancaram muita coisa de você, seu bosta.

— Você não deu muito as caras no hospital pra me visitar, Arnie.

— Levei uma ceia de Ação de Graças pra você, que diabo queria mais, sangue? Dei de ombros. Ele suspirou.

— Às vezes, penso que você era o meu amuleto, Dennis.

— Largue do meu pé, seu cérebro de borracha.

— Falo sério. Estive em maus lençóis, desde que você se arrebentou, e ainda continuo. Fervendo em água quente. É um milagre que não pareça uma lagosta.

Ele riu com vontade. Não era o riso que se esperaria de um jovem em apuros, mas o de um homem — sim, um homem — que está se divertindo imensamente. Arnie colocou a frigideira no fogo e despejou o óleo dentro dela. Seu cabelo, mais curto do que costumava ser e penteado para trás, em um estilo novo para mim, caiu sobre a testa. Ele o jogou para trás com um gesto brusco da cabeça e acrescentou a pipoca ao óleo. Colocou ruidosamente uma tampa na frigideira. Depois foi à geladeira. Pegou uma embalagem de seis cervejas. Colocou-a à minha frente, com um baque surdo, retirou duas latas e as abriu. Entregou-me uma e ficou com a sua. Ergui a minha.

— Um brinde — disse Arnie. — Morte aos bostas do mundo, em 1979! Baixei minha lata lentamente.

— Não posso brindar a isso, cara.

Vi uma fagulha de raiva nos olhos cinzentos. Uma fagulha que

pareceu piscar neles, como falsificado bom humor, para então desaparecer.

— Bem, então a que *pode brindar... cara?*

— Que tal um brinde à universidade? — perguntei calmamente.

Ele me fitou com ar carrancudo, o bom humor anterior desaparecido como que por encanto.

— Eu devia imaginar que ela encheu você com esse lixo. Minha mãe é uma mulher que não se detém diante de nada, para conseguir o que quer. Você sabe disso, Dennis. Ela beija até o traseiro do diabo, se for preciso.

Larguei minha lata de cerveja, ainda cheia.

— Bem, ela não beijou meu traseiro. Apenas disse que você não fez nenhuma inscrição ainda e que estava preocupada.

— A vida é minha — disse Arnie. Seus lábios se torceram, modificando o rosto, tornando-o incrivelmente feio. — Faço o que bem entendo.

— E a universidade não está em seus planos?

— É claro que sim, mas quando eu me decidir. Diga isso a ela, caso pergunte. Quando chegar o momento. Não esse ano. Definitivamente não. Se ela está pensando que vou para a Universidade de Pittsburgh, para a Horlicks ou Rutgers, bancar o calouro e ficar berrando como louco nos jogos de futebol do colégio, deve estar maluca. Não, depois de toda a merda que passei esse ano. Não dá, cara.

— E o que *vai fazer?*

— Vou cair fora — respondeu ele. — Entrar em Christine e motorar por aí, esquecendo essa cidadezinha de programa único. Você entende? — Sua voz começou a alterar-se, ficando estridente, fazendo com que o horror me invadisse novamente. Sentia-me impotente contra aquele medo efeminado e só desejava que não transparecesse no meu rosto. Porque agora não era apenas a voz de LeBay, mas até mesmo seu *rosto*, pairando sob o de Arnie como alguma coisa morta, preservada em formol. — Minha vida tem

sido uma tempestade de merda este ano e acho que o maldito Junkins continua atrás de mim, a todo vapor. Seria melhor tomar cuidado, antes que alguém acabe com ele...

— Quem é Junkins? — perguntei.

— Não importa — respondeu Arnie. — Não é importante. — Atrás dele, o óleo começou a chiar. Um punhado de milho estourou — *ploft!* — contra a tampa. — Tenho que agitar aquilo, Dennis. Vai querer um brinde ou não? Para mim, não faz diferença.

— Está bem — falei. — Que tal um brinde a nós?

Ele sorriu, aliviando um pouco a constrição em meu peito.

— A nós, legal, é uma boa pedida, Dennis. A nós. Não podia ser outra coisa, hein?

— Claro — respondi, com voz algo enrouquecida. — Não podia ser outra coisa. Fizemos tintim com as latas de cerveja e bebemos.

Arnie foi para o fogão e começou a agitar a frigideira, onde o milho explodia velozmente. Deixei uns dois goles de cerveja deslizarem pela minha garganta. Àquela altura, cerveja ainda era mais ou menos novidade para mim e nunca ficara embriagado com ela, porque gostava do sabor e alguns amigos — Lenny Barongg era o principal deles — me tinham dito que quando a gente fica tropeçando, levantando, vomitando pela camisa abaixo, leva semanas sem conseguir olhar para a coisa. Infelizmente, desde então venho descobrindo que isso não é a pura verdade.

Arnie, entretanto, bebia como se a Proibição fosse ser reinstaurada a primeiro de janeiro; esvaziara sua primeira lata, antes mesmo da pipoca terminar de estourar. Amassou a vazia, piscou para mim e disse:

— Veja como coloco bem no traseiro do vagabundinho, Dennis.

A alusão me escapôu, de maneira que apenas dei um sorriso forçado, quando ele jogou a lata na cesta do lixo. Ela acertou primeiro a parede, antes

de cair na cesta.

— Cesta — falei.

— Perfeito — disse ele. — Quer me passar outra?

Entreguei-lhe a lata, imaginando, que diabo, meus pais planejavam ver a entrada do Ano-Novo em casa e, se Arnie ficasse realmente bêbado e incapaz de dirigir, eu podia ligar para papai. Arnie, bêbado, talvez dissesse coisas que jamais diria estando sóbrio e, por outro lado, eu não queria voltar com ele para casa em Christine.

A cerveja, entretanto, não pareceu afetá-lo. Ele terminou de preparar a pipoca, despejou-a em uma grande tigela de plástico, derreteu meia barra de margarina, despejou-a sobre as pipocas, salgou e disse:

— Vamos para sala ver TV. O que acha?

— Para mim, está ótimo.

Peguei minhas muletas, apoiei-as sob as axilas — ultimamente havia a sensação de que estava ficando calejado debaixo dos braços e então tateei pelas três cervejas que ainda estavam sobre a mesa.

— Eu volto para apanhar — disse Arnie. — Vamos. Antes que você acabe derrubando tudo. Sorriu para mim, e naquele momento não era outro senão Arnie Cunningham, a tal ponto que

meu coração se confrangeu um pouco ao olhar para ele.

Havia um especial de véspera de Ano-Novo passando na TV, bastante chato. Donny e Marie Osmond cantavam, ambos mostrando seus gigantescos dentes brancos, em sorrisos amistosos mas, ao mesmo tempo, parecendo o riso de tubarões. Deixamos a TV ligada e conversamos. Falei a Arnie sobre as sessões de fisioterapia e como estava me exercitando com pesos. Depois de duas cervejas, confessei-lhe que receava nunca mais tornar a caminhar direito. Deixar de jogar futebol pela escola não me incomodava, porém aquilo, sim. Ele assentia, calma e compreensivamente, enquanto eu

falava.

Eu poderia terminar aqui, e dizer que jamais passara uma noite tão peculiar em minha vida. Coisas piores aguardavam, mas nada era tão estranho, tão... *tão desconexo*. Era como posar para um filme, cujas imagens estão quase — mas não inteiramente — fora de foco. Por vezes ele me parecia Arnie, mas em outras não havia a mais remota semelhança. Ele adquirira modos que eu nunca percebera antes — girar as chaves do carro nervosamente sobre o retângulo de couro ao qual estavam afixadas, estalar os nós dos dedos e, ocasionalmente, morder a polpa do polegar com os incisivos superiores. Houve ainda aquele comentário sobre "colocar bem no traseiro do vagabundinho", quando atirou fora a lata de cerveja. E, embora houvesse bebido cinco cervejas, quando eu ainda terminava a minha segunda, apenas sorvendo uma atrás da outra, ele ainda não parecia bêbado.

Além disso, havia os gestos que eu sempre associara a Arnie, que pareciam ter desaparecido completamente: o puxão rápido e nervoso do lóbulo da orelha quando falava, o estiramento súbito das pernas, terminando com os tornozelos brevemente cruzados, seu hábito de exprimir satisfação, deixando o ar sibilar através dos lábios franzidos, em vez de rir abertamente. O último ocorrera uma ou duas vezes. No entanto, era mais freqüente indicar sua jovialidade em uma série de esgançadas risadinhas sufocadas, que eu associava a LeBay.

O especial terminou às onze da noite e Arnie girou o botão da TV, até encontrar uma festa-dançante em algum hotel de Nova Iorque, onde insistiam em mostrar Times Square, na qual já se amontoara uma boa multidão. Não era Guy Lombardo, mas bem próximo disso.

— Você não vai mesmo para a universidade? — perguntei.

— Não este ano. Eu e Christine iremos para a Califórnia, logo depois da formatura do colégio. Para aquelas praias douradas de sol.

— Seus velhos já sabem?

Ele pareceu sobressaltar-se à idéia.

— Diabo, não! E não vá contar a eles! Preciso tanto que eles saibam disso, como preciso de um peru de borracha.

— O que pretende fazer por lá? Ele deu de ombros.

— Trabalhar consertando carros. Sou tão bom nisso como em qualquer coisa. — Então, ele me deixou atônito, ao dizer, casualmente: — Espero convencer Leigh a ir comigo.

A cerveja entrou pelo buraco errado e comecei a tossir, pulverizando minhas calças. Arnie me bateu duas vezes nas costas, com força.

— Você está bem?

— Estou — consegui dizer. — A cerveja entrou no canal errado. Arnie... se pensa que ela vai com você, está vivendo num mundo de sonho. Leigh está às voltas com requerimentos para a universidade. Tem um punhado deles, cara. Ela está seriamente envolvida nisso.

Os olhos dele estreitaram-se imediatamente e tive a desagradável sensação de que a cerveja me traía, fazendo-me falar mais do que devia.

— O que mais sabe sobre minha garota?

De repente, eu me sentia como se houvesse caído em um enorme campo, fortemente minado.

— Ela não fala em outra coisa, Arnie. Quando começa com o assunto, ninguém consegue fazê-la calar-se.

— Companheiro... Não está se intrometendo, está, Dennis? — Ele me observava atentamente, os olhos cheios de suspeita. — Você não faria uma coisa dessas, hein?

— Não — respondi, mentindo da maneira mais absoluta e completa. — Não sei como pode imaginar uma coisa dessas.

— Então, como sabe tanto sobre o que ela anda fazendo?

— Eu a vi por aí — respondi. — Falamos sobre você.

— Ela fala sobre mim?

— Sim, mais ou menos — repliquei, com naturalidade. — Disse que vocês dois tiveram uma discussão sobre Christine.

Era a coisa certa a dizer. Ele relaxou.

— Foi uma discussãozinha de nada. Sem nenhuma importância. Ela virá me procurar. E se quer ir para a universidade, há boas universidades na Califórnia. Nós nos casaremos, Dennis. Vamos ter filhos e toda essa merda.

Lutei para manter o rosto impassível.

— Ela já sabe disso? Ele riu.

— Nem desconfia! Ainda não, mas vai saber. Dentro em breve. Eu a amo e nada pode acontecer para nos atrapalhar. — O riso extinguiu-se. — O que ela disse sobre Christine?

Outra mina.

— Disse que não gostava do carro. Acho que... bem, talvez estivesse um pouco enciumada. Novamente, era a coisa certa a dizer. Ele relaxou ainda mais.

— Sim, claro que é isso. Enfim, ela vai aparecer, Dennis. O verdadeiro amor nunca transcorre tranqüilamente, mas ela vai aparecer, não se preocupe. Se tornar a vê-la, diga que vou telefonar. Ou dê o recado, quando as aulas recommencarem.

Pensei em dizer-lhe que, naquele exato momento, Leigh estava na Califórnia mas decidi ficar calado. Perguntei-me o que este novo e desconfiado Arnie faria se soubesse que eu beijara a garota com quem pensava casar, que a abraçara... que estava me apaixonando por ela.

— Veja, Dennis! — exclamou Arnie, apontando para a TV.

A câmera mostrava Times Square novamente. A multidão era um imenso — mas ainda crescente — organismo. Passava pouco de onze e meia.

O ano velho estava nas últimas.

— Veja aqueles bostas!

Ele cacarejou sua risada estridente e excitada, terminou a cerveja e desceu para pegar uma nova embalagem de seis. Fiquei sentado, pensando em Welch e Repperton, em Trelawney, Stanton, Vandenberg e Darnell. Pensei em como Arnie — ou quem quer que ele se tornara — julgava que ele e Leigh haviam tido apenas uma briguinha de namorados sem importância e em como encerrariam o ano letivo casando-se, como naquelas melosas baladas de amor dos anos 50.

E, oh, Deus, tive um grande calafrio.

Vimos o Ano-Novo entrar.

Arnie arranjou umas duas bombinhas e estalos de festa — do tipo que estoura e solta então uma nuvem de pequenas serpentinhas de papel crepom. Erguemos um brinde a 1979 e conversamos mais um pouco sobre assuntos neutros, como a decepcionante derrota dos Phillies nos desempates e as chances dos Steelers de fazerem toda a caminhada até a Grande Taça.

A tigela de pipoca baixara até o milho sem estourar e os caroços queimados, quando decidi fazer uma das perguntas que estivera evitando.

— O que acha que aconteceu a Darnell, Arnie?

Ele me fitou vivamente, depois tornou a olhar para a TV, onde casais dançavam, com confetes do Ano-Novo nos cabelos. Bebeu mais um pouco de cerveja.

— As pessoas com quem negociava calaram a boca dele, porque podia falar demais. É o que acho que aconteceu.

— As pessoas para quem .ele trabalhava?

— Will costumava dizer que a Gangue do Sul era ruim — explicou Arnie —, mas que os colombianos ainda eram piores.

— Quem são os...

— Os colombianos? — Arnie riu cinicamente. — Caubóis da cocaína, é isso que eles são. Will costumava comentar que eles matam um sujeito até mesmo se o cara olhar para suas mulheres da maneira errada e algumas vezes, quando olham da maneira certa. Talvez tenha sido coisa dos colombianos. O negócio foi feito bastante bem do jeito deles.

— Você estava entregando coca para Darnell? Arnie deu de ombros.

— Eu entregava *muamba* para Will. Só transportei coca para ele uma ou duas vezes, e dou graças a Deus por não estar levando nada pior do que cigarros sem selagem, quando me pegaram. Eles me pegaram com a mão na massa, cara. Uma boa merda. Entretanto, se a situação fosse a mesma, provavelmente eu faria tudo de novo. Will podia ser um velho filho da mãe, sujo e nojento, mas era legal, em certo sentido. — Seus olhos ficaram velados, estranhos. — Sim, de certo modo era legal. Só que sabia demais. Aí está por que o liquidaram. Sabia demais... e, cedo ou tarde, terminaria dando com a língua nos dentes. Acho que foram os colombianos. Uns filhos da puta.

— Não pesquei nada. E nem é da minha conta, acho. Ele olhou para mim, sorriu e piscou.

— Era a teoria do dominó. Pelo menos, assim devia ser. Havia um sujeito chamado Henry Buck. Supõe-se que ele me acusaria. Então, eu acusaria Will. E depois... a grande jogada... Will certamente acusaria os caras lá do Sul, que lhe vendiam a droga, as bolinhas, cigarros e bebida. Eram eles que Jun... que os tiras realmente queriam. Especialmente os colombianos.

— E acha que eles o mataram? Arnie me fitou opacamente.

— Eles ou a Gangue do Sul, lógico. Quem mais poderia ser? Sacudi a cabeça.

— Bem — disse ele —, tomamos outra cerveja e levo você em casa. Eu adorei essa noite, Dennis. Realmente adorei.

Havia um toque de verdade naquilo, mas Arnie jamais faria um comentário enfático como: "Eu adorei essa noite, realmente adorei". Nunca o velho Arnie.

— Hum... eu também, cara.

Eu não queria outra cerveja, mas aceitei assim mesmo. Desejava adiar o momento inevitável de entrar em Christine. De tarde, parecera um passo necessário — experimentar, eu mesmo, a atmosfera daquele carro... se houvesse alguma atmosfera para experimentar. Agora, a idéia parecia aterradora, uma loucura. O segredo do que eu e Leigh nos estávamos tornando, um para o outro parecia um enorme ovo quebradiço em minha cabeça.

Diga-me, Christine, você pode ler pensamentos?

Senti um riso aloucado subindo em minha garganta e despejei cerveja sobre ela.

— Escute — falei —, vou ligar para o velho vir me buscar, se você quiser, Arnie. Ele ainda deve estar de pé.

— Não há problema — disse Arnie. — Eu conseguiria caminhar três quilômetros em linha reta, não se preocupe.

— Eu só pensei...

— Aposto como está louco para voltar a dirigir, não está?

— Bem, estou, é claro.

— Nada melhor do que a gente estar atrás do volante de nosso próprio carro — disse Arnie, e então seu olho esquerdo baixou na piscada remelosa de um velho devasso. — Exceto, talvez, uma cona.

Chegara a hora. Arnie desligou a TV e fiz minha penosa caminhada de muletas através da cozinha, levei algum tempo para conseguir vestir minha velha jaqueta de esqui, esperando que Michael e Regina chegassem de sua

feita e adiassem as coisas por algum tempo mais — talvez Michael sentisse o cheiro de bebida no hálito de Arnie e me oferecesse uma carona. Ainda estava bem clara em minha mente a lembrança da tarde em que eu deslizara para trás do volante de Christine, quando Arnie estava em casa de LeBay, negociando com o velho filho da mãe.

Arnie pegara umas duas cervejas na geladeira — "Para a estrada", intimou. Pensei em dizer-lhe que se fosse apanhado embriagado, por estar em liberdade sob fiança, provavelmente iria para a cadeia antes de piscar um olho. Depois decidi ser melhor ficar calado. Saímos.

A primeira manhã de 1979 — madrugada, aliás — estava terrivelmente fria, o tipo de frio que faz a umidade do nariz congelar em segundos. Os bancos de neve, à margem da entrada para carros, cintilaram como bilhões de diamantes. E lá estava Christine, as vidraças negras embaciadas pela neve. Olhei para o carro. *A Gangue*, dissera Arnie. *A Gangue do Sul ou os colombianos*. Soava melodramático, mas possível — não, mais: soava plausível. Entretanto, a Gangue liquidava pessoas a tiros, empurrava-as de janelas, estrangulava-as. Segundo a lenda, Al Capone se livrara de um pobre otário com um bastão de beisebol recheado de chumbo. Só que... dirigir um carro sobre o gramado nevado de um sujeito, atirá-lo contra a parede de sua casa e entrar em sua sala de estar...

Os colombianos, talvez. Arnie tinha dito que os colombianos eram loucos. Mas loucos assim? Eu não acreditava.

Christine reluzia à luz que vinha da casa e à luminosidade das estrelas. *E se tivesse sido ela? E se ela descobrisse que eu e Leigh tínhamos nossas suspeitas? Pior ainda, e se descobrisse que nós andávamos de namoro?*

— Precisa de ajuda nos degraus, Dennis? — perguntou Arnie, sobressaltando-me.

— Não. Posso me entender com a escada — respondi. — Prefiro uma mãozinha na alameda.

– Não tem problema, cara.

Desci os degraus da cozinha em diagonal, aferrando o corrimão com uma das mãos e sustentando as muletas na outra. Na alameda, apoiei-me sobre elas, dei uns dois passos e então escorreguei. Uma pontada imprecisa de dor correu por minha perna esquerda acima, aquela que ainda não valia nada. Arnie me agarrou.

– Obrigado – falei, contente pela chance de parecer amedrontado.

– Vá com calma.

Chegamos ao carro, e Arnie perguntou se eu podia entrar sozinho. Respondi que podia. Ele me deixou e passou pela frente do capô de Christine. Segurei a maçaneta com mão enluvada e uma impotente sensação de medo, de repulsa, me envolveu por completo. Só então comecei a acreditar, bem lá no fundo, sentir onde uma pessoa vive. Porque a maçaneta estava viva em minha mão. Eu a sentia como uma fera viva, que estivesse adormecida. Aquela maçaneta não parecia de aço cromado; Santo Deus, ela dava a sensação de pele. Como se eu pudesse apertá-la e despertar a fera, rugindo.

Fera?

Certo, *que* fera?

O que seria? Alguma espécie de *Ifrit*? Um carro comum que, de certa forma, se tornara a perigosa, fedorenta morada de um demônio? Uma sobrenatural manifestação da prolongada personalidade de LeBay, uma demoníaca casa mal-assombrada que rodava sobre pneus Goodyear? Eu não sabia. Sabia apenas que estava assustado, aterrorizado. Achava que não conseguiria ir em frente com aquilo.

– Ei, você está bem? – perguntou Arnie. – Consegue entrar?

– Consigo – respondi roucamente.

Apertei o polegar sobre o botão abaixo da maçaneta, abri a porta, virei-

me de costas para o banco e deixei o corpo cair sobre ele, as pernas rigidamente estendidas. Segurei a perna e a girei. Era como mover um móvel. Meu coração martelava no peito. Puxei a porta e a fechei.

Arnie girou a chave e o motor ganhou vida — como se a máquina estivesse quente, em vez de gelada. Então, fui assaltado pelo cheiro, parecendo vir de toda parte, mas principalmente parecendo emanar do estofamento: o fedor forte, doentio e apodrecido de morte e decomposição.

Não sei como descrever aquela ida para casa, aqueles cinco quilômetros rodados, que não duraram mais de dez ou doze minutos, sem dar de mim mesmo a impressão de um fugitivo de hospício. Não há meios de ser objetivo a respeito; apenas estar aqui e tentar, é bastante para me deixar gelado e ardente ao mesmo tempo, febril e indisposto. Não é possível separar o que era real e o que minha mente podia ter elaborado: nenhuma linha divisória existia entre o objetivo e o subjetivo, entre a verdade e a horripilante alucinação. Entretanto, nada foi produto da embriaguez, posso garantir — se não outra coisa, pelo menos isto eu posso garantir. Qualquer tonteira que a cerveja pudesse ter provocado, evaporou-se imediatamente. O que se seguiu foi uma lúcida excursão pela terra dos amaldiçoados.

Para início de conversa, nós recuamos no tempo.

Por um momento, não era Arnie quem dirigia, em absoluto; era LeBay, putrefato e fedendo a sepultura, metade esqueleto e metade carne apodrecida, esponjosa, botões esverdeados e corroídos. De sua gola subiam larvas, abrindo caminho lentamente. Pude ouvir um lento zumbido e, a princípio, pensei que fosse algum curto-circuito em qualquer das luzes no painel de instrumentos. Só mais tarde comecei a pensar que poderia ter sido o som de moscas, procriando em sua carne. Era inverno, sem dúvida, mas...

Em certas ocasiões, parecia haver outras pessoas no carro, conosco. Olhei uma vez pelo espelho retrovisor e vi um manequim de cera de uma

mulher, fitando-me com os olhos vivos e cintilantes de um troféu empalhado. Penteava os cabelos no estilo pajem, em moda nos anos 50. Suas faces pareciam demasiado pintadas com rouge e recordei que o envenenamento por monóxido de carbono, presumivelmente, emprestava a ilusão de vida e de pele corada. Mais tarde, tornei a espiar pelo espelho e tive a impressão de ver uma menininha lá, o rosto escurecido pela asfixia, os olhos esbugalhados como os de um animal empalhado, cruelmente comprimido. Fechei os olhos e, ao abri-los, Buddy Repperton e Richie Trelawney surgiram no espelho retrovisor. O sangue se coagulava em placas secas sobre a boca, queixo, pescoço e a camisa de Buddy. Richie era uma massa carbonizada — mas com olhos vivos e atentos. Buddy estendeu o braço lentamente. Segurava uma garrafa de Texas Driver na mão enegrecida. Tornei a fechar os olhos. Depois disso, não olhei mais para o espelho.

Recordo que o rádio transmitia *rock*: Dion e os Belmonts, Ernie K-Doe, os Royal Teens, Bobby Rydell ("Oh, Bobby, oh... everything's cool... we're glad you go to a swinging' school...")

Recordo ainda que, por um momento, parecia haver um dado vermelho de isopor pendendo do espelho retrovisor, depois ali havia sapatinhos de criança, em seguida, nem uma coisa nem outra.

Acima de tudo, recordo ter insistido na idéia de que tais coisas — o fedor de carne putrefata e os estofados bolorentos — existiam apenas em minha mente, que eram como as miragens que atormentam a consciência de um fumador de ópio.

Eu era alguém mais ou menos drogado, tentando manter uma espécie de conversa racional com uma pessoa lúcida. Sim, porque eu e Arnie conversávamos; lembro-me disso, mas não do que dizíamos. Procurei controlar-me. Mantive a voz normal. Tinha reações. E aqueles dez ou doze minutos pareceram durar horas.

Já disse que é impossível ser objetivo sobre aquela corrida; caso tenha

existido alguma progressão lógica de eventos, agora ficou perdida para mim, bloqueada. Aquela jornada através da noite negra e gelada foi, de fato, como uma viagem por uma avenida, a caminho do inferno. Não consigo recordar tudo o que aconteceu mas, ainda assim, recordo mais do que desejaria. Saímos da entrada para a garagem, em marcha à ré, e penetramos no parque de diversões de um mundo louco, onde eram reais todos os arrepios de medo.

Falei que recuamos no tempo, mas teríamos realmente recuado? As ruas atuais de Libertyville continuavam lá, porém eram como uma tênue capa velando um filme — como se a Libertyville de fins dos anos 70 houvesse sido desenhada sobre plástico transparente, cobrindo um tempo que, de certa forma, era mais real. Pude sentir que o tempo estendia suas mãos mortas para nós, tentando capturar-nos, prender-nos para sempre. Arnie parava em cruzamentos onde a via era preferencial para nós; em outros, embora as luzes de trânsito estivessem vermelhas, seguia suavemente com Christine, sem ao menos reduzir a marcha. Na Rua Principal, vi a Joalheria Shipstad e o Teatro Strand, ambos demolidos em 1972, a fim de darem lugar ao novo Banco Comercial da Pensilvânia. Os carros estacionavam ao longo da rua — reunidos em grupos aqui e ali, onde aconteciam as festas de comemoração do Ano-Novo —, todos parecendo anteriores aos anos 60... ou de antes de 1958. Buicks de portas alongadas. Uma camioneta De Soto Firelite, de comprida carroceria azul, parecendo recém-saída da linha de montagem. Um cupê Dodge Lancer 57, de quatro portas. Fords Fairlane, com suas características traseiras, cada uma com enormes dois pontos de lado. Pontiacs nos quais a grade do radiador ainda não fora fendida. Ramblers, Packards e alguns Studebakers, com a dianteira em forma de bala, e um Edsel, fantástico e novo em folha.

— Sim, este ano será melhor — disse Arnie.

Olhei para ele. Levava a lata de cerveja aos lábios e, antes de tocar a boca, seu rosto transformava-se no de LeBay, uma figura em decomposição,

extraída de alguma história em quadrinhos de terror. Os dedos que seguravam a lata eram apenas ossos. Posso jurar para quem quiser, que eram apenas ossos — e as calças jaziam achatadas contra o assento, como se dentro delas nada mais houvesse além de cabos de vassoura.

— Será mesmo? — falei, respirando o desagradável e asfixiante miasma do carro o mais lentamente possível, tentando não sufocar.

— Será — disse LeBay, só que ele agora era Arnie novamente, e quando paramos em um sinal vermelho vi um Camaro 77 passar em disparada. — Tudo quanto peço é que fique do meu lado um pouco, Dennis. Não deixe minha mãe arrastá-lo para essa merda. As coisas vão ser diferentes.

Ele era LeBay de novo, sorrindo um sorriso descarnado e eterno, ante a idéia de que as coisas seriam diferentes. Senti meu pensamento oscilar. Sem dúvida, logo começaria a gritar.

Baixei os olhos, desviando-os daquele rosto horrendo, e vi o que Leigh tinha visto: instrumentos do painel de controle que não eram instrumentos em absoluto, mas verdes olhos luminosos, esbugalhando-se para mim.

Em algum ponto, o pesadelo terminou. Paramos junto ao meio-fio, em um local da cidade que nem mesmo reconheci, um setor que podia jurar nunca ter visto antes. Havia construções nos lotes de terreno por toda parte, algumas casas já com três quartos edificadas, outras apenas nas estruturas. A meio caminho do quarteirão, mais abaixo, iluminado pelos faróis de Christine, um cartaz dizia:

PROPRIEDADES MAPLEWAY

VENDA EXCLUSIVA DOS CORRETORES DE LIBERTYVILLE

Um bom lugar para criar seus filhos

Pense nisto

– Bem, aqui estamos — disse Arnie. — Acha que pode fazer a caminhada sozinho, cara? Olhei indeciso em torno, para aquele projeto de urbanização deserto e coberto de neve. Depois concordei. Era melhor ficar ali, de muletas e sozinho, do que naquele terrível carro. Senti um largo sorriso plastificado em meu rosto.

– Claro que posso. Obrigado.

– Sem suar — disse Arnie. Terminou sua cerveja e LeBay a atirou em uma sacola de lixo. — Outro soldado morto.

– Sim — respondi. — Feliz Ano-Novo, Arnie.

Procurei a maçaneta e a abri. Perguntei-me se conseguiria sair, se meus braços trêmulos agüentariam as muletas.

LeBay olhava para mim, sorrindo.

– É só ficar do meu lado, Dennis — disse ele. — Sabe o que acontece aos bostas que não ficam.

– Sim, claro — sussurrei.

Eu sabia perfeitamente. Botei minhas muletas para fora do carro e icei o corpo para elas, pouco ligando para qualquer gelo existente no solo. Elas me manteriam. E, imediatamente, o mundo sofreu uma reviravolta, uma completa transformação. Surgiram luzes — só que, evidentemente, elas haviam estado ali o tempo todo. Minha família se mudara para as Propriedades Mapleway em junho de 1959, um ano antes de meu nascimento. Ainda morávamos ali, mas a área não era mais conhecida como Propriedades Mapleway, desde 1963 ou 64, no máximo.

Fora do carro, eu olhava para minha casa, em minha rua perfeitamente normal — apenas outra parte de Libertyville, Pensilvânia. Tornei a olhar para Arnie quase esperando ver LeBay novamente, motorista de táxi vindo do inferno, com sua carga de muitos mortos, trazida das profundezas da noite.

No entanto, era apenas Arnie, usando seu blusão do ginásio, com seu nome costurado acima do bolso do peito. Arnie, parecendo tão pálido e tão sozinho. Arnie, com uma lata de cerveja pousada na virilha.

— Boa noite, cara.

— Boa noite — respondi. — Tome cuidado quando voltar para casa. Não vai querer que o apanhem, não?

— Não me apanharão — disse ele. — Cuide-se, Dennis.

— Pode deixar.

Bati a porta. Meu horror fora substituído por uma profunda e terrível angústia — como se ele tivesse sido sepultado. Sepultado vivo. Fiquei espiondo, enquanto Christine se afastava do meio-fio e começava a descer a rua. Espiei, até vê-la dobrar a esquina e desaparecer de vista. Então, comecei a subir a entrada para minha casa. A alameda estava em boas condições. Meu pai se dera ao trabalho de despejar sobre ela quase um saco de cinco quilos de Halite a fim de torná-la antiderrapante, preocupado comigo.

Eu já fizera três quartos da caminhada até a porta quando uma espécie de fumaça cinzenta pareceu flutuar para mim e envolver-me. Tive que parar e abaixar a cabeça tentando me recuperar. Posso perder os sentidos, aqui fora, pensei confusamente, e morrer congelado em minha própria calçada, onde um dia eu e Arnie brincamos de amarelinha, pique e estátua.

Por fim, pouco a pouco, o acinzentado começou a clarear. Senti um braço em torno de minha cintura. Era papai, de roupão e chinelos.

— Dennis, você está bem?

Se eu estava bem? Eu havia sido trazido para casa por um cadáver!

— Estou — respondi. — Apenas um pouco tonto. Vamos entrar. Você vai acabar congelando aqui fora.

Ele subiu os degraus comigo, o braço ainda em torno de minha cintura — e era bom senti-lo ali.

— Mamãe ainda está acordada? — perguntei.

— Não. Ela viu o romper do ano e depois foi para a cama. Ellie também. Você está bêbado, Dennis?

— Não.

— Pois não me parece bem — disse ele, batendo a porta atrás de nós.

Deixei escapar uma risada que parecia um breve e louco ganido. As coisas ficaram novamente cinzentas... porém apenas por pouco tempo, agora. Quando recuperei o controle, papai olhava para mim, muito preocupado.

— O que aconteceu lá?

— Papai...

— Fale comigo, Dennis!

— Não posso, papai.

— O que há com ele? O que há de errado com ele, Dennis?

Apenas balancei a cabeça e não era por causa da loucura daquilo tudo, de receio por mim. Agora eu temia por todos eles — meu pai, minha mãe, Elaine, os pais de Leigh. Temia horivelmente por eles.

E só ficar do meu lado, Dennis. Sabe o que acontece aos bostas que não ficam.

Teria eu ouvido realmente aquilo?

Ou aquilo estava apenas em minha mente?

Meu pai ainda olhava para mim.

— Não posso.

— Está bem — disse ele. — Por enquanto. Acho eu. Ainda assim, preciso saber uma coisa, Dennis, e quero que você me diga. Tem algum

motivo para crer que Arnie estivesse envolvido, de qualquer modo, na morte de Darnell e na daqueles rapazes?

Pensei no rosto sorridente e putrefato de LeBay, as calças frouxas em torno de algo que só poderiam ser ossos.

– Não – respondi, e era quase a verdade. – Arnie, não.

– Certo – disse ele. – Quer ajuda na escada?

– Posso dar um jeito. Vá para a cama também, papai.

– Sim, irei logo. Feliz Ano-Novo, Dennis... e se quiser falar comigo, ainda estarei aqui.

– Não há nada para dizer – respondi. Nada que eu *pudesse* dizer...

– De certa forma – disse ele –, não acredito muito.

Fui para o quarto, enfiei-me na cama e deixei a luz acesa. Não consegui dormir. Aquela foi a mais longa noite de minha vida e por várias vezes pensei em levantar-me e ir para junto de mamãe e papai, como fazia quando era criança. Em certo momento, cheguei realmente a surpreender-me saindo da cama e tateando pelas muletas. Deitei-me outra vez. Sim, eu receava por todos eles, mas isso não era o pior. Não era mais.

Eu receava perder a razão. Aí estava o pior.

O sol acabava de despontar no horizonte, quando finalmente adormeci e tive um sono agitado, por umas três ou quatro horas. Quando acordei, minha mente já começava a tentar curar-se da irre realidade. Meu problema era que, simplesmente, eu não podia mais dar ouvidos àquela canção de ninar. Os versos se apagaram para sempre.

GEORGE LEBAY NOVAMENTE

Naquela noite fatídica, quando o carro
ficou preso
Nos trilhos da ferrovia,
Eu a puxei para fora e você estava salva,
Mas você fugiu correndo...
— Mark Dinning

Na sexta-feira, cinco de janeiro, recebi um cartão de Richard McCandless, secretário do Posto da Legião Americana de Libertyville. Escrito nas costas, em manchada caligrafia a lápis, estava o endereço da residência de George LeBay em Paradise Falls, Ohio. Fiquei com o cartão no bolso traseiro das calças a maior parte do dia, tirando-o ocasionalmente e olhando para ele. Não queria telefonar para George LeBay; não queria voltar a falar com ele sobre seu louco irmão Roland; não queria que aquela alucinada situação persistisse, em absoluto.

Naquela tarde, meus pais foram ao Monroeville Mall com Ellie, que queria gastar parte do dinheiro ganho no Natal em um novo par de esquis. Meia hora depois que eles se foram, peguei o telefone e coloquei o cartão de McCandless à minha frente. Uma ligação para a telefonista situou Paradise Falls na área de código 513 — oeste do Ohio. Após uma pausa para refletir, disquei 513 e pedi à telefonista de auxílio o número de LeBay. Anotei-o no cartão, fiz nova pausa para refletir — agora uma pausa mais longa —, e então ergui o fone do gancho uma terceira vez. Disquei metade do número de LeBay e então desliguei. *Foda-se*, pensei, tomado de um nervoso ressentimento que não me lembrava de ter sentido antes. *Já chega o que houve, portanto, foda-se, não vou ligar para ele. Estou cheio disso tudo, lavo minhas mãos de toda essa situação nojenta. Que ele vá para o inferno, em seu próprio carro restaurado. Foda-se!*

— Foda-se! — sussurrei e afastei-me dali, antes que a consciência

começasse a pesar novamente.

Fui para o andar de cima, tomei um banho de esponja e fui me deitar. Adormeci profundamente antes de Ellie e meus pais voltarem, continuando a dormir muito bem por toda a noite. Foi uma boa coisa, porque demorei muito tempo para voltar a dormir tão bem assim. Muito tempo mesmo.

Enquanto eu dormia, alguém — *alguma coisa* — matou Rudolph Junkins, da Polícia Estadual da Pensilvânia. Estava no jornal, quando me levantei na manhã seguinte. INVESTIGADOR DO CASO DARNELL ASSASSINADO PERTO DE BLAIRSVILLE, bradavam as manchetes.

Meu pai estava lá em cima, tomando uma ducha. Ellie e duas amigas davam risadinhas na varanda, entretidas em jogar Monopólio. Minha mãe elaborava uma de suas histórias no quarto de costura. Eu estava sozinho à mesa, petrificado e assustado. Ocorreu-me que Leigh e sua família voltariam da Califórnia no dia seguinte, no outro começariam as aulas e, a menos que Arnie (ou LeBay) mudasse de idéia, ela seria ativamente perseguida.

Empurrei lentamente o prato, com os ovos que fritara para mim. Não os queria mais. Na noite anterior, parecera possível deixar de lado toda aquela horrenda e inexplicável situação envolvendo Christine, com a mesma facilidade com que deixava meu café da manhã de lado. Agora, eu me perguntava como pudera ser tão ingênuo.

Junkins era o homem que Arnie mencionara na véspera do Ano-Novo. Nem brincando, eu poderia acreditar que não fora. O jornal dizia que ele estivera encarregado da investigação sobre Will Darnell na Pensilvânia, dando a entender que alguma sombria organização criminoso estava por trás do assassinato. Arnie apontaria a Gangue do Sul. Ou os malucos colombianos.

Eu pensava diferente.

O carro de Junkins havia sido encontrado em uma solitária estrada

rural, e castigado a tal ponto que só serviria para o ferro-velho,

(Aquele maldito Junkins continua atrás de mim, a todo vapor. Seria melhor tomar cuidado, antes que alguém acabe com ele.. É só ficar do meu lado, Dennis. Sabe o que acontece aos bostas que não ficam...) com Junkins ainda em seu interior.

Quando Repperton e seus amigos morreram, Arnie estava na Filadélfia, jogando xadrez. Quando Darnell foi morto, ele estava em Ligonier com os pais, visitando parentes. Álibis à prova de fogo. Imaginei que ele teria outro para Junkins. Sete — sete mortes agora, todas formando um círculo mortal em torno de Arnie Cunningham e Christine. Certamente, a polícia podia ver isso; só um cego perderia tão explícita cadeia de motivação. O jornal, entretanto, não dizia que alguém estava "auxiliando a polícia nas investigações", como colocariam tão delicadamente os ingleses.

Evidentemente, a polícia não tem o hábito de transmitir tudo o que sabe aos jornais. Eu estava a par disto, porém cada instinto meu dizia que os tiras estaduais não investigavam Arnie seriamente, em conexão com este último assassinato por automóvel.

Arnie estava a salvo de suspeitas.

O que Junkins teria visto à sua retaguarda, naquela estrada rural, nos arredores de Blairsville? Um carro vermelho e branco, pensei. Talvez vazio, talvez dirigido por um cadáver.

Um calafrio me percorreu a espinha e fiquei com os braços arrepiados.

Sete pessoas mortas.

Aquilo tinha que acabar. Sem mais qualquer outro motivo, senão o de que matar pode tomar-se hábito. Se Michael e Regina discordassem dos planos loucos de Arnie sobre a Califórnia, então um deles, talvez ambos, poderiam ser as próximas vítimas. Supondo-se que ele procurasse Leigh no colégio na próxima terça-feira, que lhe pedisse para casar com ele... e ela simplesmente dissesse não? O que poderia Leigh ver junto ao meio-fio,

esperando, quando voltasse para casa à tarde?

Meu Deus do céu, eu estava assustado.

Minha mãe surgiu nesse momento.

– Você não está comendo, Dennis. Ergui os olhos.

– Andei lendo o jornal. Acho que não tinha muita fome, mamãe.

– Precisa comer direito ou não ficará bom. Quer que prepare sua aveia? Meu estômago comprimiu-se à idéia, mas sorri e abanei a cabeça.

– Não. Comerei um pouco mais no almoço.

– Promete?

– Prometo.

– Você se sente bem, Denny? Ultimamente me parece tão cansado, tão abatido...

– Estou ótimo, mamãe.

Ampliei o sorriso, para mostrar-lhe o quanto estava ótimo. Então, pensei nela, saindo de seu Reliant azul, no Monroeville Mall, e dois carros atrás; havia um outro, branco e vermelho, esperando. Mentalmente, eu a via passar diante dele, com a bolsa debaixo do braço, vi a alavanca de transmissão de Christine cair subitamente para DRIVE...

– Tem certeza? Não é a perna que o incomoda, é?

– Não.

– Está tomando suas vitaminas?

– Estou.

– E seu chá de botões de rosa?

Comecei a rir. Ela pareceu irritada por um instante, depois sorriu.

– Você é um tratante, Dennis Guilder — disse, com seu melhor sotaque irlandês (que é bastante bom, uma vez que sua mãe nascera no

velho torrão) —, e não tem jeito mesmo!

Ela voltou para o quarto de costura e, após um momento, recomeçaram as explosões irregulares de sua máquina de escrever. Recolhi o jornal e olhei para a foto do carro amassado de Junkins. O CARRO DA MORTE, dizia a legenda.

Tente isto, pensei: Junkins tem um interesse muito maior do que apenas descobrir quem vendia excitantes ilegais e cigarros a Will Darnell. Junkins é um detetive estadual, e um detetive estadual trabalha em mais de um caso, ao mesmo tempo. Poderia estar querendo descobrir quem matou "Penetra" Welch. Ou podia estar...

Peguei as muletas, fui até o quarto de costura e bati à porta.

— O que é?

— Lamento incomodar, mamãe...

— Não seja tolo, Dennis.

— Você vai hoje ao centro da cidade?

— Poderia ir. Por quê?

— Porque eu gostaria de ir à biblioteca.

Por volta das três horas da tarde daquele sábado, a neve recomeçara a cair. Eu sentia uma ligeira dor de cabeça após ficar forçando a vista na tela de microfimes, mas conseguira o que queria. Meu pressentimento estava certo — não que isso significasse um grande salto intuitivo.

Junkins havia sido encarregado do caso de atropelamento e fuga que vitimara "Penetra" Welch, certo... mas também fora incumbido de investigar o que acontecera a Repperton, Trelawney e Bobby Stanton. Ele teria de ser um tira muito tapado, para não ler o nome de Arnie nas entrelinhas do que sucedia.

Recostei-me na cadeira, desliguei a máquina e fechei os olhos. Procurei

ser Junkins, por um minuto. Ele desconfia do envolvimento de Arnie naquelas mortes. Não de patrociná-las, mas de envolvimento nelas de algum modo. Desconfia de Christine? Talvez sim. Nos filmes de detetives na TV, eles sempre são os maiores para identificar armas, máquinas de escrever usadas na redação de notas de resgate e carros envolvidos em atropelamentos e fugas. Fragmentos de tinta, arranhados na pintura, talvez...

Surge o caso do contrabando de Darnell. Para Junkins, isso é excelente. A garagem será fechada e embargado tudo que estiver nela. Talvez Junkins suspeite...

De quê?

Esforcei-me em imaginar. Sou um tira. Acredito em respostas legítimas, respostas saudáveis, respostas rotineiras. Então, de que suspeito? Após um momento, surge a idéia.

De um cúmplice, naturalmente. Suspeito da existência de um cúmplice. Tem de haver um cúmplice. Ninguém, em seu juízo perfeito, desconfiaria que o carro estivesse fazendo aquilo sozinho. Então...?

Então, depois de fechada a garagem, Junkins leva para lá os melhores técnicos e laboratoristas que consegue. Eles examinam Christine de ponta a ponta, procurando provas do que aconteceu. Raciocinando como Junkins — pelo menos, tentando —, penso que tem de existir alguma evidência. Atingir um corpo humano não é como atingir um travesseiro de penas. Bater contra a barreira de estrada nas Squantic Hills, também não é como bater contra um travesseiro de penas.

Então o que descobrem aqueles peritos em homicídios por veículos?

Nada.

Não encontram amassados, nenhuma pintura retocada, nenhuma mancha de sangue. Não encontram fragmentos marrons da pintura da barreira na estrada das Squantic Hills — que foi quebrada — encravados no

carro. Em resumo, Junkins não encontra a mais remota evidência de que Christine foi usada em cada crime. Agora, saltando à frente, para o assassinato de Darnell. Junkins retorna à garagem no dia seguinte, a fim de checar Christine? Eu voltaria, se fosse ele. A parede de uma casa também não é um travesseiro de penas — e um carro que acabou de rompê-la deve apresentar danos importantes, danos que, simplesmente, não poderiam ser reparados da noite para o dia. E, quando ele chega, o que encontra?

Apenas Christine, sem o menor problema no pára-choque.

Isto conduz a outra dedução, esta explicando por que Junkins nunca deixou alguém vigiando o carro. Eu não entendia por que ele nunca suspeitou do envolvimento de Christine. No fim, porém, a lógica o orientara — e talvez o tivesse matado, também. Junkins não pusera alguém vigiando Christine, porque o álibi do carro, embora mudo, era tão à prova de fogo como o de seu dono. Se ele inspecionara Christine, imediatamente após o assassinato de Will Darnell, deve ter concluído que o carro não podia estar envolvido, por mais persuasiva que a evidência em contrário pudesse parecer.

Nem um arranhão naquele carro. E por que não? Simplesmente porque Junkins não tinha todos os fatos. Refleti no odômetro que girava para trás e recordei Arnie dizendo: *Apenas um defeito*. Pensei no ninho de rachaduras do pára-brisa, parecendo cada vez ficar menor e recuar — como se também recuasse para dentro. Pensei na extravagante substituição de peças que não demonstrava qualquer ritmo ou razão. Por último, evoquei aquela fantástica corrida de pesadelo, ao voltar para casa na noite de domingo — carros antigos que pareciam novos, estacionados no meio-fio, diante de casas onde havia festas, no Teatro Strand, ainda intacto em toda a sua solidez de tijolos amarelos, o projeto de urbanização pela metade, já completado e ocupado pelos suburbanos de Libertyville vinte anos atrás.

Apenas um erro.

Refleti que ignorar aquele erro era o que tinha *realmente* matado

Rudolph Junkins.

Porque, vejamos: quando temos um carro durante algum tempo, ele vai-se estragando, pouco importa quantos cuidados lhe dediquemos e, em geral, os estragos acontecem ao acaso. Um carro sai da linha de montagem como um bebê recém-nascido, e precisamente como um recém-nascido começa a rodar entre corredores indígenas, no correr dos anos. As pedradas e flechadas de punição que o acertam ao acaso, arriam uma bateria aqui, arruinam uma barra de direção ali, congelam um mancal acolá. A bóia do carburador emperra, um pneu fura, há um curto na parte elétrica, o estofamento começa a deteriorar-se.

É como um filme. E, se pudermos rodar o filme para trás...

— Deseja mais alguma coisa? — perguntou o funcionário encarregado da Seção de Microfilmes atrás de mim, e eu quase gritei.

Mamãe me esperava no saguão principal e tagarelou a maior parte do caminho para casa, falando sobre o que escrevia e suas novas aulas, de dança de discoteca. Assenti e respondi com acerto, a maioria das vezes. Enquanto isso, pensava que, se Junkins *levava* seus técnicos, altamente especializados em carros, se ele os trouxera de Harrisburg, certamente todos haviam deixado de enxergar um elefante, enquanto procuravam pela agulha. Aliás, eu não podia censurá-los. Carros não costumam rodar ao contrário, como acontece com filmes. E não existem fantasmas, espectros ou demônios, preservados em óleo para motor.

Acredite em um, acredite em todos, pensei — e estremei.

— Quer que ligue o aquecedor, Denny? — perguntou minha mãe, com ar jovial.

— Você quer, mamãe?

Pensei em Leigh, que devia chegar no dia seguinte. Leigh, de rosto adorável (acentuado pelos málares oblíquos, quase cruéis), o corpo jovem e

docemente sensual, ainda não deteriorado pelas forças do tempo e da gravidade; como aquele Plymouth de muito tempo atrás, enviado em 1957 por uma transportadora de Detroit, em certo sentido, ela ainda estava no período de garantia. Então pensei em LeBay, morto e não-morto ao mesmo tempo, e recordei sua lascívia (seria aquilo lascívia ou apenas uma pulsão para estragar as coisas?). Recordei Arnie, comentando com tranqüila certeza que eles iam casar-se. Em seguida, com impotente nitidez, visualizei a noite de núpcias. Vi Leigh erguendo os olhos, na penumbra de algum quarto de motel, para ver apenas um pútrido e sorridente cadáver, reclinado sobre ela. Eu a ouvi gritar, enquanto Christine, uma Christine enfeitada com serpentinas de papel crepom e letreiros de RECÉM-CASADOS, escritos com espuma de sabão, aguardava fielmente do lado de fora, além da porta trancada. Christine — ou a terrível força fêmea que a animava — saberia que Leigh não ia durar muito... e ela, Christine, estaria próxima, depois que Leigh se fosse.

Fechei os olhos, procurando afastar aquelas imagens, mas isso apenas as intensificou.

Tudo começara com Leigh querendo Arnie, e progredira logicamente, até o ponto em que Arnie a queria de volta. Entretanto, não terminara aí, terminara? Porque agora, LeBay possuía Arnie... *e ele* desejava Leigh.

Entretanto, LeBay não ia tê-la. Não a teria, se eu pudesse impedir.

Naquela noite, telefonei para George LeBay.

— Perfeitamente, Guilder — disse ele. Parecia mais velho, mais cansado. — Lembro-me muito bem de você. Tagarelei até cansá-lo, diante de meu quarto, naquele hotel que acredito tenha sido o mais depressivo do universo. O que posso fazer por você?

Por seu tom, parecia esperar que eu não quisesse demais. Vacilei. Devia contar-lhe que seu irmão voltara do mundo dos mortos? Que nem mesmo a sepultura fora capaz de exterminar seu ódio pelos bostas? Que ele

se apoderara de meu amigo, que o escolhera, tão definitivamente como Arnie escolhera Christine? Devíamos discorrer sobre mortalidade, sobre tempo e amor rançoso?

— Guilder? Você desligou?

— Estou com um problema, Sr. LeBay, e não sei ao certo como falar-lhe a respeito. Tem relação com seu irmão.

Algo novo surgiu então em sua voz, algo tenso e controlado.

— Não imagino que tipo de problema poderia ter, relacionado a meu irmão. Rollie está morto.

— Pois é justamente isto. — Agora, eu era incapaz de controlar a voz, que tremulava para uma oitava mais alta e depois caía novamente para um tom grave. — Não acredito que ele esteja morto.

— De que está falando? — A voz era tensa, acusadora e... amedrontada. — Se esta é a sua maneira de pilheriar, eu lhe asseguro que não poderia ter pior gosto.

— Falo sério. Permita-me, apenas, contar ao senhor parte do que vem acontecendo, desde que seu irmão morreu.

— Escute, Guilder, tenho vários maços de provas para corrigir e um romance que pretendo terminar, de maneira que não tenho tempo a perder com...

— *Por favor*— pedi. — Por favor, Sr. LeBay, por favor, ajude-me e ajude meu amigo. Houve uma longa, longuíssima pausa, e então LeBay suspirou.

— Conte a sua história — disse, e depois, após uma breve pausa, acrescentou: — Maldito seja!

Transmiti a história para ele, à maneira de um moderno telegrama interurbano. Podia imaginar minha voz passando através de postos de

conexão computadorizados, cheios de circuitos miniaturizados, para finalmente chegar aos ouvidos do homem.

Contei-lhe o problema de Arnie com Repperton, a expulsão de Buddy e sua vingança. Falei sobre a morte de "Penetra" Welch, sobre o que acontecera nas Squantic Hills e o que acontecera durante a tempestade da véspera de Natal. Falei sobre as rachaduras no pára-brisa, parecendo recuar, e um odômetro que girava ao contrário, com a máxima certeza. Falei sobre o rádio que parecia transmitir apenas a WDIL, uma estação que transmitia músicas antigas, pouco importando para onde se movesse o ponteiro do *dial* — o que provocou um leve grunhido surpreso em George LeBay. Falei sobre a assinatura em meus moldes de gesso, expliquei como a assinatura de Arnie, feita na noite do Dia de Ação de Graças, combinava com a de seu irmão, no formulário original do registro de Christine. Falei sobre o constante uso de Arnie da palavra "bostas". Sobre a maneira como ele passara a pentear o cabelo, no estilo cheio de brilhantina dos anos 50. De fato, contei-lhe tudo, exceto o que acontecera comigo, quando Arnie me trouxera para casa, naquela madrugada de Ano-Novo. Pensara contar-lhe também isto, porém não pude. Jamais comentei uma vírgula daquilo com ninguém, até descrevê-lo aqui, quatro anos depois.

Quando terminei, houve silêncio na linha.

— Sr. LeBay? Ainda está me ouvindo?

— Eu não desliguei — disse ele, finalmente. — Guilder... Dennis... não é minha intenção ofendê-lo, mas deve compreender que, o que está sugerindo, transcende quaisquer possíveis fenômenos psíquicos, estendendo-se até... — A voz dele extinguiu-se.

— Até a loucura?

— Não é bem a palavra que eu empregaria. A julgar pelo que diz, você esteve envolvido em um terrível acidente de futebol. Ficou dois meses no hospital, sofrendo dores atrozes por algum tempo. Bem, não seria o caso de sua imaginação...

— Sr. LeBay — interrompi —, seu irmão nunca usou uma frase com o termo vagabundinho?

— Como?

— Vagabundinho. Como quando se joga uma bola de papel em uma cesta de papéis e, acertando, a gente diz "Cesta"? Só que, em vez disso, "Veja como coloco bem no traseiro do vagabundinho." Seu irmão costumava dizer isso?

— Como é que você sabe? — E então, sem me dar tempo para responder: — Ele empregou a frase em alguma das ocasiões em que o viram, não?

— Não.

— Você é um mentiroso, Guilder.

Não respondi. Estava trêmulo, de joelhos bambos. Nenhum adulto já me dissera aquilo, em toda a minha vida.

— Sinto muito, Dennis, mas meu irmão está morto. Era um desagradável, talvez até mesmo um perverso ser humano, porém está morto e todas essas mórbidas fantasias e idéias...

— Quem era o vagabundinho? — consegui perguntar. Silêncio.

— Seria Charlie Chaplin?

Não pensei que ele fosse dar alguma resposta. Então, por fim, em voz opressa, ele disse:

— Somente em segunda-mão. Ele aludia a Hitler. Havia uma passável semelhança entre Hitler e o pequeno vagabundo de Chaplin. Chaplin fez um filme chamado *O Grande Ditador*. É provável que você nunca o tenha visto. De qualquer modo, era um nome bastante comum para ele, durante os anos de guerra. Você ainda era muito novo, para poder lembrar. Entretanto, isso nada significa.

Foi a minha vez de ficar em silêncio.

— Nada significa! — gritou ele. — Nada! São fantasias e sugestões, nada mais! Procure entender isto!

— Há sete pessoas mortas, aqui no oeste da Pensilvânia — respondi. — Não é apenas uma fantasia. Há as assinaturas em meus moldes de gesso. Também não são fantasias. Eu guardei esses moldes, Sr. LeBay. Posso enviá-los para o senhor. Dê uma olhada neles e me diga se uma das assinaturas não foi feita na caligrafia de seu irmão.

— Poderia ser uma falsificação, consciente ou não.

— Se acredita nisso, procure um perito em grafologia. Eu pago.

— Você mesmo poderia fazer isso.

— Sr. LeBay — falei —, *eu* não preciso mais ser convencido.

— Certo, mas então, o que quer de mim? Que eu partilhe suas fantasias? Não farei isso. Meu irmão está morto. O carro dele não passa de um carro.

Ele mentia, eu podia senti-lo. Senti-o, mesmo pelo telefone.

— Quero que me explique uma coisa que me disse, na noite em que conversamos.

— O que poderia ser?

A voz soava desconfiada. Passei a língua nos lábios.

— O senhor disse que ele era obcecado e furioso, mas que não era um monstro. Pelo menos, segundo disse, não acreditava que fosse. Então, tive a idéia de que mudou inteiramente de assunto... porém, quanto mais eu penso nisso, mais acredito que não mudou de assunto, não. Sua frase seguinte foi de que ele nunca a agredira. A esposa e a filha.

— Francamente, Dennis. Eu...

— Ouça, se o senhor ia dizer alguma coisa, pelo amor de Deus, diga agora! — exclamei. Minha voz entrou em colapso. Enxuguei a testa, e a mão ficou molhada de suor pegajoso. — Não é mais fácil para mim do que para o

senhor, Arnie está obcecado por uma garota, o nome dela é Leigh Cabot, mas acho que não é Arnie quem está obcecado por ela, de maneira alguma. Acho que é o seu irmão, seu irmão morto, *agora, fale comigo, por favor!*

Ele suspirou.

— Falar com você? — perguntou. — *Falar com você?* Falar sobre velhos acontecimentos... não, essas antigas suspeitas... isso seria quase o mesmo que despertar um espírito maligno adormecido, Dennis. Por favor, eu não sei de nada.

Eu podia ter-lhe dito que o espírito maligno já fora despertado, mas ele sabia perfeitamente.

— Diga-me sobre o que suspeita.

— Telefonarei mais tarde para você.

— Sr. LeBay... por favor...

— Telefonarei mais tarde — repetiu ele. — Agora, preciso ligar para minha irmã Márcia, no Colorado.

— Se isso pode ajudar, eu ligarei...

— Não. Ela nunca falaria com você. Só comentamos o assunto entre nós, uma ou duas vezes, se tanto. Espero que sua consciência esteja limpa nisto tudo, Dennis. Sim, porque está nos pedindo para abrir velhas feridas, para fazê-las sangrar novamente. Portanto, vou perguntar mais uma vez: está bem certo do que disse?

— Estou — sussurrei.

— Eu ligo mais tarde — disse ele, e desligou.

Passaram-se quinze minutos, depois vinte. Dei volta à sala em minhas muletas, incapaz de sentar-me e ficar quieto. Espiei para a rua lá fora através da vidraça, uma rua varrida pelo vento, um estudo em brancos e pretos. Aproximei-me do telefone por duas vezes e não ergui o fone, temendo que ele pudesse estar tentando ligar para mim, ao mesmo tempo, e

receando mais ainda que não ligasse. Da terceira vez, justamente quando pousei a mão sobre ele, a campainha tocou. Puxei-a rapidamente, como se houvesse sido picado, mas depois o ergui do gancho.

— Oi? — exclamou a voz afogueada de Ellie, no andar de baixo. — É você, Donna?

— Por favor, Dennis Guilder... — começou a voz de LeBay, parecendo mais velha e mais cansada do que nunca.

— Já atendi, Ellie — avisei.

— Tá legal, e daí? — replicou ela, atrevida, antes de desligar.

— Alô? Sr. LeBay? — perguntei, com o coração em disparada.

— Falei com ela — anunciou ele, em voz soturna. — Márcia me disse para fazer o que achasse melhor. No entanto, está amedrontada. Juntos, você e eu, conspiramos para amedrontar uma velha senhora que nunca fez mal a ninguém e que nada tem a ver com isto.

— É por uma boa causa — falei.

— Será?

— Se eu pensasse o contrário, não teria telefonado para o senhor — respondi. — Vai ser franco comigo ou não, Sr. LeBay?

— Sim, mas para você e mais ninguém — disse ele. — Se comentar com outra pessoa, negarei tudo. Entendido?

— Certo.

— Muito bem — ele suspirou. — Em nossa conversa do verão passado, Dennis, eu lhe disse uma mentira sobre o que acontecera e outra mentira a respeito do que eu... do que eu e Marcy sentimos quanto a isso. Mentíamos para nós mesmos. Se não fosse por sua causa, creio que continuaríamos mentindo entre nós sobre aquele... aquele incidente à beira da estrada... pelo resto de nossas vidas.

— Fala da garotinha? Da filha de LeBay?

– Sim – disse ele lentamente. – De Rita.

– O que aconteceu realmente, quando ela se sufocou?

– Minha mãe costumava chamar Rollie de sua *changeling* [\[7\]](#) – disse LeBay. – Eu lhe contei isso?

– Não.

– Não, claro que não. Segundo lhe disse naquela época, achava que seu amigo seria mais feliz livrando-se do carro, porém é a coisa que uma pessoa pode dizer em defesa das próprias crenças, porque o irracional... o irracional se intromete nisso.

Ele fez uma pausa e não o apressei. George LeBay diria ou não o que tinha a dizer. Nada mais simples.

– Minha mãe dizia que ele era um bebê de gênio excelente, até os seis meses de idade. E então... ela dizia que foi então que o duende Puck apareceu. Que Puck levou seu afável bebê para brincar com ele, substituindo-o por um *changeling*. Ela ria, ao falar nisso. No entanto, nunca comentava em presença de Rollie ou quando ele estava por perto... e seus *olhos* jamais eram felizes, Dennis. Creio que... bem, era sua única explicação para o que ele era, para o fato de ser tão intocável em seu ódio... tão egoísta em seus raros e simples objetivos.

"Havia um garoto – esqueci seu nome – um garoto maior, que surrou Rollie três ou quatro vezes. Um valentão. Ele começava pelas roupas de Rollie e perguntava se usara as peças de baixo um ou dois meses seguidos. Rollie lutava com ele, xingava-o e o ameaçava, mas o valentão ria dele, segurava-o à distância com seus braços mais compridos e o surrava até cansar-se, ou até o nariz de Rollie deitar sangue. Então, Rollie ficava sentado na esquina, fumando um cigarro e chorando, com sangue e ranho secando no rosto. E se eu ou Drew nos aproximávamos, ele nos espancava para valer.

"A casa do valentão pegou fogo certa noite, Dennis. O valentão, o pai do valentão e o irmãozinho do valentão foram mortos. A irmã do valentão

sofreu queimaduras horríveis. Presumia-se que o incêndio se originara no fogão da cozinha — e talvez assim fosse, realmente. Entretanto, as sirenes dos bombeiros me despertaram e eu ainda estava acordado, quando Rollie entrou no quarto em que dormíamos, subindo pela latada de hera junto à parede. Havia fuligem em sua testa e ele cheirava a gasolina. Ele me viu deitado, com os olhos abertos, e disse: "Se contar alguma coisa, George, mato você." Desde aquela noite, Dennis, tentei convencer-me de que cumpriria a palavra, caso eu contasse que ele estivera lá fora, espiando o incêndio. Bem, talvez fosse apenas isso."

Eu tinha a boca seca. Parecia haver uma bola de chumbo em meu estômago. Os cabelos da nuca estavam eretos.

— Que idade seu irmão tinha na época? — perguntei, em voz rouca.

— Ainda não fizera treze anos — disse LeBay, com falsa e terrível calma. — Certo dia de inverno, coisa de um ano mais tarde, houve uma briga durante um jogo de hóquei. Um sujeito chamado Randy Throgmorton abriu uma fenda na cabeça de Rollie, com seu bastão. Bateu nele até deixá-lo sem sentidos. Nós o levamos ao velho Dr. Farner... Rollie já recuperara os sentidos então, porém continuava grogue, e o médico deu doze pontos em seu couro cabeludo. Uma semana mais tarde, Randy Throgmorton caiu através do gelo, na lagoa Palmer, e afogou-se. Estivera patinando em uma área claramente marcada por avisos de GELO FINO. Aparentemente.

— Está dizendo que seu irmão matou essas pessoas? Está dando a entender que LeBay matou a própria filha?

— Não que ele a matou, Dennis, nunca pensei nisso. Ela morreu asfixiada. Estou sugerindo que ele podia tê-la deixado morrer.

— O senhor disse que ele a virou de cabeça para baixo... que bateu nas costas dela, tentou fazê-la vomitar...

— Foi o que Rollie me contou no funeral — disse George.

— Então, o que...

— Eu e Márcia comentamos o caso mais tarde. Somente aquela vez, compreenda. Durante o jantar daquela noite. Rollie me dissera: "Eu a suspendi por suas botas e tentei arrancar o filho da puta de lá, a tapas, Georgie. Só que a coisa estava muito no fundo da garganta". E o que Verônica disse a Márcia foi: "Rollie a suspendeu no ar pelos sapatos e tentou arrancar de lá o que quer que a estava sufocando dando-lhe tapas, mas a coisa estava muito no fundo da garganta." Eles contaram exatamente a mesma história, empregando exatamente as mesmas palavras. Sabe o que isso me levou a pensar?

— Não.

— Pensei em Rollie, escalando a janela do quarto e cochichando para mim: "*Se contar alguma coisa, Georgie, mato você.*"

— Bem, mas... por quê? Por que ele iria?

— Mais tarde, Verônica escreveu para Márcia, dando a entender que Rollie pouco fizera para salvar a filha. E que, já bem no fim, ele a colocara novamente no carro. Para que não ficasse ao sol, explicara. Na carta, entretanto, Verônica disse ter pensado que Rollie desejava que a menina morresse no carro.

Eu não queria dizer aquilo, mas era preciso.

— Está sugerindo que seu irmão ofereceu a filha como uma espécie de sacrifício humano? Houve uma longa, reflexiva e tenebrosa pausa.

— Não. Ele não o faria, de alguma forma consciente — disse LeBay. — Não mais do que sugiro ter ele assassinado a filha conscientemente. Se conhecesse meu irmão, veria o quanto é ridículo suspeitar dele como tendo parte com feitiçaria, bruxaria ou pactos com demônios. Rollie acreditava apenas nos próprios sentidos... exceto, imagino, sua própria vontade. Apenas sugiro que ele poderia ter tido alguma... alguma intuição... ou que poderia ter sido dirigido a fazer o que fez. Minha mãe dizia que ele era um *changeling*.

— E Verônica?

— Não sei — disse ele. — O veredicto policial foi de suicídio, embora ela não deixasse qualquer nota explicando seu ato. Sim, poderia perfeitamente ser suicídio. Não obstante, a pobre mulher tinha feito alguns amigos na cidade e muitas vezes me pergunto se talvez não tivesse dado a entender a qualquer deles, como fez com Márcia, que a morte de Rita não havia sido bem como ela e Rollie tinham contado. Eu me pergunto se Rollie descobriu. *Se contar alguma coisa, Georgie, mato você.* Não há prova de nada, evidentemente. No entanto, eu gostaria de saber por que ela quis morrer daquele jeito... e fico surpreso ao pensar em como uma mulher sem o menor conhecimento sobre carros, saberia o suficiente para pegar uma mangueira, adaptá-la ao cano de descarga e enfiá-la através da janela do carro. Procuro não meditar muito nessa coisa. Às vezes me fazem perder o sono.

Refleti nas coisas que ele tinha dito e nas que não dissera — o que deixara nas entrelinhas. Intuitivo, ele dissera. *Tão egoísta em seus raros e simples objetivos.* Suponhamos que Roland LeBay houvesse percebido, de algum modo que não admitiria nem para si mesmo, que estava investindo seu Plymouth com algum poder sobrenatural? E suponhamos que ele estivesse apenas esperando pela chegada do herdeiro certo... e então...

— Isto responde às suas perguntas Dennis?

— Creio que sim — respondi, lentamente.

— O que vai fazer?

— Creio que o senhor sabe.

— Destruir o carro?

— Vou tentar — respondi.

Então, olhei para minhas muletas, descansando contra a parede. Minhas malditas muletas.

— Você pode destruir também seu amigo.

– Eu posso salvá-lo – repliquei. George LeBay comentou, em voz lenta:

– Eu me pergunto se isso ainda será possível.

A TRAIÇÃO

Havia sangue e vidro por toda parte,
E não vi mais ninguém além de mim
Quando a chuva caiu, forte e fria,
Vi um rapaz, jazendo à beira da estrada,
Ele pediu "Por favor, senhor,
quer me ajudar?"
— Bruce Springsteen

Eu a beijei.

Seus braços passaram em torno de meu pescoço. Uma de suas mãos frias pressionou minha nuca de leve. Para mim, não havia mais dúvidas sobre o que estava acontecendo; quando se afastou ligeiramente, com os olhos semicerrados, pude ver que também ela não tinha dúvidas.

— Dennis — ela murmurou, e tornei a beijá-la. Nossas línguas se tocaram suavemente. Por um instante, seu beijo intensificou-se e pude sentir a paixão denunciada por aqueles altos mares. Então, ela ofegou um pouco e recuou. — Já chega — disse. — Acabaremos presos por atentado ao pudor ou coisa assim.

Era dezoito de janeiro. Estávamos estacionado no pátio atrás do Kentucky Fried local, com os restos de um excelente jantar de galinha espalhados à nossa volta. Estávamos em meu Duster e só isso já era um grande acontecimento para mim — era a primeira vez que eu estava ao volante, desde o acidente. Naquela mesma manhã, o médico retirara o enorme molde de gesso de minha perna esquerda e o substituíra por um aparelho ortopédico. Em tom grave, ele me aconselhara a não retirar o aparelho, mas eu podia notar que estava satisfeito sobre a maneira como as coisas estavam indo. O médico atribuía isso à sua técnica superior; minha mãe, ao pensamento positivo e canja de galinha; o treinador Puffer, ao chá

de botões de rosa.

Quanto a mim, achava que Leigh Cabot tinha muito a ver com aquilo.

— Precisamos conversar — disse ela.

— Não. Vamos namorar um pouco mais — respondi.

— Conversamos agora. Namoramos depois.

— Ele começou de novo? Ela assentiu.

No correr das quase duas semanas, desde minha conversa telefônica com LeBay — as duas primeiras do turno letivo de inverno —, Arnie estivera agindo para uma *aproximação* com Leigh, e agindo com tal intensidade que eu e ela ficamos assustados. Eu lhe contara minha conversa com George LeBay (mas não, como já disse, minha terrível volta para casa com Arnie, na madrugada de Ano-Novo) e tornara o mais claro possível que, de modo algum, ela devia simplesmente romper com ele. Isso o tornaria enfurecido e, naquela época, se Arnie se enfurecia com alguém, coisas desagradáveis aconteciam a tal pessoa.

— Isso é como enganá-lo — comentou Leigh.

— Eu sei — respondi, mais rapidamente do que pretendia. — Não gosto da situação, porém não quero aquele carro em ação novamente.

— E depois? Meneei a cabeça.

Em verdade, eu começava a sentir-me como o Príncipe Hamlet, adiando indefinidamente. Claro que sabia o que tinha de ser feito: Christhie precisava ser destruída. Juntamente com Leigh, já havia discutido maneiras de como fazê-lo.

A primeira idéia partira dela — coquetéis Molotov. Encheríamos algumas garrafas de vinho com gasolina, acenderíamos os pavios ("Pavios? Que pavios?", perguntei. "Lenços de papel fariam o mesmo", respondeu ela prontamente, de novo aumentando minha curiosidade sobre seus antepassados de mares altos) e as jogaríamos pelas janelas de Christine.

— E se as portas estiverem trancadas, com os vidros levantados? — perguntei. — Em geral, é como costumam ficar, você sabe.

Ela me fitou como se eu fosse um perfeito idiota.

— Está dizendo que a idéia de bombardear o carro de Arnie é certa — respondeu —, mas tem escrúpulos apenas em quebrar alguns vidros?

— Não — repliquei —, mas quem chegará perto do carro o suficiente para quebrar os vidros com um martelo, Leigh? Você?

Ela olhou para mim, mordendo o carnudo lábio inferior. Não disse nada. A idéia seguinte fora minha. Dinamite. Leigh refletiu nisso e meneou a cabeça.

— Eu poderia conseguir sem muito esforço, acho — falei.

Eu continuava vendo Brad Jeffries de tempos em tempos e ele ainda trabalhava para a Penn-DOT, que tinha dinamite suficiente para mandar o Estádio Three Rivers à lua. Pensei que poderia apanhar a chave certa, sem Brad saber de nada — ele geralmente ficava meio tocado, quando via os jogos dos Pingüins pela televisão. Eu pegaria a chave dos explosivos na prateleira, durante o terceiro período de um tempo, e a devolveria no terceiro período de outro. Era bastante remota a possibilidade de que ele precisasse de explosivos em janeiro e, desta forma, desse por falta da chave. Era um embuste, outra traição — porém um meio de resolver a situação.

— Não — disse ela.

— Por que não?

Para mim, a dinamite parecia constituir o tipo da destruição total que o momento exigia.

— Porque agora Arnie deixa o carro estacionado na entrada da garagem da casa dele. Você quer mesmo explodir um carro e mandar estilhaços de metal por todo um bairro? Arriscar-se a que um pedaço de vidro arranque a cabeça de alguma criança?

Pestanejei. Não tinha pensado nisso mas, quando ela falou, a imagem se destacou nitidamente, em toda a sua hediondez. Isso me fez pensar em outras coisas. Acender uma banana de dinamite no cigarro e depois jogá-la contra o objeto a ser destruído... bem, podia ser muito legal nos faroestes do canal 2, na tarde de sábado, mas a situação se modificava radicalmente na vida real. Ainda assim, apeguei-me à idéia o mais que pude.

— E se agíssemos à noite?

— Continuaría muito perigoso — replicou ela. — E você sabe muito bem. Está em sua cara. Houve uma longa, demorada pausa.

— O que me diz do compressor de ferro-velho, na Garagem de Darnell? — arriscou Leigh por fim.

— Continuam as objeções básicas de antes — falei. — Quem dirigiria Christine até lá? Eu, você ou Arnie?

Foi aí que as coisas pararam.

— O que vai ser para hoje? — perguntei a ela.

— Ele me convidou para sairmos à noite — respondeu Leigh. — Boliche, desta vez. — Nos dias anteriores havia sido cinema, sair para jantar, ir ver TV na casa dele, propostas de encontros para estudar. Christine estava em todos os planos, como meio de transporte. — Ele começa a irritar-se com minhas recusas e meu estoque de pretextos está acabando. Se vamos mesmo fazer alguma coisa, terá de ser logo.

Assenti. Uma coisa era o fracasso em encontrarmos um método satisfatório. Outro impedimento que nos continha era minha perna. Agora que retirara o gesso, eu recebera ordens estritas do médico para usar as muletas, mas já havia testado a perna esquerda sem elas. Sentia alguma dor, porém não tanto quanto eu temia.

Essas coisas pesavam, claro — porém o melhor de tudo dizia respeito a nós dois. À descoberta um do outro. E, embora isto pareça sórdido, acho que deveria acrescentar algo mais, se é que pretendo esclarecer tudo com a mais

absoluta franqueza (e havia prometido a mim mesmo, quando comecei a relatar a história, que a interromperia se não pudesse manter a verdade). O sabor do perigo acrescentara algo ao que eu sentia por Leigh — e, acho, ao que ela sentia por mim.

Ele era meu melhor amigo, mas havia ainda uma vil e insensata atração, na idéia de que nós dois nos víamos sem que ele soubesse. A cada vez que a tomava nos braços, sempre que minha mão deslizava pela curvatura firme de seus seios, eu sentia isso. A traição. Poderiam me dizer por que havia tal atração? Pois havia. Pela primeira vez na vida, eu me apaixonara por uma garota. Já escoregara antes, mas agora eu levava o grande trambolhão. E o adorava. E adorava Leigh. No entanto, aquela constante sensação de traição... era algo rastejante, ao mesmo tempo vergonhoso, e também uma louca espécie de incentivo. Podíamos comentar entre nós dois (e assim fazíamos) que ficávamos de boca fechada para proteger nossas famílias e a nós mesmos.

Isso era verdade.

Porém não toda a verdade, Leigh. Não, não era toda a verdade.

De certo modo, nada pior podia ter acontecido. O amor abrandava o tempo de reação, emudece a noção de perigo. Minha conversa com LeBay acontecera doze longos dias antes e meus cabelos da nuca não ficavam mais eriçados ao refletir no que ele tinha dito — e, pior ainda, no que havia sugerido.

O mesmo era verdadeiro — ou não — quanto às poucas vezes em que conversei com Arnie ou o vi pelos corredores. De certa estranha maneira, era como se estivéssemos novamente em setembro e outubro, quando nos havíamos afastado, simplesmente, porque Arnie andava muito ocupado. Ao conversarmos, ele se mostrava amável, embora fossem frios os olhos cinzentos atrás dos óculos. Esperei que uma lamentosa Regina ou um angustiado Michael ligassem para mim, com a notícia de que Arnie

finalmente parara de brincar com eles e desistira da idéia de ir para a universidade no outono.

Tal não aconteceu, e foi o próprio Boca de Motor — nosso conselheiro de orientação — quem me disse que Arnie levava para casa um punhado de informações impressas sobre a Universidade da Pensilvânia, a Universidade Drew e a Estadual da Pensilvânia. Eram as universidades em que Leigh estava mais interessada. Eu sabia disso e Arnie também.

Duas noites antes, eu ouvira, sem querer, uma conversa de mamãe e minha irmã Ellie, na cozinha.

— Por que Arnie não vem mais aqui, mamãe? — perguntara Ellie. — Ele e Dennis brigaram?

— Não, querida — respondera minha mãe. — Não creio que tenham brigado. Só que, quando amigos ficam mais velhos... às vezes se afastam.

— Isso nunca irá acontecer comigo — dissera Ellie, com a firme convicção dos que acabaram de fazer quinze anos.

Fiquei sentado na sala, perguntando-me em que, de fato, consistia tudo aquilo: alucinação, provocada por minha longa permanência no hospital, segundo LeBay sugerira, e um simples crescente afastamento, um espaço que crescia entre dois amigos de infância. Era possível observar-se uma certa lógica nisso, perceber-se o distanciamento que nascera entre nós, mesmo não se levando Christine em consideração.

Desta forma, os fatos cruéis ficavam de fora, mas era confortador. Acreditar nisso permitiria que eu e Leigh levássemos nossas vidas rotineiras — envolvidos em nossas atividades escolares, esforçando-nos um pouco mais para as Provas de Progressos Escolásticos de março e, naturalmente, saltando para os braços um do outro assim que seus pais ou os meus saíssem da sala. Queríamos ter liberdade para namorar, porque éramos dois adolescentes excitados, completamente atraídos um pelo outro.

Eram coisas que me acalentavam... que nos acalentavam. Estávamos

sendo cautelosos — em verdade, tão cautelosos como adúlteros, em vez de apenas dois jovens —, mas eu havia retirado o gesso da perna nesse dia, pudera usar novamente as chaves de meu Duster, em vez de apenas ficar olhando para elas e, movido por um impulso, ligara para Leigh, perguntando se ela gostaria de ir comigo ao mundialmente famoso Colonel's, para comermos um pouco de seus também mundialmente famosos frangos crocantes. Ela ficara eufórica.

Assim, pode-se ver como nossa cautela diminuiu, como nos tornamos um pouquinho indiscretos. Estávamos sentados no pátio de estacionamento, com o motor do Duster ligado para termos um pouco de calor, e conversávamos sobre a forma de darmos um fim àquele velho e infinitamente esperto monstro feminino, como duas crianças brincando de caubói.

Nenhum de nós viu Christine, quando ela estacionou à nossa retaguarda.

— Tudo indica que ele esteja se aprontando para um longo cerco — falei.

— Como assim?

— As universidades que vem escolhendo. Ainda não pensou nisso?

— Não entendi — respondeu ela, intrigada.

— São as universidades que mais interessam a você — falei pacientemente.

Leigh olhou para mim. Olhei também para ela, tentando sorrir, mas não conseguindo.

— Está bem — falei. — Vamos discutir o caso mais uma vez. Coquetéis Molotov estão fora. A dinamite parece arriscado, mas se nós...

Uma respiração ofegante de Leigh me interrompeu de estalo juntamente com a expressão de assustado horror em seu rosto. Ela olhava

através do pára-brisa, a boca aberta, os olhos arregalados. Virei-me naquela direção e o que vi foi tão espantoso que, por um momento, também fiquei imobilizado.

Arnie estava parado diante de meu Duster.

Havia estacionado bem atrás de nós e tinha ido apanhar seu frango, sem perceber quem estava ali — e por que deveria? Estava quase escuro, de maneira que um Duster de quatro anos, sujo de lama, fica muito semelhante a qualquer outro. Arnie tinha ido, voltava com o frango frito e retornava a seu carro... mas parara diante do meu, ficara olhando através do pára-brisa para nós dois, sentados muito juntos e abraçados, fitando-nos profundamente dentro dos olhos, como dizem os poetas. Apenas uma coincidência — uma sombria, terrível coincidência. Exceto que, agora, parte de minha mente estava absolutamente convicta de que havia sido Christine... de que havia sido ela que o conduzira até ali.

Houve, então, um longo e gélido momento de silêncio. Um pequeno gemido escapou da garganta de Leigh. Arnie tinha parado a meio caminho do pequeno pátio de estacionamento, trajando seu blusão do ginásio, calças *jeans* desbotadas e botas. Um cachecol de cor lisa fora enrolado em torno do pescoço. Ele erguera a gola do blusão e as lapelas negras emolduravam um rosto que se torcia lentamente da expressão de terrível incredulidade para uma pálida careta de ódio. A sacola de listras vermelhas e brancas, tendo impressa o rosto sorridente do *Colonel* — o Coronel — escapou de uma de suas mãos enluvadas e caiu no piso nevado do pátio de estacionamento.

— Dennis — sussurrou Leigh. — Dennis... Oh, meu Deus!

Ele começou a correr. Pensei que vinha para o carro, talvez pretendendo arrancar-me dali e agredir-me. Eu podia me ver apoiado fracamente na perna ainda não de todo boa, sob as luzes do pátio que tinham sido acesas justamente naquele minuto, enquanto Arnie — cuja vida eu salvara durante todos aqueles anos, desde o jardim da infância — acabava com a minha raça. Ele correu, a boca torcida em um esgar que eu

jamais vira antes — mas aquele não era o seu rosto. Agora era o rosto de LeBay.

Arnie não parou em meu carro, ele continuou correndo. Virei-me no assento, e então avistei Christine.

Abri minha porta e lutei para sair, agarrando-me à calha da porta para apoio. O frio me deixou imediatamente com os dedos dormentes.

— *Dennis, não* — gritou Leigh.

Consegui ficar em pé, justamente quando Arnie escancarou a porta de Christine.

— Arnie! — gritei. — Ei, cara!

Houve um movimento brusco e seco de sua cabeça. Os olhos dele estavam arregalados, opacos e fixos. Um fio de saliva começava a escorrer de um canto da boca. A grade do radiador de Christine também parecia rosnar.

Ele ergueu os dois punhos e os sacudiu para mim.

— *Seu bosta!* — A voz era aguda e incerta. — *Fique com ela! Você a merece! Vocês são uns merdas! Que fiquem um com outro! Não ficarão assim por muito tempo!*

As pessoas tinham acudido às janelas envidraçadas do Kentucky Fried Chicken e do vizinho Kowloon Express para verem o que estava acontecendo.

— Arnie! Vamos conversar, cara...

Ele saltou para o carro e bateu a porta com força. O motor de Christine rugiu e seus faróis ganharam vida, os ofuscantes olhos brancos de meu sonho, espetando-me como a um besouro em um cartão. E, acima deles, havia o rosto terrível de Arnie, o rosto de um demônio enfurecido. Aquele rosto, cheio de ódio e fantasmagórico, habitou meus sonhos desde então. Um rosto que desapareceu em seguida, sendo substituído por uma caveira, uma sorridente caveira.

Leigh deixou escapar um grito agudo, estridente. Também tinha se virado para espiar, portanto, percebi que aquilo não era apenas imaginação minha. Ela vira o mesmo que eu.

Christine projetou-se com um rugido, os pneus traseiros girando e atirando neve para trás. Arnie não arremeda contra o Duster — era a mim que visava. Creio que sua intenção seria esmagar-me como geléia entre os dois carros. Fui salvo por minha perna esquerda, ainda em más condições, pois falhou e caí de costas dentro do carro, batendo com a anca direita no volante e fazendo a buzina soar.

Uma onda de vento gelado fustigou-me o rosto. O brilhante flanco vermelho de Christine passou a uns noventa centímetros de mim. Disparou rugindo pela alameda de saída do pátio e entrou na JFK Drive como um foguete, sem diminuir a marcha, a traseira rabeando. Desapareceu em seguida, ainda acelerando.

Olhei para a neve e vi as marcas recentes, ziguezagueantes de seus pneus. Mais uns dez centímetros, e Christine colidiria contra minha porta aberta.

Leigh chorava. Usei as mãos para colocar minha perna esquerda dentro do carro, bati a porta e a abracei. Seus braços me procuraram às cegas e então me apertaram, com a força do pânico.

— Não era... não era ele que...

— Pssst, Leigh. Não se preocupe. Não pense mais nisso.

— *Não era Arnie que estava dirigindo aquele carro! Era uma pessoa morta! Era uma pessoa morta!*

— Era LeBay — falei. Agora que falara, senti uma espécie de calma irreal, em vez da trêmula reação que seria mais natural, isso e a culpa de, finalmente, ter sido apanhado com a garota de meu melhor amigo. — Era ele, LeBay. Você acabou de conhecer Roland D. LeBay.

Ela chorou, tomada de medo, de choque e de horror, apertando-se

contra mim. Fiquei satisfeito em tê-la. Minha perna esquerda latejava monotonamente. Ergui os olhos para o espelho retrovisor e vi a vaga vazia, pouco antes ocupada por Christine. Agora que acontecera, parecia-me que quaisquer outras conclusões seriam impossíveis. A paz das duas últimas semanas, a alegria pura de ter Leigh a meu lado, tudo isto agora parecia ser a situação antinatural, a situação falsa — tão falsa como a mistificada guerra entre a conquista da Polônia por Hitler e o devastador assalto da Wehrmacht contra a França.

Então, comecei a ver o final das coisas, como ele seria.

Ela ergueu para mim o rosto lavado de lágrimas.

— E agora, Dennis? O que vamos fazer?

— Agora, vamos dar um fim nisso.

— Como? O que quer dizer?

Falando mais para mim do que para ela, respondi:

— Ele precisa de um álibi. Temos de estar prontos, para quando ele se afastar daqui. A garagem. A Garagem de Darnell. Vamos encurralar aquele carro lá dentro. Tentar matá-lo,

— Dennis, de que está falando?

— Ele deixará a cidade — falei. — Não entende? Todas aquelas pessoas que Christine matou... bem, elas formam um círculo em torno de Arnie. Ele sabe disso. Ele fará com que Arnie torne a sair da cidade.

— Está falando de LeBay? Assenti, e Leigh estremeceu.

— Precisamos matá-lo. Você sabe disso.

— Sim, mas... como? Por favor, Dennis... como faremos? Por fim, eu tinha uma idéia.

PREPARATIVOS

Há um matador na estrada,
Seu cérebro se contorce como um sapo...
— The Doors

Levei Leigh até sua casa e lhe disse para telefonar-me, se visse Christine rodando pelos arredores.

- E o que você fará? Virá até aqui com um lança-chamas?
- Uma bazuca — falei, e ambos começamos a rir histericamente.
- Abaixo o 58! Abaixo o 58! — gritou Leigh e rimos ainda mais.

Não obstante, por todo o tempo em que ríamos, estávamos meio mortos de medo... talvez mais do que meio. Enquanto ficávamos ali, rindo, eu me sentia perturbado por Arnie, perturbado pelo que ele tinha visto e pelo que eu havia feito. Creio que Leigh sentia o mesmo. No entanto, há momentos em que só nos resta rir. Às vezes, é apenas o que fazemos. E quando o riso se solta-, nada pode sufocá-lo. O riso continua, cumprindo o seu dever...

— E o que digo a meus pais? — perguntou Leigh quando, finalmente, conseguimos controlar-nos. — Preciso dizer *alguma coisa* a eles, Dennis! Não vou deixar que se arrisquem a serem atropelados na rua!

- Não diga nada — falei. — Não diga nada, mesmo.
- Mas...

— Em primeiro lugar, eles não acreditariam em você. Em segundo, nada irá acontecer, enquanto Arnie permanecer em Libertyville. Aposto minha vida nisso.

- Só isso, bobão? — sussurrou ela.
- Não. Aposto minha vida, a de minha mãe, meu pai e minha irmã.

— Como saberemos, se ele deixar a cidade?

— Eu vou cuidar disso. Você ficará doente amanhã. Não irá à aula.

— Já estou doente — disse, em voz baixa. — Dennis, o que vai acontecer? O que está planejando?

— Eu telefono pra você mais tarde, esta noite. — Beijei-a. Seus lábios estavam frios.

Quando cheguei em casa, Elaine enfiava sua jaqueta relutantemente, murmurando surdas imprecizações contra pessoas que mandam outras comprar pão e leite no Tom's justamente quando vai começar *Dance Fever* na TV. Ela se dispunha a me xingar também, mas se alegrou, quando me ofereci para dar-lhe uma carona até o mercado, ida e volta. Ellie também me dirigiu um olhar suspeito, como se tão inesperada gentileza com a irmã menor assinalasse o início de alguma doença. Herpes, talvez. Perguntou se eu me sentia bem. Apenas sorri com suavidade e lhe disse para entrar no carro antes que eu mudasse de idéia, embora a esta altura minha perna direita doesse e a esquerda latejasse furiosamente. Eu podia falar e insistir com Leigh sobre como Christine não atacaria, enquanto Arnie estivesse em Libertyville, e racionalmente, sabia que assim seria. Entretanto, isto não modificou o instintivo peso no estômago, quando pensei em Ellie caminhando os dois quarteirões até o Tom's e cruzando as escuras ruelas suburbanas, com sua berrante jaqueta amarela. Eu ficava vendo Christine, estacionada em uma daquelas ruas, agachada no escuro como um velho e maldito cão de caça.

Ao chegarmos ao Tom's, dei-lhe um dólar.

— Compre chocolate e uma Coca para cada um de nós.

— Você está se sentindo bem mesmo, Dennis?

— Estou. E se gastar meu troco naquele jogo de Asteróides, quebro o seu braço.

Aquilo pareceu sossegá-la. Ellie saiu, e fiquei encurvado atrás do

volante do Duster, pensando na terrível enrascada em que estávamos metidos. Não podíamos contar a ninguém — aí estava o pesadelo. E aí residia a força de Christine. Poderia chegar até meu pai, em sua oficina de brinquedos e dizer que o que Ellie chamava de "aquele velho e horroroso carro vermelho de Arnie Cunningham" agora se dirigia sozinho? Poderia ligar para os tiras e lhes dizer que um sujeito morto queria matar minha namorada e a mim? Não. A única coisa a nosso favor, além do fato de que o carro não se moveria enquanto Arnie não tivesse um álibi, era que ele não queria testemunhas — "Penetra" Welch, Don Vandenberg e Will Darnell haviam sido liquidados sozinhos, de madrugada, Buddy Repperton e seus dois amigos tinham sido mortos em local isolado.

Elaine chegou, com uma sacola apertada contra o busto florescente, entrou no carro, entregou meu chocolate e minha Coca.

— O troco — pedi.

— Você é um sovina — respondeu, mas colocou vinte e poucos centavos em minha mão estendida.

— Eu sei, mas gosto de você assim mesmo — falei.

Puxei seu capuz para trás, desmanchei-lhe o cabelo e depois a beijei na orelha. Ela pareceu surpresa e desconfiada — mas então sorriu. Não era má pessoa, minha irmã Ellie. Imaginá-la atropelada na rua, simplesmente porque eu me apaixonara por Leigh Cabot, depois que Arnie perdera a cabeça e a deixara... Francamente, eu não podia permitir que isso acontecesse.

Em casa, subi penosamente para o andar de cima, depois de dizer olá para mamãe. Ela queria saber como estava a perna e respondi que em ótimo estado. No entanto, quando cheguei ao andar de cima, a primeira parada foi no armário de remédios que havia no banheiro. Tomei duas aspirinas para amenizar a dor nas pernas, que agora pareciam cantar *Ave-Maria*. Depois fui até o quarto de meus pais, onde fica a extensão do telefone, e me sentei na cadeira de balanço de mamãe, com um suspiro.

Ergui o fone do gancho e fiz a primeira de minhas ligações.

— Dennis Guilder, o flagelo do projeto de extensão da estrada! — exclamou Brad Jeffries, alegremente. — É bom falar com você, rapaz. Quando é que vai aparecer, para vermos os Pingüins outra vez?

— Não sei — respondi. — Já me cansei de ver aleijados jogando hóquei. Mas se você estiver interessado em um bom time, como os Voadores...

— Céus, ter que ouvir isto de um garoto que nem mesmo é meu filho! — exclamou Brad. — Acho que o mundo está mesmo caminhando para o inferno.

Tagarelamos um pouco mais, chutando de um lado para outro, e então lhe disse o motivo do telefonema. Ele riu.

— O que há, Denny? Querendo negociar por conta própria?

— É possível — repliquei, pensando em Christine. — Somente por algum tempo.

— Não quer falar a respeito?

— Bem, ainda não. Conhece alguém que tenha um troço desses para alugar?

— Claro que sim, Dennis. Escute, só há um sujeito que poderia fazer negócio com você, nas bases que mencionou. Johnny Pomberton. Vive perto de Ridge Road. Ele tem mais rodantes do que Carter tem pílulas para o fígado.

— Ok — respondi. — Obrigado, Brad.

— Como vai Arnie?

— Acho que está bem. Não o tenho visto tanto quanto antes.

— Um cara curioso, Dennis. Nem em minha pior suposição pensaria que ele ia durar todo o verão por aqui, assim que botei os olhos nele. No entanto, se mostrou decidido como o diabo.

– Certo – respondi. – Tudo isso e ainda mais.

– Diga olá para ele, quando se encontrarem.

– Direi, Brad. Não se preocupe.

– Apareça, Dennis. Venha qualquer noite e esvazie algumas latas de cerveja comigo.

– Vou aparecer. Boa noite.

– Boa noite, Denny.

Desliguei e fiquei olhando para o telefone por um ou dois minutos, indeciso, sem muita vontade de fazer a ligação seguinte. No entanto, era preciso fazê-la; seria a ligação central para toda aquela lamentável e estúpida situação. Peguei o fone e disquei de cor o número dos Cunningham. Se Arnie atendesse, eu simplesmente desligaria, sem nada dizer. No entanto, tive sorte, foi Michael quem respondeu.

– Alô?

Sua voz soava cansada e um pouco amortecida.

– Aqui é Dennis, Michael.

– Ei, olá! – ele parecia sinceramente satisfeito.

– Arnie está aí?

– Lá em cima. Chegou em casa, vindo de algum lugar, e foi direto para seu quarto. Parecia bastante carrancudo, mas isto não tem sido incomum ultimamente. Quer que o chame?

– Não – falei. – Está tudo bem. Era com você mesmo que eu queria falar. Preciso de um favor seu.

– Muito bem, é só dizer. – Percebi que aquela voz algo mortiça era... Bem, Michael Cunningham devia estar a meio caminho de um pileque. – *Você nos* prestou um favor dos diabos, enfiando um pouco de juízo nele, sobre universidade.

— Não acredito que ele tenha ouvido uma vírgula do que falei, Michael.

— Bem, a verdade é que algo aconteceu. Ele se candidatou a três universidades, só este mês. Regina acha que você caminha sobre a água, Dennis. E, só para nós, ela anda muito envergonhada sobre a maneira como o tratou, quando Arnie nos falou sobre seu carro a primeira vez. Enfim, você conhece Regina. Ela jamais conseguiria dizer "sinto muito".

Eu sabia disso perfeitamente. Perguntei-me o que ela pensaria, se soubesse que Arnie — ou o que quer que controlasse Arnie — tinha tanto interesse pela universidade quanto um avaro por fundos mútuos. Ou se soubesse que ele apenas seguia as pegadas de Leigh, perseguia-a, obcecado por ela. Era perversão sobre perversão — LeBay, Leigh e Christine, em um hediondo *ménage a trois*.

— Ouça, Michael — falei. — Eu gostaria que você me telefonasse, caso Arnie decidir deixar a cidade por algum motivo. Especialmente dentro destes primeiros dias ou durante a semana. De dia ou à noite. Preciso saber se Arnie vai deixar Libertyville. E tenho que saber antes dele ir. É muito importante.

— Por quê?

— Prefiro não explicar por enquanto. É muito complicado e ia parecer... bem, você acharia meio louco.

Houve um longo, demorado silêncio. Quando o pai de Arnie tornou a falar, sua voz era quase um sussurro.

— É algo sobre esse maldito carro dele, não é?

Até onde ele suspeitaria? Quanto saberia? Se Michael fosse como a maioria das pessoas que eu conhecia, talvez desconfiasse um pouco mais quando bêbado, do que sóbrio. No momento, eu não tinha certeza. No entanto, achava que Michael *suspeitara*, mais do que ninguém exceto, talvez, do que Will Darnell.

– Certo – respondi. – É isso mesmo.

– Eu sabia – disse, em voz opaca. – Eu sabia. O que está acontecendo, Dennis? O que ele anda fazendo? Você sabe?

– Não posso falar mais, Michael. Pode me telefonar se ele programar alguma viagem para amanhã ou depois?

– Está certo – disse ele. – Telefonarei.

– Obrigado.

– Dennis – disse Michael. – Acha que terei meu filho de volta?

Ele merecia a verdade. Aquele pobre e angustiado homem merecia a verdade.

– Não sei – respondi, mordendo o lábio inferior até que doesse.

– Acho que... bem, talvez já seja um pouco tarde para isso – concluí.

– De que se trata, Dennis? – ele quase gemeu. – Drogas? Alguma espécie de drogas?

– Direi quando puder – respondi. – É tudo o que posso prometer. Sinto muito.

Não foi difícil convencer Johnny Pomberton.

Era um homem animado e falante, de modo que logo desapareceram quaisquer temores de que ele não fizesse negócio com um adolescente. Tive a impressão de que Johnny Pomberton faria negócios com o próprio Satã, acabado de subir dos infernos e ainda com cheiro de enxofre, se a proposta fosse boa e dentro da lei.

– Claro – repetia ele. – Claro, claro.

Mal se iniciava uma proposta, e Johnny Pomberton já estava concordando, o que chegava a ser um pouco enervante. Eu tinha uma história que serviria de bom pretexto, mas não acredito que ele chegasse a

ouvi-la. Limitou-se a dar-me um preço, aliás um preço bastante razoável.

— Está bom para mim — falei

— Claro — concordou ele. — Quando é que virá?

— Bem, o que me diz de amanhã, às nove e meia...

— Claro — interrompeu ele. — Até lá, então.

— Mais uma pergunta, Sr. Pomberton.

— Claro. E me chame de Johnny.

— Ok, Johnny. E sobre a mudança automática?

Johnny Pomberton riu alegremente — com tal vivacidade que manteve o fone um pouco afastado do ouvido, algo deprimido. Aquele riso era resposta suficiente.

— Em uma dessas coisinhas? Você deve estar brincando. Para quê? Não pode dirigir com uma mudança comum? De pedal?

— Naturalmente. Foi como aprendi — falei.

— Claro! Quer dizer que não haverá problemas, certo?

— Acho que não — respondi, pensando em minha perna esquerda, que estaria pressionando o pedal, ou tentando pressionar. Só de apertá-lo um pouco essa noite, já a fizera doer como o diabo. Esperei que Arnie demorasse alguns dias, antes de viajar para fora da cidade mas, de algum modo, era difícil acreditar que aquilo estivesse nas cartas. Tinha de ser amanhã, pelo fim de semana no máximo, e minha perna esquerda teria que se conformar com a situação. — Bem, boa noite, Sr. Pomberton. Eu o verei amanhã.

— Claro. Obrigado por ligar, garoto. Já pensei no que lhe serve. Vai gostar dela, duvido que não goste. E se não começar a me chamar de Johnny, vou dobrar o preço.

— Claro — falei e desliguei com ele ainda rindo. *Vai gostar dela. Duvido*

que não goste.

Ela novamente — eu estava me tornando morbidamente cômico daquela forma casual de tratamento... e infernalmente preocupado com isso.

A seguir, fiz minha última ligação para os preparativos. Havia quatro Sykes no catálogo. Encontrei o que procurava, na segunda tentativa: o próprio Jimmy atendeu. Apresentei-me como amigo de Arnie Cunningham e a voz dele animou-se. Gostava de Arnie, que raramente zombava dele e jamais "o agredira", como Buddy Repperton tinha feito, quando trabalhava para Will. Ele quis saber como ia Arnie e, mentindo novamente, falei que Arnie estava ótimo.

— Poxa, isso é bom — disse ele. — Arnie levou algum tempo com o traseiro em apuros. Eu sabia que aquela muamba, aqueles cigarros, não iam dar em boa coisa para ele.

— Estou telefonando por causa de Arnie — falei. — Você se lembra de quando Will foi detido e eles fecharam a garagem, Jimmy?

— Claro que me lembro — suspirou Jimmy. — Agora, o coitado do Will está morto e fiquei sem emprego. Minha mãe vive dizendo que tenho que ir para a escola técnica vocacional, mas acho que não dou pra isso. Eu me daria melhor como porteiro ou coisa assim. Meu tio Fred é porteiro lá na universidade e disse que talvez tenha uma vaga, porque o outro porteiro, bem, ele sumiu, deu o fora e...

— Arnie disse que ficou sem seu jogo completo de chaves-de-boca, quando fecharam a garagem — interrompi. — Estava atrás de alguns daqueles pneus velhos, nas prateleiras mais altas. Ele deixou o jogo lá, para que ninguém roubasse.

— E ainda está lá? — perguntou Jimmy.

— Acho que sim.

— Que azar!

– Sabe, aquele conjunto de chaves vale uns cem dólares.

– Caramba! Aposto como não está mais lá. Aposto como um daqueles tiras ficou com ele.

– Arnie acha que o jogo continua lá. Só que ele não pode nem chegar perto da garagem, por causa da enrascada em que se meteu.

Era mentira, mas achei que Jimmy não daria pela coisa e assim aconteceu. De qualquer modo, meu amor-próprio não ficou muito satisfeito ao aproveitar-me assim de um sujeito quase retardado.

– Que merda! Bem, olha só, eu vou até lá e descolo as ferramentas. Claro! Amanhã cedo, a primeira coisa que vou fazer. Ainda tenho minhas chaves para entrar na garagem.

Deixei escapar um suspiro de alívio. O que eu queria não era o imaginário jogo de chaves-de-boca, mas as chaves de Jimmy.

– Aí é que está, Jimmy, eu mesmo gostaria de ir pegar as chaves para Arnie. Faria uma surpresa a ele, entende? E sei direitinho onde ele as deixou. Você poderia revirar aquilo tudo o dia inteiro e talvez não as encontrasse.

– É mesmo, é verdade. Nunca fui muito bom para encontrar coisas, era bem como Will dizia. Ele sempre repetia que eu nunca encontraria meu traseiro, nem usando as duas mãos e uma lanterna.

– Que nada, cara, ele falava assim por brincadeira. Bem, a verdade é que eu gostaria de ir buscar o jogo de chaves de Arnie.

– Bem, tá legal.

– Pensei que se fosse aí, pegar suas chaves, amanhã... Bem, eu pegaria o conjunto de Arnie e devolveria as chaves pra você antes do anoitecer.

– Olhe, só que eu não posso. Will dizia para nunca emprestar minhas chaves a ninguém e...

– Está certo, mas a garagem agora está vazia. Lá só ficaram as

ferramentas de Arnie e aquele ferro-velho nos fundos. O Estado logo estará colocando a garagem à venda, com tudo que tiver dentro. Se eu for pegar as ferramentas depois disso, seria como roubar, entende?

— Oh! Bem, se for assim, acho que pode ser. Se você trazer as chaves de volta. — Então ele acrescentou algo absurdamente tocante: — Sabe? Elas são tudo que tenho para me lembrar de Will.

— Você as terá de volta. Prometo.

— Ok — disse ele. — Se for para Arnie, acho que está legal.

Pouco antes de ir para a cama, agora do andar de baixo, fiz uma ligação final — para uma sonolenta Leigh.

— Estará tudo terminado, qualquer noite destas. Você topa?

— Claro — disse ela. — *Acho* que sim. O que planejou, Dennis?

Eu lhe contei, ponto por ponto, quase esperando que ela encontrasse uma porção de falhas em minha idéia. No entanto, quando terminei, Leigh apenas perguntou:

— E se não funcionar?

— Caberá a você fazer a lista de honra. Não creio que seja necessário pintar-lhe o quadro.

— Não — disse ela. — Acho que não.

— Eu deixaria você fora disso, se pudesse — falei. — Acontece que LeBay desconfiaria de uma armadilha e, portanto, a isca tem que ser boa.

— Eu não admitiria que você me deixasse de fora — disse ela. Falava com firmeza. — Isto também tem a ver comigo. Eu amei o Arnie. Amei de verdade. E quando a gente começa a amar alguém... acho que nunca esquece inteiramente. Não é, Dennis?

Refleti em todos aqueles anos. Os verões de leitura, nadar e jogar Monopólio, *scrabble*, xadrez chinês. As fazendas de formigas. As vezes em

que eu impedira que o humilhassem, de todos aqueles jeitos que as crianças eliminam um estranho, o garoto que é um pouco esquisito, que não se afina bem com o grupo. Houve vezes em que eu precisava me esforçar muito, para impedir que o maltratassem, vezes em que me perguntara se minha vida não seria mais fácil e melhor se eu apenas largasse Arnie de mão, deixando-o de lado. Entretanto, assim não seria melhor. Eu precisava dele, a fim de fazer com que me sentisse bem comigo — e ele o fizera. Tínhamos jogado limpo sempre e, oh, merda! O que acontecia agora era muito amargo, sim, realmente muito mais amargo.

— Tem razão — respondi e, de repente, tive que pôr a mão sobre os olhos. — Acho que não dá mesmo pra esquecer. Eu também amei o Arnie. E talvez, mesmo a essa altura, ainda não seja também tarde demais para ele.

Eu gostaria de rezar: *Bom Deus, permita que eu salve Arnie, só mais uma vez. Apenas esta última vez.*

— Não é a ele que odeio — disse ela, em voz baixa. — Eu odeio aquele homem, LeBay... nós vimos mesmo aquela coisa hoje à tarde, Dennis? No carro?

— Sim — respondi. — Creio que vimos.

— Odeio os dois: ele e essa maldita Christine. Será para logo?

— Falta pouco. Acho que sim.

— Está bem. Eu amo você, Dennis.

— Também amo você.

E, como se viu, tudo terminou no dia seguinte — sexta-feira, dezenove de janeiro.

ARME

Eu rodava em meu Stingray, tarde da noite,

Quando um XKE se aproximou pela direita,

*Ele baixou a janela do reluzente e novo Jag,
E me desafiou ali para uma corrida.
Eu disse: "Topo, chapa, minha máquina é legal,
Partimos da esquina de Sunset com Vine,
Mas lhe faço uma proposta (se você tem peito):
Vamos disputar todo o trajeto...
até a Curva do Morto. "*

— Jan e Dean

Iniciei aquele longo e terrível dia indo até a casa de Jimmy Sykes em meu Duster. Eu imaginara poder ter algum problema com a mãe dele, mas tudo correu bem. Ela parecia um pouco mais retardada que o filho. Convidou-me para comer *bacon* com ovos (que rejeitei, porque meu estômago dava nós miseráveis) e ficou falando de minhas muletas, enquanto Jimmy revirava seu quarto à procura do molho de chaves. Fiquei de conversa fiada com a Sra. Sykes, que era aproximadamente do tamanho do Monte Etna, mas o tempo ia passando e uma angustiante certeza se criava dentro de mim: Jimmy perdera suas chaves em algum lugar, e tudo ia por água abaixo, antes mesmo de começar. Ele voltou, abanando a cabeça.

— Não consegui encontrar — disse. — Devo ter perdido em algum lugar. Que droga!

A Sra. Sykes — quase cento e cinquenta quilos, envolvidos por um desbotado vestido caseiro, os cabelos presos em rolinhos cor-de-rosa, disse então, com um jeito prático que achei formidável:

— Já procurou em seus bolsos, Jim?

Uma expressão admirada passou pelo rosto de Jimmy. Ele enfiou a mão no bolso de suas calças verdes de brim e depois, com um sorriso envergonhado, puxou um molho de chaves. O chaveiro era um daqueles

vendidos na loja de novidades do Monroeville Mall — um grande ovo frito de borracha. O ovo estava sujo de graxa.

— Oh, aí estão vocês, babaquinhas — disse.

— Cuidado com sua linguagem, rapazinho — disse a Sra. Sykes. — Basta mostrar a Dennis qual a chave que abre a porta, e guarde essa linguagem suja em sua cabeça.

Jimmy terminou entregando-me três chaves, porque não estavam etiquetadas e ele não podia distinguir qual a que servia. Uma delas abria a grande porta de aço, de enrolar, da entrada, outra abria a porta dos fundos, que dava para o comprido pátio de carros velhos, e a terceira era do escritório de Will.

— Obrigado — falei. — Devolvo assim que puder, Jimmy.

— Tá legal — disse Jimmy. — Diga alô a Arnie por mim.

— Eu digo.

— Tem certeza de que não quer *bacon* com ovos, Dennis? — perguntou a Sra. Sykes. — Há de sobra.

— Obrigado — respondi —, mas preciso ir andando.

Eram oito e quinze e as aulas começavam às nove. Arnie geralmente chegava às oito e quarenta e cinco, segundo me dissera Leigh. Eu tinha apenas o tempo indispensável. Ajeitei-me nas muletas e fiquei em pé.

— Ajude-o a sair — ordenou a Sra. Sykes. — Não fiquei aí parado! Comecei a protestar e ela acenou para que me fosse.

— Não vai querer cair em cima do traseiro, antes de chegar a seu carro, Dennis. Podia tornar a quebrar a perna.

Riu ruidosamente ao terminar de falar, e Jimmy, a encarnação viva da obediência, praticamente me carregou até o Duster.

O céu daquele dia era de um gélido cinza pesado e o rádio previa mais

neve para o final da tarde. Dirigi através da cidade até o Ginásio de Libertyville, tomei a via que conduzia ao pátio de estacionamento dos alunos e estacionei na primeira fila. Não era preciso Leigh me dizer que Arnie costumava estacionar na última. Eu necessitava vê-lo, tinha que jogar a isca diante de seu nariz, mas o queria o mais longe possível de Christine quando o fizesse. Com ele afastado do carro, o jugo de LeBay parecia mais fraco.

Fiquei lá sentado dentro do carro, com a chave virada para ACCESSORY, por causa do rádio, e contemplei o campo de futebol. Parecia impossível que já trocara sanduíches com Arnie naquelas arquibancadas cobertas de neve. Era difícil acreditar que eu mesmo já corra e suara naquele campo, com vestimentas acolchoadas, capacete e calças justas, estupidamente convicto de minha invulnerabilidade física... talvez até mesmo de minha imortalidade.

Não me sentia mais assim.

Os alunos iam chegando, estacionavam seus carros e encaminhavam-se para o prédio, conversando, rindo e brincando. Afundei no assento, não querendo ser reconhecido. Um ônibus aproximou-se da entrada principal e despejou um bando de garotos. Um pequeno grupo de friorentos rapazes e garotas reuniu-se na área de fumar, onde Buddy desafiara Arnie, naquele dia do outono passado. Um dia que, agora, também parecia terrivelmente distante.

Meu coração disparava no peito e eu me sentia miseravelmente tenso. Uma parte de mim desejava com ânsia que Arnie não aparecesse. Então, avistei o familiar vulto vermelho-e-branco de Christine, vindo da School Street, a encaminhar-se para a entrada de veículos dos alunos, rodando a uns uniformes trinta por hora, o cano de descarga expelindo uma leve fumaça branca. Arnie estava ao volante, usando seu blusão do colégio. Não olhou para mim; simplesmente, dirigiu-se até seu costumeiro lugar, nos fundos do estacionamento, e lá parou o carro.

Fique encolhido e ele nem o verá, sussurrou aquela traiçoeira e ansiosa parte de minha mente. *Passará a seu lado, como os outros, e irá embora.*

No entanto, em vez disto eu abri a porta do Duster e passei as muletas para o lado de fora. Apoiando o peso nelas, icei-me e fiquei em pé sobre a neve compacta do pátio de estacionamento, sentindo-me um pouco como naquele velho filme *Dupla Indenização*, com Fred MacMurray. Do colégio, chegou o *rrring* do primeiro sinal, fraco e sem importância pela distância – Arnie estava mais atrasado do que nos velhos tempos. Minha mãe costumava dizer que ele era irritantemente pontual. Talvez LeBay não tivesse sido.

Ele veio em minha direção, com os livros debaixo do braço, a cabeça baixa, esgueirando-se por entre os carros. Passou por trás de um furgão, saindo temporariamente de meu campo visual, depois tornou a aparecer. Então ergueu a cabeça e seus olhos se fixaram diretamente nos meus.

Ao me ver, arregalou os olhos e fez uma automática meia-volta, em direção a Christine.

– Você se sente meio nu, quando não está ao volante não é? – perguntei.

Ele me encarou. Seus lábios se encurvaram ligeiramente para baixo, como se houvesse provado algo de sabor desagradável.

– Como vai a sua cona, Dennis? – perguntou.

George LeBay não dissera, mas deixara entrever que seu irmão era extraordinariamente bom para agredir os outros, através de seus pontos fracos.

Dei dois passos arrastados para diante, apoiado nas muletas, enquanto ele ficava parado, sorrindo com os cantos da boca para baixo.

– Como se sentia você, quando Repperton o chamava de Cara de Cona? – perguntei. – Gostou tanto que resolveu usar em mais alguém?

Parte dele pareceu ser atingida por aquilo — algo que talvez estivesse apenas em seus olhos —, mas o sorriso desdenhoso e vigilante permaneceu nos lábios. Estava frio ali fora. Eu não pusera as luvas e minhas mãos estavam ficando dormentes, nas barras cruzadas das muletas. Nossa respiração formava pequenas nuvens.

— Ou que tal no quinto ano, quando Tommy Deckinger costumava chamar você de Hálito de Peido? — perguntei, alteando a voz. Ficar irritado com ele não tinha sido parte do plano, mas agora a raiva estava ali, sacudindo-me por dentro. — Você gostava? E lembra-se de quando Ladd Smythe era aluno-patrolheiro e jogou você no chão? Lembra-se de como tirei o chapéu dele e lhe enfiei dentro das calças? Onde é que você estava, Arnie? Esse cara, LeBay, só apareceu há pouco tempo. E eu, eu sempre estive presente!

Aquele recuo novamente. Desta vez ele completou a volta, o sorriso vacilando, os olhos em busca de Christine, da maneira como procuramos um ente querido em um apinhado aeroporto ou rodoviária. Ou como um drogado procuraria o seu fornecedor.

— Precisa dela tanto assim? — perguntei. — Cara, você teve os colhões fígados direitinho, hein?

— Não sei do que está falando — disse ele, em voz rouca. — Você roubou minha garota. Nada vai modificar isso. Agiu pelas minhas costas... me enganou... você não passa de um *bosta*, como todos os outros. — Ele agora me fitava, de olhos arregalados, doridos e brilhando de raiva. — Pensei que podia confiar em você, mas você é pior do que Repperton ou *qualquer um* deles! — Deu um passo para mim e gritou, com total fúria pela perda: — *Você a roubou, seu bosta!*

Arrastei-me em outro passo para diante com as muletas. Uma delas escorregou ligeiramente, sobre a neve dura do piso. Éramos como dois relutantes adversários, aproximando-se um do outro.

— Não se pode roubar o que foi jogado fora — falei.

— De que está falando?

— Estou falando da noite em que ela sufocou em seu carro. Da noite em que Christine tentou matá-la. Você disse a Leigh que não precisava dela. Você disse pra ela se foder.

— *Eu nunca disse isso! É mentira! É uma maldita mentira!*

— Com quem estou falando? — perguntei.

— Não interessa! — Seus olhos cinzentos eram enormes, atrás dos óculos. — Não interessa quem seja o cara com quem esteja falando! Isso tudo não passa de uma mentira nojenta! Aliás, eu não esperava outra coisa daquela cadela asquerosa!

Outro passo para mais perto. O rosto pálido dele era marcado com acentuadas manchas vermelhas.

— Quando escreve seu nome, não parece mais a sua assinatura, Arnie.

— Cale a boca, Dennis!

— Seu pai diz que é como ter um estranho em casa.

— Estou avisando, cara!

— Por que se preocupa? — perguntei brutalmente. — Eu sei o que vai acontecer. Leigh também sabe. A mesma coisa que aconteceu a Buddy Repperton, Will Darnell e a todos os outros. Porque você não é mais Arnie. Está aí, não, LeBay? Vamos, mostre-se e me deixe vê-lo! Já o vi antes. Eu o vi na véspera do Ano-Novo, tornei a vê-lo ontem, lá onde vendem frango frito. *Sei que você está aí, por que não pára de se foder por aí e aparece?*

E ele apareceu... mas agora no rosto de Arnie, e era ainda mais hediondo do que todas as caveiras e esqueletos jamais imaginados pelas revistas de horror em quadrinhos. O rosto de Arnie *mudou*. Um rosnado brotou em seus lábios, como uma rosa putrefata. Então o vi, como devia ter sido quando jovem, e quando um carro era tudo que um jovem precisava ter; tudo o mais se seguiria automaticamente. Vi o irmão mais velho de

George LeBay.

Só recordo uma coisa sobre ele, mas lembro disso muito bem: sua raiva. Ele estava sempre enraivecido.

Ele caminhou para mim, encurtando a distância entre onde estivera e onde eu estava parado, apoiado nas muletas. Seus olhos eram enevoados, além de todo alcance. Aquele sorriso de escárnio estava impresso em seu rosto, como algo marcado a fogo.

Tive tempo de pensar na cicatriz no braço de George LeBay, descendo do cotovelo ao pulso. *Ele me empurrou, depois voltou e me jogou ao chão.* Eu podia ouvir aquele LeBay de quatorze anos gritando: *De agora em diante, fique fora do meu caminho, seu maldito imbecil, fique fora do meu caminho, ouviu?*

Era LeBay que eu encarava agora — e LeBay não era dos que se conformam facilmente em perder. Aliás, ele não aceitava a derrota, isso nunca.

— Lute com ele, Arnie — falei. — Ele já esteve no comando por tempo demais. Lute com ele, mate-o, faça-o ficar lon...

Ele esticou o pé e chutou minha muleta direita, arrancando-a de mim. Lutei para permanecer em pé, cambaleei, quase consegui... e então ele chutou a muleta esquerda. Caí sobre a neve dura e compacta. Ele deu outro passo e ficou acima de mim, o rosto, duro e alienado.

— Você queria, agora vai ter — disse vagamente.

— Certo, certo — arquejei. — Lembra-se das fazendas de formigas, Arnie? Você está aí, em algum lugar? Esse otário sujo nunca teve uma fodida fazenda de formigas na vida. Nunca teve um *amigo* em toda a vida!

De repente, aquela dureza se rompeu. O rosto — o rosto dele *se tornou*. Não sei mais como descrever o que vi. LeBay estava ali, enfurecido ao ser posto de lado por um motim interno. Então, surgiu Arnie abatido, cansado, envergonhado mas, acima de tudo, desesperadamente infeliz. Em seguida, novamente LeBay, o pé se estirando para chutar-me, enquanto eu jazia

caído na neve, rastejando para pegar minhas muletas, sentindo-me impotente, inútil e entorpecido. Depois foi novamente Arnie, meu amigo Arnie, jogando para trás o cabelo caído na testa, naquele gesto familiar e aturdido. Era Arnie, dizendo:

– Oh, Dennis... Dennis... me desculpe... sinto muito.

– É tarde demais para se desculpar, cara – falei.

Peguei uma muleta, depois a outra. Ergui-me pouco a pouco, escorregando duas vezes, antes de me sustentar novamente sobre elas. Minhas mãos, agora, eram como peças de mobiliário. Arnie não fez qualquer movimento para ajudar-me; ficou recostado contra o furgão, os olhos arregalados e chocados.

– Dennis, eu não consigo entender – sussurrou. – Às vezes, parece que nem estou mais aqui. Ajude-me, Dennis! Ajude-me!

– LeBay está aí? – perguntei.

– Ele sempre está aqui – grunhiu Arnie. – Oh, Deus, sempre! Exceto...

– O carro?

– Quando Christine... quando ela roda, então, ele está com ela. É a única vez em que ele... ele...

Arnie silenciou. Sua cabeça descambou para um lado. O queixo rolou sobre o peito, em um giro frouxo. Seu cabelo pendeu para a neve. A saliva escorreu de sua boca e caiu sobre as botas. Então, ele começou a chorar baixinho e esmurrou o furgão atrás, com as mãos enluvadas.

– *Vá embora! Vá embora? Vá embooooooraaaa!*

Por uns cinco segundos, nada aconteceu – nada, exceto o estremecimento de seu corpo, como se uma cesta de serpentes houvesse sido despejada dentro de suas roupas; nada, exceto aquele lento, horrível girar do queixo sobre o peito.

Pensei que Arnie talvez estivesse vencendo, que conseguia expulsar o velho e nojento filho da puta. Entretanto, quando ergueu o rosto, Arnie se fora. Era LeBay quem estava ali.

— Tudo vai acontecer exatamente como ele disse — falou LeBay. — Não se meta, rapaz. Talvez eu não o atropеле.

— Vá à Garagem de Darnell esta noite — disse eu. Minha voz estava rouca, tinha o peito seco como areia. — Nós brincaremos. Levarei Leigh comigo. Leve Christine.

— Eu é que escolho hora e lugar — replicou LeBay, e sorriu com a boca de Arnie, mostrando os dentes jovens e fortes de Arnie... uma boca ainda a anos da indignidade das dentaduras. — Você ignora quando e onde, mas saberá... chegado o momento.

— Pense bem — falei, como que por casualidade. — Vá à garagem esta noite... ou eu e ela começaremos a contar tudo amanhã.

Ele riu, um som horrendo e insolente.

— E aonde isso os levará? Ao hospício de Reed City?

— Oh, claro que não nos darão crédito de início — repliquei. — Eu concordo com você nisso. De qualquer modo, essa história de mandarem as pessoas para um asilo de loucos, assim que começam a falar sobre fantasmas e demônios... Ha-ha, LeBay! Talvez isso acontecesse no seu tempo, antes dos discos voadores, de *O Exorcista* e daquela casa em Amityville. Só que, hoje, muita gente *acredita* nessa história.

Ele ainda sorria, mas seus olhos me fitaram com uma sombra de suspeita. Era isso e algo mais. Pensei ter também percebido uma primeira fagulha de medo.

— E o que você não parece perceber, é quantas pessoas sabem que existe algo errado.

Seu sorriso vacilou. Claro, ele já deveria ter percebido e ficado

preocupado. Entretanto, matar talvez seja uma febre; após certo tempo, talvez simplesmente seja impossível parar e contar a despesa.

— Seja qual for a espécie de estranha e nojenta vida que ainda tenha, está toda presa àquele carro — falei. — Você sabia disso e planejou usar Arnie, desde o princípio... exceto que "planejou" é a palavra errada. Sim, porque na verdade você nunca planejou nada, não é mesmo? Apenas seguiu suas intuições.

Ele emitiu um som que parecia um rosnado e se virou para ir.

— De fato, você quer refletir sobre isso — falei quando já se ia. — O pai de Arnie sabe que há algo sujo por trás de tudo isto. O meu também. E imagino que exista algum policial, em qualquer lugar, querendo ouvir, *o que for*, sobre como seu amigo Junkins morreu. E tudo leva de volta a Christine, Christine, Christine... Cedo ou tarde, alguém a levará para aquele compactador nos fundos da garagem, apenas por uma questão de princípios.

Ele se virou para trás e me fitou, com uma viva mistura de ódio e medo nos olhos.

— Nós falaremos e muitos rirão da gente, não duvido. Entretanto, tenho dois pedaços de moldes de gesso com a assinatura de Arnie. Somente uma não é dele. É sua. Eu vou levá-la aos tiras estaduais e vou ficar infernizando a vida deles até que consigam um especialista em grafologia para confirmar o que afirmo. Todos vão começar a ficar de olho em Arnie. Começarão também a ficar de olho em Christine. Vê o quadro?

— Filho, você não me perturba nem um pouquinho.

Seus olhos, contudo, diziam o contrário. Eu o atingia, sem dúvida nenhuma.

— Eu lhe digo que será assim — insisti. — As pessoas são racionais apenas na superfície. Elas atiram sal sobre o ombro esquerdo, quando derrubam o saleiro, não passam debaixo de escadas; acreditam na

sobrevivência após a morte. E, cedo ou tarde... provavelmente mais cedo, comigo e Leigh gritando a plenos pulmões... alguém irá transformar aquele seu carro em sucata. Em uma lata de sardinhas. E estou quase apostando que, quando isso acontecer, você irá embora com ele.

— Não aposte nisso! — rosnou ele.

— Estaremos na garagem esta noite — falei. — Se você for bom, poderá acabar conosco. Bem, isso não significará exatamente o fim, mas você terá uma certa pausa para respirar... tempo suficiente para dar o fora da cidade. Entretanto, não creio que seja tão bom, meu chapa. Essa coisa já foi longe demais. Vamos livrar-nos de você!

Arrastei-me de volta para o Duster e entrei no carro. Usei as muletas mais desajeitadamente que de costume, tentando dar-lhe a impressão de estar com maior incapacidade física do que realmente estava. Já o tinha abalado, mencionando as assinaturas; era tempo de dar o fora, antes que a situação piorasse para o meu lado. Havia, no entanto, mais uma coisa. Algo que, sem a menor dúvida, deixaria LeBay frenético.

Puxei a perna esquerda com as mãos, bati a porta e inclinei-me para fora. Fitei-o dentro dos olhos e sorri.

— Ela é grande na cama — falei. — Pena que você nunca vá descobrir.

Com um furioso rugido, ele avançou contra mim. Subi o vidro da janela e apertei o botão que trancava a maçaneta. Então, sem pressa, liguei o motor, enquanto ele batia os punhos enluvados contra o vidro. Seu rosto se contorcia em terrível rosnado. Nada havia de Arnie agora. Nem o menor sinal de Arnie, naquele rosto. Meu amigo se fora. Senti uma angústia sombria, mais profunda do que lágrimas ou medo, mas mantive aquele lento, insultante e canalha sorriso em meu rosto. Depois, vagarosamente, ergui meu dedo médio para o vidro.

— Foda-se, LeBay — falei.

Arranquei, deixando-o parado no pátio, sacudido por aquela fúria incontrolável que seu irmão me contara. Aquilo era o principal com que eu contava, para atraí-lo à garagem essa noite. Ainda veríamos.

PETÚNIA

Algo quente escorria de meus olhos,
Mas encontrei meu bem assim mesmo, aquela noite,
Abracei-a com força e demos nosso último beijo...

— J. Frank Wilson and the Cavaliers

Dirigi por uns quatro quarteirões, antes que a reação começasse. Então, fui obrigado a parar. Tremia horivelmente. Nem mesmo o aquecedor, ligado ao máximo, podia acabar com os tremores. Minha respiração vinha em penosos e pequenos arquejos. Encolhi-me para ver se me aquecia, mas era como se nunca mais me aquecesse, nunca mais. O rosto, aquele rosto horrível, e Arnie sepultado em algum ponto do interior, *ele está sempre aqui*, dissera Arnie, sempre, exceto quando... o quê? Quando Christine rodava por si mesma, é claro. LeBay não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo. Isto ficava além, mesmo, de seus poderes.

Por fim, fui capaz de recomeçar a dirigir e nem mesmo tive consciência de que estivera chorando, senão quando olhei para o retrovisor e vi os círculos molhados sob meus olhos.

Faltavam quinze para as dez, quando cheguei ao local de trabalho de Johnny Pomberton. Ele era um homem alto, de ombros largos, usava botas verdes de borracha e vestia um grosso blusão de caça, quadriculado em preto e vermelho. Um velho chapéu, com a copa suja de graxa, estava meio de lado na cabeça calva, enquanto ele estudava o céu.

— O rádio disse que vem mais neve por aí. Não tinha certeza de quando você chegaria, rapaz, mas a trouxe para fora assim mesmo. O que acha dela?

Firmei as muletas debaixo dos braços e saí de meu carro. O sal para estradas rangia debaixo das pontes de borracha das muletas, mas a caminhada era segura. Estacionado à frente da pilha de lenha de Johnny

Pomberton estava um dos veículos de aparência mais estranha que eu já vira na vida. Um cheiro fraco e picante, não exatamente agradável, emanava dele até onde nós estávamos.

Outrora, muito tempo atrás em sua carreira, aquele veículo havia sido um produto GM — ou, pelo menos, assim anunciava o gigantesco escudo em seu nariz. Agora, tornara-se um pouco de tudo. Uma coisa, sem a menor dúvida, continuava sendo: enorme. O topo da grade do radiador ficaria ainda uma cabeça acima de um homem alto. Para trás e acima, a boléia se amoldava como um imenso capacete quadrado. Mais atrás, suportado por dois conjuntos de rodas duplas de cada lado, havia um corpo longo e tubular, como o de um caminhão-tanque de gasolina.

Exceto que eu jamais vira um caminhão-tanque que, como aquele, fosse pintado de rosa-vivo. A palavra PETUNIA havia sido escrita no flanco, em letras góticas com meio metro de altura.

— Não sei o *que* pensar disso — falei. — Para que é?

Pomberton enfiou um cigarro Camel na boca e o acendeu com um rápido roçar da unha coriácea do polegar na ponta de um fósforo de madeira.

— Chupa-cocô — disse ele.

— *O quê?* Ele sorriu.

— Vinte mil galões de capacidade — explicou. — Ela é uma piada, é Petúnia.

— Não saquei — respondi, mas começava a entender.

Naquilo tudo havia uma absurda e sombria ironia que Arnie — o antigo Arnie — teria apreciado. Quando telefonara, eu havia perguntado a Pomberton se ele dispunha de um caminhão grande e pesado para alugar — e aquele era, no momento, o maior veículo em seu pátio. Seus quatro caminhões basculantes estavam trabalhando, dois em Libertyville e mais dois em Philly Hill. Pomberton explicara que tinha uma motoniveladora,

mas esta sofrera um colapso nervoso pouco depois do Natal. Segundo ele, estava tendo um problema dos diabos para manter seus veículos rodando, desde que a Garagem de Darnell havia sido fechada.

Petúnia era essencialmente um carro-tanque, nem mais, nem menos. Sua função era bombear sistemas de esgoto.

— Quanto é que ela pesa? — perguntei a Pomberton. Ele atirou longe o cigarro.

— Vazia ou cheia de merda? Engoli em seco.

— Como está agora?

Ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Acha que eu ia alugar um veículo carregado? — Ele pronunciou *veícu cargado*. — Nada disso, ela está vazia, seca como um osso, e toda lavada com mangueira. Pode apostar. Ainda um pouco cheirosa, não?

Eu funguei. Sim, estava cheirosa, certamente.

— Podia ser muito pior — falei. — Imagino.

— Claro — disse Pomberton. — Fique certo disso. *O pedigree* original da velha Petúnia se perdeu há muito, mas em seu registro atual diz que pesa nove toneladas, PBV.

— O que significa isso?

— Peso bruto do veículo — disse ele. — Se eles param a gente na divisa do Estado, e o veículo pesa mais de nove toneladas, a CCI — Comissão de Comércio Interestadual — fica preocupada. Vazia, ela provavelmente pesa por aí, não sei bem, coisa de quatro a quatro e meia toneladas. Tem cinco marchas, com um diferencial de duas velocidades, o que dá a você dez marchas para diante... se puder afundar um pedal.

Ele analisou minhas muletas de alto a baixo, com expressão duvidosa, e acendeu outro cigarro.

— Você *pode* pisar um pedal?

— Claro — falei, com ar sério. — Se não for muito duro. Muito bem, mas por quanto tempo? Essa era a questão.

— Bem, isso é lá com você e não quero me meter. — Ele me fitou com interesse. — Vou lhe dar dez por cento de desconto, se pagar em dinheiro, porque em geral não explico as transações em dinheiro a meu tio favorito.

Remexi minha carteira e encontrei quatro notas de vinte e quatro de dez.

— Quanto foi que disse sobre o aluguel de um dia?

— Que tal acha noventa pratas?

Entreguei noventa a ele. Viera preparado para pagar cento e vinte.

— E o que vai fazer com aquele seu Duster? Aquilo nem me passara ainda pela cabeça.

— Será que não posso deixá-lo aqui? Só por hoje?

— Claro — disse Pomberton. — Pode deixar a semana inteira, que para mim não faz diferença. De qualquer modo, é melhor botar o carro nos fundos. Deixe também as chaves, para o caso de precisar manobrá-lo.

Manobrei o Duster e o levei para os fundos, onde havia uma selva de canibalizadas peças de caminhão, apontando fora da neve alta, como ossos sob areia branca. Levei quase dez minutos para retornar, caminhando de muletas. Podia ter vindo mais depressa, mas não queria abusar da perna esquerda. Preferia poupá-la para a embreagem de Petúnia.

Aproximei-me de Petúnia, sentindo o medo enovelar-se em meu estômago, como uma pequena nuvem negra. Não tinha dúvidas de que ela conseguiria deter Christine — se esta realmente aparecesse à noite, na Garagem de Darnell, e se eu conseguisse dirigir o maldito veículo. Nunca dirigira nada tão grande em minha vida, embora no verão passado tivesse passado algumas horas em um *bulldozer*, e Brad Jeffries me deixasse experimentar o caminhão de carga umas duas vezes, terminado o trabalho

do dia.

Pomberton ficou parado, em seu blusão xadrez, as mãos enfiadas fundo nos bolsos das calças de trabalho, espiando-me com analisadores olhos. Cheguei até o lado do motorista, agarrei a maçaneta e escorreguei um pouco. Ele deu um ou dois passos em minha direção.

– Pode deixar, eu me arranjo.

– Certo – disse ele.

Enfiei novamente a muleta debaixo do braço, a respiração congelando-se em rápidos e pequenos haustos, e abri a porta. Segurando-me à maçaneta interna com a mão esquerda e equilibrando-me na perna direita como uma cegonha, atirei as muletas dentro da cabine e depois as segui. As chaves estavam na ignição, o sistema de mudança impresso na alavanca. Bati a porta, empurrei o pedal com a perna esquerda – sem muita dor, até ali, tudo bem – e botei Petúnia em marcha. Seu motor soava como um campo cheio de carros de corrida, em Philly Plains.

Pomberton chegou mais perto.

– É um pouco barulhenta, não? – gritou.

– Se é! – gritei de volta.

– Sabe de uma coisa? – berrou ele. – Duvido como o diabo que você consiga um *I* em sua licença de motorista, rapaz!

Um *I* na licença para dirigir significa que o Estado testou a gente em grandes caminhões. Eu tive um *A* para motocicletas (para grande desgosto de minha mãe), mas não um *I*.

Sorri para ele.

– Você não checkou, porque eu parecia de confiança.

– Claro! – ele sorriu também.

Acelerei um pouco. Petúnia deu dois altíssimos estouros, que eram quase tão barulhentos como morteiros.

– Incomoda-se se eu perguntar para que quer o caminhão? Sei que não é da minha conta, claro.

– Preciso dele para fazer justamente o que é sua função.

– Como é? Não entendi.

– Quero me livrar de um pouco de merda – respondi.

Fiquei um pouco assustado, na pequena ladeira que partia do local de trabalho de Pomberton, mas, mesmo inteiramente vazio, aquele grande veículo rodava bem. Eu me sentia incrivelmente alto – capaz de olhar de cima para os tetos dos carros que passavam por mim. Dirigir pelo centro comercial de Libertyville me deixava tão em evidência como um filhote de baleia nadando em um tanque para peixinhos dourados. Não entendia por que o bombeador de esgotos de Pomberton tinha sido pintado naquele rosa tão vivo. Isso me valeu alguns olhares curiosos.

Minha perna esquerda começava a doer um pouco, mas manejar o sistema de mudança de Petúnia – com o qual não estava familiarizado –, naquele trânsito de pare-e-siga, me manteve a mente alheia a isso. Uma dor mais surpreendente se desenvolvia em meus ombros e pelo peito; originava-se, simplesmente, de dirigir Petúnia através do trânsito. O veículo não era equipado com direção hidráulica, de maneira que o volante pesava realmente.

Dobrei da Rua Principal para a Walnutt, e entrei no pátio de estacionamento, atrás da Western Auto. Desci cautelosamente da cabine de Petúnia, bati sua porta (a esta altura, meu nariz estava quase acostumado ao fraco odor que ela desprendia), ajeitei as muletas sob as axilas e caminhei para a entrada dos fundos.

Tirei as três chaves da garagem que estavam no chaveiro de Jimmy e as entreguei na seção de confecção de chaves. Por um e oitenta, consegui duas cópias de cada. Guardei as chaves novas em um bolso e o chaveiro de

Jimmy em outro, já com suas chaves originais. Saí pela porta da frente para a Rua Principal e fui até o Libertyville Lunch, onde havia telefone público. Lá no alto, o céu ficara mais cinzento e carregado do que nunca. Pomberton estava certo. Haveria neve.

Depois que entrei, pedi um café com creme e consegui troco para a cabine telefônica. Entrei na cabine, fechei a porta desajeitadamente e liguei para Leigh. Ela respondeu ao primeiro toque.

— Dennis! Onde está você?

— No Libertyville Lunch. Está sozinha?

— Estou. Papai foi trabalhar, e mamãe fazer compras na mercearia. Dennis, eu... eu quase contei tudo a ela. Comecei a pensar em quando ela fosse estacionar na A&P, depois atravessando o pátio de estacionamento e... Sei lá, o que você disse sobre Arnie ter que deixar a cidade parecia não ter importância. Claro que faz sentido, mas parecia não importar. Sabe do que estou falando, não?

— Sei — respondi, pensando em como dera carona a Ellie na véspera, quando ela fora ao Tom's, embora minha perna estivesse doendo como o diabo. — Sei exatamente o que quer dizer.

— Não posso continuar assim, Dennis. Vou acabar biruta. Ainda está querendo experimentar a sua idéia?

— Ainda — falei. — Deixe um bilhete para sua mãe, Leigh. Diga a ela que precisou sair por algum tempo. Não explique mais nada. Se você não chegar a tempo do jantar, seus pais certamente telefonarão para minha casa. Talvez eles decidam que nós dois fugimos.

— Até que não seria má idéia — disse ela, e riu de um jeito que me deixou arrepiado. — Vou até aí.

— Ei, mais uma coisa. Existe algum analgésico em sua casa? Darvon? Alguma coisa assim?

– Sobrou um pouco de Darvon, da vez que papai distendeu um músculo nas costas – disse ela. – É a sua perna, Dennis?

– Está doendo um pouco.

– Um pouco, como?

– Está tudo bem.

– Nada de muito grave?

– Tudo legal. Aliás, depois desta noite, darei a ela um bom repouso, certo?

– Certo.

– Venha para cá, o mais depressa que puder.

Ela chegou quando eu pedia uma segunda xícara de café. Usava uma jaqueta de pele com franjas e *jeans* desbotados. Os *jeans* estavam enfiados em botas surradas. Ela conseguia parecer *sexy* e prática ao mesmo tempo. Várias cabeças se viraram quando entrou.

– Está muito bonita – falei e beijei-lhe a têmpora.

Ela me entregou um frasco de cápsulas cinzentas e rosadas.

– Pois você não me parece muito animado, Dennis. Tome.

A garçoneite, uma mulher de seus cinquenta anos, com cabelos grisalhos, chegou com meu café. A xícara assentou placidamente, uma ilha em uma pequena poça marrom no pires.

– Por que não estão na escola, garotos? – perguntou ela.

– Tivemos uma dispensa especial – respondi sério. Ela me encarou com firmeza.

– Café, por favor – pediu Leigh, tirando as luvas. Quando a garçoneite se afastou do balcão, com uma audível fungadela, Leigh se inclinou para mim e disse: – Não seria engraçado se fôssemos apanhados

em flagrante pelo inspetor de alunos?

— Hilariante — falei.

Pensei que, apesar da radiância que o frio lhe emprestara, Leigh não estava parecendo tão bem assim. Aliás, creio que nenhum de nós ostentaria sua melhor aparência enquanto aquilo tudo não terminasse. Havia pequenas linhas de tensão em torno de seus olhos, como se ela houvesse dormido mal à noite.

— Muito bem, o que faremos?

— Logo sairemos daqui — falei. — Espere até ver sua carruagem, madame.

— Meu Deus! — exclamou Leigh, olhando para a magnificência rosa viva de Petúnia. Seu vulto agigantava-se silenciosamente no pátio de estacionamento da Western Auto, miniaturizando um furgão Chevrolet de um lado e um Volkswagen do outro. — O que é isto?

— Um chupa-cocô — respondi impassível.

Ela olhou para mim, perplexa... mas então se dobrou em um acesso de gargalhadas histéricas. Era bom vê-la rir assim. Quando lhe havia contado meu encontro com Arnie, aquela manhã, no pátio de estacionamento dos alunos, as linhas de tensão em seu rosto ficaram mais e mais tensas e os lábios haviam perdido a cor, tanto os comprimira.

— Bem, parece um tanto ridículo — falei olhando para Petúnia.

— Um comentário bastante *suave* — replicou ela, ainda rindo e soluçando —, mas fará o trabalho, se é que alguma coisa o fará. É, acredito que dará conta do recado. Aliás... está até apropriada, não é?

— Foi o que também pensei — concordei.

— Bem, vamos entrar — disse ela. — Estou com frio. Entrou na cabine à minha frente, franzindo o nariz.

– Argh! – exclamou. Eu sorri.

– Vai acabar se acostumando com o cheiro – falei.

Estendi-lhe minhas muletas e escalei penosamente a subida até o volante. A dor em minha perna esquerda amenizara para o antigo latejar monótono, substituindo as séries de agudas ferroadas de antes. Eu havia tomado dois Darvon no restaurante.

– Acha que sua perna vai agüentar, Dennis?

– Terá que agüentar – respondi e bati a porta.

CHRISTINE

Como falei pro
meu amigo, porque estou
sempre falando: John, eu
disse, mas seu nome era
outro, que escuridão em
volta da gente, o que
podemos fazer contra
isso, ou melhor, a gente
precisa comprar um carro grande,
dirija, ele disse, pelo
amor de Deus, vê lá
por onde tu tá indo.
— Robert Creeley

Eram mais ou menos onze e meia quando deixamos o pátio de estacionamento da Western Auto. Os primeiros flocos de neve começavam a cair. Dirigi pela cidade, rumo à casa dos Sykes, fazendo a mudança com mais facilidade, agora que o Darvon começava a agir.

A casa estava às escuras e fechada. A Sra. Sykes devia estar no trabalho, e Jimmy talvez recebendo sua pensão do fundo de desemprego, ou coisa assim. Leigh encontrou um envelope amassado em sua bolsa, riscou seu endereço sobrescritado e escreveu *Jimmy Sykes à frente*, em sua bela e inclinada caligrafia. Colocou o chaveiro de Jimmy dentro do envelope, dobrou a aba e o enfiou pela fenda para cartas, na porta da frente. Enquanto fazia isso, deixei Petúnia em ponto morto, dando descanso à minha perna.

— E agora? — perguntou ela, tornando a entrar na cabine.

– Falta um telefonema – respondi.

Encontrei uma cabine telefônica perto do cruzamento da JFK Drive com Crescent Avenue. Desci cautelosamente da boléia do caminhão, segurando-me até que Leigh me passasse as muletas. Então, caminhei com cuidado para o telefone, através da neve que espessava. Vista pelo vidro sujo da cabine telefônica, além da neve que caía em redemoinhos, Petúnia parecia um estranho dinossauro cor-de-rosa.

Liguei para a Universidade Horlicks e a telefonista transmitiu a ligação para o gabinete de Michael. Arnie me dissera, certa vez, que seu pai tinha preguiça de deixar o gabinete para almoçar e que preferia comer lá mesmo, levando o almoço em um saco de papel. Então, quando a chamada foi atendida ao segundo toque, eu o abençoei pela informação.

– Dennis! Tentei pegá-lo em casa! Sua mãe disse...

– Para onde ele vai?

Senti um frio no estômago. Só então – naquele exato momento – é que tudo começava a parecer inteiramente real para mim e fiquei pensando que a louca confrontação no pátio do colégio caminhava para um desfecho.

– Como soube que ele ia viajar? Tem que me contar e...

– Agora não há tempo para perguntas e, de qualquer modo, eu não saberia responder a nenhuma. Para onde ele vai?

A voz de Michael soou lentamente:

– Ele e Regina irão à Penn State hoje à tarde, logo após as aulas. Arnie telefonou para ela de manhã, perguntando se podia acompanhá-lo. Disse que... – Michael fez uma pausa para pensar. – Disse que caíra em si subitamente. Que pensou nisso hoje cedo, quando ia para o colégio, foi uma idéia repentina, de que poderia perder a universidade se não tomasse providências definitivas sobre isso. Já decidira que a Penn State era a melhor, e queria que Regina o acompanhasse, para falar com o deão da

Faculdade de Artes e Ciências, bem como com algumas pessoas dos Departamentos de História e Filosofia.

A cabine estava fria. Minhas mãos começavam a entorpecer. Leigh estava lá no alto, na casa de navegação de Petúnia, espiando ansiosamente para mim. *Você sabe como arranjar as coisas, Arnie*, pensei. *É bem um jogador de xadrez*. Ele manipulava a mãe, puxando os cordões e fazendo-a dançar. Senti certa pena dela, mas não tanta como deveria ter sentido. Quantas vezes Regina havia sido a manipuladora, fazendo outros dançarem em seu palco, como em um teatrinho de marionetes? Agora, enquanto ela estava meio angustiada, com medo e vergonha, LeBay acenara diante de seus olhos com uma coisa — a única — que, sem sombra de dúvida, a faria sair correndo: a possibilidade de que a situação pudesse voltar ao normal.

— E isto faz sentido para você? — perguntei a Michael.

— É claro que não! — explodiu ele. — Também não faria sentido para ela, se Regina estivesse com as idéias em ordem. Do jeito como são hoje as admissões à faculdade, a Penn State só o matricularia em julho, se ele tivesse dinheiro para a anuidade e os pontos suficientes exigidos para sua entrada. Arnie tem as duas coisas. Ele falava como se estivéssemos nos anos 50 e não nos 70.

— Quando é que eles partem?

— Ela irá encontrá-lo no colégio, após a sexta aula. Pelo menos, foi o que disse, quando telefonou para mim. Arnie pedirá dispensa das outras aulas.

Aquilo significava que eles estariam deixando Libertyville em menos de uma hora e meia. Portanto, fiz a última pergunta, embora já soubesse a resposta:

— E eles não irão em Christine, certo?

— Certo. Irão na camioneta. Regina estava delirante de alegria, Dennis. *Delirante*. Isso de Arnie querer ir com ela a Penn State... bem, parece

coisa inspirada. Nem cavalos selvagens impediriam Regina de aproveitar semelhante chance. O que está acontecendo, Dennis? *Por favor!*

— Contarei tudo amanhã — respondi. — É uma promessa. Palavra. Enquanto isso, faça uma coisa para mim. Pode ser um assunto de vida e morte para minha família e a família de Leigh Cabot. Você...

— Oh, meu Deus! — exclamou ele, em voz rouca. Falava no tom do homem que acaba de entrever a luz. — Ele esteve fora, todas as vezes... exceto quando o rapaz Welch foi morto. Então, Arnie estava... Regina o viu dormindo e tenho certeza de que não mentia sobre isso... Dennis, quem tem dirigido aquele carro? *Quem está usando Christine para matar pessoas, quando Arnie não está aqui?*

Quase lhe contei, mas o frio era intenso na cabine telefônica e minha perna começava a doer novamente. Por outro lado, minha resposta suscitaria perguntas, dúzias de perguntas. No fim, talvez a única coisa que eu conseguisse fosse sua recusa em acreditar.

— Ouça, Michael — falei, com a maior circunspeção. Por um estranho momento, senti-me como Mister Rogers, na TV. *Um grande carro dos anos 50 irá liquidá-los, moças e rapazes... Pode soletrar Christine? Eu sabia que poderia!* — Você tem que ligar para meu pai e para o pai de Leigh. Faça com que as duas famílias se reúnam na casa de Leigh. — Eu estava pensando em tijolos, bons e sólidos tijolos. — Creio que você devia ir para lá também, Michael. Fiquem todos juntos, até que eu e Leigh cheguemos lá ou telefonemos. Tem que dizer a eles, de minha parte e de Leigh: não devem sair de dentro de casa, depois de... — Fiz os cálculos: se Arnie e Regina deixassem o ginásio às duas, quanto tempo demoraria para que o álibi dele fosse a toda prova? Depois de quatro horas desta tarde. Depois das quatro, nenhum de vocês deve ir à rua. A qualquer rua. *Em hipótese alguma.*

— Dennis, eu não posso, simplesmente...

— Tem que poder — falei. — Faça tudo para convencer meu velho e então os dois procurem convencer os Cabots. E fique longe de Christine,

Michael.

— Eles partirão diretamente da escola — disse Michael. — Arnie acha que o carro poderá ficar no pátio de estacionamento dos alunos.

Eu podia sentir novamente em sua voz a certeza da mentira. Depois do que acontecera no outono passado, Arnie seria tão capaz de abandonar Christine em um estacionamento público, como aparecer nu para a aula de Cálculos.

— Está bem — respondi —, mas se, por acaso, você olhar pela janela e a vir na entrada para carros, fique longe. Entendeu?

— Entendi, mas...

— Telefone primeiro para meu pai. Prometa.

— Está bem, eu prometo, Dennis, mas...

— Obrigado, Michael.

Desliguei. Minhas mãos e os pés estavam dormentes de frio, mas eu tinha a testa pegajosa de suor. Empurrei a porta da cabine telefônica, abrindo-a com a ponteira de uma muleta, e caminhei penosamente até Petúnia.

— O que disse ele? — perguntou Leigh. — Prometeu?

— Sim — respondi. — Prometeu, e meu pai fará com que fiquem todos juntos. Tenho certeza absoluta disso. Se Christine for atrás de alguém esta noite, irá atrás de nós.

— Certo — disse ela. — Ainda bem.

Liguei o motor de Petúnia e saímos dali. O palco estava montado — da melhor maneira que eu pudera, afinal — e agora nada mais podia fazer, senão esperar e ver o que aconteceria.

Rodamos através da cidade em direção à Garagem de Darnell, por entre uma neve ligeira que caía insistentemente. Manobrei para o pátio de

estacionamento, pouco depois de uma hora daquela tarde. A edificação comprida e desajeitada, com suas laterais de aço corrugado, estava inteiramente deserta, e as rodas enormes de Petúnia afundaram-se na neve que se amontoara, até pararmos diante da porta principal. Os avisos pregados àquela porta ainda eram os mesmos de muito antes, daquela longínqua tarde de agosto, quando Arnie levou Christine para lá, pela primeira vez: *POUPE SEU DINHEIRO! SEU KNOW-HOW, NOSSAS FERRAMENTAS! Vaga na Garagem, Alugada por Semana, Mês ou Ano e BUZINE PARA ENTRAR*, mas o que realmente significava alguma coisa era o novo aviso, contra a janela escura do escritório: *FECHADO ATÉ SEGUNDA ORDEM*. A um canto da fachada nevada, havia um velho Mustang amassado, com aquelas portas adoradas pelos fanáticos dos anos 60. Agora, jazia silencioso e inútil, sob uma roupagem de neve.

— Isso dá calafrios — disse Leigh, em voz baixa.

— Também acho. — Entreguei-lhe as chaves que mandara fazer na Western Auto, aquela manhã.

— Uma delas deve dar.

Ela pegou as chaves, saiu e caminhou até a porta. Fiquei de olho nos dois espelhos retrovisores, enquanto Leigh manipulava a fechadura, mas nenhum de nós parecia estar chamando uma atenção indevida. Suponho que haja certa psicologia envolvida quando se vê um veículo tão grande e evidente

— isso torna difícil de engolir a idéia de algo clandestino ou ilegal.

Leigh deu um puxão súbito na porta, levantou-se, tornou a puxar e então voltou ao caminhar.

— Consegui girar a chave, mas não consigo levantar a porta — explicou. — Acho que ficou congelada no chão, grudada pela neve.

Era só o que faltava, pensei. Formidável. Nada daquilo seria conseguido com facilidade.

– Sinto muito, Dennis — disse ela, parecendo ler em meu rosto.

– Ora, está tudo bem — falei.

Abri a porta do motorista e executei outra de minhas cômicas saídas deslizando.

– Tome cuidado — disse ela, ansiosa, caminhando a meu lado, com o braço em minha cintura, enquanto eu caminhava cautelosamente sobre as muletas, através da neve até a porta. — Lembre-se de sua perna.

– Sim, mamãe — respondi, sorrindo um pouco.

Fiquei de lado, diante da porta, de maneira a abaixar-me para a direita, mantendo o peso fora da perna em más condições. Inclinado para a neve, com a perna esquerda no ar, a mão esquerda aferrada às muletas, a direita agarrando a maçaneta da porta de aço de enrolar, eu devia parecer um contorcionista de circo. Puxei, e senti a porta ceder um pouco... mas não o suficiente. Leigh tinha razão: ela congelara bastante na parte inferior. Era possível ouvir-se o gelo estalando.

– Agarre também e ajude-me — pedi.

Leigh colocou as duas mãos sobre a minha direita e puxamos juntos. O som estalante ficou um pouco mais alto, porém o gelo ainda não cedera de todo, na base da porta.

– Quase conseguimos — falei. Minha perna direita latejava dolorosamente e o suor me escorria pelo rosto. — Vou contar. Quando disser três, dê tudo que puder. Certo?

– Certo — disse ela.

– Um... dois... três!

Aconteceu que a porta ficou livre do gelo de repente, com absurda, incrível facilidade. Pareceu voar para cima em seus trilhos e cambaleei para trás, minhas muletas escapando. A perna esquerda se dobrou sob meu corpo e caí sobre ela. A neve alta amaciou um pouco a queda, mas ainda assim

senti a dor, uma espécie de relâmpago prateado, que pareceu disparar para cima, partindo da coxa e fazendo todo o trajeto até as têmporas, antes de retornar ao ponto inicial. Trinquei os dentes para não gritar e só a custo me contive. Então, Leigh ficou de joelhos na neve, a meu lado, o braço em torno de meus ombros.

– Dennis! Você está bem?

– Ajude-me a ficar em pé.

Ela precisou fazer a maior parte do esforço e ambos estávamos ofegando como corredores quando consegui novamente levantar-me e ajeitar as muletas debaixo dos braços. Agora, eu precisava realmente delas. A perna esquerda me torturava.

– Você não conseguirá pisar na embreagem daquele caminhão, Dennis. Não agora...

– Consegurei. Ajude-me a voltar, Leigh.

– Você está branco como um fantasma! Acho que devemos procurar um médico.

– Negativo. Ajude-me a voltar.

– Dennis...!

– Leigh, ajude-me a voltar!

Fizemos a caminhada de volta até Petúnia, centímetro por centímetro, deixando para trás pegadas arrastadas e desajeitadas sobre a neve. Estendi os braços, aferrei-me ao volante e icei o corpo, roçando de leve no estribo com a perna direita... e ainda assim, no fim, Leigh teve que ficar atrás, colocar as duas mãos em meus fundilhos e empurrar para cima. Afinal me vi ao volante de Petúnia, acalorado e tremendo de dor. Minha camisa estava molhada de neve derretida e suor. Até aquele dia de janeiro de 1979, eu ignorava que dor em certo grau pode fazer-nos suar.

Tentei empurrar a embreagem com a perna esquerda e aquele raio

prateado de dor surgiu novamente, fazendo-me jogar a cabeça para trás e trincar os dentes, até que diminuiu um pouco.

— Vou até o fim da rua, encontrar um telefone e chamar um médico, Dennis. — O rosto de Leigh estava pálido e assustado. — Você fraturou a perna novamente, não foi? Quando caiu?

— Não sei — respondi — mas você não fará nada disso, Leigh. Serão os seus pais ou os meus, se não terminarmos com isso agora. Você sabe que é assim. LeBay não vai parar. Ele tem um desejo de vingança superdesenvolvido. Não vamos parar agora!

— *Você não pode dirigir isso!* — gemeu ela.

Erguei os olhos para a boléia, agora chorando. O capuz de sua jaqueta havia caído para trás, em nosso esforço mútuo para colocar-me no assento do motorista, onde agora me encontrava, em total inutilidade. Eu podia ver um chuveiro de flocos de neve em seu cabelo louro-escuro.

— Vá lá dentro — falei. — Veja se encontra uma vassoura ou um cabo comprido de madeira.

— De que vai adiantar? — perguntou ela, chorando ainda mais.

— Consiga o que estou pedindo, e então veremos.

Ela penetrou na goela escura da porta aberta e desapareceu de vista. Apalpei a perna e fiquei gelado de terror. Se realmente tornara a fraturá-la, havia uma forte possibilidade de ficar usando um calcanhar artificial pelo resto da vida. Entretanto, não sobraria tanta vida assim, caso não pudéssemos dar um fim em Christine. Bem, aquela idéia nada tinha de animadora.

Leigh voltou, com uma vassoura de cerdas inclinadas.

— Acha que serve? — perguntou.

— Para nos levar até lá dentro, sim. Então, veremos se encontramos coisa melhor.

O cabo era do tipo de rosca. Segurei-o, torci-o e joguei para um lado a extremidade com as cerdas. Mantendo-o na mão esquerda, ao longo do lado do corpo — apenas mais uma maldita muleta —, empurrei a embreagem com ele. Conseguiu firmar-se por um instante no pedal, depois escorregou.

A embreagem saltou de volta. O topo do cabo quase me bate na boca. Vai indo bem, Guilder. Enfim, não havia outro jeito.

— Vamos, entre — falei.

— Dennis, você tem certeza?

— Tanta quanto posso ter — respondi.

Ela me olhou por um momento, depois assentiu.

— Está bem.

Deu a volta para o lado do passageiro e entrou. Bati minha porta, apertei a embreagem de Petúnia com o cabo de vassoura e engrenei em primeira. Eu tinha a embreagem pressionada pela metade, e Petúnia começava a rodar para diante, quando o cabo de vassoura tornou a escorregar. O tanque-séptico rodou para dentro da Garagem de Darnell com uma série de corcoveios bruscos e, quando afundei o pé direito no freio, o motor afogou. Estávamos com a maior parte do veículo no interior.

— Preciso de alguma coisa com uma base maior, Leigh — falei. — Este cabo de vassoura não funciona.

— Vou ver o que encontro.

Ela saiu e começou a caminhar pelos cantos da garagem, procurando. Olhei em torno. *Dava calafrios*, Leigh tinha dito, e estava com razão. Os únicos carros remanescentes eram quatro ou cinco velhos soldados, feridos tão gravemente que ninguém se preocupou em reclamá-los. Todos os espaços em diagonal que restavam, com seus números em tinta branca, estavam vazios. Olhei para o boxe vinte e depois desviei os olhos.

As altas prateleiras de pneus também estavam quase vazias. Sobravam

alguns, carecas, colocados uns sobre os outros, como gigantescos biscoitos escurecidos pelo fogo, mas era tudo. Um dos dois elevadores estava parcialmente erguido, com um aro de roda preso sob ele. O diagrama para alinhamento das rodas dianteiras, na parede da direita, reluzia fracamente em branco e vermelho, os dois alvos para os faróis dianteiros assemelhando-se a olhos injetados. E sombras, sombras por toda parte. Mais acima, aquecedores em forma de enormes caixas apontavam suas persianas para cá e para lá, como sinistros bastões enferrujados.

Tudo ali dentro dava a impressão de um lugar morto.

Leigh usara outra das chaves de Jimmy para abrir o escritório de Will. Eu podia vê-la andando de um lado para outro, através da janela que Will usava para vigiar seus fregueses... aqueles "Zês" trabalhadores que tinham de manter seus carros rodando — para que pudessem blablablá. Ela apertou alguns interruptores e as luzes fluorescentes do teto se acenderam em gélidas fileiras brancas. Isto significava que a companhia de eletricidade não havia cortado o fornecimento. Eu precisava fazê-la apagar as luzes novamente — não podíamos nos arriscar a chamar a atenção — mas, pelo menos, teríamos algum calor.

Ela abriu outra porta e desapareceu de vista temporariamente. Olhei para meu relógio. Era uma e meia da tarde.

Leigh voltou, e a vi segurando um escovão de cabo, com uma grande esponja amarela na extremidade inferior.

— Acha que pode servir?

— Está perfeito — falei. — Entre, garota. Vamos trabalhar.

Ela tornou a subir para a boléia, e empurrei o pedal da embreagem, usando o esfregão.

— Muito melhor — falei. — Onde o encontrou?

— No banheiro — disse ela, e franziu o nariz.

— A coisa estava ruim, lá dentro?

— Imundo, fedendo a charuto e com uma pilha de livros bolorentos a um canto. Do tipo vendido naquelas lojinhas ordinárias.

Então, era isso o que Darnell deixara para trás, pensei: uma garagem vazia, uma pilha de livros pornográficos e um fedor-fantasma de charutos. Tornei a sentir frio e pensei que, por minha vontade, veria aquele lugar nivelado por um *bulldozer*, e depois aterrado. Não podia afastar a impressão de que era uma espécie de sepultura sem marca — o local onde LeBay e Christine haviam matado a mente de meu amigo e se apossado de sua vida.

— Mal posso esperar para me ver fora daqui — disse Leigh, olhando nervosamente em torno.

— É mesmo? Pois eu começo a gostar. Estava pensando em me mudar para cá. — Acariciei-lhe o ombro e fitei seus olhos profundamente. — Podemos iniciar uma família — sussurrei.

Ela ergueu o punho fechado.

— Quer que eu comece com um nariz sangrando?

— Não, de modo nenhum. Afinal, eu também mal posso esperar para dar o fora daqui. Dirigi o resto que faltava de Petúnia para dentro da garagem. Podia manejar bastante bem a embreagem, usando o esfregão... em primeira pelo menos. O cabo tinha uma tendência a envergar e eu teria preferido algo mais grosso, mas aquilo tinha que servir, até podermos encontrar qualquer coisa melhor.

— Precisamos apagar as luzes novamente — falei, desligando o motor.
— As pessoas erradas poderiam vê-las.

Leigh saiu e as apagou, enquanto eu manobrava Petúnia em um amplo círculo, para então dar marcha à ré cautelosamente, até quase encostar a traseira na janela entre a garagem e o escritório de Darnell. Agora, o enorme focinho do veículo apontava diretamente para a porta aberta da fachada, pela qual havíamos entrado.

Com as luzes apagadas, as sombras apoderaram-se de tudo novamente. A claridade que vinha pela porta aberta era fraca, amortecida pela neve, alvacentas e sem força. Espalhava-se pelo concreto rachado e sujo de graxa, como uma cunha, morrendo simplesmente a meio caminho através do piso.

— Estou com frio, Dennis — gritou Leigh, do escritório de Darnell. — Ele marcou os interruptores para o aquecimento. Posso ligar?

— Vá em frente! — gritei para ela.

Pouco depois, a garagem sussurrava com o som dos aquecedores. Recostei-me no assento, passando de leve as mãos sobre a perna esquerda. O tecido de meu *jeans* se estirava maciamente sobre a coxa, liso e sem uma ruga. A filha da mãe estava inchando. E doía. Céus, como doía!

Leigh voltou e subiu para meu lado. Repetiu o quanto era terrível o meu aspecto e, por algum motivo, minha mente se rebelou, levando-me a evocar a tarde em que Arnie levava Christine para a garagem, o marido da rainha do *be-bop* gritando para ele tirar aquele lixo da frente de sua casa e Arnie me dizendo que o cara era um fanático por Robert Deadford. Recordei como havíamos rido escondido. Fechei os olhos, contra a ferroada das lágrimas.

Sem mais nada a fazer além de esperar, o tempo custou a passar. O relógio marcou quinze para as duas, depois duas horas. Lá fora, a neve se intensificara um pouco, mas não demasiado. Leigh desceu da boléia e apertou o botão que fazia descer a porta da entrada. Aquilo tornou o interior ainda mais sombrio.

Ela voltou, tornou a subir e comentou:

— Há um dispositivo engraçado, ao lado da porta, dá para ver? Parece o dispositivo eletrônico de abrir garagem que nós tínhamos, quando moramos em Weston.

Sentei-me ereto, repentinamente.

– Oh! – gemi. – Meu Deus!

– O que foi?

– Então é isso! Um dispositivo para abrir a porta da garagem! E há um transmissor, um dispositivo semelhante, em Christine. Arnie o mencionou para mim, na noite de Ação de Graças. Você tem que quebrá-lo, Leigh. Use o cabo do esfregão.

Assim, ela tornou a descer, ergueu o cabo do esfregão e ficou abaixo do dispositivo da célula fotoelétrica, olhando para cima e batendo nele com o cabo. Parecia uma mulher tentando matar um besouro quase no teto. Afinal, foi recompensada com um estalido de plástico e trincar de vidro.

Ela retornou lentamente, deixou o esfregão a um lado e subiu para a boléia.

– Não acha que era tempo de me contar o que tem em mente, Dennis?

– O que quer dizer?

– Você sabe – disse ela, e apontou para a porta fechada. Cinco janelas quadradas, em uma fila de três quartos de sua altura, para cima, permitiam a entrada de uma claridade mínima, através dos vidros sujos. – Quando escurecer, você pretende abrir a porta outra vez, não é?

Eu admiti. Em si, a porta era de madeira, mas reforçada com tiras articuladas de aço, como a porta interna de um elevador antigo. Permitiria a entrada de Christine mas, uma vez fechada, o carro não conseguiria despedaçá-la, para sair novamente. Pelo menos, era o que eu esperava. Senti um arrepio, ao pensar em como havíamos deixado passar o detalhe do elevador eletrônico da porta.

Abrir a porta ao escurecer, sim. Deixar Christine entrar, sim. Fechar a porta novamente. Então, eu usaria Petúnia para destruí-la até a morte.

— Está bem — disse Leigh. — Uma armadilha. No entanto, quando ela... quando ele entrar, como fará para tornar a fechar a porta e manter o carro preso aqui dentro? Talvez haja um botão no escritório de Darnell, mas eu não o vi.

— Que me conste, lá não há nenhum — falei. — Portanto, você terá que ficar junto à porta, para apertar o botão que a fecha. — Aponte! O botão manual ficava ao lado direito da porta, meio metro abaixo da caixa do dispositivo elétrico. — Você se encostará à parede, fora de vista. Quando Christine entrar... sempre se supondo que entre... você apertará o botão que faz a porta descer e ficará de lado rapidamente. A porta desce. E, bam! A ratoeira está fechada.

Leigh ficou séria.

— Fechada para Christine, mas para você também. Nas palavras do imortal Wordsworth, um erro.

— Isso é de Coleridge, não de Wordsworth. Não há outro jeito, Leigh. Se você ainda estiver lá, quando aquela porta descer, Christine irá atropelá-la. Mesmo que houvesse um botão no escritório de Darnell, bem... Você viu no jornal o que aconteceu com a parede lateral da casa dele.

O rosto dela era obstinado.

— Estacione perto do interruptor. Então, quando ela entrar, eu estico o braço pela janela e aperto o botão que baixa a porta.

— Se estacionar lá, ficarei à vista. E se este tanque ficar à vista, Christine não entrará.

— Não estou gostando disso! — explodiu Leigh. — Não quero deixá-lo sozinho! É como se você me enganasse!

De certa forma, era justamente o que eu tinha feito e, por mais válido que fosse, hoje não faria a mesma coisa. Naquela época, entretanto, eu tinha dezoito anos, e não há maior porco-chauvinista do que um porco-chauvinista de dezoito anos. Passei um braço por seus ombros. Ela resistiu

por um momento, rígida, mas depois amoleceu.

— Não há outra maneira — falei. — Se não fosse por minha perna... ou se você pudesse dirigir um veículo de mudança padronizada...

Dei de ombros.

— Tenho medo por você, Dennis. Eu quero ajudar.

— Já está ajudando de sobra. Você é quem ficará realmente em perigo, Leigh... Estará fora da boléia, no chão, quando ela entrar. E eu vou ficar sentado aqui dentro, para esfacular a cadela, fazê-la em pedaços.

— Só espero que seja mesmo assim — disse ela. Pousou a cabeça em meu ombro. Acariciei-lhe os cabelos. Esperamos.

Em imaginação, eu podia ver Arnie saindo do edifício principal do Ginásio de Libertyville, com os livros debaixo do braço. Via Regina esperando por ele, na camioneta dos Cunningham, radiante de felicidade. Arnie sorria remotamente e se submetia ao seu abraço. Arnie, você tomou a decisão acertada... não sabe o quanto eu e seu pai estamos aliviados, o quanto ficamos *felizes*. Sim, mamãe. Quer dirigir, querido? Não, dirija você, mamãe. Está bem.

Eles dois partiriam para a Penn State, através da neve ligeira, com Regina dirigindo, Arnie no banco do passageiro, as mãos entrelaçadas rigidamente sobre o colo, o rosto pálido e sério, livre das espinhas.

Enquanto isso, no pátio de estacionamento dos alunos, no Ginásio de Libertyville, Christine esperava silenciosamente, na entrada para carros. Esperava que a neve caísse mais intensamente. Esperava o escurecer.

Às três e meia mais ou menos, Leigh atravessou o escritório de Darnell para usar o banheiro e, enquanto esteve ausente, engoli em seco mais duas cápsulas de Darvon. Minha perna era um pesado e firme tormento.

Pouco depois disso, perdi a noção coerente do tempo. Acho que o analgésico me entorpeciu. Tudo começou a parecer como um sonho: as

sombras que se adensavam, a claridade fria penetrando pelas janelas e transformando-se lentamente para um cinza-sujo, o zumbido dos aquecedores no alto.

Creio que eu e Leigh fizemos amor... não da maneira comum, não com minha perna daquele jeito, mas por uma espécie de doce substitutivo. Parece-me recordar sua respiração aprofundando-se em meu ouvido, até quase ofegar; parece-me recordar seu sussurro para que eu tomasse cuidado, por favor, fosse cuidadoso, porque já perdera Arnie e não suportaria perder-me também. Parece-me recordar uma explosão de prazer, que fez a dor desaparecer brevemente, mas de modo tão total que nem todo o Darvon do mundo conseguiria fazer... mas, brevemente, é a palavra certa. Aliás, tudo havia sido muito breve. Então, acho que cochilei.

A coisa seguinte que recordo com certeza foi Leigh sacudindo-me para que despertasse e cochichando meu nome insistentemente em meu ouvido.

— Hum? O que foi?

Eu me estirara, e a perna fora tomada por uma dor vitrificada, apenas esperando para explodir. Minhas têmporas doíam, e os olhos pareciam grandes demais para as órbitas. Pestanejei várias vezes para Leigh, como uma grande e imbecil coruja.

— Está escuro — disse ela. — Acho que ouvi alguma coisa.

Pestanejei de novo e vi que ela parecia tensa, amedrontada. Então, olhei para a porta — e ela estava completamente aberta.

— Diabo, como foi que...

— Fui eu que abri — disse ela.

— Bolas! — exclamei, estirando-me um pouco e piscando vivamente, com a intensidade da dor na perna. — Não foi muito esperto, Leigh. Se ela tivesse vindo...

— Não veio — disse Leigh. — Começava a escurecer, aí está, e a nevar

mais forte. Então, saí, abri a porta e voltei para cá. Achei que você acordaria logo... Ouvi como murmurava e... e fiquei pensando: "Vou esperar até que fique bem escuro, vou esperar até que fique bem escuro," mas vi que enganava a mim mesma, porque fez quase meia hora que escureceu e eu apenas imaginava poder ver alguma claridade. Acho que era porque desejava vê-la. Então... ainda agora... penso que ouvi algo.

Seus lábios começaram a tremer e ela os comprimiu com força.

Olhei para meu relógio, e vi que faltavam quinze para as seis. Se tudo tivesse corrido bem, meus pais e minha irmã agora estariam em companhia de Michael e dos pais de Leigh. Pelo pára-brisa de Petúnia, olhei para o quadrado escuro de neve, onde ficava a porta da garagem. Podia ouvir o vento zunindo. Uma fina camada de neve já fora soprada para o cimento do interior.

— Foi apenas o vento que ouviu — falei inquieto. — Está andando e falando lá fora.

— Pode ser, mas...

Assenti, relutante. Não queria que ela abandonasse a segurança da alta boléia de Petúnia, mas se não fosse naquele momento, talvez nunca saísse dali. Eu não a deixaria sair e ela se deixaria persuadir. E então, quando e se Christine viesse, tudo que teria a fazer era dar marcha à ré e sair novamente da garagem.

E esperar por ocasião mais oportuna.

— Está bem — falei —, mas lembre-se... fique recuada, naquele pequeno nicho à direita da porta. Se Christine aparecer, talvez fique parada lá fora por um instante. — *Farejando o ambiente como um animal*, pensei. — Não fique com medo, não se mova. Não a deixe percebê-la. Fique calma e espere, até ela entrar. Então, aperte o botão e afaste-se rapidamente. Você entendeu?

— Entendi — sussurrou ela. — Acha que vai dar certo, Dennis?

- Dará, se ela chegar a aparecer.
- Não estarei com você, até tudo terminar.
- Acho que sim.

Ela se inclinou, pousou levemente a mão esquerda no lado de meu pescoço e beijou-me na boca.

– Tome cuidado, Dennis — pediu —, mas mate-a! Bem, afinal, Christine nem é mulher, mas uma coisa. Mate essa coisa, Dennis!

- Matarei — respondi.

Ela me fitou nos olhos e aquiesceu.

- Faça isso por Arnie — disse. — Liberte-o.

Acariciei-a com intensidade e ela retribuiu. Depois deslizou do assento. Bateu em sua pequena bolsa de mão com o joelho, fazendo-a cair no piso da boléia. Fez uma pausa, a cabeça de lado, uma expressão pensativa e temerosa nos olhos. Então sorriu, abaixou-se, pegou a bolsa e começou a remexer rapidamente em seu interior.

- Lembra-se de *Morte d' Arthur*, Dennis? — perguntou.
- Mais ou menos.

Clássicos da Literatura Inglesa, de Fudgy Bowen, era uma das aulas que eu, Leigh e Arnie havíamos tido juntos, antes de meu acidente no futebol. Uma das primeiras coisas com que deparamos nas aulas tinha sido *Morte d' Arthur*, de Malory. Não atinava por que Leigh me fizera a pergunta, naquele momento.

Ela encontrou o que queria. Era uma fina echarpe de náilon, do tipo que uma garota usa na cabeça, nos dias em que cai uma garoa.

Leigh a amarrou em torno do braço direito de minha jaqueta.

- Ora, o que é isso? — perguntei, sorrindo um pouco.
- Seja meu cavaleiro — disse ela, e sorriu também, mas os olhos

estavam sérios. — Seja meu cavaleiro, Dennis.

Peguei o rolo do esfregão que ela encontrara no banheiro de Will, meus olhos passaram de leve sobre a marca impressa "O-Cedar" e fiz um desajeitado cumprimento com ele.

— Perfeitamente — respondi. — Chame-me apenas *Sir* O-Cedar!

— Faça piadas com isso, se quiser — disse ela —, mas não brinque *realmente* a respeito. Certo?

— Certo — falei. — Se é o que deseja, serei seu perfeito, maldito e gentil cavaleiro. Ela riu um pouco e aquilo foi melhor.

— Lembre-se daquele botão, menina. Aperte com força. Não queremos que aquela porta apenas dê um arrote e pare nos trilhos. Sem escapatória, ok?

— Ok.

Ela saiu de Petúnia. Pude fechar os olhos e vê-la como era então, naquele límpido e silencioso momento, pouco antes de tudo dar terrivelmente errado — uma garota alta e bonita, de compridos cabelos louros, cor de mel puro, ancas esguias, pernas compridas e aquelas surpreendentes maçãs do rosto nórdicas, agora usando uma jaqueta de esqui e calças *jeans* desbotadas, movendo-se com a graciosidade de uma dançarina. Ainda posso ver o quadro e sonhar com ele porque, naturalmente, enquanto nos ocupávamos em montar o cenário para Christine, ela se ocupava em montar o seu para nós — aquele velho e infinitamente astuto monstro. Pensaríamos mesmo que éramos capazes de superá-la em astúcia tão facilmente? Acho que sim.

Meus sonhos acontecem em terrível câmara lenta. Posso ver o suave, adorável movimento de seus quadris, enquanto ela caminha; posso ouvir o som oco de suas botas sobre o cimento manchado de graxa; posso até perceber o macio, seco *uish-uish* do interior acolchoado de sua jaqueta, roçando contra a blusa. Ela está caminhando lentamente, de cabeça erguida

— agora, ela é o animal, mas não predador; caminha com a graça cautelosa de uma zebra, aproximando-se de uma fonte d'água, ao escurecer. É o andar de um animal que pressente o perigo. Tento gritar-lhe, através do pára-brisa de Petúnia. *Volte, Leigh, volte depressa, você tinha razão, ouvi alguma coisa, ela está lá fora agora, lá fora na neve, com os faróis apagados, agachada, volte, Leigh!*

Ela parou de repente, as mãos enrijecendo-se em punhos, e foi então que súbitos e selvagens círculos de luz brotaram para a vida, na escuridão nevada do exterior. Eram como olhos brancos que se abriam.

Leigh ficou imóvel, hediondamente exposta em terreno aberto. Estava a uns nove metros da porta, ligeiramente à direita do centro. Virou-se na direção dos faróis e pude ver a expressão atordoada e incerta de seu rosto.

Eu também ficara tão aturdido que aquele primeiro momento vital passou em branco. A seguir, os faróis saltaram para diante e pude ver o formato escuro e alongado de Christine atrás deles; ouvi o crescente, furioso urro de seu motor, quando ela partiu em nossa direção, cruzando a rua onde estivera esperando o tempo todo — talvez mesmo desde antes do escurecer. A neve caiu afunilada de seu teto e rodopiou à frente do pára-brisa, em finíssimas redes que eram derretidas quase instantaneamente pelo descongelador. Ela alcançou o concreto que levava à entrada, ainda ganhando velocidade. Seu motor era um brado de fúria.

— *Leigh!* — gritei, e aferrei a ignição de Petúnia.

Leigh dobrou à direita e correu para o botão na parede. Christine rugiu para o interior, quando Leigh já alcançava o botão e o apertava. Ouvi o chocalhar da porta no alto, descendo pelos trilhos.

Christine entrou em ângulo para a direita, buscando Leigh. Arrancou uma grande nuvem de madeira seca e lascas da parede. Houve um rangido metálico, quando parte do pára-choque direito se afrouxou — um som semelhante à gargalhada alta de um bêbado. Fagulhas cascatearam pelo piso, quando ela descreveu uma longa curva torcida. Perdera Leigh, mas

não a perderia, ao atacar novamente; Leigh estava encurralada naquele canto do lado direito, sem mais lugar algum onde esconder-se. Poderia correr para fora, porém eu não tinha certeza, mas um medo terrível de que a porta não descesse com velocidade suficiente para cortar o caminho de Christine. Enquanto descia, a porta poderia atingi-la no teto, mas isso não a deteria e eu sabia.

O motor de Petúnia rugiu e apertei o botão dos faróis. Suas luzes acenderam-se, banhando a porta que se fechava, e também Leigh, que se encostara à parede, de olhos arregalados. Sua jaqueta ficou com uma estranha cor azul, quase elétrica, à luz dos faróis. Minha mente informou, com nauseante e precisa certeza, que seu sangue pareceria púrpura.

Vi quando ela ergueu os olhos para cima, durante um momento, voltando-os em seguida para Christine.

Os pneus do Fury chiaram violentamente, quando arremeteu para Leigh. Subiram volutas de fumaça das novas marcas negras sobre o concreto. Tive tempo apenas para registrar o fato de que havia *gente* no interior de Christine: um punhado de pessoas.

No mesmo instante em que Christine rugiu para ela, Leigh saltou, com incrível elasticidade. Minha mente, parecendo funcionar à velocidade aproximada da luz, perguntou-se por um instante se ela pretendia passar por cima do Plymouth em um salto, como se calçasse botas de sete léguas, e não o tipo comum.

Em vez disto, ela alcançou e agarrou os enferrujados suportes de metal de uma prateleira no alto, quase dois metros e meio acima do solo, mais de noventa centímetros acima de sua cabeça. Era uma prateleira que corria pelas quatro paredes. Na noite em que eu e Arnie havíamos levado Christine para lá, toda a prateleira estava entulhada de pneus recauchutados ou carecas, à espera da recauchutagem — de certo modo divertido, aquilo me recordara as prateleiras bem estocadas de uma biblioteca. Agora, quase mais nada havia ali. Segurando-se naqueles suportes

angulosos, Leigh girou as pernas enfiadas nas calças jeans, como um garoto que quisesse jogá-las sobre os próprios ombros no que costumávamos chamar de "pulo do gato", no primário. O nariz de Christine amassou-se contra a parede diretamente abaixo dela. Se Leigh houvesse sido mais lenta em suspender as pernas, agora as teria esmagadas, à altura dos joelhos. Um pedaço de cromado voou pelo ar. Dois dos pneus remanescentes saltaram da prateleira e ricochetearam loucamente no cimento, como gigantescos biscoitos de borracha.

A cabeça de Leigh bateu contra a parede, em um golpe de atordoante força, quando Christine deu marcha à ré, com *todos os quatro* pneus soltando borracha e expelindo fumaça azul.

É de se perguntar o que fazia eu, durante todo este tempo. Minha resposta é que não houve "todo esse tempo". Quando usei o esfregão para afundar a embreagem de Petúnia e engrenar em primeira, a porta da entrada acabava de descer, batendo contra o solo. Tudo aconteceu no espaço de segundos apenas.

Leigh ainda se suspendia nos suportes da prateleira dos pneus, mas agora apenas pendia de lá, a cabeça baixa e aturdida.

Soltei a embreagem, e uma parte isolada de minha mente comandou: *Vá com calma, cara — se soltar a embreagem e o motor afogar, ela está morta.*

Petúnia começou a rodar. Acelerei o motor até vê-lo roncar, e comprimi a embreagem até o fundo. Christine rugiu novamente para Leigh, o capô ondulado até quase metade, por causa do primeiro ataque, o metal brilhante surgindo sob a tinta solta, nos pontos mais pronunciados das curvaturas. Era como se o capô e a grade estivessem providos de dentes de tubarão.

Atingi Christine a uns três quartos para a parte fronteira e o Plymouth girou, um dos pneus saltando fora do aro. O 58 bateu contra um monturo de velhos pára-choques e peças de sucata a um canto. Ali houve um estrondo terrível, quando o carro se chocou contra a parede, e depois o som quente

de seu motor, diminuindo e acelerando, acelerando e diminuindo. Toda a parte esquerda dianteira ficara amassada mas ela continuava funcionando.

Pisei fundo no freio de Petúnia, com o pé direito, e mal consegui evitar que eu próprio esmagasse Leigh. O motor de Petúnia engasgou. Agora, o único som na garagem, era a máquina uivante de Christine.

— *Leigh!* — gritei, acima do barulho. — *Corra, Leigh!*

Ela ergueu os olhos, estonteada, e então pude ver tranças pegajosas de sangue em seu cabelo — era tão púrpura como eu imaginara. Ela largou os suportes, caiu de pé, cambaleou e se dobrou sobre um joelho.

Christine foi em sua procura. Leigh levantou-se, deu dois passos vacilantes e isso a tirou de campo aberto, colocando-a atrás de Petúnia. Christine deu uma guinada e atingiu a dianteira do caminhão-tanque. Fui atirado brutalmente para a direita. A dor rugiu através de minha perna esquerda.

— *Suba!* — gritei para Leigh, tentando esticar-me ainda mais e abrir a porta. — *Suba!* Christine recuou e, quando tornou a arremeter, cortou pela direita, escapando de meu campo visual, por trás da traseira de Petúnia. Pude vê-la somente de relance, no espelho retrovisor do lado de fora da janela do motorista. Então, ouvi apenas o chiado de seus pneus.

Mal tendo consciência do que fazia, Leigh simplesmente vagou, segurando a cabeça com as mãos entrelaçadas na nuca. O sangue escorria por entre seus dedos. Passou pela frente do radiador de Petúnia e então parou.

Eu não precisava ver, para adivinhar o que aconteceria em seguida. Christine tornaria a acelerar, voltaria contra o flanco do caminhão e esmagaria Leigh na parede.

Desesperado, apertei a embreagem com o esfregão e liguei o motor novamente. Ele pegou, tossiu, engasgou. Senti o cheiro de gasolina no ar, intenso e pesado. Eu tinha afogado o motor.

Christine reapareceu no espelho retrovisor. Investia para Leigh, que recuou aos tropeções, escapando de ser alcançada por pouco. Christine afocinhou a parede, com força incrível. A porta do passageiro se abriu, e o horror foi completo; a mão que não segurava o cabo do esfregão foi até minha boca e gritei através dela.

Sentado no lado do passageiro, como um grotesco boneco em tamanho natural, estava Michael Cunningham. Sua cabeça, pendendo flacidamente do talo do pescoço, caiu para um lado quando Christine acelerou, a fim de investir de novo contra Leigh. Então vi que seu rosto mostrava um corado acentuado, próprio do envenenamento por monóxido de carbono. Ele não seguiu meu conselho. Christine se dirigira primeiro à residência dos Cunningham, como eu mais ou menos suspeitara. Michael voltara da escola para casa, e lá estava ela, parada na entrada da garagem — o restaurado Plymouth 58 de seu filho. Michael caminhara para o carro e, de alguma forma, Christine o tinha... o tinha apanhado. Teria Michael talvez entrado naquele carro e se sentara ao volante por um momento, como eu havia feito naquele dia, na garagem de LeBay? Era possível. Apenas para ver que vibrações conseguiria captar. Então, devia ter captado algumas terríveis vibrações, durante seus últimos minutos na Terra. Teria Christine ligado o motor sozinha? Rodado para dentro da garagem? Talvez. Talvez. E, lá, Michael descobrira que era impossível desligar o maldito motor em aceleração ou sair do carro? Poderia ter virado a cabeça e visto o verdadeiro espírito que movia o Fury 58 de Arnie? Teria, então, se recostado no assento do passageiro e desmaiado de terror?

Não importava agora. Leigh era mais importante do que tudo.

Ela também o vira. Seus gritos agudos, desesperados e estridentes, flutuavam na atmosfera impregnada da fedorenta fumaça do escapamento, como balões histericamente brilhantes. De qualquer modo, pelo menos aquilo interrompera seu atordoamento.

Virando-se, ela correu para o escritório de Will Darnell, o sangue

espalhando-se mais atrás, em gotas como moedas, enquanto corria. Sangue que já encharcava a gola de sua jaqueta — demasiado sangue.

Christine recuou, raspando borracha no chão e deixando vidro espalhado para trás. Quando ela guinou em um apertado círculo para perseguir Leigh, a força centrífuga tornou a escancarar a porta do passageiro — mas não antes de eu ver a cabeça de Michael dobrar-se para o lado contrário.

Christine ficou quieta por um instante, o nariz apontado em direção a Leigh, o motor acelerando. Talvez LeBay saboreasse o momento antes de matar. Se foi isso, fico satisfeito, porque se Christine tivesse arrancado imediatamente, teria liquidado Leigh. Do jeito como foi, tive alguns segundos de tempo. Girei a chave de novo, gaguejando algo em voz alta — uma oração, talvez, e então o motor de Petúnia tossiu para a vida. Afrouxei a embreagem e pisei no acelerador, quando Christine investiu de novo. Desta vez, atingi seu lado direito. Houve um grito agudo de metal dilacerado, quando o pára-choque de Petúnia colidiu contra seu pára-lama. Christine girou sobre si mesma e bateu na parede. Vidro quebrado. Seu motor acelerou, enfurecido. Ao volante, LeBay se virou para mim, sorrindo com ódio.

Petúnia afogou de novo.

Desfieei uma série de todos os palavrões conhecidos, quando torci novamente a chave na ignição. Se não fosse pela maldita perna, se não fosse pela queda na neve, aquilo tudo já teria terminado; seria apenas uma questão de encurralar Christine e fazê-la em pedaços, contra os blocos de concreto das paredes.

Ainda quando eu tentava o motor de Petúnia, mantendo o pé fora do acelerador para não tornar a afogá-la, Christine começou a recuar, com um ensurdecido rangido de metais. Deu marcha à ré entre o radiador de Petúnia e a parede, deixando para trás um bom e retorcido pedaço de sua lataria vermelha, despojando o pneu dianteiro da direita.

Consegui ligar Petúnia e encontrei a marcha à ré. Christine havia recuado até o ponto mais distante da garagem. Todos os seus faróis estavam apagados. O pára-brisa se avariara em uma galáxia de trincados. O capô encolhido parecia rosnar.

Seu rádio estava a todo volume. Pude ouvir Ricky Nelson cantando "Waitin in School".

Olhei em torno, à procura de Leigh, e a vi no escritório de Will, espiando para a garagem. Seu cabelo louro se misturava ao sangue. Mais sangue lhe escorria pelo lado esquerdo do rosto, encharcando a jaqueta. *Ela está sangrando demais*, pensei, incoerentemente. *Sangrando demais, mesmo para um ferimento na cabeça.*

De olhos arregalados, ela apontava para um ponto além de mim, os lábios se movendo silenciosamente, atrás do vidro.

Christine chegou rugindo em disparada pelo piso vazio, ganhando velocidade.

E o capô perdia as ondulações, alisava-se, para tornar a cobrir a cavidade do motor. Dois faróis piscaram, depois firmaram a luz. O pára-lama e o lado direito da lataria — vi apenas de relance, mas juro que é verdade — eles estavam... *se refazendo*, o metal vermelho surgindo do nada e deslizando em uniformes curvas automotivas, que cobriam o pneu direito dianteiro e o lado direito do compartimento do motor. As rachaduras no pára-brisa corriam em direção oposta e desapareciam. E o pneu que saíra do aro estava novo em folha.

Tudo parece novo em folha, pensei. *Que Deus nos ajude!*

Ela corria diretamente para a parede entre a garagem e o escritório. Retirei apressadamente o esfregão da embreagem, esperando interpor o corpo do caminhão-tanque, mas Christine passou por mim. Petúnia recuou para nada mais senão puro ar. Oh, eu estava me saindo muito bem! Recuei todo o espaço que pude e bati nos amassados armários de guardar

ferramentas, alinhados mais atrás. Eles caíram ao chão, com desarmônicos sons metálicos. Pelo pára-brisa, vi Christine bater na parede entre a garagem e o escritório de Will. Ela nem diminuiu a velocidade; arremeteu com a potência máxima.

Jamais esquecerei os momentos seguintes — eles permanecem hipnoticamente claros em minha memória, como se vistos através de uma lente. Leigh percebeu a vinda de Christine e recuou aos tropeções. Seu cabelo ensangüentado estava colado à cabeça. Caiu sobre a cadeira giratória de Will e dali para o chão, ficando fora de vista, atrás da escrivaninha. Um instante mais tarde — e quero dizer uma fração de segundo — Christine se chocou contra a parede. O janelão que Will usava para manter sob observação as idas e vindas dentro de sua garagem, explodiu para o interior. O vidro voou como uma nuvem de lanças mortíferas. A dianteira de Christine entortou-se com o impacto. O capô subiu e depois se soltou, voando sobre o teto do carro, para aterrar no concreto com um som metálico, muito semelhante ao produzido pelos armários de ferramentas.

Com o pára-brisa estilhaçado, o corpo de Michael Cunningham voou através da enorme abertura, as pernas sacolejando, sua cabeça parecendo uma achatada e grotesca bola de futebol. Foi lançado através da janela de Will, bateu na escrivaninha com um baque surdo de saco pesado de cereal e deslizou para o chão. Seus sapatos foram projetados à distância.

Leigh começou a gritar.

Sua queda provavelmente a salvara de ser terrivelmente retalhada ou morta pelos estilhaços de vidro que voavam, mas quando se ergueu de trás da mesa, tinha o rosto contorcido de horror e fora tomada da mais pura histeria. Michael havia deslizado sobre a escrivaninha, e seus braços tinham caído sobre os ombros dela. Quando Leigh lutou para levantar-se, parecia estar valsando com o cadáver. Seus gritos eram histéricos. O sangue, ainda fluindo, cintilava com um brilho fatal. Ela empurrou Michael e correu para a porta.

— Não, Leigh! — gritei, enquanto tornava a apertar a embreagem com o esfregão. O cabo se partiu irremediavelmente em dois, deixando-me com um toco de quinze centímetros de comprimento. — Ohhhhh.. MERDA!

Christine recuou da janela quebrada, deixando água, anticongelante e óleo empoçados no chão.

Pisei na embreagem com o pé esquerdo, agora mal sentindo a dor, segurando o joelho esquerdo com a mão esquerda, enquanto manobrava a alavanca de mudança.

Leigh escancarou a porta do escritório e correu para fora.

Christine se virou contra ela, o nariz esmagado e rosnante mantendo-a em mira.

Acelerei o motor de Petúnia e parti rugindo para Christine. Quando o amaldiçoado carro dos infernos cresceu no pára-brisa, vi o rosto purpúreo e inchado de uma criança, pressionado à janela traseira, olhando para mim, como a pedir-me que parasse.

Colidi com força. O capô do caminhão subiu e ficou arreganhado como uma boca. Sua traseira rabeou, e Christine saiu deslizando de banda, passando por Leigh, que correu em fuga, os olhos parecendo engolir seu rosto. Lembro-me do sangue pulverizado ao longo das franjas de pele do capuz de sua jaqueta em gotículas, como um orvalho maligno.

Eu estava na minha agora. Estava por cima. Mesmo se, terminando aquele trabalho, me cortassem a perna na virilha, ia dirigir Petúnia.

Christine bateu na parede e ricocheteou de volta. Pisei na embreagem, manobrei a mudança para marcha a ré, recuei uns três metros, pisei de novo na embreagem, e fiz a mudança para primeira. Christine acelerou o motor e tentou esgueirar-se ao longo da parede. Cortei para a esquerda e atingi-a novamente, achatando-lhe o meio, como se fosse uma vespa. As portas saltaram das molduras, em cima e embaixo. LeBay estava ao volante, agora uma caveira, então um apodrecido e fedorento camafeu humano, depois

um homem, saudável e vigoroso na casa dos cinquenta, com cabelos que embranqueciam, cortados rente. Olhou para mim com seu sorriso demoníaco, uma das mãos no volante, a outra em um punho crispado, que sacudiu em minha direção.

Mesmo assim, o motor de Christine não morria.

Dei marcha à ré de novo. Agora, minha perna estava como ferro em brasa e a dor subia todo o trajeto até a axila esquerda. Era um inferno. A dor estava em *toda parte*. Eu podia senti-la

(*Meu Deus, Michael, por que não ficou em casa*) no pescoço, nos maxilares, nas

(*Arnie? Cara, sinto tanto, por desejar o que desejo*)

têmporas. O Plymouth — o que sobrara dele — dava bêbadas estocadas mais abaixo, no lado da garagem, espalhando ferramentas e sucata, arrancando suportes e derrubando as prateleiras suspensas. As prateleiras batiam no concreto, em pancadas que pareciam bofetadas, sons que ecoavam como aplausos do demônio.

Tornei a calcar a embreagem e pisei no acelerador. O motor de Petúnia trovejou e eu me firmei no volante, como um homem tentando permanecer montado em um mustangue selvagem. Atingi Christine no lado direito, e esmaguei toda a lataria perto do eixo traseiro, empurrando-a contra a porta, que estremeceu e sacolejou. Debrucei-me sobre o volante, que me batia no estômago, me cortava a respiração e me jogava contra o assento, ofegante.

Agora eu via Leigh, encolhida no canto mais distante, as mãos apertando o rosto, puxando-o para baixo, transformando-o em uma máscara de feiticeira.

O motor de Christine ainda funcionava.

Ela rastejou lentamente para Leigh, como um animal cujas patas traseiras foram fraturadas em uma armadilha. E, enquanto rodava, pude ver sua regeneração, a maneira como revivia: um pneu que se inflava

repentinamente, redondo e cheio, a antena de rádio que se rearticulava com um prateado tuingggg, o metal que se formava em torno da traseira arruinada.

— *Morra!* — gritei para o carro.

Eu berrava, meu peito doía. A perna não funcionava mais. Abracei-a com as duas mãos e a *empurrei* contra a embreagem. Minha visão ficou desfocada e cinzenta, com aquela agonia de metal incandescente. Eu quase podia sentir os ossos esfacelando-se.

Acelerei, mudei para primeira novamente e investi. Enquanto fazia isto, ouvi a voz de LeBay, pela primeira e única vez, aguda e frustrada, impregnada de uma terrível, interminável fúria.

— *Seu BOSTA! Foda-se, seu miserável BOSTA! DEIXE-ME EM PAZ!*

— Você devia ter deixado meu amigo em paz — tentei gritar, mas tudo que saiu foi um ofegar ferido, dilacerado.

Atingi Christine em cheio, na traseira. O tanque de gasolina se rompeu, quando a traseira do carro se encolheu para dentro e para cima, em uma espécie de cogumelo metálico. Houve uma lambida amarela de fogo. Protegi o rosto com as mãos — mas então desapareceu. Christine ficou ali, um refugiado de uma pista de corridas destruída. Seu motor funcionava entrecortadamente, falhava, pegava de novo — e então morreu.

O lugar ficou silencioso, exceto pelo ronco grave do motor de Petúnia.

Depois, Leigh corria pelo piso, gritando e gritando meu nome, gritando e chorando. De repente, fiquei estupidamente cômico de que usava sua echarpe rosa em torno de minha manga.

Baixei os olhos para ela, e então o mundo ficou cinzento de novo.

Pude sentir suas mãos em mim, mas depois nada além da escuridão, quando perdi os sentidos.

Voltei a mim uns quinze minutos mais tarde, com o rosto molhado e misericordiosamente fresco. Leigh estava em pé no estribo de Petúnia, o estribo do motorista, passando em meu rosto um trapo molhado. Agarrei-o em uma das mãos, tentei chupá-lo e depois cuspi. O trapo tinha um sabor intenso de óleo.

— Não se preocupe, Dennis — disse ela. — Corri para a rua... parei um removedor de neve... assustei o homem como o diabo, pelo que parece... com todo esse sangue... ele disse... uma ambulância,, ele disse que ia providenciar... Dennis, você está bem?

— *Pareço* bem? — sussurrei.

— Não — disse ela, e prorrompeu em lágrimas.

— Então, não — engoli em seco, havia um doloroso bloco seco na garganta —, não faça perguntas bobas. Eu amo você.

Ela me afagou desajeitadamente.

— Ele disse que também ia chamar a polícia.

Eu mal a ouvi. Meus olhos tinham encontrado a torcida e silenciosa sucata — o que sobrara de Christine. Sucata era a palavra correta; ela mal parecia um carro. Entretanto, por que não se queimara? Uma calota jazia caída a um lado, como uma ficha de prata amassada.

— Há quanto tempo você parou o limpa-neve? — perguntei, em voz rouca.

— Talvez há uns cinco minutos. Depois peguei o pedaço de pano e o molhei naquele balde lá. Dennis... graças a Deus terminou!

Punk! Punk! Punk! Eu continuava olhando para a calota. As amassaduras começavam a desfazer-se.

De repente, ela se ergueu sobre a borda e rolou para o carro, como uma moeda. Leigh também viu aquilo. Seu rosto ficou tenso. Os olhos arregalaram-se, começaram a esbugalhar-se. Seus lábios formaram a palavra

Não, mas não emitiram som algum.

— Entre aqui comigo — falei, em voz baixa, como se aquela coisa pudesse ouvir-nos. Quem sabe? Talvez ouvisse mesmo. — Entre no lado do passageiro. Você vai pisar o acelerador, enquanto eu piso a embreagem com o pé direito.

— Não... — Desta vez, era um sussurro sibilante. Sua respiração saiu assobiando, em pequenos arquejos. — Não... não...

Os destroços do carro estremeciam de alto a baixo. Era a coisa mais terrível, mais fantasmagórica que eu já vira, em toda a minha vida. Estremeciam inteiramente, estremeciam como um animal que ainda não... está inteiramente... morto. Metal batia nervosamente contra metal. Conexões de peças crepitavam ritmos de jazz contra suas ligaduras. Enquanto eu espiava, um contrapino torto que jazia no chão ficou reto e executou meia dúzia de cabriolas, indo aterrar nos destroços.

— Entre — falei.

— Não posso, Dennis. — Seus lábios tremeram descontroladamente. — Não posso... mais... aquele corpo... era o *pai de Arnie*. Não posso, não agüento mais, por favor...

— Você tem que entrar — insisti.

Ela me fitou, depois olhou temerosa para os obscenamente trêmulos restos daquela velha prostituta que LeBay e Arnie haviam partilhado. Então, deu a volta pela dianteira de Petúnia. Uma peça de cromado se deslocou e arranhou-lhe profundamente a perna. Leigh gritou e correu. Subiu rapidamente para a boléia e apertou-se contra mim.

— O q-que tenho que fazer?

Fiquei meio pendurado para fora da boléia, seguro ao teto, e empurrei a embreagem com o pé direito. O motor de Petúnia ainda funcionava.

— Pise no acelerador e mantenha o pé aí — falei. — Não importa o

que acontecer. Movendo o volante com a direita e segurando-me com a mão esquerda, manobrei a embreagem e rodamos para diante. Esmagamos e tornamos a esmagar a sucata, desintegrando-a. Em minha cabeça, eu tinha a impressão de ouvir outro grito de fúria. Leigh agarrou a cabeça com as mãos.

— Não posso, Dennis! Não posso fazer isso! Essa... essa coisa... *está gritando!*

— Tem que fazer — falei. Ela retirara o pé do acelerador e agora eu ouvia sirenes cortando a noite, aumentando e diminuindo. Agarrei-a pelo ombro e uma explosão de dor me subiu pela perna. — Nada mudou, Leigh. Você tem que fazer!

— Aquilo *gritou* para mim!

— Nosso tempo está se esgotando e ainda não terminamos. Só mais um pouquinho!

— Tentarei — sussurrou ela, tornando a apertar o pedal.

Engatei a mudança para marcha à ré. Petúnia recuou uns seis metros. Embreei de novo, passei para primeira... e Leigh gritou, de repente:

— Não, Dennis! Não! Olhe!

A mãe e a menininha, Verônica e Rita, estavam em pé diante da sucata amassada e destrocada de Christine, de mãos dadas, os rostos solenes e angustiados.

— Elas não estão lá — falei. — E, se estiverem, é tempo de voltarem para... — Mais dor em minha perna e o mundo ficou cinzento.... — voltarem para o lugar a que pertencem. Fique com o pé no pedal!

Soltei a embreagem, e Petúnia tornou a rodar para diante, ganhando velocidade. As duas figuras não desapareceram, como fazem os fantasmas nos filmes de TV; pareceram gritar para todos os lados, cores brilhantes que se desbotavam para esmaecidos rosas e azuis... e então desapareceram por completo.

Batemos novamente contra Christine, espalhando para longe o que sobrara dela. O metal rangeu e se dilacerou.

— Não estão lá — sussurrou Leigh. — Não estão realmente lá. Está bem. Está bem, Dennis. Sua voz vinha de muito longe, percorrendo um sombrio corredor. Passei para marcha à ré e

fomos para trás. Depois para a frente. Esmagamos os metais; tornamos a esmagá-los. Quantas vezes? Não sei. Batíamos violenta e estrondosamente no que restava de Christine e, a cada vez que o fazíamos, outra onda de dor me subia pela perna e as coisas ficavam um pouco mais escuras.

Por fim, ergui os olhos turvos e vi que o ar, fora da porta, parecia cheio de sangue. Só que não era sangue, mas uma luz vermelha pulsante, refletindo-se na neve que caía. Pessoas batiam na porta, lá fora.

— Acha que chega? — perguntou Leigh.

Olhei para Christine — apenas, aquilo deixara de ser Christine. Era um monte disperso de metal partido e torcido, pedaços de recheio do estofamento e cintilante vidro quebrado.

— Tem que chegar — falei. — Deixe-os entrar, Leigh. E, enquanto ela se foi, tornei a perder os sentidos.

Depois, houve uma série de imagens confusas; coisas que entravam em foco por um instante, para então se esfumarem ou desaparecerem de todo. Posso me lembrar de uma padiola, sendo rodada para fora da traseira de uma ambulância. Posso recordar suas alças laterais sendo erguidas e como as luzes fluorescentes do teto arrancaram frios reflexos de seu cromado; posso recordar alguém dizendo:

— Corte isso, tem que cortar, para ao menos darmos uma *espiada* nisso! Também recordo mais alguém — creio que Leigh — dizendo:

— Não o machuquem, por favor, se for possível, não o machuquem!

Recordo ainda o teto de uma ambulância... tinha que ser uma

ambulância, porque havia dois recipientes de intravenosos, suspensos na periferia de minha visão. Recordo a fria fricção de anti-séptico e, em seguida, a picada de uma agulha.

Depois disso, as coisas se tornaram extremamente estranhas. Em algum ponto, bem dentro de mim, eu sabia que não estava sonhando se nada mais o provava, a dor pelo menos fazia isso — mas tudo aquilo *parecia* um sonho. Eu estava bastante dopado e isso era parte da situação... mas o choque também fazia parte. Não é brincadeira. Minha mãe estava lá, chorando, em um quarto desgostosamente semelhante àquele quarto de hospital onde eu passara todo o outono. Então, meu pai estava lá, e o pai de Leigh estava com ele, os dois parecendo possuir um e o mesmo rosto, ambos tão tensos e severos, que bem poderiam ter sido personagens de Franz Kafka. Papai se inclinava sobre mim e perguntava, em uma voz de trovão, reverberando através de camadas de algodão:

— Como é que Michael foi parar lá, Dennis?

Era o que eles realmente queriam saber: como Michael tinha ido parar lá. *Oh, pensei, oh, meus amigos, eu poderia contar-lhes cada história...* Então, o Sr. Cabot perguntava:

— Em que foi que meteu minha filha, rapaz? — E eu recordo ter respondido:

— Não é bem em que foi que eu a meti, mas de que foi que ela o tirou.

Até hoje, ainda acho que foi uma resposta bastante inteligente, consideradas as circunstâncias e dopado como me encontrava. Elaine apareceu lá, brevemente, e tenho a impressão de que segurava, zombeteiramente fora de meu alcance, uma barra de chocolate ou coisa assim. Também vi Leigh, oferecendo sua fina echarpe de náilon e pedindo que eu levantasse o braço, a fim de que ela a amarrasse. Só que eu não podia, meu braço era um pedaço de chumbo.

Arnie também estava lá mas, claro, *tinha* que ser um sonho.

Obrigado, cara, ele disse e, horrorizado, percebi que a lente esquerda de seus óculos estava estilhaçada. O rosto me parecia legal, mas aquela lente estilhaçada... aquilo me assustou. *Obrigado. Você fez bem. Sinto-me melhor agora. Daqui em diante, acho que tudo vai ficar legal.*

Não enche, Arnie, falei — ou tentei falar — mas ele tinha sumido.

Foi no dia seguinte — não o dia vinte, mas no domingo, vinte e um de janeiro — que comecei a recuperar-me um pouco. Minha perna esquerda estava de novo no gesso, em sua velha e familiar posição, entre todas aquelas roldanas e pesos. À esquerda de minha cama, havia um homem que eu nunca vira antes, lendo um livro de bolso com uma história de John D. MacDonald. Ao me ver olhando para ele, baixou o livro.

— Bem-vindo à terra dos vivos, Dennis — disse brandamente.

Em gestos deliberados, marcou com uma caixa de fósforos de papelão a folha onde interrompera a leitura, deixou o livro sobre o colo e dobrou as mãos em cima dele.

— Você é médico? — perguntei.

Evidentemente, não era o Dr. Arroway, o médico que cuidara de mim da última vez; ele seria uns vinte anos mais novo e teria, no mínimo, uns oito quilos a menos. Parecia um sujeito duro.

— Inspetor da Polícia Estadual — disse ele. — Meu nome é Richard Mercer. Rick, se preferir. Estendeu a mão e, estirando a minha, desajeitada e cautelosamente, eu a toquei. A verdade é que não poderia apertá-la. Minha cabeça doía e me sentia sedento.

— Escute — falei. — Não me incomode nem um pouco de falar com você e responderei a todas as suas perguntas, mas gostaria de ver um médico. — Engoli em seco, ele me fitou com preocupação, e então soltei: — Preciso saber se vou tornar a andar de novo.

— Se for verdade o que disse aquele Dr. Arroway — falou Mercer — você estará em forma dentro de quatro a seis semanas. Não tornou a

fraturar a perna, Dennis. Apenas a distendeu seriamente, foi o que ele disse. Sua perna inchou como uma salsicha, rapaz. Ele também disse que teve muita sorte, em sair desta com tão pouco.

— E quanto a Arnie? — perguntei. — Arnie Cunningham? Sabe se... Os olhos dele cintilaram, vacilantes.

— O que foi? — perguntei. — O que houve com Arnie?

— Escute, Dennis — ele disse, depois hesitou. — Não sei se é este o momento.

— *Por favor*, Arnie está... morto? Mercer suspirou.

— Sim, está morto. Ele e a mãe sofreram um acidente na auto-estrada Pensilvânia, devido à neve. Se é que *foi* um acidente.

Tentei falar, e não pude. Fiz um movimento para o jarro de água na mesa de cabeceira, pensando o quanto era melancólico estar em um quarto de hospital e saber exatamente onde tudo se encontrava. Mercer me encheu um copo e colocou nele o canudinho dobrado. Bebi, e me senti um pouquinho melhor. Melhor na garganta, quero dizer. Nada mais parecia melhor, de maneira nenhuma.

— O que quis dizer com *se* foi um acidente?

— Bem — disse Mercer —, era a noite de sexta-feira e a neve não estava tão forte assim. A classificação da estrada foi a dois: deserta e molhada, visibilidade reduzida, dirija com cautela. A julgar pela força do impacto, supomos que eles não iam a mais de setenta. O carro deu uma guinada através da linha divisória da estrada e bateu em um caminhão. Era a camioneta Volvo da Sra. Cunningham. Explodiu.

Fechei os olhos.

— Regina... ?

— Também morta no local. Se vale alguma coisa, eles provavelmente não...

— ... sofreram — completei. — Tolice. Eles sofreram demais. — As lágrimas me ameaçavam, mas consegui sufocá-las. Mercer nada disse. — Todos os três — murmurei. — Oh, Deus, todos os três!

— O motorista do caminhão fraturou um braço. Foi o pior para ele, no acidente. Disse que havia três pessoas no carro, Dennis.

— Três?

— Exatamente. E ele disse que pareciam lutar. — Mercer me encarou. — Estamos seguindo a teoria de que recolheram um carona de maus instintos, que fugiu depois do acidente e antes da chegada da Polícia Rodoviária.

Era uma hipótese ridícula, para quem conhecesse Regina Cunningham. Ela seria mais capaz de usar calças compridas em um chá da universidade do que dar carona a um desconhecido. Na mente de Regina Cunningham, estava firmemente impresso aquilo que se pode ou não fazer. Como que em cimento, poder-se-ia dizer.

Havia sido LeBay. A questão é que ele não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo. Por fim, ao ver que rumo tomavam as coisas na Garagem de Darnell, ele abandonara Christine e tentara voltar para Arnie. O que aconteceu depois, fica no terreno das suposições. Entretanto, concluí no momento — e ainda penso o mesmo — que Arnie lutou com ele... e venceu uma jogada, pelo menos.

— Morto — falei, e agora as lágrimas vieram.

Eu estava demasiado fraco e deprimido para contê-las. Afinal, fora impotente para impedir que ele morresse. Para impedir daquela última vez, quando realmente importava. Outros, talvez, poderiam morrer, mas não Arnie.

— Conte-me o que aconteceu — disse Mercer. Deixou seu livro na mesa de cabeceira e inclinou-se para diante. — Conte-me tudo o que sabe, Dennis, do começo ao fim.

— O que foi que Leigh disse? — perguntei. — E como está ela?

— Passou aqui a noite de sexta-feira, sob observação — informou Mercer. — Teve uma concussão e um corte no couro cabeludo, que precisou de doze pontos. Não houve marcas no rosto. Uma sorte. É uma garota muito bonita.

— Ela é mais do que isso — falei. — É linda.

— Não quis dizer nada — comentou Mercer, e um sorriso relutante, creio que de admiração, repuxou seu rosto para a esquerda. — Nem para mim e nem para seu pai. Ele está, poderíamos dizer assim, de saco cheio com tudo isso. Ela disse que você decidirá o que falar e quando. — Ele me fitou pensativo. — Porque, segundo ela, foi você que acabou com isso.

— Não fiz nada tão importante — murmurei.

Eu ainda tentava admitir a idéia de que Arnie possivelmente estivesse morto. Era impossível, não? Quando tínhamos doze anos, havíamos ido juntos para o Acampamento Winnesko, em Vermont. Então, fiquei com saudades de casa e disse a ele que ia telefonar, pedir a meus pais que fossem lá me buscar. Arnie respondeu que se eu fizesse isso contaria para todo mundo na escola que eu voltara cedo para casa porque eles me tinham apanhado comendo meleca em meu beliche, depois das luzes apagadas, e me expulsado do acampamento. Nós dois tínhamos subido na árvore do meu quintal, até o último galho, e nele gravamos nossas iniciais. Ele costumava dormir na minha casa e ficávamos acordados até tarde, vendo *Filme de Terror*, encolhidos no sofá, debaixo de um velho edredom. Tínhamos comido juntos todos aqueles sanduíches clandestinos com Pão Maravilha. Aos quatorze anos, Arnie me procurara, assustado e envergonhado, porque estava tendo aqueles sonhos sexuais e pensava que eles o faziam molhar a cama. No entanto, eram as fazendas de formigas que minha mente continuava repisando. Como ele poderia estar morto, se havíamos feito aquelas fazendas de formigas? Santo Deus, aquelas fazendas de formigas pareciam ter acontecido apenas uma ou duas semanas antes! Então, como é

que ele podia estar morto? Abri a boca para dizer a Mercer que era impossível Arnie ter morrido — aquelas fazendas de formigas tornavam absurda a própria idéia. Então, tornei a fechá-la. Não podia contar-lhe aquilo. Ele era apenas um cara qualquer.

Arnie, pensei. Ei, cara — não é verdade, certo? Meu Deus do céu, nós ainda temos muita coisa para fazer. Ainda nem mesmo fomos juntos ao drive-in, levando nossas garotas!

— O que aconteceu? — tornou a perguntar Mercer. — Conte-me, Dennis.

— Você não ia acreditar — respondi, em voz empastada.

— Talvez se surpreenda com o que eu acreditaria — disse ele. — E também você pode ficar surpreso, com o que sabemos. Um sujeito chamado Junkins era o investigador principal deste caso. Foi morto não muito longe daqui. Era meu amigo. Um bom amigo. Uma semana antes de morrer, contou-me acreditar que, em Libertyville, estava acontecendo algo em que ninguém acreditaria. Então, foi morto. Isto torna o assunto uma questão pessoal para mim.

Mudei cautelosamente de posição.

— Ele não lhe contou mais nada?

— Junkins me disse que julgava ter descoberto um antigo assassino — prosseguiu Mercer, sem tirar os olhos dos meus. — Entretanto, segundo ele, isso não fazia muita diferença, porque o criminoso estava morto.

— LeBay — murmurei.

Pensei que, se Junkins descobrira isso, não era de espantar que Christine o tivesse matado. Porque, se Junkins chegara até aí, estivera bem perto de toda a verdade.

— LeBay foi o nome que ele mencionou — disse Mercer. Inclinou-se um pouco mais para mim. — E vou lhe dizer uma coisa, Dennis: Junkins era um motorista dos diabos. Quando mais jovem, antes do casamento,

costumava correr com *stocker*^[8] em Philly Plains, e obteve algumas vitórias. Ele saiu da estrada fazendo uns cento e noventa, em um carro-patrulha Dodge, de motor ajustado. Quem quer que o estivesse perseguindo... e nós sabemos quem era... tinha de ser um demônio no volante.

— Sim — falei. — Ele era.

— Vim aqui por minha conta. Levei duas horas esperando que você acordasse. À noite passada, fiquei aqui até me chutarem para fora. Não há nenhum taquígrafo comigo, não tenho um gravador e lhe garanto que não estou usando um microfone. Quando tiver que prestar depoimento, se chegar a isso, a jogada será diferente. Agora, no entanto, somos apenas nós, eu e você. Preciso saber, Dennis. Porque costumo visitar a esposa de Junkins e seus filhos de vez em quando. Sacou?

Refleti naquilo. Refleti durante um longo tempo — quase cinco minutos. Ele ficou sentado e quieto, esperando que me decidisse. Assenti finalmente.

— Está bem, mas repito que não vai acreditar.

— Isso ainda veremos — disse ele.

Abri a boca, ainda sem idéia de como começar.

— Ele era um perdedor, compreenda. Todo ginásio tem dois, pelo menos, é como uma lei nacional. Sacos de pancadas de todos. Só que às vezes... às vezes eles encontram algo a que agarrar-se e sobrevivem. Arnie tinha a mim. Depois teve Christine.

Olhei para ele e, se tivesse visto o menor brilho indevido naqueles olhos cinzentos, tão perturbados como os de Arnie... bem, se eu tivesse visto isso, creio que fecharia a boca ali mesmo. Diria a ele que registrasse em seus livros o que lhe parecesse mais plausível, e dissesse aos filhos de Junkins o que, diabo, lhe parecesse mais agradável.

No entanto, ele apenas assentiu, fitando-me atentamente.

— Eu só queria que compreendesse isso — falei, e então senti um nó na garganta, que me impediu de dizer o que talvez devesse ter dito em seguida: *Leigh Cabot apareceu mais tarde.*

Bebi mais um pouco d'água e engoli com força. Falei durante as duas horas seguintes.

Finalmente, terminei. Não houve nenhum grande clímax; eu estava simplesmente seco, com a garganta dolorida por falar tanto. Não perguntei se ele acreditava em mim. Não perguntei se ia trancar-me em um asilo de loucos ou dar-me uma medalha de mentiroso. Sei que acreditou em boa parte de tudo, pois o que eu sabia se ligava perfeitamente ao que era do seu conhecimento. Ignoro o que pensou do restante — Christine e LeBay, o passado estendendo as mãos para o presente. Como ignoro até hoje.

Uma pequena pausa de silêncio surgiu entre nós. Por fim, ele bateu com as mãos nas coxas, fazendo um som vivo, e levantou-se.

— Bem! — exclamou. — Imagino que seus pais estejam esperando para visitá-lo.

— Sim, é provável.

Ele pegou sua carteira e tirou um pequeno cartão comercial, com seu nome e número de telefone.

— Em geral, posso ser encontrado aqui. Caso contrário, alguém me dará o recado. Quando estiver com Leigh Cabot novamente, poderia dizer-lhe o que me contou e pedir a ela que entre em contato comigo?

— Está bem, se é o que deseja. Direi a ela.

— Ela confirmará sua história?

— Sim.

Ele me olhou fixamente.

— Vou lhe dizer uma coisa, Dennis — falou. — Se está mentindo, não

sabe que mente.

Saiu do quarto. Só tornei a vê-lo mais uma vez, e foi durante o triplo funeral de Arnie e seus pais. Os jornais publicaram um trágico e bizarro conto de fadas; o pai morto em um acidente de carro, na entrada da garagem de sua casa, enquanto a mãe e o filho são mortos na auto-estrada Pensilvânia. Paul Harvey o usou em seu programa.

Não houve qualquer menção à presença de Christine na Garagem de Darnell.

Minha família foi visitar-me aquela noite e, a essa altura, eu já me sentia muito melhor mentalmente — em parte por haver desabafado com Mercer, imagino (ele foi o que um de meus professores de psicologia na universidade chamou de "um estranho interessado", o tipo de pessoa com quem temos facilidade de falar), porém, principalmente devido a uma visita-relâmpago do Dr. Arroway, no final da tarde. Ele estava furioso e irritado comigo. Sugeriu que, da próxima vez, enfiasse a maldita perna em uma serra elétrica, o que nos pouparia um bocado de tempo e preocupações... mas também me informou (acho que com má vontade) que não houvera nenhuma lesão permanente. Era a sua opinião. Avisou que eu não havia melhorado minhas chances de, um dia, participar da Maratona de Boston, e saiu.

Portanto, foi alegre a visita da família — devido principalmente a Ellie, que tagarelou sem cessar sobre aquele iminente cataclismo, seu Primeiro Encontro. Um cabeça-dura, careta e com espinhas, chamado Brandon Hurling, a convidara para patinarem juntos. Papai os levaria de carro. Muito atraente.

Papai e mamãe se juntaram à conversa, mas ela ficava enviando ansiosos olhares de "não-se-esqueça" para o velho. Ele ainda permaneceu um pouco no quarto, depois que ela saiu com Elaine.

— O que aconteceu? — perguntou. — Leigh contou ao pai uma

história maluca, sobre carros que se dirigem sozinhos, garotinhas que já morreram e não sei mais o quê. Ele ficou fora de si.

Assenti. Estava cansado, mas não queria que Leigh passasse maus bocados com os pais — ou que os deixasse pensando que a filha mentia ou ficara biruta. Se ela me protegera com Mercer, eu teria de protegê-la com seus pais.

— Está certo — falei. — É uma história e tanto. Pode mandar mamãe e Ellie tomarem um malte ou qualquer coisa? Bem, acho que seria melhor sugerir que as duas fossem a um cinema.

— É tão comprida assim?

— Hum-hum. Tão comprida assim

Ele olhou para mim, com ar preocupado.

— Está bem — disse.

Pouco depois, eu contava minha história uma segunda vez. Agora a estou contando pela terceira. E, segundo dizem, a terceira vez é a definitiva. Descanse em paz, Arnie. Amo você, cara.

EPÍLOGO

Se esta fosse uma história de ficção, suponho que a terminaria contando como o cavaleiro de perna quebrada da Garagem de Darnell cortejou e conquistou a dama loura... aquela do cachecol rosa de náilon e de arrogantes malares nórdicos. Entretanto, isso jamais aconteceu. Leigh Cabot agora é Leigh Ackerman; mora em Taos, no Novo México, e está casada com um representante das máquinas IBM. Vende produtos de beleza, em suas horas de folga. Tem duas garotinhas, gêmeas idênticas, motivo por que talvez não tenha muitas horas de folga. Continuo mantendo contato com ela, pois minha afeição pela dama nunca chegou a terminar. Trocamos cartões de Natal e também lhe envio um cartão de aniversário, já que ela tampouco esquece o meu. Coisas assim. Em certas ocasiões, parece que tudo aconteceu há mais tempo do que somente quatro anos.

— O que houve conosco? Sinceramente, não sei. Saímos juntos durante dois anos, dormimos juntos (extremamente satisfatório), fomos juntos para a mesma universidade (Drew) e nos tornamos amigos. Seu pai se calou sobre nossa louca história, depois que o meu conversou com ele, embora depois disso sempre me considerasse uma pessoa um tanto ou quanto estranha. Creio que ele e a Sra. Cabot ficaram aliviados quando eu e Leigh tomamos caminhos diferentes.

Pude sentir isso quando começamos a afastar-nos, e me doeu — doeu um bocado. Eu ansiava por ela, da maneira como continuamos a ansiar por alguma substância da qual não mais sentimos nenhuma dependência física... balas, fumo, Coca-Cola. Fiquei com dor-de-cotovelo por ela, mas penso que de forma consciente, algo que desapareceu com rapidez quase indecorosa.

Talvez eu entenda o que aconteceu. O sucedido naquela noite, na Garagem de Darnell, era um segredo nosso e, naturalmente, apaixonados precisam ter seus segredos... mas aquele não era dos melhores. Foi algo frio e

antinatural, algo que beirava a loucura, e pior ainda do que loucura, já que chegava à borda da sepultura. Houve noites, após o amor, em que ficávamos juntos na cama, nus, corpo contra corpo, e aquela coisa estava entre nós: o rosto de Roland D. LeBay. Eu lhe beijava a boca, os seios ou o ventre, cáldo pela crescente paixão, mas de súbito ouvia a voz dele: *Esse é o melhor cheiro do mundo... exceto o de cona*. E eu gelava, minha paixão se tornava fumaça e cinzas.

Sabe Deus que houve vezes em que eu podia também ver isso no rosto dela. Os amantes nem sempre vivem felizes para sempre, mesmo quando agiram da maneira que parecia correta e da melhor forma que puderam. Aí está algo mais que levamos quatro anos para aprender.

Então, nos afastamos. Um segredo precisa de dois rostos onde ricocheteiar; um segredo precisa ver-se refletido em outro par de olhos. E, embora eu a amasse, todos os beijos, todas as carícias, todos os passeios de braços dados, através das folhas que caíam em outubro... nada disso poderia comparar-se ao fantástico simples ato de ela atar sua echarpe em torno de meu braço.

Leigh deixou a universidade para casar — e então foi adeus, Drew e olá, Taos. Assisti a seu casamento, sem qualquer peso na consciência. Um grande sujeito. Tinha uma Honda Civic. Nenhum problema com ele.

Nem mesmo precisei me preocupar quanto a jogar futebol. Drew nem ao menos tem uma equipe. Em vez disto, a cada semestre matriculei-me em uma matéria extra e freqüentei o curso de verão por dois anos, época em que estaria suando ao sol de agosto, dando em cima dos adversários, se as coisas houvessem acontecido de modo diverso. Como resultado, graduei-me mais cedo — de fato, três semestres mais cedo.

Quem me vê na rua, não nota o menor defeito, mas se caminhar comigo por uns sete ou oito quilômetros (na verdade, faço quatro quilômetros diários; isso de fisioterapia é algo que vicia), perceberá que

começo a puxar ligeiramente para a direita.

Minha perna dói em dias chuvosos. E também em noites nevadas.

Em certas ocasiões, quando tenho pesadelos — agora não são mais tão constantes —, desperto suando e agarrado àquela perna, onde ainda existe uma saliência dura de carne, acima do joelho. Felizmente, todas as minhas inquietações sobre cadeiras de roda, aparelhos ortopédicos e calcanhares artificiais foram em vão. Por outro lado, deixei de gostar tanto de futebol.

Michael, Regina e Arnie Cunningham foram sepultados no jazigo da família, no cemitério de Libertyville Heights — ninguém compareceu ao enterro, além de membros da família: os parentes que Regina possuía em Ligonier, alguns de Michael, residentes em New Hampshire e Nova Iorque, e uns poucos outros.

O funeral teve lugar cinco dias após aquela infernal cena na garagem. Os ataúdes estavam fechados. O próprio fato daqueles três caixões de madeira, alinhados em um estrado tríplice, como soldados, atingiu meu coração como uma pá de terra fria. A lembrança das fazendas de formigas não pôde resistir ao mudo testemunho daqueles ataúdes. Chorei um pouco.

Depois, rodei minha cadeira pelo corredor até eles e pousei a mão, instintivamente, sobre o ataúde do centro, sem saber se era ou não o de Arnie, mas isso não fazia diferença. Fiquei assim por bastante tempo, a cabeça baixa, até quando uma voz soou atrás de mim.

— Quer que o empurre até a sacristia, Dennis?

Girei o pescoço. Era Mercer, parecendo muito correto e representativo da lei, em um terno de lã escura.

— Certo — respondi. — Dê-me apenas um minuto, ok.

— Está bem. Vacilei, depois disse:

— Os jornais disseram que Michael foi morto em casa. Que o carro passou por seu corpo, depois que ele escorregou no gelo, ou coisa assim.

— Exato — respondeu ele.

— Obra sua? Mercer hesitou.

— Torna as coisas mais simples. — Seu olhar desviou-se, até onde Leigh estava sentada com meus pais. Ela falava com mamãe, mas olhava ansiosamente para mim. — Uma garota muito bonita — disse.

Mercer já fizera o mesmo comentário antes, no hospital.

— Um dia vou casar com ela — falei.

— Não seria surpresa para mim — replicou Mercer. — Alguém já lhe disse que você tem a coragem de um tigre?

— Acho que o treinador Puffer disse isso. Uma vez — falei. Ele riu.

— Está pronto para aquele empurrão, Dennis? Já ficou aqui por tempo demais. Esqueça isso.

— É mais fácil falar do que fazer. Ele concordou.

— Sim, acho que sim.

— Pode me dizer uma coisa? — perguntei. — Eu preciso saber.

— Responderei, se puder.

— O que você fez... — Precisei parar e pigarrear. — O que fez com... as peças soltas?

— Eu mesmo cuidei disso — respondeu Mercer. Sua voz era jovial e quase alegre, mas o rosto estava sério, muito sério. — Fiz com que dois sujeitos da polícia local juntassem tudo e colocassem no compressor, aquele nos fundos da Garagem de Darnell. Ficou um cubinho deste tamanho. — Ele afastou as mãos, a uns cinquenta centímetros uma da outra. — Um dos sujeitos sofreu um ferimento sério. Precisou levar pontos.

Mercer sorriu subitamente — e foi o sorriso mais amargo e mais frio que já vi.

— Ele disse que aquilo o mordeu.

Em seguida, empurrou-me corredor abaixo, até onde minha família e minha namorada esperavam por mim.

Bem, aí está a minha história. Exceto pelos sonhos.

Estou quatro anos mais velho, e o rosto de Arnie começa a ficar indistinto para mim, uma fotografia acastanhada, em um antigo anuário escolar. Parece incrível que tenha acontecido, mas assim foi. De algum modo, atravessei este período, a transição de adolescente para adulto — seja lá o que for; possuo um diploma universitário, onde a tinta está quase seca, e leciono História no ginásio intermediário. Comecei o ano passado, e dois de meus alunos originais — ambos tipo Buddy Repperton — eram mais velhos do que eu. Estou solteiro mas existem algumas damas interessantes em minha vida, e dificilmente penso em Arnie.

Exceto nos sonhos.

Esse sonhos não são a única razão pela qual escrevi tudo isso. Existe outra, que explicarei em um momento, mas mentiria se afirmasse que os sonhos não constituem uma boa parte da razão. Talvez isto seja um esforço para lancetar a ferida e limpá-la. Também é possível que eu apenas não seja rico o suficiente para me dar o luxo de um analista.

Em um dos sonhos, vejo-me de volta à cerimônia do funeral. Os três ataúdes estão em seu estrado tríplice, mas não há ninguém na igreja, além de mim. No sonho, estou novamente de muletas, em pé no início do corredor central, com a porta às minhas costas. Não quero seguir em frente, ir até lá, mas as muletas me puxam, movendo-se sozinhas. Toco no ataúde do meio. Ele se abre repentinamente ao contato e, jazendo no interior acetinado, não está Arnie, mas Roland D. LeBay, um cadáver putrefato, em uniforme do Exército. Quando o cheiro nauseante de podre... me atinge, o cadáver abre os olhos; suas mãos pútridas, enegrecidas e pegajosas por alguma excrescência fungóide, tateiam para cima e encontram minha camisa, antes que eu possa recuar. Então, elas me puxam, até que seu rosto

feroz e fedorento fica apenas a centímetros do meu. Ele começa a crocitar, mais e mais: *Não suporta o cheiro, hein? Nada cheira tão bem... exceto uma cona... exceto uma cona... exceto uma cona...* Tento gritar, mas não posso, porque as mãos de LeBay se fecharam em um pernicioso, apertado anel em torno de minha garganta.

No outro sonho — e este, de certa forma, ainda é pior — eu termino de dar uma aula ou estou atuando como inspetor em uma sala de estudos do Ginásio Norton, onde leciono. Recoloco meus livros em minha pasta, guardo nela as minhas provas e deixo a sala, dirigindo-me à aula seguinte. E lá, no corredor, apertada entre os armários cinza-industrial dos alunos, está Christine — nova em folha e cintilante, repousando sobre quatro pneus novos de banda branca, um enfeite cromado da Vitória Alada no capô, empinado em minha direção. Christine está vazia, mas seu motor acelera e diminui... acelera e diminui... acelera e diminui. Em certos sonhos, a voz que vem do rádio é a de Richie Valens, morto há muito tempo em um desastre de avião, com Buddy Holly e J. P. Richardson, *The Big Bopper*. Richie está gritando "La Bamba" em ritmo latino. Quando Christine arremete subitamente para mim, deixando marcas de borracha no piso do corredor e arrancando portas abertas dos armários a cada lado, com suas maçanetas, vejo que em sua dianteira há uma placa exibicionista — um sorridente crânio branco, sobre campo inteiramente negro. Acima da caveira estão impressas as palavras O ROCK AND ROLL JAMAIS MORRERÁ.

Então acordo — algumas vezes gritando, mas sempre agarrando minha perna.

Os sonhos, contudo, agora têm sido menos regulares. Em uma de minhas aulas de Psicologia — tive muitas delas, talvez ansiando compreender coisas que não podem ser compreendidas — li que as pessoas sonham menos à medida que ficam mais velhas. Acredito que, agora, tudo irá bem comigo. No último Natal, quando enviei a Leigh meu cartão anual, acrescentei uma linha à nota costumeira no verso. Abaixo da assinatura,

movido por um impulso, garatujei: *Como tem manejado aquilo?* Então, selei o cartão e o remeti, antes que me arrependesse. Um mês mais tarde, recebi um cartão-postal, mostrando o novo Centro de Artes de Taos. Nas costas, havia o meu endereço e apenas uma linha seca: *Manejando o quê? L.*

De um jeito ou de outro, creio termos descoberto coisas que temos de saber.

Mais ou menos pela mesma época — parece que meus pensamentos se concentram nisso, com mais frequência, justamente por volta do Natal — escrevi uma nota para Rick Mercer, porque a questão permanecera em minha mente, atormentando-me cada vez mais. Eu lhe perguntava o que tinha sido feito do bloco de sucata de metal que, uma vez, fora Christine.

Não recebi resposta.

O tempo, entretanto, tem-me ensinado a lidar também com isso. Venho pensando menos em tais assuntos. Realmente.

Assim, aqui estou eu, no finalzinho de tudo, velhas lembranças e velhos pesadelos, amontoados em um ordenado punhado de páginas. Em breve, tais páginas serão postas em uma pasta, essa pasta irá para meu arquivo, a gaveta será trancada — e isso significará o fim.

Bem, eu disse que havia algo mais, não? Uma outra razão para anotar tudo.

Seu egoístico objetivo. Sua fúria interminável.

Foi algo que li no jornal, algumas semanas atrás — apenas um item fornecido pela AP, creio que por ser bizarro. *Seja franco, Guilder*, posso ouvir Arnie dizendo — portanto, serei franco. Pois foi esse item que me impeliu a prosseguir, mais do que todos os sonhos e antigas lembranças.

A notícia dizia respeito a um indivíduo chamado Sander Galton, cujo apelido — podemos supor logicamente — deve ter sido Sandy.

Este Sander Galton foi morto na Califórnia, onde trabalhava em um

cinema *drive-in*, em Los Angeles. Estava aparentemente sozinho, fechando tudo por aquela noite, após terminado o filme. Encontrava-se no bar. Um carro derrubou uma parede, derrubou o balcão, amassou a máquina de pipocas e o pegou, quando ele tentava abrir a porta para a cabine de projeção. Os tiras deduziram que era o que fazia, no momento em que o carro o atropelou, porque encontraram a chave em sua mão. Li a notícia, intitulada ESTRANHO ASSASSINATO POR AUTOMÓVEL EM LOS ANGELES – e pensei no que Mercer me tinha dito, aquela última coisa: *Ele disse que aquilo o mordeu.*

Claro que é impossível mas, de início, tudo era impossível.

Fico pensando em George LeBay, no Ohio.

Na irmã dele, no Colorado

Em Leigh, no Novo México.

E se a coisa começar outra vez?

E se a coisa estiver vindo para leste, terminar o serviço?

Deixando-me para o fim?

Seu egoístico objetivo.

Sua fúria interminável

F I M



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

[1] Jogo de cartas (N.T.)

[2] Elemento especializado, em uma oficina mecânica e postos de serviço, com estágio em fábricas de automóveis e apto, entre outras coisas, a orientar o cliente sobre consertos em seu veículo, reposição de peças genuínas e orçamento definitivo do trabalho. (N.T.).

[3] Mistura de *breakfast e lunch* — ajantarado dominical. (N.T.).

[4] Lanterna feita com uma abóbora recortada com um rosto humano. (N.T.)

[5] Federação Americana do Trabalho e Congresso das Organizações Industriais (N.T.)

[6] Grande sanduíche com pão de crosta dura, cortado no sentido do comprimento e contendo várias espécies de carnes frias e também às vezes pimentão e tomate. (N.T.)

[7] Criança boba, feia ou de mau gênio, que se acredita ter sido trocada, ao nascer, pelas fadas. (N.T.)

[8] Carro antigo, com o motor original recuperado com peças de outros carros, usado em provas de velocidade, onde são permitidas colisões (N.T.)